

FRANK HERBERT

# HEREGES DE DUNIA







FRANK HERBERT

HEREGES  
DE

DUN  
NA

1ª EDIÇÃO

SÉRIE DUNA - VOLUME V

TRADUÇÃO  
CHRISTIANE ALMEIDA E  
MARCOS FERNANDO DE BARROS LIMA



ALEPH

## **Enquanto eu escrevia Duna**

... não havia espaço em minha mente para preocupações sobre o sucesso ou o fracasso do livro. Estava preocupado somente em escrever. Seis anos de pesquisa precederam o dia em que me sentei para dar forma à história. O entrelaçamento das diversas camadas da trama que eu planejava requeria um grau de concentração que eu jamais experimentara.

Deveria ser uma história que explorasse o mito do Messias.

Deveria produzir outra visão sobre um planeta habitado pelos homens, considerando-o uma máquina de energia.

Deveria penetrar nos manejos intrincados da política e da economia.

Deveria ser uma verificação de previsões absolutas e de suas ciladas.

Deveria haver nela um entorpecente da consciência e deveria descrever o que aconteceria nos casos de dependência de tal substância.

Água potável seria uma analogia para o petróleo e para a água em si, uma substância cujo abastecimento diminuiria a cada dia.

Deveria ser um romance ecológico, portanto, com diversas conotações, bem como uma história sobre pessoas e suas inquietações humanas sobre valores humanos, e eu teria de monitorar cada um desses níveis em cada etapa do livro.

Não existia muito espaço na minha cabeça para pensar em outra coisa.

Seguindo a publicação inicial, os pareceres dos editores eram tediosos e, como acabou se provando, imprecisos. Os críticos arrasaram o livro. Mais de doze editoras o rejeitaram antes da

publicação. Não havia publicidade. Entretanto, algo acontecia lá fora.

Por dois anos, fui soterrado por reclamações vindas de livrarias e leitores que não conseguiam comprar o livro. O *Whole Earth Catalog*<sup>1</sup> o elogiara. Eu recebia telefonemas e pessoas me perguntavam se eu estava criando uma seita.

A resposta: “Por Deus, não!”.

O que descrevo aqui é a percepção vagarosa do sucesso. À época em que os primeiros três livros das crônicas de Duna foram concluídos, havia poucas dúvidas de que era uma obra popular – uma das mais populares da história, segundo me dizem, com cerca de dez milhões de cópias vendidas pelo mundo. Neste momento, a pergunta mais comum feita pelas pessoas é: “O que esse sucesso significa para você?”.

Ele me surpreende. Tampouco esperava um fracasso. Era um trabalho e eu o fiz. Partes de *Messias de Duna* e *Filhos de Duna* foram escritas antes que *Duna* fosse concluído. Os livros ganharam mais corpo durante sua escrita, mas a história essencial permaneceu intacta. Eu era um escritor e estava escrevendo. O sucesso significava que eu poderia passar mais tempo escrevendo.

Ao lembrar essa época, percebo que fiz a coisa certa de forma instintiva. Não se escreve pelo sucesso. Isso tira parte de atenção da escrita. Se você realmente está escrevendo, isso é tudo o que se está fazendo: escrevendo.

Existe um pacto tácito entre o autor e o leitor. Se alguém entra em uma livraria e deposita um dinheiro conquistado com suor (energia), deve-se a essa pessoa alguma forma de entretenimento e tudo o mais que se possa oferecer.

Essa foi a minha intenção o tempo todo.

**Frank Herbert**



**A maior disciplina é a disciplina oculta,  
projetada não para liberar, mas para limitar.  
Não pergunte “por quê?”. Tenha cautela com  
o “como?”. O “por quê?” leva  
inexoravelmente ao paradoxo. “Como?”  
deixa-o aprisionado em um universo de  
causa e efeito. Ambos negam o infinito.**

**– Textos apócrifos de Arrakis**

– Taraza lhe contou que passamos por onze daqueles gholas Duncan Idaho, não foi? Esse é o décimo segundo.

A velha Reverenda Madre Schwangyu falou com amargura deliberada enquanto olhava para baixo, a partir do parapeito do terceiro andar, para a criança que brincava sozinha no gramado cercado. A luz do sol, brilhante ao meio-dia do planeta Gammu, propagava-se nas paredes brancas do pátio, banhando a área entre elas com resplendor, como se um holofote estivesse direcionado para o pequeno ghola.

*Passamos!,* pensou a Reverenda Madre Lucilla. Ela se permitiu um curto aceno de cabeça, refletindo sobre quão impessoais e frios eram os modos de Schwangyu, bem como sua escolha de palavras. *Esgotamos nossos suprimentos; envie-nos mais!*

A criança no gramado parecia ter cerca de doze anos-padrão de idade, mas as aparências podiam ser enganosas para um ghola cujas memórias originais ainda não haviam sido despertadas. O menino aproveitou o momento para olhar para cima, para aquelas que o vigiavam. Era uma figura robusta, com um olhar direto que focava intencionalmente debaixo de sua massa de cabelos negros de cabrito. O brilho de sol amarelo do começo de primavera lançava



uma pequena sombra em seus pés. Sua pele era de um tom bronzeado escuro, mas um suave movimento de seu corpo deslocou o traje único azul, revelando a brancura da pele na região do ombro esquerdo.

– Esses gholas custam caro e, além disso, são extremamente perigosos para nós – disse Schwangyu. Sua voz saiu monótona e sem emoção, e ainda mais poderosa em razão disso. Era a voz de uma Reverenda Madre instrutora dirigindo-se a uma reles acólita, e enfatizava para Lucilla que Schwangyu era uma daquelas que protestavam abertamente contra o projeto ghola.

Taraza avisara: “Ela tentará fazer com que você mude de lado”.

– Onze falhas já são o bastante – Schwangyu disse.

Lucilla relanceou a face enrugada de Schwangyu e, de repente, pensou: *Um dia também serei velha e encarquilhada. Talvez, então, eu seja poderosa entre as Bene Gesserit, assim como ela.*

Schwangyu era uma pequena mulher com várias marcas de envelhecimento adquiridas em decorrência dos afazeres da Irmandade. Lucilla sabia, em razão de seus estudos e exercícios, que o convencional vestido negro de Schwangyu escondia um corpo franzino que poucos, além de suas acólitas camareiras e dos indivíduos do sexo masculino com os quais ela procriara, já haviam visto. A boca de Schwangyu era larga, o lábio inferior contraído pelas marcas da idade que avançavam até seu queixo proeminente. Seus modos tendiam a uma brusquidão seca que os não iniciados interpretavam, várias vezes, como raiva. A comandante do Forte de Gammu era uma das irmãs mais reservadas, em comparação às outras Reverendas Madres.

Mais uma vez, Lucilla desejou conhecer toda a extensão do projeto ghola. Taraza desenhara a linha divisora de maneira clara o

suficiente, contudo “não se deve confiar em Schwangyu no que diz respeito à segurança do ghola”.

– Achemos que os próprios Tleilaxu assassinaram a maioria dos onze gholas anteriores – disse Schwangyu. – Tal fato, por si só, já deveria nos indicar algo.

Imitando os modos de Schwangyu, Lucilla adotou uma postura serena de espera, quase desprovida de emoções. Tal atitude transmitia: “sou bem mais jovem que você, Schwangyu, mas também sou uma plena Reverenda Madre”. Ela podia sentir o olhar frio de Schwangyu.

Schwangyu vira os hologramas dessa Lucilla, mas a mulher em carne e osso era ainda mais desconcertante. Uma Impressora muito bem treinada, sem dúvida. Olhos de azul-sobre azul, sem a correção de lente de qualquer espécie, davam a Lucilla uma expressão penetrante que acompanhava seu longo rosto oval. Com o capuz de seu manto de aba negro jogado para trás, como estava naquela ocasião, o cabelo castanho se revelava, preso com firmeza por uma fivela e se derramando em cascata ao longo das costas. Nem mesmo o vestido de tecido mais espesso era capaz de esconder de forma completa os seios volumosos de Lucilla. Ela vinha de uma linha genética famosa por sua natureza maternal e já havia gerado três filhos para a Irmandade, dois do mesmo pai. Sim... uma sedutora de cabelos castanhos, com seios fartos e disposição maternal.

– Você fala muito pouco – observou Schwangyu. – Isso quer dizer, para mim, que Taraza a alertou a meu respeito.

– Você tem razões para acreditar que assassinos atentarão contra a vida desse décimo segundo ghola? – perguntou Lucilla.

– Eles já tentaram.

*Estranho como a palavra “heresia” vem à mente quando considero Schwangyu*, refletiu Lucilla. Poderia existir heresia entre as Reverendas Madres? As conotações religiosas da palavra “heresia” pareciam inapropriadas no contexto Bene Gesserit. Como poderiam existir movimentos hereges entre pessoas que mantinham uma atitude profundamente manipuladora em relação a tudo que fosse religioso?

Lucilla voltou sua atenção para o ghola, que naquele momento dava uma série de cambalhotas, descrevendo um círculo completo até parar mais uma vez e fitar as duas observadoras no parapeito.

– Como ele desempenha lindamente! – Schwangyu escarneceu. A voz velha não mascarava uma violência subliminar.

Lucilla relanceou o olhar para Schwangyu. *Heresia*. Dissidência não era a palavra certa. Oposição não refletia o que ela podia sentir naquela velha senhora. Era algo que seria capaz de despedaçar as Bene Gesserit. Revolta contra Taraza, contra a Reverenda Madre Superiora? Impensável! Madres Superiores eram talhadas como monarcas. Uma vez que Taraza aceitara deliberar e ser aconselhada, e só *depois* tomava sua decisão, as irmãs eram obrigadas a obedecer.

– Essa não é hora para criar novos problemas! – disse Schwangyu.

O que ela queria dizer estava claro. O povo da Dispersão estava voltando e a intenção entre alguns dos Perdidos ameaçava a Irmandade. *Honoráveis Matres*! Como essas palavras soavam próximas a “Reverendas Madres”.

Lucilla arriscou uma nova investida:

– Então a senhora acredita que devíamos nos concentrar no problema daquelas Honoráveis Matres da Dispersão?

– Concentrar! Ha! Elas não têm nossos poderes. Não demonstram bom senso. Não detêm maestria sobre o mélange! É isso que elas cobiçam de nós, nosso conhecimento profundo sobre a especiaria.

– Talvez – concordou Lucilla, que não estava disposta a ceder diante de evidência tão escassa.

– A Madre Superiora Taraza deve ter perdido totalmente o juízo para desperdiçar tempo com essa coisa ghola neste exato momento – disse Schwangyu.

Lucilla permaneceu em silêncio. O projeto ghola tocara, definitivamente, em uma ferida antiga e sensível da Irmandade. A possibilidade, mesmo remota, de que elas fossem capazes de despertar outro Kwisatz Haderach fazia com que todas as hierarquias da Irmandade tremessem de medo irascível. Lidar com aqueles resquícios em forma de verme do Tirano! Era perigoso ao extremo.

– Jamais devíamos ter levado aquele ghola para Rakis – resmungou Schwangyu. – Que os vermes adormecidos descansem!

Lucilla voltou mais uma vez sua atenção para a criança-ghola. O garoto havia dado as costas para o parapeito alto onde estavam as duas Reverendas Madres, mas algo relacionado à sua postura indicava o conhecimento de que ele era o assunto discutido pelas duas, e o jovem esperava a resposta delas.

– Você percebe, sem dúvida, que foi convocada enquanto ele ainda está muito jovem – disse Schwangyu.

– Nunca ouvi falar de impressão profunda em alguém tão jovem – concordou Lucilla. Ela se permitiu um tom que zombasse levemente de si mesma, algo que ela sabia que Schwangyu iria captar e interpretar de maneira errada. O gerenciamento da procriação e de todas as necessidades derivadas eram a

especialidade definitiva das Bene Gesserit. “Use amor, mas o evite”, Schwangyu estaria pensando naquele instante. As analistas da Irmandade conheciam as raízes do amor. Elas examinaram o assunto bem cedo durante seu desenvolvimento, mas nunca ousaram eliminá-lo daqueles que eram influenciados por esse sentimento. Tolerar o amor, mas guardar-se contra ele; essa era a regra. Saber que o amor jaz dentro e profundo na composição genética humana, agindo como uma rede de segurança para garantir a continuidade da espécie. Deve-se usá-lo quando necessário, imprimindo indivíduos selecionados (às vezes um sobre o outro), seguindo os propósitos da Irmandade, sabendo que nestas ocasiões tais indivíduos seriam ligados por elos poderosos, elos que não estariam prontamente disponíveis à percepção comum. Outros podem observar esses elos e traçar as consequências, mas aqueles ligados entre si dançariam conforme a música do inconsciente.

– Não estava sugerindo que seria um erro imprimi-lo – disse Schwangyu, interpretando de maneira equivocada o silêncio de Lucilla.

– Agimos de acordo com nossas ordens – retrucou Lucilla. Deixou que Schwangyu pensasse o que quisesse.

– Sendo assim, você não faz nenhuma objeção quanto a levar o gholá até Rakis – concluiu Schwangyu. – Pergunto-me se você continuaria com essa obediência inquestionável se soubesse de toda a história.

Lucilla suspirou profundamente. Será que todo o projeto dos gholas Duncan Idaho seria compartilhado com ela justo agora?

– Existe uma menina chamada Sheeana Brugh em Rakis – continuou Schwangyu. – Ela é capaz de controlar os vermes gigantes.

Lucilla disfarçou seu estado de alerta. *Vermes gigantes. Não Shai-hulud. Não Shaitan. Vermes Gigantes.* O montarenador previsto pelo Tirano finalmente surgira!

– Não sou de tagarelar – disse Schwangyu, enquanto Lucilla permanecia em silêncio.

*Realmente não,* pensou Lucilla. *E você nomeia uma coisa pelo seu rótulo descritivo, não pelo nome com seu significado místico. Vermes gigantes. E você está realmente pensando no Tirano, Leto II, cujo sonho sem fim é carregado como uma pérola de percepção em cada um daqueles vermes. Ou pelo menos é nisso que somos levadas a acreditar.*

Schwangyu acenou com a cabeça em direção à criança no gramado abaixo delas.

– Você acha que o ghola deles será capaz de influenciar a menina que controla os vermes?

*Finalmente estamos atravessando a camada inicial,* pensou Lucilla. Ela respondeu:

– Não tenho necessidade da resposta para este tipo de pergunta.

– Você é bem cautelosa – disse Schwangyu.

Lucilla arqueou as costas e alongou-se. *Cautelosa? De fato!* Taraza a advertira:

– No que concerne a Schwangyu, você deve agir com extrema cautela, mas com rapidez. Temos um curto espaço de tempo dentro do qual podemos ser bem-sucedidas.

*Bem-sucedidas em quê?*, Lucilla se perguntava. Ela relanceou na direção de Schwangyu com o canto dos olhos.

– Não vejo como os Tleilaxu puderam ter assassinado onze desses gholas. Como ultrapassaram nossas defesas?

– Temos o bashar agora – disse Schwangyu. – Talvez ele seja capaz de prevenir desastres. – Seu tom de voz indicava que ela não

acreditava nisso.

A Madre Superiora Taraza dissera:

– Você é a Impressora, Lucilla. Quando chegar a Gammu, reconhecerá uma parte do padrão. Entretanto, para realizar sua tarefa, você não precisa de todo o projeto.

– Pense nos gastos! – disse Schwangyu, olhando de maneira fixa para o gholá, que agora estava agachado, puxando tufo de grama.

Os gastos não tinham nada a ver com isso, Lucilla sabia. A admissão aberta de fracasso era muito mais importante. A irmandade não podia revelar sua falibilidade, mas o fato de uma Impressora ser convocada mais cedo... isso era vital. Taraza sabia que a Impressora entenderia isso e reconheceria como sendo parte do padrão.

Schwangyu gesticulou com uma de suas mãos ossudas para a criança, que havia retornado a sua brincadeira solitária, correndo e dando cambalhotas sobre a grama.

– Política – disse Schwangyu.

*Não havia dúvidas de que a política da Irmandade jazia no centro da heresia de Schwangyu*, pensou Lucilla. O caráter delicado do cerne da questão podia ser deduzido do fato de Schwangyu ter sido colocada no comando daquele Forte em Gammu. Aquelas que se opunham a Taraza se recusavam a ser colocadas de lado.

Schwangyu se virou e olhou direto para Lucilla. Já fora dito o suficiente. O suficiente já fora ouvido e filtrado pelas mentes treinadas na percepção Bene Gesserit. A Casa Capitular escolhera Lucilla com muito cuidado.

Lucilla sentiu o exame cuidadoso da mulher mais velha, mas se recusou a deixar que ela tocasse aquele sentimento íntimo de propósito, com o qual toda Reverenda Madre podia contar quando estivesse sob pressão. *Pronto. Deixe que olhe completamente para*



*mim.* Lucilla se virou e ajustou os lábios em um sorriso suave, percorrendo o telhado em frente a elas com seu olhar.

Um homem vestindo um uniforme e com um armalês de grande porte apareceu lá, olhou uma vez para as duas Reverendas Madres e depois se focou na criança abaixo deles.

– Quem é aquele ali? – perguntou Lucilla.

– Patrin, o assessor de confiança do bashar. Diz que é apenas ordenança do bashar, mas você teria que ser cega e tola para acreditar nisso.

Lucilla examinou o homem diante delas com cautela. Então, aquele era Patrin. Natural de Gammu, Taraza dissera. Escolhido para aquela tarefa pelo próprio bashar. Magro e loiro, velho demais para estar na ativa, mas o bashar o chamara de volta da reserva e insistira para que Patrin compartilhasse esse serviço.

Schwangyu notou a forma como Lucilla transferira sua atenção de Patrin para o ghola com preocupação genuína. Sim, se o bashar fora chamado de volta para guardar o Forte, certamente o ghola estava correndo um perigo extremo.

Lucilla se sobressaltou, demonstrando uma surpresa repentina.

– Por que... ele está...

– Ordens de Miles Teg – respondeu Schwangyu, citando o nome do bashar. – Todas as brincadeiras do ghola são brincadeiras de treinamento. Seus músculos devem estar preparados para o dia em que ele for restaurado a sua personalidade original.

– Mas o que ele está fazendo lá embaixo não é um simples exercício – Lucilla observou. Ela sentiu seus próprios músculos respondendo de forma simpática ao treinamento recordado.

– Conservamos em segredo desse ghola somente os arcanos da Irmandade – disse Schwangyu. – Quase todo o resto de nosso repositório de conhecimento pode ser dele. – Seu tom deixava claro

que ela considerava esse compartilhamento de saber extremamente questionável.

– Com certeza ninguém acredita que esse gholá pode se transformar em outro Kwisatz Haderach – contestou Lucilla.

Schwangyu simplesmente deu de ombros.

Lucilla se manteve bem imóvel, pensando. Seria possível que o gholá se transformasse em uma versão masculina de uma Reverenda Madre? Poderia esse Duncan Idaho aprender a olhar para dentro, onde nenhuma Reverenda Madre ousara?

Schwangyu começou a falar, sua voz quase um murmúrio raivoso:

– O esboço desse projeto... eles têm um plano muito perigoso. Podem cometer o mesmo erro... – Ela interrompeu a fala.

*Eles*, pensou Lucilla. *O gholá deles*.

– Eu daria tudo para ter certeza de qual é a opinião de Ix e das Oradoras Peixe sobre esse assunto – disse Lucilla.

– Oradoras Peixe! – Schwangyu balançou a cabeça só de pensar nas remanescentes do exército feminino que um dia servira exclusivamente ao Tirano. – Elas acreditam em verdade e justiça.

Lucilla superou um aperto súbito na garganta. A declaração de Schwangyu havia sido quase uma oposição aberta. Ainda assim, ela comandava aquele lugar. A regra política era simples: aqueles que se opunham ao projeto deviam monitorá-lo de forma que, ao primeiro sinal de problema, ele pudesse ser abortado. Contudo, aquele era um gholá Duncan Idaho genuíno, ali embaixo, no jardim. Comparação celular e Proclamadoras da Verdade já haviam confirmado.

Taraza dissera:

– Você deve ensinar a ele o amor em todas as suas formas.

– Ele é tão jovem – Lucilla comentou, mantendo a atenção no gholá.

– Jovem, sim – Schwangyu retrucou. – Então, por ora, presumo que você despertará suas respostas infantis para a afeição maternal. Depois... – Schwangyu deu de ombros.

Lucilla não demonstrou qualquer reação emocional. Uma Bene Gesserit obedecia. *Sou uma Impressora*. Portanto... as ordens de Taraza e o treinamento especializado de Impressora definiam um curso particular dos eventos.

Lucilla perguntou a Schwangyu:

– Existe alguém que se parece comigo e fala com a minha voz. Estou imprimindo para ela. Posso perguntar quem ela é?

– Não.

Lucilla permaneceu em silêncio. Ela não esperava revelação, mas já haviam lhe dito mais de uma vez que ela ostentava uma semelhança impressionante com a Madre Chefe Superiora de Segurança, Darwi Odrade. “Uma *jovem Odrade*”, Lucilla ouvira em diversas ocasiões. Tanto Lucilla quanto Odrade faziam parte, é claro, da linhagem Atreides, com alto histórico de reprodução dos descendentes de Siona. As Oradoras Peixe não tinham o monopólio *daqueles* genes, mas as *Outras Memórias* de uma Reverenda Madre, mesmo com a seletividade linear e o confinamento ao lado feminino, forneciam pistas importantes do traçado geral do projeto gholá. Lucilla, que viera a depender, em suas experiências, da persona de Jéssica, sepultada cerca de cinco mil anos antes das manipulações genéticas da Irmandade, teve uma profunda sensação de apreensão vinda daquela fonte naquele exato instante. Havia um padrão familiar aqui. Tal padrão emanava um sentimento tão intenso de fatalidade que Lucilla recorreu, de forma automática,

à Litania Contra o Medo, como lhe fora ensinada em sua primeira introdução aos ritos da Irmandade.

*“Não terei medo. O medo mata a mente. O medo é a pequena morte que leva à aniquilação total. Enfrentarei meu medo. Permitirei que passe por cima e através de mim. E, quando tiver passado, voltarei o olho interior para ver seu rastro. Onde o medo não estiver mais, nada haverá. Somente eu restarei.”*

A calma retornou a Lucilla.

Schwangyu, pressentindo parte disso, permitiu-se baixar um pouco a própria guarda. Lucilla não era simplória, não era uma Reverenda Madre *especial* com um título vazio e um conhecimento que mal poderia ser considerado suficiente para agir sem causar embaraço à Irmandade. Lucilla era uma legítima Reverenda Madre e não se podia esconder certas reações dela, nem mesmo reações de outra Reverenda Madre. Muito bem, ela que aprendesse a extensão completa da oposição a esse projeto tolo e perigoso!

– Acho que o ghola não sobreviverá para ver Rakis – disse Schwangyu.

Lucilla não comentou.

– Conte-me sobre os amigos dele – disse ela.

– Ele não tem amigos; só professores.

– Quando vou encontrá-los? – Ela manteve o olhar no parapeito em frente, onde Patrin se encostava, de forma despretensiosa, em um pilar baixo, seu armalês pesado de prontidão. Lucilla percebeu, em um choque abrupto, que Patrin estava olhando para ela. Patrin era uma mensagem do bashar! Schwangyu obviamente viu e entendeu. *Nós o protegemos!*

– Presumo que seja Miles Teg quem você está tão ansiosa para encontrar – respondeu Schwangyu.

– Dentre outros.

– Antes disso, não deseja fazer contato com o ghola?

– Já fiz contato com ele – Lucilla acenou com a cabeça na direção do pátio fechado, de onde a criança mais uma vez permaneceu quase imóvel e olhando para ela. – Ele é daqueles pensativos.

– Tenho apenas relatórios sobre os outros – disse Schwangyu –, mas suspeito que este seja o mais pensativo da série.

Lucilla reprimiu um dar de ombros involuntário em resposta à oposição tão imediata e violenta nas palavras e na atitude de Schwangyu. Não havia indícios que sugerissem que a criança abaixo delas compartilhava uma humanidade comum.

Enquanto Lucilla refletia sobre isso, nuvens cobriram o céu, como o faziam de maneira frequente ali àquela hora. Um vento frio soprou sobre as paredes do Forte, rodopiando ao redor do pátio. A criança se virou e acelerou o andamento de seus exercícios, esquentando-se com o aumento da atividade.

– Para onde ele vai quando quer ficar sozinho? – perguntou Lucilla.

– Na maioria das vezes, para o quarto dele. Tentou algumas fugas perigosas, mas desencorajamos esse comportamento.

– Ele deve nos odiar em demasia.

– Tenho certeza disso.

– Terei que lidar com essa questão diretamente.

– Certamente, uma Impressora não duvida de sua habilidade de superar o ódio.

– Eu estava pensando em Geasa. – Lucilla lançou um olhar compreensivo para Schwangyu. – Acho espantoso que deixassem Geasa cometer tal erro.

– Não interfiro com o progresso normal da instrução do ghola. Se uma de suas professoras desenvolve uma afeição real por ele, isso

não é problema meu.

– Uma criança atraente – disse Lucilla.

Elas permaneceram ali um pouco mais, observando o ghola Duncan Idaho em sua brincadeira de treinamento. Ambas as Reverendas Madres pensaram rapidamente em Geasa, uma das primeiras professoras ali levadas para o projeto ghola. A atitude de Schwangyu era óbvia: *Geasa foi uma falha providencial*. Lucilla pensou apenas: *Schwangyu e Geasa complicaram minha tarefa*. Nenhuma das duas permitiu se demorar em como esses pensamentos reafirmavam suas lealdades.

Enquanto observava a criança no pátio, Lucilla começou a apreciar de uma nova forma tudo aquilo que o Tirano Imperador Deus de fato alcançara. Leto II empregara esse tipo ghola durante incontáveis gerações; cerca de três mil e quinhentos anos deles, um após o outro. O Imperador Deus Leto II não fora uma simples força da natureza. Ele fora o maior rolo compressor em história humana, passando por cima de tudo: sistemas sociais, ódios naturais e não naturais, formas de governo, rituais (fossem esses tabus ou obrigatórios), religiões casuais e fervorosas. O peso esmagador da passagem do Tirano não deixara nada sem algum vestígio dele, nem mesmo as Bene Gesserit.

Leto II chamara isso de “O Caminho Dourado” e esse ghola tipo Duncan Idaho abaixo dela figurava em destaque naquela passagem impressionante. Lucilla estudara os relatos das Bene Gesserit, que provavelmente eram os melhores do universo. Mesmo hoje, na maioria dos antigos Planetas Imperiais, os recém-casados ainda aspergiam gotas de água a leste e a oeste, recitando a versão local de “Deixe que Vossas bênçãos fluam de volta até nós a partir dessa oferenda, Oh Deus de Poder Infinito e Misericórdia Infinita”.

Certa vez, fora tarefa das Oradoras Peixe e de seus sacerdotes domesticados fazer cumprir tal obediência, mas a coisa desenvolveu seu próprio *momentum*, transformando-se em uma compulsão difundida. Mesmo os mais céticos dentre os crédulos diziam:

– Ora, não pode fazer mal.

Era um feito que as melhores engenheiras religiosas da Missionaria Protectora Bene Gesserit admiravam com frustração perplexa. O Tirano superara as melhores Bene Gesserit. E 1,5 mil anos após a morte do Tirano, a Irmandade continuava incapaz de desvendar o nó central daquela realização aterradora.

– Quem ficou responsável pelo treinamento religioso da criança?  
– perguntou Lucilla.

– Ninguém – respondeu Schwangyu. – Por que se importar? Se ele for reavivado com suas memórias originais, terá suas próprias ideias. Lidaremos com elas caso seja necessário.

A criança abaixo delas completou sua bateria de exercícios do treinamento. Sem olhar de novo para as vigilantes no parapeito, ele deixou o pátio cercado e entrou em uma larga passagem à esquerda. Patrin também abandonou sua posição de guarda sem lançar um olhar para as duas Reverendas Madres.

– Não se engane com o pessoal de Teg – avisou Schwangyu. – Eles têm olhos na parte de trás da cabeça. A mãe biológica de Teg, você sabe, era uma de nós. Ele ensina àquele gholá coisas que nunca deveriam ser compartilhadas!



**Explosões também são compressões do tempo. Todas as mudanças observáveis no universo natural são explosivas até um certo nível e de algum ponto de vista; caso contrário vocês nunca as perceberiam. A Continuidade Suave da mudança, se for desacelerada o suficiente, não será percebida pelos observadores, cuja extensão de tempo/atenção é muito curta. Assim, digo a vocês, vi mudanças que vocês jamais teriam notado.**

**– Leto II**

No Planeta Casa Capitular, a mulher de pé à luz da manhã, do lado oposto da mesa em relação à Reverenda Madre Superiora Alma Mavis Taraza, era alta e flexível. O longo manto aba que a cobria, dos ombros até o chão, não era capaz de esconder completamente a graça com a qual o corpo dela expressava cada movimento.

Taraza se inclinou para a frente em sua cãodeira e examinou o Retransmissor de Registros, que projetava os glifos condensados das Bene Gesserit por sobre a mesa, onde só ela conseguia ver.

“Darwi Odrade”, o mostrador identificou a mulher de pé e em seguida trazia sua biografia essencial, a qual Taraza já conhecia em detalhes. O mostrador servia para inúmeros propósitos: fornecia lembretes seguros à Madre Superiora, permitia um atraso ocasional para considerações enquanto ela parecia examinar os registros e seria um argumento final caso algo negativo decorresse daquela entrevista.

Odrade havia concebido dezenove crianças para as Bene Gesserit, Taraza observou assim que a informação passou diante de seus olhos. Cada criança era de um pai diferente. Nada havia de excepcional sobre isso, mas mesmo o olhar mais perscrutador podia notar que esse serviço essencial para a Irmandade não havia avolumado em absoluto a carne do corpo de Odrade. Suas feições transmitiam uma altivez natural pelo nariz alongado, e eram complementadas pelas bochechas angulares. Todo o seu rosto se alongava para baixo, em direção a seu queixo fino. Os lábios, contudo, eram cheios e prometiam uma paixão que ela controlava com cautela.

*Sempre podemos confiar nos genes dos Atreides,* pensou Taraza.

A cortina de uma janela tremulou atrás de Odrade e ela lançou o olhar naquela direção. Elas estavam na sala de estar de Taraza, um pequeno espaço mobiliado e decorado com elegância em tons de verde. Apenas o imaculado branco da cãodeira a destacava do cenário ao fundo. As janelas em forma de arco, voltadas para o leste, mostravam o jardim e o gramado, com as montanhas longínquas de picos nevados como pano de fundo do Planeta Casa Capitular.

Sem erguer o olhar, Taraza disse:

– Fiquei satisfeita quando você e Lucilla aceitaram a missão. Tornaram minha tarefa muito mais fácil.

– Gostaria de ter conhecido essa Lucilla – disse Odrade, olhando para baixo, em direção ao topo da cabeça de Taraza. A voz de Odrade saiu em contralto suave.

Taraza pigarreou:

– Não havia a necessidade. Lucilla é uma das melhores Impressoras. Cada uma de vocês, é claro, recebeu um

condicionamento liberal idêntico para prepará-las para isso.

Havia algo quase insultuoso no tom de voz casual empregado por Taraza e apenas os hábitos da longa associação atenuaram o ressentimento imediato de Odrade. Isso se devia, em parte, pelo uso da palavra “liberal”, ela percebeu. Os ancestrais Atreides se rebelaram diante dessa palavra. Era como se suas memórias femininas acumuladas se lançassem contra premissas inconscientes e preconceitos não examinados por trás da ideia.

*“Apenas liberais de fato pensam. Apenas liberais são intelectuais. Apenas liberais compreendem as necessidades de seus pares.”*

*Considere a extensão da depravação que jazia escondida naquela palavra!*, pensou Odrade. *Considere a extensão do ego secreto que tem a necessidade de se sentir superior.*

Odrade lembrou a si mesma que Taraza, apesar do tom casual insultuoso, usara o termo apenas em seu sentido abrangente: a educação geral de Lucilla combinara cuidadosamente com a de Odrade.

Taraza reclinou-se em uma posição mais confortável, mas ainda manteve sua atenção no mostrador diante de si. A luz das janelas voltadas para o leste caía diretamente sobre seu rosto, formando sombras entre o nariz e o queixo. Mulher de porte pequeno, um pouco mais velha que Odrade, Taraza conservara muito da beleza que a transformara em uma das reprodutoras mais confiáveis com nobres difíceis. Seu rosto era de um ovalado longo, com macias bochechas curvadas. Prendia o cabelo negro para trás, bem apertado, desde a testa alta até um cume pronunciado. A boca se abria minimamente quando ela falava: um controle soberbo dos movimentos. A atenção de um observador tendia a ser atraída pelos olhos dela: aquele azul sobre azul envolvente. O efeito total era de

uma máscara facial suave, da qual pouco escapava que traísse suas verdadeiras emoções.

Odrade reconheceu a postura atual da Madre Superiora. Taraza resmungaria para si própria dentro em pouco. Realmente, como se planejado para acontecer, Taraza resmungou para si mesma.

A Madre Superiora ponderava enquanto seguia o mostrador biográfico com grande atenção. Muitas questões ocupavam sua atenção.

Esse era um pensamento tranquilizador para Odrade. Taraza não acreditava na existência de um poder benigno que protegesse a humanidade. A Missionaria Protectora e as intenções da Irmandade eram tudo o que valia no universo de Taraza. O que servisse essas intenções, mesmo as maquinações do Tirano, morto há muito, podia ser julgado como bom. Todo o resto era o mau. Intrusões alienígenas dos Dispersados (em especial daquelas descendentes que retornavam se intitulado “Honoráveis Matres”) não mereciam confiança. O próprio povo de Taraza, mesmo as Reverendas Madres que se opunham a ela no Conselho, eram o último recurso das Bene Gesserit, a única coisa digna de confiança.

Ainda sem erguer o olhar, Taraza disse:

– Você sabe quando se comparam os milênios precedentes ao Tirano com aqueles que sucederam a morte dele, a diminuição dos grandes conflitos é fenomenal? Desde o Tirano, o número de tais conflitos caiu para menos de dois por cento do índice anterior.

– Até onde sabemos – disse Odrade.

O olhar de Taraza se ergueu em disparada e depois voltou para baixo:

– O quê?

– Não há como saber quantas guerras foram travadas fora do nosso horizonte. Você tem as estatísticas do povo da Dispersão?

– Claro que não!

– Leto nos domesticou. É isso que você está dizendo – retrucou Odraide.

– Se você prefere colocar as coisas dessa forma. – Taraza inseriu uma marcação em alguma coisa que ela notou em seu mostrador.

– Uma parte do crédito não devia ser do nosso adorado bashar Miles Teg? – perguntou Odrade. – Ou para seus antecessores talentosos?

– Nós escolhemos tais pessoas – respondeu Taraza.

– Não vejo a pertinência dessa discussão marcial – acrescentou Odrade. – Em que isso está conectado com nosso problema atual?

– Existem aqueles que pensam que devemos voltar às condições anteriores ao Tirano com um golpe bem estrondoso.

– Oh? – Odrade contraiu os lábios.

– Vários grupos entre nossos Perdidos que regressam estão vendendo armas para qualquer pessoa que queira ou *possa* comprar.

– Especificidades?

– Armas sofisticadas vêm invadindo Gammu e existe pouca dúvida de que os Tleilaxu andam estocando algumas das armas mais mortais.

Taraza se reclinou para trás e massageou as têmporas. Ela falou em voz baixa, quase meditativa.

– Acreditamos que tomamos decisões nos grandes momentos e fazendo uso dos mais altos princípios.

Odrade também havia reparado nisso anteriormente. Ela disse:

– A Madre Superiora duvida da retidão das Bene Gesserit?

– Duvidar? Ah, não. Mas de fato sinto frustração. Trabalhamos durante toda a vida por esses objetivos altamente refinados e, no

final, o que descobrimos? Descobrimos que várias das coisas às quais dedicamos nossa vida são frutos de decisões mesquinhas. Podem ser rastreadas até desejos de conforto pessoal ou conveniência, os quais nada têm a ver com nossos altos ideais. O que realmente estivera em jogo era algum acordo mundano funcional que satisfizesse as necessidades daqueles que *podiam* tomar as decisões.

– Eu já a ouvir chamar essa situação de necessidade política – disse Odraide.

Taraza falou com um controle firme enquanto voltava sua atenção ao mostrador a sua frente:

– Se institucionalizarmos nossas opiniões, aí sim será uma forma certa de extinguir as Bene Gesserit.

– Você não encontrará decisões mesquinhas em minha biografia – disse Odrade.

– Busco fontes de fraqueza, defeitos.

– Tampouco encontrará tais coisas.

Taraza escondeu um sorriso. Ela reconheceu o comentário egocêntrico: o jeito de Odrade alfinetar a Madre Superiora. Odrade era muito boa em simular impaciência, enquanto na verdade estava suspensa em uma fluidez eterna de paciência.

Uma vez que Taraza não mordeu a isca, Odrade voltou a esperar calmamente; a respiração suave, a mente segura. A paciência vinha sem pensar. Há muito tempo, a Irmandade havia ensinado a ela como dividir passado e presente em fluxos simultâneos. Enquanto observava o ambiente ao seu redor, ela podia selecionar pequenas porções e pedaços de seu passado e viver através deles como se tais fragmentos passassem por uma tela sobreposta ao presente.

*Trabalho memorial*, pensou Odrade. Coisas necessárias para se livrar e deixá-las em repouso. Remover as barreiras. Quando tudo

mais estivesse satisfatório, sempre havia sua infância complicada.

Houve um tempo em que Odrade vivera como a maioria das crianças: em uma casa com um homem e uma mulher que, se não eram seus pais, agiam como se fossem seus guardiães. Todas as outras crianças que ela conhecera naquela época viviam em situações parecidas. Elas tinham *papas* e *mamas*. Às vezes, apenas papa trabalhava fora. Às vezes, apenas mama saía para trabalhar. No caso de Odrade, a mulher permanecia em casa e nenhuma babá cuidava da criança durante o horário de trabalho. Muito tempo depois, Odrade descobrira que sua mãe biológica havia doado uma grande soma em dinheiro para permitir que a pequena menina ficasse escondida em plena vista daquela forma.

– Ela escondeu você conosco porque a amava – a mulher explicara quando Odrade chegara à idade para saber. – É por isso que você jamais deve revelar que não somos seus pais biológicos.

O amor não tinha relação alguma com isso, Odrade descobriu depois. Reverendas Madres não agiam por motivos tão mundanos. A mãe biológica de Odrade era uma irmã Bene Gesserit.

Tudo isso lhe fora revelado em conformidade com o planejamento original. Seu nome: Odrade. Darwi era o nome pelo qual ela sempre fora chamada quando o interlocutor não era afetuoso nem estava irritado. Seus antigos amigos, naturalmente, encurtaram o nome para Dar.

Contudo, nem todas as coisas seguiram exatamente o plano original. Odrade se recordava de uma cama estreita em um quarto decorado por pinturas de animais e de paisagens nas paredes de um tom azul pastel. Cortinas brancas adejavam na janela com a brisa suave da primavera e do verão. Odrade se lembrava de pular naquela cama estreita; uma brincadeira encantadoramente feliz: para cima, para baixo, para cima, para baixo. Muitas risadas. Braços



a pegavam no meio de um salto e a abraçavam forte. Eram braços masculinos: uma face redonda com um pequeno bigode que fazia cócegas, provocando seu riso. Os pulos faziam com que a cama golpeasse a parede e a parede exibia sulcos derivados desse movimento.

No presente momento, Odrade revisitava aquela memória, relutante em descartá-la no poço da racionalidade. Marcas em uma parede. Marcas de risadas e alegria. Eram pequenas demais para o tanto que representavam.

Era estranho que ela pensasse cada vez mais sobre seu papa nesses dias. Nem todas as memórias eram felizes. Havia ocasiões em que ele parecia triste e irritado, avisando à mama que não ficasse “muito envolvida”. O rosto dele refletia muitas frustrações. Sua voz se tornava áspera quando ele estava de mau humor. Mama se comportava com brandura nessas horas, os olhos se enchendo de preocupação. Odrade pressentia a preocupação e o medo e ficava ressentida do homem. A mulher sabia lidar melhor com ele. Ela o beijava na nuca, acariciava seu rosto e sussurrava em seu ouvido.

Essas antigas emoções “naturais” fizeram com que uma analista-censora tivesse muito trabalho em relação a Odrade, antes de serem exorcizadas. Até hoje, contudo, sobravam detritos residuais para colher e descartar. Mesmo agora, Odrade sabia que nem tudo havia sido superado.

Notando o cuidado minucioso com que Taraza estudava seu relatório biográfico, Odrade se perguntou se aquelas não seriam as falhas que a Madre Superiora notara.

*Certamente elas já sabem que consigo lidar com as emoções desses primórdios.*

Ocorrera há tanto tempo. Mesmo assim, ela tinha que admitir que a memória do homem da mulher jazia dentro dela, ligada com tanta força que talvez nunca pudesse ser completamente apagada. Especialmente mama.

A Reverenda Madre *in extremis* que dera à luz a Odrade a colocara naquele esconderijo em Gammu por razões que ela mesma agora compreendia muito bem. Odrade não guardava ressentimentos. Fora necessário para a sobrevivência das duas. Os problemas surgiram em decorrência do fato de a mãe de criação ter dado a Odrade aquele algo que a maioria das mães dá a seus filhos, aquele algo do qual a Irmandade tinha a maior desconfiança: amor.

Quando as Reverendas Madres chegaram, a mãe de criação não lutou pela remoção de *sua* filha. Duas Reverendas Madres vieram com um contingente de censores, tanto homens como mulheres. Mais tarde, Odrade precisou de um longo tempo para entender o significado daquele momento doloroso. A mulher sabia, em seu coração, que o dia da partida chegaria. Era apenas uma questão de tempo. Mesmo assim, conforme os dias se transformavam em anos (quase seis anos-padrão), a mulher ousou ter esperanças.

Então, as Reverendas Madres apareceram com seus ajudantes corpulentos. Elas simplesmente haviam esperado que tudo estivesse seguro, até que tivessem a certeza de que nenhum caçador soubesse que aquela era uma descendente dos Atreides, criada pelas Bene Gesserit.

Odrade vira uma grande soma sendo transferida para sua mãe de criação. A mulher jogara o dinheiro no chão, mas não levantara a voz em objeção. Os adultos na cena sabiam com quem estava o poder.

Conjurando essas emoções constritas, Odrade ainda conseguia ver a mulher se dirigir a uma cadeira de espaldar reto, localizada ao lado da janela que dava para a rua e ali se abraçar, balançando para trás e para frente, para trás e para frente. Nenhum som vinha de onde ela ficara.

As Reverendas Madres usaram a Voz e seus inúmeros ardis, combinados à fumaça produzida por ervas alucinógenas e sua presença poderosa, para atrair Odrade ao carro de solo que as aguardava.

– Será apenas por um breve intervalo. Sua mãe verdadeira nos enviou.

Odrade pressentiu as mentiras, mas a curiosidade a compeliu. *Minha mãe verdadeira!*

Seu último relance da mulher que fora sua única mãe conhecida era aquela imagem na janela, balançando-se para trás e para a frente, com um olhar de tristeza em seu rosto e os braços envolvendo o próprio corpo.

Mais tarde, quando Odrade mencionara retornar para a mulher, aquela memória-visão foi incorporada em uma lição essencial das Bene Gesserit.

– Amor leva à tristeza. O amor é uma força muito antiga, que serviu seu propósito em sua época, mas não é mais essencial para a sobrevivência da espécie. Lembre-se do equívoco daquela mulher, da dor.

Até uma boa parte da adolescência, Odrade se ajustou recorrendo aos devaneios. Ela só retornou *de fato* depois que se tornou uma Reverenda Madre plena. Ela voltava e encontrava aquela mulher amorosa, encontrava-a ainda que ela não tivesse nome, exceto “mama” e “Sibia”. Odrade recordava da risada dos amigos adultos que chamaram a mulher de “Sibia”.

*Mama Sibia.*

As irmãs, contudo, perceberam os devaneios e buscaram pela sua fonte. Isso também foi incorporado em uma lição.

– Os devaneios são o primeiro despertar do que chamamos de simulfluxo. Trata-se de um instrumento essencial para o pensamento racional. Graças a ele, é possível clarear a mente para pensar melhor.

*Simulfluxo.*

Odrade se concentrou em Taraza na mesa da sala de estar. Traumas de infância devem ser colocados cuidadosamente em um lugar-memória reconstruído. Tudo o que havia se passado em Gammu, o planeta que o povo de Dan reconstruíra após os Tempos da Penúria e da Dispersão. O povo de Dan... Caladan, naqueles tempos. Odrade se agarrou de maneira firme ao pensamento racional, usando a força das Outras Memórias que inundaram sua percepção durante a agonia da especiaria, quando ela de fato se tornara uma Reverenda Madre plena.

*Simulfluxo... o filtro da consciência... Outras Memórias.*

Que instrumentos poderosos a Irmandade lhe dera. Que instrumentos perigosos. Todas as outras vidas jaziam ali, logo atrás da cortina da percepção, instrumentos de sobrevivência e não uma simples forma de satisfazer uma curiosidade fortuita.

Taraza se pronunciou, traduzindo a partir do material que se desenrolava frente a seus olhos:

– Você busca muito dentro de suas Outras Memórias. Esse comportamento suga energias que deveriam ser mais bem conservadas.

Os olhos azul sobre azul da Madre Superiora lançaram um olhar fulminante para Odrade.

– Por vezes você vai ao limite da tolerância carnal. Isso pode levar à morte prematura.

– Tenho cuidado com a especiaria, Madre.

– E deve ter mesmo! Um corpo suporta uma determinada quantidade de mélange, apenas a porção que espreita o próprio passado.

– Encontrou minha falha? – perguntou Odrade.

– Gammu! – Uma palavra que representava um sermão completo.

Odrade sabia. O trauma inevitável daqueles anos perdidos em Gammu. Eles eram uma distração que deveria ser extraída e transformada em algo racionalmente aceitável.

– Mas devo ir a Rakis – retrucou Odrade.

– E cuide para que se lembre dos aforismos de moderação. Lembre-se de quem você é!

Mais uma vez, Taraza se debruçou sobre o mostrador.

*Sou Odrade*, pensou Odrade.

Nas escolas Bene Gesserit, onde prenomes tendiam a sumir, a chamada era feita pelo sobrenome. Amigas e conhecidas adquiriam o hábito de usar o nome da chamada. Elas aprendiam cedo que compartilhar nomes secretos ou privados era um instrumento antigo para ganhar a afeição de alguém.

Taraza, três turmas à frente de Odrade, recebera a atribuição de “conduzir a menina”, uma associação deliberada pelas professoras vigilantes.

“Conduzir” significava certa dose de dominação sobre a jovem, mas também incorporava fundamentos mais bem ensinados por alguém mais próximo de uma relação de parceria. Taraza, com acesso aos registros privados de sua pupila, começou por chamá-la “Dar”. Odrade respondeu chamando Taraza de “Tar”. Os dois nomes

adquiriam uma ligação: Dar e Tar. Mesmo depois de as Reverendas Madres descobrirem e as repreenderem, de vez em quando elas os usavam, ainda que por diversão.

Então Odrade, fitando Taraza, disse:

– Dar e Tar.

Um sorriso se delineou nos cantos dos lábios de Taraza.

– O que está em meus registros que você já não sabe de cor? – indagou Odrade.

Taraza se reclinou para trás e esperou que a cãodeira se ajustasse a sua nova posição. Ela repousou as mãos entrelaçadas sobre a mesa e olhou para a mulher um pouco mais jovem.

*Não tão mais jovem, na verdade*, pensou Taraza.

Desde os tempos de escola, contudo, Taraza pensava em Odrade como alguém que pertencesse inteiramente a uma faixa etária mais jovem, criando uma lacuna que nenhuma passagem de tempo podia fechar.

– Tenha cuidado no início, Dar – alertou Taraza.

– Esse projeto já passou do início há tempos – respondeu Odrade.

– Mas sua participação nele começa agora. Estamos nos lançando em um início que jamais foi tentado antes.

– Devo tomar conhecimento agora sobre todo o plano para este ghola?

– Não.

Ali estava. Toda a evidência de uma disputa de alto nível e a “necessidade de saber” foram colocadas de lado com uma única palavra. Mas Odrade compreendeu. Havia uma rubrica organizacional determinada pela Casa Capitular Bene Gesserit original, que sobrevivera com pouquíssimas mudanças durante milênios. Divisões das Bene Gesserit eram estabelecidas em

segmentos verticais e horizontais, divididas em grupos isolados que convergiam para um comando único, ali no topo. Os deveres (que eram chamados de “papéis atribuídos”) eram conduzidos em células separadas. Os participantes ativos dentro de uma das células não conheciam seus pares ativos dentro das outras células paralelas.

*Mas eu sei que a Reverenda Madre Lucilla está em um célula paralela, pensou Odrade. É a resposta lógica.*

Ela reconheceu a necessidade do formato. Era um desenho antigo, copiado de sociedades secretas revolucionárias. As Bene Gesserit sempre se consideraram revolucionárias permanentes. Uma revolução que fora refreada somente nos tempos do Tirano, Leto II.

*Refreada, mas nunca superada ou debelada,* recordou Odrade.

– Considerando o que você está prestes a iniciar – continuou Taraza –, diga-me se você pressente alguma ameaça imediata à Irmandade.

Era uma das perguntas *peculiares* de Taraza, às quais Odrade aprendera a responder usando um instinto indizível que, naquela ocasião, podia ser traduzido em palavras. Rapidamente, ela respondeu:

– Se não agirmos, isso seria pior.

– Concluímos que haveria perigo – respondeu Taraza, em tom de voz seco e longínquo. Taraza não gostava de invocar esse talento de Odrade. A jovem possuía um instinto presciente para detectar ameaças à Irmandade. Ele vinha de uma influência selvagem de sua linha genética, obviamente: os Atreides, com seus talentos perigosos. Havia uma anotação especial no arquivo de procriação de Odrade: “exame cuidadoso de toda prole”. Dois pertencentes àquela prole foram discretamente sacrificados.



*Eu não devia ter despertado o talento de Odrade agora, nem mesmo por um instante,* pensou Taraza. Contudo, às vezes, era impossível resistir à tentação.

Taraza fechou o projetor no tampo de sua mesa e olhou para a superfície vazia enquanto ordenava:

– Mesmo que você encontre um progenitor perfeito, não deve se reproduzir com ele sem nossa permissão, enquanto está longe de nós.

– O erro de minha mãe biológica – disse Odrade.

– O erro de sua mãe biológica foi ser reconhecida enquanto estava procriando!

Odrade já ouvira isso antes. Havia aquele aspecto da linhagem Atreides que requeria o monitoramento mais cuidadoso sobre as procriadoras. O talento indômito, naturalmente. Ela tinha conhecimento do talento indômito, aquela força genética que produzira o Kwisatz Haderach e o Tirano. O que, então, as procriadoras buscam agora? Será que a abordagem delas era mais negativa? Chega de nascimentos perigosos! Ela jamais vira nem mesmo um de seus filhos depois do nascimento, o que não era necessariamente anormal para a Irmandade. E ela nunca vira registros em seu próprio arquivo genético. Nesse tópico, também, a Irmandade operava com uma cuidadosa separação de poderes.

*E aquelas proibições iniciais em minhas Outras Memórias!*

Ela descobrira os espaços vazios em suas memórias e os abria. Era provável que apenas Taraza e talvez duas outras conselheiras (Bellonda, com maior probabilidade, e uma das Reverendas Madres mais velhas) compartilhassem o acesso mais delicado sobre as informações de tais procriações.

Será que Taraza e as outras realmente juraram morrer antes de revelar essa informação privilegiada a um estranho? Existia, afinal,

um ritual de sucessão específico para o caso de uma Reverenda Madre que ocupasse um posto-chave morresse longe de suas Irmãs e sem chance de revelar as vidas encapsuladas. Já se convocara o ritual diversas vezes durante o reinado do Tirano. Um período terrível! Saber que as células revolucionárias da Irmandade foram transparentes para ele! Monstro! Ela sabia que suas irmãs jamais se iludiram quanto ao fato que Leto II evitou a destruição das Bene Gesserit só pela lealdade profunda à sua avó, lady Jéssica.

*Lady Jéssica, a senhora está aí?*

Odrade sentiu a agitação em seu âmago. A falha de uma Reverenda Madre: “Ela se permitiu apaixonar-se!”. Algo tão pequeno, mas que acarretou consequências tão graves... 3,5 mil anos de tirania!

O Caminho Dourado. Infinito? E quanto aos megatrilhões desaparecidos durante a Dispersão? Que ameaça se insinuava pelos Perdidos que agora retornavam?

Como se lesse a mente de Odrade, o que às vezes ela parecia conseguir, Taraza mencionou:

– Os Perdidos estão lá fora... à espreita para atacar.

Odrade ouvira os argumentos. De um lado, o perigo; do outro, algo que atraía de forma magnética. Tantos desconhecidos magníficos. A Irmandade, com seus talentos refinados pelo mélange com o passar dos milênios... o que elas não seriam capazes de fazer com tais recursos inexplorados de humanidade? Imagine a quantidade incalculável de genes por aí! Pense nos talentos em potencial viajando livres em universos onde podem ser perdidos para sempre!

– É o fato de não saber que evoca os maiores terrores – disse Odrade.

– Assim como as maiores ambições – completou Taraza.

- Então devo ir a Rakis?
- No devido tempo. Eu a considero adequada para a tarefa.
- Caso contrário, não teria me indicado.

Era uma velha troca entre elas, que remontava os tempos de escola. Taraza percebeu, contudo, que não fora levada a essa conversa de forma consciente. Muitas memórias emaranhavam aquelas duas: *Dar e Tar! Devo ter cuidado com isso!*

– Lembre-se de onde estão suas lealdades – recomendou Taraza.



**A existência das não naves torna possível a destruição completa de planetas, sem retaliação. Um grande objeto, asteroide ou equivalente, pode ser direcionado contra o planeta. Ou as pessoas podem ser voltadas umas contra as outras, por meio de subversão sexual e, depois, serem armadas para se destruírem. Estas Honoráveis Matres pareciam favorecer a última das técnicas descritas.**

**– Análise Bene Gesserit**

Daquela posição do jardim e mesmo sem transparecer o que fazia, Duncan Idaho mantinha sua atenção nos observadores acima dele. Lá estava Patrin, claro, mas ele não contava. Era a Reverenda Madre diante de Patrin que merecia atenção. Ao ver Lucilla, ele pensou: essa é a *nova*. Esse pensamento trouxe uma onda de excitação, a qual ele mitigou com exercícios renovados.

Ele completou os primeiros três padrões da brincadeira de treino que Miles Teg ordenara, sabendo de maneira vaga que Patrin relataria seu desempenho. Duncan gostava de Teg e do velho Patrin, e percebia que o sentimento era recíproco. Essa nova Reverenda Madre, entretanto... a presença dela sugeria mudanças interessantes. Para começar, ela era mais jovem que as outras. Além disso, essa nova Reverenda não tentava esconder seus olhos, que eram a primeira pista de sua associação às Bene Gesserit. Em seu primeiro vislumbre de Schwangyu, ele se deparara com olhos camuflados por lentes de contato, as quais simulavam pupilas de alguém que não dependia de especiaría, além de escleras levemente avermelhadas. Ele ouvira de uma das acólitas do Forte

que as lentes de Schwangyu também corrigiam “um leve astigmatismo, que fora aceito em sua linha genética como uma paga razoável pelas outras qualidades que ela transmitia a seus descendentes”.

Naquele tempo, a maior parte dessa observação era ininteligível para Duncan, mas ele pesquisara as referências na biblioteca do Forte, referências tanto escassas quanto severamente limitadas em seu conteúdo. A própria Schwangyu se esquivou das perguntas dele sobre tal assunto, mas o comportamento posterior de seus professores lhe deu indícios de que ela se enfurecera. Ela descontara a raiva em outras pessoas, como era típico.

O que realmente a enfurecera, ele suspeitava, foi a pergunta sobre se ela era sua mãe.

Há muito tempo Duncan sabia que ele era algo especial. Existiam lugares no complexo elaborado daquele Forte Bene Gesserit nos quais sua entrada não era permitida. Ele encontrara caminhos escusos que burlavam tais proibições e, assim, observara diversas vezes através de plas espesso e janelas abertas, guardas e grandes descampados que podiam ser alvejados por fogo de enfiada a partir de casamatas em posições estratégicas. O próprio Miles Teg havia ensinado a importância do posicionamento de fogo de enfiada.

Gammu, como o planeta agora se chamava. Há algum tempo, era chamado de Giedi Primo, mas alguém com o nome de Gurney Halleck o rebatizara. Naquele exato momento, tudo era história antiga. Detalhes enfadonhos. Um indistinto odor amargo de óleo ainda persistia no solo do planeta, dos dias pré-danianos. Milênios de plantações especiais estavam mudando aquele odor, seus professores explicaram. Ele via uma fração desse reflorestamento a partir do Forte. Florestas de coníferas e outras árvores o cercavam ali.

Ainda observando de forma dissimulada as duas Reverendas Madres, Duncan deu uma série de cambalhotas. Ele flexionava seus músculos admiráveis enquanto se movia, exatamente da forma que Teg lhe ensinara.

Teg também o instruíra em defesas planetárias. Gammu era rodeado por monitores orbitais, cujas tripulações não podiam levar suas famílias a bordo. Tais famílias permaneciam na superfície, ali em Gammu, reféns da vigilância daqueles guardiões orbitais. Em algum lugar entre as naves espaciais, havia não naves indetectáveis, cujas tripulações eram compostas inteiramente pelo pessoal do bashar e pelas irmãs Bene Gesserit.

– Eu não teria aceitado esse encargo sem o comando total de todos os esquemas defensivos – explicara Teg.

Duncan percebera que *ele próprio* era “esse encargo”. O Forte estava ali para protegê-lo. Os monitores orbitais de Teg, incluindo as não naves, protegiam o Forte.

Tudo fazia parte de uma educação militar cujos elementos Duncan considerava, de alguma forma, familiares. Aprendendo como se defende um planeta aparentemente vulnerável de ataques originados a partir do espaço, ele *sabia* quando as defesas estavam corretamente posicionadas. Era extremamente complicado como um todo, mas os elementos eram identificáveis e podiam ser compreendidos. Havia, por exemplo, o monitoramento constante da atmosfera e do soro sanguíneo dos habitantes de Gammu. Médicos suk financiados pelas Bene Gesserit estavam por toda parte.

– Doenças são armas – dizia Teg. – Nossa defesa contra doenças deve ser muito bem ajustada.

Com frequência, Teg reclamava de defesas passivas. Ele as chamava de “o produto de uma mentalidade de cerco há muito conhecida por criar fraquezas mortais”.

No que dizia respeito às lições militares de Teg, Duncan ouvia com atenção. Patrin e os arquivos da biblioteca confirmavam que o bashar Mentat Miles Teg fora um famoso líder militar para as Bene Gesserit. Patrin costumava se referir ao serviço militar que os dois prestaram juntos e Teg era sempre o herói.

– Mobilidade é a chave para o sucesso militar – dizia Teg. – Se você se confina em fortes, mesmo que o planeta inteiro seja um forte, você está fatalmente vulnerável.

Teg não gostava muito de Gammu.

– Vejo que você já sabe que, no passado, este lugar se chamava Giedi Primo. Os Harkonnen, que eram os governantes daqui, nos ensinaram algumas coisas. Conhecemos melhor, graças aos Harkonnen, quão brutais os humanos podem ser.

Enquanto recordava essas aulas, Duncan percebeu que as duas Reverendas Madres as quais o observavam do parapeito estavam, por certo, discutindo a seu respeito.

*Sou o encargo daquela que acabou de chegar?*

Duncan não gostava de ser observado e torceu para que a nova mulher lhe permitisse algum tempo para si. Ela não parecia ser muito inflexível. Não como Schwangyu.

Ao continuar seus exercícios físicos, Duncan os cronometrou com uma litania privada: *Maldita Schwangyu! Maldita Schwangyu!*

Ele odiava Schwangyu desde seus nove anos... já fazia quatro anos. Ela não tinha conhecimento do ódio, pensava ele. Provavelmente, ela já se esquecera de todo o incidente que desencadeara aquele ódio.

Com apenas nove anos e ele conseguira enganar a guarda interna, entrando em um túnel que levava a uma das casamatas. Um odor de fungos exalava do túnel. Luzes fracas. Umidade. Ele



fitou pelas seteiras da casamata antes de ser agarrado e arrastado de volta ao centro do Forte.

Aquela escapada causara um duro sermão de Schwangyu, uma figura remota e ameaçadora cujas ordens deveriam ser obedecidas. Ele ainda a considerava dessa forma, apesar de, desde então, ter aprendido sobre a Voz de Comando das Bene Gesserit, aquela sutileza vocal que conseguia destruir a vontade de qualquer ouvinte não treinado.

*Ela deve ser obedecida.*

– Você fez com que uma unidade inteira da guarda tivesse de ser disciplinada – dissera Schwangyu. – Elas serão punidas de forma severa.

Essa fora a parte mais terrível do sermão dela. Duncan gostava de algumas guardas e, às vezes, conseguia atraí-las para brincar de verdade, com risadas e cambalhotas. Sua travessura, esgueirar-se até a casamata, fizera mal a suas amigas.

Duncan sabia o que era ser punido.

*Maldita Schwangyu, maldita Schwangyu!*

Após o sermão de Schwangyu, Duncan correria até sua instrutora-chefe interina, a Reverenda Madre Tamalane, outra das velhas encarquilhadas de temperamento frio e distante, cabelos brancos como a neve, que emolduravam uma face estreita e uma pele coriácea. Ele exigiu explicações de Tamalane sobre a punição de suas guardas. A Reverenda Madre, de forma surpreendente, entrara em um estado de espírito pensativo, sua voz lembrava areia raspando contra madeira.

– Punições? Ora, ora.

Eles estavam na pequena sala de aula contígua à grande área de treinamento, onde Tamalane ia todas as noites para preparar as aulas do dia seguinte. Era um lugar cheio de leitores de bolhas e

carretéis, além de outros métodos sofisticados de armazenamento e recuperação de informações. Duncan preferia aquela sala à biblioteca, mas ele não tinha permissão de frequentar a sala de aula desacompanhado. Era um cômodo claro, iluminado por vários luciglobos mantidos por suspensores. Assim que ele entrara, Tamalane se afastara do lugar onde preparava as lições.

– Sempre acontece uma forma de banquete sacrificial durante nossas punições máximas – dissera ela. – As guardas receberão, com certeza, a punição máxima.

– Banquete? – Duncan ficara atônito.

Tamalane dera uma volta inteira em sua cadeira giratória antes de mirar diretamente nos olhos dele. Os dentes acerados dela cintilavam sob as luzes brilhantes.

– A história raramente foi bondosa com aqueles que devem ser punidos – ela completou.

Duncan estremecera ao escutar a palavra “história”. Era um dos sinais de Tamalane. Ela lhe ensinaria uma lição, outra lição enfadonha. Mas Tamalane não tinha acabado.

– As punições das Bene Gesserit não podem ser esquecidas.

Duncan concentrara sua atenção na boca anciã de Tamalane, sentindo, de maneira abrupta, que ela falava de alguma experiência pessoal dolorosa. Ele iria aprender algo interessante!

– Nossas punições trazem consigo uma lição inescapável – dissera Tamalane. – Representa muito mais do que a dor.

Duncan sentara no chão, aos pés dela. Daquele ângulo, Tamalane era uma figura ameaçadora, envolta em sombras.

– Não punimos com a derradeira agonia – ela falara. – A derradeira agonia é reservada para a passagem da Reverenda Madre através da especiaria.

Duncan assentira. Registros da biblioteca se referiam à “agonia da especiaria”, uma provação misteriosa que criava uma Reverenda Madre.

– Ainda assim, punições máximas são dolorosas – avisara ela. – Elas também são emocionalmente dolorosas. A emoção evocada pela punição é sempre aquela que julgamos ser a maior fraqueza do penitente; dessa maneira, fortalecemos a pessoa punida.

Suas palavras encheram Duncan com um pavor desfocado. O que seria feito de suas guardas? Ele não conseguiu formular a pergunta, mas não havia necessidade. Tamalane ainda não terminara.

– A punição sempre termina com uma sobremesa – ela dissera e depois bateu as mãos contra os joelhos.

Duncan franziu o cenho. Sobremesa? Com certeza isso fazia parte de um banquete. Mas como um banquete poderia ser punição?

– Não é , de fato, um banquete, mas a ideia de um banquete – completara Tamalane. Uma mão em forma de garra traçara um círculo no ar. Ela prosseguira. – A sobremesa vem, e é algo totalmente inesperado. O penitente acha: *Aaaaa, por fim, fui perdoado!* Compreendeu?

Duncan meneara a cabeça de um lado para o outro. Não, ele não compreendera.

– É a doçura do momento – ela explicara – após experimentar todos os pratos de um banquete doloroso e, ao final, surge um prato que você é capaz de saborear. Existe um porém! Enquanto você o saboreia, *então* vem o momento mais doloroso de todos, o reconhecimento, a *compreensão* de que esse prato não era o prazer do final. Não, longe disso. Era a derradeira dor da punição máxima. Ela contém a lição Bene Gesserit.

– Mas o que ela fará com as guardas? – as palavras saíram como se tivessem sido arrancadas de Duncan.

– Não posso revelar quais serão os elementos específicos das punições de cada uma. Não há motivos para eu saber disso. Posso revelar apenas que, para cada uma delas, será diferente.

Tamalane não diria nada além daquilo. Ela voltara à preparação das lições do dia seguinte.

– Continuaremos amanhã – prometera ela –, ensinando-o a identificar as origens dos mais variados sotaques do Galach falado.

Ninguém mais, nem mesmo Teg ou Patrin, respondera suas perguntas sobre as punições. Mesmo as guardas, quando o viram depois do ocorrido, recusaram-se a falar de seus ordálios. Algumas reagiram secamente e nenhuma voltaria a brincar com ele. Não havia perdão entre as punidas. Estava claro.

*Maldita Schwangyu! Maldita Schwangyu!...*

Fora assim que seu ódio profundo por ela começara. Todas as bruxas velhas compartilhavam o foco do ódio dele. Será que a nova seria igual às outras?

*Maldita Schwangyu!*

Por fim, perguntara a Schwangyu:

– Por que teve de puni-las?

Levou algum tempo antes de Schwangyu responder:

– É perigoso para você aqui em Gammu. Há pessoas que querem seu mal.

Duncan não questionou por quê. Era outra área na qual suas questões nunca eram respondidas. Nem mesmo Teg responderia, apesar de sua simples presença demonstrar a existência de tal perigo.

Além disso, Miles Teg era um Mentat que deveria saber muitas respostas. Duncan, em diversas ocasiões, reparara que os olhos do

velho reluziam enquanto seus pensamentos pareciam estar longe. Entretanto, não havia resposta de Mentat para questões tais como:

- Por que estamos em Gammu?
- De quem você me protege? Quem quer me causar mal?
- Quem são meus pais?

Às vezes, o silêncio era a resposta para essas perguntas. Em outras ocasiões, Teg resmungava:

- Não posso responder a essas perguntas.

A biblioteca era inútil. Ele descobrira isso quando tinha apenas oito anos e sua instrutora-chefe era Luran Geasa, que havia falhado na provação de Reverenda Madre; ela não era tão velha quanto Schwangyu, mas tinha uma idade bastante avançada, já passando dos cem.

Em cumprimento aos comandos dela, a biblioteca fornecera informações sobre Gammu/Giedi Primo, sobre os Harkonnen e a queda do governo deles, bem como sobre vários conflitos os quais Teg comandara. Nenhuma dessas batalhas podia ser considerada muito sangrenta; diversos comentaristas relatavam a “diplomacia nata” de Teg. Contudo, um dado levou a outro, e Duncan aprendeu sobre a época do Imperador Deus e da dominação de seu povo. Esse período consumiu a atenção de Duncan por semanas. Ele encontrou um mapa antigo nos arquivos e o projetou na parede focalizável. A superimposição dos comentaristas informou-o que aquele exato Forte havia sido um Centro de Comando das Oradoras Peixe, abandonado durante a Dispersão.

*Oradoras Peixe!*

Duncan desejara, então, ter vivido naquela época, trabalhando como um dos poucos conselheiros masculinos do exército feminino que cultuou o grande Imperador Deus.

*Ah, ter vivido em Rakis naquela época!*

Teg foi bem acessível quanto ao Imperador Deus, algo surpreendente, sempre se referindo a ele como “o Tirano”. Uma restrição da biblioteca foi suspensa e informações sobre Rakis jorraram sobre Duncan.

– Algum dia chegarei a ver Rakis? – ele perguntara a Geasa.

– Você está sendo preparado para morar lá.

A resposta o deixara atônito. Tudo que lhe ensinaram sobre aquele planeta longínquo adquirira uma perspectiva nova.

– Por que morarei lá?

– Não posso responder a essa pergunta.

Com interesse reavivado, ele voltou a seus estudos sobre o planeta misterioso e sua triste Igreja de Shai-hulud, o Deus Dividido. *Vermes*. O Imperador Deus se transformara naqueles vermes! A ideia enchera Duncan de temor. Talvez ali estivesse algo digno de adoração. Esse pensamento ressoara dentro dele. O que fizera um homem aceitar aquela terrível metamorfose?

Duncan sabia o que suas guardas e os outros que habitavam o Forte pensavam sobre Rakis e sobre o núcleo de sacerdotes lá estabelecido. Comentários sarcásticos e gargalhadas revelavam tudo. Teg dissera:

– É pouco provável que cheguemos a conhecer toda a verdade, mas eu lhe informo, meu caro, que essa não é religião para um soldado.

Schwangyu arrematara:

– Você aprenderá sobre o Tirano, mas não deve acreditar na religião dele. Ela não é digna de sua atenção, é abjeta.

A cada momento de folga de seus estudos, Duncan se debruçava sobre qualquer material que a biblioteca lhe fornecia: o Livro Sagrado do Deus Dividido, a Bíblia Guardiã, a Bíblia Católica

de Orange e mesmo os textos apócrifos. Ele aprendeu sobre o extinto Gabinete da Fé e “A Pérola que É o Sol da Compreensão”.

A própria ideia dos vermes o fascinara. O tamanho deles! Um espécime dos grandes podia se estender de um lado a outro do Forte. Homens montaram os vermes pré-Tirano, mas o clero rakiano proibia tal ato nos tempos atuais.

Ele se vira absorvido pelos relatórios da equipe arqueológica que encontrara a primeira não sala do Tirano em Rakis. Dar-es-Balat era o nome daquele lugar. Os relatórios da arqueóloga Hadi Benotto estavam marcados como “Suprimidos por ordem do clero rakiano”. O número do arquivo de relatórios pertencentes ao Repositório Bene Gesserit era grande e as revelações de Benotto, fascinantes.

– Uma semente da percepção consciente do Imperador Deus em cada verme? – ele perguntara a Geasa.

– É o que se diz. Mesmo que seja verdade, tais vermes não são cômicos, não têm percepção de si. O próprio Tirano revelou que eles entrariam em um sonho interminável.

Cada sessão de estudos levava a uma aula especial e a explicações das Bene Gesserit sobre religião, até que, finalmente, ele encontrou os relatos chamados de “As Nove Filhas de Siona” e “Os Mil Filhos de Idaho”.

Confrontando Geasa, ele indagava:

– Meu nome também é Duncan Idaho. O que isso significa?

Geasa sempre se portara como se vivesse na sombra de seu fracasso, sua cabeça longa inclinada para frente e seus olhos aquosos direcionados ao chão. A confrontação ocorrera ao anoitecer, no longo corredor do lado de fora da área de treinamento. Ela empalidecera diante da pergunta dele.

Vendo que ela não respondia, ele insistiu:

– Sou descendente de Duncan Idaho?

– Você deve perguntar a Schwangyu. – As palavras soaram como se elas causassem dor a Geasa.

Era a mesma resposta de sempre e isso o irritara. Ela dera a entender que ele receberia algo para mantê-lo calado, mas pouco informativo. Schwangyu, contudo, fora mais aberta que o esperado.

– Corre em suas veias o sangue autêntico de Duncan Idaho.

– Quem são meus pais?

– Eles morreram há muito tempo.

– Morreram de quê?

– Não sei. Nós o acolhemos como um órfão.

– Então por que existem pessoas que desejam me causar mal?

– Elas temem o que você seja capaz de fazer.

– O que eu posso ser capaz de fazer?

– Dedique-se as suas lições. Tudo será esclarecido em seu devido tempo.

*Cale a boca e estude!* Outra das respostas que lhe era familiar.

Ele obedeceu porque aprendera a reconhecer quando as portas se fechavam para ele. Mas então, graças a sua inteligência perscrutadora, encontrara outros relatos dos Tempos da Penúria e da Dispersão, as não salas e não naves que eram impossíveis de ser rastreadas, nem mesmo pela mente presciente mais poderosa do universo. Ali, ele descobrira que os descendentes de Duncan Idaho e Siona, aqueles ancestrais que serviram o Tirano Imperador Deus, também eram invisíveis aos profetas e prescientes. Nem mesmo um Navegador da Guilda, durante o mais profundo transe de *mélange*, conseguia detectá-los. Siona, os relatórios informavam, era uma Atreides de puro sangue e Duncan Idaho era um *ghola*.

*Ghola?*

Ele esquadrinhou a biblioteca em busca de definições para esta palavra tão peculiar. *Ghola*. A biblioteca fornecera relatos bem



sucintos: “Gholas: humanos criados a partir das células de um cadáver no tanques axolotles tleilaxu”.

*Tanques axolotles?*

“Um mecanismo tleilaxu para reproduzir um ser humano vivo a partir das células de um cadáver.”

– Descreva um ghola – ele ordenara.

“Carne inocente, despida de suas memórias originais. Ver Tanques Axolotles.”

Duncan aprendera a ler as entrelinhas, os espaços em branco os quais as pessoas do Forte lhe apresentavam. As revelações o arrebataram. Ele sabia! Com apenas dez anos e ele descobrira!

*Sou um ghola.*

Ao cair da tarde, na biblioteca, todo o maquinário esotérico ao redor de Duncan desvaneceu contra o plano de fundo sensorial, e um menino de 10 anos de idade sentava-se em silêncio diante de um leitor, agarrando o conhecimento para si mesmo.

Sou um ghola!

Ele não conseguia se lembrar dos tanques axolotles onde suas células se transformaram em uma criança. Suas primeiras memórias eram de Geasa o levantando de seu berço, aquele interesse atento nos olhos adultos que se extinguiram rapidamente em pálpebras cautelosas.

Era como se a informação fornecida a ele a contragosto pelo pessoal do Forte e pelos arquivos finalmente definisse um ponto fulcral: ele mesmo.

– Conte-me sobre os Bene Tleilax – ele demandara à biblioteca.

“São um povo dividido entre Dançarinos Faciais e Mestres. Os Dançarinos Faciais são como mulos, estéreis e submissos ao Mestres.”

*Por que eles fizeram isso comigo?*

De repente, as máquinas de informação da biblioteca se tornaram estranhas e perigosas. Ele ficara com medo, não que suas perguntas pudessem atingir mais páginas em branco, mas que ele recebesse respostas.

*Por que sou tão importante para Schwangyu e os outros?*

Ele se sentira como se fosse enganado, inclusive por Miles Teg e Patrin. Era correto tomar as células de um humano e produzir um gholá?

Fez a próxima pergunta com grande hesitação:

– Um gholá consegue se lembrar, algum dia, quem ele foi?

“Isso pode ser feito.”

– Como?

“A identidade psicológica do gholá para o original pré-condiciona algumas respostas, as quais podem ser disparadas por trauma.”

Isso nem era uma resposta!

– Mas como?

Schwangyu se intrometeu nessa hora, chegando à biblioteca sem se anunciar. Então algo sobre as perguntas dele foi marcado para alertá-la!

– Um dia, tudo lhe será esclarecido – ela respondera.

Ela encerrara a discussão! Duncan sentira a injustiça do ocorrido, a falta de verdade. Algo dentro de si o alertara que ele carregava mais sabedoria humana em seu *self* adormecido do que aqueles que se presumiam seus superiores. O ódio dele contra Schwangyu alcançou uma nova intensidade. Ela era a personificação de tudo o que o atormentava e frustrava seus questionamentos.

Naquele momento, contudo, sua imaginação estava inflamada. Ele recapturaria suas memórias originais! Ele sentira a verdade disso. Ele se lembraria de seus pais, sua família, seus amigos... seus inimigos.

Ele perguntara a Schwangyu:

– A senhora me produziu em razão de meus inimigos?

– Você já aprendeu a importância do silêncio, menino – ela retrucara. – Confie nesse conhecimento.

*Muito bem. É assim que lutarei contra você, maldita Schwangyu. Permanecerei em silêncio e aprenderei. Jamais demonstrarei como me sinto de verdade.*

– Sabe de uma coisa – ela dissera –, acho que estamos criando um estoico.

Ela o tratara com condescendência! Ele não aceitaria ser tratado daquela forma. Ele lutaria contra todos, com silêncio e vigilância. Duncan deixara a biblioteca e se enfiara em seu quarto.

Nos meses seguintes, uma série de ocorridos confirmaram que ele era um ghola. Mesmo uma criança sabia quando os eventos que aconteciam ao redor dela eram excepcionais. De vez em quando, ele vira outras crianças além dos muros, caminhando ao longo da estrada perimetral, rindo e gritando. Os adultos não abordavam aquelas crianças nem as engajavam em treinamentos rigorosos como aqueles impostos a Duncan. Outras crianças não possuíam uma Reverenda Madre Schwangyu para comandar o mais ínfimo dos aspectos de suas vidas.

Aquela descoberta precipitara outra mudança em sua vida. Luran Geasa fora afastada dele e jamais retornou.

*Ela não deveria ter permitido que eu soubesse da existência de gholas.*

A verdade era ainda mais complexa, conforme Schwangyu explicara a Lucilla no parapeito de observação, no dia da chegada de Lucilla.

– Nós sabíamos que chegaria o momento inevitável. Ele descobriria sobre gholas e formularia as perguntas certas.

– Já era tempo de uma Reverenda Madre tomar as rédeas da educação diária dele. Talvez Geasa tenha sido a pessoa errada.

– Você está questionando meu julgamento? – redarguiu Schwangyu.

– Seu julgamento é tão perfeito que não possa ser questionado?

– No contralto suave de sua voz, a pergunta produziu o impacto de um tapa no rosto.

Schwangyu permaneceu em silêncio durante quase um minuto. Finalmente, disse:

– Geasa achava o gholá uma criança cativante. Ela chorou e confessou que teria saudades dele.

– Ela não foi avisada sobre isso?

– Geasa não teve nosso treinamento.

– Então você colocou Tamalane no lugar dela. Não conheço Tamalane, mas presumo que ela seja bastante velha.

– Bastante.

– Qual a reação dele com a saída de Geasa?

– Ele perguntou aonde ela tinha ido. Não respondemos.

– Como Tamalane se saiu?

– No terceiro dia juntos, ele se dirigiu calmamente a ela: “Eu te odeio. É isso que esperam de mim?”.

– Tão rápido!

– Agora, ele está a observando e pensando: “Eu odeio Schwangyu. Será que devo odiar essa novata?”. Ao mesmo tempo, ele imagina que você não seja como as bruxas velhas. Você é jovem. Ele saberá que isso deve ser importante.

**Humanos vivem melhor quando cada um tem seu próprio lugar para ficar, quando cada um sabe o lugar a que pertence no grande plano das coisas e o que poderá alcançar. Destrua o lugar e destrói-se a pessoa.**

**– Ensino Bene Gesserit**

Miles Teg não queria a missão em Gammu. Mestre de Armas para uma criança-ghola? Mesmo uma criança-ghola como aquela, com todas as histórias narradas sobre ela. Era uma intrusão indevida na aposentadoria bem esquematizada de Teg.

Contudo, ele vivera toda sua vida como um Mentat militar, sob o jugo das Bene Gesserit e era incapaz de computar um ato de desobediência.

*Quis custodiet ipsos custodes?*

Quem guardará os guardiães? Quem tomará conta para que os guardiães não cometam crimes?

Esta era uma pergunta que Teg considerara de forma cautelosa em várias ocasiões. Era um dos preceitos básicos de sua lealdade às Bene Gesserit. Qualquer coisa podia ser dita sobre a Irmandade, mas elas demonstravam uma admirável constância de propósitos.

*Propósitos morais*, Teg os categorizara.

O propósito moral das Bene Gesserit estava de acordo com os princípios de Teg. A questão não era se tais princípios tivessem sido condicionados a ele pelas Bene Gesserit. O pensamento racional, especialmente a racionalidade Mentat, não seria capaz de julgar de outra forma.

Teg reduzira tudo a um ponto essencial: se apenas uma pessoa seguisse aqueles princípios guias, o universo seria melhor. Jamais

seria uma questão de justiça. A justiça requeria recurso à lei, e esta podia ser amante volúvel, sempre sujeita aos caprichos e preconceitos daqueles que administravam as leis. Não, era uma questão de equidade, um conceito bem mais profundo. Aqueles que recebiam a sentença deveriam perceber a equidade do julgamento.

Para Teg, declarações como “a letra da lei deve ser observada” eram perigosas para os princípios que o guiavam. Seguir a equidade requeria acordo, constância previsível e, acima de tudo, lealdade com aqueles que estão acima e abaixo na hierarquia. A liderança guiada por tais princípios não requeria controles externos. A pessoa cumpria seu dever porque isto era o certo a fazer. E não se obedecia porque era *previsivelmente* correto. Fazia-se em razão de ser correto para aquele momento. Previsão e presciência não tinham nada a ver com isso.

Teg conhecia a reputação dos Atreides quando o assunto era presciência confiável, mas não havia lugar para aforismos em seu universo. Aceitava-se o universo como este era encontrado e aplicava-se seus princípios onde podia. Comandos absolutos na hierarquia sempre eram obedecidos. Não que Taraza tivesse dito que aquela questão era de comando absoluto, mas as implicações estavam presentes.

– Você é a pessoa perfeita para essa tarefa.

Ele tivera vários pontos altos em sua carreira e passara para a reserva com honras. Teg sabia que estava velho, cansado e com todos os defeitos da idade esperando nos limites de sua consciência, mas a chamada ao dever o encorajou, mesmo enquanto sentia-se forçado a resistir ao desejo de responder “não”.

A descrição da tarefa veio como um pedido pessoal de Taraza. A mais poderosa autoridade de todas (inclusive da Missionaria

Protectora) o selecionara. Não era apenas uma Reverenda Madre, mas “a” Reverenda Madre Superiora.

Taraza visitara seu retiro da reserva em Lernaesus. Era uma honra para ele que a anciã fizesse isso e Teg tinha consciência desse fato. Ela aparecera em seu portão sem avisar, acompanhada apenas por duas servas acólitas e uma pequena força de guarda, cujas faces ele reconhecia. O próprio Teg as treinara. O momento da chegada de Taraza fora curioso. Pela manhã, logo após o desjejum. Ela conhecia os hábitos da vida do militar e sabia, por certo, que ele era mais alerta àquela hora. Portanto, ela o queria acordado e na hora em que suas capacidades estavam no ápice.

Patrin, o antigo ordenança de Teg, conduziu Taraza à sala de estar da ala leste, um cômodo pequeno e elegante decorado com um mobiliário sólido. A aversão de Teg por cãodeiras e outras mobílias vivas era bem conhecida. Patrin sustentava um olhar amargo em seu rosto enquanto guiava a Madre Superiora, com seu manto negro, até o aposento. Teg reconheceu o olhar imediatamente. O rosto comprido e pálido de Patrin, marcado pelas rugas da idade, poderia parecer máscara imóvel para outros, mas Teg estava alerta às rugas profundas ao lado da boca do homem, ao olhar fixo nos olhos idosos. Significava que Taraza dissera algo no caminho até ali que perturbava Patrin.

Portas altas de correr feitas de plas pesado emolduravam a paisagem ao leste da sala, voltada para um longo gramado em declive, seguindo até as árvores às margens do rio. Taraza parou assim que entrou na sala para admirar a vista.

Sem que lhe pedisse, Teg apertara um botão. Cortinas deslizaram pela vista e luciglobos se acenderam. A ação de Teg indicara a Taraza que ele computara que eles precisariam de privacidade. Ele enfatizara tal exigência ao ordenar a Patrin:

– Por favor, assegure-se de que não nos perturbem.

– As ordens para a Fazenda do Sul, senhor – Patrin se aventurara.

– Decida-as você mesmo. Você e Firus sabem o que quero.

Patrin fechara a porta com mais brusquidão que o comum enquanto saía, um pequeno sinal que informava muito a Teg.

Taraza deu um passo sala adentro e a examinara.

– Verde-limão – ela dissera. – Uma de minhas cores favoritas. Sua mãe tinha muito bom gosto.

Teg se animara com a observação. Ele sentia uma afeição profunda por aquela casa e por aquelas terras. Sua família permanecera ali por apenas três gerações, mas deixaram suas marcas naquele lugar. As preferências de sua mãe não foram muito alteradas em diversos aposentos.

– É seguro amar propriedades e lugares – respondera Teg.

– Gosto particularmente do tom de laranja queimado dos tapetes da sala de entrada e do vitral da claraboia sobre a porta – dissera Taraza. – Aquela claraboia é uma verdadeira antiguidade, tenho certeza.

– Você não veio até aqui para conversar sobre decoração – afirmara Teg.

Taraza dera uma risada contida.

Ela tinha uma voz aguda, e o treinamento da Irmandade a ensinara a usá-la com eficácia devastadora. Não era uma voz fácil de ignorar, mesmo quando parecia mais casual, como ela a empregava naquele momento. Teg a vira no Conselho Bene Gesserit. Lá, sua conduta fora poderosa e persuasiva, cada palavra um indicador da mente incisiva que guiava suas decisões. No presente momento, ele foi capaz de pressentir uma decisão importante implícita no comportamento dela.



Teg indicara uma poltrona estofada verde à esquerda dele. Ela olhou para o assento, levantou o olhar uma vez mais ao redor da sala e conteve um sorriso.

Nenhuma cãodeira naquela casa, ela estava disposta a apostar. Teg era uma antiguidade que se cercava de antiguidades. Ela se sentou e alisou o manto enquanto esperava que ele sentasse em uma poltrona semelhante diante dela.

– Lamento a necessidade de pedir que você saia da reserva, bashar – ela dissera. – Infelizmente, as circunstâncias não me oferecem muitas escolhas.

Teg acomodou seus braços longos nos apoiadores da poltrona, um Mentat em repouso, esperando. Sua atitude dizia: “Encha minha mente de dados”.

Taraza ficara confusa por um instante. Era uma imposição. Teg ainda era uma figura régia, alta e com a grande cabeça coberta por cabelos grisalhos. Faltavam-lhe, a Reverenda Madre sabia, quatro anos-padrão para chegar aos trezentos. Dado que o ano-padrão tinha vinte horas a menos que o ano primitivo, ainda era uma idade impressionante, repleta de experiências a serviço das Bene Gesserit, as quais exigiam que ela o respeitasse. Ela notara que Teg vestia um uniforme em cinza-claro sem qualquer insígnia: paletó e calça sob medida, camisa branca aberta na altura da garganta que revelava um pescoço marcado por rugas profundas. Havia um brilho de ouro na cintura dele e ela reconhecera o broche de raios solares do cargo de bashar que ele recebera quando entrara para a reserva. Quão prático era Teg! Ele transformara o emblema dourado em fivela de cinto. Isso a tranquilizara. Teg entenderia seu problema.

– Posso tomar um pouco de água? – perguntara Taraza. – Foi uma viagem longa e cansativa. Percorremos a última parte em um

de nossos transportes, o qual deveríamos ter substituído quinhentos anos atrás.

Teg se levantou da cadeira, foi até um painel na parede, pegando uma garrafa d'água refrigerada e um copo, de um armário atrás do painel. Ele os colocara sobre uma mesa baixa, ao alcance da mão direita de Taraza.

– Tenho mélange – dissera ele.

– Não, obrigada, Miles. Tenho meu próprio suprimento.

Teg voltara a sua cadeira e Taraza notara os sinais de rigidez. Todavia, considerando sua idade, ele ainda era flexível.

Taraza se servira de meio copo de água e bebera em um só gole. Ela recolocara o copo sobre a mesa de canto com um cuidado elaborado. Como abordar a questão? A conduta de Teg não a enganara. Ele não queria sair da reserva. As analistas dela a alertaram sobre isso. Desde que entrara para a reserva, ele demonstrara mais que uma simples curiosidade pela agricultura. Sua extensa área cultivada em Lernaeus era, em essência, um jardim de pesquisas.

Ela erguera o olhar e estudara o militar abertamente. Os ombros largos acentuavam a cintura fina de Teg. Ele ainda se mantinha ativo. Aquele rosto longo com linhas penetrantes em razão de ossos fortes: tipicamente Atreides. Teg retribuía o olhar, como sempre o fizera, clamando atenção, mas aberto a qualquer coisa que a Madre Superiora pudesse dizer. Seus lábios finos estavam levantados em um sorriso discreto, expondo seus dentes claros e proporcionais.

*Ele sabe que estou à vontade, pensara ela. Maldição! Ele é servo da Irmandade tanto quanto eu!*

Teg não a incitara com perguntas. Seus modos permaneceram impecáveis, curiosamente distantes. Ela se lembrou de que essa era

uma peculiaridade comum entre os Mentats e nada podia ser depreendido dali.

De maneira abrupta, Teg se levantara e caminhara até o aparador localizado à esquerda de Taraza. Ele se virara, cruzara os braços diante do próprio peito e permanecera ali, olhando de cima para ela.

Taraza vira-se forçada a girar a cadeira para encará-lo. *Maldito!* Teg não facilitaria a situação para ela. Todas as Reverendas Madres Examinadoras observaram a dificuldade em fazer Teg se sentar durante uma conversa. Ele preferia ficar de pé, seus ombros travados em rigidez militar, seu olhar focado para baixo. Poucas Reverendas Madres alcançavam a altura dele, mais de dois metros. Essa peculiaridade, concordavam as analistas, era a forma (talvez inconsciente) que Teg usava para protestar contra a autoridade da Irmandade sobre ele. Nada disso, contudo, se insinuava no resto de seu comportamento. Teg sempre fora o comandante militar mais confiável que a Irmandade já empregara.

Em um universo multissocial, cujas principais forças de ligação interagiam com complexidade apesar da simplicidade dos rótulos, comandantes militares de confiança valiam muito mais do que o próprio peso em mélange. Religiões e a memória comum das tiranias imperiais sempre figuravam nas negociações, mas eram as forças econômicas que acabavam por triunfar e a *moeda* militar podia ser contabilizada pela máquina de calcular de qualquer pessoa. Estava lá em todas as negociações e assim seria enquanto a necessidade dirigisse o sistema de comércio: a necessidade de certos itens em particular (como a especiaria ou os produtos tecnológicos de Ix), a necessidade de especialistas (como os Mentats e os médicos Suk), assim como todas as outras necessidades mundanas para as quais existiam mercados; força de

trabalho, construtores, designers, vida planiformizada, artistas, prazeres exóticos...

Nenhum sistema legal podia ligar tal complexidade em um todo e esse fato quase óbvio acarretava imediatamente a necessidade constante de árbitros influentes. As Reverendas Madres, naturalmente, tinham desempenhado esse papel dentro da rede econômica e Miles Teg sabia disso. Também sabia que ele, mais uma vez, era convocado como moeda de troca. Se ele gostava ou não desse papel, não era calculado nas negociações.

– Afinal, você não tem uma família que o prenda aqui – argumentara Taraza.

Teg aceitara essa observação calado. Sim, sua esposa morreria trinta e oito anos antes. Seus filhos já eram crescidos e, à exceção de uma filha, haviam deixado o ninho. Ele tinha diversos interesses pessoais, mas poucas obrigações familiares, era verdade.

Taraza o lembrara, então, de seu longo e fiel tempo de serviço à Irmandade, citando várias conquistas memoráveis. Ela sabia que elogios teriam pouco efeito sobre ele, mas dariam a ela a introdução necessária para o que viria a seguir.

– Você foi informado de sua semelhança familiar – dissera ela.

Teg inclinara a cabeça menos de um milímetro.

– Sua semelhança com o primeiro Leto Atreides, avô do Tirano, é, sem dúvida, impressionante – dissera ela.

Teg não transparecera qualquer sinal de que tivesse ouvido ou concordado. Era simplesmente um dado, algo já armazenado em sua memória copiosa. Ele sabia que carregava os genes dos Atreides. Ele vira a imagem de Leto I na Casa Capitular. Era tão estranho quanto se olhar no espelho.

– Você é um pouco mais alto – completara Taraza.

Teg continuara a encará-la de sua posição mais alta.

– Mas que maldição, bashar – dissera Taraza –, você pode ao menos tentar me ajudar?

– Isso é uma ordem, Madre Superiora?

– Não, não é uma ordem!

Teg sorria devagar. O fato de Taraza se permitir tal explosão de sentimentos na frente dele revelava diversas coisas. A Reverenda Madre jamais faria aquilo diante de alguém que ela não considerasse confiável. E, com certeza, ela não se permitiria tal revelação emocional com uma pessoa que ela julgasse ser apenas um *mero* subalterno.

Taraza se recostara em sua cadeira e sorria para ele.

– Tudo bem – dissera ela –, você já se divertiu. Patrin me contou que você ficaria ainda mais desapontado comigo se eu o chamasse de volta ao trabalho. Eu lhe asseguro que você é crucial para nossos planos.

– Que planos, Madre Superiora?

– Estamos criando um ghola Duncan Idaho em Gammu. Ele tem quase seis anos de idade e está pronto para receber educação militar.

Teg permitira que seus olhos se arregalassem um pouco.

– Será um dever penoso para você – Taraza continuara –, mas quero que você assuma o treinamento e a proteção desse menino o mais rápido possível.

– Minha semelhança com o Duque Atreides – dissera Teg. – Você me usará para restaurar as memórias originais dele.

– Dentro de oito ou dez anos, sim.

– Tanto tempo assim! – Teg balançara a cabeça. – Por que Gammu?

– A herança prana-bindu dele foi alterada pelos Bene Tleilax, a um pedido nosso. Seus reflexos serão comparáveis, em velocidade,

àqueles de todos os nascidos em nosso tempo. Gammu... o Duncan Idaho original nasceu e cresceu lá. Em razão das mudanças em sua herança celular, devemos manter todas as outras variáveis o mais próximas possíveis das condições originais.

– Por que estão fazendo isso? – Fora uma pergunta no tom de um Mentat cômico dos dados em mãos.

– Uma menina com a habilidade de controlar os vermes foi encontrada em Rakis. Faremos uso de nosso gholha por lá.

– Vocês farão com que esses dois procriem?

– Não lhe estou empregando como Mentat. São suas habilidades militares e sua semelhança com o Leto original de que precisamos. Você saberá como restaurar as memórias originais no tempo devido.

– Portanto, você está, na verdade, me trazendo de volta como um Mestre de Armas.

– Você pensa nisso como um rebaixamento para o homem que foi o bashar supremo de todas as nossas forças?

– Madre Superiora, a senhora comanda e eu obedeço. Todavia, não aceitarei esse posto sem o controle total de todas as defesas de Gammu.

– Isso já foi providenciado, Miles.

– Você sempre compreendeu como a minha mente funciona.

– E sempre confiei em sua lealdade.

Teg se afastara do aparador e permanecera alguns instantes absorto em pensamentos. Em seguida, indagara:

– Quem irá me informar dos detalhes?

– Bellonda, dos Arquivos, a mesma de antes. Ela providenciará uma cifra segura para troca de mensagens entre nós.

– Eu lhe darei uma lista de pessoas – dissera Teg. – Antigos companheiros e os filhos de alguns deles. Quero todos eles esperando em Gammu assim que eu chegar.

– Você não acredita que algum deles irá se recusar?

O olhar dele dizia: “Não seja tola!”.

Taraza abafara o riso e pensara: *eis algo que aprendemos muito bem dos Atreides originais: como produzir pessoas que incitam o máximo da devoção e lealdade.*

– Patrin se encarregará do recrutamento – dissera Teg. – Ele não aceitará posto algum, eu sei, mas deverá receber o pagamento máximo e as cortesias de um coronel adjunto.

– Você será, naturalmente, reconduzido ao posto de bashar supremo – dissera ela. – Nós vamos...

– Não. Vocês têm Burzmali. Não o enfraqueceremos trazendo seu antigo comandante como superior dele.

Ela o estudara por um momento e logo redarguiu:

– Ainda não promovemos Burzmali a...

– Sei muito bem disso. Meus colegas antigos me mantêm completamente informado sobre as políticas da Irmandade. Mas você e eu, Madre Superiora, sabemos que é apenas uma questão de tempo. Burzmali é o melhor.

Ela tivera de aceitar. Era mais do que uma avaliação militar de um Mentat. Era a avaliação de Teg. Ocorreu-lhe outra ideia.

– Então você já sabia sobre nossa disputa no Conselho! – acusara ela. – E me deixou...

– Madre Superiora, se eu soubesse que vocês iam produzir outro monstro em Rakis, eu o diria. Você confia nas minhas decisões; eu confio nas suas.

– Maldição, Miles, nós estivemos longe um do outro por muito tempo. – Taraza se levantara. – Sinto-me mais calma apenas por saber que você tomará as rédeas de volta.

– Rédeas – ele dissera. – Sim. Reintegre-me como um bashar em missão especial. Dessa forma, quando a notícia chegar a

Burzmali, não teremos de lidar com perguntas tolas.

Taraza retirara um invólucro de papéis ridulianos de debaixo de seu manto e entregara a Teg.

– Já assinei estes documentos. Preencha sua própria reintegração. As outras autorizações estão aí, certificados de viagem e transporte e tudo o mais. Dou-lhe estas ordens pessoalmente. Você deve me obedecer. Você é *meu* bashar, entendeu?

– Não fui sempre? – ele perguntara.

– Agora é mais importante do que nunca. Mantenha aquele ghola a salvo e treine-o bem. Ele está sob sua responsabilidade e eu o apoiarei nessa questão contra qualquer um.

– Soube que Schwangyu comanda Gammu.

– Contra qualquer um, Miles. Não confie em Schwangyu.

– Sei. Você almoça conosco? Minha filha foi...

– Perdoe-me, Miles, mas devo retornar o mais rápido possível. Enviarei Bellonda de imediato.

Teg a levava até a porta, conversara com suas antigas alunas na comitiva de maneira amável e as vira partir. Elas tinham um carro de solo blindado esperando na entrada de veículos, um modelo novo que, obviamente, haviam trazido consigo. A imagem do carro provocou um sentimento de inquietude em Teg.

*Urgência!*

Taraza viera em pessoa, a própria Madre Superiora fazendo um serviço de mensageira, sabendo o que isso revelaria a ele. Sabendo tão intimamente como a Irmandade atuava, ele percebera a revelação no que havia acabado de acontecer. A disputa no Conselho das Bene Gesserit fora muito mais profunda do que suas informantes lhe sugeriram.

*“Você é meu Bashar.”*



Teg lançara uma olhadela dentro do invólucro de autorizações e vouchers que Taraza deixara com ele. Já exibiam o selo e a assinatura dela. A confiança implícita nisso se adicionava a outras coisas que ele sentira e aumentara sua inquietude.

*“Não confie em Schwangyu.”*

Ele deslizou os papéis para dentro de seu bolso e saiu em busca de Patrin. Ele deveria ser informado e apaziguado. Os dois discutiriam a respeito de quem consultar sobre esta tarefa. Ele começou a listar alguns nomes em sua mente. Trabalho perigoso à frente. Apenas os melhores deviam ser requisitados. Maldição! Tudo daquela propriedade teria que ser passado para Firus e Dimela! Tantos detalhes! Ele sentia o pulso acelerar enquanto caminhava pela casa.

Passando por um dos guardas, um de seus antigos soldados, Teg pausara.

– Martin, cancele todos os meus compromissos de hoje. Encontre minha filha e peça a ela que venha me ver em meu escritório.

A notícia se espalhou pela casa e dali, por toda a propriedade. Servos e famílias, sabendo que a Reverenda Madre Superiora conversara com ele em particular, de imediato instalaram uma tela de proteção para que distrações inúteis não chegassem a Teg. Sua filha mais velha, Dimela, o interrompera enquanto ele tentava elencar os detalhes necessários para continuar seus projetos experimentais de agricultura.

– Pai, não sou uma criança!

Eles estavam na pequena estufa contígua ao escritório dele. Restos do almoço de Teg estavam em um canto, sobre uma bancada de ceramista. O bloco de notas de Patrin estava apoiado contra a parede atrás da bandeja de refeições.

Teg olhara para sua filha de maneira penetrante. Dimela havia puxado sua aparência, mas não a altura. Muito angular para ser considerada bela, mas contraíra um bom casamento. Eles tinham três crianças amáveis, Dimela e Firus.

– Onde está Firus? – perguntara Teg.

– Saiu, está acompanhando a replantação da Fazenda do Sul.

– Ah, sim. Patrin mencionou.

Teg sorria. Sempre o agradara que Dimela tivesse recusado a oferta da Irmandade, preferindo casar-se com Firus, natural de Lernaes, e permanecer no séquito do próprio pai.

– Tudo que sei é que estão lhe chamando de volta ao trabalho – mencionara Dimela. – É alguma tarefa perigosa?

– Sabe, você soa da mesma forma que sua mãe – respondera Teg.

– Assim sendo, ela é perigosa! Malditas sejam, você já não fez o suficiente por elas?

– Ao que parece, não.

Ela se afastara do pai no instante em que Patrin entrava pela extremidade oposta da estufa. Ele a ouvira falar com Patrin ao se cruzarem.

– Quanto mais velho ele fica, mais parecido com uma Reverenda Madre ele se torna!

*O que mais ela podia esperar?*, Teg se perguntara. Filho de uma Reverenda Madre, seu pai era um funcionário subalterno do Consórcio Honnête Ober Advancer Mercantiles, ele amadurecera em uma casa que se movia ao som da Irmandade. Era evidente para ele, desde uma tenra idade, que a lealdade de seu pai à rede de comércio interplanetária da Companhia CHOAM desapareceu quando sua mãe objetou.

A casa pertencera à sua mãe até a morte, menos de um ano depois de seu pai ter falecido. As marcas das escolhas dela jaziam ali ao redor.

Patrin parara em frente a ele.

– Vim para buscar meu bloco de notas. O senhor adicionou algum nome?

– Alguns. É melhor que você se encarregue disso agora.

– Sim, senhor! – Patrin dera meia-volta e voltara pelo caminho que viera, batendo o bloco de notas contra sua perna.

*Ele também sente*, pensou Teg.

Mais uma vez, Teg relanceara ao redor de si. Essa casa ainda era o lugar de sua mãe. Mesmo depois de todos os anos em que ele vivera ali, criara uma família naquele local! Ainda era o lugar dela. Ah, ele construíra aquela estufa, mas o escritório ao lado havia sido a sala privativa dela.

Janet Roxbrough dos Roxbrough de Lernaesus. A mobília, a decoração, ainda era o lugar dela. Taraza percebera. Ele e sua esposa mudaram alguns objetos superficiais, mas o núcleo ainda pertencia a Janet Roxbrough. Não havia dúvidas sobre o sangue de Oradora Peixe naquela linhagem. Que prêmio ela tinha sido para a Irmandade! Que ela se casasse com Loschy Teg e decidira viver ali era um pouco estranho. Um fato indigesto, até que o planejamento das procriações da Irmandade, no qual elas trabalhavam por gerações, fosse descoberto.

*Elas fizeram de novo*, pensou Teg. *Elas me mantiveram sob suas asas por todos esses anos, esperando apenas por este momento.*

## **A religião não clamou para si a criação por todos esses milênios?**

### **– “A Pergunta Tleilaxu”, dos discursos de Muad’Dib**

O ar de Tleilax estava límpido, tomado por uma quietude causada em parte pelo frio da manhã e em parte por um sentimento de subserviência temerosa, como se a vida esperasse ali na cidade de Bandalong, vida voraz e em antecipação, a qual não se moveria até que recebesse seu sinal pessoal. O Mahai, Tylwyth Waff, Mestre dos Mestres, apreciava essa hora mais que qualquer outra durante o dia. Naquela hora, enquanto olhava através da janela aberta, a cidade era dele. Bandalong só voltaria a funcionar a um comando seu. Isso era o que ele dizia a si próprio. O medo que ele conseguia sentir lá fora era o controle que Waff exercia sobre qualquer realidade que pudesse despertar daquela reserva de vida incubada: a civilização tleilaxu que se originara ali e que depois estendera seus poderes por distâncias longínquas.

Eles, seu povo, esperaram milênios por aquele momento. Waff saboreava aquele instante. Todos os tempos nefastos do Profeta Leto II (não o Imperador Deus, mas o Mensageiro de Deus), toda Penúria e a Dispersão, a cada derrota dolorosa pelas mãos de criaturas inferiores, através de todas essas agonias os Tleilaxu construíram suas forças pacientes para este momento.

*Chegamos ao nosso momento, ó Profeta!*

Ele via a cidade que jazia abaixo de sua janela alta como um símbolo, um marco poderoso na página do desenvolvimento tleilaxu. Outros planetas tleilaxu, outras grandes cidades, interligadas, interdependentes e com aquela submissão ao seu Deus e à sua cidade, esperando o sinal que todos sabiam que logo viria. A força

combinada dos Dançarinos Faciais e dos masheikhs comprimiram seus poderes naquela preparação para o salto cósmico. Os milênios de espera chegavam ao fim.

Waff considerava aquilo como “o longo começo”.

Sim. Ele assentiu para si mesmo enquanto fitava a cidade subserviente. Desde o começo, desde a semente infinitesimal de uma ideia, os líderes dos Bene Tleilax compreenderam os perigos de um plano tão extenso, tão moroso, tão convoluto e sutil. Eles reconheceram que deveriam superar desastres iminentes, um após o outro, aceitar perdas acachapantes, submissões e humilhações. Tudo isso e muito mais faziam parte da construção de uma imagem particular dos Bene Tleilax. Durante aqueles milênios de aparência falsa, eles haviam criado um mito.

– Os vis, detestáveis e sujos Tleilaxu! Os estúpidos Tleilaxu! Os previsíveis Tleilaxu! Os impetuosos Tleilaxu!

Até mesmo os seguidores do Profeta haviam se tornado presas desse mito. Uma Oradora Peixe capturada estivera exatamente naquela sala e gritara com um Mestre tleilaxu:

– O fingimento duradouro cria uma realidade! Vocês são realmente vis!

Então, eles a mataram e o Profeta nada fez.

Quão pouco todos aqueles mundos e povos alienígenas entendiam a moderação dos Tleilaxu. Impetuosidade? Deixe-os reconsiderarem depois que Bene Tleilax demonstrasse quantos milênios eles foram capazes de esperar para sua própria ascendência.

– Spannungsbogen!

Waff deixou a antiga palavra rolar por sua língua: *a envergadura do arco!* O quanto se tensiona o arco para trás antes de disparar a flecha. Essa flecha penetraria fundo!

– Os masheikhs esperaram mais que quaisquer outros – sussurrou Waff. Ele ousou pronunciar a palavra para si mesmo do alto de sua torre: – Masheikh.

Os telhados abaixo dele cintilavam à medida que o sol se levantava. Ele ouvia a agitação da vida da cidade. Os odores agridoces dos Tleilaxu pairavam no ar, subindo até sua janela. Waff respirou fundo e a fechou.

Ele se sentiu renovado por aquele momento de observação solitária. Afastando-se da janela, vestiu o alvo manto khilat de honra, para o qual todos os domel eram obrigados a se curvar. O manto cobria totalmente seu corpo diminuto, dando a ele a distinta sensação de que, na verdade, trajava uma armadura.

#### *A armadura de Deus!*

– Somos o povo de Yaghist – ele lembrara seus conselheiros logo na noite anterior. – Todo o resto são fronteiras. Promovemos o mito de nossa fraqueza e práticas malignas durante esses milênios com apenas um propósito. Até mesmo as Bene Gesserit acreditam!

Sentados na sagra profunda e sem janelas, com seu escudo não sala, seus nove conselheiros sorriram em apreciação silenciosa de suas palavras. Sob o julgamento de ghufran, eles sabiam. O palco sobre o qual os Tleilaxu determinavam seu próprio destino sempre fora o kehl, com o direito de ghufran.

Era apropriado que até mesmo Waff, o mais poderoso de todos os Tleilaxu, não fosse autorizado a deixar seu planeta nem ter seu retorno permitido sem se submeter ao ghufran, implorando perdão pelo contato com os pecados inconcebíveis dos alienígenas. Caminhar entre os powindahs poderia macular até o mais poderoso. Os khasadars que policiavam todas as fronteiras tleilaxu e guardavam os selamliks das mulheres estavam certos em desconfiar inclusive de Waff. Sim, ele era do povo e do kehl, mas

devia prová-lo toda vez que deixasse e retornasse ao solo pátrio, como também a cada vez que adentrasse o selamlik para a distribuição de seu esperma.

Waff caminhou até seu espelho alongado e inspecionou a si próprio e ao manto. Ele sabia que, para os powindahs, aparentaria ser como uma figura de contos de fadas, mal chegando a um metro e meio de altura. Olhos, cabelos e pele se revelavam em tons de cinza, apenas um palco para o rosto oval, com sua boca pequena e a linha de dentes afiados. Um Dançarino Facial seria capaz de imitar suas características e sua postura, podia se dissimular sob o comando de um masheikh, mas nenhum masheikh ou khasadar seria enganado. Somente os powindahs seriam ludibriados.

À exceção das Bene Gesserit!

Esse pensamento fez com que seu rosto se franzisse. Bem, as bruxas ainda teriam de se deparar com os novos Dançarinos Faciais.

*Povo algum jamais controlou a linguagem genética como os Bene Tleilax, ele repetiu a si mesmo. Estamos certos em chamar esse controle de “a linguagem de Deus”, porque o próprio Deus lhes conferira aquele imenso poder.*

Waff foi até a porta e esperou pelo sino matinal. Não havia maneira de descrever a riqueza das emoções que sentia naquele momento, ele pensou. O tempo se desdobrava para ele. Não questionara por que apenas os Bene Tleilax ouviram a verdadeira mensagem do Profeta. Eram os desígnios de Deus e, naquele caso, o Profeta havia sido o Braço de Deus, digno de respeito como Mensageiro de Deus.

*O Senhor os preparou para nós, Ó Profeta.*

O ghola em Gammu, aquele ghola àquela hora, fizera valer a pena toda a espera.

O sino matinal soou e Waff saiu para o corredor, encontrou-se com outras figuras em mantos brancos que ali adentravam e foi até a sacada leste para saudar o sol. Como Mahai e Abdl de seu povo, ele agora podia se identificar com todos os Tleilaxu.

*Somos os juristas da Shariat, os últimos de nossa espécie no universo.*

Ele não podia revelar a ninguém fora das câmaras seladas de seus irmãos-malik tal pensamento secreto, mas sabia que, naquele instante, este era compartilhado por todas as mentes ao redor dele e que as maquinações de tal pensamento eram igualmente visíveis tanto no masheikh, no domel e no Dançarino Facial. O paradoxo dos laços de consanguinidade e o senso de identidade social que permeava o kehl, desde o masheikh até o mais reles domel, não eram um paradoxo para Waff.

*Servimos ao mesmo Deus.*

Um Dançarino Facial disfarçado de domel se curvou e abriu as portas da sacada. Waff, saindo ao encontro da luz do sol com seus diversos companheiros ao redor, sorriu ao reconhecer o Dançarino Facial. *Ainda um domel!* Era uma piada entre parentes, mas os Dançarinos Faciais não eram parentes. Eram criações, ferramentas, exatamente como o ghola em Gammu era uma ferramenta, totalmente projetada com a linguagem de Deus falada apenas pelos masheikhs.

Com os outros se pressionando junto a ele, Waff reverenciou o sol. Ele proferiu o brado de Abdl e o ouviu ecoar pelas vozes incontáveis dos recônditos mais ermos da cidade.

– O sol não é Deus! – gritou ele.

Não, o sol era apenas um símbolo da misericórdia e dos poderes infinitos de Deus; outra criação, outra ferramenta. Sentindo-se purificado pela sua passagem pelo ghufan na noite anterior,



renovado pelo ritual matutino, agora Waff era capaz de pensar com clareza sobre sua viagem aos lugares dos powindahs, a qual tornara o ghufuran necessário. Outros adoradores abriam caminho diante de Waff enquanto ele voltava pelos corredores internos e atravessava a passagem deslizante que o conduziu ao jardim central, onde ele pedira que seus conselheiros o encontrassem.

*Foi uma incursão bem-sucedida entre os powindahs*, pensou ele.

Todas as vezes em que deixara os mundos internos dos Bene Tleilax, Waff se sentira em um lashkar, um destacamento de guerra buscando a vingança final, a qual seu povo secretamente nomeara de Bodal (sempre com a inicial em maiúsculo e sempre a primeira coisa reafirmada no ghufuran ou kehl). Esse lashkar mais recente fora altamente refinado e bem-sucedido.

Waff saiu da passagem, emergindo em um jardim central banhado em luz solar, graças aos refletores prismáticos localizados nos telhados ao redor. Uma pequena fonte ressoava uma fuga visual no centro de um círculo de cascalho. Em uma das laterais, uma cerca baixa de estacas rodeava um gramado bem cortado, um espaço próximo o bastante à fonte para que o ar fosse umidificado, mas não tão próximo que o ruído da água fosse capaz de abafar uma conversa em tom baixo. Ao redor da grama cercada, dez bancos estreitos feitos de plástico antigo estavam dispostos; nove deles formando um semicírculo em frente ao décimo banco, um pouco mais afastado.

Detendo-se na beira do espaço gramado, Waff relanceou ao seu redor, perguntando-se por que em toda sua vida jamais sentira um prazer tão intenso ao se deparar com aquele lugar. O azul-escuro dos bancos era intrínseco ao material. Séculos de uso desgastaram os bancos em curvas suaves ao longo do descanso dos braços e no

lugar onde inúmeras nádegas haviam se instalado, mas a cor era tão forte nas partes desgastadas quanto nas outras áreas do banco.

Waff se sentou, de frente para seus nove conselheiros, reunindo as palavras as quais ele sabia que precisaria usar. Com efeito, o documento que ele trouxera de volta de seu último lashkar, o propósito verdadeiro daquela excursão, viera na melhor hora possível. A identificação sobre ele, bem como seu teor, carregavam uma mensagem poderosa para os Tleilaxu.

De um bolso interno, Waff removeu o maço fino de cristal riduliano. Ele notou o interesse desperto dos conselheiros: nove rostos similares a ele mesmo, masheikhs do mais secreto círculo kehl. Todos transpareciam expectativa. Eles haviam lido o documento no kehl: “O Manifesto Atreides”. Passaram uma noite em reflexão sobre a mensagem do manifesto. Agora, as palavras deveriam ser confrontadas. Waff repousou o documento em seu colo.

– Proponho divulgar essas palavras para todos os confins – disse Waff.

– Sem alterações? – Foi Mirlat quem indagou, o conselheiro mais próximo da transformação-ghola dentre eles. Mirlat, sem dúvida, aspirava a Abdl e Mahai. Waff se concentrou nas mandíbulas largas do conselheiro, onde a cartilagem se desenvolvera ao longo dos séculos como marca visível da idade longa de seu corpo.

– Exatamente como chegou a nossas mãos – disse Waff.

– Perigoso – observou Mirlat.

Waff virou a cabeça para a direita, seu perfil semelhante ao de uma criança delineado contra a fonte, para que todos os conselheiros o observassem. *A mão de Deus está a minha direita!* O céu acima dele era de um tom de cornalina polida, como se Bandalong, a cidade mais antiga dos Tleilaxu, fora construída

debaixo de uma daquelas redomas artificiais gigantes erigidas para proteger os desbravadores em planetas mais áridos. Quando voltou sua atenção a seus conselheiros, as feições de Waff permaneceram suaves.

– Não é perigoso para nós – disse ele.

– Uma questão de opinião – retrucou Mirlat.

– Então vamos considerar opiniões – contrapôs Waff. – Há motivos para temermos a Ix ou às Oradoras Peixe? De fato, não há. Ambas já estão do nosso lado, embora ainda não o saibam.

Waff deixou que os outros absorvessem aquelas palavras; todos sabiam que os novos Dançarinos Faciais haviam se instalado nos mais altos conselhos de Ix e das Oradoras Peixe, com disfarces incólumes.

– A Guilda não divergirá nem se oporá a nós, porque somos sua única fonte segura de mélange – continuou Waff.

– E quanto a essas Honoráveis Matres que retornam da Dispersão? – demandou Mirlat.

– Lidaremos com elas quando for necessário que o façamos – respondeu Waff. – E teremos ajuda dos descendentes de nosso próprio povo, que foram embora voluntariamente durante a Dispersão.

– O tempo de fato parece oportuno – murmurou um dos conselheiros.

Foi Torg, o Jovem, quem falou, Waff notou. Bom. Um voto estava seguro.

– As Bene Gesserit! – Mirlat se deu conta.

– Creio que as Honoráveis Matres removerão essas bruxas de nosso caminho – respondeu Waff. – Elas já estão rugindo umas contra as outras, como animais em uma arena.

– E se o autor desse manifesto for identificado? – perguntou Mirlat. – O que faremos?

Várias cabeças assentiram entre os conselheiros. Waff tomou nota de todas elas: pessoas que deviam ser convencidas.

– É perigoso ser chamado de Atreides nesta época – completou ele.

– Exceto, talvez, em Gammu – disse Mirlat. – E o nome Atreides está assinado naquele documento!

*Que estranho*, pensou Waff. Os representantes da CHOAM na conferência powindah que o afastara dos planetas internos de Tleilax haviam enfatizado exatamente esse ponto. Contudo, a maioria do pessoal da CHOAM era formada por ateus secretos, que consideravam todas as religiões suspeitas e os Atreides, com certeza, foram uma potente força religiosa. As preocupações da CHOAM eram óbvias.

Waff recontou essa reação da CHOAM naquele momento.

– Esses mercenários amaldiçoados da CHOAM estão certos – insistiu Mirlat. – Esse documento é traiçoeiro.

*Terei de dar um jeito em Mirlat*, pensou Waff. Ele levantou o manifesto de seu colo e leu a primeira linha em voz alta.

– No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus.

– Diretamente da Bíblia Católica de Orange – disse Mirlat. Mais uma vez, cabeças assentiram, concordando em preocupação.

Waff mostrou as pontas dos caninos em um sorriso lacônico.

– Você sugere que existam pessoas entre os powindahs que suspeitem da existência da Shariat ou dos masheikhs?

Trazia alívio declarar essas palavras abertamente, lembrando aos ouvintes que apenas ali, dentro o círculo mais íntimo dos Tleilaxu, preservavam-se as antigas palavras e o antigo idioma sem

quaisquer alterações. Será que Mirlat ou qualquer um dos outros temia que termos Atreides fossem capazes de subverter a Shariat?

Waff apresentou essa questão também, e percebeu as expressões preocupadas.

– Existe alguém entre vocês – perguntou Waff –, que acredita que um único powindah saiba como usamos a palavra de Deus?

*Pronto! Deixe que eles pensem naquilo!* Cada um dos presentes fora despertado repetidas vezes em carne gholat. Havia uma continuidade carnal naquele Conselho que nenhum outro povo atingira. Mirlat vira o Profeta em pessoa, com seus próprios olhos. Scytale falara com Muad'Dib! Aprendendo como a carne podia ser renovada e as memórias restauradas, eles haviam concentrado tal poder em um governo único, cuja potência permanecia confinada, de forma que não fosse demandada em toda parte. Apenas as bruxas possuíam um repositório similar do qual extrair experiências, e elas se moviam com precaução, aterrorizadas pela ideia de produzirem outro Kwisatz Haderach!

Waff repetiu esses fatos aos conselheiros, adicionando:

– Chegou a hora de agir.

Como ninguém discordou, Waff prosseguiu:

– Esse manifesto tem um autor único. Todas as análises estão de acordo. Mirlat?

– Escrito por uma pessoa e que é um Atreides verdadeiro, sem dúvida – concordou Mirlat.

– Todas as conferências powindah afirmaram o mesmo – disse Waff. – Até mesmo um piloto de terceiro grau da Guilda concorda.

– Mas tal pessoa produziu algo que incita reações violentas entre diversos povos – argumentou Mirlat.

– Alguma vez você questionou o talento dos Atreides para a cizânia? – perguntou Waff. – Quando os powindahs me mostraram

esse documento, logo soube que Deus nos mandara um sinal.

– As bruxas ainda negam a autoria? – perguntou Torg, o Jovem.

*Quão cautelosamente apto ele é?*, pensou Waff.

– Cada religião powindah é questionada nesse manifesto – disse Waff. – Toda fé, exceto a nossa, é abandonada no limbo.

– Esse é exatamente o problema! – destacou Mirlat.

– Apenas nós sabemos disso – disse Waff. – Quem mais seria capaz de ao menos suspeitar da existência da Shariat?

– A Guilda – respondeu Mirlat.

– Eles nunca se pronunciaram sobre isso e jamais o farão. Sabem qual será nossa resposta.

Waff ergueu o maço de seu colo e mais uma vez leu em voz alta:

– Forças que não podemos compreender permeiam nosso universo. Percebemos as sombras de tais forças quando elas são projetadas sobre uma tela disponível a nossos sentidos, mas não conseguimos entendê-las.

– O Atreides que escreveram isso conheciam a Shariat – balbuciou Mirlat.

Waff continuou a leitura como se a interrupção não tivesse ocorrido:

– A compreensão requer palavras. Algumas coisas não podem ser reduzidas a palavras. Existem coisas que só podem ser experimentadas sem palavras.

Como se manuseasse uma relíquia sagrada, Waff retornou o documento a seu colo. Com suavidade, para que seus ouvintes fossem obrigados a se curvar na direção dele (alguns até mesmo colocaram uma das mãos em concha ao redor da orelha), Waff continuou:

– Isso diz que nosso universo é mágico. Diz que todas as formas arbitrárias são transitórias e sujeitas a mudanças mágicas. A ciência

nos levou a essa interpretação como se nos colocasse em um trilho do qual não pudéssemos ser desviados.

Ele permitiu que essas palavras inflamasse os ouvintes por um momento e em seguida completou:

– Nenhum sacerdote rakiano do Deus Dividido nem qualquer outro charlatão powindah pode aceitar isso. Apenas nós sabemos disso porque nosso Deus é um Deus mágico, cujo idioma nós falamos.

– Seremos acusados da autoria do documento – disse Mirlat. Logo depois que falou, sacudiu repentinamente a cabeça de um lado para o outro. – Não! Eu entendo. Entendo o que você quer dizer.

Waff permaneceu em silêncio. Ele percebia que todos refletiam suas origens sufi, recordando a Grande Crença e o ecumenismo zen-sunita que dera origem aos Bene Tleilax. O povo desse kehl conhecia os fatos elencados por Deus sobre as suas origens, mas o segredo mantido por gerações assegurava que nenhum powindah partilhasse desse conhecimento.

As palavras fluíram silenciosamente pela mente de Waff: *“Premissas baseadas em compreensão contêm a crença em um terreno absoluto, do qual todas as coisas brotam como plantas crescendo de sementes”*.

Sabendo que seus conselheiros também recordavam o catecismo da Grande Crença, Waff os lembrou da admoestação zen-sunita:

– Por trás de tais premissas jaz uma fé nas palavras que os powindahs não questionam. Apenas a Shariat questiona e o fazemos de maneira silenciosa.

Seus conselheiros assentiram em uníssono.

Waff inclinou a cabeça ligeiramente e continuou:

– O ato de afirmar que existem coisas impossíveis de ser descritas em palavras estremece um universo onde palavras são a crença suprema.

– Veneno powindah! – os conselheiros bradaram.

Ele agora os tinha a todos em suas mãos e arrematou sua vitória perguntando:

– Qual é o credo sufi-zen-sunita?

Eles não podiam responder, mas todos refletiram sobre a questão: *para alcançar s'tori é necessário não compreender. S'tori existe sem palavras, sem nem mesmo um nome.*

Depois de um instante, todos fitaram para cima e trocaram olhares. Mirlat assumiu a responsabilidade de recitar o voto tleilaxu:

– Posso dizer “Deus”, mas esse não é meu Deus. É apenas um som, não mais poderoso do que qualquer outro som.

– Agora vejo que todos vocês pressentem o poder que caiu em nossas mãos por meio desse documento – disse Waff. – Milhões e milhões de cópias já estão circulando entre os powindah.

– Quem é responsável por isso? – perguntou Mirlat.

– Quem se importa? – Waff retrucou. – Deixe que os powindahs os cacem, procurem sua origem e que tentem suprimi-los, pregando contra eles. A cada uma dessas ações, os powindahs instilam mais poder a essas palavras.

– Não devíamos pregar contra essas palavras também? – indagou Mirlat.

– Apenas se a ocasião assim o exigir – disse Waff. – Veja bem! – Ele bateu os papéis contra seus joelhos. – Os powindah restringiram suas percepções conscientes ao propósito mais estrito e essa é sua fraqueza. Devemos assegurar que esse manifesto tenha a maior circulação possível.



– A mágica de nosso Deus é nossa única ponte – entoaram os conselheiros.

Todos eles haviam retornado à segurança central de sua fé, observou Waff. Tinha sido fácil obter tal resultado. Nenhum masheikh partilhava da estupidez powindah que se lamuriava: “em Vossa Infinita graça, Senhor, por que eu?”. Em uma sentença, os powindahs invocavam a infinidade e a negavam sem conseguir observar sua tolice.

– Scytale – disse Waff.

O mais jovem e com o rosto mais infantil dos conselheiros, sentado na extrema esquerda, como lhe era apropriado, inclinou-se para a frente rapidamente.

– Arme os fiéis – ordenou Waff.

– Admira-me que um Atreides nos tenha dado essa arma – disse Mirlat. – Como pode ser explicado que os Atreides sempre se aliem a um ideal que atraia milhões de seguidores?

– Não são os Atreides, é Deus – disse Waff. Ele então levantou seus braços e pronunciou o ritual de encerramento: – Os masheikhs se encontraram em kehl e sentiram a presença do seu Deus.

Waff cerrou os olhos e esperou que os outros se fossem. *Masheikh!* Como era bom nomear a si próprios em kehl, usando o idioma do islamiyat, o qual nenhum Tleilaxu falava fora de seus próprios conselhos secretos; nem mesmo o usavam com os Dançarinos Faciais. Em nenhum lugar no Wekht de Jandola, nem nos recantos mais longínquos do Yaghist tleilaxu, existia um powindah vivente que conhecesse aquele segredo.

*Yaghist*, pensou Waff, levantando do banco. *Yaghist, a terra dos desgovernados.*

Ele imaginou que podia sentir o documento vibrando em sua mão. Esse Manifesto Atreides era exatamente o tipo de coisa que a

massa dos powindah seguiria até sua ruína.



## **Alguns dias são mélange; alguns dias são areia amarga.**

### **– Aforismo rakiano**

Em seu terceiro ano com os sacerdotes de Rakis, a garota Sheeana se deitou sobre uma duna alta e curva. Fitou o horizonte da manhã, onde uma fricção estrondosa e colossal podia ser ouvida. A luz era de um tom prateado fantasmagórico que congelava o horizonte com uma névoa diáfana. O frio da noite ainda jazia na areia.

Ela sabia que os sacerdotes a observavam, seguros em sua torre cercada de água, cerca de dois quilômetros atrás dela, mas isso pouco a preocupava. O tremor da areia abaixo de seu corpo exigia toda sua atenção.

*É um dos grandes, pensou ela. Setenta metros, pelo menos. Um belo e grande espécime.*

Ela sentia a lisura e maciez do trajestilador cinzento contra sua pele. Ele não tinha nenhum dos remendos abrasivos do antigo traje de segunda mão que ela usara antes que os sacerdotes a acolhessem. Sheeana se sentia agradecida pelo trajestilador de boa qualidade e pelo manto grosso em branco e púrpura que o cobria, mas, acima de tudo, ela sentia a empolgação de estar ali. Algo rico e perigoso ocupava seu âmago em momentos como aquele.

Os sacerdotes não entendiam o que se passava ali. Ela sabia. Eles eram covardes. Sheeana voltou seus olhos sobre os ombros, na direção da torre distante e distinguiu o sol cintilando nas lentes.

Uma criança precoce de onze anos-padrão, delgada e com a pele escura, o cabelo castanho queimado pelo sol, ela podia

visualizar com clareza o que os sacerdotes viam através de suas lentes espiãs.

*Eles me observam enquanto faço aquilo que eles não se arriscam a fazer. Eles me veem no caminho de Shaitan. Pareço diminuta na areia e Shaitan aparenta ser enorme. Eles já conseguem vê-lo.*

Pelo barulho estridente, ela sabia que também logo veria o verme gigante. Sheeana não pensou no monstro que se aproximava como Shai-hulud, o Deus das areias, algo que os sacerdotes entoavam todas as manhãs, como forma de culto à pérola de consciência de Leto II, que jazia encapsulada em cada um dos senhores multianelados do deserto. Ela pensava nos vermes mais como “aqueles que me pouparam”, ou como Shaitan.

Agora, eles pertenciam a ela.

Era um relacionamento que começara pouco mais de três anos atrás, durante o mês de seu aniversário de oito anos, o mês Igat, de acordo com o calendário antigo. O vilarejo onde ela nascera era pobre, um empreendimento pioneiro construído bem afastado de barreiras mais seguras, como os qanats e os canais circulares de Kina. Apenas um fosso de areia úmida guardava tais assentamentos pioneiros. Shaitan evitava a água, mas os vetores de trutas da areia destruíram a área molhada com rapidez. A umidade preciosa capturada por captadores de vento tinha de ser despendida todo dia para renovar a barreira. O vilarejo de Sheeana era um triste amontoado de barracos e choupanas com dois pequenos captadores de vento, adequados para água potável, mas com um mísero excedente esporádico que podia ser usado na barreira contra os vermes.

Naquela manhã (muito parecida com esta manhã atual, com o frio cortante da noite no nariz e pulmões dela e com o horizonte

cingido por uma névoa fantasmagórica) a maioria das crianças da cidade se espalhou pelo deserto, em busca de pequenos fragmentos de mélange, os quais por vezes Shaitan deixava no rastro de sua passagem. Dois grandes vermes foram ouvidos passando nos arredores durante a noite. Mélange, mesmo ao preço deflacionado moderno, era capaz de colaborar na compra de tijolos esmaltados para instalar um terceiro captador de vento.

Cada criança não buscava apenas especiaria, mas também procurava por sinais que revelassem uma das antigas fortalezas sietch dos fremen. Naquela época havia apenas ruínas desses lugares antigos, mas as barreiras de rocha forneciam uma segurança maior contra Shaitan. Alguns dos vestígios de lugares sietch tinham a reputação de conter reservas perdidas de mélange. Todos os habitantes do vilarejo sonhavam com tais descobertas.

Sheeana, vestindo seu trajestilador remendado e seu manto fino, saía sozinha para o nordeste, na direção do monte de ar enfumaçado e distante que indicava a grande cidade de Kina, com sua riqueza de umidade pairando nas brisas aquecidas pelo sol.

Caçar migalhas de mélange na areia era, em grande parte, uma questão de prestar atenção às suas narinas. Era uma forma de concentração que deixava apenas alguns fragmentos de sua percepção sintonizados à fricção na areia que indicava a chegada de Shaitan. Os músculos da perna se moviam de forma automática na caminhada sem ritmo que se misturava aos sons naturais do deserto.

Em um primeiro momento, Sheeana não ouviu o grito. Ele se ajustou intimamente com a fricção irregular da areia soprada pelo vento por sobre os barrancos que ocultavam a cidade de sua vista. O som penetrou sua consciência vagarosamente e só então demandou sua atenção.

*Muitas vozes gritando!*

Sheeana abandonou a precaução do deserto de caminhar sem ritmo. Movendo-se tão rápido quanto seus músculos pueris conseguiam suportar, ela subira pela encosta curva do barranco e procurou com o olhar a direção daquele som aterrorizante. Ela chegou a tempo de ver aquilo que havia interrompido o último dos gritos.

O vento e as trutas da areia secaram um largo trecho da barreira no extremo oposto do vilarejo. Ela percebera a fenda pela diferença de cor. Um verme selvagem penetrara pela abertura. Ele circulava no interior da umidade restante. A boca sombreada pelas chamas tragava pessoas e choupanas em círculo rápido e constritivo.

Sheeana vira os últimos sobreviventes amontoados no centro daquela destruição, um espaço onde já não restava nenhuma choupana grosseira e com os restos dos captadores de vento tombados. Mesmo enquanto ela observava, algumas pessoas tentavam fugir para o deserto. Sheeana reconhecera seu pai entre os corredores frenéticos. Nenhum escapara. A boca gigantesca engoliu todos antes de se virar para nivelar o que sobrara do vilarejo.

Nada restara além da areia fumegante daquele insignificante vilarejo que ousara clamar um trecho dos domínios de Shaitan. O lugar onde ficava o vilarejo estava desprovido de qualquer marca de habitação humana, exatamente como era antes de os moradores chegarem.

Sheeana inspirou de forma ofegante, inalando pelo nariz para preservar a umidade de seu corpo, como qualquer criança esperta do deserto faria. Ela esquadrinhara o horizonte buscando algum sinal das outras crianças, mas a trilha de Shaitan deixara curvas e laçadas por todo o extremo oposto do vilarejo. Não havia humano

alguém à vista. Ela gritara, um grito agudo que cruzaria através do ar seco. Ela não obteve qualquer resposta.

*Sozinha.*

Ela se moveu como se estivesse em transe, ladeando o cume da duna em direção ao lugar onde ficava o vilarejo. Ao se aproximar do local, o odor de uma grande onda de canela preencheria suas narinas, carregado pelo vento que ainda empoeirava o topo das dunas. Ela compreendeu, então, o que acontecera. O vilarejo era situado desastrosamente sobre uma massa pré-especiaria. Quando a grande reserva afundada na areia chegou à fruição, expandindo-se em uma explosão de mélange, Shaitan viera. Todas as crianças sabiam que Shaitan não conseguia resistir a uma explosão de especiaria.

Raiva e desespero selvagem começaram a tomar conta de Sheeana. De forma impensada, ela correria duna abaixo, na direção de Shaitan, surgindo atrás do verme no momento em que ele se virava através do lugar seco pelo qual entrara no vilarejo. Sem considerar sua ação, ela disparara ao lado da cauda, agarrara-se a ela e correria para frente ao longo das costas aneladas gigantescas. Na corcova atrás da boca da criatura, Sheeana se agachara e batera com os punhos contra a superfície dura.

O verme parara.

A raiva dela rapidamente se convertera em terror. Sheeana parou de golpear o verme. Só então ela percebera que estivera gritando. Uma sensação de exposição solitária tomara conta dela. Ela não sabia como havia chegado ali. Sabia apenas onde estava e isso a deixara com a agonia do medo.

O verme continuara em repouso na areia.

Sheeana não sabia o que fazer. A qualquer momento, o verme podia rolar sobre si mesmo e esmagá-la, ou podia submergir na



areia, deixando-a na superfície para ser engolida a seu bel-prazer.

De maneira abrupta, um longo tremor percorreu a extensão do verme, desde sua cauda até a posição de Sheeana, atrás da boca. O verme começara a se mover para frente. Depois, descrevera um grande arco e ganhara velocidade, a caminho da direção nordeste.

Sheena se inclinara para frente e agarrara a borda principal de uma crista anelada das costas do verme. Ela temera que a qualquer segundo ele deslizasse para baixo da areia. E então, o que ela faria? Contudo, Shaitan não submergiu. Conforme os minutos se passaram sem qualquer desvio daquela passagem linear e veloz pelas dunas, Sheeana percebera que sua mente voltara a trabalhar. Ela tinha informações sobre montarenar. Os sacerdotes do Deus Dividido o haviam proibido, mas as histórias, tanto escritas quanto orais, contavam que os fremen montarenavam nos tempos antigos. Os fremen permaneciam em cima do topo das costas de Shaitan, apoiados em hastes delgadas com as pontas em forma de gancho. Os sacerdotes decretaram que aquilo fora feito antes que Leto II compartilhasse Sua consciência com o Deus do deserto. Agora, nada que aviltasse os fragmentos dispersos de Leto II era permitido.

Com uma velocidade que a deixara atônita, o verme carregara Sheeana na direção da forma enevoadada e ofuscante de Kina. A cidade grande jazia feito miragem no horizonte distorcido. O manto puído de Sheeana chicoteava contra a superfície fina de seu trajestilador remendado. Os dedos dela ardiam no lugar em que ela se agarrara à borda principal do anel gigante. O odor de canela, rocha queimada e ozônio oriundos da troca de calor do verme a cercou com o deslocamento do vento.

Kina começara a ganhar definição à frente dela.

*Os sacerdotes vão me ver e ficarão furiosos, pensou ela.*

Ela identificara a estrutura baixa de tijolos que marcava a primeira linha de qanats e, além deles, a curva cilíndrica e fechada de um aqueduto de superfície. Acima dessas estruturas elevavam-se as paredes de jardins suspensos e os perfis altos de captadores de vento gigantes e, logo depois, o complexo do templo dentro de suas próprias barreiras d'água.

Um dia de marcha através da amplidão da areia em pouco menos de uma hora!

Seus pais e vizinhos do vilarejo haviam feito essa viagem inúmeras vezes, para negociar e participar das danças, mas Sheeana os acompanhara somente duas vezes. Ela se lembrava em particular da dança e da violência que se seguia. O tamanho de Kina a enchia de espanto. Tantos prédios! Tantas pessoas! Shaitan não podia causar mal a um lugar como aquele.

Entretanto, o verme mergulhava em linha reta, como se fosse passar por cima do qanat e do aqueduto. Sheeana olhara fixamente para a cidade, assomando cada vez mais alta diante de si. O fascínio derrotou o terror. Shaitan não iria parar!

O verme se refreou e parou.

Os respiradouros da superfície tubular do qanat jaziam não mais que cinquenta metros diante da boca escancarada do verme. Ela sentira o odor das exalações quentes de canela, ouvira os estrondos profundos da fornalha interior de Shaitan.

Tornara-se aparente para ela que sua jornada terminara. Lentamente, Sheeana soltara a mão do anel. Ela permanecera imóvel, à espera de que, em algum momento, o verme recomeçasse sua marcha. Shaitan também ficara impassível. Movendo-se com cautela, ela deslizara das alturas e caíra na areia. Ela ficara ali. Será que agora ele se moveria? Ela considerara correr para o qanat, mas esse verme a deixara fascinada. Escorregando e deslizando na

areia remexida, Sheeana circulara o verme até a frente e olhara para a boca aterrorizadora. Dentro da moldura de dentes de cristal, chamas rolavam para a frente e para trás. Uma expiração ardente de odores de especiaria a arrebatou.

A loucura daquela primeira arrancada duna abaixo e para cima do verme voltara a Sheeana.

– Shaitan maldito! – ela gritara, balançando um punho fechado em frente à boca terrível. – O que nós fizemos contra você?

Aquelas foram as palavras que ela ouvira sua mãe pronunciar durante a destruição de uma horta de tubérculos. Nenhuma parte da percepção de Sheeana questionara aquele nome, Shaitan, nem a fúria de sua mãe. Ela fazia parte dos baixios mais pobres, do estrato social rakiano mais inferior e ela sabia disso. Seu povo acreditava primeiro em Shaitan, depois em Shai-hulud. Vermes eram vermes e muitas vezes eram bem piores. Não havia justiça no deserto profundo. Apenas perigo se ocultava ali. A pobreza e o medo dos sacerdotes podiam levar o povo dela para as dunas perigosas, mas ainda assim eles se moveriam com a mesma persistência embebida em ódio que movera os fremen.

Daquela vez, entretanto, Shaitan vencera.

Aquilo adentrara na percepção de Sheeana de tal forma que ela entrara no caminho mortal. Seus pensamentos, ainda não completamente formados, reconheciam apenas que ela cometera uma loucura. Anos depois, quando os ensinamentos da Irmandade arrebanharam sua consciência, ela perceberia que fizera aquilo para superar o terror da solidão. Ela desejara que Shaitan a levasse para a companhia de seus mortos.

Um som de fricção veio de debaixo do verme.

Sheeana suprimiu um grito.

Começando devagar e depois acelerando, o verme recuava vários metros. Ao longe, ele se virava e ganhava velocidade seguindo paralelo à trilha gêmea que criara vindo do deserto. A fricção sonora de sua passagem diminuía com a distância. Sheeana tomou ciência de outro som. Ela levantava o olhar para o céu. As pancadas fortes de um ornitóptero clerical avançaram sobre ela, varrendo-a com sua sombra. A aeronave cintilava sob o sol da manhã, enquanto seguia o verme no deserto.

Sheeana, então, sentiu um medo mais familiar.

*Os sacerdotes!*

Ela mantivera seu olhar no tóptero. Ele pairava a distância, depois retornava até pousar com delicadeza sobre um trecho de areia aplainada pelo verme, próximo a ela. Ela podia sentir o cheiro dos lubrificantes e a acidez nauseante do combustível do tóptero. A coisa se parecia com um inseto gigante aninhado na areia, esperando para dar um bote sobre ela.

Uma escotilha se abria.

Sheeana jogou os ombros para trás e defendeu seu território. Muito bem; eles a haviam pegado. Ela sabia o que esperar naquele momento. Fugir não adiantaria de nada. Apenas os sacerdotes usavam tópteros. Eles iam a qualquer lugar e viam tudo.

Dois sacerdotes vestidos de maneira suntuosa, seus trajes todos em ouro e branco com a bainha púrpura, emergiram e correram na direção dela por sobre a areia. Eles se ajoelharam à frente de Sheeana, tão próximos a ela que a menina foi capaz de sentir o suor e o odor almiscarado do incenso de mélange que permeavam suas roupas. Eram jovens, mas se pareciam com todos os sacerdotes que ela conhecera: traços suaves, mãos bem tratadas, descuidados sobre a perda de umidade. Nenhum deles usava um trajestilador sob suas roupas.

O sacerdote da esquerda fixou os olhos nos de Sheeana e falou:

– Filha de Shai-hulud, nós vimos seu Pai trazê-la dos Seus domínios.

As palavras não fizeram sentido para Sheeana. Sacerdotes eram homens que deviam ser temidos. Os pais dela e todos os adultos que ela conhecera haviam insistido sobre isso, com o uso de palavras e ações. Sacerdotes possuíam ornitópteros. Sacerdotes a usariam para alimentar Shaitan em razão de pequenas infrações ou mesmo por nenhuma infração, simplesmente em razão de caprichos clericais. Seu povo tinha conhecimento de causa.

Sheeana recuara dos homens ajoelhados e relanceara ao redor. Para onde ela poderia correr?

Aquele que falara levantou a mão, em súplica:

– Fique conosco.

– Vocês são maus! – A voz de Sheeana vacilara com a emoção.

Ambos os sacerdotes foram ao chão, prostrando-se sobre a areia.

Ao longe, nas torres da cidade, lentes refletiam a luz do sol. Sheeana as notara. Ela sabia sobre aqueles lampejos. Os sacerdotes vigiavam as pessoas nas cidades. Caso se avistasse o brilho das lentes, esse era o sinal para se portar de modo imperceptível, para “ser bom”.

Sheeana entrelaçara as mãos diante de si para acalmar o tremor. Ela olhara os dois lados e depois para os sacerdotes prostrados. Havia algo de errado ali.

Com as cabeças sobre a areia, os dois sacerdotes estremeciam de medo e esperavam. Nenhum dissera palavra alguma.

Sheeana não sabia como responder. O impacto de suas experiências recentes não podia ser absorvido pela mente de uma criança de 8 anos de idade. Ela sabia que seus pais e todos os seus

vizinhos foram levados por Shaitan. Seus próprios olhos testemunharam. Shaitan a trouxera ali, recusando-se a tragá-la em fogos horrendos. Ela fora poupada.

Era uma palavra que ela compreendia. *Poupada*. Explicaram a ela quando aprendera a canção da dança.

*“Shai-hulud, poupe-nos!  
Leve Shaitan embora...”*

Lentamente, sem querer perturbar os sacerdotes prostrados, Sheeana começara os movimentos de arrastar os pés, naquela falta de ritmo da dança. Enquanto a lembrança da música crescia dentro dela, a menina soltara as mãos e abrira os braços de um lado ao outro. Seus pés se levantaram alto em movimentos solenes. Seu corpo girava, primeiro de maneira lenta e depois mais rapidamente conforme o êxtase da dança aumentava. Seu longo cabelo castanho esvoaçava ao redor de seu rosto.

Os dois sacerdotes ousaram levantar a cabeça. Aquela menina estranha estava realizando A Dança! Eles reconheceram os movimentos: A Dança da Propiciação. Ela pedia a Shai-hulud para perdoar seu povo. Ela pedia a Deus para *perdoá-los*!

Eles viraram a cabeça, trocando olhares e, juntos, voltaram a se ajoelhar. Ali, começaram a bater palmas no esforço tradicional para distrair a dançarina. Suas mãos se encontravam de maneira ritmada enquanto ambos entoavam as palavras ancestrais:

*“Nossos ancestrais comeram o maná do deserto,  
Nos lugares ardentes de onde vieram os ciclones!”*

Os sacerdotes excluíram tudo de sua atenção, exceto a criança. Ela era uma coisinha franzina, eles perceberam, com músculos rijos,

pernas e braços delgados. O manto e o trajestilador de Sheeana estavam gastos e remendados, como aqueles dos mais pobres. Suas maçãs do rosto eram altas e angulares, desenhando sombras por sobre a pele bronzeada. Ela tinha olhos castanhos, eles notaram. O sol avermelhado desenhara listras finas no cabelo dela. Havia em seus traços a aspereza daqueles que poupavam a água: nariz e queixos finos, testa ampla, a boca larga com lábios finos, o pescoço longo. Ela se parecia com os retratos dos fremen no Santo dos Santos, em Dar-es-Balat. Claro! A filha de Shai-hulud teria tal aparência.

Além disso, ela dançava bem. Nem o mais ínfimo ritmo facilmente replicável fazia parte dos movimentos. Havia ritmo, mas era de uma cadência longa e admirável, com movimentos de pelo menos cem passos. Ela continuou assim à medida que o sol se levantava cada vez mais alto. Era quase meio-dia antes que ela tombasse sobre a areia, exausta.

Os sacerdotes se levantaram e olharam ao longe, para o deserto, onde Shai-hulud seguira. Os passos da dança não O invocaram de volta. Eles haviam sido perdoados.

Foi assim que a nova vida de Sheeana começara.

Em seus próprios alojamentos por vários dias, os sacerdotes mais graduados se envolveram em discussões acaloradas sobre ela. Finalmente, trouxeram as disputas e os relatórios ao Sumo Sacerdote, Hedley Tuek. Eles se encontraram à tarde, dentro do Salão de Pequenas Convocações, Tuek e seis conselheiros sacerdotais. Murais de Leto II, uma face humana sobre uma gigante forma de verme, olhava para eles com benevolência.

Tuek se sentara em um banco de pedra que fora recuperado do Sietch no Desfiladeiro do Vento. Dizia-se que o próprio Muad'Dib

sentara naquele banco. Uma das pernas ainda exibia o entalhe de um gavião dos Atreides.

Seus conselheiros tomaram assento diante dele, em bancos modernos, de menor importância.

O Sumo Sacerdote era uma figura imponente; o sedoso cabelo grisalho fora penteado com suavidade até seus ombros. Era uma moldura adequada para o rosto quadrado com uma boca larga e lábios grossos, combinada ao queixo pesado. Os olhos de Tuek retinham o branco original circundando as pupilas em azul-escuro. Sobrancelhas espessas e desgrenhadas sombreavam seus olhos.

Os conselheiros compunham um grupo heterogêneo. Descendentes de antigas famílias clericais, cada um carregava em seu coração a crença de que os problemas se resolveriam de maneira mais fácil se *e/e* estivesse sentado no banco de Tuek.

Stiros, descarnado e com o rosto murcho, colocou-se à frente como o porta-voz da oposição.

– Ela não passa de uma pobre criança desgarrada e ela montarenou Shai-hulud. Isso é proibido e a punição é obrigatória.

Os outros responderam imediatamente:

– Não! Não, Stiros. Você entendeu errado. Ela não se posicionou sobre as costas de Shai-hulud como os fremen faziam. Ela não tinha ganchos ou...

Stiros tentou calá-los à base dos gritos.

Era um impasse. Tuek percebera; três contra três, com Umphrud, um hedonista gordo, como advogado de uma “aceitação cautelosa”.

– Ela não tinha qualquer forma de guiar o caminho de Shai-hulud – argumentou Umphrud. – Nós todos vimos como ela desceu até a areia, destemida, e quando conversou com Ele.

Sim, todos eles viram aquilo, no momento exato ou na holofoto que um observador cauteloso tirara. Criança desgarrada do deserto



ou não, ela confrontara Shai-hulud e conversara com Ele. Shai-hulud não a engolira. Não, de fato. O Verme-de-Deus recuara sob o comando da criança e retornara para o deserto.

– Nós a testaremos – concluíra Tuek.

Na manhã seguinte, bem cedo, um ornitóptero pilotado pela dupla de sacerdotes que a resgataram do deserto levou Sheeana para bem longe das vistas dos habitantes de Kina. Os sacerdotes levaram-na até o topo de uma duna e ali instalaram uma réplica meticulosa de um martelador fremen. Quando o dispositivo fora acionado, uma batida pesada ressoara através do deserto; a antiga invocação de Shai-hulud. Os sacerdotes correram para seu tóptero e esperaram lá no alto, enquanto Sheeana, aterrorizada, vivenciando seus piores medos, permanecera sozinha a cerca de vinte metros do martelador.

Dois vermes vieram. Eles não eram os maiores que os sacerdotes já haviam visto, com menos de trinta metros. Um deles engoliu o martelador e o silenciou. Juntos, os vermes circularam em trilhas paralelas e pararam lado a lado, a cerca de seis metros de Sheeana.

Ela ficara de pé, submissa, com os punhos cerrados ao lado do corpo. Isso era o que os sacerdotes faziam. Eles te deixavam como alimento para Shaitan.

A partir do tóptero que pairava no ar, os dois sacerdotes assistiam à cena com fascinação. Suas lentes transmitiam a cena aos observadores igualmente fascinados nos alojamentos do Sumo Sacerdote em Kina. Todos eles já haviam testemunhado eventos similares. Era uma punição padrão, uma forma conveniente de remover obstrucionistas da população ou do clero, ou de abrir um caminho para a aquisição de uma nova concubina. Porém, eles

nunca tinham visto uma criança sozinha como vítima. E uma criança como aquela!

Depois da primeira parada, os Vermes-de-Deus rastejaram para frente de forma lenta. Eles permaneceram imóveis uma vez mais, apenas a três metros de Sheeana.

Resignada ao seu destino, Sheeana não correria. Logo, ela pensaria, estaria com seus pais e amigos. Mas como os vermes continuaram imóveis, a raiva substituíra o terror. Os sacerdotes maus deixaram-na ali! Ela podia ouvir o tóptero sobre sua cabeça. O odor quente da especiaria vindo dos vermes preenchia o ar ao redor dela. De maneira abrupta, ela levantara a mão direita e apontara para o tóptero.

– Venham logo e me devorem! É isso que eles querem!

Os sacerdotes mais acima não foram capazes de ouvir as palavras da menina, mas o gesto era visível e eles notaram que ela falava com os dois Vermes-de-Deus. O dedo apontado para cima não parecia um bom augúrio.

Os vermes não se moveram.

Sheeana abaixara a mão:

– Vocês assassinaram minha mãe, meu pai e todos os meus amigos! – ela acusara. Ela deu um passo para a frente e balançou um punho para eles.

Os vermes recuaram, mantendo a distância.

– Se vocês não me querem, voltem para o lugar de onde vieram!

– Ela indicara a eles a direção do deserto.

Obedientes, eles recuaram ainda mais e se viraram ao mesmo tempo.

Os sacerdotes no tóptero os seguiram até quando mergulharam na areia, mais de um quilômetro adiante. Só então retornaram,

cheios de medo e estremecimento. Eles recolheram a filha de Shai-hulud da areia e retornaram com ela para Kina.

Ao cair da noite, a embaixada das Bene Gesserit em Kina preparara um relatório completo. A narrativa dos eventos seguiu para a Casa Capitular na manhã seguinte.

Finalmente acontecera!

**O problema com certos tipos de guerras (e esteja certo que o Tirano sabia disso, porque está implícito em suas lições) é que elas destroem toda a decência moral em tipos suscetíveis. As guerras levadas a cabo dessa maneira jogam sobreviventes destruídos de volta a uma população inocente, incapaz de imaginar o que esses soldados regressados sejam capazes de fazer.**

**– Ensinaamentos do Caminho Dourado, Repositório Bene Gesserit**

Uma das memórias mais antigas de Miles Teg era a de sentar para jantar com seus pais e seu irmão mais novo, Sabine. Teg tinha apenas sete anos naquela época, mas os eventos jaziam, indelévels, em sua memória: a sala de jantar em Lernaes, colorida com flores recém-colhidas, a luz baixa do sol amarelo dispersa pelas cortinas antigas. O aparelho de jantar azul-claro e os talheres brilhantes ornavam a mesa. Servas acólitas estavam sempre à disposição, porque sua mãe podia estar afastada em caráter permanente em uma tarefa especial, mas sua função como professora Bene Gesserit não seria desperdiçada.

Janet Roxbrough-Teg, mulher de ossos largos que aparentava fazer parte de um elenco no papel de grande dama, sentada em uma extremidade da mesa, observando de nariz empinado para que o serviço de jantar não fosse comprometido por qualquer desarrumação, por menor que fosse. Loschy Teg, o pai de Miles, sempre observara com um leve ar de deleite. Ele era um homem magro, de testa alta, com um rosto tão fino que seus olhos escuros

pareciam esbugalhados nas extremidades. Seu cabelo negro era o contraponto perfeito para a clareza da pele de sua mulher.

Acima dos sons abafados da mesa e do rico odor de sopa edu com especiaria, sua mãe instruía seu pai sobre como lidar com um Comerciante Livre inoportuno. Quando ela mencionara “Tleilaxu”, ganhara toda a atenção de Miles. A educação do garoto acabara de chegar aos Bene Tleilax.

Mesmo Sabine, que sucumbiria muitos anos depois a um envenenador em Romo, escutara com o máximo da percepção de alguém com quatro anos de idade. Sabine adorava seu irmão como se ele fosse um herói. Qualquer coisa que prendesse a atenção de Miles era interessante para Sabine. Ambos os meninos ouviram em silêncio.

– Esse homem é testa de ferro dos Tleilaxu, – dissera lady Janet.  
– Percebo na voz dele.

– Não questiono sua habilidade de detectar essas coisas, minha querida – dissera Loschy Teg. – Mas o que devo fazer? Ele tem as fichas de crédito apropriadas e deseja comprar o...

– O pedido de arroz não é importante neste momento. Nunca assumo que aquilo que um Dançarino Facial parece estar procurando seja de fato o que ele está procurando.

– Tenho certeza de que ele não é um Dançarino Facial. Ele...

– Loschy! Sei que você aprendeu muito bem sob minha tutela e consegue detectar um Dançarino Facial. Concordo que o Comerciante Livre não seja um deles. Os Dançarinos Faciais permanecem na nave dele. Eles sabem que estou aqui.

– Eles sabem que não poderiam enganá-la. Sim, mas...

– A estratégia tleilaxu é sempre elaborada dentro de uma teia de estratégias, onde qualquer uma delas pode ser a verdadeira. Eles aprenderam isso conosco.

– Minha querida, se lidamos com os Tleilaxu, e não estou aqui para questionar seu discernimento, isso se transforma imediatamente em uma questão de mélange.

Lady Janet assentiu com gentileza. Realmente, até mesmo Miles sabia sobre a conexão dos Tleilaxu com a especiaria. Era algo que o fascinava sobre os Tleilaxu. Para cada miligrama de mélange produzida em Rakis, os tanques dos Bene Tleilax produziam toneladas. O uso do mélange crescera para se adequar à nova oferta e até mesmo a Guilda Espacial se ajoelhara diante desse poder.

– Mas o arroz... – Loschy Teg se arriscara.

– Meu amado marido, os Bene Tleilax não necessitam de tanto arroz pongi em nosso setor. Precisam dele para comerciar. Devemos descobrir quem de fato precisa do arroz.

– Você quer que eu ganhe tempo – dissera ele.

– Precisamente. Você é esplêndido naquilo que precisamos neste exato momento. Não dê ao Comerciante Livre a chance de dizer sim ou não. Alguém treinado pelos Dançarinos Faciais apreciará tal sutileza.

– Atrairemos os Dançarinos Faciais para fora da nave enquanto você inicia a busca de informações em outras fontes.

Lady Janet sorria:

– Você fica muito charmoso quando salta para as conclusões das minhas ideias dessa forma.

Eles trocaram olhares de compreensão.

– Ele não pode ir a outro fornecedor nesse setor – concluíra Loschy Teg.

– Ele preferirá evitar um confronto por aprovação – continuara lady Janet, tamborilando na superfície da mesa. – Atrase, atrase e

atrase mais. Você precisa atrair aqueles Dançarinos Faciais para fora da nave.

– Eles perceberão, é óbvio.

– Sim, meu querido e isso é perigoso. Você sempre deve se encontrar com eles em seu próprio território e com seus próprios guardas por perto.

Miles Teg recordava que seu pai realmente tirara os Dançarinos Faciais de sua nave. Sua mãe levara Miles até o visor, onde ele assistira a seu pai, no quarto de paredes acobreadas, dirigir a negociação que o fizera ganhar a mais alta recomendação da CHOAM e um bônus rico.

Os primeiros Dançarinos Faciais que Miles Teg vira: dois homens pequenos muito parecidos, como se fossem gêmeos. Rostos redondos quase sem queixo, narizes arrebitados, bocas pequenas, olhos similares a botões negros e cabelos brancos cortados rentes, lembrando as cerdas de uma escova. Os dois se vestiam como o Comerciante Livre: túnica e calças negras.

– Ilusão, Miles – dissera sua mãe. – Ilusão é a forma como agem. Elaborar a ilusão para atingir metas reais, é assim que os Tleilaxu atuam.

– Como o mágico no festival de inverno? – perguntara Miles, seu olhar atento ao visor e ao cenário de figuras que pareciam bonecos.

– Bem similar – concordara sua mãe. Ela também assistia ao visor enquanto falava, mas um de seus braços se acomodara de forma protetora ao redor dos ombros do filho. – Você está olhando para o mal, Miles. Estude-o cuidadosamente. Os rostos que você vê podem mudar em um instante. Eles são capazes de crescer, aparentar serem mais gordos. Podem simular seu pai de tal maneira que apenas eu reconheceria a substituição.

A boca de Miles Teg formara um “O” inaudível. Ele fitara o visor, ouvindo seu pai explicar que o preço do arroz pongi da CHOAM subira mais uma vez, de forma alarmante.

– E o mais terrível de tudo – dissera sua mãe. – Alguns dos Dançarinos Faciais mais novos conseguem, ao tocar o corpo da vítima, absorver suas memórias.

– Eles leem mentes? – Miles olhara para cima, na direção de sua mãe.

– Não exatamente. Suspeitamos que eles gravam as memórias, quase o mesmo processo de uma holofoto. Eles ainda não sabem que descobrimos isso.

Miles compreendera. Ele não deveria discutir sobre isso com mais ninguém, nem mesmo com seu pai ou com sua mãe. Ela o ensinara a doutrina do sigilo das Bene Gesserit. Ela olhara as figuras na tela com cuidado.

Os Dançarinos Faciais não demonstravam emoção ante as palavras de seu pai, mas os olhos de ambos pareciam cintilar de maneira ainda mais brilhante.

– Como eles se tornaram tão maus? – perguntara Miles.

– São seres comunais, gerados para não se identificarem com quaisquer formas ou rostos. A aparência que eles mostram agora é para meu benefício. Eles sabem que assisto. Eles relaxaram em sua forma comunal de origem. Observe-a com atenção.

Miles inclinara levemente a cabeça para um lado e estudara os Dançarinos Faciais. Eles pareciam tão brandos e fúteis.

– Eles não possuem o senso de personalidade – continuara sua mãe. – Eles contêm apenas o instinto de preservar a própria vida, a menos que seus mestres ordenem que morram.

– Eles fariam isso?

– Já o fizeram diversas vezes.



- Quem são seus mestres?
- Homens que raramente deixam os planetas dos Bene Tleilax.
- Eles têm filhos?
- Não os Dançarinos Faciais. Eles são mulos, estéreis. Mas seus mestres se reproduzem. Capturamos alguns deles, mas a prole é estranha. Nascem poucas mulheres e mesmo assim não conseguimos sondar suas Outras Memórias.

Miles franzira as sobrancelhas. Ele tinha ciência de que sua mãe era uma Bene Gesserit. Sabia que as Reverendas Madres carregavam um maravilhoso repositório de Outras Memórias que remontava todos os milênios da Irmandade. Ele sabia, inclusive, algo sobre o plano de reprodução das Bene Gesserit. As Reverendas Madres escolhiam homens específicos e geravam filhos daqueles homens.

- Como são as mulheres tleilaxu? – perguntara Miles.

Fora uma questão perspicaz que provocara uma onda de orgulho em lady Janet. Sim, era quase certeza que ela tinha um Mentat em potencial em suas mãos. As Mestras em Reprodução estavam certas quanto ao potencial dos genes de Loschy Teg.

- Até hoje, ninguém fora dos planetas deles relatou ter visto uma tleilaxu do sexo feminino – dissera lady Janet.

- Elas existem ou tudo funciona somente com os tanques?

- Elas existem.

- Algum dos Dançarinos Faciais é mulher?

- Eles próprios escolhem entre ser homens ou mulheres. Observe-os cuidadosamente. Eles sabem o que seu pai está fazendo e isso os irrita.

- Eles tentarão ferir meu pai?

- Eles não ousariam. Tomamos precaução e eles sabem. Veja como aquele à esquerda tenciona a mandíbula. Isso é um sinal da

raiva deles.

– Você disse que eles eram seres com... comunais.

– Como uma colônia de insetos, Miles. Eles não têm autoimagem. Sem o senso de personalidade, eles vão além da amoralidade. Nada que digam ou façam é confiável.

Miles deu de ombros.

– Nunca fomos capazes de detectar um código de ética entre eles – continuara lady Janet. – Eles são corpos transformados em autômatos. Sem personalidade, eles não têm consideração nem dúvidas. São criados apenas para obedecer seus mestres.

– E a ordem foi vir até aqui e comprar o arroz.

– Exatamente. Foram ordenados a vir até aqui e não há outro lugar neste setor onde eles possam comprar arroz.

– Logo, eles devem comprá-lo do meu pai?

– Ele é o único fornecedor. Neste exato momento, filho, eles estão pagando em mélange. Você vê?

Miles vira as fichas marrom-alaranjadas de especiaria mudarem de mão, uma pilha alta dela, a qual um dos Dançarinos Faciais retirara de uma maleta no chão.

– Esse preço é muito mais alto do que eles anteciparam – dissera lady Janet. – Será uma trilha fácil de seguir.

– Por quê?

– Alguém vai falir com a aquisição desse carregamento. Acreditamos saber a identidade do comprador. Seja quem for, nós descobriremos. Assim, desvendaremos o que está realmente sendo negociado aqui.

Então, lady Janet começara a listar as incongruências identificáveis que traíam um Dançarino Facial diante de olhos e ouvidos treinados. Eram marcas sutis, mas Miles as aprendeu

imediatamente. Sua mãe dissera a ele que acreditava que ele poderia se tornar um Mentat... talvez até algo mais.

Pouco antes de seu aniversário de treze anos, Miles Teg fora enviado para um treinamento avançado na fortaleza das Bene Gesserit em Lampadas, onde a avaliação de sua mãe sobre ele fora confirmada. Uma mensagem fora enviada a ela.

“Você nos deu o Mentat guerreiro que esperávamos.”

Teg não lera essa mensagem até o dia em que organizava os documentos de sua mãe, após a morte dela. As palavras inscritas em uma pequena folha de cristal riduliano com o selo da Casa Capitular impresso logo abaixo o deixara com um sentimento estranho de deslocamento temporal. Sua memória, repentinamente, o deslocou de volta a Lampadas, onde o amor-perplexidade que sentia por sua mãe tinha sido habilmente transferido para a própria Irmandade, como sempre fora a intenção. Ele compreendera isso apenas mais adiante, durante seu treinamento como Mentat, mas essa compreensão fez pouca diferença. Caso tenha servido para alguma coisa, foi para ligá-lo ainda mais às Bene Gesserit. Confirmara que a Irmandade deveria ser um de seus pontos fortes. Ele já sabia que a Irmandade Bene Gesserit era uma das forças mais poderosas de seu universo... equiparável, pelo menos, à Guilda Espacial, superior ao Conselho das Oradoras Peixe, que herdara o núcleo do antigo Império Atreides, muito superior à CHOAM e de certa forma no mesmo patamar que os fabricantes de Ix e com os Bene Tleilax. Uma pequena medida do vasto alcance da Irmandade era dedutível a partir do fato de que elas mantinham essa autoridade apesar dos tanques cheios de mélange dos Tleilaxu, os quais quebraram o monopólio rakiano da especiaria, assim como as máquinas de navegação ixianas as quais, por sua vez, quebraram o monopólio da Guilda nas viagens espaciais.

Àquela altura, Miles Teg conhecia bem essa história. Os Navegadores da Guilda não eram mais os únicos que podiam conduzir uma nave pelas dobras espaciais... em um momento estavam nesta galáxia e, em um piscar de olhos, em uma galáxia distante.

As irmãs da Escola escondiam pouco dele, revelando, pela primeira vez, sua descendência Atreides. Tal revelação se tornara necessária, em razão dos testes pelos quais ele passava. Obviamente, elas estavam testando em busca de presciência. Poderia ele, como um Navegador da Guilda, antever obstáculos fatais? Ele falhara. Em seguida, elas o submeteram a testes em não salas e não naves. Ele era tão cego em relação a esses dispositivos quanto o resto da humanidade. Para esse teste, contudo, elas o alimentaram com altas doses de especiaria e ele sentira o despertar do seu Verdadeiro *Self*.

– A Mente em Seu Começo – foi o que uma das irmãs professoras respondera quando ele pedira uma explicação para aquela estranha sensação.

Por um tempo, o universo parecia mágico enquanto ele o fitava através dessa nova percepção. Primeiro, essa percepção era um círculo, depois um globo. Formas arbitrárias se tornaram transitórias. Ele caíra em estado de transe sem qualquer aviso até que as irmãs o ensinaram a controlá-lo. Elas o muniram com relatos sobre santos e místicos e o forçaram a desenhar um círculo sem auxílio de instrumentos nem das mãos, formando a linha somente com sua percepção.

Ao final daquele período, sua consciência retomara o contato com os rótulos convencionais, mas a memória daquela magia nunca o deixara. Ele considerava aquela memória uma fonte de força nos momentos difíceis.

Depois de aceitar o encargo de Mestre de Armas para o gholá, Teg notara que essa memória mágica estava cada vez mais presente. Fora bastante útil durante sua primeira entrevista com Schwangyu no Forte de Gammu. Eles haviam se encontrado no pequeno escritório da Reverenda Madre, um cômodo de paredes metálicas brilhante e inúmeros instrumentos, a maioria deles trazendo em si o selo de Ix. Mesmo a cadeira na qual ela se sentava, o sol da manhã atravessando a janela atrás dela e tornando difícil de ver sua face, mesmo aquela cadeira era uma das automodeláveis ixianas. Miles foi forçado a se sentar em uma cadeira, ainda que tenha percebido que Schwangyu sabia que ele detestava o uso de qualquer forma de vida para uma tarefa tão degradante.

– Você foi escolhido porque é de fato uma figura de avô – argumentara Schwangyu. A luz brilhante do sol formara uma coroa sobre sua cabeça encapuzada. *Deliberado!* – Sua sabedoria conquistará o amor e o respeito da criança.

– Não posso ser uma figura paterna de maneira alguma.

– De acordo com Taraza, você possui todas as características das quais ela necessita. Conheço suas cicatrizes honrosas e o valor delas para nós.

Isso apenas reconfirmara seu cálculo Mentat: *Elas vêm planejando isso há muito tempo. Elas procriaram com esse objetivo. Eu fui concebido com esse objetivo. Sou uma peça de um grande plano.*

Tudo que ele respondera fora:

– Taraza espera que essa criança se torne um guerreiro temível quando restaurado à sua verdadeira personalidade.

Schwangyu simplesmente o fitara por um momento e depois:

– Você não deve responder a qualquer pergunta sobre gholas, caso ele aborde tal assunto. Sequer use essa palavra, até que eu permita. Supriremos você com todos os dados sobre o ghola que se provem necessários à realização de seu trabalho.

Escolhendo as palavras friamente, com o intuito de ser enfático, Teg dissera:

– Talvez a Reverenda Madre não tenha sido informada de que sou bem versado sobre os gholas tleilaxu. Já enfrentei os Tleilaxu em batalha.

– Você acha que sabe o suficiente sobre a série Idaho?

– Os Idaho são célebres por suas estratégias militares brilhantes – respondera Teg.

– Talvez o grande bashar não esteja bem informado sobre as outras características de nosso ghola.

Não havia dúvidas sobre o tom de ironia na voz dela. Outra coisa também: inveja e uma grande ira mal disfarçadas. A mãe de Teg o ensinara maneiras de ler através das máscaras, um ensinamento proibido, o qual ele mantivera em segredo. Ele fingiu desgosto e deu de ombros.

Era óbvio, contudo, que Schwangyu sabia que ele era o bashar de Taraza. As linhas haviam sido traçadas.

– A pedido das Bene Gesserit – continuara Schwangyu –, os Tleilaxu fizeram uma alteração significativa na atual série Idaho. Seu sistema nervo-muscular foi modernizado.

– Sem mudar a personalidade original? – Teg indagara de forma maliciosa, perguntando-se quanto ela revelaria.

– Ele é um ghola, não um clone!

– Entendo.

– De fato? Ele precisa do mais detalhado treinamento prana-bindu em todos os estágios.

– Essas foram exatamente as ordens de Taraza – respondera Teg. – E obedeceremos a essas ordens.

Schwangyu se inclinara para frente, sem esconder sua raiva:

– Foi pedido a você que treinasse um ghola, cujo papel em certos planos será dos mais perigosos, para todos nós. Acho que você nem começou a entender o que você treinará!

“*O que*” você *treinará*, pensara Teg. *Não “quem”*. Essa criança-ghola jamais será “alguém” para Schwangyu ou nenhum dos outros que se opunham a Taraza. Talvez o ghola não fosse “alguém” para qualquer outra pessoa até que sua personalidade original fosse restaurada, assentada com firmeza naquela identidade original de Duncan Idaho.

Teg percebera, agora de maneira clara, que Schwangyu nutria mais do que ressalvas veladas em relação ao projeto ghola. Ela engajara em oposição ativa, exatamente como Taraza avisara. Schwangyu era a inimiga e as ordens de Taraza foram explícitas.

“Você protegerá essa criança de quaisquer ameaças.”

**Dez mil anos se passaram desde que Leto II iniciara sua metamorfose de humano para verme da areia de Rakis e os historiadores ainda discutiam seus motivos. Teria ele deixado se levar pelo desejo de uma vida longa? Ele vivera mais de dez vezes o período normal de trezentos anos-padrão, mas consideremos o preço que pagou. Seria a atração pelo poder? Ele é chamado de Tirano por boas razões, mas o que o poder trouxe a ele que um humano pudesse desejar? Teria sido levado pelo desejo de salvar a humanidade de si mesma? Temos apenas suas próprias palavras sobre o seu Caminho Dourado para responder a essas perguntas e não posso aceitar os registros de Dar-es-Balat, que advogam em causa própria. Teriam existido outras gratificações, que apenas as experiências dele seriam capazes de iluminar? Sem maiores evidências a questão se torna discutível. Somos forçados a dizer apenas que “Ele conseguiu!”. O acontecimento físico, por si só, é inegável.**

**– A Metamorfose de Leto II, Peroração do 10.000º aniversário, por Gaus Andaud.**

Mais uma vez, Waff sabia que estava em lashkar. Dessa vez os riscos eram os mais altos possíveis. Uma Honorável Matre oriunda da Dispersão demandara a presença dele. Uma powindah dos



powindahs! Descendentes dos Tleilaxu da Dispersão contaram a ele tudo que sabiam sobre essas terríveis mulheres.

– Muito mais terríveis que as Reverendas Madres das Bene Gesserit – disseram eles.

*E mais numerosas*, Waff lembrara a si mesmo.

Ele também não confiava totalmente nos descendentes dos Tleilaxu retornados. Os sotaques eram estranhos, seus modos mais estranhos ainda e sua observância dos rituais era questionável. Como eles podiam ser readmitidos no Grande Kehl? Que ritual de ghufuran possivelmente poderia purificá-los depois de todos esses séculos? Era impossível crer que eles mantiveram o segredo tleilaxu durante todas aquelas gerações.

Eles não eram mais irmãos-malik, mas ao mesmo tempo eram a única fonte de informação que os Tleilaxu possuíam sobre os Perdidos que retornavam. E que revelações eles traziam! Revelações as quais eles incorporaram nos gholas Duncan Idaho... isso compensava todos os riscos de contaminação pela maldade powindah.

O lugar de encontro com as Honoráveis Matres era na neutralidade presumida de uma não nave ixiana, a qual, por sua vez, fora posicionada em uma órbita estreita ao redor de um gigantesco planeta gasoso, selecionado por ambas as partes em um sistema solar exaurido pelo Império antigo. O próprio Profeta drenara as últimas riquezas daquele sistema. Novos Dançarinos Faciais caminhavam como ixianos no meio da tripulação daquela não nave, mas ainda assim Waff suava frio diante do primeiro encontro. Se essas Honoráveis Matres realmente fossem mais terríveis que as bruxas Bene Gesserit, a troca da tripulação ixiana por Dançarinos Faciais seria percebida?

A seleção do lugar de encontro e os preparativos foram difíceis para os Tleilaxu. Seria algo seguro? Ele fez questão de assegurar-se de carregar duas armas secretas nunca antes vistas fora dos planetas centrais dos Tleilaxu. As armas eram o resultado meticuloso de um longo esforço de dois artífices: dois lançadores minúsculos de dardos ocultos em suas mangas. Ele treinara com elas por anos até que o giro das mangas e o disparo dos dardos envenenados tivesse se tornado quase um reflexo instintivo.

As paredes da sala de reuniões eram de um tom de cobre adequado, evidência de que eles estavam blindados de mecanismos ixianos de espionagem. Contudo, que instrumentos o povo da Dispersão teria desenvolvido fora dos círculos ixianos?

Waff adentrou a sala com um passo hesitante. A Honorável Matre já estava lá, sentada em uma cadeira funda de couro.

– Você se dirigirá a mim como todos os outros se dirigem – saudou ela. – Honorável Matre.

Ele se curvou, como fora instruído.

– Honorável Matre.

Nenhum sinal de poderes escondidos na voz dela. Um contralto baixo com sobretons que indicavam desdém por ele. Ela se parecia com uma atleta ou acrobata envelhecida, vagarosa e aposentada, mas ainda mantendo o tônus muscular e algumas habilidades. Seu rosto tinha a pele rígida sobre um crânio com maçãs do rosto salientes. Sua boca de lábios finos lhe emprestava um ar de arrogância quando ela falava, como se cada palavra fosse dirigida a pessoas inferiores.

– Pois bem, venha e sente-se! – ela ordenara, mostrando uma cadeira funda em frente a ela.

Waff ouviu o chiado da porta se fechando atrás dele. Ele estava sozinho com ela! Ela usava um farejador. Ele percebeu o condutor,

pois ele subia até adentrar o ouvido esquerdo da Honorável Matre. Os lançadores de dardos de Waff eram bem selados e “lavados” contra farejadores, depois mantidos a menos 340 Kelvin em um banho de radiação por cinco anos-padrão para torná-los à prova de farejadores. Fora o suficiente?

Com suavidade, ele se sentou na cadeira indicada.

Lentes de contato alaranjadas cobriam os olhos da Honorável Matre, dando a eles uma aparência selvagem. Ela era completamente assustadora! E aquelas roupas! Um colã vermelho sob uma capa azul-escura. A superfície da capa era ornada com algum material perolado que produzia arabescos estranhos e desenhos de dragões. Ela se sentava na cadeira como se fosse um trono, as mãos em forma de garras descansando livremente sobre os braços.

Waff relanceara pelo quarto. O pessoal dele inspecionara aquele lugar na companhia de trabalhadores de manutenção ixianos e representantes da Honorável Matre.

*Fizemos o nosso melhor*, pensou ele e tentou relaxar.

A Honorável Matre riu.

Waff a encarou com a expressão mais calma que conseguia se impor.

– A senhora está me avaliando agora – acusou ele –, enquanto diz a si mesma que dispõe de inúmeros recursos a serem empregados contra mim, instrumentos sutis e brutais para executar seus comandos.

– Não assumo esse tom comigo. – As palavras saíram em tom baixo e sem emoção, mas carregavam tanto veneno que Waff quase recuou.

Ele olhou para os músculos firmes das pernas da mulher, aquele colã de um vermelho profundo que fluía sobre sua pele como se

fizesse parte de seu corpo.

O horário de encontro deles fora ajustado para colocá-los juntos no que seria o meio da manhã mútuo, seus horários de despertar haviam sido ajustados durante a rota de viagem. Waff se sentiu deslocado, contudo, e também em desvantagem. E se as histórias de seus informantes fossem verdade? Ela devia ter armas ali.

Ela sorriu para ele um sorriso sem humor.

– Você está tentando me intimidar – disse Waff.

– E estou conseguindo. – A raiva transpassou Waff. Ele evitou que ela se insinuasse em sua voz.

– Eu vim a seu convite.

– Espero que você não tenha decidido vir para se envolver em um confronto o qual certamente perderá – disse ela.

– Eu vim formar um laço entre nós – respondeu ele, enquanto se perguntava: *O que elas querem de nós? Com certeza querem alguma coisa.*

– Que laço pode existir entre nós? – perguntou ela. – Vocês construiriam um edifício sobre uma balsa em desintegração? Hah! Acordos podem ser quebrados e muitas vezes o são.

– O que negociamos? – perguntou ele.

– Negociamos? Eu não negocio. Estou interessada nesse gholas que vocês fizeram para as bruxas. – O tom da voz dela nada traiu, mas os batimentos do coração de Waff se aceleraram diante de tal pergunta.

Em uma de suas vidas ghola, Waff treinara com um Mentat renegado. As capacidades de um Mentat estavam além das dele e, fora isso, o raciocínio requeria palavras. Eles se viram forçados a assassinar o Mentat powindah, mas algumas coisas valiosas foram adquiridas na experiência. Waff se permitiu um pequeno esgar de

dissabor em razão da memória, mas recordou o que ela trouxera de valor.

*Ataque e absorva os dados que o ataque produzir!*

– A senhora não me oferece nada em troca! – ele disse em tom de voz elevado.

– A recompensa virá de acordo com meu entendimento – ela respondeu.

Waff lançou um olhar zombeteiro.

– Está jogando comigo?

Ela revelou os dentes brancos em um sorriso selvagem.

– Você não sobreviveria a meu jogo, nem gostaria de jogar.

– Então devo depender de sua boa vontade!

– Dependência! – A palavra escapou da boca da mulher como se produzisse uma sensação de desgosto. – Por que vocês vendem esses gholas às bruxas e depois os matam?

Waff pressionou os lábios e permaneceu em silêncio.

– De alguma maneira, vocês mudaram esse gholá e ao mesmo tempo deixaram a possibilidade de ele relembrar suas memórias originais – disse ela.

– A senhora sabe tanto! – retrucou Waff. Quase não fora sarcástico e, pelo menos assim ele esperava, não revelara nada. *Espiões!* Ela infiltrara espiões entre as bruxas! Será que também havia um traidor no coração de Tleilaxu?

– Existe uma menina em Rakis que também está nos planos das bruxas – continuou a Honorável Matre.

– Como a senhora sabe disso?

– As bruxas não fazem um só movimento que não saibamos! Você pensa em espiões, mas não faz ideia do quão longe nossos braços podem alcançar!

Waff ficou desalentado. Será que ela podia ler sua mente? Era alguma coisa surgida na Dispersão? Um talento indômito vindo de fora, de onde as sementes do homem original não podiam observar?

– Como vocês mudaram esse ghola? – demandou ela.

*A Voz!*

Waff, armado contra esses ardis pelo seu professor Mentat, quase soltou uma resposta abrupta. Essa Honorável Matre tinha alguns dos poderes das bruxas! Foi tão inesperado vindo da parte dela. Espera-se uma coisa dessas de uma Reverenda Madre e já ficaria preparado. Ele passou um momento recuperando o equilíbrio, depois juntou as mãos e apoiou o queixo nas pontas dos dedos.

– Você possui recursos interessantes – disse ela.

Uma expressão matreira tomou conta do rosto de Waff. Ele sabia o quanto sua expressão de fada era capaz de desarmar.

*Ataque!*

– Sabemos quanto vocês aprenderam com as Bene Gesserit – disse ele.

Um olhar de fúria passou pelo rosto dela, mas se esvaiu rapidamente:

– Elas não nos ensinaram nada!

Waff entoou a voz em um nível simpático, bem-humorado e lisonjeiro:

– Com certeza, isso não é uma negociação.

– Não é? – Ela parecia realmente surpresa.

Waff abaixou as mãos.

– Vamos lá, Honorável Matre. A senhora está interessada nesse ghola. A senhora fala de acontecimentos em Rakis. O que pensa que nós somos?

– De pouca monta. A cada instante, o seu valor diminui.

Waff sentiu o mais frio mecanismo lógico possível na resposta dela. Não havia qualquer sinal de Mentat nela, era algo mais gélido. *Ela seria capaz de me matar aqui mesmo!*

Onde estavam suas armas? Ela sequer precisaria de armas? Ele não gostou da aparência daqueles músculos rijos, dos calos na mão dela, o brilho de caçadora em seus olhos laranja. Será que ela podia adivinhar (ou mesmo saber) sobre os dardos mortais nas mangas dele?

– Estamos confrontando um problema que não pode ser resolvido por métodos lógicos – disse ela.

Waff a encarou em choque. Um mestre zen-sunita diria isso! Ele o dissera em mais de uma ocasião.

– Você provavelmente jamais considerou essa possibilidade – ela prosseguiu. Era como se essas palavras retirassem uma máscara de seu rosto. De repente, Waff viu através daquela fachada, encontrando uma pessoa calculista ali escondida. Será que ela o tomava por um servo místico submisso, que servia apenas para coletar excremento de porclesma?

Embutindo o máximo de perplexidade hesitante que podia na própria voz, ele perguntou:

– Como tal problema pode ser resolvido?

– O curso natural dos eventos tomará conta disso – ela disse.

Waff continuou a encará-la com perplexidade fingida. As palavras dela não continham vestígios de revelação. Ainda assim, as coisas implícitas! Ele disse:

– Suas palavras me deixam aturdido.

– A humanidade se tornou infinita – disse ela. – Essa é a verdadeira dádiva da Dispersão.

Waff lutou para esconder o turbilhão que essas palavras criaram. Ele disse:

– Universos infinitos, tempo infinito... tudo pode acontecer – disse ele.

– Ahhh, você é um bonequinho esperto – ela falou. – Como se pode permitir algo? Não é lógico.

Ela soava, pensou Waff, como uma das antigas líderes do Jihad Butleriano, o qual tentara livrar a humanidade das mentes mecânicas. Essa Honorável Matre era estranhamente antiquada.

– Nossos ancestrais procuravam por respostas usando computadores – ele se atreveu a dizer. *Que ela experimente isso.*

– Você já sabe que falta aos computadores a capacidade de armazenamento infinito – disse ela.

Mais uma vez, as palavras dela o desconcertaram. Será que ela de fato era capaz de ler mentes? Seria isso uma forma de impressão mental? O que os Tleilaxu fizeram com os Dançarinos Faciais e gholas, outros também poderiam fazer. Ele focou sua percepção e se concentrou nos ixianos, em suas máquinas perversas. Máquinas powindah!

A Honorável Matre varreu a sala com os olhos.

– Cometemos um erro em confiar nos ixianos? – perguntou ela.

Waff prendeu a respiração.

– Acho que vocês não confiam totalmente neles – disse ela. – Ora, ora, homenzinho. Ofereço minha boa vontade.

Waff começou a suspeitar, tardiamente, que ela tentava ser amigável e sincera com ele. Ela certamente colocara de lado sua pose anterior de superioridade raivosa. Os informantes de Waff entre os Perdidos diziam que as Honoráveis Matres sempre tomavam decisões sexuais, de forma muito semelhante a das Bene Gesserit. Estaria ela tentando seduzi-lo? Mas ficou óbvio que ela *entendera* e expusera a fraqueza da lógica.

Era tudo muito confuso!



- Estamos conversando em circunlóquios – disse ela.
- Pelo contrário. Círculos restringem. Círculos delimitam. A humanidade não está mais limitada pelo espaço determinado onde deve crescer.

Lá vinha ela de novo! Ele falou de forma seca:

- Diz-se que devemos aceitar aquilo que não podemos controlar. Ela se inclinou para frente, os olhos laranja fixos no rosto dele.
- Você aceita a possibilidade de um desastre final para os Bene Tleilax?

- Eu não estaria aqui se acreditasse.

- Quando a lógica falha, outro instrumento deve ser usado.

Waff escancarou um sorriso:

- Isso parece lógico.

- Não zombe de mim! Como ousa?

Waff levantou a mão de maneira defensiva e assumiu um tom apaziguador:

- Que instrumento a Honorável Matre sugeriria?

- Energia!

A resposta dela o surpreendeu:

- Energia? De que forma e quanto?

- Você demanda respostas lógicas – redarguiu ela.

Tomado por um sentimento de tristeza, Waff percebeu que ela não era, afinal, zen-sunita. A Honorável Matre fazia apenas jogos de palavras beirando o alogismo, falando em círculos, mas sua instrumentação era lógica.

- A podridão no centro se espalha para fora – ele murmurou.

Foi como se ela não tivesse ouvido a declaração teste dele:

- Há energia inexplorada nas profundezas de qualquer humano que nos dignemos a tocar – ela declarou. Depois, estendeu um dedo esquelético até alguns milímetros de distância do nariz dele.

Waff se encolheu em sua cadeira até que ela baixasse a mão. Ele retrucou:

– Não foi isso o que as Bene Gesserit disseram antes de produzirem o Kwisatz Haderach?

– Elas perderam o controle de si mesmas e de sua criação – ela desdenhou.

Mais uma vez, considerou Waff, ela empregara pensamento lógico para o alógico. Quanto ela já revelara a ele nesses pequenos lapsos. Ele já podia vislumbrar a provável história dessas Honoráveis Madres. Uma das Reverendas Madres *naturais* dos fremen de Rakis saíra durante a Dispersão. Várias pessoas fugiram em não naves durante os Tempos da Penúria e os anos que logo se seguiram. Uma não nave ajudara a bruxa selvagem a semear seus conceitos em alguns lugares. Aquela semente retornara na forma dessas caçadoras de olhos alaranjados.

Novamente, ela lançou a Voz sobre ele, perguntando:

– O que vocês forjaram com esse ghola?

Dessa vez, Waff estava preparado e deu de ombros. Essa Honorável Matre teria que ser enganada ou, se possível, assassinada. Ele aprendera muito a partir dela, mas não havia forma de saber o quanto ela aprendera com ele, em razão dos talentos imprevisíveis da Matre.

*Elas são monstros sexuais*, disseram seus informantes. *Elas escravizam homem graças aos poderes do sexo*.

– Quão pouco você sabe dos deleites que posso lhe ofertar – falou ela. A voz dela o envolveu como um chicote. Que tentação! Que sedutora!

Waff falou, de forma defensiva:

– Diga-me por que a senhora...

– Não preciso lhe dizer nada.

– Então a senhora não veio negociar – ele declarou com voz triste. As não naves realmente semearam aqueles outros universos com podridão. Waff pressentiu o peso da necessidade sobre seus ombros. E se ele não fosse capaz de matá-la?

– Como você ousa insistir em uma negociação com uma Honorável Matre? – ela exigiu. – Saiba que *nós* estabelecemos o preço!

– Não conheço seus costumes, Honorável Matre – disse Waff. – Mas sinto em suas palavras que eu a ofendi.

– Desculpas aceitas.

*Não tive intenção alguma de pedir desculpas.* Ele a fitou com suavidade. Várias coisas podiam ser deduzidas a partir do desempenho dela. De acordo com suas experiências milenares, Waff revisou o que aprendera ali. Aquela mulher da Dispersão viera até ele buscando por uma informação essencial. Logo, ela não tinha outra fonte. Ele sentira o desespero dela. Bem escondido, mas o desespero definitivamente estava ali. Ela precisava de confirmação ou refutação de algo que temia.

Como ela se parecia com uma ave de rapina, sentada ali com suas mãos em forma de garras, tão leves sobre os braços da cadeira! *A podridão no centro se espalha para fora!* Ele lhe dissera e ela não ouvira. Claramente, a humanidade atômica continuava a explodir em suas Dispersões das Dispersões. O povo representado por essa Honorável Matre não encontrara uma forma de detectar as não naves. Era isso, claro. Ela caçava as não naves exatamente como as bruxas Bene Gesserit o faziam.

– A senhora busca uma forma de anular a invisibilidade das não naves – disse ele.

A declaração obviamente a abalou. Ela não esperava isso do “boneco” com rosto de fada, sentado diante dela. Ele detectou

medo, depois ira e resolução passarem pelas feições dela antes que reassumisse sua máscara predatória. Entretanto, ela sabia. Sabia que ele percebera.

– Então é isso que vocês fazem com seu ghola – observou ela.

– É isso que as bruxas Bene Gesserit buscam com ele – mentiu Waff.

– Subestimei vocês – disse ela. – Você cometeu o mesmo engano comigo?

– Creio que não, Honorável Matre. O esquema de reprodução que gerou vocês é obviamente formidável. Acho que a senhora pode chutar com um pé e me matar antes que eu pudesse piscar meus olhos. As bruxas não se igualam às senhoras.

Um sorriso de prazer amenizou as feições dela.

– Os Tleilaxu serão nossos servos por vontade própria ou teremos de obrigá-los?

Ele sequer tentou ocultar seu ultraje:

– A senhora nos oferece escravidão?

– É uma das opções.

Agora ele a tinha nas mãos! Arrogância era a fraqueza dela. De forma submissa, ele perguntou:

– O que a senhora ordena que eu faça?

– Vocês levarão como convidadas duas jovens Honoráveis Matres. Elas devem procriar com vocês e... ensiná-los nossas formas de êxtase.

Por duas vezes Waff inalou e expirou lentamente.

– Vocês são estéreis? – ela indagou.

– Apenas nossos Dançarinos Faciais são mulos. – Ela já saberia disso. Era parte da sabedoria comum.

– Você chama a si mesmo de Mestre – disse ela –, mas não tem maestria sobre si mesmo.

*Mais do que você, sua cadela Honorável Matre! Chamo a mim mesmo de Masheikh, um fato pode trazer sua destruição.*

– As duas Honoráveis Matres que mando com você farão uma inspeção de tudo que for tleilaxu e retornarão a mim com um relatório – continuou ela.

Ele suspirou como se estivesse resignado.

– As jovens são graciosas?

– Honoráveis Matres! – ela o corrigiu.

– Esse é o único nome que vocês usam?

– Se elas decidirem revelar os nomes a vocês, isso é privilégio delas, não de vocês. – Ela se inclinou de lado e bateu a junta ossuda dos dedos contra o chão. O metal ressoou em sua mão. Ela conhecia uma forma de penetrar o escudo de proteção daquela sala!

A escotilha se abriu e duas mulheres vestidas de forma semelhante à Honorável Matre entraram. Suas capas escuras eram discretas, adornadas com menos enfeites, e ambas eram mais jovens. Waff as fitou. Será que ambas... Ele tentou não demonstrar exultação, mas sabia que falhara. De pouco importava. A mais velha pensaria que ele admirava a beleza daquelas duas. Graças a sinais conhecidos apenas pelos Mestres, ele soube que uma das recém-chegadas era um novo Dançarino Facial. Uma troca bem-sucedida fora executada e aquelas Dispersadas não foram capazes de detectar! Os Tleilaxu venceram uma dificuldade! Será que as Bene Gesserit seriam tão cegas em relação aos novos gholas?

– Você foi sensato e favorável sobre essa questão, por isso será recompensado – concluiu a Honorável Matre mais velha.

– Reconheço seus poderes, Honorável Matre – disse ele. Era verdade. Ele curvou a cabeça para ocultar a resolução a qual ele sabia ser incapaz de evitar que transparecesse em seus olhos.

Ela acenou para as recém-chegadas:

– Essas duas vão acompanhá-lo. O menor capricho de qualquer uma delas é uma ordem para você. Devem ser tratadas com toda a honra e respeito.

– Claro, Honorável Matre. – Mantendo a cabeça curvada, ele levantou os braços como saudação e sinal de submissão. Dois dardos sibilaram ao saírem de cada uma das mangas. Ao lançar os dardos, ele saltou de lado em sua cadeira. O movimento não foi rápido o suficiente. O pé direito da velha Honorável Matre projetou-se para frente, atingindo a coxa esquerda de Waff e arremessando-o para trás em sua cadeira.

Foi o último ato que a velha Honorável Matre realizou em vida. O dardo da manga esquerda do Tleilaxu atingiu a parte de trás da garganta dela, penetrando sua boca aberta, escancarada em razão da surpresa. O veneno narcótico evitou gritos. O outro dardo acertou a recém-chegada que não era um Dançarino Facial no olho direito. Seu Dançarino Facial cúmplice evitou a possibilidade de gritos de alerta, retalhando depressa a garganta dela.

Dois corpos tombaram para a morte.

Dolorosamente, Waff se livrou da cadeira e a colocou de pé enquanto se levantava. Sua coxa latejava. Alguns centímetros a mais e ela teria quebrado a coxa dele! Ele percebeu que a reação dela não fora mediada pelo sistema nervoso central. Semelhante a alguns insetos, o ataque se iniciou pelo sistema muscular adequado. Esse desenvolvimento deveria ser investigado!

Seu cúmplice Dançarino Facial foi averiguar a escotilha aberta. Ele deu um passo para o lado, permitindo a entrada de outro Dançarino Facial, disfarçado de guarda ixiano.

Waff massageou a coxa ferida enquanto seus Dançarinos Faciais despiam as mulheres mortas. O Dançarino Facial que copiava o

ixiano encostou sua cabeça sobre a da velha Honorável Matre morta. Tudo transcorreu de forma rápida depois disso. Logo não havia guarda ixiano algum, apenas uma cópia fiel da velha Honorável Matre e de uma Honorável Matre jovem assistente. Outro falso ixiano entrou e copiou a Honorável Matre mais nova. Em um instante, havia apenas cinzas onde estiveram os cadáveres. Uma das novas Honoráveis Matres recolheu as cinzas em uma sacola e a escondeu debaixo de sua capa.

Waff examinou cuidadosamente a sala. Ele estremeceu diante das consequências daquela descoberta. A arrogância que ele vira aqui era fruto, obviamente, de poderes fantásticos. Tais poderes deveriam ser sondados. Ele deteve o Dançarino Facial que copiara a mais velha.

– Você a imprimiu?

– Sim, Mestre. Suas memórias despertas ainda estavam vivas quando eu a copieei.

– Transfira para ela. – Ele gesticulou para aquele que havia sido um guarda ixiano. Eles tocaram as testas por alguns instantes e depois se separaram.

– Feito – disse a mais velha.

– Quantas cópias além dessas Honoráveis Matres fizemos?

– Quatro, Mestre.

– Nenhuma detectada?

– Nenhuma, Mestre.

– Essas quatro devem retornar aos domínios dessas Honoráveis Matres e aprender tudo que possam sobre elas. Uma das quatro deve voltar para nós com tudo que aprendeu.

– Isso é impossível, Mestre.

– Impossível?

– Elas se desligaram de sua fonte. Essa é a maneira como agem, Mestre. Formaram uma nova célula e se estabeleceram em Gammu.

– Mas certamente nós poderíamos...

– Perdão, Mestre. As coordenadas da localização delas durante a Dispersão eram mantidas nos sistemas de uma não nave e tal informação foi apagada.

– Os rastros foram totalmente apagados? – a voz dele se encheu de desânimo.

– Completamente, Mestre.

*Que desastre!* Ele se forçou a controlar seus pensamentos, prestes a cair em um súbito frenesi.

– Elas não podem descobrir o que fizemos aqui – murmurou ele.

– Elas não saberão de nós, Mestre.

– Que talentos desenvolveram? Que poderes? Rápido!

– Elas são o que se espera de uma Reverenda Madre das Bene Gesserit, mas sem as memórias do mélange.

– Tem certeza?

– Não há indícios disso. Como o senhor sabe, Mestre, nós...

– Sim, sim, eu sei. – Ele acenou para que o Dançarino Facial se calasse. – Ainda assim, a mais velha era tão arrogante, tão...

– Perdoe-me, Mestre, mas o tempo urge. Essas Honoráveis Matres aperfeiçoaram os prazeres do sexo muito além de quaisquer outros.

– Então nossos informantes falaram a verdade.

– Elas voltaram ao sexo tântrico primal e desenvolveram suas próprias formas de estímulo sexual, Mestre. Por meio disso, elas aceitam a adoração de seus seguidores.

– Adoração. – Ele sibilou a palavra. – Elas são superiores às Mestras em Reprodução da Irmandade?



– As Honoráveis Matres acreditam que sim, Mestre. Quer que demonst...

– Não! – Waff descartou sua máscara de fada diante dessa descoberta e assumiu a expressão de um Mestre dominador. Os Dançarinos Faciais assentiram em submissão. Uma expressão de divertimento surgiu no rosto de Waff. Os Tleilaxu retornados da Dispersão haviam feito um relatório fiel! Com uma simples impressão mental, ele confirmara a nova arma de seu povo!

– Quais são suas ordens, Mestre? – a mais velha perguntou.

Waff reassumiu a expressão de fada.

– Exploraremos essas questões somente depois que retornarmos ao núcleo dos Tleilaxu em Bandalong. Enquanto isso, nem mesmo um Mestre dará ordens a uma Honorável Matre. Vocês são *meus* mestres até que estejamos fora do alcance desses olhos intrusivos.

– Claro, Mestre. Devo retransmitir suas ordens para aqueles que estão do lado de fora?

– Sim, e minhas ordens são as seguintes: esta não nave nunca deve retornar a Gammu. Deve sumir sem deixar vestígios. Nenhum sobrevivente.

– Assim será, Mestre.

**Tecnologia, assim como outras atividades, tende a atrair investidores que sejam adversos a riscos. A incerteza é descartada se possível. Investimentos de capitais seguem essa regra, dado que as pessoas geralmente preferem o que seja previsível. Poucos reconhecem quão destrutivo isso pode ser, como essa tendência impõe sérios limites na variabilidade e, assim, deixam populações inteiras fatalmente vulneráveis às formas aterradoras as quais nosso universo é capaz de lançar os dados.**

**– Avaliação de Ix,  
Repositório Bene Gesserit**

Na manhã seguinte àquele teste inicial no deserto, Sheeana acordara no complexo clerical e encontrou sua cama cercada por pessoas vestidas com mantos brancos.

*Sacerdotes e Sacerdotisas!*

– Ela acordou – disse uma sacerdotisa.

O medo se apoderou de Sheeana. Ela agarrara os cobertores próximos ao queixo enquanto fitava aqueles rostos atentos. Será que eles iriam abandoná-la no deserto mais uma vez? Ela caíra no sono da exaustão na cama mais macia coberta e com os lençóis mais limpos que já havia experimentado em seus oito anos de vida, mas sabia que tudo que os sacerdotes faziam podia ter um duplo sentido. Eles não eram de confiança!

– Dormiu bem? – perguntou a mesma sacerdotisa. Era uma mulher idosa, de cabelos grisalhos, sua face emoldurada por um capuz branco com bainha púrpura. Os olhos velhos eram aquosos,

mas alertas. Azul pálido. O nariz era um toquinho arrebitado, sobre uma boca estreita e um queixo proeminente.

– Você não vai falar conosco? – insistira a mulher. – Sou Cania, sua serva durante a noite. Lembra-se? Eu a ajudei a se deitar.

Pelo menos o tom de voz soara tranquilizador. Sheeana se sentara e fitara bem aquelas pessoas. Eles estavam com medo! O nariz de uma criança do deserto conseguia farejar os feromônios denunciadores. Para Sheeana, era uma observação simples e direta: *Esse odor é igual a medo*.

– Vocês pensaram que iriam me ferir – dissera ela. – Por que fizeram aquilo?

As pessoas ao redor dela trocaram olhares de consternação.

O medo de Sheeana se dissipara. Ela pressentira a nova ordem das coisas e o teste do dia anterior no deserto significava mais mudança. Ela recordara quão subserviente fora aquela mulher idosa (Cania?), quase se arrastando aos pés da garota na noite anterior. Sheeana aprenderia com o tempo que qualquer pessoa que sobrevivesse à decisão de morrer desenvolvia um novo equilíbrio emocional. Medos eram transitórios. Essa condição nova era interessante.

A voz de Cania tremera quando respondeu:

– Com certeza, Filha de Deus, não tínhamos intenção de feri-la.

A menina esticara as cobertas sobre seu colo.

– Meu nome é Sheeana. – Essa era a educação do deserto falando. Cania já havia fornecido o próprio nome. – Quem são esses outros?

– Eles irão embora se você não os quiser aqui... Sheeana. – Cania indicara uma mulher de face rosada a sua esquerda, vestida com um manto similar ao que trajava. – Todos, exceto Alhosa, claro. Ela é sua serva durante o dia.

Alhosa fizera uma medida depois da apresentação.

Sheeana olhara para cima, para um rosto rico em água, feições pesadas em uma aura de cabelos loiros e macios. Mudando a atenção de forma abrupta, Sheeana olhara para os homens do grupo. Eles a observavam atentamente, com as pálpebras quase cerradas, alguns com olhares que tremiam de suspeitas. O odor do medo era forte.

*Sacerdotes!*

– Mande-os embora. – Sheeana acenara com uma das mãos na direção dos sacerdotes. – Eles são haram! – Essa era uma palavra de baixo calão, o termo mais baixo para tudo que fosse puramente maligno.

Os sacerdotes recuaram, chocados.

– Saiam! – Ordenou Cania. Não havia como duvidar do olhar de diversão malévola na expressão dela. Cania não fora incluída entre os vis, mas aqueles sacerdotes estavam entre aqueles considerados haram! Eles fizeram algo hediondo, pois Deus enviara uma criança-sacerdotisa para castigá-los. Cania acreditava nisso em relação aos sacerdotes. Eles raramente a tratavam como ela merecia.

Como cachorros enxotados, os sacerdotes se curvaram e foram para trás, deixando os aposentos de Sheeana. Dentre eles, o locutor-historiador de nome Dromind, um homem de cabelos negros, com a mente ativa que tendia a se fixar em ideias como o bico de uma ave de carniça em um pedaço de carne. Quando a porta se fechou atrás deles, Dromind contou a seus companheiros trêmulos que o nome Sheeana era a versão moderna do nome antigo, Siona.

– Vocês todos sabem qual é o papel de Siona na história – dissera ele. – Ela serviu Shai-hulud em Sua transformação de forma humana para o Deus Dividido.

Stiros, um velho e enrugado sacerdote, de lábios escuros e olhos pálidos e reluzentes, lançara um olhar surpreso para Dromind:

– Isso é muito curioso – dissera Stiros. – As Histórias Orais descrevem que Siona foi instrumental em Sua transição de Um para Muitos. Sheeana. Você acha...

– Não podemos deixar de lado a tradução das palavras sagradas do próprio Deus, feita por Hadi Benotto – interrompera outro sacerdote. – Shai-hulud se referiu várias vezes a Siona.

– Nem sempre favoravelmente – Stiros relembrou. – Recordem-se de seu nome completo: Siona Ibn Fuad al-Seyefa Atreides.

– Atreides – sussurrara outro sacerdote.

– Devemos estudá-la com atenção – concluía Dromind.

Um acólito mensageiro se apressara pelo corredor até o grupo e buscara entre eles até se deparar com Stiros.

– Stiros – dissera o mensageiro. – Vocês devem liberar esse corredor imediatamente.

– Por quê? – Era a voz indignada do conjunto de sacerdotes rejeitados.

– Ela deve ser levada aos alojamentos do Sumo Sacerdote – o mensageiro redarguiu. – Por ordem de quem? – demandara Stiros.

– O próprio Sumo Sacerdote Tuek comandou – respondera o mensageiro. – Eles estiveram escutando. – Ele acenou de forma vaga a direção da qual viera.

Todo o grupo no corredor compreendera. Cômodos podiam ser moldados para enviar suas vozes até outros lugares. Sempre havia ouvintes.

– O que escutaram? – perguntara Stiros. Sua voz vacilara.

– Ela perguntou se suas acomodações eram as melhores. Eles estão prestes a removê-la e a garota não deve encontrar nenhum de vocês aqui.

- Mas o que devemos fazer? – perguntara Stiros.
- Estudá-la – respondera Dromind.

O corredor fora esvaziado imediatamente e todos iniciaram o processo de estudar Sheeana. O padrão nascido ali influenciaria a vida de todos eles durante os anos subsequentes. A rotina que tomara forma ao redor de Sheeana produzira mudanças sentidas nos domínios mais longínquos da influência do Deus Dividido. As seguintes palavras acenderam tal mudança:

- Estude-a.

Quão ingênua ela era, pensaram os sacerdotes. Quão curiosamente ingênua. Contudo, ela sabia ler e demonstrava profundo interesse nos Livros Sagrados que encontrara nos alojamentos de Tuek, que agora eram seus.

Toda aquela propiciação vinha do mais alto até o mais baixo. Tuek se mudara para os alojamentos do chefe de seus assistentes e o impacto do processo foi se movendo para baixo. Fabricantes atenderam Sheeana e a mediram. O melhor trajestilador fora costurado para ela. Ela adquirira novas vestes em dourado e branco sacerdotal, com bainha púrpura.

As pessoas começaram a evitar o historiador-locutor Dromind. Ele começara a importunar seus colegas, expondo a história da Siona original, como se isso revelasse algo importante sobre a nova portadora do antigo nome.

- Siona era a mulher do Sagrado Duncan Idaho – lembrava Dromind a todos que queriam ouvir. – Seus descendentes estão por toda parte.

- É mesmo? Perdoe-me, mas não posso mais conversar, estou apressado com meus afazeres.

No início, Tuek era mais paciente com Dromind. A história era interessante e a lição, óbvia.

– Deus nos enviou uma nova Siona – dissera Tuek. – Tudo estava claro.

Dromind saíra e logo retornara com mais fragmentos do passado.

– Agora os relatos de Dar-es-Balat ganham um novo significado – Dromind dissera ao Sumo Sacerdote. – Não deveríamos fazer novos testes e comparações com essa criança?

Dromind emboscara o Sumo Sacerdote logo depois do café da manhã. Os restos do desjejum de Tuek ainda ocupavam a mesa de servir da varanda. Através da janela aberta, eles ouviam agitação intensa nos alojamentos de Sheeana, mais acima.

Tuek colocara um dedo cauteloso sobre os lábios de Dromind e dissera em voz baixa:

– A Criança Sagrada vai ao deserto de vontade própria. – Ele caminhara até um mapa na parede e apontara na direção de uma área ao sudoeste de Kina. – Parece que essa é uma área que interessa a ela ou.... devo dizer, que clama por ela.

– Fui informado de que ela faz uso frequente de dicionários – continuara Dromind. – Certamente, isso não pode ser um...

– Ela *nos* testa – dissera Tuek. – Não se engane.

– Mas lorde Tuek, ela formula questões infantis para Cania e Alhosa.

– Você questiona meu julgamento, Dromind?

Dromind percebera, tarde demais, que ultrapassara os limites apropriados. Ele caíra em silêncio, mas sua expressão mostrava que muitas outras palavras se comprimiam dentro dele.

– Deus nos enviou Sheeana para extirpar algum mal que se esgueirou entre as fileiras dos ungidos – dissera Tuek. – Vá! Ore e pergunte a si mesmo se esse mal não está alojado dentro de você.

Logo depois que Dromind saíra, Tuek convocara um assessor confiável.

– Onde está a Criança Sagrada?

– Ela adentrou o deserto, milorde, para comungar com seu Pai.

– Para o Sudoeste?

– Sim, milorde.

– Dromind deve ser levado para longe, na direção leste, e deixado na areia. Plante vários marteladores para assegurar que ele jamais volte.

– Dromind, senhor?

– Dromind.

Mesmo depois que Dromind fora trasladado para a Boca de Deus, os sacerdotes continuaram a seguir sua injunção original. Continuaram a estudar Sheeana.

Sheeana também estudara.

De maneira gradual, tão gradual que ela não conseguia identificar o ponto de transição, ela reconheceu seu grande poder sobre aqueles que a rodeavam. Primeiro, era um jogo, um Dia da Criança perpétuo, com adultos pulando para obedecer a cada capricho infantil. Mas parecia que nenhum capricho era difícil demais.

Ela pedia uma fruta rara para o lanche?

A fruta lhe era servida em um prato de ouro.

Ela via uma criança ao longe, nas ruas apinhadas e a requisitava como colega para brincar?

Tal criança era levada apressadamente para os alojamentos de Sheeana no templo. Quando o medo e o choque passavam, a criança podia até se envolver em alguma brincadeira, a qual os sacerdotes observavam de maneira atenta. Brincadeiras ingênuas de correr pelo jardim sobre o teto, risadinhas em forma de sussurro; tudo era submetido à análise intensa. Sheeana achava que a perplexidade daquelas crianças era um fardo. Ela raramente



chamava a mesma criança para brincar. Preferia aprender coisas novas de novos colegas.

Os sacerdotes não atingiam um consenso sobre a inocência de tais encontros. As crianças eram submetidas a interrogatórios aterrorizantes até que Sheeana descobrira e se enfurecera com seus guardiões.

Inevitavelmente, os comentários a respeito de Sheeana se espalharam por Rakis e além de sua fronteira planetária. Os relatórios da Irmandade se acumulavam. Os anos se passaram em um tipo de rotina autocrática grandiosa; alimentando a curiosidade de Sheeana. Era uma curiosidade que parecia não ter limites. Nenhum de seus servos imediatos pensara nisso como educação: Sheeana ensinando os sacerdotes de Rakis e eles a ensinando de volta. As Bene Gesserit, contudo, atentaram para esse aspecto da vida de Sheeana imediatamente e o observaram de perto.

– Ela está em boas mãos. Deixe-a lá até que esteja pronta para nós – ordenara Taraza. – Mantenham uma força de defesa em alerta constante e assegurem que eu receba relatórios de forma regular.

Sheeana não revelara suas origens nem uma vez sequer, nem o que Shaitan fizera a sua família e vizinhos. Era um assunto privado entre ela e Shaitan. Ela guardara silêncio como paga por ter sido poupada.

Ela perdera o interesse por algumas coisas. Fazia menos viagens ao deserto. A curiosidade persistia, mas tornou-se óbvio que a explicação para o comportamento de Shaitan em relação a ela não seria encontrada na amplidão da areia. E apesar de saber que existiam embaixadas de outros poderes em Rakis, as espiãs Bene Gesserit entre seus servos asseguraram que Sheeana não expressava muito interesse na Irmandade. Respostas

tranquilizadoras com o intuito de diminuir tal curiosidade eram fornecidas e equilibradas para Sheeana, conforme o ordenado.

A mensagem de Taraza para suas observadoras em Rakis era direta e penetrante:

– As gerações de preparação se transformaram em anos de refinamento. Vamos agir apenas no momento certo. Não há mais nenhuma dúvida de que essa criança seja a escolhida.

**Pelas minhas estimativas, mais miséria foi criada pelos reformistas do que por qualquer outra força na história da humanidade. Mostre-me alguém que diga, “Temos que tomar uma atitude!” e mostrarei a você uma cabeça cheia de intenções perversas, incapaz de pensar em outra saída. Devemos lutar (sempre!) para encontrar o fluxo natural e seguir com ele.**

**– Reverenda Madre Taraza,  
Gravação de Conversações,  
Arquivo BG GSXXMAT9**

O céu carregado de nuvens se abriu à medida que o sol de Gammu nascia, ressaltando os odores de grama e da floresta circundante, extraídos e condensados pela umidade da manhã.

Duncan Idaho estava de pé diante de uma Janela Proibida, inalando os odores. Naquela manhã, Patrin o alertara:

– Você tem quinze anos de idade. Deve se considerar um jovem adulto. Não é mais uma criança.

– Hoje é meu aniversário?

Eles estavam nos aposentos de dormir de Duncan, onde Patrin acabara de acordá-lo com um copo de suco cítrico.

– Não sei qual é o dia do seu aniversário.

– Gholas têm aniversários?

Patrin permaneceu em silêncio. Era proibido falar de gholas com o ghola.

– Schwangyu o proibiu de responder a essa pergunta – disse o Duncan.

Patrin falou, com um embaraço óbvio:

– O bashar deseja que eu lhe informe que suas aulas de treinamento serão atrasadas nesta manhã. Ele determina que você faça os exercícios para pernas e joelhos até ser chamado.

– Eu os fiz ontem!

– Apenas transmito as ordens do bashar. – Patrin pegou o copo vazio e deixou Duncan sozinho.

Duncan se vestiu com rapidez. Elas esperavam por ele no refeitório para o desjejum. *Malditas!* Ele não precisava daquele desjejum. O que o bashar estava fazendo? Por que ele não podia iniciar as aulas na hora certa? *Exercícios para as pernas e para os joelhos!* Era algo improvisado, porque Teg provavelmente tinha algum dever inesperado. Irritado, o Duncan tomou uma Rota Proibida para uma Janela Proibida. *Que aquelas malditas guardas sejam punidas!*

Ele considerou evocativos os odores que vinham através da janela, mas não conseguia situar as memórias que se escondiam nos limites de sua percepção. Ele sabia que havia memórias. Duncan achou apavorante, mas magnético; semelhante a caminhar à beira de um penhasco ou confrontar Schwangyu de forma desafiadora. Ele jamais caminhara ao longo de um precipício nem desafiara a Reverenda Madre abertamente, mas conseguia imaginar tais coisas. A visão de uma holofoto contida em um livروفilme que mostrava trilhas bordeando um penhasco fora o suficiente para fazer seu estômago se apertar. Quanto a Schwangyu, ele, por diversas vezes, imaginava uma desobediência raivosa e sofria a mesma reação física.

*Existe outra pessoa em minha mente,* pensou.

Não somente em sua mente... *em seu corpo.* Ele podia sentir outras experiências, como se ele tivesse acabado de acordar, sabendo que ele sonhara, mas incapaz de recordar seu conteúdo.

Essa coisa-sonho clamava por um conhecimento que ele sabia não possuir...

Entretanto, ele o possuía.

Ele sabia o nome de algumas das árvores das quais havia inalado o odor naquela região, mas os nomes não constavam dos registros da biblioteca.

Aquela Janela Proibida era proibida porque trespassava a parede exterior do Forte e podia ser aberta. Geralmente, era utilizada, como naquele momento, para ventilação. Podia-se chegar à janela pelo quarto dele, subindo pela grade da varanda e escorregando através do duto de ar de um depósito. Ele aprendera a fazer isso sem comprometer a grade, o armazém e o duto. Desde cedo, ficara claro a ele que aqueles treinados pelas Bene Gesserit liam sinais minúsculos. Ele era capaz de ler alguns daqueles sinais, graças aos ensinamentos de Teg e Lucilla.

Oculto pelas sombras da passagem superior, Duncan se concentrou nas encostas da floresta que levavam até os picos rochosos. Ele achava a floresta atraente. Além dela os picos possuíam uma qualidade mágica. Era fácil imaginar que ser humano algum havia sequer tocado aquela terra. Como seria bom se perder ali, ser apenas ele mesmo, sem se preocupar com qualquer outra pessoa que habitasse seu âmago. Um estranho ali.

Com um suspiro, Duncan se virou e retornou a seu quarto, percorrendo a rota secreta. Somente quando voltou à segurança de seu quarto ele se permitira dizer que havia conseguido outra vez. Ninguém seria punido por sua aventura.

Dor e punições, as quais pairavam sobre ele como uma aura circundando os lugares que lhes eram proibidos, faziam apenas com que ele exercesse extrema cautela quando quebrava as regras.

Duncan não gostava de pensar na dor que Schwangyu infligiria a ele caso o encontrasse na Janela Proibida. Mesmo a pior dor, contudo, não o faria gritar, disse a si mesmo. Ele nunca gritara, nem mesmo com os ardis mais sórdidos dela. Ele sempre a encarava com ódio, mas aprendendo a lição dela. Para ele, a lição de Schwangyu era direta: refine a habilidade de se mover sem ser notado, visto, ou ouvido, sem deixar pistas que denunciem sua passagem.

Em seu quarto, Duncan se sentou à beira do catre e contemplou a parede lisa diante de si. Certa vez, enquanto ele olhava para aquela parede, uma imagem se formara ali: uma jovem com cabelos cor de âmbar claro e feições suavemente arredondadas. Da parede ela o olhara e sorrira. Seus lábios se moveram sem emitir sons. Contudo, Duncan já aprendera leitura de lábios e lera as palavras com clareza.

– Duncan, meu doce Duncan.

*Seria ela sua mãe?*, ele se perguntara. *Sua verdadeira mãe?*

Mesmo gholas tinham mães verdadeiras em algum ponto do passado. Perdida no tempo, anterior aos tanques axolotles, havia uma mulher viva que o dera à luz e... que o amara. Sim. Ela o amara porque Duncan era seu filho. Se aquele rosto na parede era sua mãe, como a imagem tinha chegado até lá? Ele não podia identificar o rosto, mas queria que fosse a mãe dele.

A experiência o assustara, embora o medo não o impedisse de querer repeti-la. Seja lá que fosse aquela jovem, sua breve aparição tantalizava Duncan. O estranho dentro dele conhecia a jovem. Ele tinha certeza disso. Às vezes, desejava ser aquele estranho apenas por um instante, somente pelo tempo necessário para recuperar todas aquelas memórias escondidas, mas ele próprio temia esse

desejo. Ele perderia seu verdadeiro eu, Duncan pensava, se o estranho adentrasse sua percepção consciente.

*Isso seria como a morte?*, ele se perguntava.

Duncan vira a morte antes de seu sexto ano ali. Suas guardas haviam expulsado intrusos e uma delas foi a óbito. Quatro intrusos também morreram. Duncan observou os cinco corpos trazidos para dentro do Forte; músculos flácidos, braços se arrastando. Algo essencial fora retirado deles. Nada permanecera que invocasse memórias... próprias ou de um estranho.

Os cinco foram levados para algum lugar dentro do Forte. Ele ouvira um guarda dizer, mais tarde, que os quatro intrusos estavam repletos de “shere”. Esse fora o primeiro encontro dele com a ideia de uma sonda ixiana.

– Uma sonda ixiana é capaz de vasculhar a mente, inclusive a de uma pessoa morta – explicara Geasa. – Shere é uma droga que protege contra a sonda. Todas as suas células estarão mortas antes que o efeito dessa droga passe.

Prestando atenção a conversas com sagacidade, Duncan compreendera que os quatro intrusos também foram sondados de outras maneiras. Essas outras maneiras não foram explicadas, mas ele suspeitara que deveriam ser algum segredo das Bene Gesserit. Ele pensara nisso como outro artil infernal das Reverendas Madres. Com certeza, elas deviam animar os mortos e extrair informações da carne relutante. Duncan visualizara músculos despersonalizados agindo conforme a vontade de uma observadora diabólica.

A observadora sempre era Schwangyu.

Aquelas imagens preencheram a mente de Duncan, apesar de todos os esforços das Bene Gesserit para dissipar “bobagens inventadas pelos ignorantes.” As professoras disseram que essas histórias disparatadas só serviam para criar medo das Bene

Gesserit nos não iniciados. Duncan se recusava a acreditar que fazia parte dos iniciados. Ao olhar para uma Reverenda Madre, ele sempre pensava: *Não faço parte deles!*

Mais recentemente, Lucilla persistira mais.

– Religião é uma fonte de energia – disse ela. – Você deve reconhecer essa energia. Ela pode ser direcionada para nossos propósitos.

*Seus propósitos*, não meus, pensou ele.

Ele imaginava seus propósitos pessoais e projetava imagens triunfantes de si mesmo sobre a Irmandade, especialmente sobre Schwangyu. Duncan sentiu que essas projeções imaginárias eram uma realidade subterrânea que agiam nele, advindas do lugar onde o estranho habitava. Contudo, ele aprendera a concordar e a manter a aparência de que ele também achava tal credulidade religiosa divertida.

Lucilla reconheceu essa dicotomia dentro dele. Ela alertou Schwangyu:

– Ele pensa que forças místicas devem ser temidas e, se possível, evitadas. Enquanto persistir nessa crença, não aprenderá a usufruir de nossos conhecimentos mais essenciais.

Elas se encontravam para o que Schwangyu chamava “uma sessão regular de avaliação”, uma reunião entre as duas no escritório de Schwangyu. Foi logo depois da ceia leve de ambas. Os sons do Forte ao redor delas eram os da transição: início das patrulhas noturnas, o pessoal dispensado aproveitando o tempo livre. O escritório de Schwangyu não fora completamente isolado desses ruídos, uma atitude deliberada da equipe de reformas da Irmandade. Os sentidos treinados de uma Reverenda Madre podiam detectar muitas coisas a partir dos sons ao seu redor.



Schwangyu se sentia cada vez mais perdida nessas “sessões de avaliação”. Era incrivelmente óbvio que Lucilla não seria trazida para o lado daqueles que se opunham a Taraza. Lucilla também era imune aos subterfúgios manipuladores da Reverenda Madre. Pior de tudo, Lucilla e Teg ensinavam habilidades altamente voláteis ao gholá. Perigoso ao extremo. Em adição a todos os outros problemas, Schwangyu nutria um respeito crescente por Lucilla.

– Ele pensa que usamos poderes ocultos para praticar nossas artes – informou Lucilla. – Como ele chegou a essa conclusão tão peculiar?

Schwangyu sentiu a desvantagem imposta por essa pergunta. Lucilla já sabia que isso havia sido feito com o propósito de enfraquecer o gholá. Lucilla dizia:

– “Desobediência é um crime contra nossa Irmandade.”

– Se ele quiser nosso conhecimento, certamente aprenderá com você – disse Schwangyu. Não importava quão perigosa, na visão de Schwangyu, essa era a verdade.

– O desejo dele pelo conhecimento é minha melhor alavanca – disse Lucilla –, mas ambas sabemos que isso não é o suficiente. – Não havia reprovação no tom de Lucilla, mas Schwangyu o sentiu mesmo assim.

*Maldita seja! Está tentando me levar na conversa!*, pensou Schwangyu.

Várias respostas ocuparam a mente de Schwangyu: *Não desobedeci minhas ordens. Ora!* Uma desculpa repugnante. *O gholá tem sido tratado de acordo com os padrões das práticas de treinamento das Bene Gesserit.* Inadequado e uma inverdade. E aquele gholá não era um objeto padrão de treinamento. Havia mais profundidade nele, que só podia ser despertada por uma Reverenda Madre em potencial. E esse era o problema!

– Cometi equívocos – disse Schwangyu.

*Pronto!* Aquela era uma resposta ambígua que outra Reverenda Madre apreciaria.

– A senhora não se equivocou quando o danificou – disse Lucilla.

– Mas falhei em antecipar que outra Reverenda Madre seria capaz de expor os problemas que existem nele – disse Schwangyu.

– Ele quer nossos poderes somente para escapar de nós – continuou Lucilla. – Ele está pensando: *Um dia saberei tanto quanto elas e então fugirei.*

Como Schwangyu não respondera, Lucilla prosseguiu:

– Foi inteligente. Se ele fugir, teremos de caçá-lo e destruí-lo nós mesmas.

Schwangyu sorriu.

– Não cometerei seu equívoco – completou Lucilla. – Direi abertamente a você o que tenho certeza que você verá algum dia de qualquer forma. Agora compreendo por que Taraza enviou uma Impressora para alguém tão jovem.

O sorriso de Schwangyu se esvaiu:

– O que você está fazendo?

– Estou ligando ele a mim da forma que ligamos todas as nossas acólitas a suas professoras. Eu o trato com candura e lealdade, como se ele fosse uma de nós.

– Mas ele é homem!

– Então a dor da especiaria lhe será negada, mas nada além disso. Ele está, creio, respondendo bem.

– Quando virá a última etapa da Impressão? – perguntou Schwangyu.

– Sim, isso será delicado. Você acha que irá destruí-lo. Esse, naturalmente, era o seu plano.

– Lucilla, a Irmandade não é unânime em relação aos projetos de Taraza para esse gholá. Você com certeza sabe disso.

Era o argumento mais poderoso de Swangyu e o fato de ela tê-lo guardado para aquele momento dizia muito. Os medos de que elas pudessem produzir outro Kwisatz Haderach se aprofundavam e a divergência entre as Bene Gesserit era comparavelmente poderosa.

– Ele pertence a uma linhagem genética primitiva e não foi gerado para ser um Kwisatz Haderach – argumentou Lucilla.

– Mas os Tleilaxu interferiram na herança genética dele!

– Sim, de acordo com nossas ordens. Eles aceleraram as respostas do sistema nervo-muscular dele.

– Foi só isso que eles fizeram? – Schwangyu questionou.

– A senhora viu todos os estudos celulares – respondeu Lucilla.

– Se conseguíssemos fazer tudo que os Tleilaxu fazem, não precisaríamos deles – redarguiu Schwangyu. – Teríamos nossos próprios tanques axolotles.

– A senhora acha que eles esconderam algo de nós – completou Lucilla.

– Eles o mantiveram completamente fora de nossa observação por nove meses!

– Já ouvi todas essas argumentações – respondeu Lucilla.

Schwangyu jogou as mãos para o alto em um gesto de desistência:

– Então ele é todo seu, *Reverenda Madre*. As consequências pendem sobre sua cabeça. Mas você não me removerá deste posto, não importa o que relate à Casa Capitular.

– Removê-la? Obviamente não. Não quero que sua facção mande alguma desconhecida para cá.

– Existe um limite para os insultos que admitirei de você – disse Schwangyu.

– E também existe um limite para a quantidade de traição que Taraza aceitará – respondeu Lucilla.

– Se acabarmos com outro Paul Atreides ou, que Deus nos proteja, outro Tirano, será um feito de Taraza... Avise a ela que eu disse isso.

Lucilla ficou de pé.

– A senhora deve saber que Taraza deixou inteiramente a meu julgamento a quantidade de mélange que devo administrar a esse ghola. Já comecei a aumentar seu consumo de especiaria.

Schwangyu esmurrou a mesa com os dois punhos.

– Malditas sejam todas vocês! Ainda trarão nossa destruição.

**O segredo dos Tleilaxu deve estar no esperma deles. Nossos testes provam que o esperma deles não transmite adiante uma forma genética direta. Lacunas ocorrem. Todo Tleilaxu que examinamos escondeu seu self profundo de nós. Eles são naturalmente imunes à sonda ixiana! Sigilo nos níveis mais profundos, essas são suas derradeiras armaduras e armas.**

**– Análise Bene Gesserit,  
Código de Arquivo BTXX441WOR**

Em uma manhã durante o quarto ano de abrigo de Sheeana no santuário dos sacerdotes, os relatórios das espiãs trouxeram uma informação de interesse especial para as observadoras Bene Gesserit em Rakis.

– Você quer dizer que ela estava no telhado? – perguntou a Madre Comandante do Forte rakiano.

Tamalane, a comandante, servira previamente em Gammu e sabia mais do que a maioria sobre o que a Irmandade esperava urdir ali. O relatório das espiãs interrompera o desjejum de Tamalane: *confit* de cifruta embebido com mélange. A mensageira parou com tranquilidade ao lado da mesa enquanto Tamalane retomou seu desjejum ao reler o informe.

– Sim, no telhado, Reverenda Madre – respondeu a mensageira.

Tamalane olhou para a mensageira, Kipuna, uma acólita nascida em Rakis que se preparava para minuciosos serviços locais. Engolindo uma colher cheia de seu *confit*, Tamalane disse:

– “*Traga-os de volta!*” Foram essas as palavras exatas que ela empregou?

Kipuna assentiu rapidamente. Ele entendera a pergunta. Sheeana dera um comando peremptório?

Tamalane terminou de percorrer o relatório com os olhos, procurando os sinais mais sensíveis. Ela se sentia grata por terem enviado a própria Kipuna. Tamalane respeitava as habilidades daquela mulher rakiana. Kipuna tinha feições macias e delicadas, além do cabelo enrolado comum entre muitas daquelas pertencentes à classe clerical rakiana, mas o cérebro debaixo daquele cabelo não era nada enrolado.

– Sheeana estava desgostosa – disse Kipuna. – O tóptero passou próximo ao teto e ela viu claramente os dois prisioneiros algemados lá dentro. Ele sabia que eles seriam levados para morrer no deserto.

Tamalane abaixou o relatório e sorriu.

– Então ela ordenou que os prisioneiros fossem trazidos de volta para ela. Acho a escolha das palavras de Sheeana fascinantes.

– “Traga-os de volta”? – perguntou Kipuna. – É uma ordem muito simples. Como pode ser fascinante?

Tamalane admirou a franqueza do interesse da acólita. Kipuna não era do tipo que deixava passar uma chance de aprender algo sobre o funcionamento da mente de uma verdadeira Reverenda Madre.

– Não é essa parte da atitude dela que me interessa – retrucou Tamalane. Ela voltou ao relatório e leu em voz alta: – “Vocês são servos de Shaitan, não servos dos servos.” – Tamalane olhou para Kipuna. – Você mesma escutou e viu isso tudo?

– Sim, Reverenda Madre. Considerou-se importante que eu trouxesse o relatório pessoalmente, caso a senhora tivesse outras perguntas.

– Ela ainda o chama de Shaitan – Tamalane murmurou. – Como isso deve amargurá-los! Naturalmente, o próprio Tirano disse um dia: “Eles me chamarão de Shaitan”.

– Vi os relatórios sobre as reservas encontradas em Dar-es-Balat – disse Kipuna.

– Não houve um intervalo na volta dos prisioneiros? – perguntou Tamalane.

– Assim que a mensagem foi transmitida ao tóptero, Reverenda Madre. Eles retornaram em poucos minutos.

– Então eles a observam e a escutam o tempo todo. Bom saber. Sheeana deu algum sinal de que conhecesse os dois prisioneiros? Alguma mensagem foi trocada entre eles?

– Estou certa de que ambos eram estranhos para ela, Reverenda Madre. Duas pessoas simples de classe inferior, bastante sujas e maltrapilhas. Elas tinham o cheiro daqueles que não se banham e habitam os casebres da periferia.

– Sheeana ordenou a remoção das algemas e depois conversou com a dupla de maltrapilhos. Agora, quero saber exatamente o que ela disse.

– “Vocês são meu povo”.

– Adorável, adorável – exclamou Tamalane. – Em seguida, Sheeana ordenou que os dois fossem levados, banhados e que recebessem roupas novas antes de serem soltos. Conte-me com suas próprias palavras o que aconteceu depois.

– Ela convocou Tuek, que levou consigo três de seus conselheiros-assistentes. Foi... quase uma briga.

– Transe-memorial, por favor – ordenou Tamalane. – Repita a conversa para mim.

Kipuna fechou os olhos, inspirou profundamente e caiu em transe-memorial. Logo voltou a falar.

– Sheeana diz: “Não gosto quando vocês alimentam Shaitan com meu povo”. Conselheiro Stiros diz: “Eles são sacrificados para Shai-hulud!”. Sheeana diz: “Para Shaitan!”. Sheeana bate o pé com raiva. Tuek diz: “Chega, Stiros. Não vou ouvir mais sobre essa dissensão”. Sheeana diz: “Quando vocês vão aprender?”. Stiros começa a falar mas Tuek o silencia com um olhar e diz: “Já aprendemos, Sagrada Criança”. Sheeana diz: “Eu quero...”.

– Já é o suficiente – Tamalane interrompeu.

A acólita abriu os olhos e esperou em silêncio.

Logo Tamalane a dispensou:

– Volte a seu posto, Kipuna. Você fez um ótimo trabalho.

– Obrigada, Reverenda Madre.

– Haverá temor entre os sacerdotes – acrescentou Tamalane.

– O desejo de Sheeana é uma ordem para eles porque Tuek acredita nela. Eles deixarão de usar os vermes como instrumentos de punição.

– Os dois prisioneiros – disse Kipuna.

– Sim, muito bem observado. Os dois prisioneiros recontarão o acontecimento. A história será distorcida. O povo dirá que Sheeana os protege contra os sacerdotes.

– Não é exatamente o que ela está fazendo, Reverenda Madre?

– Ah, mas considere o leque de opções aberto para os sacerdotes. Eles aumentarão suas formas alternativas de punição: açoitamentos e certas privações. Enquanto o medo de Shaitan diminui em razão das atitudes de Sheeana, o medo em relação aos sacerdotes aumentará.

Em dois meses, os relatórios de Tamalane para a Casa Capitular confirmaram suas próprias palavras.

– Alto grau de racionamento, em particular de água, tornou-se a forma dominante de punição – informou Tamalane. – Boatos



desvairados alcançaram os locais mais longínquos de Rakis e logo também se espalharão por outros planetas.

Tamalane considerou as implicações de seu relatório com muito cuidado. Muitos olhos o leriam, inclusive alguns que não eram simpáticos a Taraza. Qualquer Reverenda Madre seria capaz de esboçar uma imagem do que estava acontecendo em Rakis. Muitos no próprio planeta testemunharam a chegada de Sheeana no topo de um verme selvagem do deserto. A resposta dos sacerdotes de manter a chegada em sigilo fora um plano falho desde o começo. A curiosidade, quando não satisfeita, tendia a criar suas próprias hipóteses. Suposições eram, em várias ocasiões, mais perigosas que os fatos.

Relatórios anteriores informaram sobre as crianças levadas para brincar com Sheeana. As histórias muito embelezadas de tais crianças eram repetidas, cada vez mais distorcidas, e tais distorções foram encaminhadas diligentemente à Casa Capitular. Os dois prisioneiros, devolvidos às ruas em vestimentas nobres, acrescentaram sua parte à crescente mitologia. A Irmandade, artistas no campo da mitologia, tinha em Rakis uma energia pronta para o uso, a ser sutilmente amplificada e direcionada.

– Alimentamos e introduzimos na população uma crença que satisfaz seu desejo – relatou Tamalane. Ela pensou nas frases originadas pelas Bene Gesserit enquanto lia seu último relatório.

“Sheeana é aquela pela qual esperamos por muito tempo.”

Era uma afirmação simples o suficiente para que seu significado fosse divulgado sem nenhuma distorção inaceitável.

“A Filha de Shai-hulud veio para punir os sacerdotes!”

Esta fora um pouco mais complicada. Alguns sacerdotes morreram em becos escuros como resultado da efervescência popular. A partir desses fatos, um novo alerta alimentara a

corporação das forças clericais, os quais, como esperado, infligiram injustiças à população.

Tamalane considerou a delegação clerical que acompanhava Sheeana como se fosse um resultado do tumulto entre os conselheiros de Tuek. Sete deles, liderados por Stiros, interromperam um almoço de Sheeana com uma das crianças de rua. Sabendo que isso poderia acontecer, Tamalane havia sido precavida e uma gravação secreta do incidente fora entregue a ela, com palavras audíveis, cada expressão visível, os pensamentos bem transparentes para os olhos treinados de uma Reverenda Madre.

– Estávamos fazendo sacrifícios para Shai-hulud! – protestara Stiros.

– Tuek já avisou que você não deve discutir comigo sobre esse assunto – retrucara Sheeana.

Como as sacerdotisas riram da derrota de Stiros e dos outros sacerdotes!

– Mas, Shai-hulud... – começara Stiros.

– Shaitan! – Sheeana o corrigira e a expressão dela era fácil de entender: *Esses sacerdotes estúpidos não sabem de nada?*

– Mas nós sempre pensamos que...

– Vocês estavam errados! – Sheeana bateu o pé.

Stiros fingira que precisava de instruções:

– Devemos acreditar que Shai-hulud, o Deus Dividido, é Shaitan também?

Que idiota completo ele era, pensou Tamalane. Até uma garota pré-adolescente conseguia deixá-lo confuso, como Sheeana estava para fazer.

– Qualquer criança de rua sabe disso, assim que ela aprende a andar! – declarara Sheeana.

Stiros retrucara com malícia:

– Como você sabe o que está na mente das crianças de rua?

– Você é mau por duvidar de mim! – acusara Sheeana. Fora uma resposta que ela aprendera a usar várias vezes, sabendo que isso chegaria até Tuek e causaria problema.

Stiros também sabia muito bem disso. Ele esperara com um olhar abatido enquanto Sheeana, falando com a paciência duradoura de quem conta uma fábula antiga a uma criança, explicara a ele que deus ou o diabo ou ambos podiam habitar o verme do deserto. Os humanos apenas deveriam aceitar. Eles não tinham o direito de decidir tais coisas.

Stiros mandara pessoas para o deserto por terem proferido tal heresia. A expressão dele (bem gravada para análise das Bene Gesserit) deixava claro que tais conceitos selvagens sempre brotavam do chorume no fundo do entulho rakiano. Mas agora! Ele tinha que lidar com a insistência de Tuek de que Sheeana falava a verdade do evangelho!

Enquanto assistia à gravação, Tamalane imaginava que o caldeirão estava em ebulição no ponto correto. Assim ela se reportou à Casa Capitular. Dúvidas afligiam Stiros; dúvidas em todo lugar, exceto entre o populacho em sua devoção a Sheeana. Espiãs próximas a Tuek disseram que ele estava até começando a duvidar da sabedoria de sua decisão de trasladar o historiador-locutor, Dromind.

– Estaria Dromind certo em duvidar dela? – Tuek questionara àqueles que o circundavam.

– Impossível! – disseram os sicofantas.

O que mais eles poderiam dizer? O Sumo Sacerdote não cometia erros em tais decisões. Deus não permitiria. Entretanto, Sheeana claramente o deixava conturbado. Ela fazia com que as decisões de

vários Sumos Sacerdotes anteriores caíssem em um limbo terrível. Por todos os lados, exigia-se uma reinterpretação.

Stiros martelava a cabeça de Tuek:

– O que realmente sabemos sobre ela?

Tamalane recebera um relato completo da confrontação mais recente. Stiros e Tuek, sozinhos, debatendo noite adentro, apenas os dois (assim eles pensavam) nos aposentos do Sumo Sacerdote, abrigados confortavelmente em raras cãodeiras azuis, *confits* embebidos em mélange ao alcance das mãos. A holofoto gravada do encontro, nas mãos de Tamalane, mostrava um simples luciglobo amarelo, pairando em seus suspensores colocados bem próximos, acima da dupla, a luz esmaecida para diminuir a tensão sobre os olhos cansados.

– Talvez aquele primeiro teste, deixando-a no deserto com um martelador, não tenha sido muito bom – dissera Stiros.

Era uma afirmação maliciosa. Tuek era conhecido por não ter a mente excessivamente complexa:

– O teste não foi bom? O que você quer dizer com isso?

– Talvez seja desejo de Deus que realizemos outros testes.

– Você mesmo a viu! Várias vezes no deserto falando com Deus!

– Sim! – Stiros quase pulou. Claramente, era essa a resposta que ele queria ouvir. – Se ela sair ilesa na presença de Deus, talvez possa ensinar a outros como conseguiu.

– Você sabe que quando sugerimos isso ela fica irritada.

– Talvez não tenhamos usado a abordagem certa para esse problema.

– Stiros! E se a menina estiver certa? Servimos ao Deus *Dividido*. Pensei longa e seriamente sobre a questão. Por que Deus se dividiria? Não seria esse o teste final de Deus?

A expressão na face de Stiros declarava que esse era exatamente o exercício mental que sua facção temia. Ele tentara divergir o Sumo Sacerdote de seu rumo atual, mas Tuek não seria desviado de seu mergulho de cabeça em metafísica.

– O teste final – insistira Tuek. – Enxergar o bem no mal e o mal no bem.

A expressão de Stiros podia ser descrita apenas como consternação. Tuek era o Supremo Ungido de Deus. A nenhum sacerdote era permitido duvidar *disso*! As coisas que surgiriam se Tuek apresentasse ao público tal conceito poderiam abalar as fundações da autoridade clerical! Claramente, Stiros se perguntava se não era chegada a hora de *trasladar* o Sumo Sacerdote.

– Eu jamais sugeriria debater ideias tão profundas com meu Sumo Sacerdote – dissera Stiros. – Contudo, talvez eu possa oferecer uma proposta que solucione várias dúvidas.

– Proponha, então – respondera Tuek.

– Instrumentos sutis podem ser ocultados nas vestimentas dela. Assim, ouviríamos quando ela fala com...

– Você acha que Deus não saberá que fizemos isso?

– Tal pensamento nunca passou pela minha mente.

– Não vou ordenar que ela seja levada ao deserto – Tuek retrucara.

– Mas e se ela mesma tiver a ideia de ir? – Stiros assumira sua expressão mais agradável. – Ela já o fez várias vezes.

– Só que não recentemente. Ela parece ter perdido sua necessidade de consultar a Deus.

– Não poderíamos oferecer algumas sugestões a ela? – continuara Stiros.

– Tais como?

– “Sheeana, quando você falará de novo com seu Pai? Não anseia por estar de novo na presença d’Ele?”

– Isso parece mais uma provocação do que uma sugestão.

– Apenas proponho que...

– Essa Criança Sagrada não é simplória! Ela fala com Deus, Stiros. Deus pode nos mandar uma punição extrema por tal presunção.

– Deus não nos deu a vida para que estudemos? – perguntara Stiros.

Para Tuek, aquela declaração era muito parecida com a heresia de Dromind. Ele lançara um olhar fatal para Stiros.

– Quero dizer – emendara Stiros –, é que Deus, com certeza, quer que aprendamos com ela.

O próprio Tuek havia dito isso diversas vezes, mas jamais ouvira em suas próprias declarações um eco das palavras de Dromind.

– Ela não deve ser provocada nem testada – respondera Tuek.

– Que os céus proíbam! – exclamou Stiros. – Tomarei as mais sagradas precauções. Tudo que eu aprender a partir da Criança Sagrada será relatado imediatamente ao senhor.

Tuek simplesmente assentiu. Ele tinha suas próprias formas de assegurar-se de que Stiros falava a verdade.

As maliciosas provocações e testes que se seguiram foram relatados imediatamente para a Casa Capitular, por Tamalane e suas subordinadas.

– Sheeana tem um olhar pensativo – relatou Tamalane.

Entre as Reverendas Madres em Rakis e aquelas a quem estas se reportavam, esse olhar pensativo tinha uma interpretação óbvia. A vida pregressa de Sheeana já fora deduzida há um bom tempo. As intrusões de Stiros deixavam a criança com saudades de casa. Sheeana mantinha um silêncio inteligente, mas ficava claro que ela

pensava muito sobre sua vida na aldeia dos pioneiros. Apesar de todos os medos e perigos, estava óbvio que aqueles tinham sido tempos felizes para ela. Ela se recordava das risadas, de postear a areia para prever o tempo, caçar escorpiões nas rachaduras dos casebres, farejar fragmentos da especiaria nas dunas. Em razão das viagens repetidas de Sheeana àquela área, a Irmandade chegou a uma suposição razoável tanto da localização da aldeia perdida quanto do que acontecera por lá. Com frequência, Sheeana fitava um dos mapas antigos na parede de seus alojamentos.

Como Tamalane esperava, certa manhã Sheeana marcou com um dedo o lugar no mapa da parede onde ela já fora diversas vezes.

– Levem-me até lá – comandara a seus servos.

Um tóptero fora chamado.

Enquanto os sacerdotes ouviam com avidez em um tóptero que pairava bem acima, mais uma vez Sheeana confrontava sua nêmesis na areia. Tamalane e suas conselheiras, conectadas aos circuitos dos sacerdotes, observavam com a mesma avidez.

Nada que sugerisse a existência, ainda que remotamente, de uma aldeia jazia na vastidão repleta de dunas onde Sheeana ordenou que fosse deixada. Desta vez, contudo, ela usou um martelador. Outra das sugestões maliciosas de Stiros, acompanhada por instruções cuidadosas do uso daquele método antigo para invocar o Deus Dividido.

Um verme se aproximou.

Tamalane assistia em seu próprio transmissor de vídeo, considerando que o verme era um monstro mediano. Estimou o comprimento dele em cinquenta metros. Sheeana permaneceu a apenas três metros diante daquela boca escancarada. O crepitar dos fogos interiores do verme era claramente audível aos observadores da cena.

– Você vai me contar por que fez isso? – demandou Sheeana

Ela não se acovardou diante do hálito quente do verme. A areia crepitava debaixo do monstro, mas ela não se importava com isso.

– Responda-me! – comandou Sheeana.

Nenhuma voz saiu do verme, mas Sheeana parecia escutar, sua cabeça inclinada para o lado.

– Então volte de onde você veio – disse Sheeana. Ela acenou para que o verme fosse embora.

Obediente, o verme se afastou e voltou pela areia.

Por dias, enquanto a Irmandade os espionava com satisfação, os sacerdotes debateram aquele raro encontro. Sheeana não poderia ser questionada, senão descobriria que fora monitorada. Como antes, ela se recusou a discutir qualquer assunto ligado a suas visitas ao deserto.

Stiros continuava suas provocações maliciosas. O resultado era precisamente aquele que a Irmandade esperava. Sem qualquer aviso, alguns dias Sheeana acordava e dizia:

– Hoje irei ao deserto.

Às vezes ela usava um martelador, às vezes realizava sua dança de invocação. Ao longe, nas areias além da vista de Kina ou de qualquer outro lugar habitado, os vermes vinham até ela. Sheeana, sozinha diante de um verme, conversava com ele enquanto os outros ouviam. Tamalane considerava as gravações acumuladas fascinantes quando estas passavam por suas mãos a caminho da Casa Capitular.

– Eu devia odiá-lo!

Que tumulto essa frase causara entre os sacerdotes! Tuek ansiava por um debate aberto:

– Devemos odiar o Deus Dividido ao mesmo tempo em que O amamos?



Stiros quase não conseguiu impedir essa sugestão com o argumento de que os desejos de Deus ainda não estavam claros.

Sheeana perguntou a um dos seus visitantes gigantescos:

– Você vai me deixar montarenar de novo?

Quando ela se aproximou, o verme recuou e não a deixou montar.

Em outra ocasião, ela perguntara:

– Tenho que permanecer com os sacerdotes?

Esse verme em particular era o alvo de várias perguntas, dentre elas:

– Para onde as pessoas vão depois que você as engolir?

– Por que as pessoas são falsas comigo?

– Devo punir os sacerdotes maus?

Tamalane rira dessa última pergunta, pensando na confusão que geraria entre o pessoal de Tuek. As espiãs dela relataram devidamente o pavor dos sacerdotes.

– Como Ele responde a ela? – perguntara Tuek. – Alguém ouviu Deus responder?

– Talvez Ele fale diretamente dentro de sua alma – aventurou-se um assessor.

– É isso! – Tuek concordara de imediato com a ideia. – Devemos perguntar a ela o que Deus a aconselha a fazer.

Sheeana se recusara a ser arrastada para essas discussões.

– Ela mesma avalia muito bem seus próprios poderes – relatou Tamalane. – Agora, ela já não vai muito ao deserto, apesar das provocações de Stiros. Como esperávamos, a atração se desvaneceu. O medo e a exaltação vão carregá-la só até certo ponto, antes de empalidecerem. Ela, contudo, aprendeu um comando efetivo: “Vá embora!”.

A Irmandade ressaltou isso como um desenvolvimento importante. Quando até o Deus Dividido obedecia, nenhum sacerdote ou sacerdotisa estava em condições de questionar a autoridade dela sobre tal ordem.

– Os sacerdotes estão construindo torres no deserto – relatou Tamalane. – Eles querem lugares mais seguros de onde possam observar Sheeana quando ela vai ao deserto.

A Irmandade antecipara esse desenvolvimento e até mesmo fizera algumas sugestões para acelerar o processo. Cada torre tinha seu próprio captador de vento, sua própria equipe de manutenção, sua própria barreira de água, jardins e outros elementos de civilização. As torres eram pequenas comunidades expandindo as áreas estabelecidas de Rakis cada vez mais longe, em direção ao domínios dos vermes.

Aldeias de pioneiros não eram mais necessárias e Sheeana recebeu os créditos por esse desenvolvimento.

– Ela é *nossa* sacerdotisa – dizia o povo.

Tuek e seus assessores ficavam às voltas na cabeça de um alfinete: *Shaitan e Shai-hulud em um único corpo?* Stiros vivia o medo diário de que Tuek anunciasse tal fato. Os assessores de Stiros finalmente rejeitaram a sugestão de que Tuek fosse trasladado. Outra sugestão, de que a Sacerdotisa Sheeana sofresse um acidente fatal, resultara em horror da parte de todos, até mesmo Stiros concordara que o risco era muito alto.

– Mesmo se removermos esse espinho, Deus pode nos visitar com uma intrusão ainda mais terrível – dissera ele. E também advertira: – Os livros mais antigos declaram que uma criança pequena nos lideraria.

Stiros era apenas o mais recente dentre aqueles que consideravam Sheeana como algo não exatamente mortal. Era fácil

de notar que aqueles ao redor dela, incluindo Cania, aprenderam a amar Sheeana. Ela era tão engenhosa, inteligente e compreensiva.

Muitos observavam que essa afeição crescente por Sheeana se estendia até mesmo a Tuek.

A Irmandade reconhecia de imediato as pessoas tocadas por esse poder. As Bene Gesserit tinham um rótulo para esse efeito ancestral: *adoração em crescimento*. Tamalane relatara as mudanças em Rakis, enquanto as pessoas em todos os lugares do planeta começavam a rezar para Sheeana em lugar de Shaitan ou mesmo de Shai-hulud.

– Eles percebem que Sheeana intercede pelos mais fracos – informara Tamalane. – É um padrão familiar. Tudo está bem encaminhado. Quando enviarão o ghola?

**A superfície exterior de um balão é sempre  
mais larga que o centro da maldita coisa.  
Esse é o único motivo da Dispersão!**

**– Resposta Bene Gesserit a uma sugestão ixiana de que  
novas sondas investigadoras fossem enviadas aos  
Perdidos**

Um dos pequenos e velozes cargueiros das Bene Gesserit levou Miles Teg até o transporte da Guilda que protegia Gammu. Ele não gostava de ter que sair do Forte naquele momento, mas as prioridades eram óbvias. Ele também tivera uma reação instintiva sobre essa viagem. Em seus três séculos de experiência, Teg aprendera a acreditar em seus instintos. As coisas não iam bem em Gammu. Cada patrulha, cada relatório dos sensores remotos, as notícias dos espiões de Patrin espalhados pelas cidades... tudo aumentava a inquietude de Teg.

No estilo Mentat, Teg sentira o movimento das forças ao redor e dentro do Forte. Sua missão de proteger o gholá estava ameaçada. Entretanto, a ordem para que ele se apresentasse, preparado para violência, a bordo de um transporte da Guilda viera da própria Taraza, com um inequívoco criptoidentificador anexado.

No interior do cargueiro que o transportava, Teg se aprontou para a batalha. Os preparativos que ele podia fazer estavam prontos. Lucilla fora avisada. Ele confiava em Lucilla. Schwangyu era outra questão. Ele pretendia ter uma discussão séria com Taraza sobre algumas mudanças essenciais no Forte de Gammu. Primeiro, contudo, havia outra batalha a vencer. Teg não tinha a menor dúvida de que estava prestes a travar um combate.

Enquanto o cargueiro se preparava para atracar, Teg olhou para uma porta e viu o gigantesco símbolo ixiano dentro do emblema da Guilda no lado escuro do transporte. Era uma nave que a Guilda convertera para o mecanismo ixiano, substituindo máquinas pelo navegador tradicional. Deveria haver técnicos ixianos a bordo para operar o equipamento. Um navegador genuíno da Guilda também deveria estar lá. A Guilda jamais aprenderia a confiar em máquinas, nem quando exibia esses transportes convertidos como forma de mensagem aos Tleilaxu e rakianos.

*Vocês veem? Não somos totalmente dependentes do seu mélange!*

Essa era a mensagem contida naquele símbolo gigante de Ix na lateral da nave espacial.

Teg sentiu o baque suave das garras de atracação e suspirou profundamente. Ele experimentou a sensação que sempre tinha logo antes de uma batalha: desprovido de qualquer sonho falso. Aquilo era um fracasso. As negociações falharam e agora vinha a disputa de sangue... a menos que ele conseguisse evitá-la de alguma outra forma. Combates naqueles dias raramente eram algo extenso, mesmo assim a morte estava ali. Isso representava um tipo de fracasso mais permanente.

*Se não conseguimos ajustar nossas diferenças de forma pacífica, somos menos que humanos.*

Um assistente, com o sotaque inconfundível de Ix, guiou Teg ao cômodo onde Taraza se encontrava. Ao longo dos corredores e dos pneumotubos que o levavam até Taraza, Teg procurava por sinais que confirmassem o alerta secreto na mensagem da Madre Superiora. Tudo parecia sereno e comum; o assistente era, de maneira apropriada, respeitoso com o Bashar.

– Fui um comandante tireg em Andioyu – murmurara o assistente, nomeando uma das quase-batalhas que Teg vencera.

Eles chegaram a uma comporta oval comum na parede de um corredor qualquer. Ela se abriu e Teg entrou em um cômodo de paredes brancas com dimensões confortáveis: cadeira de tecido, mesas de canto baixas, luciglobos ajustados para um tom amarelado. A comporta deslizou até ser selada atrás dele, com uma pancada surda, deixando o guia para trás, no corredor.

Uma acólita Bene Gesserit abriu as cortinas de seda que escondiam uma passagem à direita de Teg. Ela acenou com a cabeça para ele. Fora visto. Taraza seria avisada.

Teg suprimiu um tremor nos músculos de suas panturrilhas.

*Violência?*

Ele não interpretara de maneira equivocada os alertas secretos. Seriam seus preparativos adequados? Havia uma cadeira de tecido preta à esquerda dele. Teg foi até aquele lado do aposento e esperou, posicionado de costas para a parede. A poeira marrom de Gammu ainda sujava a parte da frente de suas botas, ele notara.

Um odor peculiar inundou a sala. Ele inspirou. *Shere!* Será que Taraza e seu povo se armaram contra uma sonda ixiana? Teg tomara sua costumeira cápsula shere antes de embarcar no cargueiro. Quanto conhecimento útil para um inimigo existia em sua cabeça. O fato de Taraza deixar o odor de shere entrar em seus aposentos tinha outra implicação: representava uma declaração para algum observador cuja presença ela não era capaz de impedir.

Taraza entrou pela cortina de seda. *Ela parece cansada*, pensou ele. Ele achou esse fato impressionante, pois as Irmãs eram capazes de esconder a fadiga até estarem ao ponto de cair de exaustão. Será que a energia estava realmente tão baixa ou era apenas outro gesto para observadores ocultos?

Parando na entrada da sala, Taraza estudou Teg. O bashar parecia muito mais velho que da última vez em que o vira, pensou Taraza. O dever em Gammu mostrava seus efeitos, mas ela os considerava reconfortantes. Teg estava fazendo seu trabalho.

– Sua vinda rápida é apreciada, Miles – disse ela.

*Apreciada!* A palavra combinada para expressar: “um inimigo poderoso nos observa em segredo”.

Teg assentiu, enquanto seu olhar se dirigia às cortinas através das quais Taraza entrara.

Taraza sorriu e se moveu aposento adentro. Nenhum sinal do ciclo de *mélange* em Teg, ela observou. A idade avançada de Teg sempre levantava a suspeita de que ele recorresse ao efeito revigorante da especiaria. Nada nos modos dele indicava o menor sinal do vício em *mélange*, algo que até mesmo os mais fortes procuravam quando sentiam que o fim estava próximo. Teg vestia o paletó de seu velho uniforme de bashar supremo, mas sem as reluzentes estrelas douradas no ombro e no colarinho. Este era um sinal que ela reconheceu. Significava: “Lembre-se do que fiz para merecer estar sob seu comando. Também não falhei com você nesta ocasião”.

Os olhos que a estudavam nivelaram-se com os dela; nenhuma alusão a julgamento escapava deles. A aparência total do bashar revelava calma interior, tudo em discrepância com o que Taraza sabia que ocorria com Teg naquele momento. Ele esperou pelo sinal da Reverenda Madre.

– Nosso ghola deve ser despertado na primeira oportunidade possível – disse ela. Taraza acenou para silenciá-lo assim que ele começou a responder. – Acompanho os relatórios de Lucilla e sei que ele é muito jovem, mas é necessário agir.

Ela falava para os observadores, ele percebeu. Podia-se acreditar em suas palavras?

– Agora lhe dou a ordem para despertá-lo – disse ela enquanto flexionava o pulso esquerdo em um gesto de confirmação na linguagem secreta deles.

Era verdade! Teg fitou as cortinas que ocultavam a passagem pela qual Taraza entrara. Quem estaria ouvindo ali?

Ele usou seus talentos de Mentat para solucionar o problema. Havia peças perdidas do quebra-cabeça, mas isso não o deteve. Um Mentat era capaz de trabalhar sem algumas peças, caso tivesse o suficiente para criar um padrão. Em algumas ocasiões, o esboço mais impreciso era o bastante. Isso delineava a forma escondida, e então podia-se completar as peças que faltavam para o todo. Os Mentats raramente tinham todos os dados que seriam desejáveis, mas ele fora treinado para pressentir padrões, reconhecer sistemas e a totalidade. Teg lembrou a si mesmo que ele também fora treinado no derradeiro sentido militar: *treina-se um recruta para treinar uma arma, para apontar a arma corretamente.*

Taraza o apontava. A avaliação de Teg sobre as condições que ambos se encontravam fora confirmada.

– Tentativas desesperadas serão feitas para matar ou capturar nosso ghola antes mesmo que o despertemos – disse ela.

Ele reconheceu aquele tom: a oferta fria e analítica de dados a um Mentat. Então ela percebera que ele estava no modo Mentat.

A busca Mentat por padrões se desenrolava pela mente dele. Primeiro, havia o projeto da Irmandade para o ghola, quase completamente desconhecido para ele, mas que de alguma forma englobava a presença de uma jovem em Rakis, a qual (assim se dizia) podia comandar vermes. Gholas Idaho: sua personalidade encantadora e algo a mais levava o Tirano e os Tleilaxu a repetirem-



no inúmeras vezes. Carregamentos de Duncans! Que serviço esse ghola prestava, em razão do qual o Tirano não o deixava descansar entre os mortos? E os Tleilaxu: eles decantaram gholas Duncan Idaho em seus tanques axolotles por milênios, mesmo depois da morte do Tirano. Os Tleilaxu venderam esse ghola à Irmandade doze vezes e a Irmandade pagara com a moeda mais cara: mélange de seu precioso estoque. Por que os Tleilaxu aceitavam o pagamento com algo que eles mesmos produziam em abundância? Era óbvio: exaurir os suprimentos da Irmandade. Uma forma especial de cobiça. Os Tleilaxu compravam supremacia; *um jogo de poder!*

Teg voltou-se para a Madre Superiora, que o esperava calmamente.

– Os Tleilaxu matam nossos gholas para controlar nosso plano – disse ele.

Taraza assentiu, mas permaneceu calada. Logo, havia mais a descobrir. Mais uma vez ele entrou em modo Mentat.

As Bene Gesserit representavam um mercado valioso para o mélange tleilaxu, que, por sua vez, não era a única fonte em razão do pequeno fluxo que vertia de Rakis, mas bastante valioso. Não seria inteligente por parte dos Tleilaxu alienarem um mercado valioso a não ser que eles possuíssem um mercado ainda mais valioso já em espera.

Quem mais teria algum interesse nas atividades das Bene Gesserit? Os ixianos, sem dúvida. Contudo, os ixianos não apresentavam um bom mercado para mélange. A presença ixiana naquela nave declarava a independência do planeta. Desde que os ixianos e as Oradoras Peixe se uniram em torno de uma causa comum, estas podiam ser deixadas de fora dessa busca por padrões.

Que enorme poder ou coalizões de poder este universo possuía...

Teg se congelou nesse pensamento, como se mergulhasse um tóptero para freá-lo, deixando que sua mente pairasse, livre, enquanto analisava outras considerações.

*Não neste universo.*

O padrão tomou forma. *Riqueza*. Gammu assumiu um novo papel em suas computações Mentat. Gammu fora pilhado pelos Harkonnen há muito tempo, abandonado como uma carcaça pútrida, a qual os danianos restauraram. Houve um período, entretanto, em que até as esperanças de Gammu desapareceram. Sem esperanças, sequer haviam sonhos. Erguendo-se a partir daquele esgoto, a população empregara apenas o mais básico dos pragmatismos. *Se funcionar, é bom.*

*Riqueza.*

Em sua primeira avaliação de Gammu, ele notara a quantidade de estabelecimentos bancários. Alguns eram marcados, inclusive, como cofres Bene Gesserit. Gammu servia como o fulcro para o manejo dessa enorme riqueza. O banco que ele visitara, com a finalidade de examinar seu uso como um contato de emergência, foi resgatado de forma exata por sua percepção Mentat. Ele compreendera, finalmente, que aquele lugar não se restringia a negócios planetários. Era um banco de banqueiros.

*Não apenas riqueza, mas RIQUEZA.*

O desenvolvimento de um padrão primário não veio à mente de Teg, mas ele já tinha o suficiente para uma projeção teste. Riqueza não deste universo. Do povo da Dispersão.

Toda essa ordenação Mentat levava apenas alguns segundos. Tendo atingido o ponto de teste, Teg relaxou os músculos e os nervos, olhou uma vez para Taraza e caminhou até a entrada

obstruída. Ele notou que Taraza não transmitira qualquer sinal de alarme em relação a seus movimentos. Movendo as cortinas para o lado, Teg confrontou um homem quase tão alto quanto ele próprio: vestimenta em estilo militar com lanças cruzadas no colarinho. O rosto era pesado; as mandíbulas, largas; olhos verdes. Um olhar surpreso de alerta, a mão suspensa sobre um bolso volumoso que, obviamente, carregava uma arma.

Teg sorriu para o homem, deixou as cortinas voltarem ao lugar e retornou para o lugar onde estava Taraza.

– Estamos sendo observados pelo povo da Dispersão – disse ele.

Taraza relaxou. O desempenho de Teg fora memorável.

As cortinas foram afastadas para o lado. O estranho alto entrou e parou a cerca de dois passos de Teg. Uma expressão glacial de raiva transparecia em suas feições.

– Eu lhe disse para não contar a ele! – O tom da voz era um barítono rangente com um sotaque desconhecido para Teg.

– E eu o alertei sobre os poderes desse bashar Mentat – respondeu Taraza. Um lampejo de desprezo passou pelas feições dela.

O homem retrocedeu e um olhar misterioso de medo tomou conta de seu rosto.

– Honorável Matre, eu...

– Não ouse me chamar assim! – O corpo de Taraza se tensionou em uma postura de combate a qual Teg nunca a vira assumir antes.

O homem inclinou levemente a cabeça.

– Minha cara, a senhora não controla esta situação. Devo lembrá-la de que minhas ordens...

Teg ouvira o suficiente:

– Com minha ajuda, ela controla sim – disse ele. – Antes de vir, defini certas medidas de proteção, em ação agora. Essa embarcação... – ele olhou ao redor e retornou a atenção ao intruso, cuja face agora exibia uma expressão de cautela – não é uma não nave. Duas de nossas não naves monitoras miram você neste exato momento.

– Você não sobreviverá! – explodiu o homem.

Teg sorriu de forma amistosa.

– Ninguém nesta nave sobreviveria. – Ele cerrou as mandíbulas para disparar o sinal nervoso e ativar o minúsculo temporizador de pulso em seu cérebro. Os sinais gráficos surgiram em seus centros visuais. – E você não tem muito tempo para se decidir.

– Diga a ele como você sabia que isso era necessário – completou Taraza.

– A Madre Superiora e eu temos nosso próprio método privado de comunicação – disse Teg. – Além disso, não há necessidade de que ela me alerte. Sua convocação foi o bastante. A Madre Superiora em um transporte da Guilda, em tempos como esse? Impossível!

– Impasse – rosnou o homem.

– Talvez – respondeu Teg. – Contudo, nem a Guilda, nem Ix se arriscariam em um ataque total e derradeiro pelas forças Bene Gesserit sob o comando de um líder treinado por mim. Refiro-me ao bashar Burzmali. Seu apoio acaba de se dissolver e desaparecer.

– Eu não contei uma palavra sequer a ele – continuou Taraza. – Você acaba de testemunhar o desempenho de um bashar Mentat, o qual, duvido que possa ser igualado em seu universo. Lembre-se disso caso pense em enfrentar Burzmali, um homem treinado por este Mentat.

O intruso olhou de Taraza para Teg e voltou sua atenção para Taraza.

– Essa é a saída de seu impasse aparente – afirmou Teg. – A Madre Superiora Taraza e sua comitiva sairão comigo. Você deve decidir imediatamente. O tempo está acabando.

– Você blefa. – Não havia força nas palavras do intruso.

Teg encarou Taraza e fez uma reverência.

– Foi uma honra servi-la, Reverenda Madre Superiora. Despeço-me.

– Talvez a morte não nos separe – respondeu Taraza. Era o adeus tradicional de uma Reverenda Madre para uma Irmã-equivalente.

– Vamos! – O homem de feições pesadas disparou até a escotilha do corredor e a escancarou, revelando dois guardas ixianos com expressões de surpresa em suas faces. Com sua voz rouca, o homem ordenou: – Leve-os para o cargueiro.

Ainda relaxado e calmo, Teg falou:

– Reúna seu pessoal, Madre Superiora. – Para o homem parado na plataforma, Teg aconselhou: – Você valoriza demais sua própria pele para ser um bom soldado. Ninguém em minhas tropas cometeria tal erro.

– Existem Honoráveis Matres verdadeiras a bordo desta nave – o homem rangeu os dentes. – Tenho o compromisso de protegê-las.

Teg assumiu uma expressão dura e virou-se para o local onde Taraza conduzia seu pessoal da sala adjacente: duas Reverendas Madres e quatro acólitas. Teg reconheceu uma das Reverendas Madres: Darwi Odrade. Ele já a vira antes de certa distância, mas o rosto oval e os olhos encantadores eram marcantes: tão parecida com Lucilla.

– Temos tempo para apresentações? – Indagou Taraza.

– Claro, Madre Superiora.

Teg assentiu e apertou a mão de cada uma das mulheres, na sequência em que Taraza as apresentava.

Ao saírem, Teg se virou para o estranho de uniforme:

– Deve-se respeitar a boa educação, sempre – aconselhou Teg.  
– De outra forma, somos menos que humanos.

Só depois que eles estavam na nave de transporte, Taraza sentada ao lado dele e sua comitiva ao redor, Teg fez a pergunta crucial:

– Como eles capturaram a senhora?

O cargueiro mergulhava em direção ao planeta. A tela diante de Teg mostrava a nave da Guilda com o símbolo de Ix obedecendo ao comando de permanecer em órbita até que os ocupantes estivessem a salvo, atrás das defesas planetárias.

Antes que Taraza pudesse responder, Odrade se reclinou na direção do centro da cabine que os separava e disse:

– Revoguei as ordens do bashar para que a nave da Guilda fosse destruída, Madre.

Teg girou a cabeça rapidamente e fitou Odrade.

– Mas eles mantiveram as senhoras em cativeiro e... – Ele endureceu as feições. – Como você sabia que eu...

– Miles!

A voz de Taraza encerrava uma poderosa reprovação. Teg sorriu com pesar. Sim, ela o conhecia quase tão bem quanto ele conhecia a si próprio... até melhor em alguns aspectos.

– Eles não nos capturaram, Miles – revelou Taraza. – Nós permitimos que fôssemos capturadas. Eu estava acompanhando Dar até Rakis, em aparência. Deixamos nossa nave na junção e pedimos o transporte mais rápido da Guilda. Todo o meu Conselho, inclusive Burzmali, concordou que os intrusos da Dispersão

subverteriam o transporte e nos levariam até você, com o objetivo de reunir todas as peças do projeto gholá.

Teg se horrorizou. *O risco!*

– Sabíamos que você nos resgataria – continuou Taraza. – Burzmali estava de sobreaviso caso você falhasse.

– Aquela nave da Guilda que vocês pouparam convocará assistência e atacará nosso...

– Eles não atacarão Gammu – Taraza garantiu. – Muitas forças diferentes entre si, oriundas da Dispersão, estão reunidas em Gammu. Eles não ousariam perder tanto pessoal.

– Gostaria de ter tanta certeza como a senhora – respondeu Teg.

– Tenha certeza, Miles. Além disso, existem outras razões para manter aquela nave. Ix e a Guilda foram pegos tomando partido. Isso é ruim para os negócios, e eles precisam de toda freguesia possível.

– A não ser que possuam clientes mais importantes que ofereçam lucros mais altos!

– Ah, Miles – ela falou com voz pensativa. – O que nós, Bene Gesserit destes tempos atuais, realmente fazemos é tentar permitir que as coisas atinjam um tom moderado, um equilíbrio. Você sabe disso.

Teg considerou que isso era verdade, mas voltou sua atenção para o trecho: "...tempos atuais...". Essas palavras carregavam um sentido de brevidade diante da morte. Antes que ele pudesse questioná-las, Taraza continuou.

– Preferimos resolver as situações mais passionais fora dos campos de batalha. Devo admitir que temos que agradecer ao Tirano por essa atitude. Não suponho que você já tenha pensado em si mesmo como um produto de condicionamento do Tirano, Miles, mas você é.

Teg aceitou as palavras sem emitir comentários. Era um fator presente em toda a sociedade humana. Nenhum Mentat podia evitar esse ponto de partida.

– Essa qualidade em você, Miles, nos atraiu logo no início – disse Taraza. – Algumas vezes você consegue ser frustrante de forma abominável, mas não aceitaríamos de qualquer outra forma.

Pelas revelações sutis no tom e nas maneiras, Teg percebeu que Taraza não falava apenas para seu benefício, mas também dirigia suas próprias palavras à comitiva.

– Você faz ideia, Miles, de como é frustrante ouvi-lo defender ambos os lados de uma questão com argumentos igualmente fortes? Mas sua simpatia é uma arma poderosa. Quão aterrorizados alguns de nossos inimigos ficaram ao vê-lo no confronto quando eles não faziam a mínima ideia de que você poderia aparecer!

Teg se permitiu um sorriso leve. Ele olhou para as mulheres sentadas do outro lado da cabine. Por que Taraza dirigia suas palavras àquele grupo? Darwi Odrade parecia descansar: a cabeça para trás, os olhos cerrados. Várias das outras conversavam entre si. Nada disso parecia conclusivo para Teg. Mesmo as acólitas Bene Gesserit podiam seguir várias linhas de pensamento de forma simultânea. Ele voltou a atenção para Taraza.

– Você realmente sente tudo da mesma forma que os inimigos sentem – continuou Taraza. – É isso que quero dizer. Naturalmente, quando você está naquele estado mental, não existem inimigos para você.

– Sim, existem!

– Não confunda minhas palavras, Miles. Nunca duvidamos de sua lealdade, mas é estranho como você nos faz ver coisas que não temos outra forma de perceber. Há ocasiões em que você é os nossos olhos.



Darwi Odrade, notou Teg, abrira os olhos e olhava para ele. Ela era encantadora. Havia algo perturbador sobre a aparência dela. Tal como Lucilla, ela o lembrava de alguém em seu passado. Antes que Teg seguisse esse pensamento, Taraza falou:

– O ghola tem essa habilidade de se equilibrar entre forças opostas? – perguntou ela.

– Ele poderia ser um Mentat – respondeu Teg.

– Ele *foi* um Mentat em uma das encarnações, Miles.

– Você realmente quer despertá-lo assim, tão jovem?

– É necessário, Miles. Mortalmente necessário.

**O fracasso da CHOAM? Muito simples: eles ignoram o fato de que grandes forças do comércio esperam nos limites de suas atividades, forças que podem engoli-los como um porclesma engole o lixo. Essa é a verdadeira ameaça da Dispersão... para eles e para todos nós.**

**– Notas do Conselho Bene Gesserit,  
Arquivos #SXX9OCH**

Odrade dispensara apenas parte de sua percepção para a conversa entre Teg e Taraza. O cargueiro era pequeno, o espaço dos passageiros era restrito. A nave usaria a atmosfera para amortecer a descida, Odrade sabia e estava preparada para a turbulência. O piloto deveria estar poupando seus suspensores do veículo, economizando energia.

Ela usava tais momentos, como aproveitava todo o tempo que tinha em mãos, preparando-se para as vindouras necessidades prementes. O tempo urge; um calendário especial a dirigia. Ela conferira o calendário antes de partir da Casa Capitular, surpresa, como sempre acontecia a ela, pela persistência do tempo e sua linguagem: segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos... anos-padrão, para ser precisa. Persistência era uma palavra inadequada para o fenômeno. Inviolabilidade era mais adequada. Tradição. Nunca perturbe a tradição. Ela manteve as comparações arraigadas em sua mente, o fluxo ancestral do tempo, imposto a planetas que não seguiam o tique-taque do primitivo relógio humano. Uma semana tinha sete dias. Sete! Quão poderoso continuava esse número. Místico. Fora venerado na Bíblia Católica

de Orange. O Senhor fez o mundo em seis dias “e no sétimo dia descansou”.

*Bom para Ele!*, pensou Odrade. *Todos nós devíamos descansar após grandes obras.*

Odrade virou levemente a cabeça e olhou para Teg do outro lado da cabine. Ele não fazia ideia de quantas memórias dele ela possuía. Ela podia delinear como os anos trataram aquele rosto determinado. Instruir o gholá drenara suas energias, ela percebeu. Aquela criança no Forte de Gammu deve ser uma esponja, absorvendo tudo e mais um pouco do que esteja ao redor dela.

*Miles Teg, você sabe como usamos você?*, ela se perguntou.

Era um pensamento que a enfraquecia, mas ela permitia que ele persistisse em sua percepção consciente quase com um sentimento de desafio. Como seria fácil amar aquele velho! Não como um amante, claro... mas amar, sem dúvida. Ela podia sentir o vínculo que a atraía na direção dele e o reconheceu graças à sofisticação das habilidades Bene Gesserit. Amor, amor execrável, amor enfraquecedor.

Odrade sentira essa atração com o primeiro homem que ela fora enviada para seduzir. Sensação curiosa. Seus anos de condicionamento Bene Gesserit a tornaram prudente quanto a esse assunto. Nenhuma de suas censoras permitira a ela o luxo do ardor inquestionável e com o tempo ela aprendera as razões por trás de tal cuidado isolante. Contudo, ali estava ela, enviada pelas Mestras em Reprodução, sob a ordem de se aproximar de um único indivíduo, permitindo que ele a penetrasse. Todos os dados clínicos estavam ao alcance de sua percepção e ela podia ler a excitação sexual em seu parceiro ao mesmo tempo que ela permitisse a tal excitação em si mesma. Ela fora, afinal, cuidadosamente preparada para esse papel para os homens que as Mestras em Reprodução

selecionaram e condicionaram com minúcias apuradas para tal treinamento.

Odrade suspirou e desviou sua atenção de Teg, fechando os olhos diante da recordação. Os homens de treinamento nunca deixavam suas emoções se refletirem em um abandono de união com suas estudantes. Era uma falha necessária durante a educação sexual.

A primeira sedução para a qual ela fora enviada: Odrade estava despreparada para o êxtase arrebatador de um orgasmo simultâneo, uma sensação de reciprocidade e compartilhamento tão antiga quanto a humanidade... ainda mais antiga! E com poderes capazes de sobrepujar a razão. O olhar no rosto do companheiro, o beijo doce, o total abandono de todas suas reservas autoprotetoras, indefesa e supremamente vulnerável. Nenhum homem de treinamento havia feito isso! Desesperadamente, ela se agarrara às lições Bene Gesserit. Por meio dessas lições, ela vira a essência daquele homem em seu rosto, sentira aquela essência no seu âmago. Por apenas um instante, ela se permitira uma resposta igual, experimentando um nível de êxtase ainda mais alto, que nenhum de seus professores indicara que seria atingível. Durante aquele momento, ela compreendeu o que acontecera com lady Jéssica e com os outros *fracassos* das Bene Gesserit.

Esse sentimento era amor!

Seu poder a apavorava (como as Mestras em Reprodução sabiam que aconteceria) e ela se voltara ao meticuloso condicionamento das Bene Gesserit, permitindo que uma máscara de prazer encobrisse a breve expressão natural de seu rosto, empregando carícias calculadas onde carícias naturais teriam sido mais fáceis (mas menos eficientes).

Os homens respondiam conforme o esperado, ou seja, de forma estúpida. Isso facilitava considerá-los estúpidos.

A segunda sedução feita por ela fora mais fácil. Entretanto, ela ainda se recordava das feições daquele que fora seu primeiro, consumando o ato com um deslumbre insensível. Às vezes o rosto dele aparecia subitamente para ela e, sem nenhuma razão aparente, ela o identificava de imediato.

Com os outros homens aos quais ela fora enviada para reproduzir, os marcadores da memória eram diferentes. Ela tinha de vasculhar em seu passado pela aparência deles. As gravações sensoriais de tais experiências não iam tão fundo. Não como as experiências com aquele primeiro!

Este era o perigoso poder do amor.

E veja os problemas que essa força oculta causara às Bene Gesserit por milênios. Lady Jéssica e o amor que sentia por seu duque eram apenas um exemplo entre inúmeros. O amor anuviava a razão. Ele distraía as Irmãs de seus deveres. O amor só podia ser tolerado quando não causasse qualquer rompimento imediato e óbvio, ou em lugares que servissem os propósitos maiores das Bene Gesserit. Caso contrário, devia-se evitá-lo.

No entanto, ele continuava um objeto de vigilância inquietante.

Odrade abriu os olhos e voltou-se novamente para Teg e Taraza. A Madre Superiora mudara de assunto. Como a voz de Taraza conseguia, por vezes, ser irritante! Odrade fechou os olhos e escutou a conversa, ligada àquelas duas vozes por alguma conexão em sua percepção que ela não conseguia isolar.

– Poucas pessoas compreendem o quanto da infraestrutura em uma civilização é infraestrutura de dependência – disse Taraza. – Fizemos um estudo profundo sobre isso.

*O amor é uma infraestrutura de dependência*, pensou Odrade. Por que Taraza tocava em tal assunto naquele exato momento? A Madre Superiora raramente fazia algo sem motivos profundos.

– Infraestrutura de dependência é um termo que inclui todas as condições necessárias para que uma população humana sobreviva e possa se expandir – disse Taraza.

– Mélange? – indagou Teg.

– É claro, mas a maioria das pessoas olha para a especiaria e diz: “Como é bom tê-la e ela pode nos propiciar muito mais tempo de vida do que nossos antepassados dispunham”.

– Supondo que as pessoas possam comprá-la. – A voz de Teg tinha um tom de alfinetada, notou Odrade.

– Enquanto o mercado não formar um monopólio, a maioria das pessoas terá o suficiente – retrucou Taraza.

– Aprendi sobre economia sentado no colo de minha mãe – disse Teg. – Comida, bebida, ar respirável, espaço onde viver que não seja contaminado por venenos... há vários tipos de *moedas* e o valor muda de acordo com a dependência.

Enquanto escutava a Teg, Odrade quase anuiu com a cabeça. A resposta dele era a da própria Madre Superior. *Não insista no óbvio, Taraza! Vá direto ao assunto!*

– Quero que você se lembre dos ensinamentos de sua mãe com bastante clareza – falou Taraza. *Como a voz dela se tornara suave de repente.* A voz de Taraza mudou de súbito e ela exclamou: – Despotismo hidráulico!

*Ela faz essa mudança de ênfase com maestria*, pensou Odrade. A memória expeliu informações como uma torneira que se abriu ao máximo. *Despotismo hidráulico*: controle central de uma energia basilar, tal como água, eletricidade, combustível, medicamento,

mélange... Obedeça ao poder do controle central ou a energia será cortada e você morrerá!

Taraza voltou a falar:

– Existe outro conceito útil do qual estou certo que sua mãe lhe ensinou: o tronco-chave.

Odrade ficou bastante curiosa naquele momento. Taraza conduzia a conversa para um ponto importante. *Tronco-chave*: um conceito verdadeiramente antigo, usado antes da existência de suspensores, quando lenhadores enviavam a madeira cortada rio abaixo, para centros de serralheria. Às vezes, as toras se aglomeravam no rio e trazia-se um especialista para encontrar aquela tora, o tronco-chave, para liberar o fluxo após sua remoção. Teg, ela sabia, compreenderia intelectualmente o termo, mas ela e Taraza eram capazes de invocar verdadeiras testemunhas a partir das Outras Memórias, ver a explosão em pequenos fragmentos de madeira e água enquanto a obstrução era liberada.

– O Tirano era um tronco-chave – continuou Taraza. – Ele próprio criou a obstrução e ele próprio a liberou.

O cargueiro começou a sacudir de forma brusca conforme realizava sua aproximação inicial da atmosfera de Gammu. Odrade sentiu o aperto de seu arnês de restrição por alguns segundos e, logo depois, a passagem da aeronave se tornou mais estável. A conversa parara naquele intervalo, mas Taraza continuou em seguida:

– Além das chamadas dependências naturais, existem algumas religiões que foram criadas psicologicamente. Até mesmo as necessidades físicas podem carregar um desses componentes secretos.

– Um fato que a Missionaria Protectora compreende muito bem – respondeu Teg. Novamente, Odrade ouvira aquele fio de

ressentimento imiscuído na voz dele. Taraza também ouvira, certamente. O que ela estava fazendo? Ela podia enfraquecer Teg!

– Ah, sim – disse Taraza. – Nossa Missionaria Protectora. Humanos possuem essa poderosa necessidade de que a estrutura de sua própria crença seja a “verdadeira fé”. Se algo lhes dá prazer ou um sentimento de segurança e se está incorporado em sua estrutura de crença, que poderosa dependência isso cria!

Mais uma vez, Tereza permaneceu em silêncio enquanto o cargueiro atravessou outra camada atmosférica.

– Eu preferia que ele usasse os suspensores! – reclamou Taraza.

– Assim ele economiza combustível – disse Teg. – Menos dependência.

Taraza deu uma risada contida.

– Oh, sim, Miles. Você aprendeu muito bem sua lição. Vejo o dedo de sua mãe nisso. Culpe a mãe quando a criança se desvia para uma direção perigosa.

– A senhora me considera uma criança? – perguntou ele.

– Eu o considero uma pessoa que acaba de ter seu primeiro encontro direto com as maquinacões das chamadas Honoráveis Matres.

*Então é isso*, pensou Odrade. E com um sentimento de choque, Odrade percebeu que Taraza mirava suas palavras contra um alvo maior que Teg.

*Ela está falando comigo!*

– Essas Honoráveis Matres, como elas se denominam, combinaram êxtase sexual e adoração. Duvido que elas tenham a menor noção dos perigos envolvidos.

Odrade abriu os olhos e fitou a Madre Superiora do outro lado da cabine. A atenção de Taraza estava fixada com determinação em



Teg, uma expressão ilegível, exceto pelos olhos dela, queimando com a necessidade de que ele compreendesse.

– Perigos – repetiu Taraza. – A grande massa da humanidade possui uma inequívoca identidade-unidade. Ela só pode ser uma coisa. Ela é capaz de agir como um único organismo.

– Assim disse o Tirano – contrapôs Teg.

– Assim demonstrou o Tirano! A Alma Grupal era dele para que a manipulasse. Existem épocas, Miles, em que a sobrevivência demanda nossa comunhão com a alma. Almas, você sabe, sempre buscam saídas.

– A comunhão com a alma não saiu de moda em nossa época? – perguntou Teg. Odrade não gostou do tom zombeteiro na voz dele e notou que uma irritação similar irrompera em Taraza.

– Você acha que falo sobre modismos na religião? – perguntou Taraza, sua voz aguda insistentemente ríspida. – Ambos sabemos que religiões podem ser criadas. Falo dessas Honoráveis Matres, que imitam alguns de nossos comportamentos, mas não têm nada equivalente a nossa percepção profunda. Elas ousam se colocar no centro da adoração!

– Algo que as Bene Gesserit sempre evitam – ele observou. – Minha mãe dizia que adoradores e adorados são unidos pela fé.

– E podem ser divididos!

Odrade viu Teg de repente entrar no modo Mentat, seus olhos perdendo o foco, suas feições plácidas. Então ela percebeu parte do que Taraza fizera. *O Mentat cavalga à romana, um pé em cada corcel. Cada pé apoia-se em uma realidade diferente, enquanto a busca por padrões o lança para frente. Ele deve cavalgar realidades diferentes para atingir um único objetivo.*

Teg falou na voz átona e meditativa Mentat:

– Forças divididas combaterão pela supremacia.

Taraza suspirou com um prazer quase sensual em sua forma natural de expirar.

– Infraestrutura de dependência – disse Taraza. – Essas mulheres da Dispersão controlariam forças divididas, as quais se engajariam na tomada de poder. Aquele oficial militar da Guilda, quando se referiu às Honoráveis Matres, falou tanto com admiração quanto com ódio. Estou certa de que você captou isso na voz dele, Miles. Sei que sua mãe lhe ensinou bem.

– Captei. – Teg estava mais uma vez focado em Taraza, prestando atenção em cada palavra que saía de sua boca, assim como Odrade.

– Dependências – continuou Taraza. – Quão simples elas podem ser e, ao mesmo tempo, quão complexas. Pense, por exemplo, na deterioração dos dentes.

– Deterioração dos dentes? – Teg foi arrancado de seus trilhos Mentat, e Odrade, observando isso acontecer, viu que a reação dele foi precisamente aquela que Taraza desejava. A Madre Superiora manipulava seu bashar Mentat com mãos hábeis.

*E, ao que parece, devo assistir e aprender com isso,* pensou Odrade.

– Deterioração dos dentes – repetiu Taraza. – Um implante simples, no nascimento, previne essa tragédia para a maior parte da humanidade. Contudo, devemos escovar os dentes e cuidar deles. É tão natural que raramente pensamos sobre o assunto. Os mecanismos que usamos são considerados partes totalmente naturais de nosso ambiente. Entretanto, tais mecanismos, os materiais dentro deles, os instrutores em cuidados dos dentes e os monitores Suk, todos possuem relações interligadas.

– Um Mentat não precisa de explicações sobre interdependência – replicou Teg. Ainda havia curiosidade na voz dele, mas com uma

leve indicação de ressentimento.

– De fato – respondeu Taraza. – Esse é o ambiente natural do processo cognitivo de um Mentat.

– Então por que insiste no assunto?

– Mentat, reveja o que você sabe agora sobre as Honoráveis Matres e diga-me: qual é o defeito delas?

Teg respondeu sem hesitação:

– Elas só conseguem sobreviver se continuarem a aumentar a dependência daqueles que as apoiam. É semelhante ao beco sem saída dos viciados.

– Precisamente. E o perigo?

– Elas podem afundar a humanidade junto com elas.

– Esse era o problema do Tirano, Miles. Estou certa de que ele também sabia disso. Agora, preste atenção em mim com muito cuidado. Você também, Dar. – Taraza olhou para o outro lado da cabine e encontrou o olhar de Odrade. – Ambos vocês, escutem-me. Nós, das Bene Gesserit, estamos soltando muitos... *elementos* poderosos à deriva na corrente humana. Eles podem causar uma obstrução. Eles com certeza podem causar danos. E nós...

Mais uma vez, o cargueiro entrou em uma camada de turbulência severa. A conversa se tornou impossível enquanto eles se agarravam a seus assentos e ouviam os rangidos ao redor. Quando essa interrupção cessou, Taraza falou em voz alta:

– Se sobrevivermos a essa máquina maldita e chegarmos a Gammu, você deve seguir ao lado de Dar, Miles. Você já leu o Manifesto Atreides. Ela o informará e irá deixá-lo preparado. Isso é tudo.

Teg se virou e olhou para Odrade. Mais uma vez, as feições dela provocaram as memórias dele: uma semelhança notável com Lucilla, mas havia algo mais. Ele deixou isso de lado. O *Manifesto*

*Atreides?* Ele o lera porque chegara até ele vindo de Taraza, com instruções para que ele assim o fizesse. *Preparar-me? Para quê?*

Odrade notou o olhar questionador no rosto de Teg. Agora, ela entendera os motivos de Taraza. As ordens da Madre Superiora tomaram um novo significado, assim como as próprias palavras do Manifesto.

“Assim como o universo é criado pela participação da consciência, o humano presciente carrega aquela faculdade criativa ao extremo. Esse foi o poder profundamente incompreendido do bastardo Atreides, o poder que ele transmitiu a seu filho, o Tirano.”

Odrade conhecia aquelas palavras com intimidade semelhante à da autora, mas elas voltavam a ela agora como se nunca as tivesse lido antes.

*Maldita seja, Tar!*, pensou Odrade. *E se você estiver errada?*

**Em nível quântico, nosso universo pode ser observado como um lugar indeterminado, previsível de forma estatística apenas quando se emprega números suficientemente elevados. Entre aquele universo e outro relativamente previsível, onde a passagem de um único planeta pode ser cronometrada à margem de picossegundos, outras forças entram em jogo. Para o universo intermediário, onde encontramos nosso dia a dia, aquilo em que você acredita é uma força dominante. Suas crenças coordenam o desenrolar dos eventos diários. Se um número suficiente de nós acreditar, algo novo pode vir a existir. A estrutura da crença gera um filtro através do qual o caos é peneirado em ordem.**

**– Análise do Tirano,  
o Arquivo de Taraza:  
Repositório BG**

Os pensamentos de Teg estavam em desordem ao retornar a Gammu após deixar a nave da Guilda. Ele saiu do cargueiro, na borda crestada do campo de aterrissagem privado do Forte e olhou ao redor como se essa fosse a primeira vez em que o visse. Era quase meio-dia. Pouquíssimo tempo se passara e muito havia mudado.

*Até onde as Bene Gesserit iriam ao transmitir uma lição especial?*, ele se perguntou. Taraza o deslocara de seus familiares processos Mentat. Ele se sentia como se todo aquele incidente na

nave da Guilda fosse uma encenação destinada apenas para ele próprio. Quão estranho Gammu parecia enquanto ele cruzava a passagem protegida em direção aos fossos de entrada.

Teg vira inúmeros planetas, aprendera seus costumes e como eles se arraigavam em seus respectivos habitantes. Alguns planetas tinham um grande sol amarelo, que ficava próximo e mantinha os seres vivos aquecidos, evoluindo e crescendo. Outros planetas tinham longínquos e pequenos sóis, que emitiam uma luz trêmula em um céu escuro, e seus raios tocavam muito pouco. Variações existiam dentro e até mesmo fora desse alcance. Gammu era uma variação amarelo-esverdeada com um dia de 31,27 horas-padrão e 2,6 anos-padrão. Teg pensava que conhecia Gammu.

Quando os Harkonnen foram forçados a abandonar Gammu, os colonizadores deixados para trás pela Dispersão vieram do grupo daniano, os quais batizaram o planeta pelo nome Halleck, dado a ele durante o grande remapeamento. Os colonizadores eram conhecidos como caladanianos naquela época, mas a passagem dos milênios encurtou certos rótulos.

Teg pausou diante da porta de entrada das muralhas protetoras que seguia desde o campo de aterrissagem além do Forte. Taraza e sua comitiva ficaram para trás. Ele notou que Taraza conversava intensamente com Odrade.

*Manifesto Atreides*, pensou ele.

Mesmo em Gammu, poucos admitiam ancestralidade com os Harkonnen ou com os Atreides, embora os genótipos fossem visíveis ali; em especial os genes dominantes dos Atreides: o nariz longo e afilado, a testa alta e a boca sensual. Muitas vezes, as similaridades estavam dispersas: a boca em um rosto, aqueles olhos penetrantes em outro e incontáveis misturas. Às vezes,

contudo, uma pessoa tinha todas as características e então era possível ver aquele orgulho, aquele conhecimento interior.

“Sou um deles!”

Os naturais de Gammu reconheciam tais características e abriam passagem para essas pessoas, mas poucos as rotulavam.

Por trás disso tudo, estava a herança dos Harkonnen: traços genéticos que voltavam até os primórdios dos gregos, patames e mamelucos, sombras da história antiga que poucos sequer conseguiam nomear, a não ser os historiadores profissionais ou aqueles treinados pelas Bene Gesserit.

Taraza e sua comitiva alcançaram Teg. Ele a ouviu revelar a Odrade:

– Você deve contar tudo isso a Miles.

*Muito bem, ela contaria*, ele pensou. O bashar se virou e liderou o caminho, passando pelos guardas internos até o longo corredor debaixo das casamatas até o próprio Forte.

*Malditas Bene Gesserit!*, pensou ele. *O que elas de fato estavam fazendo em Gammu?*

Uma profusão de sinais Bene Gesserit podia ser vista naquele planeta: a reprodução controlada para solucionar determinadas peculiaridades; aqui e ali uma ênfase visível nos olhos sedutores das mulheres.

Teg respondeu a saudação de uma capitã da guarda sem mudar de foco. *Olhos sedutores, sim*. Ele notara isso logo que chegara ao Forte do ghola, e em particular durante sua primeira ronda de inspeção do planeta. Ele também notara em vários rostos e recordou-se daquele dito que o velho Patrin mencionara tantas vezes.

– Você tem o olhar de Gammu, bashar.

Olhos sedutores! Aquela capitã da guarda pela qual ele passara também tinha olhos sedutores. Ela, Odrade e Lucilla eram parecidas nesse quesito. *Poucos prestavam muita atenção na importância dos olhos no que diz respeito à sedução*, pensou ele. Fora necessária a criação das Bene Gesserit para consolidar tal ponto. Seios grandes em uma mulher e quadris rijos em um homem (aquela aparência musculosa e torneada nas nádegas): essas eram características naturalmente importantes em combinações sexuais. Mas, sem os olhos, o resto podia não adiantar de nada. Olhos eram essenciais. Ele aprendera que se podia afogar no tipo certo de olhos e permanecer inconsciente do que faziam com você até que o pênis estivesse firmemente inserido na vagina.

Ele notara os olhos de Lucilla imediatamente após a chegada dele em Gammu e agira com cautela. Não havia dúvidas de como a Irmandade usava os talentos dela!

Naquele instante Lucilla entrou em seu campo de visão, esperando na câmara central de inspeção e descontaminação. Ela deu a ele o sinal breve com as mãos que significava que tudo estava bem com o ghola. Teg relaxou e assistiu ao confronto entre Lucilla e Odrade. Ambas tinham características extremamente semelhantes, apesar da diferença de idade. Entretanto, seus corpos eram bastante diferentes, Lucilla mais compacta em comparação à forma mais esguia de Odrade.

A capitã da guarda de olhos sedutores se posicionou ao lado de Teg e se inclinou em sua direção.

– Schwangyu acabou de descobrir quem o senhor trouxe consigo – disse ela, apontando com o queixo na direção de Taraza. – Ah, ali vem ela.

Schwangyu saiu de um tubo elevador e se dirigiu a Taraza, lançando um breve olhar faiscando de raiva a Teg.



*Taraza queria surpreendê-la, pensou ele. Todos sabemos o porquê.*

– Você não parece feliz em me ver – Taraza disse a Schwangyu.

– Estou *surpresa*, Madre Superiora – respondeu Schwangyu. – Não fazia ideia. – Ela fitou Teg mais uma vez, desta vez com um olhar venenoso.

Odrade e Lucilla interromperam sua análise mútua.

– Ouvi falar disso, é claro – disse Odrade –, mas é um choque ver-se no rosto de outra pessoa.

– Eu te avisei – afirmou Taraza.

– Quais são suas ordens, Madre Superiora? – perguntou Schwangyu. Foi o mais perto que ela conseguiu chegar de questionar o propósito da visita de Taraza.

– Quero ter uma conversa privada com Lucilla – respondeu Taraza.

– Vou preparar seus alojamentos – informou Schwangyu.

– Não se dê ao trabalho – disse Taraza. – Não pernoitarei. Miles já providenciou meu transporte. O dever requer minha presença na Casa Capitular. Lucilla e eu conversaremos lá fora, no pátio. – Taraza tocou a bochecha com um dedo. – Ah, eu gostaria de observar o gholá sem ser notada por alguns minutos. Estou certa de que Lucilla pode tomar as medidas necessárias.

– Ele está enfrentando muito bem o aumento na intensidade do treinamento – disse Lucilla assim que as duas partiram na direção do tubo elevador.

Teg voltou sua atenção para Odrade, percebendo a intensidade da raiva no olhar de Schwangyu enquanto os olhos dele passavam pelo rosto da Reverenda Madre. Ela sequer tentava esconder aquele sentimento.

*Lucilla seria uma irmã ou uma filha de Odrade?*, Teg perguntou a si mesmo. De repente, ocorreu a ele que deveria haver um objetivo Bene Gesserit por trás daquela semelhança. Sim, é claro: Lucilla era uma impressora!

Schwangyu superou a raiva. Ela olhou para Odrade, curiosa.

– Eu estava indo almoçar, irmã – Schwangyu comentou. – Aceita se juntar a mim?

– Preciso conversar a sós com o bashar – respondeu Odrade. – Se não houver problema, talvez possamos ficar aqui durante nossa conversa? Não devo ser vista pelo ghola.

Schwangyu franziu o cenho, sem tentar esconder o desapontamento com Odrade. Na Casa Capitular, elas sabiam onde jaziam as lealdades! Mas ninguém (ninguém!) a removeria daquele posto de comando de observação. A oposição tinha seus direitos!

Os pensamentos dela eram transparentes até para Teg. Ele notara a tensão de Schwangyu quando esta saiu.

– É ruim quando uma irmã se volta contra outra irmã – disse Odrade.

Teg sinalizou com a mão para sua capitã de guarda, ordenando que ela esvaziasse a área. *Sozinhos*, dissera Odrade. *Assim será*. Ele disse a Odrade:

– Essa é uma de minhas áreas. Não há espiões nem outras formas de nos observarem aqui.

– Foi exatamente o que pensei – respondeu Odrade.

– Temos serviço de quarto ali. – Teg apontou com o queixo para a esquerda. – Mobiliário, até mesmo cãodeiras se você preferir.

– Odeio quando elas tentam me bajular – disse ela. – Podemos conversar aqui? – Ela colocou a mão por baixo do braço de Teg. – Talvez devêssemos caminhar um pouco. Estou com o corpo rígido de tanto ficar sentada naquele cargueiro.

– O que você tem a me dizer? – perguntou ele enquanto passeavam.

– Minhas memórias não são mais filtradas seletivamente – disse ela. – Tenho todas elas, apenas do lado feminino, naturalmente.

– Pois bem? – Teg cerrou os lábios. Essa não era a abordagem que ele esperava. Odrade aparentava ser uma pessoa que preferia uma abordagem direta.

– Taraza diz que você leu o Manifesto Atreides. Muito bem. Você sabe que ele causará comoção em vários lugares.

– Schwangyu já fez dele o objeto de uma crítica severa contra “você, Atreides”.

Odrade fitou Teg de forma solene. Como indicavam todos os relatórios, Teg permanecia uma figura imponente, mas ela sabia disso sem precisar dos relatórios.

– Ambos somos Atreides, você e eu – revelou Odrade.

Teg entrou em alerta total.

– Sua mãe explicou isso a você em detalhes – continuou Odrade –, quando você tirou suas primeiras férias e voltou a Lernaeus.

Teg parou e olhou para ela de alto a baixo. Como ela podia saber disso? Que fosse de seu conhecimento, ele jamais se encontrara ou conversara com essa distante Darwi Odrade. Seria ele assunto de discussões especiais na Casa Capitular? Teg permaneceu em silêncio, forçando-a a continuar a conversa.

– Recontarei uma conversa entre um homem e minha mãe biológica – retomou Odrade. – Eles estão na cama e o homem diz: “Fui pai de algumas crianças quando escapei pela primeira vez do cativeiro fechado das Bene Gesserit, no passado em que eu me considerava um agente independente, livre para me alistar e lutar em qualquer lugar de minha escolha”.

Teg não tentou esconder a surpresa. Aquelas eram suas próprias palavras! A memória Mentat o informou de que Odrade as pronunciara com a mesma precisão de um gravador mecânico. Até o tom da voz!

– Mais? – Ela perguntou enquanto ele olhava surpreso em sua direção. – Muito bem. O homem diz: “Isso foi antes de me enviarem para o treinamento Mentat, claro. Como isso ampliou meus horizontes! Descobri que nunca estive fora das vistas da Irmandade, nem por um instante! Nunca fui um agente livre”.

– Nem mesmo quando *falei* essas palavras – disse Teg.

– Verdade. – Ela o estimulou pressionando seu braço enquanto eles continuavam o passeio pela câmara. – Todas as crianças que você gerou pertenciam às Bene Gesserit. A Irmandade nunca corre o risco de que nossos genótipos caiam no repositório genético indômito.

– Que meu corpo seja entregue a Shaitan, os preciosos genótipos delas permanecem sob os cuidados da Irmandade – disse ele.

– Meus cuidados – retrucou Odrade. – Sou uma de suas filhas.

Mais uma vez ele a forçou a parar.

– Acredito que você saiba quem foi minha mãe – disse ela. Ela levantou uma das mãos clamando por silêncio quando ele começou a responder. – Nomes não são necessários.

Teg estudou as feições de Odrade, notando os sinais reconhecíveis ali. Mãe e filha eram parecidas. Mas e Lucilla?

Como se ouvisse a pergunta, Odrade falou:

– Lucilla vem de uma linhagem de reprodução paralela. Impressionante o que uma combinação reprodutiva cuidadosa pode alcançar, não é mesmo?

Teg pigarreou. Ele não sentiu nenhuma ligação emocional com essa filha recém-revelada. As palavras dela, bem como outros sinais importantes de sua atuação demandavam a atenção primária do bashar.

– Esta não é uma conversa casual – disse ele. – Isso é tudo que tem a revelar? Pensei que a Madre Superiora disse...

– Há mais – concordou Odrade. – O Manifesto: eu sou a autora. Escrevi seguindo ordens de Taraza e suas instruções detalhadas.

Teg examinou a câmara extensa como se quisesse ter certeza de que ninguém os espionava.

– Os Tleilaxu estão divulgando o Manifesto por toda parte – ele disse em voz baixa.

– Exatamente como esperávamos.

– Por que você está me contando isso? Taraza disse que você deveria me preparar para...

– Chegará o momento para que você conheça nosso objetivo. É o desejo de Taraza que você tome suas próprias decisões a partir daí, quando você realmente se tornar um agente livre.

Enquanto falava, Odrade notou o brilho Mentat nos olhos dele.

Teg suspirou. *Dependências e troncos-chave!* Ele sentiu o pressentimento Mentat de um padrão enorme, logo além do alcance de suas informações acumuladas. Ele sequer considerou, nem por um instante, que alguma forma de devoção filial induzira tais revelações. Havia uma essência fundamentalista, dogmática e ritualística, aparente em qualquer treinamento Bene Gesserit, apesar de todo esforço para evitá-la. Odrade, essa filha saída do passado de Teg, era uma Reverenda Madre plena, com extraordinários poderes de controle do sistema nervo-muscular... memórias completas do lado feminino! Era uma das especiais! Conhecia ardis e truques de violência dos quais poucos humanos

suspeitavam. Ainda assim, aquela semelhança, aquela essência persistia e um Mentat sempre notava.

*O que ela quer?*

*Afirmação de paternidade?* Ela já tinha toda a confirmação necessária.

Observando-a agora, da forma como ela esperava tão pacientemente que os pensamentos dele se organizassem, Teg refletiu que várias vezes se dizia (e era verdade) que as Reverendas Madres não eram mais totalmente membros da raça humana. De alguma maneira, elas saíram da corrente principal, talvez em paralelo à corrente, talvez mergulhando de volta em algumas ocasiões por motivações próprias, mas sempre afastadas da humanidade. Elas próprias haviam se removido. Era a marca identificadora das Reverendas Madres, um senso de identidade extra que as deixava mais próximas do Tirano, já morto havia muito, do que da raça humana da qual elas se originaram.

Manipulação. Essa era a marca delas. Elas manipulavam a tudo e a todos.

– Devo ser os olhos das Bene Gesserit – concluiu Teg. – Taraza deseja que eu tome uma decisão *humana* para todas vocês.

Obviamente satisfeita, Odrade apertou o braço dele:

– Que pai tenho eu!

– Você realmente tem um pai? – perguntou ele. Em seguida, contou a ela o que pensava sobre a autorremoção das Bene Gesserit da humanidade.

– Fora da humanidade – disse ela. – Que ideia curiosa. Os navegadores da Guilda também deixaram sua humanidade original?

Ele considerou esse argumento. Os navegadores da Guilda divergiam largamente do formato mais comum da humanidade. Nascidos no espaço e levando suas vidas em tanques de gás de

mélange, eles distorceram a forma original, com membros e órgãos alongados e reposicionados. Contudo, um navegador jovem em estro, antes de entrar no tanque, podia se reproduzir com alguém normal. Fora demonstrado. Eles se transformaram em não humanos, mas não da mesma forma que as Bene Gesserit.

– Navegadores não são seus parentes mentais – respondeu ele.  
– Eles pensam como humanos. Guiar uma nave pelo espaço, mesmo com o auxílio da presciência para encontrar caminhos seguros, exige um padrão que um humano pode aceitar.

– Você não aceita nosso padrão?

– O máximo que posso, mas em algum ponto do seu desenvolvimento vocês se deslocaram para fora do padrão original. Acho que vocês talvez desempenhem um papel deliberado até para se assemelhar a seres humanos. O modo como você segura meu braço neste momento, como se você realmente fosse minha filha.

– Sou sua filha, mas estou surpresa que você nos tenha em tão pouca monta.

– Muito pelo contrário: permaneço perplexo diante de vocês.

– De sua própria filha?

– Qualquer Reverenda Madre.

– Pensa que existo somente para manipular criaturas inferiores?

– Penso que você nem mesmo se sente humana. Existe uma lacuna em você, algo ausente, algo que você removeu. Você não é mais uma de nós.

– Obrigada – disse Odrade. – Taraza me avisou que você não hesitaria em responder com a verdade, mas eu mesma já sabia disso.

– Para que você me preparou?

– Você saberá quando ocorrer, é o que tenho a dizer... é tudo que me é permitido dizer.

*Manipulando de novo!*, pensou ele. *Malditas sejam!*

Odrade pigarreou. Parecia que ela estava prestes a dizer mais alguma coisa, mas ela permaneceu em silêncio ao guiar Teg pelas cercanias, caminhando com ele de volta, atravessando a câmara.

Apesar de saber o que Teg diria, as palavras dele a magoaram. Odrade queria dizer a seu pai que ela era uma das que ainda se sentiam humanas, embora o julgamento dele sobre a Irmandade não pudesse ser negado.

*Somos ensinadas a renegar o amor. Podemos simulá-lo, mas cada uma de nós é capaz de cortar os laços em um instante.*

Ouviram-se ruídos atrás deles. Ambos pararam e se viraram. Lucilla e Taraza emergiram de um tubo elevador, conversando fiado sobre suas observações a respeito do gholá.

– Você está absolutamente certa em tratá-lo como uma de nós – disse Taraza.

Teg ouvira, mas não teceu qualquer comentário enquanto ambos aguardavam a aproximação das duas mulheres.

*Ele sabe*, pensou Odrade. *Ele não vai me perguntar sobre minha mãe biológica. Não houve união, não houve uma impressão verdadeira. Sim, ele sabe.*

Odrade fechou os olhos e as memórias a assustaram ao produzirem, de vontade própria, a imagem de uma pintura. A coisa ocupava um espaço na parede da sala de estar de Taraza. Um artífice ixiano preservara o quadro na melhor moldura hermeticamente selada, por trás de uma cobertura invisível de plaz. Odrade parara diversas vezes diante da pintura, e toda vez ela sentia que sua mão podia se estender e tocar verdadeiramente a tela antiga preservada com tanta astúcia pelos ixianos.

*Cottages at Cordeville.*



O título desse trabalho e o próprio nome do autor foram preservados em uma placa polida abaixo da pintura: *Vincent Van Gogh*.

O objeto era datado de uma época tão ancestral que apenas remanescentes raros como aquela pintura permaneciam para emanar uma impressão física pelas eras. Odrade tentara imaginar as jornadas pelas quais aquela pintura havia passado, as possibilidades sucessivas que a trouxeram, intacta, à sala de Taraza.

Os ixianos estavam em sua melhor fase no que dizia respeito à preservação e restauração. Um observador podia tocar um ponto escuro na borda inferior esquerda da moldura. De imediato, o espectador seria envolvido pelo verdadeiro gênio, não só do artista, mas do ixiano que restaurara e preservara o trabalho. Seu nome estava lá, na moldura: Martin Buro. Quando tocado pelo dedo humano, o ponto se transformava em um projetor de sentidos, um subproduto benigno da tecnologia que produzira a sonda ixiana. Buro restaurara tanto a pintura quanto o pintor: os sentimentos que acompanhavam o próprio Van Gogh a cada pincelada. Tudo fora capturado na passagem do pincel, ali gravada por movimentos humanos.

Odrade permanecera ali, absorta durante toda a performance, por tantas vezes que ela sentia como se pudesse recriar aquela pintura de forma independente.

Recordar essa experiência tão próxima da acusação de Teg, ela soube de imediato por que sua memória reproduzira a imagem para ela, o porquê daquela pintura ainda fasciná-la. Durante o curto espaço daquela repetição, ela se sentira totalmente humana, ciente das casas como locais onde pessoas reais habitaram, ciente de alguma forma completa da cadeia de vida que pausara ali, onde a

pessoa do louco Vincent Van Gogh pausara para gravar a própria cena.

Taraza e Lucilla se detiveram a dois passos de Teg e Odrade. Havia um odor de alho no hálito de Taraza.

– Paramos por um instante para comer um lanche – disse Taraza. – Vocês querem alguma coisa?

Era exatamente a pergunta errada. Odrade libertou sua mão do braço de Teg. Virou-se rapidamente e limpou os olhos com as mangas. Olhando mais uma vez para Teg, ela viu a surpresa na expressão dele. *Sim*, ela pensou, *essas são lágrimas de verdade!*

– Acho que fizemos tudo que podíamos aqui – afirmou Taraza. – É hora de você se pôr a caminho de Rakis, Dar.

– Já passou da hora – encerrou Odrade.

**A vida não pode encontrar razões para se sustentar, não pode ser uma fonte decente de respeito mútuo, a menos que cada um de nós decida insuflar tais qualidades nela.**

**– Chenoeh: “Conversas com Leto II”**

Hedley Tuek, o Sumo Sacerdote do Deus Dividido, se irritava cada vez mais com Stiros. Apesar de ser muito velho para nutrir quaisquer esperanças de ocupar o posto de Sumo Sacerdote, Stiros tinha filhos, netos e inúmeros sobrinhos. Stiros transferira suas ambições pessoais para a família. Um homem cínico, Stiros. Ele representava uma facção poderosa no clero, a chamada “comunidade científica”, cuja influência era insidiosa e difundida. Eles se desviavam perigosamente, beirando a heresia.

Tuek lembrou a si mesmo que mais de um Sumo Sacerdote se “perdera” no deserto, acidentes lamentáveis. Stiros e sua facção eram capazes de criar tal acidente.

Já passava do meio-dia em Kina e Stiros acabara de sair, obviamente frustrado. Stiros queria que Tuek fosse ao deserto e ali observasse a próxima empreitada de Sheeana. Suspeitando do convite, Tuek declinara.

Uma discussão estranha se seguiu, cheia de insinuações e referências vagas ao comportamento de Sheeana, além de ataques verbais às Bene Gesserit. Stiros, sempre desconfiado da Irmandade, criara uma antipatia imediata à nova comandante do Forte das Bene Gesserit em Rakis, aquela... qual era mesmo o nome? Ah, sim, Odrade. Nome estranho, mas era comum que as irmãs adotassem nomes estranhos. Era privilégio delas. O Próprio Deus nunca falara contra a bondade elementar das Bene Gesserit.

Contra as irmãs, como indivíduos, isso acontecera, mas a própria Irmandade compartilhara a Visão Sagrada de Deus.

Tuek não gostava da forma que Stiros falava de Sheeana. Cinismo. O Sumo Sacerdote finalmente silenciara Stiros com pronunciamentos realizados ali, no Santo, com seu altar elevado e imagens do Deus Dividido. Transmissores de feixes prismáticos lançavam finos raios luminosos através do incenso de mélange queimado contra a fileira dupla de pilares altos que levavam até o altar. Tuek sabia que, a partir daquele cenário, suas palavras iam direto para Deus.

– Deus age por meio de nossa Siona dos últimos dias – Tuek dissera a Stiros, percebendo a confusão no rosto do velho conselheiro. – Sheeana é a recordação viva de Siona, aquele instrumento humano que O traduziu em Suas atuais Divisões.

Stiros se enfurecera e dissera coisas que não ousaria repetir diante de todo o Conselho. Confiara demais em sua longa associação com Tuek.

– Insisto que ela está sentada aqui, cercada por adultos decididos a justificar suas próprias ações para ela e...

– E para Deus! – Tuek não podia deixar essas palavras passarem sem resposta.

Curvando-se próximo ao Sumo Sacerdote, Stiros sussurrara por entre os dentes.

– Ela está no centro de um sistema educacional ligado a qualquer coisa que a imaginação dela exija. Não negamos nada a ela!

– Nem devemos negar.

Fora como se Tuek nada tivesse dito. Stiros retrucara:

– Cania deu a ela os registros de Dar-es-Balat!

– Sou o livro do Destino – Tuek recitara as próprias palavras de Deus, tiradas da reserva de Dar-es-Balat.

– Exato! E ela escuta cada palavra!

– Por que isso o perturba? – indagara Tuek, no tom mais calmo possível.

– Não testamos o conhecimento *dela*. Ela testa o *nosso*.

– Talvez esse seja o desígnio de Deus.

Não havia como deixar de notar o ódio amargo no rosto de Stiros. Tuek o observara e esperara até que o velho conselheiro reordenasse seus argumentos. Recursos para tais argumentos eram, naturalmente, incontáveis. Tuek era incapaz de negar esse fato. Eram as interpretações que importavam. Em razão disso, um Sumo Sacerdote devia fornecer a interpretação final. Apesar de (ou talvez em razão de) suas formas de encarar a história, o clero sabia muito sobre como Deus viera residir em Rakis. Eles tinham o próprio Dar-es-Balat e todo seu conteúdo: a mais antiga não sala conhecida no universo. Durante milênios, enquanto Shai-hulud traduzia o planeta verdejante de Arrakis no deserto de Rakis, Dar-es-Balat esperava debaixo da areia. Daquela Reserva Sagrada, o clero se apossara da própria voz de Deus. Suas palavras impressas e até holofotos. Tudo fora explicado e eles sabiam que a superfície desértica de Rakis reproduzia a forma original do planeta, como ele se parecia no começo, quando era apenas conhecido como fonte da Especiaria Sagrada.

– Ela pergunta sobre a família de Deus – ressaltara Stiros. – Por que ela acha que pode perguntar sobre...

– Ela nos testa. Nós damos a Eles Suas devidas importâncias? A Reverenda Madre Jéssica a seu filho, Muad'Dib, e ao filho deste, Leto II; a Santa Trindade do Paraíso.

– Leto III – mencionara Stiros. – O que dizer do outro Leto, que morreu nas mãos dos Sardaukar? O que dizer sobre ele?

– Cuidado, Stiros – entoara Tuek. – Você sabe que meu bisavô se pronunciou sobre esse assunto, sentado neste mesmo banco. Nosso Deus Dividido reencarnou com Sua parte remanescente no paraíso para mediar a Ascendência. Essa parte Dele tornou-se, então, desprovida de nome, como a Verdadeira Essência de Deus deve ser!

– Ah, é?

Tuek ouvira o cinismo terrível na voz do ancião. As palavras de Stiros pareciam tremular no ar carregado de incenso, um convite a retribuições terríveis.

– Então por que ela pergunta como nosso Leto se transformou no Deus Dividido? – perguntara Stiros.

Stiros questionara a Metamorfose Sagrada? Tuek ficara horrorizado. Ele respondera:

– No devido tempo, ela nos iluminará.

– Nossas explicações débeis devem enchê-la de desânimo – zombara Stiros.

– Você passa os limites, Stiros!

– É mesmo? Você não acha iluminador que ela pergunte como a truta da areia encapsula a maior parte da água de Rakis e recria o deserto?

Tuek tentara ocultar seu ódio crescente. Stiros *com certeza* representava uma facção poderosa do clero, mas seu tom de voz e suas palavras levantavam questões respondidas pelos Sumos Sacerdotes anos atrás. A Metamorfose de Leto II gerara inúmeras trutas da areia, cada uma delas carregando um Fragmento Dele Mesmo. Da truta da areia ao Deus Dividido: a sequência era conhecida e louvada. Questionar a sequência era negar a Deus.

– Você se senta aqui e não faz nada! – acusara Stiros. – Nós somos peões de um jogo...

– Basta! – Tuek ouvira tudo que conseguia do cinismo daquele ancião. Reunindo a dignidade dentro de si, Tuek enunciara as palavras de Deus: – “Seu Senhor sabe muito bem o que está em seu coração. Neste dia, sua alma é acusação suficiente. Não preciso de outras testemunhas. Você não ouve sua alma, mas, em vez dela, ouve a sua raiva e fúria”.

Stiros se retirara, frustrado.

Depois de uma considerável deliberação, Tuek se vestiu com um de seus mantos mais luxuosos, em branco, dourado e púrpura. Assim, foi visitar Sheeana.

A menina estava no jardim do telhado, situado sobre o complexo eclesiástico central, acompanhada de Cania e duas outras pessoas: um jovem sacerdote de nome Baldik, que estava sob o serviço privado de Tuek e uma sacerdotisa acólita chamada Kipuna, cujo comportamento era muito semelhante ao de uma Reverenda Madre para o gosto de Tuek. A Irmandade tinha espiãs ali, é claro, mas Tuek não gostava de perceber isso. Kipuna assumira grande parte do treinamento físico de Sheeana e um elo se criara entre a criança e a sacerdotisa acólita, um elo que despertara o ciúme de Cania. Contudo, nem mesmo Cania podia se interpor às de Sheeana.

Os quatro estavam de pé atrás de um banco de pedra, quase sob a sombra de uma torre de ventilação. Kipuna segurava a mão direita de Sheeana, manipulando os dedos da criança. Sheeana estava crescendo muito, Tuek reparou. Ela estava sob sua proteção há seis anos. Ele percebia que seus seios começavam a despontar sob o manto. Não havia qualquer sinal de vento no telhado e o ar pesava nos pulmões de Tuek.

Ele lançou um olhar ao redor do jardim para se certificar de que suas providências em relação à segurança não haviam sido ignoradas. Nunca se sabe de qual lugar o perigo surgiria. Quatro dos guardas pessoais de Tuek, com seu armamento pesado oculto, dividiam o teto a uma certa distância: um em cada ponta. O parapeito que rodeava o jardim era alto. Apenas as cabeças dos guardas eram visíveis nas bordas. O único edifício mais alto que a torre clerical era o captador de vento, cerca de mil metros a oeste dali.

Apesar da evidência visível de que suas ordens de segurança haviam sido levadas a sério, Tuek pressentiu o perigo. Seria um aviso de Deus? Tuek ainda se sentia perturbado pelo cinismo de Stiros. Ele estaria errado em permitir a Stiros tanta liberdade?

Sheeana notou a aproximação de Tuek e parou os estranhos exercícios de flexão dos dedos que praticava sob as orientações de Kipuna. Transparecendo um semblante de paciência sábia, a criança permaneceu em silêncio, mirando fixamente o Sumo Sacerdote, forçando seus acompanhantes a se virarem e acompanharem seu olhar.

Sheeana não considerava Tuek uma figura temível. Ela chegava a gostar daquele idoso, embora algumas de suas perguntas fossem muito confusas. E as respostas! Quase por acidente, ela descobrira a pergunta que mais perturbava Tuek.

– Por quê?

Alguns dos sacerdotes assistentes interpretaram essa pergunta em voz alta como: “Por que o senhor acredita nisso?”. Sheeana se apropriou imediatamente dessa linha de questionamento e, dali em diante, suas sondagens de Tuek e dos outros tomaram a forma invariável:

“Por que o senhor acredita nisso?”.



Tuek parou a cerca de dois passos de Sheeana e fez uma reverência.

– Boa tarde, Sheeana. – Ele virou o pescoço com nervosismo contra o colarinho de seu manto. O sol fulminava seus ombros e ele se perguntou por que a criança escolhia ir até ali com tanta frequência.

Sheeana manteve seus olhos perscrutadores na direção de Tuek. Ela sabia que esse olhar o perturbava.

Tuek pigarreou. Quando Sheeana o fitava daquela maneira, ele sempre se perguntava: *Será Deus olhando para mim através dos olhos dela?*

– Hoje Sheeana perguntou sobre as Oradoras Peixe – Cania quebrou o silêncio.

Em um tom melífluo, Tuek respondeu:

– O Exército Sagrado do próprio Deus.

– Todas são mulheres? – perguntou Sheeana. Ela falou como se conseguisse não acreditar. Para aqueles na base da sociedade rakiana, Oradoras Peixe eram um nome da história antiga, pessoas rechaçadas durante os Tempos da Penúria.

*Ela me testa*, pensou Tuek. Oradoras Peixe. As atuais portadoras desse nome eram indicadas a uma diminuta delegação de comércio e espionagem em Rakis, composta tanto de homens quanto de mulheres. Sua origem ancestral não era mais significativa para suas atividades atuais, em sua maior parte trabalhando como um braço de Ix.

– Homens sempre serviram às Oradoras Peixe, agindo como assessores – respondeu Tuek. Ele observou cuidadosamente a reação de Sheeana.

– E sempre havia os Duncan Idahos – disse Cania.

– Sim, sim, claro: os Duncans. – Tuek tentou não franzir o cenho. Aquela mulher interrompia o tempo todo! Ele não gostava de ser lembrado desse aspecto da presença histórica de Deus em Rakis. O ghola recorrente e sua posição no Exército Sagrado davam margem a conotações da indulgência dos Bene Tleilax. Entretanto, era impossível negar que as Oradoras Peixe protegiam os Duncans de danos, sempre agindo sob o comando de Deus. Os Duncans eram sagrados, sem dúvida, mas em uma categoria especial. Pelo julgamento do próprio Deus, Ele próprio assassinara alguns Duncans, com a óbvia intenção de *transformá-los* imediatamente em direção ao céu.

– Kipuna está me ensinando sobre as Bene Gesserit – disse Sheeana.

Como a mente daquela criança disparava de um assunto para outro!

Tuek pigarreou, reconhecendo sua própria atitude ambivalente em relação às Reverendas Madres. Era necessário reverência para aquelas que eram as “Amadas de Deus”, como a Santa Chenoeh. O primeiro Sumo Sacerdote escrevera um relato lógico sobre como a Sagrada Hwi Noree, Noiva de Deus, fora uma Reverenda Madre secreta. Ao honrar essas circunstâncias especiais, o clero se viu preso a uma responsabilidade irritante em relação às Bene Gesserit, cujo carro-chefe era a venda de mélange à Irmandade a um preço ridiculamente mais baixo do que aquele cobrado pelos Tleilaxu.

Falando em seu tom mais ingênuo, Sheeana interpelou:

– Conte-me sobre as Bene Gesserit, Hedley.

Tuek olhou atentamente para os adultos que cercavam Sheeana, tentando captar um sorriso em alguma das faces. Ele não sabia como lidar com Sheeana quando ela o chamava pelo primeiro nome

daquela forma. Por um lado, era humilhante. Por outro lado, ela o honrava com tamanha intimidade.

*Deus me testa com severidade*, pensou ele.

– As Reverendas Madres são boas pessoas? – indagou Sheeana.

Tuek suspirou. Todos os arquivos confirmavam que Deus nutria reservas sobre a Irmandade. As palavras de Deus foram cuidadosamente examinadas e, por fim, submetidas à interpretação de um Sumo Sacerdote. Deus não deixara a Irmandade ameaçar Seu Caminho Dourado. Isso ficara claro.

– Muitas delas são boas – respondeu Tuek.

– Onde está a Reverenda Madre mais próxima? – perguntou Sheeana.

– Na Embaixada da Irmandade aqui em Kina – respondeu Tuek.

– Você a conhece?

– Existem muitas Reverendas Madres no Forte das Bene Gesserit – continuou ele.

– O que é um Forte?

– É como elas chamam sua casa aqui.

– Uma das Reverendas Madres deve estar no comando. Você a conhece?

– Conheço sua antecessora, Tamalane, mas agora existe uma nova. Ela acabou de chegar. Seu nome é Odrade.

– Que nome engraçado.

Era o mesmo pensamento de Tuek, mas ele respondeu:

– Um de nossos historiadores me contou que é uma forma diferente do nome Atreides.

Sheeana refletiu sobre o assunto. *Atreides*. Era a família que trouxera Shaitan à vida. Antes dos Atreides existiam apenas os fremen e Shai-hulud. A História Oral, a qual o povo dela preservara

apesar de todas as proibições sacerdotais, cantava sobre as origens das pessoas mais importantes de Rakis. Sheeana ouvira esses nomes muitas noites em seu vilarejo.

“Muad’Dib gerou o Tirano.”

“O Tirano gerou Shaitan.”

Sheeana não estava com vontade de discutir essas verdades com Tuek. De qualquer forma, ele aparentava estar cansado hoje. Ela simplesmente disse:

– Traga essa Reverenda Madre Odrade até mim.

Kipuna escondeu seu sorriso exultante por trás da mão.

Tuek deu um passo para trás, horrorizado. Como ele cumpriria tal demanda? Nem mesmo o clero rakiano comandava as Bene Gesserit! E se a Irmandade se recusasse? Será que ele poderia oferecer uma doação de mélange em troca? Isso poderia significar fraqueza. As Reverendas Madres seriam capazes de negociar! Não havia negociadoras mais duras do que aquelas Reverendas Madres de olhar frio da Irmandade. Essa nova, a tal Odrade, parecia ser uma das piores.

Todos esses pensamentos voavam pela cabeça de Tuek em um instante.

Cania se intrometeu, oferecendo a Tuek a abordagem de que ele precisava:

– Talvez Kipuna possa transmitir o convite de Sheeana – disse.

Tuek mirou um olhar lancinante à jovem sacerdotisa acólita. Sim! Vários suspeitavam (Cania entre eles, obviamente) de que Kipuna espionava para as Bene Gesserit. Claro que todos em Rakis espionavam para alguém. Tuek esboçou seu sorriso mais gracioso ao fitar Kipuna.

– Você conhece alguma Reverenda Madre, Kipuna?

– Conheço algumas delas, milorde Sumo Sacerdote – respondeu Kipuna.

*Pelo menos ela ainda demonstra a deferência apropriada!*

– Excelente! – disse Tuek. – Você nos faria a gentileza de enviar esse amável convite de Sheeana para a embaixada da Irmandade?

– Farei o pouco que está a meu alcance com o maior afinho, milorde Sumo Sacerdote.

– Tenho certeza de que o fará!

Kipuna se virou com altivez na direção de Sheeana, o conhecimento do sucesso crescendo dentro dela. O pedido de Sheeana fora ridiculamente fácil de incitar, dadas as técnicas providenciadas pela Irmandade. Kipuna sorriu e abriu os lábios para falar. Um movimento no parapeito, cerca de 40 metros atrás de Sheeana, chamou a atenção de Kipuna. Algo reluzira sob a luz do sol naquele lugar. Algo pequeno e...

Com um grito sufocado, Kipuna agarrou Sheeana, arremessou-a para cima, na direção de um Tuek assustado, e ela gritou:

– Corra!

Em seguida, Kipuna disparou em direção à luz que se aproximava suavemente: um pequeno buscador trilhando uma extensão longa de shigafio.

Em sua juventude, Tuek jogara tacobol. Ele pegara Sheeana instintivamente, hesitara por um instante e depois reconheceu o perigo. Rodopiando com a garota que protestava e se contorcia em seus braços, Tuek correu pela passagem aberta da escadaria da torre. Ele ouviu o bater da porta atrás de si e os passos rápidos de Cania em seu encalço.

– O que é aquilo? O que é aquilo? – Sheeana socou com os pulsos contra o peito de Tuek enquanto gritava.

– Calma, Sheeana! Calma! – Tuek parou na primeira plataforma das escadarias. Havia uma calha de transporte e uma queda amparada por suspensores que levavam da escadaria até o núcleo do edifício. Cania parou atrás de Tuek, sua respiração ofegante e ruidosa no espaço minúsculo.

– Aquilo matou Kipuna e dois dos nossos guardas – Cania respirava com dificuldade. – Despedaçou a todos! Eu vi. Que Deus nos salve.

A mente de Tuek estava em turbilhão. Ambos, a calha e o sistema de queda por suspensores, estavam embutidos em buracos na torre. Eles podiam ser sabotados. O ataque no teto podia ser apenas um elemento de uma conspiração muito mais complexa.

– Ponha-me no chão! – insistiu Sheeana. – O que está acontecendo?

Tuek a pôs no chão com suavidade mas segurou uma das mãos dela. Ele se inclinou em direção da menina:

– Sheeana, querida, alguém está tentando nos machucar.

A boca de Sheeana formou um “O” , silencioso e ela logo perguntou:

– Eles machucaram Kipuna?

Tuek olhou para cima, para a porta que dava para o telhado. Era o som de um ornitóptero que ele ouvia ali? *Stiros!* Conspiradores poderiam sequestrar facilmente três pessoas vulneráveis para o deserto com facilidade!

Cania recuperou o fôlego:

– Ouço um tóptero – disse ela. – Não deveríamos sair daqui?

– Mas o...

– Faça o que digo!

Segurando firme a mão de Sheeana, Tuek as liderou para baixo, até a próxima plataforma. Além da calha e do acesso aos

suspensores, essa plataforma tinha uma porta para um corredor longo e curvo. A poucos passos além daquela porta jaziam os aposentos de Sheeana, os antigos aposentos de Tuek. Mais uma vez, ele hesitou.

– Algo está acontecendo no telhado – sussurrou Cania.

Tuek olhou para baixo, na direção da criança silenciosa e apavorada ao seu lado. A mão dela transpirava.

Sim, ouvia-se uma algazarra no telhado: gritos, o sibilar de queimadores, muita correria. A porta do telhado, que agora estava fora do campo de visão deles, abriu-se com um estrondo. Isso fez Tuek se decidir. Ele se lançou pela porta do corredor e colidiu com um grupo coeso e em formação triangular, composto por mulheres em mantos pretos. Tuek reconheceu a mulher na ponta do grupo: *Odrade!*

Alguém levou Sheeana para longe dele e se apressou de volta para o grupo de figuras envolvidas em mantos. Antes que Tuek ou Cania protestassem, mãos cobriram suas bocas. Outras mãos os prenderam contra a parede do corredor. Algumas das figuras passaram pelo corredor e se dirigiram para as escadas.

– A criança está a salvo e isso é o que interessa, por enquanto – sussurrou Odrade. Ela fitou os olhos de Tuek. – Não faça barulho. – A mão que cobria a boca do Sumo Sacerdote foi retirada. Usando a Voz, ela comandou: – Fale-me sobre o telhado!

Tuek se viu obedecendo sem reservas.

– Um buscador ligado por um shigafio extenso. Passou por cima do parapeito. Kipuna o viu e...

– Onde está Kipuna?

– Morta. Cania testemunhou. – Tuek descreveu a investida corajosa de Kipuna em direção à ameaça.

*Kipuna, morta!*, pensou Odrade. Ela escondeu um feroz e raivoso sentimento de perda. Que desperdício. Devia-se admirar uma morte tão corajosa, mas que perda! A Irmandade sempre precisava de coragem e devoção, mas também requeria a riqueza genética que Kipuna representara. *Perdera-se, graças àqueles tolos desvirtuados!*

Com um gesto de Odrade, removeu-se a mão da boca de Cania.

– Diga-me o que viu – disse Odrade.

– O buscador enrolou o shigafio ao redor do pescoço de Kipuna e... – Cania estremeceu.

O barulho surdo de uma explosão reverberou acima deles, em seguida veio o silêncio. Odrade acenou. As mulheres em mantos se espalharam pelo corredor, movendo-se silenciosamente para fora do campo de visão além da curva. Apenas Odrade e duas outras, ambas jovens com olhar gélido, permaneceram ao lado de Tuek e Cania. Sheeana estava fora de vista.

– Os ixianos estão aqui em algum lugar – disse Odrade.

Tuek concordou. *Aquela quantidade de shigafio...*

– Aonde levaram a criança? – perguntou ele.

– Estamos protegendo-a – respondeu Odrade. – Fique quieto. – Ela inclinou a cabeça, escutando.

Uma das mulheres correu de volta pela curva do corredor e sussurrou alguma coisa no ouvido de Odrade. Ela sorriu.

– Acabou – disse Odrade. – Vamos até Sheeana.

Sheeana estava sentada em uma cadeira azul com almofadas suaves na sala principal de seus alojamentos. As mulheres em mantos negros formavam um arco protetor ao redor dela. A criança parecia, na opinião de Tuek, bem recuperada do choque do ataque e da fuga, mas seus olhos brilhavam com empolgação e questões ainda não formuladas. A atenção de Sheeana dirigia-se a alguma



coisa à direita de Tuek. Ele parou e olhou para a mesma direção. Teve um sobressalto com o que viu.

O corpo de um homem nu jazia contra a parede, em uma posição estranhamente curvada, a cabeça retorcida até que o queixo tocasse o ombro esquerdo. Os olhos arregalados fitavam o vazio da morte.

*Stiros!*

Os trapos desfiados do manto de Stiros, obviamente arrancados dele com violência, amontoavam-se em uma pilha próxima aos pés dele.

Tuek fitou Odrade.

– Ele estava envolvido – disse ela. – Havia Dançarinos Faciais entre os ixianos.

Tuek tentou engolir em seco.

Cania deixou Tuek para trás e partiu em direção ao corpo. Tuek não conseguia ver a face dela, mas a presença de Cania o lembrava que, quando ambos eram jovens, algo se passara entre ela e Stiros. Tuek se moveu instintivamente até se colocar entre Cania e a criança sentada.

Cania parou ao lado do corpo e o cutucou com um pé. Voltou-se para Tuek com uma expressão exultante:

– Tinha que me certificar de que ele estava realmente morto – disse ela.

Odrade lançou um olhar para uma das acompanhantes.

– Livre-se do corpo. – Ela se voltou para Sheeana. Foi a primeira chance de Odrade para estudar a criança com maior cuidado, uma vez que liderara as forças de assalto até ali para lidar com o ataque do complexo do templo.

Tuek falou por trás de Odrade:

– Reverenda Madre, a senhora poderia, por favor, nos explicar...

Odrade o interrompeu sem se virar:

– Mais tarde.

À expressão de Sheeana seguiram depressa as palavras de Tuek.

– *Imaginei* que a senhora era uma Reverenda Madre!

Odrade simplesmente assentiu. Que criança fascinante. Odrade experimentou mais uma vez o que sentira ao ficar diante da antiga pintura nos aposentos de Taraza. Algo do calor que permanecia na obra de arte inspirava Odrade neste momento. Inspiração selvagem! Aquela era a mensagem do tresloucado Van Gogh. Caos apresentado em magnífica ordem. Isso não fazia parte da suma da Irmandade?

*Esta criança é minha tela*, pensou Odrade. Ela sentiu suas mãos formigarem com a sensação daquele pincel ancestral. Suas narinas se alargaram ao odor de óleos e pigmentos.

– Deixem-me a sós com Sheeana – Odrade ordenou. – Todos, para fora.

Tuek começara a protestar, mas parou quando uma das companheiras de Odrade agarrou seu braço. Odrade olhou para ele.

– As Bene Gesserit serviram a vocês no passado – disse ela. – Desta vez, salvamos sua vida.

A mulher que segurava o braço de Tuek o puxou.

– Responda às perguntas dele – falou Odrade. – Mas faça-o em outro lugar.

Cania deu um passo na direção de Sheeana.

– Esta criança é minha...

– Retire-se! – vociferou Odrade, todos os poderes da Voz embutidos nesse comando.

Cania ficou paralisada.

– Você quase a perdeu para um bando de conspiradores torpes!  
– continuou Odrade, enquanto fitava Cania. – Consideraremos se você ainda terá outra oportunidade para se associar com Sheeana.

Lágrimas surgiram nos olhos de Cania, mas a condenação de Odrade não podia ser negada. Cania se virou e desapareceu com as outras.

Odrade voltou sua atenção para a criança vigilante.

– Estivemos esperando por você durante um longo tempo – disse Odrade. – Não daremos a esses tolos outra oportunidade de perdê-la.

**A lei sempre escolhe lados com base na manutenção do poder. Moralidades e detalhes legais pouco importam quando a verdadeira pergunta é: Quem detém a influência política?**

**– Ata do Conselho Bene Gesserit:  
Arquivo #X0X232**

Imediatamente depois de Taraza e sua comitiva deixarem Gammu, Teg se entregou ao trabalho. Novos procedimentos de guarda tinham de ser elaborados, que impedissem qualquer contato próximo da parte de Schwangyu com o ghola. Ordens de Taraza.

– Ela pode observar tudo que quiser, mas não pode tocar.

Apesar das pressões do trabalho, Teg se deu conta de que olhava para o espaço em momentos estranhos, presa fácil de uma ansiedade transitória. A experiência de resgatar a comitiva de Taraza da nave da Guilda e as estranhas revelações feitas por Odrade não se encaixavam em nenhuma classificação de dados que ele construía.

*Dependências... troncos-chave...*

Teg estava sentado em seu próprio escritório, com um rol de tarefas projetado diante de si com as mudanças de turno a serem aprovadas e, por um instante, ele perdeu a ideia do tempo e da data. Passaram-se alguns segundos antes que ele se localizasse.

Meio da manhã. Taraza e seu grupo já haviam partido dois dias antes. Ele estava só. Sim, Patrin assumira a programação diária de treinamento de Duncan, libertando Teg para tomar as decisões de comando.

O escritório ao redor de Teg parecia outro lugar. Contudo, ao inspecionar cada elemento, achou tudo familiar. Ali estava seu console pessoal de dados. O casaco do seu uniforme fora posicionado com cuidado ao longo do comprimento de uma cadeira reclinada ao seu lado. Ele tentou entrar no modo Mentat e descobriu que sua própria mente resistia. Isso não acontecia desde os dias de treinamento.

#### *Dias de treinamento.*

Taraza e Odrade, entre elas, haviam-no jogado em alguma forma de treinamento.

#### *Autotreinamento.*

De forma independente, ele sentiu sua memória lhe fornecendo uma conversa antiga com Taraza. Como era familiar. Ele fora levado até lá, capturado pelo lapso de sua própria memória-armadilha.

Tanto ele como Taraza estavam bem cansados depois de tomar decisões e providenciar medidas para evitar uma confrontação sangrenta: o incidente Barandiko. Agora não passava de um soluço na história, mas, à época, demandara a energia combinada de ambos.

Depois que o acordo fora assinado, Taraza o convidara até o pequeno gabinete de seus alojamentos em sua não nave. Ela falava casualmente, admirando a sagacidade do bashar, a forma como sua visão penetrante chegava às fraquezas que forçavam ao compromisso.

Eles estavam acordados e ativos há cerca de trinta horas e Teg agradecera pela oportunidade de sentar-se enquanto Taraza inseria os comandos em sua instalação de comibebida. O aparato obedecera de imediato, produzindo dois copos altos de um líquido marrom e cremoso.

Teg reconhecera o odor ao receber o copo das mãos de Taraza. Era uma fonte rápida de energia, um estimulante que as Bene Gesserit raramente partilhavam com pessoas que não fossem da Irmandade. Contudo, Taraza já não o considerava alguém que não fizesse parte do grupo.

Com a cabeça inclinada para trás, Teg tomou um gole demorado da bebida, seu olhar no teto ornamentado do pequeno gabinete de Taraza. Aquela não nave era um modelo antiquado, construída no tempo em que se tomava mais cuidado com a decoração: cornijas pesadamente entalhadas, figuras barrocas esculpidas em todas as superfícies.

O sabor da bebida levava sua memória de volta à infância, a pesada infusão de mélange...

– Minha mãe preparava essa bebida para mim todas as vezes em que eu estava muito sobrecarregado – dissera ele, olhando para o copo em sua mão. Ele já sentia a energia calmante fluindo pelo corpo.

Taraza bebeu sua própria bebida em uma cãodeira diante do bashar, um pedaço branco e macio de mobília animada que se acomodava a ela com o aconchego de uma familiaridade antiga. Ela providenciara uma cadeira estofada tradicional para Teg, de cor verde, mas notara o olhar rápido dele em direção à cãodeira e sorria.

– Os sabores diferem, Miles. – Ela provara a bebida e suspirara.  
– Ficamos sobrecarregados, mas foi um bom trabalho. Houve momentos em que as coisas pareciam estar no limite de se tornarem desagradáveis.

Teg ficara tocado pelo relaxamento dela. Não era uma farsa, nenhuma máscara artificial para distanciá-los e definir seus papéis separados na hierarquia Bene Gesserit. Ela estava sendo

obviamente amigável e não existia nenhum indício de sedução. Aquilo era só o que aparentava ser... tanto quanto era possível em qualquer encontro com uma Reverenda Madre.

Com rápida elação, Teg percebera que ele se tornara bastante apto a ler Alma Mavis Taraza, mesmo quando ela adotava uma de suas máscaras.

– Sua mãe lhe ensinou mais do que ela foi ordenada – dissera Taraza. – Uma mulher sábia, mas outra herege. Parece que é só isso que geramos nestes tempos.

– Herege? – Ele fora pego pelo ressentimento.

– É uma piada interna da Irmandade – afirmara Taraza. – Devemos seguir as ordens de uma Madre Superiora com devoção absoluta. E nós o fazemos, exceto quando discordamos.

Teg sorria e tomara um gole prolongado de sua bebida.

– É estranho – continuara Taraza –, mas enquanto estávamos naquele pequeno e tenso confronto, eu me vi reagindo a você como se fosse uma das minhas irmãs.

Teg sentira a bebida esquentando seu estômago. Deixara um leve formigamento em suas narinas. Ele colocara o copo vazio na mesa de lado e falara enquanto olhava para aquela direção.

– Minha filha mais velha...

– Essa seria Dimela. Você devia tê-la deixado conosco, Miles.

– Não foi minha decisão.

– Mas bastava uma palavra sua... – Taraza deu de ombros. – Bem, já é passado. Como está Dimela?

– Ela acha, com frequência, que sou parecido com vocês em demasia.

– Em demasia?

– Ela é ferozmente leal a mim, Madre Superiora. Ela não compreende totalmente nossa relação e...

- Qual é nossa relação?
- A senhora comanda e eu obedeço.

Taraza olhara para ele por sobre a boca do seu copo. Quando o abaixou, ela dissera:

– Sim, você nunca foi de fato um herege, Miles. Talvez... algum dia...

Ele falara rapidamente, tentando distrair Taraza daquelas ideias:

– Dimela acha que o uso prolongado de mélange faz com que muitas pessoas fiquem parecidas com vocês.

– É mesmo? Não é estranho, Miles, que uma poção geriátrica produza tantos efeitos colaterais?

– Não acho estranho.

– Não, é claro que você não consideraria estranho. – Ela esvaziara o copo e o colocara de lado. – Eu falava sobre o impacto que uma extensão significativa de vida instila em algumas pessoas, em você especialmente, um profundo conhecimento sobre a natureza humana.

– Vivemos mais e observamos mais – respondera ele.

– Não acho que seja tão simples assim. Algumas pessoas nunca observam nada. Para elas, a vida apenas acontece. Tais indivíduos seguem com algo que é pouco mais do que uma forma de persistência torpe e resistem, com raiva e ressentimento, a qualquer coisa que os retire dessa falsa serenidade.

– Jamais consegui ponderar uma lista aceitável e equilibrada para a especiaria – dissera ele, referindo-se ao comum processo Mentat de organização de dados.

Taraza assentira. Obviamente, ela se deparara com a mesma dificuldade.

– Nós, da Irmandade, tendemos a focar em uma única linha de raciocínio, diferente dos Mentats – continuara ela. – Temos rotinas



para nos libertar, mas as condições persistem.

– Nossos ancestrais enfrentaram esse problema por muito tempo. – afirmara ele.

– Era diferente antes da especiaria – ela retrucara.

– Mas eles viviam vidas tão curtas.

– Cinquenta, cem anos; isso não significa muito para nós, porém...

– Eles ocupavam mais o tempo disponível?

– Ah, algumas vezes, a vida deles era frenética.

Ela estava lhe oferecendo informações de suas Outras Memórias, Teg percebera. Não era a primeira vez que ele compartilhava desse conhecimento antigo. Sua mãe apresentava essas memórias de vez em quando, mas sempre como um ensinamento. Estaria Taraza fazendo isso neste momento? Ensinando algo a ele?

– O mélange é um monstro de várias mãos – afirmara ela.

– Às vezes, a senhora não deseja que nunca a tivéssemos descoberto?

– As Bene Gesserit não existiriam sem ela.

– Nem a Guilda.

– Por outro lado, não existiria o Tirano, não existiria Muad'Dib. A especiaria dá com uma mão e tira tudo com as outras.

– Qual mão contém aquilo que desejamos? – ele perguntara. – Não é sempre essa a questão?

– Você é uma excentricidade, sabia Miles? Mentats raramente mergulham na filosofia. Acho que é um de seus pontos fortes. Você possui uma capacidade suprema para duvidar.

Ele deu de ombros. Aquela reviravolta na conversa o perturbara.

– Você parou de se divertir – ela notara –, mas, ainda assim, agarre-se às suas dúvidas. A dúvida é necessária ao filósofo.

– Assim nos asseguram os zen-sunitas.

– Todos os místicos concordam com isso, Miles. Nunca subestime o poder da dúvida. Muito persuasivo. S'tori segura tanto a dúvida como a certeza em uma só mão.

Bastante surpreso, ele perguntara:

– As Reverendas Madres praticam rituais zen-sunitas? – Ele jamais suspeitara disso antes.

– Apenas uma vez – ela respondera. – Alcançamos uma forma elevada de s'tori, integral. Envolve cada uma das células.

– A agonia da especiaria – dissera ele.

– Tinha certeza de que sua mãe havia lhe contado. Obviamente, ela nunca explicou a afinidade com os zen-sunitas.

Com dificuldade, Teg engoliu em seco. Fascinante! Ela fornecera a ele uma nova compreensão sobre as Bene Gesserit. Aquilo mudara todo seu conceito, inclusive a imagem de sua própria mãe. Elas foram retiradas dele, afastadas a um lugar inatingível onde ele jamais poderia segui-las. Elas o consideravam um amigo de ocasião, mas ele jamais seria capaz de entrar no círculo íntimo. Ele poderia simular, mas nada além disso. Jamais seria como Muad'Dib ou o Tirano.

– Presciência – observara Taraza.

A palavra atraía a atenção dele. Ela mudara de assunto, mas ao mesmo tempo não mudara.

– Estava pensando em Muad'Dib – dissera ele.

– Você acha que ele previu o futuro – respondera ela.

– Esse é o ensinamento Mentat.

– Percebo a dúvida em sua voz, Miles. Ele previu ou criou? A presciência pode ser mortal. As pessoas que pedem ao oráculo uma previsão realmente desejam saber qual será o preço da pele de

baleia no ano que vem ou algo igualmente mundano. Nenhuma delas quer uma previsão de todos os instantes de sua vida pessoal.

– Sem surpresas – dissera Teg.

– Exatamente. Se você possuísse tanto conhecimento prévio, sua vida seria um aborrecimento insuportável.

– Você acha que a vida de Muad'Dib era um aborrecimento?

– E a do Tirano também. Acreditamos que toda a vida deles foi dedicada à tentativa de se libertarem dos grilhões que eles próprios criaram.

– Mas eles acreditavam...

– Lembre-se de suas dúvidas filosóficas, Miles. Tenha cautela! A mente da pessoa que crê fica estagnada. Ela torna-se incapaz de se expandir em um universo ilimitado e infinito.

Teg ficou sentado em silêncio por um momento. Ele sentira a fadiga que havia sido afastada pela bebida de sua percepção imediata, e sentira também a forma como seus pensamentos se perturbavam diante da intromissão desses conceitos novos. Eram coisas que enfraqueciam um Mentat (pelo menos assim ele fora ensinado), mas ele se vira fortalecido por elas.

*Ela está me ensinando, pensou ele. Há uma lição aqui.*

Como aquilo tivesse se projetado em sua mente e ali delineado em fogo, ele percebera toda sua atenção Mentat fixada na admoestação zen-sunita, ensinada a cada aluno iniciante na Escola Mentat.

*Por sua crença em singularidades granuladas, você nega qualquer movimento: evolução ou involução. A crença fixa um universo granulado e faz com que esse universo persista. Não se pode permitir a menor mudança pois, caso ela exista, seu universo inamovível desaparece. Contudo, ele se move por si mesmo quando*

*você não se move. Ele evolui para além de você e ele se torna inacessível a você.*

– A coisa mais estranha de todas – dissera Taraza, deixando-se levar pela sintonia com aquele estado de espírito que ela mesma criara – é que os cientistas de Ix são incapazes de notar o quanto suas próprias crenças dominam seu universo.

Teg a fitara, silencioso e receptivo.

– As crenças ixianas são perfeitamente submissas às escolhas que eles próprios tomam sobre como encarar seu universo – continuara Taraza. – O universo deles não age por si mesmo, mas desempenha um papel de acordo com os tipos de experimentos que eles escolhem.

Com um sobressalto, Teg saiu das memórias e acordou, descobrindo-se no Forte de Gammu. Ele ainda estava sentado na familiar cadeira de seu escritório. Uma olhadela ao redor do aposento mostrava que nada saíra de suas posições. Poucos minutos haviam se passado, mas o aposento e seu conteúdo já não eram mais estranhos a ele. Ele apenas mergulhara para dentro e para fora do modo Mentat. *Restaurado.*

O odor e o sabor da bebida que Taraza lhe oferecera tantos anos atrás ainda formigava em sua língua e em suas narinas. Uma piscadela Mentat e ele sabia que era capaz de reviver toda aquela cena: a luz fraca dos luciglobos sombreados, a sensação da cadeira debaixo dele, os sons de suas vozes. Estava tudo lá para ser lembrado, congelado em uma cápsula de tempo da memória isolada.

Invocar aquela memória antiga criou um universo mágico onde as habilidades de Teg foram amplificadas além de suas expectativas mais exageradas. Nenhum átomo existia naquele universo mágico, somente ondas e movimentos incríveis a todo o redor. Ali o bashar

era obrigado a descartar todas as barreiras construídas com base na crença e no entendimento. Este universo era transparente. Teg via através dele sem qualquer interferência de telas sobre as quais se projetavam suas formas. O universo mágico o reduzia a um núcleo ativo de imaginação onde suas próprias habilidades de criação de imagem eram a única tela contra a qual toda projeção poderia ser percebida.

*Lá, sou ao mesmo tempo o realizador e o realizado!*

O escritório ao redor de Teg oscilou para dentro e para fora de sua realidade sensorial. Teg sentiu sua consciência restrita a um objetivo único que preenchia seu universo. Ele estava aberto ao infinito.

*Taraza fez isso deliberadamente!,* pensou ele. *Ela me amplificou!*

Uma sensação de perplexidade o ameaçou. Ele reconhecia que sua filha, Odrade, recorrera a esses poderes para criar o Manifesto Atreides a pedido de Taraza. Seus próprios poderes Mentat submergiram naquele padrão gigantesco.

Taraza pedia uma atuação temível da parte dele. A necessidade de tal atuação o desafiava e aterrorizava ao mesmo tempo. Podia significar muito bem o fim da Irmandade.

## **A função básica é esta: Nunca apoie a fraqueza, sempre suporte a força.**

### **– Suma das Bene Gesserit**

– Como você pode dar ordens aos sacerdotes? – perguntara Sheeana. – Este é o templo deles.

Odrade respondeu de maneira informal, mas escolheu as palavras adequadas, que se encaixassem no conhecimento que ela já sabia que Sheeana dominava.

– Os sacerdotes têm raízes fremen. Eles sempre viveram com Reverendas Madres em algum lugar próximo. Além disso, criança, você também dá ordens a eles.

– É diferente.

Odrade conteve um sorriso.

Menos de três horas haviam se passado desde que sua força de assalto impedira o ataque no complexo do templo. Durante aquele tempo, Odrade instalara um centro de comando nos aposentos de Sheeana, realizara o trabalho preliminar necessário de avaliação e retaliação, tudo enquanto questionava e observava Sheeana.

#### *Simulfluxo.*

Odrade relançou o aposento que ela escolhera como centro de comando. Uma tira das vestimentas rasgadas de Tiros ainda jazia próxima à parede diante dela. *Fatalidades*. O quarto tinha um formato estranho. Nenhuma parede era paralela. Ela fungou. Ainda podia-se sentir um odor residual de ozônio dos farejadores com os quais seu pessoal assegurara a privacidade daqueles alojamentos.

Por que o formato estranho? O prédio era antigo, fora reformado e expandido em demasia, mas isso não explicava aquele quarto. Uma textura bruta e agradável de gesso cor de creme nas paredes

e no teto. Cortinas bem elaboradas, de fibra de especiaria, flanqueavam as duas portas. Era fim de tarde e a luz do sol, filtrada pelas sombras da gelosia, pontilhava a parede oposta às janelas. Luciglobos amarelo-prateados pairavam próximos ao teto, todos sintonizados para combinar com a luz do sol. Ruídos abafados da rua chegavam através dos respiradouros embaixo das janelas. O padrão suave de tapetes alaranjados e ladrilhos acinzentados no chão denotava riqueza e segurança, mas Odrade, repentinamente, não se sentiu segura.

Uma alta Reverenda Madre veio do aposento de comunicações, contíguo àquele.

– Madre Comandante – disse ela –, as mensagens foram encaminhadas a Guilda, Ix e Tleilaxu.

Odrade respondeu de forma distraída.

– Entendido.

A mensageira retornou a seus afazeres.

– O que você está fazendo? – perguntou Sheeana.

– Estudando algo.

Odrade franziu os lábios enquanto pensava. Suas guias do complexo do templo as trouxeram ao longo de um labirinto de corredores e escadarias, vislumbres de pátios através de arcos e, então, em um esplêndido sistema de tubo suspensor ixiano, que as levou silenciosamente até outro corredor, mais escadarias, outro corredor curvo... finalmente, por fim, até este aposento.

Uma vez mais, Odrade passara rapidamente o olhar ao redor do aposento.

– O que você estuda neste aposento? – perguntara Sheeana.

– Quieta, criança!

O aposento era um poliedro irregular, com sua face menor localizada à esquerda. Cerca de 35 metros de comprimento, metade

disso no lado mais largo. Inúmeros divãs baixos e cadeiras em vários graus de conforto. Sheeana se sentou, com o esplendor de uma rainha, em uma cadeira em amarelo brilhante, com braços largos e macios. Não havia cãodeiras ali. Existia uma variedade de tecidos em marrom, azul e amarelo. Odrade fitou a gelosia branca de um respiradouro sobre um quadro com montanhas na parede mais larga. Uma brisa refrescante vinha dos respiradouros sob as janelas e soprava na direção da abertura sobre a pintura.

– Esses eram os alojamentos de Hedley – declarou Sheeana.

– Por que você o irrita usando seu primeiro nome, criança?

– Isso o irrita?

– Não me venha com jogos de palavras, criança! Você sabe que isso o irrita e esse é o motivo de usá-lo.

– Então por que perguntou?

Odrade ignorou essa impertinência enquanto continuava seu estudo cuidadoso do aposento. A parede oposta ao quadro formava um ângulo oblíquo com a parede externa. Agora ela entendera. *Espertos!* Este quarto fora construído de forma que até mesmo um sussurro emitido ali poderia ser ouvido por alguém localizado atrás do respiradouro no alto. Sem dúvida, o quadro disfarçava outro duto de ar que carregava os sons deste cômodo. Nenhum farejador, esquadrinhador, ou outro instrumento seria capaz de detectar tal disposição. Nada alertaria um olho ou ouvido espião. Apenas os sentidos aguçados de alguém treinado em ardis poderia descobrir isso.

Um aceno convocou uma acólita de guarda. Os dedos de Odrade tremularam em comunicação silenciosa:

“Descubra quem escuta atrás daquele respiradouro.” Ela apontou com o queixo na direção da abertura sobre o quadro. “Deixe que a pessoa continue. Precisamos descobrir a quem ela se submete.”



– Como vocês sabiam que tinham de vir até aqui e me salvar? – indagou Sheeana.

A criança tinha uma voz agradável, mas precisava de treinamento, pensou Odrade. Contudo, havia uma segurança nela, que podia ser transformada em um instrumento poderoso.

– Responda-me! – Ordenou Sheeana.

O tom imperioso espantou Odrade, causando uma irritação rápida, a qual ela se forçou a suprimir. Corretivos deveriam ser feitos imediatamente!

– Acalme-se, criança – disse Odrade. Ela modulou o tom do comando para um tenor exato e observou conforme surtia efeito.

Mais uma vez, Sheeana a deixou espantada:

– Esse é outro tipo de Voz. Você tenta me acalmar. Kipuna me contou tudo sobre a Voz.

Odrade se voltou para Sheeana e a fitou. O luto inicial de Sheeana passara, mas ainda se notava raiva quando ela falava de Kipuna.

– Estou ocupada planejando uma resposta para aquele ataque – disse Odrade. – Por que você me interrompe? Imagino que você queira que eles sejam punidos.

– Então o que você fará a eles? Conte-me! O que você fará?

*Uma criança surpreendentemente vingativa*, pensou Odrade. Essa característica devia ser contida. O ódio era um tipo de emoção tão perigoso quanto o amor. A capacidade de odiar era a capacidade de seu oposto.

Odrade respondeu:

– Enviei à Guilda, a Ix e aos Tleilaxu a mensagem que sempre despachamos quando somos aborrecidas. Três palavras: vocês pagarão caro.

– Como eles vão pagar?

– Uma punição adequada das Bene Gesserit está sendo elaborada. Eles sentirão as consequências de seu comportamento.

– Mas *o que* você vai fazer?

– Com o tempo, pode ser que você venha a compreender. Talvez até aprenda como elaboramos nossa punição. Por ora, não há necessidade de que você saiba.

O mau humor se estampou na face de Sheeana. Ela disse:

– Você nem está com raiva. Aborrecida. Foi o termo que você usou.

– Controle essa impaciência, criança! Há coisas que você não entende.

A Reverenda Madre da sala de comunicações retornou, lançou um olhar para Sheeana e falou para Odrade:

– A Casa Capitular acusa o recebimento do seu relatório. Elas aprovam sua resposta.

Como a Reverenda Madre das comunicações permaneceu ali parada, Odrade perguntou:

– Algo mais?

Um rápido relance na direção de Sheeana indicara as reservas da mulher. Odrade segurou a palma da mão direita dela, o sinal para a comunicação silenciosa.

A Reverenda Madre respondeu, seus dedos dançando com uma excitação irrefreável.

“Mensagem de Taraza: Os Tleilaxu são o elemento pivotante. A Guilda deve ser obrigada a pagar caro por seu mélange. Corte os suprimentos rakianos para eles. Jogue a Guilda e Ix um contra o outro. Eles se digladiarão em face da competição esmagadora da Dispersão. Ignore as Oradoras Peixe por ora. Elas cairão com Ix. O Mestre dos Mestres nos reponde de Tleilaxu. Ele segue para Rakis. Prepare uma cilada para ele.”

Odrade sorriu com suavidade para demonstrar que compreendera a mensagem. Ela assistiu a outra mulher deixar o aposento. A Casa Capitular concordara com as ações tomadas em Rakis e criara-se uma punição Bene Gesserit adequada com uma rapidez admirável. Obviamente, Taraza e suas assessoras haviam antecipado o presente momento.

Odrade se permitiu um suspiro de alívio. A mensagem para a Casa Capitular fora concisa: uma breve descrição do ataque, a lista das baixas da Irmandade, identificação dos atacantes e uma nota confirmando para Taraza que Odrade já transmitira o alerta necessário aos culpados:

– Vocês pagarão caro.

Sim, aqueles tolos atacantes agora sabiam que o ninho de marimbondos acordara. Tal fato instilaria medo: uma parte essencial da punição.

Sheeana se contorceu na cadeira. Sua atitude indicava que, naquele instante, ela tentaria uma nova abordagem.

– Alguém de seu grupo disse que havia Dançarinos Faciais. – Ela apontou o queixo em direção ao teto.

*Que imenso repositório de ignorância era essa criança*, pensou Odrade. Aquele vazio devia ser preenchido. *Dançarinos Faciais!* Odrade pensou sobre os corpos que elas examinaram. Os Tleilaxu finalmente colocaram os Dançarinos Faciais em ação. Era um teste para as Bene Gesserit, é claro. Esses novos eram extremamente difíceis de detectar. Contudo, eles ainda emitiam o odor característico daqueles feromônios ímpares. Odrade transmitira esses dados em sua mensagem para a Casa Capitular.

Agora o problema jazia em manter esse conhecimento das Bene Gesserit em segredo. Odrade convocou uma acólita mensageira. Indicando o respiradouro com um relance dos olhos, Odrade a

comunicou silenciosamente com os dedos: “Mate aqueles que escutam!”.

– Você está muito interessada na Voz, criança – disse Odrade, falando de pé, com Sheeana sentada na cadeira. – O silêncio é a ferramenta mais valiosa para a aprendizagem.

– Mas será que eu podia aprender a Voz? Quero aprendê-la.

– Estou lhe dizendo para ficar em silêncio e aprender com o silêncio.

– Ordeno que você me ensine a Voz!

Odrade refletiu sobre os relatórios de Kipuna. Sheeana estabelecera um controle efetivo da Voz sobre a maioria daqueles ao redor dela. A criança aprendera por si só. Um nível intermediário da Voz para uma audiência limitada. Ela era um talento natural. Tuek, Cania e outros temiam Sheeana. É claro que fantasias religiosas contribuía para esse medo, mas o controle de Sheeana sobre o tom e a modulação da Voz demonstrava uma seletividade inconsciente admirável.

A resposta apropriada para Sheeana era óbvia, Odrade sabia. Honestidade. Era o atrativo mais poderoso e servia a mais de um propósito.

– Estou aqui para ensinar várias coisas a você – falou Odrade –, mas não farei isso sob suas ordens!

– Todos me obedecem! – respondeu Sheeana.

*Ela mal entrou na puberdade e já fala como aristocrata, pensou Odrade. Deuses que nós próprios criamos! O que ela poderá se tornar?*

Sheeana deslizou de sua cadeira e permaneceu olhando para cima, na direção de Odrade, com uma expressão questionadora. Os olhos da criança estavam no nível dos ombros de Odrade. Sheeana ficará alta, uma presença imponente. Caso sobrevivesse.

– Você responde algumas das minhas perguntas mas se recusa a responder outras – disse Sheeana. – Você disse que esperava por mim, mas não explica o porquê. Por que não me obedece?

– Uma pergunta tola, criança.

– Por que você continua a me chamar de criança?

– Você não é uma criança?

– Já menstruei.

– Mas você ainda é uma criança.

– Os sacerdotes me obedecem.

– Eles têm medo de você.

– Você não tem?

– Não, em absoluto.

– Ótimo! É tudo muito chato quando as pessoas simplesmente temem você.

– Os sacerdotes pensam que você veio de Deus.

– Você não acha isso?

– Por que eu deveria achar? Nós... – Odrade interrompeu sua fala assim que uma acólita mensageira entrou. Os dedos da acólita dançaram um comunicado silencioso: “Quatro sacerdotes escutaram. Foram mortos. Todos eram assecclas de Tuek”.

Odrade acenou para que a mensageira fosse embora.

– Ela fala com os dedos – disse Sheeana. – Como ela faz isso?

– Você faz muitas perguntas erradas, criança. E você ainda não me disse por que devo considerá-la um instrumento de Deus.

– Shaitan me poupa. Caminho pelo deserto e, quando Shaitan aparece, converso com ele.

– Por que você o chama de Shaitan em vez de Shai-hulud?

– Todos fazem essa mesma pergunta idiota!

– Então, diga-me sua resposta idiota.

A expressão mal-humorada retornou ao rosto de Sheeana:

– É por causa da forma como nos conhecemos.

– E como vocês se conheceram?

Sheeana inclinou a cabeça para um lado e olhou para Odrade durante um momento. Então, disse:

– É segredo.

– E você sabe como manter segredos?

Sheeana se empertigou e assentiu, mas Odrade percebeu a incerteza naquele movimento. A criança sabia quando havia sido levada a uma posição insustentável.

– Excelente! – disse Odrade. – A manutenção de segredos é uma das lições mais essenciais de uma Reverenda Madre. Fico feliz que não teremos que nos preocupar com isso.

– Mas quero aprender tudo!

Quanta petulância naquela voz. Demonstrava um fraco controle emocional.

– Você deve me ensinar tudo! – insistiu Sheeana.

*Hora de um corretivo*, pensou Odrade. Sheeana falara e postulara o suficiente para que até uma acólita de quinto grau se sentisse confiante em controlá-la naquele momento.

Usando o poder completo da Voz, Odrade respondeu:

– Não assumo esse tom comigo, criança! Não se você quiser aprender qualquer coisa!

Sheeana ficou paralisada. Ela levou mais de um minuto absorvendo o que acontecera com ela antes de relaxar. Finalmente, ela sorriu, uma expressão aberta e calorosa:

– Ah, estou tão feliz que você veio! As coisas têm sido muito chatas nestes últimos tempos.

## **Nada supera a complexidade da mente humana.**

### **– Leto II: Registros de Dar-es-Balat**

A noite de Gammu, que caía de forma rápida e agourenta nessa latitude, seria dali a cerca de duas horas. Uma formação de nuvens sombreava o Forte. Por ordens de Lucilla, Duncan retornara ao pátio para uma intensa sessão de exercícios autodirecionados.

Lucilla observava do parapeito, o mesmo do qual ela o vira pela primeira vez.

Duncan praticava os rolamentos do método de combate óctuplo das Bene Gesserit, arremessando seu corpo pela grama, rolando, girando de um lado para o outro, disparando para cima e para baixo.

Era uma bela demonstração de esquiva aleatória, pensou Lucilla. Ela não conseguia notar um padrão previsível nos movimentos dele e a velocidade era impressionante. Ele tinha quase dezesseis anos-padrão e já alcançava o potencial base de seu dom prana-bindu.

Os movimentos cuidadosamente controlados de seus exercícios de treinamento revelavam tanto! Ele respondera com rapidez quando ela ordenara essas sessões noturnas pela primeira vez. O passo inicial das instruções de Taraza se realizara. O ghola a amava. Sem dúvidas. Ela se fixara como figura materna para ele. Isso fora alcançado sem enfraquecê-lo seriamente, apesar de ter despertado as ansiedades de Teg.

*Minha sombra jaz sobre este ghola, mas ele não é um suplicante nem um seguidor dependente, ela se reassegurara. Teg se preocupa sem motivos.*

Naquela mesma manhã, ela dissera a Teg.

– Seja lá o que as forças dele ditem, ele continua a se expressar livremente.

*Teg deveria vê-lo neste exato momento*, pensou ela. Esse novo exercício de movimentos era, em grande parte, criação própria do Duncan.

Lucilla prendeu o fôlego ao apreciar um salto particularmente lépido, o qual levou Duncan quase até o centro do pátio. O ghola estava desenvolvendo um equilíbrio nervo-muscular que, com o passar do tempo, poderia se igualar ao equilíbrio psicológico de Teg. O impacto cultural de tal façanha seria fantástico. Bastava olhar para todos aqueles que juravam sua fidelidade instintivamente a Teg e, por meio deste, à Irmandade.

*Temos de agradecer ao Tirano por quase tudo isso*, pensou ela.

Antes de Leto II, nenhum sistema de ajustes culturais difundido durara o suficiente para atingir o equilíbrio que as Bene Gesserit consideravam ideal. Era esse equilíbrio, “fluindo ao longo da lâmina de uma espada”, que fascinava Lucilla. Era a razão pela qual ela se entregara sem reservas a um projeto do qual ela não conhecia todos os detalhes, mas que exigia dela um desempenho que seu instinto rotulava como repugnante.

*Duncan é tão jovem!*

Aquilo que a Irmandade requeria dela em seguida fora soletrado explicitamente por Taraza: *a Impressão Sexual*. Bem naquela manhã, Lucilla posara despida na frente do espelho, elaborando as atitudes, os movimentos do rosto e do corpo que ela sabia que teria de usar para obedecer as ordens de Taraza. Em repouso artificial, Lucilla vira sua própria face se parecer com aquela de uma deusa do amor pré-histórica; deslumbrante em carne e com a promessa de suavidade contra a qual um homem excitado se lançaria.



Durante sua própria educação, Lucilla vira estátuas antigas dos Tempos Primordiais, pequenas estátuas de pedra retratando mulheres de quadris largos e seios desnudos, que asseguravam abundância para a amamentação. Se assim desejasse, Lucilla produziria um simulacro jovial dessa forma antiga.

No pátio abaixo de Lucilla, Duncan pausou por um instante e parecia considerar seus próximos movimentos. Logo, ele assentiu para si mesmo, pulou alto e deu uma pirueta no ar, aterrissando como uma gazela, apoiado em uma perna, a qual o impulsionou para um dos lados em giros que mais pareciam uma dança do que um movimento de combate.

Lucilla apertou os lábios em uma linha fina de resolução.

### *Impressão Sexual.*

O segredo do sexo era não haver segredo algum, pensou ela. As raízes se embrenhavam na própria vida. Isso explicava, é claro, por que sua primeira ordem de sedução da Irmandade plantara o rosto de um homem na memória dela. As Mestras em Reprodução haviam avisado a ela que a Impressão Sexual era uma lâmina de dois gumes. Pode-se aprender a fluir ao longo do gume, mas também era possível se cortar com ele. Às vezes, quando o rosto do homem de sua primeira ordem de sedução aparecia sem ser invocado em sua mente, Lucilla se sentia confusa. A memória vinha com muita frequência no auge de um momento íntimo, exigindo um grande esforço para disfarçá-la.

– Dessa forma, você se fortalece – asseguraram as Mestras em Reprodução.

Ainda assim, em certas ocasiões ela sentia que havia banalizado algo que deveria ter permanecido um mistério.

Um ressaibo de amargura em relação a seu dever invadiu Lucilla. Aquelas noites em que ela observara as sessões de treinamento do

Duncan haviam se tornado suas horas favoritas do dia. O desenvolvimento muscular do rapaz mostrava um progresso bem definido, seguindo o crescimento dos músculos sensíveis e ligações nervosas, todas as maravilhas prana-bindu pelas quais a Irmandade era famosa. Entretanto, ela estava na iminência de tomar o próximo passo e não podia se aprofundar mais na apreciação atenta do jovem.

Ela sabia que Miles Teg viria em breve. O treinamento do Duncan voltaria novamente para a sala de treino, com suas armas ainda mais mortais.

*Teg.*

Novamente Lucilla pensava nele. Em mais de uma ocasião ela se sentira atraída por ele de uma forma particular, a qual reconhecera de imediato. Uma Impressora desfrutava de certa latitude para selecionar seus próprios parceiros de procriação, desde que não houvesse compromissos anteriores nem ordens contrárias. Teg não era jovem, mas seus arquivos sugeriam que ele ainda poderia ser viril. Ela não seria capaz de ficar com a criança, isso era óbvio, mas Lucilla aprendera a lidar com isso.

*Por que não?*, ela se perguntou.

O plano dela era extremamente simples. Completar a Impressão do gholá e, em seguida, apresentar sua intenção a Taraza: conceber uma criança do formidável Miles Teg. A sedução prática introdutória fora indicada, mas Teg não sucumbira a ela. O cinismo Mentat dele a conteve uma determinada tarde no vestiário contíguo à Sala de Armas.

– Meus dias de procriação acabaram, Lucilla. A Irmandade deve se satisfazer com o que já dei a ela.

Teg, vestido apenas com um colã de exercícios negro, terminara de enxugar seu rosto suado com uma toalha e jogou-a em um cesto.

Ele falara sem olhar para Lucilla:

– Você poderia, por gentileza, me deixar sozinho?

*Então ele enxergara através das insinuações dela!*

Ela devia ter antecipado isso, sendo Teg quem ele era. Lucilla sabia que ainda era capaz de seduzi-lo. Nenhuma Reverenda Madre com seu treinamento deveria falhar, nem mesmo com um Mentat com os óbvios poderes de Teg.

Lucilla ficara ali, de pé e indecisa, sua mente planejando de forma automática como circundar essa rejeição preliminar. Algo a detivera. Não a raiva diante da rejeição, nem a remota possibilidade de que ele de fato fosse imune aos ardis dela. Orgulho e sua possível queda (sempre havia essa chance) tinham pouco a ver com isso.

*Dignidade.*

Havia em Teg uma dignidade silenciosa e ela possuía o conhecimento certo do que a coragem e o heroísmo dele já haviam proporcionado à Irmandade. Sem muita certeza de suas motivações, Lucilla se afastara dele. Possivelmente era a gratidão inata que a Irmandade sentia em relação a ele. Seduzir Teg naquele momento seria aviltante, não apenas para ele, mas para ela também. Ela não se submeteria a isso, não sem uma ordem direta de uma superiora.

Enquanto ela continuava de pé no parapeito, algumas de suas memórias anuviaram seus sentidos. Havia movimentos nas sombras do acesso à Ala de Armas. Ela avistava Teg ali. Lucilla controlou com firmeza suas reações e focou no Duncan. O ghola interrompera suas cambalhotas controladas ao longo do gramado. Ele permaneceu quieto, respirando profundamente, a atenção dirigida para cima, na direção onde Lucilla estava. Ela percebeu a

transpiração no rosto dele e nas manchas escuras do traje único azul-claro dele.

Curvando-se sobre o parapeito, Lucilla o chamou:

– Isso foi muito bom, Duncan. Amanhã, começarei a ensiná-lo mais sobre combinações entre pés e punhos.

As palavras emanaram dela sem qualquer censura e ela soube de imediato qual sua fonte. Elas eram para Teg, imóvel nas sombras da passagem ali embaixo, não para o ghola. Ela dizia a Teg: “Veja! Você não é o único que pode ensinar habilidades mortais a ele”.

Lucilla logo percebeu que Teg se insinuara em sua alma bem mais do que ela deveria permitir. Com austeridade, ela olhou para a figura alta que emergia das sombras da passagem. Duncan já corria em direção ao bashar.

Conforme Lucilla se concentrava em Teg, uma reação a trespassou, provocando a mais elementar das respostas Bene Gesserit. Os passos dessa reação podem ser definidos assim: *Algo está errado! Perigo! Teg não é Teg!* Na reação que a fulminou, contudo, nada disso tomou formas distintas. Ela respondeu, lançando todo o volume da Voz que foi capaz de reunir:

– *Duncan! Abaixese!*

Duncan mergulhou na direção da grama, sua atenção fixada na figura parecida com Teg, que emergia da Ala de Armas. Havia uma armalês modelo campal nas mãos do homem.

*Dançarino Facial!*, pensou Lucilla. Somente a condição de hiperalerta o revelara para ela. *Um dos novos modelos de Dançarinos Faciais!*

– Dançarino Facial! – gritou Lucilla.

Duncan girou para um lado e saltou alto, rodopiando no ar a pelo menos um metro do chão. A velocidade de sua reação chocou Lucilla. Ela não sabia que um humano era capaz de mover-se tão

rápido! O primeiro disparo da armalês zuniu abaixo de Duncan, que parecia flutuar.

Lucilla pulou do parapeito e se jogou sobre um apoio na parte inferior da janela do andar inferior. Antes de parar, sua mão direita procurou e alcançou a calha saliente a qual sua memória lhe informou que estava lá. Seu corpo se arqueou para o lado e ela se jogou na direção da borda de uma janela no próximo andar. O desespero a movia, apesar de saber que era tarde demais.

Algo estalou na parede logo acima dela. Ela viu um corte linear escaldante em sua direção enquanto se arremessava para a esquerda, rodopiando e caindo na grama. Seu olhar capturou a cena ao redor com um reconhecimento rápido do local enquanto ela aterrissava.

Duncan se moveu na direção do atacante, desviando e girando em uma repetição aterrorizante de sua sessão de exercícios. A velocidade de seus movimentos!

Lucilla percebeu a indecisão no rosto do falso Teg.

Ela se jogou na direção do Dançarino Facial, *sentindo* os pensamentos da criatura: *dois deles contra mim!*

Entretanto, o fracasso era inevitável e Lucilla sabia disso mesmo enquanto corria. Bastava o Dançarino Facial trocar o modo da arma para força total, à queima-roupa. Ele poderia disparar contra o ar à sua frente. Nada penetraria tal defesa. Enquanto ela revirava sua mente, buscando desesperada alguma forma de vencer o atacante, ela viu uma fumaça vermelha sair do peito do falso Teg. Uma linha em tom vermelho o trespassou para cima em ângulo oblíquo, através dos músculos do braço que segurava a armalês. Esse membro despencou como uma peça caindo de uma estátua. O ombro se inclinou para longe do torso com um jorro de sangue. A figura tombou, dissolvendo-se em mais fumaça vermelha e sangue

borrifado, desmoronando em pedaços sobre os degraus, em todos os tons de marrom e azul tingidos de vermelho.

Lucilla sentiu o odor distinto dos feromônios do Dançarino Facial ao parar. Duncan foi até o lado dela. Ele perscrutou o movimento no corredor, atrás do Dançarino Facial morto.

Outro Teg emergiu por trás do Teg morto. Lucilla identificou a realidade: o próprio Teg.

– Esse é o bashar – disse Duncan.

Lucilla sentiu uma leve onda de prazer ao perceber que o Duncan aprendera essa lição de identidade tão bem: como reconhecer seus amigos mesmo se apenas alguns traços deles pudessem ser vistos. Ela apontou para o Dançarino Facial morto.

– Sinta o cheiro dele.

Duncan inalou.

– Sim, já senti. Mas ele não era uma cópia muito boa. Vi o que ele era com a mesma rapidez que você.

Teg surgiu no pátio carregando uma armalês pesada, aninhada sobre seu braço esquerdo. A mão direita mantinha um aperto firme sobre a empunhadura e o gatilho. Ele relanceou o pátio, depois focou em Duncan e, por fim, olhou para Lucilla.

– Traga Duncan para dentro – disse Teg.

Era a ordem de um comandante no campo de batalha, confiando apenas em seu conhecimento superior do que deveria ser feito durante emergências. Lucilla obedeceu sem questionar.

Duncan não falara ao ser levado pela mão para longe da carne sangrenta que fora o Dançarino Facial, na direção da Ala de Armas. Uma vez lá dentro, ele olhou para trás, na direção da pilha ensanguentada e perguntou.

– Quem o deixou entrar?

A pergunta não foi: “Como ele entrou?”, observou ela. Duncan já deixara para trás as questões insignificantes e chegara à raiz do problema.

Teg avançou mais além, na direção de seus próprios aposentos. Parou na porta, olhou o interior e acenou para que Lucilla e Duncan fossem até ele.

No quarto de Teg havia um cheiro forte de carne queimada e filetes de fumaça impregnado pelo odor de churrasco crestado que Lucilla tanto odiava: carne humana cozida! Um ser dentro de um dos uniformes de Teg jazia de bruços no chão, onde havia caído da cama de Teg.

Teg virou a criatura com a ponta de sua bota, expondo a face: olhos abertos fixos, a boca aberta em ricto. Lucilla reconheceu um dos guardas perimetrais, um dos que vieram ao Forte com Schwangyu, ou assim diziam os arquivos.

– O vanguardeiro deles – disse Teg. – Patrin cuidou dele e nós o vestimos com um de meus uniformes. Foi o suficiente para enganar os Dançarinos Faciais, uma vez que não deixamos que eles vissem o rosto antes de atacarmos. Eles não tiveram tempo de fazer uma impressão da memória.

– Você sabe sobre isso? – Lucilla ficou espantada.

– Bellonda me informou em detalhes.

De forma abrupta, Lucilla percebeu a imensa significância daquilo que Teg contara. Ela disfarçou uma rápida explosão de ódio:

– Como vocês permitiram que um deles chegasse ao pátio?

Com a voz branda, Teg respondeu:

– Houve uma atividade relativamente emergencial aqui. Fui obrigado a escolher, o que acabou se provando a escolha certa.

Ela não tentou esconder a irritação.

– A escolha de deixar Duncan se defender sozinho?

– Deixá-lo sob seus cuidados ou deixar que outros atacantes se entrincheirassem aqui dentro. Patrin e eu tivemos trabalho recuperando essa ala. Estávamos com as mãos ocupadas. – Teg olhou para Duncan. – Ele passou muito bem pelo desafio, graças a nosso treinamento.

– Aquela... aquela *coisa* quase o pegou!

– Lucilla! – Teg balançou a cabeça. – Cronometrei tudo. Vocês dois poderiam sobreviver pelo menos um minuto lá fora. Eu sabia que você se jogaria no caminho daquela *coisa* e se sacrificaria para salvar Duncan. Outros vinte segundos.

Ao escutar as palavras de Teg, Duncan se virou com um olhar brilhante para Lucilla.

– Você faria isso?

Como Lucilla não respondeu, Teg o fez por ela:

– Ela teria feito isso.

Lucilla não negou. Entretanto, ela se recordava da velocidade incrível com a qual o Duncan se movera, dos saltos deslumbrantes de seu ataque.

– Decisões de batalha – disse Teg, olhando para Lucilla.

Ela aceitou o comentário. Como de costume, Teg fizera a escolha correta. Ela sabia, contudo, que teria de se comunicar com Taraza. As acelerações prana-bindu daquele ghola foram além de todos os níveis que ela esperava. Ela se enrijeceu enquanto Teg endireitou-se em posição de alerta total, com olhar virado para a porta. Lucilla girou o corpo.

Schwangyu estava lá. Patrin atrás dela, com outra armalês pesada sobre seu braço. A boca da armalês, notou Lucilla, mirava Schwangyu.

– Ela insistiu – disse Patrin. Havia uma expressão de raiva travada no rosto do velho assessor. As linhas profundas ao redor de



sua boca apontavam para baixo.

– Há uma trilha de corpos a serem removidos, daqui até a casamata ao sul – revelou Schwangyu. Seu pessoal não me deixa ir até lá inspecioná-los. Ordeno a você que revogue essas ordens imediatamente.

– Não até que minha equipe de limpeza termine – disse Teg.

– Eles ainda estão matando pessoas por lá! Posso ouvir! – Um gume venenoso se fazia ouvir na voz de Schwangyu. Ela encarava Lucilla.

– Estamos interrogando pessoas lá dentro – disse Teg.

Schwangyu voltou o olhar na direção dele.

– Se é tão perigoso aqui, você levará o... o menino para meus alojamentos. Agora!

– Não faremos isso – retrucou Teg. Seu tom de voz era baixo, mas assertivo.

Schwangyu se enrijeceu com desgosto. As juntas dos dedos de Patrin ficaram brancas contra o cabo da armalês. Schwangyu passou seu olhar por sobre a arma e se fixou na expressão avaliadora de Lucilla. As duas miravam os olhos uma da outra.

Teg permitiu que o momento durasse um pouco e logo falou:

– Lucilla, leve Duncan para minha sala de estar. – Ele apontou com o queixo na direção de uma porta atrás dele.

Lucilla obedeceu, mantendo de forma deliberada seu corpo entre Schwangyu e Duncan o tempo todo.

Assim que a porta se fechou atrás dele, Duncan falou:

– Ela quase me chamou de “o ghola”. Está bastante irritada.

– Schwangyu deixou muitas coisas passarem por sua própria guarda – disse Lucilla

Ela olhou ao redor para a sala de estar de Teg, sua primeira oportunidade de ver essa parte dos alojamentos dele: o santuário

interno do bashar. Aquele lugar fazia com que ela se lembrasse de seus próprios alojamentos: a mesma combinação de organização e desordem informal. Rolos de leitura jaziam amontoados sobre uma mesinha ao lado de uma cadeira à moda antiga, estofada em tom suave de cinza. O leitor de rolos fora pendurado ao lado, como se o usuário tivesse saído por um instante, com a intenção de retornar logo. O paletó de um uniforme negro do bashar estava esticado sobre uma cadeira próxima, com material de costura em uma pequena caixa sobre ele. O punho do casaco mostrava um buraco remendado de forma cuidadosa.

*Então ele mesmo repara suas roupas.*

Ela não esperava por essa característica do famoso Miles Teg. Se ela pensasse nisso, diria que Patrin se ocupava dessas tarefas.

– Foi Schwangyu quem deixou os atacantes entrarem, não foi? – perguntou Duncan.

– O pessoal dela. – Lucilla não escondeu sua irritação. – Ela foi longe demais. Um pacto com os Tleilaxu!

– Patrin a matará?

– Não sei e não me importo!

Do outro lado da porta, Schwangyu falava com ódio, sua voz alta e clara:

– Vamos simplesmente ficar esperando aqui, bashar?

– A senhora pode ir embora na hora que preferir. – Esse foi Teg.

– Mas não posso entrar no túnel sul!

Schwangyu soava petulante. Lucilla sabia disso pois era algo que a anciã fazia deliberadamente. O que ela estaria planejando? Teg tinha que ser muito cauteloso naquele momento. Ele havia sido esperto lá fora, revelando a Lucilla as falhas no controle de Schwangyu, mas eles não exauriram os recursos de Schwangyu.

Lucilla se perguntava se não seria melhor deixar o Duncan ali e retornar para o lado de Teg.

– Você pode ir agora – Teg falou –, mas aconselho que não retorne a seus alojamentos.

– E por que não? – Schwangyu parecia surpresa, surpresa demais e incapaz de disfarçar.

– Um momento – respondeu Teg.

Lucilla escutou gritos ao longe. Uma explosão pesada e reverberante soou ali perto e, logo depois, outra explosão mais distante. A poeira se infiltrou pela cornija sobre a porta da sala de estar de Teg.

– O que foi isso? – Era Schwangyu de novo, sua voz muito alta.

Lucilla se colocou entre Duncan e a porta para o corredor.

Duncan fitou a porta, seu corpo já posicionado para se defender.

– Aquela primeira explosão era o que eu esperava que eles fizessem – disse Teg. – A segunda, temo eu, era o que *eles* não esperavam.

Um apito silvou ali perto, alto o bastante para cobrir algo que Schwangyu estava dizendo.

– Missão cumprida, bashar! – disse Patrin.

– O que está acontecendo? – indagou Schwangyu.

– A primeira explosão, cara Reverenda Madre, foi a destruição dos seus alojamentos por aqueles que nos atacaram. A segunda foi nossa retaliação, destruindo os atacantes.

– Acabei de receber o sinal, bashar! – continuou Patrin. – Pegamos todos. Vieram em um flutuador da não nave, exatamente como o senhor esperava.

– E a nave? – A voz de Teg impregnada de um questionamento raivoso.

– Destruída no instante em que surgiu através das dobras espaciais. Não há sobreviventes.

– Tolos! – gritou Schwangyu. – Vocês sabem o que fizeram?

– Segui minhas ordens de proteger aquele menino contra quaisquer ataques – retrucou Teg. – Aliás, a senhora não deveria estar em seus alojamentos a esta hora?

– O quê?

– Eles estavam atrás da senhora quando explodiram seus alojamentos. Os Tleilaxu são muito perigosos, Reverenda Madre.

– Não acredito em você!

– Sugiro que a senhora vá inspecionar. Patrin, deixe-a passar.

Enquanto ouvia, Lucilla compreendeu a discussão implícita. O bashar Mentat recebera mais confiança que uma Reverenda Madre e Schwangyu sabia disso. Ela ficaria desesperada. Aquilo foi inteligente, sugerir que os alojamentos dela tivessem sido destruídos. Mas talvez ela não acreditasse nisso. Naquele momento, a primeira preocupação na cabeça de Schwangyu era a compreensão de que Teg e Lucilla reconheciam sua cumplicidade no ataque. Não havia como dizer quantos mais estavam cientes disso. Patrin sabia, é claro.

Duncan encarava a porta fechada, com a cabeça levemente inclinada para a direita. Havia uma expressão curiosa no rosto dele, como se ele visse através da porta e realmente assistisse às pessoas que estavam do outro lado.

Schwangyu falou, controlando a voz com o maior cuidado:

– Não acredito que meus alojamentos estejam destruídos. – Ela sabia que Lucilla a escutava.

– Existe apenas uma forma de certificar-se – disse Teg.

*Esperto!*, pensou Lucilla. Schwangyu não se decidiria até que estivesse certa de que os Tleilaxu a traíram.

– Então, espere por mim aqui! Esta é uma ordem! – Lucilla ouviu o farfalhar do manto de Schwangyu conforme a Reverenda Madre partia.

*Péssimo controle emocional*, pensou Lucilla. Contudo, o que isso revelava sobre Teg era igualmente perturbador. *Ele causou aquilo em Schwangyu!* Teg abalara o equilíbrio interior de uma Reverenda Madre.

A porta diante de Duncan se abriu. Teg estava lá, uma das mãos no trinco.

– Rápido! – disse Teg. – Vocês devem estar fora do Forte antes que ela retorne!

– Fora do Forte? – Lucilla não escondeu o choque.

– Rápido, eu disse! Patrin preparou um caminho para nossa fuga.

– Mas devo...

– Você não deve coisa alguma! Venha como está. Siga-me ou seremos forçados a levá-la.

– Você realmente acha que pode levar uma... – Lucilla interrompeu sua própria fala. Aquele era um novo Teg diante de si e ela sabia que o bashar não a ameaçaria se não estivesse preparado para cumprir tal ameaça.

– Muito bem – respondeu ela. Segurou a mão de Duncan e seguiu Teg para fora dos alojamentos dele.

Patrin permaneceu no corredor, olhando para a direita.

– Ela se foi – disse o idoso. – O senhor sabe o que fazer, bashar?

– Pat!

Lucilla nunca ouvira Teg usar o nome do ordenança no diminutivo.

Patrin sorria, um sorriso reluzente e franco.

– Desculpe-me, bashar. É a empolgação, o senhor sabe. Sendo assim, deixarei o assunto em suas mãos. Tenho minha parte a desempenhar.

Teg acenou para que Lucilla e Duncan seguissem corredor abaixo, à esquerda. Ela obedeceu e ouviu Teg logo atrás, em seu encalço. Ela sentia a mão de Duncan transpirar. Ele se soltou e caminhou ao lado dela, sem olhar para trás.

O sistema de queda por suspensores no final do corredor era guardado por dois homens de Teg. Ele acenou para a dupla.

– Ninguém deve nos seguir.

Eles responderam em uníssono:

– Sim, bashar.

Ao entrar no sistema de queda com Duncan e Teg, Lucilla entendeu que escolhera lados em uma disputa cujas operações não compreendia totalmente. Ela era capaz de sentir os movimentos da política da Irmandade como uma corrente suave de água vertendo ao seu redor. Normalmente, o movimento permanecia similar a uma leve onda banhando a costa, mas agora ela pressentia uma grande maré destrutiva se preparando para chocar-se sobre ela.

Duncan falou quando eles emergiram da câmara de averiguação da casamata sul.

– Devíamos estar todos armados – disse ele.

– Logo estaremos – disse Teg. – E espero que você esteja preparado para matar qualquer um que tente nos deter.

**O fato significativo disso é este: Nenhuma mulher de Bene Tleilax jamais foi vista longe da segurança de seus planetas centrais. (Dançarinos Faciais mulos, que simulavam o sexo feminino, não contam nesta análise. Eles não são capazes de procriar). Os Tleilaxu insulam suas mulheres para mantê-las longe de nosso alcance. É nossa dedução primária. Também acreditamos que deva existir algo no sêmen dos Mestres Tleilaxu que esconda seus segredos mais essenciais.**

**– Análise Bene Gesserit: Arquivo #XOXTM99... 041**

– Por fim nos encontramos – disse Taraza.

Seu olhar cruzou os dois metros de espaço aberto entre suas cadeiras até pousar em Tylwyth Waff. Suas analistas a certificavam que aquele homem era o Mestre dos Mestres tleilaxu. Que pequena figura de contos de fadas ele era, e ser dotado de tantos poderes. *Os preconceitos contra a aparência devem ser descartados aqui*, ela disse a si mesma.

– Alguns não acreditavam que isso seria possível – disse Waff.

Ele falava em uma voz sibilante e estridente, notou Taraza; algo que deveria ser medido por padrões diferentes.

Ele se sentava na neutralidade de uma não nave da Guilda, com monitores Bene Gesserit e Tleilaxu agarrados à fuselagem da embarcação da Guilda como aves de rapina sobre uma carcaça. (A Guilda estava acovardada, mas ansiosa para aplacar a mensagem Bene Gesserit, “Vocês pagarão caro”. A Guilda sabia. Eles já haviam pagado em ocasiões anteriores.) A pequena sala oval onde eles se reuniram tinha suas paredes acobreadas e “à prova de

espiões”. Taraza não acreditava em nada disso. Ademais, ela presumiu que as ligações entre a Guilda e os Tleilaxu, forjadas pelo *mélange*, ainda existiam com força total.

Waff não tentou se iludir sobre Taraza. Aquela mulher era muito mais perigosa do que qualquer Honorável Matre. Se ele matasse Taraza, ela seria imediatamente substituída por outra Madre tão perigosa quanto ela, alguém que possuísse todas as informações essenciais que a Madre Superiora ali presente tivesse.

– Achamos seus novos Dançarinos Faciais bem interessantes – disse Taraza.

Waff franziu o cenho involuntariamente. Sim, *muito* mais perigosas que as Honoráveis Matres, que sequer culpavam os Tleilaxu pela perda de uma não nave inteira.

Taraza lançou um olhar para o pequeno relógio digital dupla face sobre a mesa baixa à sua direita, uma posição onde o relógio podia ser visto facilmente por ambos. A face voltada para Waff fora regulada de acordo com o relógio biológico dele. Ela notara que as duas noções internas de tempo permaneciam a dez segundos de sincronização de um meio de tarde arbitrário. Era uma das minúcias desse confronto, onde até mesmo a posição e o espaço entre as cadeiras foram especificados durante a pré-negociação.

Os dois estavam sozinhos na sala. O espaço oval ao redor deles tinha cerca de seis metros na dimensão mais longa, metade disso em largura. Eles ocupavam cadeiras estilingue idênticas, feitas de tábuas de madeira encaixadas, as quais firmavam um tecido laranja; nenhum pedaço de metal ou outro material nelas. A única mobília do quarto, além das cadeiras, era a mesinha lateral com seu relógio. A mesa era de uma fina superfície de plaz negro. Cada participante desse encontro havia sido farejado com cuidado. Cada um trouxera três guardas pessoais do lado de fora da única passagem para a



sala. Taraza não acreditava que o Tleilaxu tentaria uma troca por um Dançarino Facial, não sob as atuais circunstâncias!

“Vocês pagarão caro.”

O Tleilaxu, por sua vez, estava extremamente consciente de sua vulnerabilidade, em particular naquele momento, quando sabia que uma Reverenda Madre era capaz de revelar os Dançarinos Faciais novos.

Waff pigarreou.

– Não espero que alcancemos um acordo – ele confessou.

– Então por que veio?

– Busco uma explicação para essa curiosa mensagem que recebemos de seu Forte em Rakis. Vamos pagar pelo quê?

– Peço ao senhor, Ser Waff, que deixe de lado essas dissimulações tolas neste quarto. Ambos sabemos de fatos que não podem ser evitados.

– Tais como?

– Nenhuma mulher Bene Tleilax nos foi enviada para procriação.

– E ela pensou: *Deixe-o procurar uma resposta para essa!* Era frustrante ao extremo não ter uma linha das Outras Memórias tleilaxu para conduzir uma investigação Bene Gesserit e Waff sabia disso.

O Tleilaxu a encarou:

– Por certo a senhora não pensa que eu negociaria com a vida de... – Ele interrompeu a própria fala e balançou a cabeça. – Não posso acreditar que seja esse o pagamento que a senhora pede.

Como Taraza não respondeu, Waff continuou:

– O estúpido ataque ao templo rakiano foi empreendido de forma independente por pessoas daquele cenário. Elas já foram punidas.

*Aposta prevista de número três*, pensou Taraza.

Ela participara de numerosas análises-relatórios antes dessa reunião. Se é que aquilo poderia ser chamado de relatório. Houve, sim, análises excessivas. Sabia-se muito pouco sobre esse Mestre tleilaxu, esse Tylwyth Waff. Elas chegaram a algumas projeções opcionais extremamente importantes por inferência (mas ainda não se havia provado sua veracidade). O problema era que várias das informações mais interessantes vinham de fontes não confiáveis. Ainda assim, um fato notável podia ser depreendido: a criatura de contos de fadas sentada à frente dela era mortalmente perigosa.

A *aposta de número três* de Waff atraiu a atenção dela. Era hora de responder. Taraza esboçou um sorriso deliberado.

– Exatamente o tipo de mentira que esperávamos de vocês – disse ela.

– Devemos começar com os insultos? – ele retrucou, sem qualquer alteração.

– O senhor estabeleceu o padrão. Deixe-me avisá-lo de que não será capaz de lidar conosco da mesma forma como fizeram com aquelas meretrizes da Dispersão.

O olhar gélido de Waff convidava Taraza para uma aposta arriscada. As deduções da Irmandade, baseadas em parte no desaparecimento de uma nave de conferência ixiana, foram acuradas. Sustentando o mesmo sorriso, ela passou a buscar a linha de conjectura opcional como se fosse um fato consumado.

– Creio que as meretrizes gostariam de saber que há Dançarinos Faciais entre elas – ela prosseguiu.

Waff suprimiu sua raiva. *Essas malditas bruxas! Elas sabiam! De alguma forma, elas descobriram!* Os conselheiros deles tiveram muitas dúvidas sobre este encontro. Uma minoria substancial recomendara que ele não viesse. As bruxas eram tão... tão diabólicas. E suas retaliações!

*Hora de desviar a atenção para Gammu, pensou Taraza. Mantê-lo desequilibrado.* Ela falou:

– Mesmo quando subvertem uma de nós, como fizeram com Schwangyu em Gammu, vocês não aprendem nada de valor!

Waff se irritou:

– Ela pensou em... em *contratar-nos* como um bando de assassinos. Somente demos a ela uma lição!

*Ah, o orgulho vem à tona, pensou Taraza. Interessante. As implicações da existência de uma estrutura moral por trás desse orgulho devem ser exploradas.*

– Vocês nunca penetraram nossas fileiras de verdade – disse Taraza.

– E vocês nunca se infiltraram entre os Tleilaxu! – Waff conseguiu alardear essa vanglória com certa calma. *Ele precisava de tempo para pensar! Para planejar!*

– Talvez você queira saber o preço do nosso silêncio – sugeriu Taraza. Ela interpretou o olhar de pedra como um sim e adicionou: – Para começar, vocês dividirão conosco tudo o que aprenderam sobre aquelas meretrizes geradas na Dispersão, aquelas que se chamam Honoráveis Matres.

Waff deu de ombros. Muito fora confirmado através das mortes das Honoráveis Matres. As complexidades sexuais! Apenas aqueles com a psique mais forte eram capazes de resistir ao envolvimento com tais êxtases. O potencial daquele instrumento era enorme! Deveria ser compartilhado com essas bruxas?

– *Tudo* o que aprenderam sobre elas – insistiu Taraza.

– Por que as chama de meretrizes?

– Elas tentam nos copiar, mas ao mesmo tempo vendem a si mesmas pelo poder e são um arremedo de tudo o que representamos. Honoráveis Matres!

– Elas ultrapassam vocês em números, em uma proporção de pelo menos dez mil para uma! Vimos as evidências.

– Uma de nós conseguiria vencer todas elas – disse Taraza.

Waff sentou-se em silêncio, estudando Taraza. Aquilo fora simplesmente vanglória? Jamais se podia ter certeza, em se tratando das bruxas Bene Gesserit. Elas *faziam* coisas. O lado obscuro do universo mágico pertencia a elas. Em mais de uma ocasião as bruxas haviam embotado a Shariat. Era vontade de Deus fazer com que os crentes verdadeiros passassem por mais um teste?

Taraza permitiu que o silêncio continuasse a criar suas próprias tensões. Ela sentiu a perturbação dentro de Waff. Aquilo a lembrava da conferência preliminar da Irmandade em preparação para este encontro. Bellonda fizera a pergunta de uma simplicidade enganadora.

– O que *de fato* sabemos sobre os Tleilaxu?

Taraza sentira a resposta fluir dentro de cada uma das mentes ao redor da mesa de conferência da Casa Capitular. *Só temos certeza daquilo que eles querem que saibamos.*

Nenhuma das analistas conseguia evitar a suspeita de que os Tleilaxu haviam criado, de maneira deliberada, uma máscara-imagem de si mesmos. A inteligência tleilaxu tinha de ser medida sopesando o fato de que apenas eles controlavam o segredo dos tanques axolotles. Teria sido um acidente de sorte, como alguns sugeriam? Então por que outros foram incapazes de duplicar esse feito por todos aqueles milênios?

*Gholas.*

Estariam os Tleilaxu usando o processo ghola para sua própria espécie de imortalidade? Ela notara indicações sugestivas nas ações de Waff... nada em definitivo, mas altamente suspeito.

Durante as conferências na Casa Capitular, Bellonda retornara diversas vezes às suspeições básicas, martelando-as:

– Tudo isso... tudo isso, insisto! Tudo em nosso repositório pode ser considerado lixo, cuja utilidade seja apenas como ração para porclesma!

Essa alusão fez com que algumas das Reverendas Madres mais relaxadas ao redor da mesa estremecessem.

### *Porclesmas!*

Aquelas criaturas assustadoras e morosas, resultado do cruzamento entre lesmas gigantes e porcos, forneciam carne para algumas das refeições mais caras de seu universo, mas as criaturas, em si, incorporavam tudo o que a Irmandade considerava repugnante sobre os Tleilaxu. Porclesmas foram um dos primeiros itens de comércio Bene Tleilax, um produto criado em seus tanques e formado com o núcleo helicoidal a partir do qual toda a vida se originava. Que Bene Tleilax os tivesse criado tornou ainda pior a aura de obscenidade que cercava uma criatura cujas multibocas mastigavam incessantemente quase todo tipo de lixo, transformando rapidamente aquele lixo em excremento, o qual, além de feder como um chiqueiro, também era lodoso.

– A carne mais doce deste lado do paraíso – Bellonda citara de uma propaganda da CHOAM.

– E é oriunda da obscenidade – adicionara Taraza.

### *Obscenidade.*

Taraza pensava nisso enquanto fitava Waff. Por que razão plausível pessoas criariam ao redor de si máscaras de obscenidade? O arroubo de orgulho de Waff não se encaixava com precisão naquela imagem.

Waff tossiu de forma leve em sua própria mão. Ele sentia a pressão das costuras onde escondera dois de seus mais potentes

lançadores de dardos. A minoria do seu conselho admoestara:

– Assim como as Honoráveis Matres, o vencedor desse encontro com as Bene Gesserit será aquele que sair de lá carregando as informações mais secretas sobre o outro. A morte do oponente garante o sucesso.

*Posso matá-la, mas e daí?*

Outras três Reverendas Madres plenas esperavam do lado de fora da escotilha. Sem dúvida, Taraza preparara um sinal para o momento em que a entrada fosse aberta. Sem aquele sinal, violência e desastre se seguiriam. Ele não acreditava, nem por um instante, que os novos Dançarinos Faciais poderiam superar aquelas Reverendas Madres do lado de fora. As bruxas estavam em alerta total. Elas reconheciam a natureza da guarda de Waff.

– Nós compartilharemos – disse Waff. A admissão implícita nisso feriu seu orgulho, mas ele sabia que não havia alternativa. Os alardes de Taraza sobre habilidades relativas poderiam ser imprecisos devido às alegações extremas, mas ainda assim ele pressentia verdade nisso. Contudo, ele não mantinha ilusões sobre o que se seguiria caso as Honoráveis Matres descobrissem o que realmente acontecera com suas enviadas. A não nave perdida ainda não podia ser ligada aos Tleilaxu. Naves desapareciam. Assassinato deliberado era outra questão. As Honoráveis Matres certamente tentariam exterminar um oponente tão impetuoso. Assim disseram os Tleilaxu que retornaram da Dispersão. Tendo visto as Honoráveis Matres, Waff agora acreditava nessas histórias.

Taraza disse:

– Meu segundo item na pauta deste encontro é nosso gholá.

Waff se contorceu na cadeira estilingue.

Taraza se sentiu repelida pelos olhos minúsculos de Waff, a face redonda com o diminuto nariz e dentes afiados demais.

– Vocês vêm assassinando nossos gholas para controlar o movimento de um projeto do qual não fazem parte, a não ser por providenciar um único elemento – acusou Taraza.

Waff se perguntou mais uma vez se deveria matá-la. Não havia nada que essas bruxas malditas não soubessem? A implicação de que as Bene Gesserit tinham um traidor no núcleo tleilaxu não podia ser ignorada. De que outra forma elas poderiam saber disso?

– Asseguro a senhora, Reverenda Madre Superiora – ele disse –, que o ghola...

– Você não me assegura coisa alguma! Nós mesmas nos asseguramos! – Com um olhar de tristeza na face dela, Taraza balançou a cabeça lentamente de um lado para o outro. – E vocês acham que não descobrimos que nos venderam mercadorias extraviadas.

Waff respondeu rápido:

– Ele cumpre todos os requisitos impostos em seu contrato!

Mais uma vez, Taraza balançou lateralmente a cabeça. Esse diminuto Mestre tleilaxu não tinha ideia do que revelava.

– Vocês enterraram um esquema próprio na psique dele – exclamou Taraza. – Estou alertando, Ser Waff, caso suas *alterações* obstruam nosso projeto, vamos feri-los mais fundo do que vocês consideram possível.

Waff passou a mão sobre o rosto, sentindo a transpiração em sua testa. Bruxas malditas! Entretanto, ela não sabia de tudo. Os Tleilaxu que retornaram da Dispersão e as Honoráveis Matres que ela amaldiçoava com tanto amargor forneceram aos Tleilaxu uma arma carregada sexualmente, a qual não podia ser compartilhada, seja lá quais fossem as promessas feitas ali!

Taraza digeriu silenciosamente as reações de Waff e decidiu lançar mão de uma mentira descarada.

– Quando capturamos sua nave ixiana de conferências, seus novos Dançarinos Faciais não morreram rápido o suficiente. Aprendemos muitas coisas.

Waff se posicionou à beira da violência.

*Bem no alvo!*, pensou Taraza. A mentira descarada abriu uma avenida de revelações em uma das sugestões mais escandalosas de suas assessoras. Não parecia tão escandalosa naquele momento. “A ambição dos Tleilaxu é produzir um mímico prana-bidu completo”, sugerira sua assessora.

“Completo?”

Todas as irmãs presentes à conferência ficaram atônitas pela mera sugestão. Ela implicava uma forma de cópia mental que ia além da impressão de memória sobre a qual elas já tinham conhecimento.

A assessora, irmã Hesterion do Repositório, viera munida com uma lista cuidadosamente organizada de documentos que embasavam seu argumento. “Já sabemos o que uma sonda ixiana faz mecanicamente, os Tleilaxu o fazem com o sistema nervoso e a carne. O próximo passo é óbvio.”

Notando a reação de Waff à mentira, Taraza continuou a observá-lo. Ele estava em seu momento mais perigoso.

Uma expressão de raiva cobriu o rosto de Waff. As coisas que as bruxas sabiam eram muito perigosas! Ele não duvidava de nada do que Taraza revelara. *Devo matá-la, não importam as consequências para mim! Acima de tudo, devo matá-la. Devemos matar todas elas. Abominações! É um termo delas e as descreve perfeitamente.*

Taraza interpretou a expressão dele de forma correta. Ela falou rápido.

– O senhor não corre quaisquer perigos conosco, desde que não prejudique nosso projeto. Sua religião, sua forma de vida, tudo isso



é da sua conta.

Waff hesitou, não tanto pelo que Taraza dissera, mas pela lembrança dos poderes dela. O que mais elas sabiam? Entretanto, continuar em uma posição subserviente! Depois de rejeitar tal aliança com as Honoráveis Matres. E com ascendência tão próxima, depois de todos aqueles milênios. Ele foi tomado pelo desânimo. A minoria estava certa, afinal: “Não pode haver elos entre nossos povos. Qualquer acordo com forças powindah é uma união baseada no mal”.

Taraza ainda sentia o potencial de violência nele. Teria ela ido longe demais? Ela se preparou para a defesa. Um espasmo involuntário dos braços do Tleilaxu a alertou. *Armas nas mangas dele!* Os recursos tleilaxu não poderiam ser subestimados. Seus farejadores nada detectaram.

– Sabemos sobre as armas que carrega – disse ela. Outra mentira descarada foi sugerida naturalmente. – Se o senhor cometer um erro agora, as meretrizes também aprenderão a usar essas armas.

Waff deu três suspiros leves. Quando falou, já estava sob controle de si mesmo.

– Não seremos satélites das Bene Gesserit!

Taraza respondeu com uma voz monótona e apaziguadora:

– Não sugeri esse papel para vocês, fosse por palavras ou ações.

Ela esperou. Não houve mudança na expressão de Waff, qualquer mudança, ainda que pequena, na forma em que seu olhar desfocado se fixava nela.

– Vocês nos ameaçam – resmungou ele. – Vocês ordenam que compartilhemos tudo que...

– Compartilhar! – ela exclamou. – Ninguém *compartilha* com parceiros desiguais.

– E o que vocês compartilhariam conosco? – ele indagou.

Ela falou no tom repreensor que se usaria com uma criança:

– Ser Waff, pergunte-se por que o senhor, um membro do governo de sua oligarquia, veio a este encontro?

Com a voz ainda firmemente controlada, Waff rebateu:

– E por que a senhora, Madre Superiora das Bene Gesserit, veio até aqui?

Ela respondeu em tom suave:

– Para nos fortalecer.

– A senhora não disse o que compartilharia – acusou ele. – Vocês ainda esperam tirar alguma vantagem.

Taraza continuou a observá-lo com cuidado. Ela raramente sentia tanta raiva escondida em um ser humano.

– Peça-me abertamente o que o senhor deseja – disse ela.

– E a senhora nos concederá, graças à sua imensa generosidade!

– Negociarei.

– Onde estava a negociação quando a senhora me ordenou... ME ORDENOU! a...

– O senhor veio até aqui com a firme determinação de quebrar quaisquer acordos que fizéssemos – retrucou ela. – Não tentou negociar sequer uma vez! O senhor se sentou diante de alguém com a intenção de negociar e o senhor só consegue...

– Negociar? – A memória de Waff foi lançada de volta à raiva que a Honorável Matre sentira dessa palavra.

– Foi o que eu disse – falou Taraza. – Negociar.

Algo parecido com um sorriso se insinuou nos cantos da boca de Waff.

– A senhora acha que tenho autoridade para *negociar* com a senhora?

– Tome cuidado, Ser Waff – disse ela. – O senhor tem a mais alta autoridade. Reside na derradeira habilidade de destruir um oponente de forma absoluta. Não ameacei ninguém, mas o senhor sim. – Taraza lançou um olhar para as mangas dele.

Waff suspirou. Que dilema. Ela era powindah! Como alguém poderia negociar com uma powindah?

– Temos um problema que não pode ser resolvido por meios racionais – continuou Taraza.

Waff escondeu sua surpresa. Aquelas eram as mesmas palavras que a Honorável Matre usara. Ele se retraiu por dentro diante do que aquelas palavras poderiam significar. Será que as Bene Gesserit e as Honoráveis Matres defendiam uma causa em comum? A acidez de Taraza indicava o contrário, mas quando se podia confiar nas bruxas?

Mais uma vez, Waff se perguntou se ele ousaria se sacrificar para eliminar essa bruxa. De que isso serviria? Por certo, outras entre elas sabiam o que ela sabia. Ele apenas precipitaria o desastre. Havia aquela disputa interna entre as bruxas, mas, outra vez, aquilo podia ser apenas outra farsa.

– O senhor me pede para compartilhar algo – falou Taraza. – O que diria se eu lhe oferecesse algumas de nossas estimadas linhas genéticas?

Não havia dúvidas do quão rápido o interesse de Waff despertou.

– Por que pediríamos a vocês esse tipo de coisa? – ele respondeu. – Temos nossos tanques e podemos retirar exemplos genéticos de praticamente qualquer lugar.

– Exemplos de quê? – perguntou ela.

Waff suspirou. Não era possível escapar da análise incisiva das Bene Gesserit. Era como a estocada de uma espada. Ele suspeitou que revelara algumas coisas as quais levaram a Madre Superiora naturalmente àquele assunto. O estrago já estava feito. Ela deduzira corretamente (ou espiões contaram a ela) que o repositório indômito de genes humanos era de pouco interesse para os Tleilaxu, com seu conhecimento sofisticado do idioma mais íntimo da vida. Jamais valia a pena subestimar as Bene Gesserit ou os frutos do programa de reprodução delas. O próprio Deus sabia que elas produziram Muad'Dib e o Profeta!

– O que mais a senhora quer em troca disso? – indagou ele.

– Finalmente estamos negociando! – disse Taraza. – Ambos sabemos, naturalmente, que ofereço mães reprodutoras da linhagem Atreides. – E pensou: *Que ele espere por isso! Elas parecem Atreides, mas não serão Atreides!*

Waff sentiu seu pulso acelerar. Seria possível? Ela tinha a mínima ideia do que os Tleilaxu podiam aprender com um exame simples desse material fonte?

– Queremos a primeira seleção dessa prole – disse Taraza.

– Não!

– Primeira seleção alternada, então?

– Talvez.

– O que o senhor quer dizer com “talvez”? – Ela se inclinou para a frente. A intensidade de Waff indicava que ela estava seguindo o caminho certo.

– O que mais vocês querem de nós?

– Nossas mães reprodutoras devem obter acesso irrestrito a seus laboratórios genéticos.

– A senhora enlouqueceu? – Waff balançou a cabeça em exasperação. Ela achava que os Tleilaxu entregariam sua arma

mais forte dessa maneira?

– Então aceitaremos um tanque axolotle em plenas capacidades de operação.

Waff simplesmente olhou para ela.

Taraza deu de ombros.

– Eu tinha que tentar.

– Acho que tinha.

Taraza se reclinou e passou em revista o que ela aprendera ali. A reação de Waff diante da sondagem zen-sunita fora interessante. *Um problema que não pode ser resolvido por meios racionais.* As palavras produziram nele um efeito sutil. Ele parecia emergir de algum lugar dentro de si mesmo, um relance questionador em seus olhos. *Deus nos preserve a todas! Waff é um zen-sunita secreto?*

Não importava quais os perigos, isso tinha que ser explorado. Odrade deveria ser armada com todas as vantagens possíveis em Rakis.

– Creio que fizemos tudo que pode ser feito por ora – disse Taraza. – Há tempo para completar nossa negociação. Apenas Deus, em sua misericórdia infinita, nos deu universos infinitos onde qualquer coisa pode acontecer.

Waff aplaudiu uma vez, sem pensar.

– O dom da surpresa é o maior dom de todos! – disse ele.

*Não apenas zen-sunita,* pensou Taraza. *Ele também era sufi. Sufi!* Ela começou a reajustar suas perspectivas em relação aos Tleilaxu. *Há quanto tempo eles vêm cultivando esse segredo?*

– O tempo não conta a si mesmo – disse Taraza, sondando. – Basta olhar para qualquer círculo.

– Sóis são círculos – disse Waff. – Cada universo é um círculo. – Ele esperou avidamente pela resposta dela.

– Círculos restringem – respondeu Taraza, tirando a resposta apropriada de suas Outras Memórias. – Qualquer coisa que restrinja e limite deve expor a si mesma ao infinito.

Waff levantou as mãos para mostrar suas palmas a ela e logo deixou cair os braços em seu colo. Seus ombros se abaixaram, perdendo um pouco da tensão.

– Por que você não disse essas coisas no início da conversa? – perguntou ele.

*Devo exercer muito cuidado*, acautelou-se Taraza. As admissões nas palavras e nos modos de Waff pediam uma revisão cuidadosa.

– O que se passou entre nós nada revela, a não ser que conversemos mais abertamente – respondeu ela. – Mesmo assim, estaríamos apenas usando palavras.

Waff estudou a face dela, tentando ler naquela máscara Bene Gesserit alguma confirmação das coisas implícitas nas palavras dela. Ela era powindah, ele lembrou a si mesmo. Jamais se devia acreditar em uma powindah... mas se ela compartilhasse da Grande Crença...

– Deus não nos enviou Seu Profeta a Rakis, para lá nos testar e ensinar? – perguntou ele.

Tereza investigou fundo em suas Outras Memórias. *Um Profeta em Rakis? Muad'Dib? Não... isso não se enquadrava com as crenças em Sufi nem com as zen-sunitas...*

*O Tirano!* Ele fechou a boca em uma linha fina e austera.

– O que não se pode controlar deve-se aceitar – murmurou ela.

– Pois, com certeza, são as obras de Deus – respondeu Waff.

Taraza vira e ouvira o suficiente. A Missionaria Protectora a imergira em todas as religiões conhecidas. As Outras Memórias reforçavam esse conhecimento e o preenchia. Ela sentiu uma

necessidade imensa de sair daquela sala, sã e salva. Odrade deve ser alertada!

– Posso sugerir algo? – indagou Taraza.

Waff assentiu educadamente.

– Talvez haja material de uma grande união entre nós, maior do que imaginamos – disse ela. – Ofereço a você a hospitalidade do nosso Forte em Rakis e os serviços de nosso comando por lá.

– Uma Atreides? – perguntou ele.

– Não – mentiu Taraza. – Mas eu alertarei, é claro, nossas Mestras em Reprodução sobre suas necessidades.

– E eu reunirei as coisas que a senhora solicitou em pagamento – disse ele. – Por que a negociação deve ser completada em Rakis?

– Não é o lugar mais apropriado? – perguntou ela. – Quem é capaz de falsidade na casa do Profeta?

Waff se reclinou na cadeira, seus braços relaxados sobre o colo. Taraza certamente sabia as respostas certas. Fora uma revelação que ele jamais esperara.

Taraza se levantou.

– Cada um de nós escuta a Deus de forma pessoal – disse ela.

*E juntos no kehl*, Waff pensou. Ele a fitou, lembrando a si próprio, mais uma vez, que ela era powindah. Não se devia acreditar neles. *Cautela!* Essa mulher era, no final de tudo, uma bruxa Bene Gesserit. Eram conhecidas por criarem religiões para suas próprias finalidades. *Powindah!*

Taraza foi até a porta do compartimento, abriu e deu o sinal de segurança. Ela se virou uma vez mais na direção de Waff, que permanecia sentado. *Ele não se infiltrara em nosso projeto*, pensou ela. *Aqueles que mandarmos para ele devem ser escolhidos com muita cautela. Ele não deve suspeitar que é parte de nossa isca.*

Com suas feições tranquilas de fada, Waff a fitara de volta.

Como ele parecia insípido, pensou Taraza. Contudo, ele poderia ser emboscado! Uma aliança entre a Irmandade e os Tleilaxu oferecia novas atrações. *Mas em nossos termos!*

– Até Rakis – encerrou ela.



**Que heranças sociais se difundiram com a Dispersão? Conhecemos os detalhes daqueles tempos. Sabemos ambas as configurações mentais e físicas. Os Perdidos levaram consigo uma consciência confinada, em sua maior parte, à mão de obra e equipamentos. Havia uma necessidade desesperada por espaços para se expandir, derivada do mito da Liberdade. A maioria não aprendera a lição mais profunda do Tirano, que a violência constrói seus próprios limites. A Dispersão foi um movimento selvagem e aleatório, interpretada como crescimento (expansão). Foi incitada por um medo profundo (em geral inconsciente) de estagnação e morte.**

**– A Dispersão: Análise Bene Gesserit (Repositório)**

Odrade jazia deitada de lado no umbral da janela arqueada, seu queixo tocando de maneira leve o plaz morno através do qual ela via a Grande Praça de Kina. Suas costas se apoiavam em uma almofada vermelha, que cheirava a mélange, assim como várias coisas ali em Rakis. Atrás dela havia três cômodos, pequenos, mas eficientes, e bem distantes tanto do Templo quanto do Forte Bene Gesserit. Essa distância fora uma exigência do acordo da Irmandade com os sacerdotes.

– Sheeana deve ser mantida em maior segurança – insistira Odrade.

– Ela não ficará sob custódia exclusiva da Irmandade – contestara Tuek.

– Nem dos sacerdotes – contrapusera Odrade.

Seis andares abaixo do umbral da janela de Odrade, um enorme bazar se espalhava em uma confusão livremente organizada, que quase enchia a Grande Praça. A luz amarelo-prateada do sol poente banhava a cena com sua luminescência, ressaltando as cores brilhantes dos toldos, desenhando sombras alongadas pelo chão irregular. Havia uma radiância poeirenta sobre a luz onde aglomerados de pessoas se dispersavam, movendo-se em torno de sombrinhas remendadas e os alinhamentos confusos das mercadorias.

A Grande Praça não era precisamente quadrada. Ela se estendia ao redor do bazar por um quilômetro inteiro, a partir da janela de Odrade, e chegava a quase duas vezes essa distância para ambos os lados; um retângulo gigante de terra batida e pedras antigas, transformadas em areia amarga pelos compradores do dia, aventurando-se no calor com a esperança de conseguir uma pechincha ali.

Conforme a tarde avançava, uma sensação diferente de atividade se desdobrou abaixo de Odrade: mais pessoas chegando, um pulsar mais acelerado e frenético no movimento da praça.

Odrade inclinou a cabeça para espreitar atentamente o térreo diante de seu prédio. Alguns dos vendedores logo abaixo de sua janela haviam se recolhido a seus alojamentos. Logo retornariam, depois de uma refeição e uma breve sesta, prontos a fazer uso completo daquelas horas mais valiosas, quando as pessoas naquele espaço aberto podiam respirar um ar que não queimasse suas gargantas.

Sheeana estava atrasada, notou Odrade. Os sacerdotes não ousariam demorar muito mais. Estariam trabalhando freneticamente naquele momento, disparando perguntas a Sheeana, alertando que

ela deveria se lembrar de que ela era a própria emissária de Deus à Sua Igreja. Relembrando a Sheeana das inúmeras fidelidades convolutas que Odrade teria que investigar e ridicularizar antes de colocar essas afirmações sem importância em uma perspectiva mais adequada.

Odrade arqueou as costas e dedicou um minuto silencioso para exercícios simples que aliviarium suas tensões. Ela admitia certa simpatia por Sheeana. Os pensamentos da menina deveriam estar um caos àquela altura. Sheeana sabia pouco ou nada sobre o que esperar assim que ficasse sob a tutela de uma Reverenda Madre. Havia pouca dúvida que aquela jovem mente estaria preenchida com mitos e outras desinformações.

*Como a minha mente já esteve,* pensou Odrade.

Ela não conseguia evitar as recordações em um momento como aquele. Sua tarefa imediata era clara: exorcismo, não apenas para Sheeana, mas para si mesma.

Ela pensou nas lembranças assombrosas de uma Reverenda Madre em suas memórias: *Odrade, cinco anos de idade, a casa confortável em Gammu. A estrada ao lado de sua casa está alinhada com aquilo que se passa por mansões de médio escalão em uma das cidades litorâneas do planeta: construções de um andar em avenidas largas. As casas seguem até um paredão encurvado na direção do mar, onde são muito mais largas do que as casas às margens das avenidas. Apenas as próximas ao mar são mais expandidas e menos invejosas pela metragem.*

A refinada memória Bene Gesserit de Odrade percorreu aquela casa ao longe, seus ocupantes, a avenida, os companheiros de brincadeiras. Ela sentiu um aperto no peito, o qual dizia a ela que tais memórias estavam ligadas a eventos posteriores.

A creche Bene Gesserit no mundo artificial de Al Dhanab, um dos planetas seguros originais das Bene Gesserit. (Mais tarde, ela descobrira que as Bene Gesserit consideraram transformar todo aquele planeta em uma não sala. Os requisitos de energia derrotaram esse plano.)

A creche era uma profusão de variedade para uma criança vinda do conforto e das amizades de Gammu. A educação Bene Gesserit incluía um intenso treinamento físico. Havia advertências de que ela não esperasse se tornar uma Reverenda Madre sem passar por muita dor e baterias frequentes de exercícios musculares praticamente impossíveis.

Algumas de suas companheiras falharam naquele estágio. Elas partiram e se tornaram enfermeiras, servas, trabalhadoras manuais, reprodutoras informais. Elas preencheram nichos de necessidade em lugares que a Irmandade precisasse delas. Houve tempos em que Odrade se vira esperando pelo fracasso, que talvez não levasse a uma vida ruim: responsabilidades menores, menos objetivos. Isso foi antes que ela finalizasse o Treinamento Primário.

*Pensei naquilo como emergir, passar por ele vitoriosa. Na verdade, passei para outro lado.*

Apenas para descobrir a si mesma imersa em demandas novas e ainda mais cruéis.

Odrade sentou-se no umbral de sua janela rakiana e afastou a almofada. Ela virou as costas para o bazar. Ficava cada vez mais barulhento lá fora. Sacerdotes malditos! Eles estendiam o atraso até seu limite absoluto!

*Necessito pensar em minha infância porque isso ajudará Sheeana,* pensou ela. Imediatamente, zombou de sua própria fraqueza. *Outra desculpa!*

Algumas postulantes levavam pelo menos cinquenta anos para se tornarem Reverendas Madres. Isso era forçado a elas durante o Treinamento Secundário: uma lição de paciência. Odrade mostrava uma inclinação inicial para estudos profundos. Considerava-se que ela se tornaria uma das Mentats Bene Gesserit e provavelmente uma arquivista. Essa ideia foi abandonada ao se descobrir que seus talentos jaziam em uma direção mais vantajosa. Ela foi voltada para exercer uma das mais sensíveis tarefas da Casa Capitular.

### *Segurança.*

Aquele talento indômito entre os Atreides era empregado para esse fim com frequência. Cuidado com detalhes, essa era a marca registrada de Odrade. Ela sabia que suas irmãs previam algumas de suas ações simplesmente por conhecê-la de forma profunda. Taraza o fazia com regularidade. Odrade entreouvira a explicação dos lábios da própria Taraza:

– A personalidade de Odrade se reflete com primor no desempenho de suas tarefas.

Havia uma piada na Casa Capitular:

“Para onde Odrade vai quando está de folga? Ela sai para trabalhar.”

A Casa Capitular impunha pouca necessidade de adotar as máscaras de expressão que uma Reverenda Madre usava automaticamente quando saía de lá. Ela podia mostrar emoções em alguns momentos, lidar abertamente com seus próprios erros e com os de outrem, sentir-se triste, amargurada ou até, às vezes, feliz. Homens estavam disponíveis: não para reprodução, mas como forma de um consolo ocasional. Todos os homens da Casa Capitular Bene Gesserit eram bem sedutores e alguns chegavam a ser sinceros em suas seduições. Esses poucos, é claro, estavam sempre em demanda alta.

*Emoções.*

O reconhecimento retorceu a mente de Odrade.

*Então cheguei a ele, como sempre o faço.*

Odrade sentiu a luz morna do sol vespertino de Rakis em suas costas. Ela sabia onde seu corpo se encontrava, mas sua mente se abria para o encontro vindouro com Sheeana.

*Amor!*

Seria tão fácil e tão perigoso.

Naquele momento, ela invejava as Mães Estacionárias, aquelas que recebiam permissão de passar a vida com um único parceiro de reprodução. Miles Teg viera de uma dessas uniões. As Outras Memórias revelaram como fora para lady Jéssica e seu duque. Até mesmo Muad'Dib escolhera essa forma de reprodução.

*Não é para mim.*

Odrade admitiu ciúmes amargos por esse tipo de vida não ter sido permitido a ela. Quais eram as compensações da vida para a qual ela fora conduzida?

– Uma vida sem amor pode ser devotada mais intensamente à Irmandade. Nós fornecemos nossas próprias formas de apoio às iniciadas. Não se preocupe sobre satisfação sexual. Estará disponível sempre que sentir a necessidade.

*Com homens sedutores!*

Desde os dias de lady Jéssica, passando pelos tempos do Tirano e mais além, várias coisas mudaram... inclusive as Bene Gesserit. Todas as Reverendas Madres sabiam disso.

Um suspiro profundo fez Odrade estremecer da cabeça aos pés. Ela olhou por sobre o ombro até o bazar. Nem sinal de Sheeana.

*Não devo amar esta criança!*

Estava feito. Odrade sabia que fizera o jogo mnemônico da forma requerida pelas Bene Gesserit. Ela girou o corpo e sentou-se com

as pernas cruzadas no umbral. Era um panorama elevado do bazar e sobre os telhados da cidade e sua bacia. Aquelas poucas colinas remanescentes ao Sul de onde ela estava eram, ela sabia, o que sobrara do que fora a Muralha-Escudo de Duna, os baluartes altos das fundações rochosas rompidos por Muad'Dib e suas legiões montarenando em vermes de areia.

O calor dançava a partir do chão para além dos qanats e canais que protegiam Kina da intrusão dos novos vermes. Odrade sorriu com suavidade. Os sacerdotes não achavam nada estranho rodear suas comunidades com um fosso, para evitar que seu Deus Dividido se intrometesse entre eles.

*Nós o adoraremos, Deus, mas não nos incomode. Essa é nossa religião, nossa cidade. O Senhor compreende que não mais chamamos esse lugar de Arrakina. Agora, é Kina. O planeta não é mais Duna ou Arrakis. Agora, é Rakis. Mantenha distância, Deus. O Senhor é o passado e o passado é embaraçoso.*

Odrade fitou aquelas montanhas ao longe, que dançavam com o reflexo do calor. As Outras Memórias podiam sobrepor o cenário antigo. Ela conhecia aquele passado.

*Se os sacerdotes atrasarem ainda mais, eu os punirei.*

O calor ainda tomava o bazar abaixo de Odrade, mantido pelo armazenamento no solo e pelos muros espessos ao redor da Grande Praça. A difusão de temperatura era amplificada pela fumaça de várias fogueiras pequenas, acesas nos prédios das cercanias e entre as aglomerações de vida em tendas protetoras espalhadas pelo bazar. Fora um dia quente, bem acima de 38 graus. Esse prédio, contudo, fora um Centro das Oradoras Peixe nos tempos antigos e era resfriado por mecanismos ixianos com piscinas de evaporação no teto.

*Estaremos confortáveis aqui.*

E estariam tão seguras quanto as medidas de proteção das Bene Gesserit possibilitavam mantê-las a salvo. Reverendas Madres caminhavam por aqueles corredores. Sacerdotes mantiveram representantes no prédio, mas nenhum deles se intrometia nos aposentos onde Odrade não os queria. Sheeana os encontraria ali em determinadas ocasiões, mas essas aconteciam apenas quando Odrade permitia.

*Está acontecendo*, pensou Odrade. *O plano de Taraza avança.*

O último comunicado da Casa Capitular ainda estava vivo na mente de Odrade. O que ele revelava sobre os Tleilaxu enchera Odrade de empolgação, o qual ela cuidadosamente suprimira. Esse Waff, esse Mestre tleilaxu, era um fascinante objeto de estudo.

*Zen-sunita! E sufi!*

“Um padrão ritual congelado há milênios”, escrevera Taraza.

O relatório de Taraza trazia outra mensagem implícita. *Taraza deposita toda sua confiança em mim.* Odrade sentiu a força crescer dentro de si a partir dessa percepção.

*Sheeana é o fulcro. Somos a alavanca. Nossa força virá de inúmeras fontes.*

Odrade relaxara. Ela sabia que Sheeana não permitiria que os sacerdotes atrasassem demais. A paciência da própria Odrade passara por arroubos de antecipação. Seria pior para Sheeana.

Elas se tornaram conspiradoras, Odrade e Sheeana. O primeiro passo. Era um jogo maravilhoso para Sheeana. Ela nascera e fora criada para desconfiar dos sacerdotes. Que bom finalmente contar com uma aliada!

Uma forma de atividade se iniciou entre as pessoas diretamente abaixo da janela de Odrade. Ela espreitou para baixo, curiosa. Ali, cinco homens despidos haviam ligado os braços em forma de círculo. Seus mantos e trajestiladores jaziam em uma pilha ao lado,



vigiada por uma jovem de pele morena em um longo vestido marrom de fibra de especiaria. Seu cabelo estava preso por um trapo vermelho.

### *Dançarinos!*

Odrade lera muitos relatórios sobre esse fenômeno, mas, desde que chegara, essa era a primeira vez que o testemunhava. Os espectadores incluíam um trio de sacerdotes guardiões, de grande estatura e usando capacetes amarelos enfeitados com cristas compridas. Os guardiões vestiam mantos curtos que mantinham suas pernas livres para ação, e cada um carregava um bastão revestido com metal.

À medida que os dançarinos se organizavam em círculo, a plateia atenta ficou ainda mais inquieta, como era previsto. Odrade conhecia o padrão. Logo, haveria um cântico em alarido e uma briga generalizada. Crânios seriam rachados. O sangue jorraria. As pessoas gritariam e correriam ao redor da praça. Por fim, tudo se acabaria sem qualquer intervenção oficial. Alguns partiriam chorando. Os guardiões sacerdotais não interfeririam.

A insanidade despropositada de tal dança e suas consequências fascinara as Bene Gesserit por séculos. Agora, atraía a atenção encantada de Odrade. A involução desse ritual fora acompanhada pela Missionaria Protectora. Os rakianos a chamavam de “Dança da Digressão”. Eles tinham outros nomes para ela, também, e o mais significativo deles era “Siaynoq”. Essa dança era o que restara do grande ritual do Tirano, seus instantes de compartilhamento com suas Oradoras Peixe.

Odrade reconheceu e respeitou a energia desse fenômeno. Nenhuma Reverenda Madre seria capaz de não notar isso. O desperdício, contudo, a perturbou. Tais coisas deveriam ser canalizadas e focadas. Esse ritual necessitava ser empregado de

forma útil. Tudo que ele fazia era drenar forças que, se deixadas reprimidas, poderiam se tornar destrutivas aos sacerdotes.

Um doce odor frutado se insinuou nas narinas de Odrade. Ela o absorveu e olhou para os respiradouros ao lado de sua janela; o calor da turba e a terra aquecida criaram uma corrente de ar ascendente. A corrente carregava odores de baixo até os respiradouros ixianos. Ela pressionou a testa e o nariz contra o plaz, olhando diretamente para baixo. Ah, os dançarinos ou a multidão haviam tombado a barraca de um comerciante. Os dançarinos pisoteavam as frutas. Uma polpa amarelada respingara em suas coxas.

Odrade reconheceu o vendedor de frutas entre os espectadores, um familiar rosto enrugado que ela vira inúmeras vezes na barraca ao lado da entrada do prédio. Ele não parecia preocupado com a perda. Como todos os outros ao seu redor, ele concentrava sua atenção apenas nos dançarinos. Os cinco homens despidos se moviam levantando os pés para o alto, em uma apresentação desconjuntada, arrítmica e descoordenada, mas que acabava por retornar periodicamente a um padrão repetido: três dos dançarinos com ambos os pés no chão e os outros dois erguidos no ar por seus parceiros.

Odrade reconheceu o padrão. Era relacionado à antiga maneira fremen de trilharenar. Aquela dança curiosa era um fóssil com raízes na necessidade de se mover sem anunciar a presença para um verme.

As pessoas começaram a se aglomerar próximas aos dançarinos, fora do grande retângulo do bazar, saltando alto como brinquedos de criança, com a finalidade de levantar os olhos acima da multidão para captar um relance dos cinco homens despidos.

Então Odrade viu a escolta de Sheeana, um movimento bastante afastado para a direita, onde uma larga avenida chegava à praça. Símbolos de pegadas de animais em um prédio ali perto indicavam que aquela avenida era o Caminho de Deus. A percepção histórica lhe dizia que a avenida fora a rota de Leto II para adentrar a cidade, vindo a partir das altas muralhas do Sareer, bem mais ao Sul. Com atenção aos detalhes, ainda podia-se discernir algumas das formas e padrões que fizeram parte da cidade de Onn do Tirano, o centro de festivais construído ao redor da ainda mais antiga cidade de Arrakina. Onn obliterara diversos marcos de Arrakina, mas algumas avenidas persistiam: alguns prédios eram demasiado úteis para serem substituídos. Construções, inevitavelmente, definiam as ruas.

A escolta de Sheeana parou onde a avenida desembocava no bazar. Guardiões usando capacetes amarelos se lançaram adiante, abrindo caminho com seus bastões. Os guardiões eram altos: quando encostados no chão, os bastões grossos de dois metros de altura alcançavam somente os ombros do mais baixo deles. Mesmo em meio à multidão desorganizada era impossível não ver um sacerdote guardião, mas os protetores de Sheeana eram os mais altos dentre os mais altos.

Eles retomaram a caminhada, levando o grupo na direção de Odrade. Seus mantos se abriam a cada passo, revelando o cinza lustroso de seus excelentes trajestiladores. Eles caminharam direto para frente, quinze deles formando um “v” estreito, o qual contornava os amontoados mais densos de barracas.

Um aglomerado de sacerdotisas, com Sheeana ao centro, marchava atrás dos guardas. Odrade vislumbrou a figura ímpar de Sheeana entre a escolta, seu cabelo queimado pelo sol e o rosto voltado para cima com orgulho. Eram os sacerdotes guardiões em capacetes amarelos, contudo, que chamavam a atenção de Odrade.

Eles se moviam com uma arrogância que lhes fora inculcada desde a infância. Aqueles guardas sabiam ser melhores que as pessoas comuns e as pessoas comuns reagiam de forma previsível, abrindo caminho para o grupo de Sheeana.

Tudo foi feito de maneira tão natural que Odrade era capaz de notar o padrão antigo daquela formação, como se assistisse à outra dança ritualística, a qual não mudara em milênios.

Como fazia de maneira frequente, Odrade pensou em si mesma como uma arqueóloga, não daquelas que examinavam minuciosamente os detritos empoeirados das eras, mas como alguém que focava onde a Irmandade costumava concentrar sua percepção: em como as pessoas carregavam o passado dentro de si mesmas. O planejamento do próprio Tirano ficava aparente ali. A aproximação de Sheeana era algo estipulado pelo Imperador Deus.

Abaixo da janela de Odrade, os cinco homens despidos continuavam a dançar. Porém, entre os espectadores, Odrade percebeu uma nova percepção. Sem qualquer aviso prévio para virar as cabeças na direção da falange dos sacerdotes guardiões que se aproximava, a plateia abaixo de Odrade *sabia*.

*Animais sempre reconhecem a chegada dos pastores.*

Naquele momento, a inquietude da multidão produziu um pulso mais acelerado. A eles o caos não seria negado! Uma pelota de terra foi lançada a partir da periferia da aglomeração e tocou o chão próximo aos dançarinos. Os cinco homens não erraram qualquer passo de sua coreografia extensa e a velocidade aumentou. A duração das séries entre as repetições denotava memórias extraordinárias.

Outra bola de terra voou da multidão e atingiu o ombro de um dançarino. Nenhum dos cinco homens se abalou.

A multidão começou a gritar e cantar. Alguns gritavam palavrões. O cântico se transformou em palmas ritmadas atrapalhando os movimentos dos dançarinos.

Ainda assim, o padrão não mudou.

O canto da turba se transformou em um ritmo dissonante, gritos repetidos que ecoavam contra as muralhas da Grande Praça. Eles tentavam fazer com que os dançarinos errassem a coreografia. Odrade pressentiu uma profunda importância na cena ali embaixo.

O grupo de Sheeana cruzara mais da metade do bazar. Eles se moveram por uma das passagens mais largas entre as barracas e se viraram diretamente para Odrade. A maior aglomeração da multidão estava a cerca de 50 metros diante dos sacerdotes guardiões. Os guardiões caminhavam em passos firmes, desdenhando aqueles se apressavam para os lados. Debaixo dos capacetes amarelos, os olhos se fixavam à frente, encarando a multidão. Nenhum dos guardiões que avançavam deu qualquer sinal de reconhecer a presença da turba, dos dançarinos ou de alguma outra barreira que fosse capaz de impedir seu progresso.

De súbito, a turba encerrou seu cântico, como se um maestro invisível gesticulasse as mãos ordenando silêncio. Os cinco homens continuaram a dançar. O silêncio abaixo de Odrade estava prenhe de um poder que fez com que ela se arrepiasse. Lá embaixo, os três sacerdotes guardiões entre os espectadores se viraram assim que um homem saiu de vista, entrando no prédio onde estava Odrade.

Ao centro da multidão, uma mulher praguejou.

Os dançarinos não demonstraram sinais de terem ouvido.

A turba se amontoou para a frente, diminuindo o espaço ao redor dos dançarinos quase pela metade. Já não se podia ver a menina que vigiava os trajestiladores e mantos dos dançarinos.

A falange de Sheeana avançava, as sacerdotisas e a jovem em sua custódia seguiam logo atrás.

A violência irrompeu do lado direito de Odrade. As pessoas começaram a atacar umas as outras. Mais mísseis formaram na direção dos cinco homens que dançavam. A turba retomou seu cântico em ritmo mais acelerado.

Ao mesmo tempo, a parte de trás da multidão abriu caminho para os Guardiões. Observadores que ali se encontravam não desviaram sua atenção dos dançarinos, não pararam em suas contribuições para o caos crescente, mas um caminho se abriu entre eles.

Completamente fascinada, Odrade olhou para baixo. Várias coisas ocorreram simultaneamente: brigas, pessoas gritando e golpeando as outras, o canto contínuo, o avanço implacável dos guardiões.

Dentro do escudo formado pelas sacerdotisas, Sheena podia ser vista lançando seu olhar de um lado para o outro, tentando assistir a agitação ao seu redor.

Alguns na multidão pegaram tacos de madeira e atingiam as pessoas ao redor deles, mas ninguém ameaçava os guardiões ou outros membros do séquito de Sheeana.

Os dançarinos continuaram a pavonear dentro de um círculo de espectadores que se apertava cada vez mais. Todos se amontoavam diante do prédio de Odrade, fazendo com que ela pressionasse sua cabeça contra o plaz e observasse a cena abaixo de um ângulo agudo.

Os guardiões conduzindo o grupo de Sheeana avançaram por uma abertura que se alargava em meio ao caos. As sacerdotisas não desviavam sua atenção para a esquerda nem para a direita. Os guardiões de capacete amarelo olhavam direto para frente.

Desdém era uma palavra muito fraca para aquela cena, decidiu Odrade. E não era correto dizer que a turba em ebulição ignorava o grupo que se aproximava. Cada um estava consciente do outro, mas eles existiam em mundos diferentes, observando as regras inflexíveis daquela separação. Apenas Sheeana ignorava o protocolo secreto, pulando para cima na tentativa de relancear por sobre os corpos que a protegiam.

Diretamente abaixo de Odrade, a turba se moveu para frente, esmagando os dançarinos como se fossem navios diante de uma onda gigante. Odrade captou relances de corpos nus sendo socados e empurrados de mão em mão pelo caos ruidoso. Apenas com a mais intensa concentração Odrade foi capaz de separar os sons que chegavam até ela.

Era loucura!

Nenhum dos dançarinos resistiu. Estavam sendo mortos? Era um sacrifício? As análises da Irmandade sequer chegaram a tocar essa realidade.

Capacetes amarelos se moveram para as laterais logo abaixo de Odrade, abrindo caminho para que Sheeana e as sacerdotisas entrassem no prédio, então os guardiões se reposicionaram em fileiras. Eles se viraram e formaram um arco protetor ao redor da entrada do prédio. Seguravam os bastões na horizontal, sobrepondo-os na altura da cintura.

O caos além deles começou a se dissipar. Não se podia ver qualquer um dos dançarinos, mas havia fatalidades, pessoas jogadas no chão e outras cambaleando. Cabeças sangrando eram vistas por ali.

Sheeana e as sacerdotisas permaneciam fora do perímetro de visão de Odrade, no interior do prédio. Odrade se recostou e tentou organizar o que ela acabara de testemunhar.

Inacreditável.

Nenhum dos relatórios ou holofotos da Irmandade capturaram aquela coisa! Parte disso era a combinação de odores: poeira, suor, uma intensa concentração de feromônios humanos. Odrade inspirou profundamente. Ela se sentiu estremecer por dentro. A turba se dissolvera em indivíduos que se afastavam do bazar. Ela viu pessoas chorando. Algumas praguejavam. Outras riam.

A porta atrás de Odrade se abriu com violência. Sheeana entrou rindo. Odrade girou e mirou seus próprios guardas e algumas das sacerdotisas no corredor antes que Sheeana fechasse a porta.

Os olhos castanho-escuros reluziam com empolgação. Seu rosto estreito, já começando a suavizar-se com as curvas que ela exibiria ao passar para a fase adulta, estava tenso com emoção reprimida. A tensão se dissolveu assim que ela viu Odrade.

*Muito bom*, pensou Odrade ao observar essa mudança. *Lição número um da ligação já começara.*

– Você viu os dançarinos? – indagou Sheeana, rodopiando e saltitando pelo chão até parar diante de Odrade. – Não eram lindos? Eu os achei tão bonitos! Cania não queria que eu visse. Ela disse que é perigoso eu tomar parte em Siaynoq, mas eu não me importo! Shaitan jamais comeria aqueles dançarinos!

Com uma percepção fluindo de maneira repentina, a qual ela só experimentara antes durante a agonia da especiaria, Odrade enxergou além do padrão total do que ela testemunhara na Grande Praça. Foram necessárias apenas as palavras e a presença de Sheeana para esclarecer tudo.

*Um idioma!*

Profundamente adormecido dentro da percepção coletiva daquelas pessoas elas carregavam, todas de forma inconsciente, um idioma que expressava a elas coisas que não queriam ouvir. Os



dançarinos falavam esse idioma. Sheeana falava esse idioma. Era composto de tons de voz e movimentos e feromônios, uma combinação sutil e complexa que evoluíra da forma que todos os idiomas evoluem.

Pela necessidade.

Odrade sorriu abertamente para a garota diante de si. Agora, Odrade sabia como emboscar os Tleilaxu. Ela sabia mais sobre o projeto de Taraza.

*Devo acompanhar Sheeana ao deserto na primeira oportunidade. Esperaremos apenas pela chegada desse Mestre tleilaxu, esse Waff. Nós o levaremos conosco!*

**Independência e Liberdade são conceitos complexos. Remontam às ideias religiosas de livre-arbítrio e estão ligadas à Mística do Governante, implícita em monarcas absolutistas. Sem monarcas absolutistas moldados a partir dos Deuses Antigos e governando pela graça de uma crença na indulgência religiosa, Independência e Liberdade jamais ganhariam o significado atual. Esses ideais devem sua própria existência a exemplos passados de opressão. E as forças que mantêm essas ideias serão erodidas, a menos que sejam renovadas pelo ensino dramático ou por novas opressões. Essa é a nota mais básica da minha vida.**

**– Leto II, Imperador Deus de Duna:  
Registros de Dar-es-Balat**

Cerca de trinta quilômetros no interior da densa floresta ao nordeste do Forte de Gammu, Teg os mantivera esperando sob a proteção de uma coberta escudo-vital até o pôr do sol atrás do terreno elevado a oeste.

– Esta noite, mudaremos de direção – disse ele.

Completara três noites desde que ele os liderara através da escuridão das árvores fechadas com uma demonstração magistral de memória Mentat, cada passo dado com precisão ao longo da trilha que Patrin havia traçado.

– Estou com os músculos tensos de tanto ficar sentada – reclamou Lucilla. – E será outra noite fria.

Teg dobrou a coberta escudo-vital e colocou no topo de sua bagagem.

– Vocês dois podem começar a se mover um pouco – disse ele. – Mas não sairemos daqui até que a noite tenha caído por inteiro.

Teg se sentou com as costas apoiadas no tronco de uma conífera dotada de várias ramificações, olhando para as profundezas das sombras enquanto Lucilla e Duncan se moviam clareira adentro. Ambos pararam ali por um momento, tremendo, à medida que o calor do dia se transformava no frio da noite. Sim, seria mais uma noite de frio, pensou Teg, mas eles tinham poucas chances de racionalizar isso.

*O inesperado.*

Schwangyu jamais esperaria que eles ainda estivessem tão perto do Forte e seguindo a pé.

*Taraza deveria ter enfatizado em seus alertas sobre Schwangyu,* pensou Teg. A desobediência violenta e aberta contra uma Madre Superiora desafiara a tradição. A lógica Mentat não era capaz de aceitar a situação sem um volume maior de dados.

As memórias delas trouxeram à tona um dito de seu tempo de escola, um daqueles aforismos de alerta pelos quais um Mentat deveria usar em sua lógica.

“Dada uma trilha de lógica, com a navalha de Occam disposta de maneira impecável, o Mentat pode seguir tal lógica até o desastre pessoal.”

Portanto, sabia-se que a lógica falharia.

Ele voltou a pensar no comportamento de Taraza no interior da nave da Guilda e no que decorreu imediatamente depois. *Ela queria que eu soubesse que, a partir dali, estaria totalmente por minha conta. Devo ver o problema à minha maneira, não da maneira dela.*

Logo, a ameaça de Schwangyu devia ser uma ameaça real, algo que ele descobrira, enfrentara e resolvera sozinho.

Taraza não sabia o que aconteceria a Patrin em decorrência de tudo aquilo.

*Taraza não se importava com o que acontecesse a Patrin. Ou comigo. Ou com Lucilla.*

*Mas e quanto ao ghola?*

*Taraza deve se importar!*

Não seria lógico que ela iria... Teg descartou sua linha de raciocínio. Taraza não queria que ele agisse de forma lógica. Ela queria que ele agisse exatamente como estava fazendo, como ele sempre fizera em situações críticas.

*O inesperado.*

Portanto, havia uma espécie de lógica em tudo isso, mas que jogava os participantes para fora do ninho, em direção ao caos.

*A partir do qual devemos criar nossa própria ordem.* Tristeza se acumulou em sua consciência. *Patrin! Maldito seja, Patrin! Você sabia e eu não! O que farei sem você?*

Teg quase era capaz de ouvir a resposta do velho assessor, aquela voz formal e inflexível que Patrin sempre usava quando repreendia seu comandante.

“O senhor fará o seu melhor, bashar.”

A raciocínio progressivo mais frio indicava que Teg jamais veria Patrin em carne e osso, nem ouviria a verdadeira voz do velho. Mesmo assim... a voz permanecia. A pessoa persistia na memória.

– Não deveríamos partir?

Era Lucilla, de pé bem diante dele, debaixo da árvore. Duncan esperava ao lado dela. Ambos estavam com suas bagagens nos ombros.

Enquanto ele estivera sentado em contemplação, a noite caíra. A luz esplendorosa das estrelas lançava sombras indefinidas pela clareira. Teg se pôs de pé, apanhando sua bagagem e, inclinándose para evitar os galhos mais baixos, passou para a clareira. Duncan ajudou Teg a ajustar sua bagagem sobre os ombros.

– Schwangyu vai considerar essa possibilidade em algum momento no futuro próximo – disse Lucilla. – Os batedores dela virão atrás de nós. Você sabe disso.

– Não até que eles sigam a trilha falsa e cheguem até o final dela – respondeu Teg. – Venha.

Teg liderou o caminho para oeste, por uma abertura entre as árvores.

Durante três noites ele os levara ao longo do que chamava de “caminho memorial de Patrin”. Ao trilhar naquela quarta noite, Teg se repreendeu por não ter projetado as consequências lógicas do comportamento de Patrin.

*Compreendi as profundezas da lealdade dele, mas não projetei essa lealdade em um resultado mais óbvio. Estivemos juntos por tantos anos que pensei conhecer a mente de Patrin da mesma forma como conheço a minha. Maldito seja, Patrin! Não havia a necessidade de que você morresse!*

Só então Teg admitiu a si próprio que *havia* a necessidade. Patrin percebera. O Mentat não permitira a si mesmo notar isso. Lógica podia se mover tão cegamente como qualquer outra aptidão.

Como as Bene Gesserit sempre diziam e *demonstravam*.

*Sendo assim, marchemos. Schwangyu não espera isso.*

Teg foi forçado a admitir que percorrer os lugares selvagens de Gammu criava toda uma nova perspectiva para ele. Toda aquela região ficou intocada, permitindo o crescimento de vida vegetal durante os Tempos da Penúria e a Dispersão. Ela fora replantada

depois, mas, em sua maior parte, como uma selva indômita. Trilhas secretas e pontos de referência privados guiavam o acesso nos dias atuais. Teg imaginou o jovem Patrin, aprendendo a andar naquela região: aquela colina de rochas visível sob a luz das estrelas que se viam através de uma lacuna entre as árvores, aquele promontório de espinhaços, aquelas vias que passavam entre as árvores gigantes.

“Eles esperam que tentemos chegar a uma não nave”, ele e Patrin concordaram, enquanto delineavam o plano. “A isca deve levar os batedores naquela direção.”

Patrin não dissera que ele seria a isca.

Teg engoliu em seco.

*Era impossível proteger Duncan no Forte*, pensou ele, justificando-se.

Era verdade.

Lucilla ficara agitada durante o primeiro dia debaixo do escudo-vital, que evitava que eles fossem descobertos por instrumentos ou buscas aéreas.

– Precisamos transmitir notícias a Taraza!

– Quando pudermos.

– E se alguma coisa acontecer com você? Devo conhecer seu plano de fuga!

– Se alguma coisa acontecer comigo, você não será capaz de seguir o caminho de Patrin. Não há tempo de gravá-lo em sua memória.

Duncan quase não tomara parte na conversa daquele dia. Ele os observara de maneira silenciosa ou cochilara, despertando a intervalos irregulares e uma expressão de raiva estampada no rosto.

No segundo dia debaixo da coberta escudo, Duncan perguntara a Teg, de maneira repentina:

– Por que eles querem me matar?

– Para frustrar os planos que a Irmandade tem para você – disse Teg.

Duncan fitara Lucilla:

– Que plano é esse?

Como Lucilla não respondeu, Duncan falara:

– Ela sabe. Ela sabe, porque supostamente devo depender dela. Supostamente devo amá-la!

Teg considerara que Lucilla escondera muito bem seu desalento. Obviamente, seus planos para o ghola haviam caído por terra, todo o sequenciamento fora desconjuntado por aquela fuga.

O comportamento de Duncan revelara outra possibilidade: seria ele um Proclamador da Verdade latente? Que poderes adicionais haviam sido incutidos naquele ghola pelos ardilosos Tleilaxu?

Durante o segundo anoitecer na floresta, Lucilla acusara:

– Taraza ordenou a você que restaurasse as memórias originais de Duncan! Como fará isso aqui fora?

– Quando chegarmos ao refúgio.

Um Duncan silencioso e bastante alerta os acompanhara aquela noite. Havia vitalidade renovada nele. Ele escutara!

*Nada deve ferir Teg*, pensou Duncan. Seja lá o que fosse ou onde ficasse esse “refúgio”, Teg deveria alcançá-lo de maneira segura. *E então, eu saberei!*

Duncan não tinha certeza do *que* devia saber, mas agora aceitava todo o valor disso. Aquele lugar selvagem deveria levar a esse objetivo. Ele se recordou de que observava esses locais ermos a partir do Forte e pensara como se sentiria livre ali. Aquele senso de liberdade intocada desaparecera. A selva era apenas um caminho para algo mais importante.

Lucilla, seguindo na retaguarda daquela marcha, se forçava a permanecer calma, alerta e aceitar o que não podia mudar. Parte dessa percepção se firmava nas ordens de Taraza.

“Fique próxima do gholá e, quando o momento chegar, complete sua tarefa.”

De passo em passo, o corpo de Teg media os quilômetros. Esta era a quarta noite. Patrin estimara quatro noites para atingir o objetivo.

*E que objetivo!*

O plano de fuga de emergência se centrava em uma descoberta que Patrin fizera ali quando ainda era um adolescente. Tratava-se de um dos vários mistérios de Gammu. Havia subtítulos tenebrosos para Gammu na memória de Teg. Aquele havia sido um feudo Harkonnen nos antigos dias imperiais. O diálogo com Patrin voltou à mente de Teg:

– Usando a desculpa de que faria um reconhecimento sozinho, retornei ao lugar dois dias atrás. Continua intocado. Ainda sou a única pessoa que já esteve lá.

– Como você pode ter tanta certeza?

– Tomei minhas precauções quando deixei Gammu, anos atrás; pequenas coisas que seriam mudadas de lugar por outra pessoa. Nada mudou.

– Um não globo Harkonnen?

– Muito antigo, mas as câmaras ainda estão intactas e operantes.

– E quanto à água, comida?

– Tudo que quiser ou precisar está lá, armazenado nos silos de nulentropia, ao centro.

Teg e Patrin haviam organizado seus planos, esperando jamais usar aquele esconderijo de emergência, mantendo o segredo



enquanto Patrin ensinava Teg o caminho oculto que levava à sua descoberta de infância.

Atrás de Teg, Lucilla suprimiu um pequeno arquejo ao tropeçar em uma raiz.

*Eu devia ter avisado a ela*, pensou Teg. Duncan, obviamente, seguia Teg pelo som. Lucilla, com a mesma obviedade, mantinha grande parte de sua atenção para seus próprios pensamentos.

A semelhança dela com Darwi Odrade era impressionante, disse Teg a si mesmo. Enquanto estavam no Forte, as duas ficaram uma ao lado da outra, e ele notara as diferenças estabelecidas pelas respectivas idades. A juventude de Lucilla se mostrava em maior adiposidade subcutânea, feições arredondadas na pele do rosto. Mas as vozes! Timbre, sotaque, truques de inflexão atonal, a marca registrada dos maneirismos de fala das Bene Gesserit. Era quase impossível distingui-las no escuro.

Conhecendo as Bene Gesserit como conhecia, Teg sabia que aquilo não era um acidente. Dada a inclinação da Irmandade para dobrar e redobrar suas valiosas linhas genéticas para proteger o investimento, deveria haver uma fonte ancestral em comum.

*Atreides, todos nós*, pensou ele.

Taraza não revelara os planos que envolviam o gholá, mas a própria participação de Teg no plano dava a ele um esboço do plano. Sem padrões completos, mas ele sentia certa unidade ali.

Geração após geração, a Irmandade lidava com os Tleilaxu, comprando gholas Idaho, treinando a todos em Gammu, apenas para que eles acabassem assassinados. Todo esse tempo esperando pelo momento certo. Era como um jogo terrível, o qual alcançara proeminência frenética, uma vez que uma menina capaz de comandar os vermes aparecera em Rakis.

Gammu, por si mesmo, devia ser parte do plano. Marcos caladanianos por toda parte. Sutilezas danianas sobrepostas em costumes antigos ainda mais brutais. Algo além da população saíra do Santuário Daniano onde a avó do Tirano, lady Jéssica, vivera seus últimos dias.

Teg notara os marcos abertos e cobertos quando fizera sua primeira excursão de reconhecimento de Gammu.

### *Riqueza!*

Os sinais estavam em todo lugar, só precisavam ser lidos. Fluíam ao redor do universo, movendo-se como amebas para se insinuarem em quaisquer lugares onde pudessem se alojar. Havia riqueza da Dispersão em Gammu, Teg sabia. Riqueza tão grande que poucos suspeitavam (ou podiam imaginar) de seu tamanho e poder.

De súbito, Teg parou. Padrões físicos na paisagem ao redor demandaram toda sua atenção. Diante deles jazia uma orla exposta de rocha nua, a qual Patrin plantara na memória dele. Essa passagem seria uma das mais perigosas.

“Sem cavernas ou vegetação densa para ajudar. Mantenham a coberta à mão.”

Teg removeu o escudo-vital de sua bagagem e o carregou no braço. Mais uma vez, indicou que eles deveriam continuar. O entrelaçado escuro do tecido-escudo farfalhava contra o corpo dele enquanto se movia.

Aos poucos, Lucilla deixava de ser um enigma, pensou ele. Ela aspirava a ter o título de *lady* antecedendo seu nome. *A lady Lucilla*. Sem dúvida era algo que soava agradável para ela. Algumas Reverendas Madres assim tituladas voltavam a aparecer agora que as Casas Maiores emergiam do longo obscurantismo imposto pelo Caminho Dourado do Tirano.

Lucilla, a Impressora-Sedutora.

Todas as mulheres da Irmandade com essa função eram peritas em sexo. A própria mãe de Teg lhe ensinara sobre o funcionamento daquele sistema e o enviara para mulheres locais bem selecionadas quando ele era bem jovem, tornando-o sensível aos indícios que deveria observar em si mesmo, assim como nas mulheres. Era um treinamento proibido, longe da vigilância da Casa Capitular, mas a mãe de Teg havia sido uma das *hereges* da Irmandade.

“Você precisará disso, Miles.”

Sem dúvida havia certo grau de presciência nela. Ela o armara contra as Impressoras, que eram treinadas em amplificação orgástica, com o objetivo de estabelecer laços inconscientes: do homem para a mulher.

*Lucilla e Duncan. Uma impressão dela seria o mesmo que uma impressão de Odrade.*

Teg praticamente ouvia as peças estalando ao se encaixarem em sua própria mente. Então o que seria da jovem em Rakis? Lucilla ensinaria as técnicas de sedução para seu pupilo imprimido, armando-o para enganar aquela que comandava os vermes?

*Ainda não havia informação suficiente para um Cômputo Primário.*

Teg fez uma pausa no final da perigosa abertura na passagem pelas rochas. Ele guardou a coberta e selou sua bagagem, enquanto Duncan e Lucilla esperavam logo atrás. Teg suspirou. A coberta sempre o preocupava. Ela não possuía os poderes defletores de uma coberta completa de campo de batalha, é se uma armalês a atingisse, o incêndio rápido que se seguia poderia ser fatal.

*Brinquedos perigosos!*

Era como Teg sempre classificava tais armas e dispositivos mecânicos. Era melhor contar com a própria esperteza, a própria carne e com as Cinco Atitudes da doutrina Bene Gesserit, como sua mãe lhe ensinara.

*Use os instrumentos apenas quando forem absolutamente necessários para amplificar a carne;* esse era o ensinamento Bene Gesserit.

– Por que paramos? – cochichou Lucilla.

– Escuto a noite – disse Teg.

Duncan, seu rosto como um borrão fantasmagórico sob a luz das estrelas filtrada pelas árvores, fitou Teg. As feições de Teg faziam com que ele se sentisse mais seguro. Elas estavam alojadas em algum lugar, em uma memória indisponível, pensou Duncan. *Posso confiar nesse homem.*

Lucilla suspeitou que eles pararam ali porque o velho corpo de Teg precisava de um descanso, mas ela não conseguia dizer isso em voz alta. Teg contara que seu plano de fuga incluía uma forma de levar Duncan até Rakis. Muito bem. Naquele momento, isso era tudo o que importava.

Ela já descobrira que aquele refúgio em algum lugar mais à frente envolvia uma não nave ou uma não sala. Nada mais seria suficiente. De alguma forma, Patrin fora de importância crucial para aquele momento. As escassas pistas de Teg revelaram que Patrin era a fonte da rota de fuga.

Lucilla fora a primeira a perceber como Patrin teria de pagar pela fuga. Patrin era o elo mais fraco. Ele permanecera para trás, para que Schwangyu o capturasse. A captura da isca era inevitável. Apenas um tolo imaginaria que uma Reverenda Madre com os poderes de Schwangyu não seria capaz de arrancar os segredos de um mero homem. Schwangyu nem precisaria de uma persuasão

pesada. As sutilezas da Voz e as formas dolorosas de interrogatório que permaneciam monopólio da Irmandade (a caixa da agonia e a pressão dos nódulos nervosos, por exemplo) eram tudo de que ela precisaria.

A forma da lealdade de Patrin se tornara clara para Lucilla naquele momento. Como Teg fora tão cego?

*Amor!*

O longo elo de confiança entre os dois. Schwangyu agiria de forma rápida e brutal. Patrin sabia. Teg não examinara seu próprio conhecimento tão óbvio.

A voz de Duncan a afastou desses pensamentos.

– Tóptero! Atrás de nós!

– Rápido! – Teg arrancou a coberta de sua bagagem e a jogou sobre eles. Os três se amontoaram na escuridão que cheirava a terra, ouvindo o ornitóptero passando acima deles. A nave não parou, nem retornou.

Quando tiveram certeza de que não haviam sido detectados, Teg mais uma vez os liderou pelo *caminho memorial* de Patrin.

– Aquilo era um batedor – disse Lucilla. – Eles começam a suspeitar... ou Patrin...

– Guarde suas energias para a caminhada – interrompeu Teg.

Ela não insistiu. Ambos sabiam que Patrin estava morto. O debate sobre essa questão se esgotara.

*Esse Mentat se aprofunda*, Lucilla disse a si mesma.

Teg era filho de uma Reverenda Madre e ela o treinara além dos limites permitidos, antes que a Irmandade o levasse com suas mãos manipuladoras. O ghola não era o único ali com recursos desconhecidos.

A trilha se tornara sinuosa, uma trilha de caça que subia uma colina íngreme, passando por uma floresta densa. A luz das estrelas

não passava pela vegetação. Apenas a memória prodigiosa do Mentat os mantinha no caminho.

Lucilla sentiu a folhagem morta sob seus pés. Ela ouvia os movimentos de Teg e os usava para guiar seus próprios pés.

*Como Duncan está silencioso*, pensou ela. *Como ele se fecha dentro de si mesmo*. Ele obedecia a ordens. Ele seguia por onde Teg o conduzia. Ela pressentiu a qualidade da obediência de Duncan. Ele mantinha sua própria intuição. Só obedecia porque lhe convinha: por ora. A rebelião de Schwangyu plantara algo de independência selvagem no ghola. E que coisas os Tleilaxu teriam plantado nele?

Teg parou em um ponto nivelado, embaixo de árvores altas, para recuperar o fôlego. Lucilla podia ouvi-lo respirando profundamente. Isso fez com que ela se lembrasse mais uma vez que o Mentat era muito idoso, velho demais para esse tipo de esforço. Ela falou de maneira calma:

- Você está bem, Miles?
- Avisarei quando não estiver.
- Quanto falta? – perguntou Duncan.
- Agora falta bem pouco.

Logo depois, Teg retomou a caminhada através da noite.

– Devemos nos apressar – disse ele. – A corcova desse morro é a última parte da caminhada.

Agora que aceitara a morte de Patrin, os pensamentos de Teg se moviam como a agulha de uma bússola na direção de Schwangyu e o que ela deveria estar experimentando. Schwangyu estaria sentindo como se o mundo desabasse sobre ela. Os fugitivos haviam saído há quatro dias! Pessoas que enganavam uma Reverenda Madre dessa forma eram capazes de tudo!

Naturalmente, àquela altura, os fugitivos já deviam estar fora do planeta. Uma não nave. Mas e se...

Os pensamentos de Schwangyu estariam cheios de “e se”.

Patrin fora o elo frágil, mas bem treinado na remoção de elos frágeis, treinado por um mestre: Miles Teg.

Teg meneou rapidamente a cabeça para retirar a umidade em seus olhos. A necessidade imediata requeria um núcleo interno de honestidade, o qual ele não podia evitar. Teg nunca fora um bom mentiroso, nem para si próprio. No começo de seu treinamento, ele percebera que sua mãe e as outras pessoas envolvidas em sua criação o condicionaram a um profundo senso de honestidade pessoal.

*Aderência a um código de honra.*

O próprio código, já que ele reconhecia sua forma dentro de si, atraía e fascinava a atenção de Teg. Começava com o reconhecimento de que os homens não eram criados iguais, que eles possuíam habilidades inerentes e experimentavam eventos distintos em suas vidas. Isso produzia pessoas com realizações e méritos diferentes.

Para obedecer a esse código, Teg logo percebera que deveria se colocar fielmente no fluxo das hierarquias observáveis, aceitando que chegaria o momento em que ele não evoluiria mais.

O condicionamento do código era profundo. Ele jamais conseguira encontrar suas derradeiras raízes. Tal código estava arraigado a algo intrínseco a sua humanidade. Ele ditava, com um poder imenso, os limites de comportamento permitidos em relação àqueles acima na pirâmide hierárquica, bem como aos que estavam abaixo dele.

*O símbolo-chave da troca: lealdade.*

A lealdade se dirigia para cima e para baixo, alojando-se onde quer que encontrasse uma ligação merecedora. Tais lealdades, Teg sabia, estavam fixas a ele de forma segura. Ele não tinha dúvidas de que Taraza o apoiaria em tudo, exceto em uma situação em que o sacrifício dele fosse necessário para a sobrevivência da Irmandade. E, em si, isso estava certo. Era ali que as lealdades de todos por fim se alocavam.

*Sou o bashar de Taraza. É o que diz o código.*

E fora este mesmo código que matara Patrin.

*Espero que você tenha partido sem dor, velho amigo.*

Mais uma vez, Teg parou debaixo das árvores. Pegando sua faca de combate da bainha na bota, ele arranhou uma pequena marca na árvore ao seu lado.

– O que você está fazendo? – perguntou Lucilla.

– Uma marca secreta – respondeu Teg. – Somente o pessoal que treinei a conhece. E, naturalmente, Taraza.

– Mas por que você está...

– Explicarei mais tarde.

Teg prosseguiu adiante, parando em outra árvore onde fez a diminuta marca, algo que um animal poderia ter feito com as garras, algo que se misturava nas formas naturais daquela selva.

Enquanto seguia o caminho, Teg percebeu que chegara a uma decisão em relação a Lucilla. Os planos dela para Duncan tinham de ser desviados. Todas as projeções Mentat que Teg era capaz de fazer sobre a segurança e sanidade de Duncan requeriam essa conduta. As memórias pré-ghola de Duncan deveriam ser despertadas antes de qualquer Impressão de Lucilla. Não seria fácil detê-la, Teg sabia. Era necessário um mentiroso com mais habilidade do que ele para enganar uma Reverenda Madre.



Deveria parecer algo acidental, uma decorrência natural das circunstâncias. Lucilla jamais poderia suspeitar de alguma oposição a ela. Teg guardava poucas ilusões de obter sucesso contra uma Reverenda Madre provocada entre quatro paredes. Melhor matá-la. Ele acreditava que seria capaz de fazer isso. Mas as consequências! Taraza não consideraria esse ato sanguinário como obediência a suas ordens.

Não, ele teria de dar tempo ao tempo, esperar, observar e escutar.

Eles emergiram em uma pequena clareira, com uma alta barreira de rocha vulcânica mais adiante. Arbustos raquíticos e espinheiros baixos cresciam nas cercanias, contra a rocha, visíveis como manchas escuras sob a luz das estrelas.

Teg viu o contorno escuro de um espaço suficiente para rastejar sob os arbustos.

– Precisamos nos arrastar de barriga daqui em diante – disse Teg.

– Sinto cheiro de cinzas – disse Lucilla. – Algo foi queimado aqui.

– A isca veio até aqui – disse Teg. – Ele deixou uma área chamuscada bem à nossa esquerda... simulando as marcas de queima deixada pela decolagem de uma não nave.

A inspiração súbita de Lucilla foi audível. *A audácia!* Caso Schwangyu ousasse trazer uma batedora presciente para seguir os rastros de Duncan (porque, entre eles, somente Duncan não tinha o sangue ancestral de Siona para ocultá-lo), todos os sinais concordariam que eles seguiram por esse caminho e fugiram do planeta em uma não nave... dado que...

– Mas aonde você está nos levando?

– Até um não globo Harkonnen – respondeu Teg. – Está aqui há milênios e agora é nosso.

**De forma bem natural, os detentores do poder anseiam por suprimir pesquisas desorientadas. A procura irrestrita por conhecimento possui uma longa história de produzir competição não requisitada. Os poderosos querem uma “linha segura de investigações”, a qual desenvolverá apenas produtos e ideias que podem ser controlados e, ainda mais importante, que permitirão que a maior parte dos benefícios seja capturada pelos investidores internos. Infelizmente, um universo aleatório, cheio de variáveis relativas, não assegura tais “linhas seguras de investigações”.**

**– Avaliação de Ix, Repositório Bene Gesserit**

Hedley Tuek, Sumo Sacerdote e soberano titular de Rakis, sentiu-se inadequado para as demandas que acabavam de ser impostas sobre ele.

A noite enevoada pela poeira envolvia a cidade de Kina, mas ali em sua câmara privada de audiências o brilho de incontáveis luciglobos bania as sombras. Contudo, até ali, no coração do Templo, podia-se ouvir o vento, um gemido distante, o suplício periódico daquele planeta.

A câmara de audiência era uma sala irregular, com sete metros de comprimento e quatro metros em sua lateral mais larga. O extremo oposto era mais estreito, apesar de a diferença ser quase imperceptível. O teto, por sua vez, formava um declive suave naquela direção. Cortinas de fibra de especiaria e sombreados habilmente colocados em tons de amarelos e cinza ocultavam essas

irregularidades. Uma das cortinas acobertava uma trompa de focalização que levava até mesmo os sons quase inaudíveis àqueles que escutavam fora da sala.

Apenas Darwi Odrade, a nova comandante do Forte das Bene Gesserit em Rakis, se sentava com Tuek na câmara de audiências. Estavam um de frente para o outro, em um espaço estreito e definido por suas macias almofadas verdes.

Tuek tentou esconder um esgar. O esforço transformou suas feições, normalmente majestosas, em uma máscara reveladora. Ele tomara muito cuidado ao se preparar para os confrontos daquela noite. Camareiros haviam passado o manto sobre sua figura alta e um pouco robusta. Sandálias douradas ornavam seus pés longos. O trajestilador debaixo do manto era apenas um adorno: sem bombas nem bolsas coletoras, sem necessidade de ajustes que consumiam tempo. O cabelo grisalho e sedoso fora penteado ao longo dos ombros, em uma moldura adequada para seu rosto quadrado, com sua boca larga de lábios espessos e queixo maciço. De súbito, os olhos dele tomaram um aspecto benevolente, uma expressão que ele copiara de seu avô. Foi assim que ele se apresentou na entrada da câmara de audiência para encontrar Odrade. Ele se sentira bem imponente, mas de súbito sentiu-se nu e despenteado.

*Ele não passa de um camarada de cabeça oca*, pensou Odrade.

Tuek pensava: *Não posso discutir esse terrível Manifesto com ela. Não quando há um Mestre tleilaxu e aqueles Dançarinos Faciais ouvindo tudo no cômodo ao lado. O que passava pela minha cabeça quando concedi minha permissão?*

– É heresia, pura e simples – disse Tuek.

– Mas os senhores são apenas uma religião em meio a várias – contrapôs Odrade. – E, com as pessoas retornando da Dispersão, a proliferação de cismas religiosos e crenças variantes...

– Somos a única verdadeira fé! – exaltou-se Tuek.

Odrade disfarçou um sorriso. *Ele disse no momento certo. E Waff com certeza o ouvirá.* Tuek era muito fácil de manipular. Se a Irmandade estivesse correta a respeito de Waff, as palavras de Tuek irritariam o Mestre Iteilaxu.

Em tom profundo e portentoso, Odrade respondeu:

– O Manifesto levanta questões que todos devem discutir, crentes e infiéis.

– O que tudo isso tem a ver com a criança sagrada? – indagou Tuek. – A senhora me disse que nosso encontro seria a respeito de questões concernentes a...

– De fato! Não tente negar seu conhecimento de que várias pessoas começam a adorar Sheeana. O Manifesto implica...

– Manifesto! Manifesto! Um documento herege, que será obliterado. Quanto a Sheeana, ela deve retornar exclusivamente a nossos cuidados.

– Não – Odrade respondeu de forma suave.

Como Tuek ficara agitado, pensou ela. O pescoço rígido se movia minimamente à medida que ele virava a cabeça de um lado para o outro. Os movimentos apontavam para a cortina à direita de Odrade, definindo o local como se a cabeça de Tuek carregasse um holofote para destacar aquela cortina em particular. Que homem transparente era esse Sumo Sacerdote. Ele podia simplesmente anunciar que Waff escutava a tudo em algum lugar atrás daquela cortina.

– O próximo passo das senhoras será levá-la para longe de Rakis.

– Ela fica aqui – disse Odrade. – Assim como prometemos.

– Mas por que ela não pode...

– Ora, já basta! Sheeana deixou claro o que deseja e estou certa de que as palavras dela chegaram ao senhor. Ela deseja se tornar uma Reverenda Madre.

– Ela já é a...

– Milorde Tuek! Não tente dissimulações comigo. Ela declarou seus desejos e estamos felizes em cumpri-los. Por que o senhor deveria se opor? Reverendas Madres serviam ao Deus Dividido nos tempos dos fremen. Por que não agora?

– As senhoras Bene Gesserit usam de artifícios para que as pessoas falem o que não desejam – acusou Tuek. – Não devíamos discutir esse assunto privadamente. Meus conselheiros...

– Seus conselheiros servem apenas para atrapalhar nossa conversa. As implicações do Manifesto Atreides...

– Falarei apenas sobre Sheeana! – Tuek se empertigou, uma postura a qual ele considerava de um inflexível Alto Sacerdote.

– *Estamos* falando sobre ela – disse Odrade.

– Então, deixe-me esclarecer que requeremos mais do que pessoal nosso na comitiva dela. Sheeana precisa de guarda por todos...

– Da forma como foi guardada naquele telhado? – perguntou Odrade.

– Reverenda Madre Odrade, este é o planeta sagrado de Rakis! A senhora não tem direitos aqui, a não ser aqueles que permitimos.

– Direitos? Sheena virou o alvo (sim, o alvo!) de inúmeras ambições, e o senhor quer discutir direitos?

– Meus deveres como Sumo Sacerdote são claros. A Igreja Sagrada do Deus Dividido vai...

– Milorde Tuek! Estou me esforçando para manter as devidas cortesias. O que faço é para nosso benefício mútuo. As ações que tomamos...

– Ações? Que ações? – As palavras saíram de Tuek como um grunhido rouco. Essas terríveis bruxas Bene Gesserit. Um Tleilaxu atrás dele e uma Reverenda Madre à frente! Tuek se sentiu como uma bola em um jogo temível, lançado para a frente e para trás, entre energias aterradoras. A Rakis pacífica, o lugar seguro de suas rotinas diárias, desaparecera e Tuek fora arremessado em uma arena cujas regras ele não compreendia totalmente.

– Convoquei o bashar Miles Teg – disse Odrade. – Será o bastante. Seu pessoal avançado logo chegará. Reforçaremos suas defesas planetárias.

– A senhora ousa tomar o controle...

– Não tomamos controle sobre nada. A pedido de seu próprio pai, a equipe de Teg redesenvolveu suas defesas. Sob o âmbito de tal acordo há, por insistência do seu pai, uma cláusula que requer revisões periódicas das defesas.

Tuek permaneceu em silêncio estupefato. Waff, aquele Tleilaxu minúsculo e ominoso, ouvira tudo. Haveria conflitos! Os Tleilaxu queriam um acordo secreto que estabelecesse o valor do mélange. Eles não permitiriam a interferência das Bene Gesserit.

Odrade falara do pai de Tuek e agora o Sumo Sacerdote apenas desejava que seu pai, morto há muito tempo, estivesse sentado ali. Um homem inflexível. Saberá como lidar com as forças da oposição. *E*le sempre lidara muito bem com os Tleilaxu. Tuek se lembrou do dia em que escutara (exatamente como Waff escutava agora) um enviado dos Tleilaxu chamado Wose... e outro chamado Pook. Ledden Pook. Que nomes esquisitos esses Tleilaxu tinham.

Os pensamentos confusos de Tuek, de súbito, lhe forneceram outro nome. Odrade acabara de mencioná-lo: *Teg*! Aquele velho monstro ainda estava na ativa?

Odrade continuava falando. Tuek tentou engolir em seco conforme se inclinava para a frente, forçando-se a prestar atenção.

– Teg também investigará as defesas no próprio planeta. Depois daquele fiasco no telhado...

– Proíbo oficialmente a interferência em nossos assuntos internos – afirmou Tuek. – Não há necessidade. Nossos sacerdotes guardiões são perfeitamente adequados a...

– Adequados? – Odrade balançou a cabeça de forma triste. – Que palavra inadequada, dadas as novas circunstâncias em Rakis.

– Que circunstâncias são essas? – O terror se estampava na voz de Tuek.

Odrade simplesmente continuou sentada ali, olhando para ele.

Tuek se forçou a organizar seus pensamentos. Será que ela sabia sobre o Tleilaxu que os ouvia? Impossível! Ele inspirou de forma trêmula. Que conversa era essa sobre as defesas em Rakis? As defesas eram excelentes, ele se reassegurou. Eles contavam com os melhores monitores ixianos e não naves. Mais do que isso, era uma questão de vantagem para todos os poderes independentes que Rakis permanecesse autônoma de maneira igualitária, como fonte alternativa de especiaria.

*Para o bem de todos, exceto os Tleilaxu, com aquela execrável superprodução de mélange vinda de seus tanques axolotles!*

Era um pensamento aterrador. Um Mestre tleilaxu ouvindo cada palavra murmurada naquela câmara de audiência!

Tuek invocou a proteção de Shai-hulud, o Deus Dividido. Aquele homenzinho terrível ali atrás sabia que ele também falara aos ixianos e às Oradoras Peixe. Ele apresentara documentos. Quais eram as “novas circunstâncias” que Odrade falara? Nada permanecia escondido daquelas bruxas por muito tempo!

O Sumo Sacerdote não conseguiu reprimir um estremecimento ao pensar em Waff: aquela cabeça pequena e redonda, os olhos brilhantes; o nariz de porco e os dentes afiados por trás do sorriso frio. Waff se parecia com uma criança que havia sido levemente esticada, até se fitar aqueles olhos e o ouvisse falar com aquela voz esganiçada. Tuek se recordou da reclamação de seu próprio: “Os Tleilaxu dizem coisas terríveis com aquelas vozes infantis!”.

Odrade mudou de posição na almofada. Ela pensou em Waff, escutando o diálogo do lado de fora. Será que ele ouvira o bastante? Suas próprias ouvintes secretas deveriam estar se fazendo a mesma pergunta naquele instante. Reverendas Madres sempre repetiam diálogos verbais, procurando melhorar e encontrar novas vantagens para a Irmandade.

*Waff ouviu o suficiente*, disse Odrade a si mesma. *Hora de virar o jogo.*

No tom mais prosaico possível, Odrade continuou:

– Milorde Tuek, alguém importante está ouvindo o que conversamos aqui. É reflexo de boa educação que essa pessoa escute em segredo?

Tuek cerrou os olhos. *Ela sabe!*

Ele abriu os olhos e encontrou a mirada impassível de Odrade. Da forma como ela o encarava, parecia estar disposta a esperar pela resposta até o fim da eternidade.

– Educação? Eu... eu...

– Convide o ouvinte secreto para sentar-se conosco – sugeriu Odrade.

Tuek passou a mão pela testa úmida. Seu pai e seu avô, seus antecessores Sumos Sacerdotes, haviam estabelecido respostas cerimoniais para a maioria das ocasiões, mas nenhuma que fizesse menção a um momento como esse. Convidar um Tleilaxu para



sentar ali? Naquela câmara com... De repente, Tuek se lembrou de que não suportava o cheiro dos Mestres tleilaxu. Seu pai sempre reclamava disso: “Eles têm cheiro de comida estragada!”.

Odrade ficou de pé.

– Prefiro olhar para aqueles que ouvem minhas palavras – disse ela. – Devo eu mesma chamar o ouvinte escondido para...

– Por favor! – Tuek permaneceu sentado, mas levantou a mão para impedi-la. – Não tive escolha. Ele veio com documentos das Oradoras Peixe e dos ixianos. Disse que nos ajudaria a trazer Sheeana de volta para nossa...

– Ajudá-los? – Odrade olhou para baixo, na direção do sacerdote suado, com um sentimento que se aproximava de pena. Aquela pessoa se considerava o soberano de Rakis?

– Ele é um dos Bene Tleilax – disse Tuek. – Seu nome é Waff e...

– Sei o nome dele e sei o motivo de estar aqui, milorde Tuek. O que me perturba é que o senhor permita que ele nos espione...

– Não é espionagem! Estamos negociando. Quero dizer, existem novas forças às quais devemos ajustar nossas...

– Novas forças? Ah sim: as meretrizes da Dispersão. Esse tal Waff trouxe alguma delas consigo?

Antes que Tuek respondesse, a porta de lado da câmara de audiência se abriu. Waff aproveitou a deixa e entrou, com dois Dançarinos Faciais atrás dele.

*Ele recebeu avisos para não trazer Dançarinos Faciais!*, pensou Odrade.

– Apenas o senhor! – disse Odrade, apontando para os Dançarinos Faciais. – Esses dois não foram convidados, não é milorde Tuek?

Tuek se levantou de forma pesada, notando a proximidade de Odrade, relembrando todas as terríveis histórias sobre as proezas físicas das Reverendas Madres. A presença dos Dançarinos Faciais aumentava seu estado de confusão. Eles sempre o enchiam de pressentimentos assustadores.

Virando-se em direção à porta e tentando se recompor para transparecer cortesia, Tuek murmurou:

– Apenas... apenas o embaixador Waff, por favor.

A fala machucava a garganta de Tuek. Era pior que terrível! Ele se sentiu desnudo na frente daquelas pessoas.

Odrade indicou uma almofada próxima a ela.

– Waff, não é mesmo? Por favor, entre e sente-se.

Waff assentiu como se jamais tivesse visto Odrade antes. *Quanta educação!* Com um gesto para que seus Dançarinos Faciais permanecessem do lado de fora, ele atravessou a câmara até a almofada indicada por ela, mas parou, de pé, esperando ao lado.

Odrade sentiu a tensão fluir por dentro do Tleilaxu baixote. Algo parecido com um rosnado estremeceu seus lábios. Ele ainda mantinha aquelas armas debaixo das mangas. Estaria ele prestes a quebrar o acordo?

Odrade sabia que já era hora de as suspeitas de Waff recuperarem toda sua força original e ganharem ainda mais força. Ele se sentia encurralado pelas manobras de Taraza. Waff queria as mães reprodutoras! O cheiro forte e desagradável dos feromônios anunciavam seus medos mais profundos. Ele carregava em sua mente, então, sua parte no acordo... ou, pelo menos, uma *forma* dessa parte. Taraza não esperava que Waff realmente compartilhasse todo o conhecimento que recebera das Honoráveis Matres.

– Milorde Tuek me contou que os senhores andaram... hmmm, negociando – disse ela. *Deixe que ele se lembre dessa palavra!* Waff sabia onde as negociações verdadeiras deviam ser concluídas. Enquanto falava, Odrade se ajoelhou, depois voltou para sua almofada, mas seus pés permaneceram posicionados para impulsioná-la longe de qualquer possível linha de ataque de Waff.

Waff lançou um olhar para ela e para a almofada indicada a ele. Lentamente, deixou-se cair no acolchoado, mas os braços permaneceram em seus joelhos, as mangas na direção de Tuek.

*O que ele está fazendo?* Odrade se perguntou. Os movimentos de Waff demonstravam que ele embarcara em um plano próprio.

Odrade falou:

– Tento convencer o Sumo Sacerdote sobre a importância do Manifesto Atreides para nossa mútua...

– Atreides! – Tuek falou de maneira abrupta. Quase despencou em sua almofada. – Não pode ser Atreides.

– Um manifesto bastante persuasivo – completou Waff, reforçando o medo óbvio de Tuek.

Pelo menos essa parte *estava* de acordo com o plano, pensou Odrade. Ela disse:

– A promessa de s'tori não pode ser ignorada. Muitas pessoas equacionam s'tori com a presença de seu deus.

Waff a encarou diretamente, surpreso e irritado.

Tuek disse:

– O embaixador Waff me informa que os ixianos e as Oradoras Peixe ficaram alarmados diante desse documento, mas eu o assegurei de que...

– Acho melhor ignorarmos as Oradoras Peixe – interrompeu Odrade. – Elas veem o dedo de deus em tudo.

Waff reconheceu a hipocrisia nas palavras dela. Estaria Odrade zombando dele? Ela estava certa sobre as Oradoras Peixe, é claro. Elas se afastaram tanto de suas antigas devoções que influenciavam muito pouco e o que elas *de fato* influenciavam poderia ser manobrado pelo novo Dançarino Facial que agora era o líder delas.

Tuek tentou sorrir para Waff.

– O senhor falou em nos ajudar a...

– Teremos tempo para discutir isso depois – interrompeu Odrade. Ela deveria manter a atenção de Tuek no documento que o perturbava tanto. Ela parafraseou o Manifesto: – “Sua vontade e sua fé, todo seu sistema de crenças, dominam seu universo”.

Tuek reconheceu as palavras. Ele as lera naquele terrível documento. Aquele *Manifesto* dizia que Deus e todas as Suas obras nada mais eram do que criações humanas. Ele imaginava como deveria responder. Nenhum Sumo Sacerdote podia deixar uma coisa dessas sem contestação.

Antes que Tuek encontrasse as palavras certas, Waff encarou Odrade e respondeu de uma forma que ela interpretaria corretamente. Odrade não faria menos que isso, sendo quem era.

– O erro da presciência – disse Waff. – Não é assim que o documento o chama? Não é essa a passagem na qual, de acordo com o documento, a mente dos fiéis fica estagnada?

– Exato! – respondeu Tuek. Ele se sentiu agradecido pela intervenção do Tleilaxu. Esse era precisamente o centro daquela perigosa heresia!

Waff não olhou para o Sumo Sacerdote, mas continuou a fitar Odrade. As Bene Gesserit pensavam que seus projetos eram inescrutáveis? Vamos ver o que acontece quando encontrarem um poder maior. Ela se achava tão forte! Mas as Bene Gesserit não

podiam saber com certeza como o Todo Poderoso protegia o futuro da Shariat!

Tuek não seria detido.

– O documento atinge tudo que consideramos sagrado! E foi divulgado por toda parte!

– Pelos Tleilaxu – disse Odrade.

Waff levantou as mangas, direcionando as armas para Tuek. Hesitou apenas porque viu que Odrade reconheceria parte de suas intenções.

O olhar de Tuek passou de um para o outro. Seria a acusação de Odrade verdadeira? Ou apenas outro truque das Bene Gesserit?

Odrade percebeu a hesitação de Waff e adivinhou seus motivos. Ela repassou o raciocínio em sua mente, buscando suas motivações. Que vantagem ele ganharia, caso matasse Tuek? Obviamente, Waff queria substituir o Sumo Sacerdote por um dos seus Dançarinos Faciais. Contudo, o que ele de fato ganhava com isso?

Lutando para ganhar tempo, Odrade falou:

– O senhor deveria ser mais cauteloso, *embaixador* Waff.

– Quando foi que a cautela governou as grandes necessidades?  
– rebateu Waff.

Tuek se levantou e se moveu pesadamente para o lado, apertando as mãos.

– Por favor! Este é um recinto sagrado. É proibido discutir heresias aqui, a menos que planejemos destruí-las. – Ele olhou para Waff. – Isso não é verdade, não é? Os senhores não escreveram aquele documento terrível?

– Não é nosso – concordou Waff. *Aquele maldito sacerdote janota!* Tuek se deslocara bastante para o lado e mais uma vez se apresentava como um alvo em movimento.

– Eu sabia! – disse Tuek, caminhando por trás de Waff e Odrade.

Odrade mantinha o olhar fixo em Waff. Ele planejava um assassinato! Ela tinha certeza.

Tuek falou, por trás dela.

– As senhoras não sabem o quanto são injustas para conosco, Reverenda Madre. Ser Waff me perguntou se queríamos formar um cartel de mélange. Expliquei que nossos preços deveriam se manter inalterados porque uma das senhoras foi a avó de Deus.

Waff baixou a cabeça, aguardando. O sacerdote voltaria para o alcance da mira. Deus não permitiria fracassos.

Tuek ficou de pé atrás de Odrade, olhando para baixo, na direção de Waff. Um calafrio percorreu o sacerdote. Os Tleilaxu eram tão... tão repulsivos e amorais. Não se podia confiar neles. Como a negação de Waff podia ser aceita?

Sem tirar os olhos de Waff, Odrade afirmou:

– Contudo, milorde Tuek, a expectativa de aumentar a renda não é atrativa para o senhor? – Ela percebeu o braço direito de Waff se virar levemente, quase mirando nela. As intenções dele se tornaram claras.

– Milorde Tuek – revelou Odrade –, esse Tleilaxu quer nos matar.

Com as palavras de Odrade, Waff lançou os dois braços para cima, tentando mirar nos dois alvos, algo difícil já que ambos estavam afastados. Antes que os músculos respondessem, Odrade estava sobre ele. Ela ouviu o assobio fraco dos lançadores de dardos, mas não sentiu picada alguma. Seu braço esquerdo desceu em um golpe arrasador e quebrou o braço direito de Waff. Seu pé direito quebrou o braço esquerdo dele.

Waff urrou.

Ele nunca esperara tanta rapidez de uma Bene Gesserit. Era quase igual ao que testemunhara das Honoráveis Matres na nave

de conferências ixiana. Mesmo com tanta dor, ele percebeu que deveria relatar aquilo. Reverendas Madres comandavam desvios sinápticos quando estavam sob ameaça!

A porta localizada às costas de Odrade se abriu. Os Dançarinos Faciais correram para dentro da câmara, mas Odrade já estava bem posicionada atrás de seu oponente, com as duas mãos contornando a garganta de Waff:

– Parem ou ele morre! – gritou ela.

Os dois pararam.

Waff se contorcia entre as mãos de Odrade.

– Fique parado! – Ela comandou. Odrade lançou um olhar para Tuek, prostrado no chão à direita dela. Um dardo atingira o alvo.

– Waff matou o Sumo Sacerdote – disse Odrade, informando suas próprias ouvintes secretas.

Os dois Dançarinos Faciais continuavam a encará-la. A indecisão deles era fácil de ser detectada. Nenhum, percebeu ela, compreendera como a situação acabara nas mãos das Bene Gesserit. Os Tleilaxu de fato caíram em sua armadilha!

Odrade ordenou aos Dançarinos Faciais:

– Saiam e removam aquele corpo até o corredor. Fechem a porta. Seu Mestre fez uma tolice. Ele precisará de vocês mais tarde.

– Para Waff, ela disse: – Por enquanto, o senhor precisa mais de mim do que de seus Dançarinos Faciais. Mande-os embora.

– Saiam – guinchou Waff.

Uma vez que os Dançarinos Faciais continuavam encarando Odrade, ela disse:

– Se vocês não saírem imediatamente, vou matá-lo e em seguida despacharei vocês também.

– Vão! – Waff bradou.

Os Dançarinos Faciais interpretaram isso como um comando para obedecer seu Mestre. Odrade percebeu algo mais na voz de Waff. Ele obviamente teria de ser convencido a sair daquela histeria suicida.

Uma vez sozinha com ele, Odrade removeu as armas usadas das mangas e guardou-as em seu próprio bolso. Seriam examinadas em detalhes mais tarde. Havia pouco a fazer sobre os ossos quebrados dele, exceto deixar Waff inconsciente por alguns instantes e colocá-los no lugar e imobilizá-los. Improvisou talas com as almofadas e tiras rasgadas do tecido verde da mobília do Sumo Sacerdote.

Waff despertou sem demora. Resmungou quando viu Odrade.

– Somos aliados agora – disse ela. – Parte do meu pessoal e representantes de uma facção que pretende substituir Tuek ouviram o que se passou nesta câmara.

Aquilo foi rápido demais para Waff. Levou um tempo para que ele absorvesse o que ela dissera. A mente dele se focou, entretanto, na coisa mais importante.

– Aliados?

– Imagino que com Tuek fosse difícil de lidar – disse ela. – Benefícios óbvios eram oferecidos a ele e, invariavelmente, Tuek embromava. O senhor fez um favor aos sacerdotes que queriam matá-lo.

– Eles nos ouvem neste momento? – indagou Waff.

– Claro que sim. Vamos discutir sua proposta de monopólio da especiaria. O infeliz e finado Sumo Sacerdote disse que o senhor mencionou tal proposta. Vejamos se posso deduzir a extensão de sua oferta.

– Meus braços – gemeu Waff.



– O senhor ainda está vivo – respondeu ela. – Seja mais agradecido pela minha sabedoria. Eu poderia tê-lo matado.

Ele virou a cabeça para longe dela.

– Teria sido melhor.

– Não para Bene Tleilax e tampouco para minha Irmandade – disse ela. – Deixe-me ver. Sim, o senhor prometeu fornecer a Rakis várias colheitadeiras de especiaria, as novas do tipo aéreo, aquelas que somente tocam o deserto com as pontas dos coletores.

– A senhora escutou! – acusou Waff.

– De maneira alguma. Uma proposta muito atraente, dada a minha certeza que os ixianos forneceriam o equipamento de graça, pelas razões próprias a eles. Devo continuar?

– A senhora disse que éramos aliados.

– Um monopólio forçaria a Guilda a comprar mais máquinas de navegação ixianas. O senhor teria a Guilda nas mandíbulas do seu triturador.

Waff levantou a cabeça para encará-la. O movimento gerou uma agonia que percorreu seus braços quebrados e ele gemeu. Apesar da dor, examinou Odrade entre as pálpebras. As bruxas realmente acreditavam que essa era a extensão do plano Tleilaxu? Ele não conseguia se atrever a imaginar que as Bene Gesserit pudessem ser iludidas tão facilmente.

– Claro que esse não era seu plano básico – completou Odrade.

Os olhos de Waff se abriram de forma repentina. Odrade lia sua mente!

– Sinto-me desonrado – disse ele. – Quando a senhora salvou minha vida, salvou algo inútil. – Ele desabou sobre si mesmo.

Odrade inalou de forma profunda. *Hora de usar os resultados de nossas análises da Casa Capitular.* Ela se aproximou de Waff e sussurrou em seu ouvido:

– A Shariat ainda precisa do senhor.

Waff ofegou.

Odrade se reclinou de volta. Aquele ofegar entregava tudo. Análise confirmada.

– Você pensou que tinha aliados melhores entre o pessoal da Dispersão – disse ela. – Aquelas Honoráveis Matres e outras hetairas daquela estirpe. Pergunto ao senhor: o porclesma se alia com seu próprio lixo?

Waff ouvira aquela pergunta ser pronunciada somente em kehl. Com o rosto pálido, ele respirava de maneira sôfrega. As implicações nas palavras dela ! Ele se forçou a ignorar a dor nos braços. *Aliados*, ela dissera. Ela sabia sobre a Shariat! Como ela poderia saber sobre isso?

– Como qualquer um de nós pode ignorar as incontáveis vantagens de uma aliança entre Bene Tleilax e Bene Gesserit? – perguntou Odrade.

*Aliança com as bruxas powindah?* A mente de Waff estava em turbilhão. Ele tentava controlar a agonia em seus braços. Sentia-se tão frágil naquele momento! Um gosto ácido de bile surgiu na parte posterior de sua língua.

– Ah – disse Odrade. – Consegue ouvir ao longe? O sacerdote Krutansik e sua facção chegaram a nossa porta. Eles vão propor que um de seus Dançarinos Faciais assuma a forma do falecido Hedley Tuek. Qualquer outro caminho causaria muita turbulência. Krutansik é um homem relativamente sábio, que se manteve nos bastidores até agora. Seu tio, Stiros, o preparou muito bem.

– O que sua Irmandade ganha com uma aliança conosco? – Waff conseguiu formular a pergunta.

Odrade sorriu. Agora ela podia contar a verdade. Sempre era mais fácil de contar e, com frequência, provava-se o argumento

mais poderoso.

– Nossa sobrevivência em face da tempestade que se forma entre os Dispersos – disse ela. – Assim como sobrevivência Tleilaxu. A última coisa que podemos desejar é o fim daqueles que preservam a *Grande Fé*.

Waff se retraiu. Ela falara abertamente! Então ele compreendeu. O que importava se outros ouvissem? Eles não eram capazes de ver os segredos escondidos por trás das palavras ali pronunciadas.

– Nossas mães reprodutoras estão prontas para o senhor – disse Odrade. Ela fitou os olhos dele de forma dura e Odrade acenou como um sacerdote zen-sunita.

Waff sentiu como se uma faixa apertada fosse retirada de seu peito. O inesperado, o impensável, o *inacreditável* era verdade! As Bene Gesserit não eram powindah! Todo o universo seguiria Bene Tleilax rumo à Verdadeira Fé. Deus não permitiria qualquer outra coisa. Especialmente ali, no planeta do Profeta!

**A burocracia destrói a iniciativa. Existem poucas coisas que os burocratas odeiem mais do que inovação, em especial se ela produzir resultados melhores do que as rotinas antiquadas. Melhorias sempre fazem aqueles no topo da hierarquia parecerem ineptos. Quem gosta de parecer inepto?**

**– Um Guia para Tentativa e Erro no Governo,  
Repositório Bene Gesserit**

Relatórios, sumas e fragmentos de informações diversas se enfileiravam sobre a longa mesa onde Taraza se sentava. Exceto pela patrulha noturna e os serviços essenciais, o Núcleo da Casa Capitular dormia ao redor da Madre Superiora. Apenas os barulhos familiares das atividades de manutenção penetravam os cômodos privativos de Taraza. Dois luciglobos pairavam sobre a mesa, banhando a superfície de madeira escura e as filas de papel riduliano em luz amarelada. A janela além da mesa era como um espelho escuro, refletindo o cômodo.

*Repositório!*

O holoprojetor piscava sua reprodução contínua sobre o tampo da mesa: mais dados e evidências que ela solicitara.

Taraza desconfiava um pouco das Arquivistas, o que ela sabia ser uma atitude ambivalente uma vez que ela reconhecia a necessidade fundamental de informações. Contudo, os Registros da Casa Capitular pareciam uma selva de abreviações, anotações especiais, inserções codificadas e notas de rodapé. Aquele material com frequência exigia um Mentat para traduzi-lo ou, ainda pior, em tempos de fadiga extrema demandavam que ela investigasse suas

Outras Memórias. Todas as Arquivistas eram Mentats, naturalmente, mas esse fato não tranquilizava Taraza. Era impossível consultar os registros do Repositório de maneira direta. Muito da interpretação que emergia daquela fonte tinha de ser aceita segundo as palavras de quem as apresentava ou (que coisa odiosa!) dependia da busca mecânica pelo holossistema. Isso, por sua vez, exigia uma dependência daqueles que mantinham o sistema. Dava aos funcionários mais poderes do que Taraza gostaria de delegar.

### *Dependências!*

Taraza odiava dependência. Era deplorável admitir tal fato, lembrando a ela que poucas situações se desenvolvem da forma exata como se imagina. Mesmo as projeções do melhor Mentat acumulavam erros... dado tempo suficiente.

Ainda assim, cada movimento dado pela Irmandade demandava uma consulta ao Repositório e análises que pareciam intermináveis. Até o comércio diário exigia consultas. Ela achava aquilo uma irritação frequente. Elas deviam formar um grupo? Assinar aquele acordo?

Durante as conferências, sempre chegava o momento em que ela era forçada a introduzir a nota decisória:

“Análise da Arquivista Hesterion aceita”.

Ou, quando era o caso:

“O relatório da Arquivista foi rejeitado, não é pertinente”.

Taraza se inclinou para frente com o objetivo de analisar a holoprojeção: “Possível plano de reprodução para o indivíduo Waff”.

Ela absorveu os números, planos genéticos da amostra celular enviada por Odrade. Aparas de unha raramente produziam material suficiente para uma análise segura, mas havia Odrade executado sua tarefa com perfeição, sob o pretexto de fixar os ossos quebrados de Waff. Taraza meneou a cabeça diante dos dados. A

prole seria, com certeza, igual a todas as anteriores que as Bene Gesserit tentaram com os Tleilaxu: mulheres imunes à sondagem de memória; os homens, naturalmente, um caos impenetrável e repulsivo.

Taraza se recostou na cadeira e suspirou. Quanto se tratava de registros sobre reprodução, as monumentais referências cruzadas assumiam proporções assustadoras. Oficialmente, chamava-se “Colegiado de Pertinência Ancestral”, CPA entre as Arquivistas. Entre as outras irmãs, era conhecido como “Registro dos Garanhões”, o qual, apesar de preciso, não transmitia o sentido de detalhes elencados nos cabeçalhos apropriados do Repositório. Ela pedira que as projeções de Waff fossem estendidas até trezentas gerações, uma tarefa relativamente fácil e rápida, suficiente para todos os objetivos práticos. Trezentas linhas genéticas principais (tais como Teg, seus parentes colaterais e irmãos) se mostraram confiáveis por milênios. Seu instinto a informou de que seria inútil desperdiçar mais tempo com as projeções de Waff.

A fadiga se represou em Taraza. Ela apoiou a cabeça nas mãos e descansou por alguns momentos sobre a mesa, sentindo o frescor da madeira.

*E se eu estiver errada sobre Rakis?*

Os argumentos da Oposição não podiam ser enfurnados na poeira do Repositório. *Maldita dependência dos computadores!* A Irmandade mantivera suas principais linhagens genéticas em computadores, mesmo durante os Dias Proibidos, depois da aniquilação selvagem das “máquinas pensantes” pela Jihad Butleriana. Naqueles tempos “mais ilustrados”, as pessoas não questionavam os motivos inconscientes por trás daquela orgia ancestral de destruição.

*Às vezes, tomamos decisões muito prudentes por razões inconscientes. Uma busca consciente no Repositório ou nas Outras Memórias não trazia garantias.*

Taraza soltou uma das mãos e golpeou o tampo da mesa. Ela não gostava de lidar com as Arquivistas que vinham trotando com *respostas* para suas perguntas. Essa laia era digna de desprezo, cheias de piadas secretas. Ela as ouvira comparar o trabalho no CPA à formação de plantéis, a formulários fazendários e à Autoridade de Corridas de Animais. Malditas sejam suas piadas! Naquele momento, a decisão certa era muito mais importante do que elas poderiam imaginar. Aquelas irmãs servas, que tão somente obedeciam ordens, não tinham as responsabilidades de Taraza.

Ela levantou a cabeça e olhou do outro lado do cômodo, para o nicho com o busto da irmã Chenoeh, a ancestral que se encontrara com o Tirano e com ele conversara.

*Você sabia, pensou Taraza. Você nunca foi uma Reverenda Madre, mas ainda assim sabia. Seus relatórios mostram isso. Como você soube tomar a decisão correta?*

O pedido de Odrade por assistência militar demandava uma resposta imediata. As janelas de tempo estavam muito estreitas. Mas com Teg, Lucilla e o gholá desaparecidos, era necessário lançar mão do plano de contingência.

*Maldito Teg!*

Mais daquele seu comportamento inesperado. É claro que ele não poderia colocar o gholá em risco. As ações de Schwangyu haviam sido previsíveis.

O que Teg fizera? Procurara abrigo em Ysai ou em alguma outra das grandes cidades de Gammu? Não. Se fosse o caso, ele já teria mandado notícias por meio de um dos contatos secretos que eles

havam preparado. O bashar possuía a lista completa desses contatos e investigara pessoalmente alguns deles.

Sem dúvida, Teg não confiava plenamente nos contatos. Ele vira algo durante sua ronda de inspeção que não transmitira a Bellonda.

Burzmali deveria ser chamado e informado, é claro. Burzmali era o melhor, treinado pelo próprio Teg; primeiro candidato ao cargo de bashar supremo. Burzmali deveria ser enviado a Gammu.

*Estou apostando em um palpite*, pensou Taraza.

Mas se Teg encontrara abrigo, a trilha começava em Gammu. A trilha também poderia terminar em Gammu. Sim, enviar Burzmali para Gammu. Rakis teria de esperar. Havia certos atrativos óbvios nessa escolha. Não alertaria a Guilda. Os Tleilaxu e aqueles da Dispersão, entretanto, certamente morderiam essa isca. Se a cilada de Odrade para os Tleilaxu falhasse... não, Odrade não falharia. Isso era quase uma certeza.

O inesperado.

*Percebeu, Miles? Apreendi com você.*

Ainda assim, nada disso mudava a oposição dentro da Irmandade.

Taraza colocou ambas as palmas sobre a mesa e pressionou com força, como se tentasse sentir as pessoas na Casa Capitular, aquelas que compartilhavam a opinião de Schwangyu. A oposição oral fora abafada, mas isso sempre significava que a violência estava sendo preparada.

*O que devo fazer?*

A Madre Superiora devia ser imune a indecisões durante uma crise, mas a conexão tleilaxu desequilibrara suas informações. Algumas das recomendações para Odrade pareciam óbvias e já haviam sido transmitidas. Aquela parte do plano era plausível e simples.



Levar Waff até o deserto, longe dos olhos de observadores indesejáveis. Forjar uma situação *in extremis* e a subsequente experiência religiosa, seguindo o antigo e confiável padrão ditado pela Missionaria Protectora. Testar se os Tleilaxu usavam o processo ghola como seu próprio método de imortalidade. Odrade era perfeitamente capaz de executar o plano revisado até aquela parte. Contudo, muito dependia daquela jovem, Sheeana.

*O próprio verme é o desconhecido.*

Taraza lembrou a si mesma que o verme de hoje não era o verme original de Rakis. Apesar de Sheeana demonstrar seu comando sobre eles, na verdade eram imprevisíveis. Como dizia o Repositório, não havia nenhum registro sobre seus rastros. Taraza tinha poucas dúvidas de que Odrade deduzira de maneira correta a respeito dos rakianos e de suas danças. Isso era um ponto positivo.

*Um idioma.*

*Mas ainda não falamos esse idioma.* Esse era um ponto negativo.

*Tenho que decidir esta noite!*

Taraza enviou sua percepção superficial para percorrer o caminho do passado, ao longo da inquebrantável linhagem das Madres Superiores, todas aquelas memórias femininas encapsuladas dentro de sua própria frágil percepção e de outras duas: Bellonda e Hesterion. Era um caminho tortuoso por meio das Outras Memórias, o qual ela se sentia cansada em demasia para trilhar. Exatamente nos limites desse caminho estariam as observações de Muad'Dib, o bastardo Atreides que abalara o universo duas vezes: a primeira, ao dominar o Império com suas hordas fremen, e a segunda, ao gerar o Tirano.

*Se perdermos desta vez, será o fim de nós todas, pensou ela. Seremos engolidas de uma só vez por essas filhas do inferno da*

*Dispersão.*

Alternativas se apresentaram: a menina em Rakis poderia ser trazida até o núcleo da Irmandade e passar o resto de sua vida em algum lugar no final de uma não nave em fuga. Uma retirada vergonhosa.

Muito dependia de Teg. Afinal, ele falhara com a Irmandade ou encontrara uma forma inesperada de esconder o gholá?

*Devo encontrar uma forma de atrasar tudo, pensou Taraza. Devemos dar tempo a Teg para que ele se comunique conosco. Odrade terá de alongar o plano em Rakis.*

Era perigoso, mas tinha de ser feito.

Com o corpo rígido, Taraza se levantou da cãodeira e foi até a janela escura diante dela. O planeta Casa Capitular jazia na escuridão da sombra das estrelas. Um refúgio: o planeta Casa Capitular. Tais mundos já não recebiam mais nomenclaturas; apenas números em algum lugar do Repositório. Esse planeta conhecera 1.400 anos de ocupação Bene Gesserit, mas até isso podia ser considerado temporário. Ela pensou nas não naves guardiãs que orbitavam mais acima: o detalhado sistema de defesa, idealizado pelo próprio Teg. Mesmo assim, a Casa Capitular permanecia vulnerável.

O problema tinha um nome: “descoberta acidental”.

Era uma falha eterna. Lá fora, na Dispersão, a humanidade se expandira em exponencial, fervilhando em um espaço ilimitado. O Caminho Dourado do Tirano finalmente estava seguro. Ou será que não? Certamente, o verme Atreides planejava mais do que a simples sobrevivência da espécie.

*Ele fez algo conosco que ainda não descobrimos... mesmo depois de todos esses milênios. Acho que sei o que ele fez. Minha oposição diz o contrário.*

Não era fácil para uma Reverenda Madre contemplar a servidão na qual elas foram mantidas sob Leto II, enquanto ele açoitava seu Império por 3,5 mil anos, seguindo seu Caminho Dourado.

*Cambaleamos quando revemos aqueles tempos.*

Mirando seu próprio reflexo na janela de plaz escuro, Taraza encarou a verdade sobre si mesma. Era um rosto austero e sua fadiga podia ser facilmente observada.

*Tenho todo o direito de estar cansada e austera!*

Ela sabia que seu treinamento a canalizara deliberadamente para padrões negativos. Essas eram suas defesas e seus pontos fortes. Ela mantinha a distância em todas as relações humanas, mesmo nas seduçãoes que fizera para as Mestras em Reprodução. Taraza sempre fora a advogada do diabo e isso se tornara uma força dominante em toda Irmandade, uma consequência natural de sua promoção a Madre Superiora. A oposição se desenvolvera com facilidade naquele ambiente.

Como diziam os sufis: *a podridão no centro sempre se espalha para fora.*

O que eles não diziam é que alguns tipos de podridão eram nobres e valorosos.

Ela se tranquilizara naquele momento com suas informações mais confiáveis: a Dispersão carregara as lições do Tirano para fora, durante as migrações humanas, transformando-as em doutrinas desconhecidas, mas, por fim, igualmente submissas ao reconhecimento. E, com o tempo, seria descoberta uma forma de anular a invisibilidade de uma não nave. Taraza não achava que o povo da Dispersão descobrira essa tecnologia; pelo menos não aqueles que agora voltavam, amuados, para os locais onde haviam sido gerados.

Não havia um caminho seguro através das forças em conflito, mas ela acreditava que a Irmandade se armara tão bem quanto era possível. O problema era semelhante ao de um navegador da Guilda conduzindo sua nave por entre as dobras espaciais de forma a evitar colisões e armadilhas.

Armadilhas, estas eram a chave, e Odrade usava as armadilhas da Irmandade para pegar os Tleilaxu.

Quando Taraza pensava em Odrade, o que era comum naquela época de crise, a longa associação entre as duas se tornava mais forte. Era como se ela visse uma tapeçaria desbotada, na qual algumas figuras ainda brilhassem. A mais brilhante de todas, assegurando a Odrade sua posição próxima aos postos de comando da Irmandade, era sua capacidade de passar por cima dos detalhes e ir direto ao surpreendente cerne da questão.

Era uma derivação da perigosa presciência dos Atreides agindo em segredo dentro dela. O uso desse talento oculto era um dos assuntos que mais provocava oposição e era um dos argumentos que, Taraza admitia, tinha maior validade. Aquilo funcionava muito abaixo da superfície, seus movimentos recônditos indicados apenas por turbulências aqui e ali, e esse era o problema!

“Usá-la, mas estar pronta para eliminá-la”, aconselhara Taraza. “Ainda temos a maior parte de sua prole.”

Taraza sabia que Lucilla era de confiança... desde que Lucilla tivesse encontrado refúgio em algum lugar com Teg e o gholá. Havia assassinos alternativos no Forte de Rakis, naturalmente. Talvez fosse necessário engatilhar aquela arma no futuro próximo.

Taraza experimentou um tumulto repentino em seu âmago. As Outras Memórias aconselharam precaução máxima. Nunca mais perder o controle das linhagens de reprodução! Sim, caso Odrade escapasse de uma tentativa de eliminação, ela seria alienada para

sempre. Odrade era uma Reverenda Madre plena e algumas delas ainda deveriam estar lá fora, na Dispersão: não entre as Honoráveis Matres, a Irmandade já observara... mesmo assim...

*Nunca mais!* Esse era o lema operacional. Jamais outro Kwisatz Haderach nem outro Tirano.

Controle as reprodutoras; controle a prole.

Reverendas Madres não morriam quando sua carne morria. Elas penetravam cada vez mais fundo no núcleo vivo das Bene Gesserit, até que suas instruções casuais e até suas observações inconscientes se tornassem parte da continuidade da Irmandade.

*Não cometa erros em relação a Odrade!*

A resposta para Odrade exigia um planejamento específico e cuidado refinado. Odrade, que permitia certas afeições limitadas, “um calor ameno”, assim ela as chamava, argumentava que as emoções forneciam compreensões valiosas, caso não se permitisse que elas tomassem conta de si. Taraza encarava esse *calor ameno* como uma forma de penetrar no coração de Odrade, uma abertura vulnerável.

*Sei o que pensa de mim, Dar, com seu calor ameno em relação a uma antiga companheira dos tempos de escola. Você acha que sou um perigo em potencial para a Irmandade, mas que posso ser salva de mim mesma por “amigos” vigilantes.*

Taraza sabia que algumas de suas assessoras compartilhavam a opinião de Odrade, escutando em silêncio e escondendo seus julgamentos. A maioria delas ainda seguia a liderança da Madre Superiora, mas várias sabiam do talento indômito de Odrade e reconheciam as dúvidas de Odrade. Apenas uma coisa mantinha a maioria das irmãs na linha e Taraza não se iludia a respeito disso.

Cada Madre Superiora agia a partir de uma lealdade profunda para com a Irmandade. Nada deveria ameaçar a continuidade das

Bene Gesserit, nem a própria Madre Superiora. De sua maneira precisa e dura de autojulgamento, Taraza examinou sua própria relação diante da continuidade da vida da Irmandade.

Estava claro que não havia necessidade imediata de eliminar Odrade. Ainda assim, Odrade agora estava tão próxima do centro do projeto ghola que poucas coisas escapavam de sua observação sensitiva. Muito do que não fora revelado a ela logo se tornaria conhecido. O Manifesto Atreides fora quase uma aposta. Odrade, a pessoa que obviamente produzira o Manifesto, só foi capaz de alcançar um discernimento mais profundo à medida que escrevia o documento, mas as palavras em si eram a barreira final para a revelação.

Waff apreciaria isso, Taraza bem o sabia.

Afastando-se da janela escura, Taraza voltou à câodeira. O momento da decisão crucial (continuar ou não) podia ser adiado, mas passos intermediários deveriam ser tomados. Ela compôs um rascunho em sua mente e o examinou, enquanto enviava uma convocação a Burzmali. O aluno favorito do bashar seria colocado em ação, mas não da forma que Odrade desejava.

A mensagem para Odrade seria simples em essência:

– Ajuda está a caminho. Você está no palco, Dar. No que concerne a segurança de Sheeana, use seu próprio julgamento. Em todas as outras questões que não divirjam das minhas ordens, execute o plano.

Pronto. Era isso. Odrade recebera suas instruções, o essencial que ela aceitaria como “o plano”, mesmo ao tentar reconhecer um padrão incompleto. Odrade obedeceria. O “Dar” era um belo toque, pensou Taraza. Dar e Tar. Essa abertura no *calor ameno* de Odrade não estaria bem protegida de uma investida vinda da direção Dar-e-Tar.

**À direita, a mesa longa está posta para um banquete de assado de lebre do deserto em molho cepeda. Os outros pratos, no sentido dos ponteiros do relógio da ponta da mesa até a direita, eram aplomage siriano, chukka na redoma, café com mélange (note o escudo de falcão dos Atreides na cafeteira), ganso de panela e, na garrafa de cristal balut, vinho frisante caladaniano. Note o antigo detector de veneno escondido no candelabro.**

**– Dar-es-Balat, descrição da exibição de um museu**

Teg encontrou Duncan na minúscula alcova de jantar, logo depois da cozinha reluzente do não globo. Parando na passagem para a alcova, Teg estudou Duncan cuidadosamente: oito dias naquele lugar e o rapaz parecia finalmente ter se recuperado do peculiar arroubo de ódio que o atingira quando o trio entrara no tubo de acesso ao globo.

Eles adentraram por uma caverna rasa e almiscarada com os odores de um urso nativo. As rochas no fundo da toca não eram rochas, apesar de serem capazes de ludibriar até mesmo os mais sofisticados exames. Uma discreta saliência nas “rochas” se deslocava, caso o código secreto fosse acionado por acidente ou de forma proposital. Um movimento circular e de torção abria toda a parede traseira da caverna.

O tubo de acesso, o qual se iluminava de forma brilhante e automática assim que o portal atrás deles fosse trancado, era decorado com grifos Harkonnen nas paredes e no teto. Teg se deparou com a imagem de um jovem Patrin esbarrando naquele lugar pela primeira vez (*O choque! A perplexidade! O júbilo!*) e

falhara em observar a reação do Duncan até que um rosnado baixo se fez ouvir no espaço fechado.

Duncan permanecia rosnando (quase um gemido), os punhos cerrados, o olhar fixo em um grifo Harkonnen na parede à direita. Ódio e confusão lutavam pela supremacia em sua face. O garoto levantou os punhos e golpeou a figura, ficando com as mãos sangrentas.

– Que os malditos caiam nos poços mais profundos do inferno! – gritou ele.

Era uma imprecação estranhamente madura a sair de uma boca tão jovem.

No instante em que pronunciou as palavras, Duncan voltou a tremer de forma incontrolável. Lucilla o abraçou e acariciou seu pescoço de forma tranquilizadora, quase sensual, até que os tremores parassem.

– Por que fiz isso? – sussurrou Duncan.

– Você saberá quando suas memórias originais forem restauradas – respondeu ela.

– Harkonnen – sussurrou Duncan e o sangue corou-lhe a face. Olhou para Lucilla. – Por que os odeio tanto?

– Palavras não conseguem explicar – respondeu ela. – Você terá que esperar pelas memórias.

– Não quero as memórias! – Duncan lançou um olhar perplexo para Teg. – Sim! Sim, eu as quero.

Mais tarde, ao olhar para Teg na alcova de jantar do não globo, a memória de Duncan obviamente retornou àquele episódio.

– Quando, bashar?

– Logo.

Teg examinou a área. Duncan estava sozinho, sentado a uma mesa autolimpante, uma xícara de líquido marrom diante de si. Teg



reconheceu o odor: um dos vários itens temperados com mélange guardados nos depósitos de nulentropia. Tais depósitos eram arcos do tesouro repletas de comidas exóticas, roupas, armas e outros artefatos: um museu de valor incalculável. Uma camada fina de poeira ocupava todo o globo, mas nenhuma deterioração atingira as coisas ali guardadas. Todos os alimentos eram temperados com mélange, não em um nível viciante, a não ser para glutões, mas sempre perceptível. Mesmo as frutas em conserva foram salpicadas com a especiaria.

O líquido marrom na xícara de Duncan fora uma das coisas que Lucilla provara e declarara capaz de sustentar suas vidas. Teg não sabia exatamente como a Reverenda Madre fizera isso, mas sua própria mãe também era capaz de fazê-lo. Elas provavam uma vez e sabiam o conteúdo da comida e da bebida.

Um relance na direção do relógio decorado na parede da extremidade oposta da alcova informou a Teg que era mais tarde do que ele pensava; já se passava da terceira hora que eles estabeleceram como tarde. Duncan devia estar lá em cima, na sala de treinos bem elaborada, mas ambos viram Lucilla sair em direção ao andar superior do globo e Teg aproveitou essa chance para que eles tivessem uma conversa privada.

Puxando uma cadeira, Teg se sentou do outro lado da mesa.

– Odeio esses relógios! – Duncan exclamou.

– Você odeia tudo aqui – Teg observou, mas prestou mais atenção no relógio. Era outra antiguidade, a frente redonda com dois ponteiros analógicos e um contador digital. Os dois ponteiros formavam uma obscenidade: figuras humanas despidas, um homem grande com um falo enorme e a mulher pequena, com as pernas bem abertas. Cada vez que ambos os ponteiros se encontravam, o homem parecia penetrar a mulher.

– Vulgar – concordou Teg. Então ele apontou para a bebida de Duncan. – Gostou disso?

– É bom, senhor. Lucilla disse que eu deveria tomar depois dos exercícios.

– Minha mãe costumava fazer uma bebida similar depois de esforços pesados – disse Teg. Ele se inclinou e inalou, lembrando o gosto que ficava na língua depois de um gole, o mélange enjoativo em suas narinas.

– Senhor, quanto tempo devemos ficar aqui? – perguntou Duncan.

– Até sermos encontrados pelas pessoas certas ou até nos certificarmos de que não seremos encontrados.

– Mas... isolados aqui, como saberemos?

– Quando eu julgar que é a hora certa, levarei a coberta escudo-vital e ficarei de guarda do lado de fora.

– *Odeio* este lugar.

– Isso ficou claro. Mas você não aprendeu coisa alguma sobre paciência?

Duncan fez uma careta.

– Por que o senhor me impede de ficar a sós com Lucilla?

Teg, que expirava enquanto Duncan falava, parou na metade da expiração e depois voltou a respirar. Ele sabia, contudo, que o rapaz percebera. Se Duncan sabia, então Lucilla devia saber!

– Acho que Lucilla não sabe o que o senhor está fazendo – disse Duncan –, mas está cada vez mais óbvio. – Ele olhou ao redor. – Se este lugar não atraísse tanto da atenção dela... para onde ela correu daquele jeito?

– Acho que ela está lá em cima, na biblioteca.

– Biblioteca!

– Concordo que é primitivo, mas também é algo fascinante. – Teg levantou o olhar para os arabescos ali perto, no teto da cozinha. O momento da decisão chegara. Não era possível acreditar que Lucilla ficaria distraída por muito mais tempo. Contudo, Teg partilhava da fascinação dela. Era fácil se perder naquelas maravilhas. O complexo do não globo como um todo, com cerca de duzentos metros de diâmetro, era um fóssil intacto, preservado desde os tempos do Tirano.

Quando falara sobre o lugar, a voz de Lucilla assumira um tom rouco e sussurrante.

– Certamente o Tirano deveria saber da existência deste lugar.

A percepção Mentat de Teg imergiu totalmente nessa sugestão. *Por que o Tirano permitiria que a Família Harkonnen esbanjasse tanto dos resquícios de sua riqueza naquela obra?*

*Talvez exatamente por essa razão... para exauri-los.*

Os custos dos subornos e do transporte da Guilda desde as fábricas ixianas devem ter sido astronômicos.

– O Tirano sabia que, um dia, precisaríamos desse lugar? – perguntara Lucilla.

Não havia dúvidas sobre os poderes prescientes que Leto II demonstrava com frequência. Teg concordou com Lucilla.

Fitando Duncan, sentado diante de si, Teg sentiu os pelos de sua nuca se arrepiarem. Havia algo nefasto sobre aquele esconderijo Harkonnen, como se o próprio Tirano estivesse ali. O que acontecera com os Harkonnen que o construíram? Teg e Lucilla não encontraram qualquer pista que indicasse a razão do abandono do globo.

Nenhum deles conseguia vagar pelo não globo sem experimentar um sentido aguçado de história. Teg se sentia frequentemente desconcertado pelas perguntas não respondidas.

Lucilla também comentou sobre o assunto.

– Onde eles foram parar? Não há nada em minhas Outras Memórias que me dê a menor pista.

– Será que o Tirano os atraiu para fora e matou a todos?

– Retornarei à biblioteca. Talvez encontre algo hoje.

Durante os primeiros dois dias de ocupação, o globo foi alvo de uma análise cuidadosa de Teg e Lucilla. Um Duncan silencioso e rabugento os seguira, como se tivesse medo de ficar sozinho. Cada descoberta nova os deixava perplexos ou chocados.

Vinte e um esqueletos preservados em plaz transparente ao longo de uma parede próxima ao ponto central! Eram os observadores macabros de qualquer um que passasse por ali em direção à sala de máquinas e aos depósitos de nulentropia.

Patrin alertara Teg sobre os esqueletos. Em uma de suas primeiras explorações do globo, o jovem Patrin encontrara registros revelando que os mortos eram os artesãos que construíram aquele lugar, todos massacrados pelos Harkonnen para preservar o segredo.

Como um todo, o globo era um feito notável, um invólucro cortado do Tempo, isolado de todo o exterior. Depois de todos aqueles milênios, suas máquinas sem atrito ainda criavam uma projeção mimética que nem mesmo os instrumentos mais modernos eram capazes de distinguir da poeira e das rochas no plano de fundo.

– A Irmandade deve obter esse local intacto! – repetia Lucilla. – É um tesouro! Eles mantiveram inclusive os registros de reprodução da família!

Aquilo não era só o que os Harkonnen preservaram ali. Teg rejeitava os toques decorativos de um mau gosto sutil em quase tudo naquele globo. Aquele relógio! Roupas, instrumentos para

manter o ambiente, para educação e prazer; tudo fora marcado pela compulsão Harkonnen de exibir seu insensível complexo de superioridade para todas as pessoas e para todos os outros padrões.

Mais uma vez, Teg pensou no jovem Patrin naquele lugar, provavelmente com a mesma idade que o gholá. O que fizera Patrin manter tal lugar em segredo, inclusive de sua esposa, com quem era casado há tantos anos? Patrin nunca mencionara a razão daquele segredo, mas Teg deduziu por si só. Uma infância infeliz. A necessidade de ter seu próprio esconderijo. Amigos que não chegavam a ser amigos de verdade, apenas pessoas esperando para zombar dele. Ele não permitiria que qualquer uma dessas companhias partilhasse daquela maravilha! Era dele! Era bem maior do que um lugar de segurança solitária. Fora o símbolo privado de vitória para Patrin.

“Passei horas muito felizes ali, bashar. Tudo ainda funciona. Os registros são antigos, mas excelentes, assim que se entende o dialeto. Há muito conhecimento naquele lugar. Mas você entenderá quando chegar. Compreenderá várias coisas que nunca contei a você.”

O antigo salão de exercícios mostrava sinais do uso frequente de Patrin. Ele havia mudado o código das armas em alguns autômatos de forma que Teg os reconhecesse. Os cronômetros informavam as horas de tortura muscular gastas em exercícios complicados. Esse globo explicava todas as habilidades as quais Teg achara tão impressionantes em Patrin. Talentos naturais foram trabalhados ali.

Os autômatos do não globo eram outra questão.

A maioria deles representava um desafio contra a antiga proibição de tais dispositivos. Além disso, alguns foram projetados para funções de prazer, o que confirmava as histórias mais

revoltantes que Teg ouvira sobre os Harkonnen. Dor como forma de prazer! De uma forma particular, essas coisas explicavam em detalhes a moralidade meticulosamente inflexível que Patrin levava de Gammu.

O asco criava seus próprios padrões.

Duncan tomou um gole demorado de sua bebida e olhou para Teg pela borda da xícara.

– Por que você veio até aqui embaixo sozinho quando pedi que completasse a última série de exercícios? – perguntou Teg.

– Os exercícios não faziam sentido. – Duncan baixou a xícara.

*Bem, Taraza, você estava errada, pensou Teg. Ele chegou à independência completa antes do que você havia previsto.*

Ao mesmo tempo, Duncan parou de se referir ao seu bashar como “senhor”.

– Você me desobedece?

– Não exatamente.

– Então o que você está fazendo, *exatamente*?

– Tenho que *saber*!

– Você não gostará muito de mim quando souber.

Duncan arregalou os olhos, assustado.

– Senhor?

*Ah, o “senhor” está de volta.*

– Estive preparando você para suportar certas formas de dor muito intensas – disse Teg. – É algo necessário antes que possamos restaurar suas memórias originais.

– Dor, senhor?

– Não conhecemos outra maneira de trazer de volta o Duncan Idaho original... aquele que morreu.

– Senhor, se puder fazer isso, serei eternamente agradecido.

– É o que você diz agora. Mas, ao final, poder ser que você me veja apenas como mais um chicote nas mãos daqueles que o trouxeram de volta à vida.

– Não é melhor saber, senhor?

Teg passou as costas da mão sobre a boca.

– Se você me odiar... não poderei culpá-lo.

– Senhor, se estivesse em meu lugar, é assim que se sentiria? – A postura de Duncan, seu tom de voz, a expressão facial... tudo demonstrava confusão e insegurança.

*Até aqui, tudo bem*, pensou Teg. Os passos do procedimento foram dispostos com tanta precisão que exigiam que cada resposta do gholá fosse interpretada com cuidado. Duncan agora estava cheio de incertezas. Ele queria algo e ao mesmo tempo temia aquilo.

– Sou apenas seu professor, não seu pai! – Teg exclamou.

Duncan recuou diante daquele tom duro.

– O senhor não é meu amigo?

– Essa é uma via de mão dupla. O Duncan Idaho original terá que responder a essa pergunta por si.

Uma expressão velada encobriu os olhos do Duncan.

– Serei capaz de me lembrar deste lugar, do Forte, de Schwangyu e...

– Tudo. Você passará por uma espécie de dupla visão memorial por algum tempo, mas se lembrará de tudo.

Um olhar cínico se insinuou na face do jovem e, quando falou, foi com amargura.

– Então o senhor e eu seremos camaradas.

Empostando todo o comando e presença de um bashar em sua voz, Teg seguiu as instruções para o despertar de forma precisa.

– Não estou particularmente interessado em me tornar seu camarada. – Fixou um olhar de busca no rosto de Duncan. – Talvez algum dia você possa tornar-se um bashar. É melhor que aprenda as coisas certas, mas estarei morto até lá.

– Apenas os bashares são seus camaradas?

– Patrin era meu camarada e ele nunca passou de líder de esquadrão.

Duncan olhou primeiro para o copo vazio e depois para Teg.

– Por que não pediu algo para beber? O senhor também trabalhou bem duro lá em cima.

*Pergunta perspicaz.* A idade dele não deveria ser subestimada. Duncan sabia que dividir comida era um dos mais antigos rituais de associação.

– O odor do seu foi suficiente – respondeu Teg. – Memórias antigas. Não preciso delas neste momento.

– Então por que desceu até aqui?

Ali estavam, estampados na voz jovem: esperança e medo. Ele desejava que Teg revelasse alguma coisa.

– Queria tomar medidas cuidadosas sobre o quão longe esses exercícios o levaram – respondeu Teg. – Precisava descer até aqui e olhar para você.

– Por que tanto cuidado?

*Esperança e medo!* Chegara a hora da mudança precisa de assunto.

– Nunca treinei um ghola antes.

*Ghola.* Aquela palavra pairou entre eles, dependurada nos odores de comida que os filtros do globo não haviam dissipado do ar. *Ghola!* Estava tudo temperado com a pungência da especiaria da xícara vazia de Duncan.



Sem falar, Duncan se inclinou para a frente , com a expressão ansiosa. A observação de Lucilla veio à mente de Teg: “Ele sabe como usar o silêncio”.

Quando ficou óbvio que Teg não elaboraria aquela simples afirmação, Duncan afundou as costas para trás com um olhar desapontado. O canto esquerdo de sua boca se entortou para baixo em uma expressão carrancuda e exasperada. Tudo se voltava para o interior, como deveria ser.

– Você não desceu até aqui para ficar só – acusou Teg. – Veio aqui para se esconder. Você ainda está se escondendo aí dentro e pensa que ninguém vai encontrá-lo.

Duncan cobriu a boca com a mão. Era o sinal gestual que Teg esperava. As instruções para esse momento eram claras: *o gholá deseja que suas memórias originais sejam despertadas, mas, ao mesmo tempo, as teme. Essa é a maior barreira que você deve quebrar.*

– Tire a mão de cima da boca! – ordenou Teg.

Duncan deixou a mão cair como se tivesse sido queimada. Ele olhou para Teg como um animal preso em uma armadilha.

*Fale a verdade*, alertaram as instruções de Teg. *Neste momento, com todos os sentidos em chamas, o gholá verá o interior de seu coração.*

– Quero que você saiba que tudo que a Irmandade me ordenou a fazer com você é enojante para mim – Teg confessou.

Duncan parecia se agachar dentro de si.

– O que elas ordenaram?

– As habilidades que fui ordenado a lhe ensinar são falhas.

– F-falhas?

– Parte delas era um treinamento geral, a parte intelectual. Nesse quesito, você aprendeu até o nível de comandante de regimento.

- Acima de Patrin?
  - Por que você tem que ser melhor que Patrin?
  - Ele não era seu camarada?
  - Sim.
  - O senhor disse que ele nunca passou de líder de esquadrão!
  - Patrin era completamente capaz de assumir o comando de toda uma força multiplanetária. Era um mago das táticas, cuja sabedoria empreguei em várias ocasiões.
  - Mas o senhor afirmou que nunca...
  - Foi escolha dele. Sua patente baixa permitia a ele o toque comum que nós dois achamos útil em diversas ocasiões.
  - Comandante de regimento? – A voz de Duncan soou pouco mais alta que um sussurro. Ele olhou para o tampo da mesa.
  - Você tem uma compreensão intelectual das funções, é um pouco impetuoso, mas a experiência suavizará esse problema. Suas habilidades com armas são superiores em relação a sua idade.
- Ainda sem olhar para Teg, Duncan perguntou:
- Qual é minha idade... senhor?
- Exatamente como as instruções alertavam: *O ghola circundará ao redor da questão principal. “Qual é minha idade?” Qual a idade de um ghola?*
- Com a voz em tom frio e acusador, Teg respondeu:
- Se você quer saber sua idade-ghola, por que não pergunta de uma vez?
  - Qual... qual é essa idade, senhor?
- Havia um peso tão grande de tristeza na voz do jovem que Teg sentiu as lágrimas se formando nos cantos dos olhos. Ele também fora alertado sobre isso: *não demonstre compaixão em demasia!* Teg acobertou as lágrimas, pigarreando, e disse:
- Essa é uma pergunta que só você mesmo pode responder.

As instruções foram explícitas: *Vire de volta contra ele! Mantenha-o concentrado em si mesmo. A dor emocional é tão importante para esse processo quanto a dor física.*

Um suspiro profundo fez com que Duncan estremecesse. Ele fechou os olhos com força. Quando Teg se sentou à mesa, Duncan pensara: *Seria esse o momento? O que ele fará agora?* Porém, o tom acusatório de Teg e os ataques verbais eram completamente inesperados. E agora Teg soava condescendente.

*Está sendo condescendente comigo!*

Uma raiva cínica se apoderou de Duncan. Teg pensava que o jovem era tão tolo que poderia cair nos estratagemas de um comandante? *Bastam o tom de voz e atitude para subjugar a vontade de outra pessoa.* Entretanto, Duncan sentiu algo naquela condescendência: um núcleo de aço platina que não poderia ser penetrado. Integridade... propósito. E Duncan viu as lágrimas se formando, o gesto de disfarçá-las.

Abrindo os olhos e fitando Teg, Duncan falou:

– Não pretendo soar desrespeitoso, ingrato ou rude, senhor. Mas não posso continuar sem respostas.

As instruções de Teg eram claras: *Você saberá quando o ghola alcançar o ponto de exasperação. Nenhum ghola tenta disfarçar. É intrínseco à psique deles. Você reconhecerá na voz e na postura.*

Duncan estava próximo do ponto crítico. O silêncio era obrigatório para Teg naquele momento. Forçar Duncan a formular suas perguntas, seguir seu próprio caminho.

Duncan perguntou:

– O senhor sabia que, certa vez, pensei em assassinar Schwangyu?

Teg abriu e fechou a boca sem produzir qualquer som. *Silêncio!* Mas o rapaz falava sério!

– Eu tinha medo dela – Duncan admitiu. – Não gosto de sentir medo. – O jovem abaixou o olhar. – Uma vez o senhor me disse que odiamos apenas o que nos é perigoso.

*Ele vai se aproximar e recuar, aproximar e recuar. Espere até que ele ataque.*

– Não odeio o senhor – falou Duncan, olhando mais uma vez para Teg. – Fiquei ofendido quando me chamou de gholá bem na minha cara. Contudo, Lucilla está certa: Não devemos nos ofender com a verdade, mesmo quando ela machuca.

Teg massageou os próprios lábios. O desejo de falar o consumia, mas ainda não era a hora do ataque.

– Não o surpreende que eu considere matar Schwangyu? – perguntou Duncan.

Teg se manteve imóvel. Até mesmo um balançar de cabeça seria interpretado como resposta.

– Pensei em colocar algo na bebida dela – continuou Duncan. – Mas seria covardia e não sou covarde. Posso ser qualquer coisa, mas não sou covarde.

Teg permaneceu imóvel e silencioso.

– Acho que o senhor realmente se importa com o que acontece comigo, bashar – disse Duncan. – Mas o senhor está certo: nunca seremos camaradas. Caso eu sobreviva, irei superá-lo. Então... será tarde demais para nossa camaradagem. O senhor falou a verdade.

Teg não foi capaz de conter um suspiro profundo diante da percepção Mentat: não havia como ignorar os sinais de força do gholá. Em algum momento recente (talvez naquele instante, nesta própria alcova), o jovem deixara a juventude para trás e se tornara um homem. Ao perceber isso, Teg ficou entristecido. Foi tão rápido! Não houve espaço para um crescimento normal no meio-tempo.

– Lucilla não se importa de fato com o que aconteça comigo como o senhor se importa – afirmou Duncan. – Ela apenas segue as ordens daquela Madre Superiora, Taraza.

*Ainda não!* Teg se acautelou. Umedeceu os lábios com a língua.

– O senhor esteve obstruindo as ordens de Lucilla – disse Duncan. – O que ela deve fazer comigo?

Chegara o momento.

– O que você acha que ela deve fazer? – perguntou Teg.

– Não sei!

– O Duncan Idaho original saberia.

– O senhor sabe! Por que não me conta?

– Devo apenas ajudar a restaurar suas memórias originais.

– Então, faça-o de uma vez!

– Apenas você pode fazê-lo.

– Não sei como!

Teg se sentou para frente, na ponta da cadeira, mas nada falou. *Ponto de ataque?* Ele sentiu que faltava algo no desespero de Duncan.

– O senhor sabe que sou capaz de ler lábios – observou Duncan.

– Certa vez subi até o observatório da torre. Vi Lucilla e Schwangyu lá embaixo conversando. Schwangyu disse: “Não se importe com o fato de ele ser tão jovem! Você recebeu suas ordens”.

Mais uma vez mantendo um silêncio cauteloso, Teg fitou Duncan de volta. Era como se Duncan se movesse secretamente no Forte, espionando, buscando conhecimento. E agora o próprio Teg voltara para aquele modo memorial, sem perceber que continuava espionando e buscando... mas de forma diferente.

– Não achei que as ordens dela eram para me matar – falou Duncan. – Mas o senhor sabe, porque a impede. – Duncan socou a mesa. – Responda-me, seu maldito!

*Ah, desespero total!*

– Posso apenas lhe contar que as intenções dela vão de encontro com as minhas ordens. A própria Taraza me ordenou que eu o fortalecesse e o protegesse de quaisquer danos.

– Mas o senhor disse que meu treinamento era... era falho!

– Necessariamente. Foi realizado para prepará-lo para suas memórias originais.

– O que devo fazer?

– Você já sabe.

– Não sei, juro! Por favor, ensine-me!

– Você faz várias coisas sem ensinamento prévio. Nós lhe ensinamos a desobedecer?

– Por favor, ajude-me! – Foi um lamento desesperado.

Teg se forçou a um afastamento gélido.

– O que, por todos os infernos, você acha que estou fazendo?

Duncan cerrou os pulsos e golpeou a mesa, fazendo sua xícara saltar. Lançou um olhar para Teg. De forma abrupta, uma expressão estranha se apossou do rosto de Duncan: algo que se agarrava aos olhos dele.

– Quem é você?

*A pergunta-chave!*

A voz de Teg saiu chicoteando uma vítima repentinamente indefesa:

– Quem você acha que sou?

Um olhar de absoluto desespero desfigurou as feições de Duncan. Ele só conseguiu gaguejar de maneira ofegante.

– Você é... você é...

– Duncan! Chega de tolice! – Teg se levantou e olhou para ele com raiva fingida.

– Você é...

A mão direita de Teg se projetou em um arco leve. A palma aberta estalou contra a bochecha de Duncan.

– Como ousa me desobedecer? – A mão esquerda disparou, outra bofetada sonora. – Como *ousa*?

Duncan reagiu de forma tão rápida que Teg sentiu um momento eletrizante de choque absoluto. *Que velocidade!* Apesar de existirem elementos separados no ataque de Duncan, ele ocorreu em uma ação fluida e indistinta: um salto para frente, com os dois pés na cadeira, balançando-a, usando o movimento para golpear com o braço direito, bem nos nervos vulneráveis do ombro de Teg.

Respondendo a partir de seus instintos treinados, Teg se esquivou para o lado e lançou a perna esquerda por cima da mesa, atingindo a virilha. Teg ainda não escapara completamente. A lateral da mão de Duncan continuou a descer, golpeando o lado da perna com a qual Teg contra-atacara. O impacto fez com que toda a perna ficasse dormente.

Apesar do pontapé incapacitante, Duncan caiu sobre a mesa, tentando deslizar para trás. Teg apoiou a mão esquerda sobre a mesa e, com a outra mão, golpeou a base da coluna de Duncan com rapidez, bem no ligamento que fora enfraquecido deliberadamente pelos exercícios dos últimos dias.

Duncan grunhiu enquanto uma agonia paralisante percorreu seu corpo. Outra pessoa estaria imobilizada, aos gritos, mas Duncan simplesmente resmungou enquanto rastejava na direção de Teg, prosseguindo com o ataque.

De forma implacável, Teg continuou a infligir ainda mais dor em sua vítima, assegurando que Duncan visse a face de seu atacante nos momentos de maior agonia.

*Atenção para os olhos dele!*, as instruções alertaram. E Bellonda, reforçando os procedimentos, avisara: *Os olhos dele parecerão*

*trespassar você, mas ele o chamará de Leto.*

Muito depois, Teg teve dificuldades em recordar cada detalhe de sua obediência durante o procedimento de despertar. Ele sabia que continuava a funcionar como havia sido ordenado, mas sua memória seguia por outro caminho, deixando a carne livre para obedecer suas ordens. De maneira estranha, esse truque de memória se fixou em outro ato de desobediência: a Revolta de Cerbol, quando ele mesmo estava na meia-idade, mas já um bashar de reputação formidável. Ele vestira seu melhor uniforme, sem as medalhas (um toque sutil), e se apresentara no calor escaldante do meio-dia, nos campos arados fustigados pela batalha, em Cerbol. Completamente desarmado, no caminho dos rebeldes em marcha!

Vários dos atacantes deviam a vida a ele. A maioria havia jurado a ele a fidelidade mais profunda. Agora, estavam em desobediência violenta. E a presença de Teg no caminho dizia àqueles soldados que avançavam:

– Não ostentarei as medalhas que revelam o que fiz por vocês quando eram meus companheiros. Não serei nada que diga que sou um de vocês. Vestirei apenas o uniforme que anuncia que ainda sou o bashar. Matem-me, se a desobediência de vocês chega a tal ponto.

Quando a maioria da força de ataque baixou as armas e avançou, alguns dos comandantes se ajoelharam diante de seu antigo bashar e ele protestara:

– Vocês nunca precisaram se curvar diante de mim, nem se ajoelhar! Seus novos líderes lhes ensinaram maus hábitos.

Mais tarde, ele contara aos rebeldes que partilhava de algumas de suas queixas. Cerbol fora mal utilizado ao extremo. Contudo, ele também os alertara:



– Uma das coisas mais perigosas do universo é um povo ignorante com queixas reais. Entretanto, isso nem chega aos pés de uma sociedade bem informada e inteligente com queixas. Vocês não podem imaginar o dano que tal sociedade inteligente e vingativa pode causar. O Tirano parece uma benévola figura paternal em comparação com o que vocês estavam prestes a criar.

Tudo aquilo era verdade, obviamente, mas em um contexto Bene Gesserit, e isso ajudara pouco com o que ele fora comandado a fazer com o ghola Duncan Idaho: criar agonia física e mental em uma vítima quase desamparada.

Era mais fácil se recordar da expressão nos olhos de Duncan. Eles não perdiam o foco, fitando diretamente a face de Teg, até o momento do grito derradeiro:

– Maldito seja, Leto! O que está fazendo?

*Ele me chamou de Leto.*

Mancando, Teg deu dois passos para trás. Sua perna esquerda formigava e doía no local onde Duncan a atingira. Teg percebeu que ofegava e estava no final de suas reservas de força. Ele estava muito velho para tais esforços e tudo o que fizera lhe dava uma sensação de sujeira. Ainda assim, o procedimento de despertar estava cuidadosamente fixado na percepção de Duncan. Ele sabia que gholas já haviam sido despertados por um condicionamento que os levava, inconscientemente, a tentar assassinar alguém que eles amavam. A psique ghola, estilhaçada e forçada a se remontar, sempre ganhava cicatrizes psicológicas. Essa técnica nova deixava as marcas na pessoa que gerenciava o processo.

Lentamente, movendo-se apesar dos protestos de seus músculos e nervos atordoados pela dor, Duncan deslizou para trás, caindo da mesa, e ficou de pé, apoiado em sua cadeira, tremendo e olhando para Teg.

As instruções de Teg diziam: *Você deve ficar bem quieto. Não se mova. Deixe-o olhar para você o quanto quiser.*

Teg permaneceu imóvel, conforme as instruções. A memória da Revolta de Cerbol deixou sua mente: ele sabia o que fizera naquele tempo e o que havia acabado de fazer. De certa forma, ambas as ocasiões eram similares. Ele não contara aos rebeldes nenhuma verdade derradeira (se é que isso existe); apenas o suficiente para atraí-los de volta para o serviço. Dor e suas consequências previsíveis. “É para o seu próprio bem.”

Seria de fato bom aquilo que fizeram a esse ghola Duncan Idaho?

Teg se perguntou o que estaria ocorrendo na consciência de Duncan. Ele recebera todas as informações que se conhecia sobre esses momentos, mas o bashar descobrira que as palavras eram inadequadas. Os olhos e o rosto de Duncan proporcionavam evidência abundante de sua turbulência interna: uma torção medonha da boca e das bochechas, o olhar dardejando para todos os lados.

Vagarosamente, com uma lentidão extraordinária, o rosto de Duncan relaxou. Seu corpo continuou a tremer. Ele sentiu o latejar de seu corpo como algo distante, dores e sofrimento agudos que aconteceram com outra pessoa. Ainda assim, ele estava ali, naquele momento imediato: seja lá onde ou o que ali fosse. Suas memórias não se encaixavam. De repente, ele se sentiu deslocado dentro daquela pele nova demais, inadequada para sua existência pré-ghola. O dardejar e o contorcer de percepção eram todo dentro de si a partir de então.

As instrutoras de Teg disseram: *Ele terá filtros de imposição-ghola em suas memórias pré-ghola. Algumas das memórias originais dele voltarão aos borbotões. Outras retornarão mais*

*devagar. Contudo, não haverá entrelaçamento até que ele se lembre do momento de sua morte original.* Bellonda dera a Teg os detalhes daquele momento fatal.

– Sardaukar – sussurrou Duncan. Olhou ao redor de si, em direção aos símbolos Harkonnen que permeavam o não globo. – As tropas de extermínio do Imperador vestindo uniformes Harkonnen! – Um sorriso diabólico contorceu sua boca. – Como eles devem ter odiado aquilo!

Teg permaneceu em silêncio vigilante.

– Eles me mataram – disse Duncan. Foi uma afirmação desprovida de qualquer emoção, ainda mais enregelante por sua aceitação positiva. Um estremecimento violento o percorreu e os tremores diminuíram. – Pelo menos uma dúzia deles naquele cômodo minúsculo. – Ele olhou fixamente para Teg. – Um deles veio para cima de mim com um cutelo e me acertou direto em cima da cabeça. – Ele hesitou, sua garganta se movia convulsivamente. Seu olhar permaneceu fixo em Teg. – Dei a Paul tempo suficiente para escapar?

*Responda a todas as perguntas com a verdade.*

– Ele escapou.

Agora, chegara o momento de provação. Onde os Tleilaxu adquiriram as células Idaho? Os testes da Irmandade diziam que eram originais, mas as suspeitas permaneciam. Os Tleilaxu haviam feito algo por conta própria naquele gholá. Suas memórias poderiam ser uma pista valiosa para esse “algo”.

– Mas os Harkonnen... – disse Duncan. Suas memórias do Forte se entrelaçaram. – Ah, sim. Ah, sim! – Uma risada violenta o sacudiu. Ele gritou um bramido de vitória ao barão Vladimir Harkonnen, morto há milênios. – Dei o troco, barão! Fiz isso a você por todos aqueles que você destruiu!

– Você se lembra do Forte e das coisas que lhe ensinamos? – perguntou Teg.

Um franzir de sobrancelhas intrigado desenhou rugas profundas na testa de Duncan. A dor emocional lutava contra as dores físicas. Ele assentiu em resposta à pergunta de Teg. Havia duas vidas, uma separada pelos tanques axolotles e outra... outra... Duncan se sentia incompleto. Algo permanecia reprimido dentro dele. O despertar não terminara. Ele encarou o bashar, cheio de raiva. Havia mais? Teg fora brutal. Brutalidade necessária? Era assim que se despertava um ghola?

– Eu... – Duncan meneou a cabeça de um lado para o outro, como um animal ferido diante do caçador.

– Você se lembra de todas as suas memórias? – insistiu Teg.

– Todas? Ah, claro. Lembro de Gammu quando era Giedi Primo: a pocilga do Império, embebida em óleo e sangue. Sim, de fato, bashar. Eu fui um aluno dedicado. Comandante de Regimento! – Mais uma vez, ele gargalhou, jogando a cabeça para trás em um gesto estranhamente adulto para aquele corpo jovem.

Teg sentiu a liberação súbita de uma satisfação profunda, muito mais profunda do que alívio. Funcionara como elas haviam previsto.

– Você me odeia? – ele perguntou.

– Odiá-lo? Não lhe disse que seria grato?

De forma abrupta, Duncan levantou as mãos e as perscrutou. Transferiu o olhar para baixo, na direção de seu corpo juvenil.

– Que tentação! – ele murmurou. Abaixou as mãos e concentrou sua atenção no rosto de Teg, traçando as linhas de identidade. – Atreides – disse ele. – Vocês são infernalmente parecidos.

– Nem todos – retrucou Teg.

– Não me refiro à aparência, bashar. – Os olhos dele ficaram desfocados. – Perguntei minha idade. – Passou-se um silêncio

longo e depois: – Pelos deuses das profundezas! Tanto tempo se passou!

Teg recitou as instruções.

– A Irmandade precisa de você.

– Neste corpo imaturo? O que devo fazer?

– Na verdade, não sei, Duncan. O corpo amadurecerá e presumo que uma Reverenda Madre explicará o assunto a você.

– Lucilla?

De maneira abrupta, Duncan alçou o olhar para o teto ornamentado, logo em seguida para a alcova e o relógio grotesco. Ele se lembrou de como chegara ali com Teg e Lucilla. Esse lugar continuava o mesmo, mas era diferente.

– Harkonnen – ele sussurrou. Olhou ameaçadoramente para Teg.

– Você sabe quantas pessoas da minha família os Harkonnen torturaram e assassinaram?

– Uma das arquivistas de Taraza me passou um relatório.

– Um relatório? Você acha que palavras são capazes de descrever?

– Não, mas era a única resposta que eu tinha para sua pergunta.

– Maldito seja, bashar! Por que vocês Atreides sempre têm que ser tão verdadeiros e honrados?

– Acho que está em nossa linhagem.

– Isso é verdade. – A voz de Lucilla veio de trás de onde Teg estava.

Teg não se virou. Quanto ela ouvira? Há quanto tempo estaria ali?

Lucilla se aproximou até ficar de pé, ao lado de Teg, mas a atenção dela se fixava em Duncan.

– Vi que completou sua tarefa, Miles.

– As ordens de Taraza foram cumpridas à risca – disse Teg.

– Você foi bastante inteligente, Miles – cumprimentou ela. – Muito mais inteligente do que eu suspeitava. A senhora sua mãe deveria ser punida severamente pelo que lhe ensinou.

– Ah, Lucilla, a sedutora – falou Duncan. Ele olhou para Teg e retornou sua atenção para Lucilla. – Sim, agora posso responder minha outra pergunta: Qual é a tarefa de Lucilla?

– Elas são chamadas Impressoras – explicou Teg.

– Miles – disse Lucilla –, caso você tenha dificultado minha tarefa de forma que eu seja incapaz de cumprir minhas ordens, vou assá-lo em um espeto.

A falta de emoção na voz dela arrepiou Teg. Ele sabia que a ameaça era metafórica, mas suas implicações eram reais.

– Um banquete como punição! – exclamou Duncan. – Que gentil!

O próprio Teg se dirigiu a Duncan:

– Não há nada romântico no que diz respeito ao que fizemos com você, Duncan. Auxiliei as Bene Gesserit em mais de uma atribuição que me fez sentir sujo, mas nunca tão sujo quanto nesta ocasião.

– Silêncio – ordenou Lucilla. A Voz em força completa estava no comando.

Teg deixou-a fluir através dele e ao seu redor, como sua mãe lhe ensinara, então:

– Aqueles de nós que juramos nossa verdadeira lealdade à Irmandade temos apenas uma preocupação: a sobrevivência das Bene Gesserit. Não a sobrevivência de qualquer indivíduo, mas da Irmandade em si. Logros, desonestidades, essas são palavras vazias quando a questão é a sobrevivência da Irmandade.

– Maldita seja sua mãe, Miles! – Lucilla lhe fez a gentileza de não esconder sua irritação.

Duncan fitou Lucilla. Quem era ela? Lucilla? Ele sentiu as memórias se agitando. Lucilla não era a mesma pessoa... não era

em absoluto, e ainda assim... fragmentos e vestígios eram os mesmos. Sua voz. Suas características. De forma repentina, ele viu de novo a face da mulher que vislumbrara no Forte, na parede de seu quarto.

*Duncan, meu doce Duncan.*

Lágrimas escorreram dos olhos de Duncan. Sua própria mãe: outra vítima dos Harkonnen. Torturada... quem sabia o que mais acontecera? Nunca mais fora vista pelo seu “doce Duncan”.

– Deuses, gostaria de ter um deles aqui para matá-lo – Duncan se queixou.

Uma vez mais, ele concentrou sua atenção em Lucilla. Lágrimas borravam as feições dela e tornavam mais fácil a comparação. O rosto de Lucilla se misturava ao de lady Jéssica, amada de Leto Atreides. Duncan olhou para Teg, olhou de volta para Lucilla, livrando-se das lágrimas em seus olhos enquanto se movia. Os rostos da memória se dissolveram na face da Lucilla real, de pé em frente a ele. Similaridades... mas nunca o mesmo. Nunca o mesmo de novo.

*Impressora.*

Ele foi capaz de adivinhar o significado. Uma pura reação selvagem de Duncan Idaho se apoderou dele.

– Você quer um filho meu em seu útero, Impressora? Sei que vocês não são chamadas de “madres” por acaso.

Com um tom de voz frio, Lucilla respondeu:

– Discutiremos isso em outra ocasião.

– Vamos discutir em um lugar congenial – retrucou Duncan. – Talvez eu lhe cante uma canção. Não tão bem quanto o velho Gurney Halleck, mas boa o suficiente a ponto de nos preparar para um pouco de exercício na cama.

– Você acha isso divertido?

– Divertido? Não, mas *fui* lembrado de Gurney. Diga-me, Bashar, o senhor o trouxe dos mortos também?

– Não que eu saiba – respondeu Teg.

– Ah, aquele era um homem que sabia cantar! – continuou Duncan. – Ele podia matar enquanto cantava e sem desafinar uma nota sequer.

Ainda de maneira fria, Lucilla falou:

– Nós, Bene Gesserit, aprendemos a evitar música. Ela invoca muitas emoções confusas. Emoções memoriais, claro.

A afirmação tinha o propósito de deixá-lo perplexo diante da lembrança de tudo o que as Outras Memórias e os poderes das Bene Gesserit implicavam, mas Duncan apenas riu alto.

– Que pena – retrucou ele. – Vocês perdem muito da vida. – E começou a cantarolar um antigo refrão de Halleck:

“Em revista, amigos: soldados que dispensam revista...”

Contudo, a mente dele turbilhonava em outro lugar, com o novo e rico sabor daqueles momentos renascidos e, mais uma vez, ele sentiu o ávido toque de algo poderoso que permanecia enterrado dentro dele. Seja lá o que fosse, era violento e relacionado à Lucilla, a Impressora. Em sua imaginação, ele a via morta e o corpo dela banhado em sangue.



**As pessoas sempre querem mais do que alegria imediata ou aquele sentimento mais profundo, chamado felicidade. Esse é um dos segredos pelos quais moldamos a realização de nossos projetos. Esse “algo mais” assume um poder amplificado em pessoas que não conseguem nomeá-lo ou com pessoas (o que é mais frequente) que não suspeitam de sua existência. A maioria delas apenas reage de forma inconsciente a essas forças secretas. Portanto, temos apenas que criar um “algo mais”, defini-lo, dar-lhe forma e logo as pessoas nos seguirão.**

**– Segredos de Liderança das Bene Gesserit**

Com o silencioso Waff cerca de 20 passos diante delas, Odrade e Sheeana caminhavam por uma rua margeada por ervas daninhas ao lado de um pátio onde se estocava especiaria. Todos vestiam novos mantos de deserto e trajestiladores reluzentes. A cerca cinzenta de nulplaz que demarcava o pátio sustentava vestígios de grama e vagens longas, estreitas e felpudas penduradas em suas tramas. Olhando para as vagens, Odrade pensou nelas como a vida tentando irromper através da intervenção humana.

Atrás deles, os prédios atarracados que surgiram ao redor de Dar-es-Balat assavam sob a luz solar do início da tarde. O ar quente e seco queimava a garganta de Odrade quando inalava muito rápido. Ela se sentiu desorientada e em guerra contra si. A sede a incomodava. Ela caminhava como se tentasse se equilibrar à beira de um precipício. A situação que ela havia criado seguindo a ordem de Taraza poderia explodir a qualquer momento.

### *Como era frágil!*

Três forças balanceadas sem se apoiar umas contra as outras, mas que se uniam por motivos capazes de mudar repentinamente e destruir toda a aliança. Os militares enviados por Taraza não tranquilizaram Odrade. Onde estava Teg? Onde estava Burzmali? E por falar nisso, onde estava o ghola? Àquela altura, ele já devia ter chegado. Por que ela recebera ordens de postergar as coisas?

O evento de hoje certamente atrasaria o plano! Apesar de ter a benção de Taraza, Odrade achava que aquela excursão ao deserto dos vermes poderia se provar um atraso permanente. E havia Waff. Se ele sobrevivesse, sobraria algum fragmento para que ele pudesse reconstruir?

Apesar da aplicação dos melhores amplificadores de entrelaçamento ósseo da Irmandade, Waff dizia que seus braços ainda doíam nos locais onde Odrade os quebrara. Ele não reclamava, apenas fornecia informações. Ele parecia aceitar aquela frágil aliança, mesmo com as modificações que incorporavam a cabala sacerdotal de Rakis. Sem dúvidas, ele se sentia mais seguro já que um de seus Dançarinos Faciais ocupava o posto de Sumo Sacerdote, disfarçado de Tuek. Waff se manifestara energicamente quando perguntara sobre as “mães reprodutoras” das Bene Gesserit e, conseqüentemente, reteve o cumprimento de sua parte da negociação.

– Apenas um pequeno adiamento enquanto a Irmandade analisa o novo acordo – pedira Odrade. – Nesse meio-tempo...

Hoje era “esse meio-tempo”.

Odrade deixou de lado suas apreensões e começou a preparar seus ânimos para aquela tarefa. O comportamento de Waff a fascinava, especialmente a reação dele ao conhecer Sheeana: um temor palpável e mais do que mera reverência.

*A serva do seu Profeta.*

Odrade se voltou para o lado, na direção da garota que caminhava de forma obediente ao seu lado. Ali estava o verdadeiro poder para alavancar os eventos de acordo com o projeto Bene Gesserit.

As descobertas da Irmandade acerca da realidade por trás do comportamento tleilaxu deixaram Odrade empolgada. A fanática “verdadeira fé” de Waff ganhava forma a cada nova resposta dele. Ela se sentia afortunada apenas por estar ali, estudando um Mestre tleilaxu em um cenário religioso. Até mesmo a fricção que os pés de Waff faziam ao caminhar dava início a um comportamento que ela fora treinada a identificar.

*Devíamos ter adivinhado, pensou Odrade. As manipulações de nossa própria Missionaria Protectora deveriam ter nos informado como os Tleilaxu agiam: mantinham-se ensimesmados, bloqueando todas as intrusões por todos aqueles longos milênios.*

Não parecia que eles copiam a estrutura Bene Gesserit. E que outra força podia fazer algo assim? Era uma religião! A Grande Crença!

*A não ser que os Tleilaxu estejam usando o sistema ghola como forma de imortalidade.*

Taraza podia estar certa. Mestres tleilaxu reencarnados não seriam como Reverendas Madres: sem Outras Memórias, apenas memórias pessoais, mas prolongadas!

*Fascinante!*

Odrade olhou para frente, na direção das costas de Waff. *Perseverando*. Parecia uma característica natural dele. Ela lembrou que ele chamara Sheeana de “Alyama”. Outro *insight* linguístico que confirmava a Grande Crença de Waff. Significava “Abençoada”. Os

Tleilaxu mantiveram um idioma antigo não apenas vivo, mas também sem mudanças.

Waff não sabia que apenas forças poderosas como a religião faziam isso?

*Temos as raízes de sua obsessão ao nosso alcance, Waff! Não é diferente de algumas das quais criamos. Sabemos como manipular tais coisas para nossos propósitos.*

A mensagem de Taraza queimava na percepção de Odrade: “O plano dos Tleilaxu é transparente: ascendência. O universo humano deve se transformar em um universo tleilaxu. Eles não seriam capazes de chegar a esse objetivo sem a ajuda da Dispersão. *Ergo*”.

O raciocínio da Madre Superiora não podia ser negado. Mesmo a oposição dentro daquele cisma profundo que ameaçava destruir a Irmandade concordava. Mas imaginar aquela multidão de humanos da Dispersão, seus números crescendo em uma explosão exponencial, produzia um sentimento de desespero solitário em Odrade.

*Somos tão poucos em comparação a eles.*

Sheeana parou e pegou um pedregulho. Ela o olhou por um momento e o jogou contra a cerca ao lado delas. O pedregulho voou entre as tramas da cerca, sem tocá-las.

Odrade se controlou com mais firmeza. De repente, os sons de seus passos na areia soprada, que se espalhava pela rodovia deserta, pareciam ruidosos. A ponte comprida e estreita que passava por cima do anel-qanat e do fosso jazia menos de duzentos passos adiante, no final da avenida estreita.

– Estou fazendo isso porque a senhora me ordenou, Madre – Sheeana falou –, mas ainda não sei a razão.

*Porque essa é a provação com a qual testaremos Waff e, através dele, remodelaremos os Tleilaxu.*

– É uma demonstração – disse Odrade.

Era verdade. Não toda a verdade, mas servia.

Sheeana caminhava com a cabeça baixa, o olhar atento onde pisava. *Era assim que ela se aproximava de Shaitan*, perguntou-se Odrade. *Pensativa e distante?*

Odrade ouviu um indistinto “tuok-tuok” muito acima e atrás de onde estavam. Os ornitópteros atentos se aproximavam. Seriam mantidos a distância, mas vários olhos assistiriam àquela *demonstração*.

– Dançarei – disse Sheeana. – Isso geralmente atrai um dos grandes.

Odrade sentiu as batidas de seu coração acelerarem. O “um dos grandes” continuaria a obedecer Sheeana apesar da presença de seus dois acompanhantes?

*Isso é loucura suicida!*

Mas tinha que ser feito: ordens de Taraza.

Odrade olhou na direção do pátio de especiaria cercado ao lado deles. O lugar parecia estranhamente familiar. Mais que um déjà-vu. A certeza interna, advinda das Outras Memórias, a informava que aquele lugar permanecera praticamente sem mudanças desde os tempos ancestrais. O planejamento dos silos de especiaria no pátio era tão antigo quanto Rakis: tanques ovais sobre pernas compridas, insetos de metal e plaz esperando, com pernas de pernilongos prontas para saltarem sobre sua presa. Ela suspeitou de uma mensagem subconsciente dos projetistas originais: *mélange é ao mesmo tempo dádiva e perdição*.

Sob os silos, um descampado arenoso onde não se permitia que nada crescesse além dos prédios de parede de barro, um braço

ameboide de Dar-es-Balat, que se estendia quase até a borda do qanat. O não globo do Tirano, há muito escondido, produzira uma prolífica comunidade religiosa que escondia a maioria de suas atividades por trás de paredes sem janelas e no subterrâneo.

*O trabalho secreto de nossos desejos inconscientes!*

Mais uma vez, Sheeana falou:

– Tuek está diferente.

Odrade viu a cabeça de Waff se levantar bruscamente. Ele ouvira. Ele pensaria: *Somos capazes de esconder coisas da mensageira do Profeta?*

Pessoas demais já sabiam que um Dançarino Facial fazia as vezes de Tuek, pensou Odrade. A cabala sacerdotal, naturalmente, acreditava que estava dando aos Tleilaxu corda suficiente para enforçar as Bene Tleilax e as Bene Gesserit.

Odrade sentiu os odores pungentes dos produtos químicos usados para impedir o crescimento de vegetação selvagem no pátio de estocagem de especiaria. Os odores trouxeram a atenção dela de volta às necessidades. Ela não ousava se permitir aquele tipo de viagem mental ali! Seria tão fácil para a Irmandade ser enredada em sua própria armadilha.

Sheeana tropeçou e resmungou em voz baixa, mais de irritação do que de dor. Waff virou a cabeça abruptamente e olhou para Sheeana antes de voltar sua atenção para a estrada. A criança simplesmente tropeçara em uma rachadura na superfície da estrada, notou ele. A areia espalhada escondia os lugares onde a estrada se partira. Ainda assim, a estrutura etérea da ponte diante deles parecia segura. Não segura o bastante para sustentar um dos descendentes do Profeta, mas o suficiente para um suplicante humano atravessá-la em direção ao deserto.

Waff considerava a si mesmo como suplicante, em essência.

*Venho como um mendicante à terra de vossa mensageira, Deus.*

Ele tinha suspeitas no que dizia respeito a Odrade. A Reverenda Madre o levava até ali para sugar o conhecimento dele antes de matá-lo. *Com a ajuda de Deus, ainda posso surpreendê-la.* Ele sabia que seu corpo era imune a sondas ixianas, apesar de ser quase impossível que ela carregasse um dispositivo tão estorvador consigo. Mas era sua própria força de vontade e confiança na graça divina que tranquilizavam Waff.

*E se a mão que elas nos estendem for sincera?*

Isso, também, seria obra de Deus.

Aliança com as Bene Gesserit, controle assegurado de Rakis: que sonho! Finalmente a ascensão da Shariat e as Bene Gesserit como missionárias.

Quando Sheeana tropeçou mais uma vez e resmungou baixo outra vez, Odrade a repreendeu:

– Não se lamente, menina!

Odrade notou os ombros de Waff se retesarem. Ele não gostava daqueles modos autoritários com sua “Abençoada”. Aquele homem tinha determinação. Odrade atribuiu isso à força do fanatismo. Mesmo se o verme aparecesse para matá-lo, Waff não fugiria. A fé na vontade divina o levaria diretamente para sua própria morte... a menos que ele fosse arrancado de sua segurança religiosa.

Odrade conteve um sorriso. Ela seguia o processo de raciocínio dele: *Deus logo revelará Seu Propósito.*

Contudo, Waff pensava sobre o crescimento de suas células em lenta renovação, em Bandalong. Não importava o que acontecesse ali, as células dele sobreviveriam para dar continuação aos Bene Tleilax... e para Deus: um serial-Waff, sempre a serviço da Grande Crença.

– Você sabe que sinto o odor de Shaitan – disse Sheeana.

– Agora? – Odrade olhou para cima, para a ponte à frente deles. Waff já dera alguns passos sobre a superfície arqueada.

– Não, apenas quando ele se aproxima – respondeu Sheeana.

– Claro que você sente, menina. Todo mundo sente.

– Posso sentir de longe.

Odrade inspirou profundamente pelo nariz, distinguindo os odores exalados de pederneira queimada... baforadas fracas de mélange, ozônio, algo distintamente ácido. Ela acenou para que Sheeana seguisse à sua frente em fila única sobre a ponte. Waff mantinha seus vinte passos de distância. A ponte mergulhava no deserto sessenta metros à frente dele.

*Na primeira oportunidade, provarei a areia,* pensou Odrade. *Isso me revelará muito.*

Ao subir na ponte sobre o fosso d'água, ela olhou para o sudoeste e fitou uma pequena barreira ao longo do horizonte. Abruptamente, Odrade se confrontou com uma poderosa Outra Memória. Nela, não havia a nitidez de sua visão atual, mas ela a reconheceu: uma mistura de imagens emanando das fontes mais profundas dentro dela.

*Maldição!*, pensou ela. *Agora não!*

Não havia escapatória. Essas intrusões aconteciam por algum motivo, um questionamento inevitável sobre sua percepção.

*Alerta!*

Ela fitou o horizonte com os olhos semicerrados, permitindo que a Outra Memória se sobrepusesse: uma alta barreira de outrora, bem distante dali... as pessoas se moviam sobre seu ápice. Havia uma ponte etérea naquela memória distante, insubstancial e bela. Ligava uma parte daquela barreira desaparecida à outra e, mesmo sem ver, Odrade sabia, um rio passava por debaixo da ponte que há muito desabara. O Rio Idaho! Agora, a imagem sobreposta fornecia



movimentos: objetos caindo da ponte. Estavam longe demais para serem identificados, mas ela já conhecia os rótulos da imagem que se projetava naquele momento. Com um sentimento de horror e elação, ela identificou a cena.

A ponte etérea estava caindo! Ruindo em direção ao rio mais abaixo.

Essa visão não era de alguma destruição aleatória. Era violência clássica, carregada em diversas memórias, que foram apresentadas a ela durante a agonia da especiaria. Odrade era capaz de classificar os componentes bem definidos da imagem: milhares de seus ancestrais assistiram àquela cena em reconstrução imaginativa. Não era uma memória visual real, mas sim a montagem de relatórios precisos.

*Foi ali que aquilo aconteceu!*

Odrade parou e permitiu que as projeções da imagem seguissem por sua percepção. *Alerta!* Algo perigoso havia sido identificado. Ela não tentou descobrir o conteúdo do alerta. Se o fizesse, Odrade sabia que a imagem poderia se desfazer em pedaços embaralhados, sendo que qualquer um deles poderia ser relevante, mas a certeza original desapareceria.

Aquela coisa se fixava na história de Atreides. Leto II, o Tirano, caíra para sua dissolução a partir daquela ponte etérea. O grande verme de Rakis, o próprio Imperador Deus Tirano, fora derrubado daquela ponte em sua peregrinação nupcial.

Ali! Bem ali, no Rio Idaho, sob a ponte destruída, o Tirano submergira em sua própria agonia. Bem ali, a transubstanciação a partir da qual o Deus Dividido nascera... tudo começara ali.

*Por que isso seria um aviso?*

Ponte e rio haviam desaparecido daquela terra. A alta barreira que circundava o árido Sareer do Tirano havia erodido, tornando-se

uma linha quebrada no horizonte que tremeluzia sob o calor.

Se um verme chegasse agora, com sua pérola encapsulada da memória eternamente sonhadora do Tirano, tal memória seria perigosa? Era isso que a oposição de Taraza na Irmandade argumentava: “Ele acordará!”.

Taraza e suas assessoras negavam essa possibilidade.

Mesmo assim, esse clamor das Outras Memórias de Odrade não poderia ser ignorado.

– Reverenda Madre, por que paramos?

Odrade sentiu sua percepção voltando com um solavanco para o presente imediato que demandava sua atenção. Ali, naquela visão cautelar, era onde o sonho interminável do Tirano começara, mas outros sonhos se imiscuíram. Sheeana permaneceu diante dela com uma expressão confusa.

– Eu estava olhando para lá – apontou Odrade. – Foi ali que Shai-hulud começou, Sheeana.

Waff parou no final da ponte, a um passo da areia que os circundava. Estava agora a cerca de quarenta passos mais a frente de Odrade e Sheeana. A voz da Reverenda Madre o colocou em rígido estado de alerta, mas ele não se virou. Odrade era capaz de sentir o desconforto na postura dele. Waff não gostava de qualquer sinal de cinismo dirigido a seu Profeta. Ele sempre suspeitava do cinismo das Reverendas Madres, em especial no que concernia a questões religiosas. Waff ainda não estava pronto para aceitar que as Bene Gesserit, há muito tempo odiadas e temidas, pudessem compartilhar de sua Grande Crença. Aquele caminho deveria ser traçado com cuidado: como sempre era o caso com a Missionaria Protectora.

– Eles disseram que havia um grande rio – falou Sheeana.

Odrade notou o tom cadenciado de escárnio na voz de Sheeana. A menina aprendia rápido!

Waff se virou e as fulminou com um olhar. Ele também notara. O que estaria pensando sobre Sheeana naquele momento?

Odrade segurou o ombro da menina com uma das mãos e apontou com a outra.

– Havia uma ponte ali. A grande muralha do Sareer fora deixada aberta para permitir a passagem do Rio Idaho. A ponte se estendia sobre aquela falha.

Sheeana suspirou.

– Um rio de verdade – ela sussurrou.

– Não era um qanat, grande demais para ser um canal – disse Odrade.

– Nunca vi um rio – disse Sheeana.

– Foi ali onde despejaram Shai-hulud no rio – continuou Odrade. Ela fez um gesto para a esquerda. – Deste lado, vários quilômetros naquela direção, ele construíra seu palácio.

– Não há nada além de areia para lá – observou Sheeana.

– O palácio foi destruído nos Tempos da Penúria – explicou Odrade. – As pessoas acreditavam que havia uma reserva de especiaria lá. Estavam erradas, é claro. Ele era inteligente demais para isso.

Sheeana se inclinou para perto de Odrade e sussurrou:

– Ainda assim, existe um grande tesouro de especiaria. Os cânticos falam sobre ele. Escutei várias vezes. Meu... eles dizem que está em uma caverna.

Odrade sorriu. Sheeana se referia a História Oral, é claro. E ela quase dissera: “meu pai...” querendo falar do seu pai biológico, que morrera neste deserto. Odrade já extraíra essa história da garota.

Ainda sussurrando próxima ao ouvido de Odrade, Sheeana disse:

– Por que este homenzinho veio conosco? Não gosto dele.

– É necessário para a demonstração – disse Odrade.

Waff aproveitou o momento para pisar além da ponte, sobre o primeiro declive macio da amplidão da areia. Ele se moveu com cuidado, mas sem qualquer sinal de hesitação. Uma vez na areia, virou-se, seus olhos brilhando sob a luz quente do sol e fitou primeiro Sheeana e depois Odrade.

*Ainda aquela reverência quando olha para Sheeana, pensou Odrade. Que coisas fantásticas ele acredita que descobrirá aqui. Ele será restaurado! E o prestígio!*

Sheeana protegeu os olhos com uma das mãos e estudou o deserto.

– Shaitan gosta do calor – disse Sheeana. – As pessoas buscam abrigo quando faz calor, mas é quando Shaitan aparece.

*Não Shai-hulud, pensou Odrade. Shaitan! Você fez uma excelente previsão, Tirano. O que mais você sabia sobre a nossa época?*

Seria de fato o Tirano ali fora, adormecido em todos os seus vermes descendentes?

Nenhuma das análises que Odrade estudara forneciam uma explicação segura sobre o que levava um ser humano a se submeter a uma simbiose com o verme original de Arrakis. O que se passara por aquela mente durante os milênios daquela transformação apavorante? Será que algo daquilo, até mesmo o menor dos fragmentos, se preservara nos vermes rakianos dos tempos atuais?

– Ele está próximo, Madre – avisou Sheeana. – Você sente o odor?

Waff espreitou Sheeana com apreensão.

Odrade respirou fundo: um aumento profuso de canela no cheiro amargo de pederneira. Fogo, enxofre, o inferno repleto de cristal do grande verme. Ela parou e levou uma partícula suspensa de areia à língua. Todo o plano de fundo estava ali: Duna das Outras Memórias e Rakis dos tempos de hoje.

Sheeana apontou em ângulo para sua esquerda, de onde a leve brisa do deserto soprava.

– Lá está ele. Temos de nos apressar.

Sem esperar a permissão de Odrade, Sheeana correu com leveza para fora da ponte, passando por Waff, e subiu na primeira duna. Parou ali até que Odrade e Waff a alcançassem. A partir dali, ela os liderou, descendo pelo outro lado da duna e subindo outra elevação, essa com areia que dificultava a passagem. Margearam um barranco grande e curvo, onde nuvens diáfanas de poeira sopravam a partir de sua crista. Logo, eles haviam aberto quase um quilômetro entre onde estavam e a segurança cercada de água de Dar-es-Balat.

Mais uma vez, Sheeana parou.

Waff estancou atrás dela, ofegante. A transpiração brilhava no lugar em que o capuz de seu trajestilador cruzava a testa.

Odrade parou um passo atrás de Waff. Ele respirou de forma calma e profunda enquanto olhava além do Tleilaxu para onde a atenção de Sheeana se fixava.

Uma onda furiosa de areia se erguera pelo deserto mais além da duna onde eles estavam, formada por um vento de tempestade. O leito rochoso jazia exposto, uma avenida comprida e estreita de pedregulhos gigantes, os quais, por sua vez, espalhavam-se revirados como os blocos de construção de um enlouquecido criador prometeico. Por meio desse labirinto selvagem, a areia fluíu como um rio, deixando sua assinatura na forma de ranhuras e fendas

profundas, para em seguida se afundar em uma escarpa baixa, lançando-se sobre mais dunas.

– Ali embaixo – exclamou Sheeana, apontando para a avenida formada pelo leito rochoso. Ela se precipitou para o local indicado, deslizando e tropeçando em areia espalhada. Quando chegou ao fundo, ela parou ao lado de um pedregulho de pelo menos duas vezes o seu tamanho.

Waff e Odrade pausaram logo atrás dela.

A face escorregadia de outro barranco gigante, sinuoso como o dorso de uma baleia, erguia-se contra o céu azul-prateado ao lado deles.

Odrade usou a pausa para recompor seu equilíbrio de oxigênio. Aquela corrida ensandecida demandara muito do seu corpo. Waff, ela notara, estava com o rosto corado e respirando profundamente. O cheiro de canela e de pederneira era opressivo naquela passagem estreita. Waff farejou e esfregou o nariz com o dorso da mão. Sheeana se colocou na ponta dos dedos de seu pé, girou e caminhou dez passos pela avenida rochosa. Ela apoiou um pé no aclave arenoso da próxima duna e levantou ambos os braços para o céu. Devagar no começo, depois aumentando o ritmo, ela começou a dançar, movendo-se na areia.

Os ruídos do tóptero ficaram mais altos logo acima.

– Ouçam! – chamou Sheeana, sem parar a dança.

Ela não chamava a atenção para os tópteros. Odrade virou a cabeça, permitindo que seu ouvidos dessem atenção para um som novo, penetrando no labirinto de rochas desordenadas.

Um assovio sibilante, subterrâneo e abafado pela areia se tornava mais alto com uma rapidez chocante. O calor acompanhava o ruído, o perceptível aquecimento da brisa que ondulava pela avenida rochosa. O silvo se intensificou até virar um rugido

crescente. De forma abrupta, a abertura de uma boca gigantesca, coroada de dentes cristalinos e serrilhados se levantou sobre a duna diretamente acima de Sheeana.

– Shaitan! – gritou Sheeana, sem quebrar o ritmo da dança. – Aqui estou, Shaitan.

Enquanto se encimava na duna, o verme voltou a boca para baixo, na direção de Sheeana. A areia cascadeou ao redor dos pés dela, forçando-a a parar sua dança. O odor de canela espalhou-se pelo desfiladeiro. O verme parou acima deles.

– Mensageiro de Deus! – ofegou Waff.

O calor secou o suor da face exposta de Odrade e fez com que a insulação automática de seu trajestilador se estufasse de forma perceptível. Ela inalou profundamente, classificando os componentes por trás daquela inundação de canela. O ar ao redor deles estava prenhe com o ozônio e se enchia depressa com oxigênio. Com os sentidos em alerta máximo, Odrade armazenou essas impressões.

*Se eu sobreviver*, pensou.

Sim, eram dados valiosos. Poderia chegar o dia em que outros os usariam.

Sheeana retrocedeu pela areia derramada até a face nua da rocha. Voltou a dançar, movendo-se de maneira ainda mais selvagem, girando a cabeça com ímpeto a cada rodopio. O cabelo chicoteava seu rosto e, a cada vez que ela girava para confrontar o verme, gritava:

– Shaitan!

De maneira delicada, como uma criança em solo desconhecido, mais uma vez o verme avançou. Deslizou pela crista da duna, se enrolou sobre a rocha exposta e apresentou sua boca abrasadora levemente acima de Sheeana, a cerca de dois passos da garota.

Assim que o verme parou, Odrade tomou consciência do ribombar da fornalha nas profundezas do verme. Ela não conseguia desviar os olhos dos reflexos das cintilantes chamas alaranjadas no interior da criatura. Era uma caverna de fogo misterioso.

Sheeana parou de dançar. Cerrou ambas as mãos e encarou o monstro que ela invocara.

Odrade respirou a intervalos regulares, no ritmo controlado de uma Reverenda Madre que reunia todos os seus poderes. Se aquele fosse o fim... bem, ela obedecera as ordens de Taraza. Deixe que a Madre Superiora aprenda o que puder a partir dos observadores logo acima.

– Olá, Shaitan – disse Sheeana. – Trouxe uma Reverenda Madre e um homem dos Tleilaxu comigo.

Waff caiu de joelhos e se prostrou.

Odrade passou por ele e ficou de pé ao lado de Sheeana.

A menina respirou profundamente. Seu rosto estava corado.

Odrade ouviu o clique-clique de seus trajestiladores sobrecarregados. O ar abafado de canela ao redor deles estava prenhe com os sons daquele encontro, dominado pelo crepitar murmurante dentro do verme quiescente.

Waff se ergueu e foi até o lado de Odrade, seu olhar em transe fixado no verme.

– Estou aqui – sussurrou ele.

Odrade o amaldiçoou em silêncio. Qualquer ruído desnecessário era capaz de atrair a besta na direção deles. Entretanto, ela sabia o que Waff estava pensando: nenhum outro Tleilaxu se aproximara tanto de um descendente de seu Profeta. Nem mesmo os sacerdotes rakianos haviam feito aquilo!

Com a mão direita, Sheeana fez um gesto repentino para baixo:

– Abaixar-se até aqui, Shaitan! – disse ela.



O verme abaixou a bocarra até que sua fogueira interna preenchesse o desfiladeiro diante deles.

Com a voz que mal passava de um sussurro, Sheeana disse:

– Viu só como Shaitan me obedece, Reverenda Madre?

Odrade sentia o controle de Sheeana sobre o verme, uma pulsação do idioma secreto entre a criança e o monstro. Era assombroso.

Com a voz se erguendo em uma arrogância cheia de ousadia, Sheeana declarou:

– Vou pedir a Shaitan que nos deixe cavalgá-lo. – Ela subiu pelo lado escorregadio da duna ao lado do verme.

Imediatamente, a enorme boca levantou para acompanhar os movimentos dela.

– Fique aí! – gritou Sheeana. O verme parou.

*Não são as palavras que o comandam*, pensou Odrade. É outra coisa... outra coisa...

– Madre, venha comigo – Sheeana a chamou.

Empurrando Waff diante de si, Odrade obedeceu. Eles subiram pelo aclave arenoso atrás de Sheeana. A areia espirrou para baixo, espalhando-se ao lado do verme que aguardava, se empilhando no desfiladeiro. À frente deles, a cauda afilada do verme se curvava ao longo da crista da duna. Sheeana os conduziu, trotando com dificuldade graças à areia acumulada em torno dos pés, até a ponta da cauda. Ali, ela agarrou a borda principal de um anel da superfície corrugada e montou a besta do deserto.

Lentamente, Odrade e Waff a seguiram. A superfície quente do verme parecia inorgânica para Odrade, como se fosse um artefato ixiano.

Sheeana saltitou para frente ao longo do dorso e agachou-se logo atrás da boca, onde os anéis se avolumavam, grossos e largos.

– Assim – disse Sheeana. Ela se inclinou para frente e agarrou por debaixo da borda de um dos anéis principais, levantando-o um pouco para expor a suavidade rosada que jazia ali.

Waff obedeceu Sheeana de imediato, mas Odrade foi mais cautelosa, acumulando impressões. A superfície do anel era tão dura quanto o plascreto e coberta com diminutas incrustações. Os dedos de Odrade sondaram a suavidade por debaixo da borda principal. A camada pulsava com suavidade. A superfície ao redor deles se ergueu e caiu em um ritmo quase imperceptível. Odrade ouviu uma raspagem em tom baixo a cada movimento.

Sheeana chutou a superfície do verme atrás de si.

– Vá, Shaitan! – disse ela.

O verme não respondeu.

– Por favor, Shaitan – implorou Sheeana.

Odrade ouviu o desespero na voz de Sheeana. A menina estava tão confiante sobre seu Shaitan, mas Odrade sabia que a garota só recebera permissão para montar aquela única vez. Odrade conhecia a história completa, desde o desejo de morrer até a confusão sacerdotal, mas nada disso lhe dizia o que aconteceria depois.

De forma abrupta, o verme entrou em movimento. Levantou-se rapidamente, virou-se para a esquerda e fez uma curva fechada para fora do desfiladeiro rochoso. Depois, se afastou de Dar-es-Balat, na direção da vastidão do deserto.

– Seguimos com Deus! – bradou Waff.

O som da voz dele chocou Odrade. Quanta selvageria! Ela sentiu o poder da fé dentro do Tleilaxu. O *tuok-tuok* dos ornitópteros que os seguiam continuava a ecoar. O vento provocado pela passagem deles passava com rapidez por Odrade, cheio de ozônio e dos odores da fornalha quente, reavivada pela fricção do monstro gigantesco.

Odrade relanceou por sobre um ombro na direção dos tópteros, pensando em quão fácil seria para seus inimigos livrarem aquele planeta de uma criança problemática, uma Reverenda Madre igualmente problemática e um Tleilaxu desprezível: era só usar a violência naquele momento vulnerável, na amplidão do deserto. A cabala sacerdotal podia tentar, ela sabia, esperando que as guardas de Odrade lá em cima chegassem muito tarde para evitar.

Será que a curiosidade e o medo os impediam?

Odrade admitiu sentir uma poderosa curiosidade.

*Para onde essa coisa está nos levando?*

Com certeza, não se dirigia a Kina. Odrade levantou a cabeça e espreitou por sobre Sheeana. No horizonte, diretamente à frente, jazia a reveladora endentação de pedras caídas, aquele lugar onde o Tirano fora derrubado da superfície de sua ponte etérea.

O lugar sobre o qual as Outras Memórias alertaram.

A revelação repentina travou a mente de Odrade. Ela compreendera o aviso. O Tirano morrera no lugar que ele mesmo escolhera. Várias mortes haviam deixado sua marca ali, mas a dele era a mais importante. O Tirano escolhera aquela rota de peregrinação com um propósito. Sheeana não ordenara ao verme que fosse até lá. Ele se movera de acordo com a própria vontade. O ímã do sonho interminável do Tirano o atraía de volta para o local onde o sonho começara.

**Certa vez, havia um homem das terras secas. Perguntaram a ele o que era mais importante, um litrofão de água ou uma piscina grande e cheia. O homem pensou por um momento e respondeu:**

**“O litrofão é mais importante. Ninguém consegue ser o único dono de uma grande piscina de água. Mas um litrofão pode ser escondido embaixo de um manto e levado embora sem que ninguém perceba”.**

**– As Anedotas de Duna Ancestral,  
Repositório Bene Gesserit**

Foi uma longa sessão na sala de treinamento do não globo, Duncan em uma gaiola móvel conduzindo o exercício, inflexível em sua opinião de que aquela série de treinos em particular deveria continuar até que seu corpo novo se adaptasse às sete atitudes centrais de combate em resposta a ataques de oito direções. Seu traje único verde estava manchado pela transpiração. Vinte dias e ainda estavam naquela única lição!

Teg conhecia o ensinamento antigo que Duncan revivia ali, mas também o conhecia por nomes e sequências diferentes. Antes que cinco dias daquele treinamento se completassem, Teg colocou em dúvida a superioridade dos métodos modernos. Agora, estava convencido de que Duncan fazia algo completamente novo: misturava o antigo com o que aprendera no Forte.

Teg se sentou em seu próprio terminal de controle, mais como observador do que participante. Os terminais que guiavam as perigosas forças sombrias naqueles treinos requeriam um ajuste

mental de Teg, mas agora ele se sentia familiarizado com elas e movia o ataque com facilidade e inspiração frequente.

Lucilla, irascível, olhava ocasionalmente para a sala. Ela assistia e depois saía, sem emitir comentários. Teg não sabia o que Duncan estava fazendo com a Impressora, mas tinha um pressentimento de que o gholá desperto se entretinha com um jogo de procrastinação com sua *sedutora*. Ela não permitiria que aquilo continuasse por muito mais tempo, Teg sabia, mas estava fora de suas mãos. Duncan não era mais “tão jovem” para a Impressora. Aquele corpo pueril carregava a mente de um homem maduro, com experiências a partir das quais era capaz de tomar suas próprias decisões.

Duncan e Teg permaneceram na sala com apenas uma pausa durante toda a manhã. As pontadas de fome afligiam Teg, mas ele relutava em terminar a sessão. As habilidades de Duncan ascenderam a um novo patamar naquele dia e ele ainda estava melhorando.

Teg se acomodou em um terminal de gaiola fixa, deu uma guinada nas forças de ataque em uma manobra complexa, atacando da esquerda, da direita e de cima.

O arsenal dos Harkonnen guardara aquelas armas exóticas e instrumentos de treinamento em abundância, alguns dos quais Teg conhecia apenas por meio de relatos históricos. Ao que parecia, Duncan conhecia todos eles e com uma intimidade que Teg admirava. Caçadores-buscadores, equipados para penetrar um escudo de força, faziam parte do sistema de sombras que os dois usavam naquele momento.

– Eles diminuem a velocidade automaticamente para atravessar o escudo – explicou Duncan em sua voz jovem-adulta. – Se o golpe for muito rápido, é óbvio que o escudo o repelirá.

– Escudos desse tipo quase já não são utilizados – disse Teg. – Algumas sociedades os conservam como forma de esporte, mas em geral...

Duncan executou um contra-ataque de velocidade extrema, que derrubou três caçadores-buscadores no chão, tão danificados que precisavam dos serviços de manutenção do não globo. Ele removeu a gaiola e diminuiu o sistema, mantendo-o ligado, mas inativo, enquanto se aproximava de Teg, respirando de forma profunda, ainda que suave. Olhando para além de Teg, Duncan sorriu e assentiu. Teg deu meia-volta, mas viu apenas o esvoaçar do vestido de Lucilla enquanto ela deixava o recinto.

– É como um duelo – disse Duncan. – Ela tenta atravessar minha guarda e eu contra-ataco.

– Tome cuidado – aconselhou Teg. – É uma Reverenda Madre plena.

– Conheci algumas delas em minha época, bashar.

Mais uma vez, Teg se sentiu perplexo. Fora alertado que ele mesmo teria de se reajustar para aquele Duncan Idaho diferente, mas não tinha antecipado por inteiro as constantes demandas mentais daquele reajuste. Naquele momento, o olhar de Duncan era desconcertante.

– Nossos papéis mudaram um pouco, bashar – disse Duncan. Ele pegou uma toalha do chão e enxugou o rosto.

– Já não tenho mais certeza do que posso ensinar-lhe – admitiu Teg. Ele desejava, contudo, que Duncan levasse em conta seu alerta sobre Lucilla. Duncan imaginava que as Reverendas Madres do passado eram idênticas às mulheres de hoje? Teg achava que isso era altamente improvável. Assim como todas as outras formas de vida, a Irmandade evoluíra e mudara.

Era óbvio para Teg que Duncan chegara a uma decisão sobre o seu lugar nas maquinações de Taraza. Duncan não estava apenas ganhando tempo. O ghola treinava seu corpo para atingir um auge escolhido por ele mesmo e fizera seu próprio julgamento sobre as Bene Gesserit.

*Ele fizera esse julgamento com base em dados insuficientes,* pensou Teg.

Duncan jogou a toalha no chão e olhou para ela por alguns instantes.

– Deixe-me avaliar o que o senhor pode me ensinar, bashar. – Ele se virou e focou sua atenção em Teg, sentado na gaiola.

Teg inspirou profundamente. Sentiu vestígios do ozônio emanando de todos aqueles duradouros equipamentos Harkonnen, esperando que Duncan retornasse à ação. A transpiração do ghola emitia um odor amargo que dominou o ambiente.

Duncan espirrou.

Teg farejou, reconhecendo a poeira onipresente de suas atividades. Às vezes, podia-se mais sentir o gosto daquilo do que o cheiro. Alcalino. Sobrepujando todo o resto vinha a fragrância dos purificadores de ar e oxirregeneradores. Havia um inconfundível aroma floral embutido no sistema, apesar de Teg não ser capaz de identificar a flor. No mês transcorrido desde a ocupação deles, o globo também assumira odores humanos, insinuando-se lentamente no composto original: transpiração, comida preparada, e a acridez do lixo, nunca de todo suprimida. Para Teg, esses lembretes da presença deles eram estranhamente ofensivos. E ele descobrira a si mesmo fungando e prestando atenção a sons de intrusos... algo além dos ecos de seus próprios passos e os abafados clangores metálicos da área da cozinha.

A voz de Duncan se intrometeu:

– O senhor é um homem extraordinário, bashar.  
– O que você quer dizer com isso?  
– Há essa semelhança com o duque Leto. A identidade facial é estranha. Ele era um pouco mais baixo, mas a identidade... – Ele meneou a cabeça, pensando nos desígnios das Bene Gesserit por trás daqueles marcadores genéticos na face de Teg: aquele olhar de gavião, as rugas marcadas e aquele algo interior, aquela certeza de superioridade moral.

*Quão moral e quão superior?*

De acordo com os relatórios que Duncan lera no Forte (e ele estava certo de que haviam sido colocados ali especialmente para que fossem descobertos), a reputação de Teg era algo quase universal para a sociedade daquela era. Na Batalha de Markon, bastou que o inimigo soubesse que Teg estava lá, em pessoa, fazendo-lhes oposição. Eles clamaram por negociações. Seria verdade?

Duncan olhou para Teg do terminal da gaiola e apresentou essa questão.

– A reputação pode ser uma bela arma – disse Teg. – Com frequência, ela derrama menos sangue.

– Por que o senhor foi para o fronte com suas tropas em Arbelough? – perguntou Duncan.

Teg demonstrou surpresa.

– Onde você aprendeu sobre isso?

– No Forte. O senhor poderia ter morrido. De que isso teria servido?

Teg lembrou a si mesmo que aquele corpo jovem, de pé, próximo a ele, possuía conhecimentos inauditos, os quais deveriam guiá-lo na busca por informação. Era naquela área desconhecida, Teg suspeitava, que Duncan era mais valioso para a Irmandade.



– Sofremos perdas terríveis em Arbelough nos dois dias anteriores – disse Teg. – Falhei em traçar uma avaliação correta do medo e do fanatismo do inimigo.

– Mas o risco de...

– Minha presença no fronte dizia a meu pessoal: “Compartilho dos mesmos riscos que vocês”.

– Os relatórios do Forte dizem que Aberlough fora corrompido pelos Dançarinos Faciais. Patrín me contou que o senhor vetou o pedido de seus auxiliares quando eles o exortaram para varrer todo o planeta, esterilizá-lo e...

– Você não estava lá, Duncan.

– Estou tentando me colocar em sua posição. O senhor poupou seus inimigos apesar de todos os conselhos contrários.

– Exceto os Dançarinos Faciais.

– Mas em seguida o senhor caminhou desarmado por entre as fileiras dos inimigos e antes que eles baixassem as armas.

– Para assegurá-los de que não seriam destruídos.

– Foi uma decisão muito perigosa.

– Será mesmo? Muitos deles se uniram a nós para o assalto final em Kroinin, quando desarticulamos as forças anti-Irmandade.

Duncan olhou firme para Teg. Aquele velho bashar se parecia fisicamente com o duque Leto e também tinha o mesmo carisma Atreides: uma figura lendária, mesmo entre seus antigos inimigos. Teg dissera que descendia de Ghanima, pelo lado Atreides, mas deveria haver mais do que isso. A execução da maestria reprodutiva das Bene Gesserit o deixara estupefato.

– Agora, voltaremos ao treino – disse Duncan.

– Não vá sofrer uma lesão.

– Você esquece, bashar. Lembro-me de um corpo tão jovem quanto este e bem aqui em Giedi Primo.

– Gammu!

– O planeta foi renomeado de forma apropriada, mas meu corpo ainda se lembra do original. Foi por isso que me trouxeram para cá. Eu sei.

*Claro que ele saberia*, pensou Teg.

Mais uma vez eles retornaram ao antigo equipamento Harkonnen naquela antiga área de treinamento: um longo cômodo com suas paredes e assoalho de madeira ancestral. Luciglobos flutuantes ladeavam todo o aposento. Havia poucas sombras ali, exceto pelas forças sombrias e vultos das armas ágeis controladas pelo equipamento Harkonnen.

Revigorado pelo breve descanso, Teg introduziu um novo elemento no ataque e enviou uma linha chamejante contra o lado esquerdo de Duncan.

Com que facilidade Duncan se esquivou do ataque!

Ele usava uma variação singular e mista das cinco atitudes; cada resposta parecia inventada antes mesmo que se precisasse dela.

– Cada ataque é uma pluma flutuando na estrada infinita – disse Duncan. Sua voz não expressou qualquer sinal de esforço. – À medida que a pluma se aproxima, ela é desviada e removida.

Enquanto falava, se esquivava de um ataque fluido e contra-atacava.

A lógica Mentat de Teg seguia os movimentos naquilo que ele reconhecia como lugares perigosos. *Dependências e troncos-chave*.

Duncan trocou sua postura para atacar, adiantando-se, guiando seus movimentos em vez de agir em resposta. Teg foi forçado a empregar suas habilidades mais elevadas enquanto as forças sombrias queimavam e tremeluziam pelo solo. A figura lépida de Duncan em sua gaiola móvel dançava ao longo do espaço que os separava. Nenhum dos caçadores-buscadores ou contragolpes com

as linhas chamejantes de Teg tocava a figura em movimento. Duncan estava sobre eles, abaixo deles, aparentemente intrépido em relação à dor real que os equipamentos poderiam causar a ele.

Mais uma vez, Duncan aumentou a velocidade de seu ataque.

Uma pontada de dor subiu pelo braço esquerdo de Teg, desde a mão sobre os controles até seu ombro.

Com uma exclamação repentina, Duncan desligou o equipamento.

– Desculpe-me, bashar. Foi uma defesa soberba da sua parte, mas temo que sua idade o derrotou.

Uma vez mais, Duncan atravessou a sala e se posicionou diante de Teg.

– Um pouco de dor para me lembrar da dor que lhe causei – disse Teg. Ele massageou seu braço formigante.

– Culpe o calor do momento – retrucou Duncan. – Já trabalhamos o suficiente por ora.

– Nem tanto – disse Teg. – Não é suficiente fortalecer apenas os músculos.

Ouvindo essas palavras de Teg, Duncan sentiu uma sensação de alerta trespassar seu corpo. Ele pressentiu o toque desorganizado daquela coisa incompleta que o despertar não fora capaz de animar. Alguma coisa rastejando dentro de si, pensou Duncan. Como se fosse uma mola comprimida, esperando para ser solta.

– O que mais você faria? – perguntou Duncan. Sua voz soou áspera.

– Sua sobrevivência está em jogo aqui – disse Teg. – Tudo isso está sendo feito para salvá-lo e levá-lo até Rakis.

– Por motivações Bene Gesserit, as quais o senhor diz desconhecer!

– Não sei quais são, Duncan.

- Mas você é um Mentat.
- Mentats precisam de dados para fazer projeções.
- Você acha que Lucilla sabe?
- Não tenho certeza, mas deixe-me alertá-lo mais uma vez a respeito dela. Ela recebeu ordens para levá-lo a Rakis *preparado* para o que você deve fazer ali.
- Devo? – Duncan balançou a cabeça de um lado para o outro. – Não sou senhor de mim, com direito a tomar minhas próprias decisões? O que você acha que despertou aqui, um maldito Dançarino Facial que só é capaz de obedecer ordens?
- Você está me dizendo que não vai para Rakis?
- Estou lhe dizendo que tomarei minhas próprias decisões quando souber o que devo fazer. Não sou um assassino mercenário.
- É isso que você acha que eu sou, Duncan?
- Acho que o senhor é um homem honrado, alguém a ser admirado. Dê-me algum crédito por ter meus próprios padrões de dever e honra.
- Foi-lhe concedida uma nova chance de viver e...
- Mas você não é meu pai e Lucilla não é minha mãe. Impressora? Para que ela espera me *preparar*?
- Talvez ela mesma não saiba, Duncan. Como eu, talvez ela conheça apenas uma parte do projeto. Sabendo como a Irmandade age, essa possibilidade é alta.
- Então vocês dois sabem apenas que devem me treinar e me levar a Arrakis! “Aqui está o pacote que vocês pediram!”
- Este é um universo muito diferente daquele onde você originalmente nasceu – disse Teg. – Assim como na sua época, ainda temos uma Grande Convenção contra o uso de armas atômicas e pseudoatômicas de interação escudos-armaleses. Ainda

dizemos que ataques furtivos são proibidos. Há pedaços de papel espalhados por aí, onde assinamos nossos nomes e...

– Mas as não naves mudaram a base de todos esses tratados – disse Duncan. – Creio que aprendi história muito bem lá no Forte. Diga-me, bashar, por que o filho de Paul solicitou aos Tleilaxu que providenciassem minha personalidade-ghola para ele, centenas de mim! Por todos aqueles milhares de anos?

– O filho de Paul?

– Os arquivos do Forte se referem a ele como Imperador Deus. Você o chama de Tirano.

– Ah. Não sabemos por que ele fez isso. Talvez ele sentisse falta de alguém do...

– Vocês me trouxeram de volta para confrontar o verme! – exclamou Duncan.

É isso que estamos fazendo?, Teg perguntou a si mesmo. Ele considerara essa possibilidade em algumas ocasiões, mas era apenas uma possibilidade, não uma projeção. Mesmo assim, deveria haver algo mais no projeto de Taraza. Teg pressentia isso com cada fibra de seu treinamento Mentat. Lucilla saberia? Teg não se iludia em ser capaz de obter qualquer revelação de uma Reverenda Madre plena. Não... ele teria que ganhar tempo, esperar, observar e escutar. De sua própria forma, era isso que Duncan decidira. Opor-se a Lucilla era uma decisão muito perigosa!

Teg meneou a cabeça.

– De verdade, Duncan, eu não sei.

– Mas você segue ordens.

– Pelo meu juramento à Irmandade.

– “Logros, desonestidades, essas são palavras vazias quando a questão é a sobrevivência da Irmandade” – Duncan o citou.

– Sim, eu disse isso – concordou Teg.

– Agora confio no senhor *porque* disse isso – falou Duncan. – Mas não confio em Lucilla.

Teg deixou a cabeça cair até o queixo encostar no peito. *Perigoso... perigoso...*

Com lentidão ainda maior do que antes, Teg tirou a atenção desses pensamentos e se submeteu ao processo de purificação mental, concentrando-se nas necessidades impostas a ele por Taraza.

“Você é *meu* bashar.”

Duncan estudou o bashar por algum tempo. As marcas de fadiga podiam ser vistas com clareza no rosto do idoso. Duncan lembrou-se de repente da idade avançada de Teg, imaginando se homens como o bashar sentiam-se tentados a procurar os Tleilaxu e se tornarem gholas. Provavelmente não. Eles sabiam que acabariam se tornando marionetes dos Tleilaxu.

Esse pensamento inundou a percepção de Duncan, mantendo-o tão nitidamente imóvel que Teg, levantando o olhar, logo notou.

– Algo errado?

– Os Tleilaxu fizeram algo comigo, algo que ainda não foi exposto – confessou Duncan, com voz rouca.

– Exatamente o que temíamos! – Era Lucilla, falando da porta atrás de Teg. Ela avançou até ficar a dois passos de Duncan. – Estive ouvindo. Vocês dois são ótimas fontes de informação.

Teg falou rápido, esperando atenuar a raiva que ele percebia dentro da Reverenda Madre.

– Ele dominou as sete atitudes hoje.

– Ele ataca como o fogo – disse Lucilla –, mas lembrem-se de que nós, da Irmandade, fluímos como água e preenchemos todos os lugares. – Ela lançou um olhar para Teg. – Você não notou que nosso ghola foi além das atitudes?

– Sem posição fixa, sem atitude – falou Duncan.

Teg se virou para Duncan com brusquidão. Ele estava de pé, com a cabeça ereta, a testa lista, seus olhos claros a devolver o olhar de Teg. Duncan crescera de forma surpreendente naquele curto período de tempo desde que despertara suas memórias originais.

– Maldito seja, Miles! – vociferou Lucilla.

Mas Teg manteve a atenção voltada para Duncan. Todo o corpo do jovem parecia reprogramado a uma nova fonte de vigor. Existia uma postura nele que não estava lá antes.

Duncan transferiu sua atenção para Lucilla.

– Você acha que falhará em sua tarefa?

– Claro que não – respondeu ela. – Você ainda é um homem.

E ela pensou: *Sim, esse corpo jovem deve estar efervescendo com os fluidos de procriação dentro dele. De fato, os gatilhos hormonais estão todos intactos e suscetíveis à excitação.* Entretanto, considerando sua postura naquele momento e a forma como ele a olhava, forçavam Lucilla a alçar sua percepção a níveis mais altos e que consumiam mais energia.

– O que os Tleilaxu fizeram com você? – ela questionou.

Duncan falou com uma irreverência que não sentia:

– Ó Grande Impressora, eu contaria se soubesse.

– Você acha que isso é um jogo? – indagou ela.

– Não sei *o que* estamos jogando.

– A esta altura, várias pessoas sabem que não estamos em Rakis, que era nosso destino programado – disse ela.

– E Gammu está infestado com as pessoas que retornam da Dispersão – completou Teg. – Eles têm pessoal suficiente para explorar várias possibilidades aqui.

– Quem suspeitaria da existência de um não globo perdido, da era Harkonnen? – perguntou Duncan.

– Qualquer um que fizer a associação entre Rakis e Dar-es-Balat – respondeu Teg.

– Se você acha que isso é uma brincadeira, considere as urgências em jogo – disse Lucilla. Ela girou sobre um calcanhar para se concentrar em Teg. – E você desobedeceu Taraza!

– Você está errada! Fiz exatamente o que ela me ordenou. Sou o bashar dela e você se esquece de quão bem ela me conhece.

Com uma brusquidão que a chocou a ponto de silenciá-la, as sutilezas das manobras de Taraza imprimiram suas marcas sobre Lucilla...

*Somos peões!*

Que toque delicado Taraza sempre demonstrava na maneira que movia suas peças no tabuleiro. Lucilla não se sentiu diminuída pela compreensão de que era um peão. Esse era o conhecimento gerado e treinado em cada Reverenda Madre da Irmandade. Até mesmo Teg sabia disso. *Não fui diminuída, não.* A coisa ao redor deles crescera na percepção de Lucilla. Ela ficou perplexa com as palavras de Teg. Quão superficial era sua visão anterior a respeito das forças dentro das quais eles estavam entremeados. Era como se ela apenas enxergasse a superfície de um rio turbulento e, a partir disso, vislumbrasse as correntes que passavam abaixo. Agora, contudo, ela sentia o fluxo ao seu redor e uma descoberta desalentadora.

*Peões eram prescindíveis.*



**Por meio de sua crença em singularidades,  
em absolutos granulares, você nega o  
movimento, inclusive o movimento da  
evolução! Enquanto você permitir que um  
universo granular persista em sua  
consciência, você é cego ante os  
movimentos. Quando as coisas mudam, seu  
universo absoluto desaparece, deixa de ser  
acessível às suas percepções autolimitadas.  
O universo se moveu além de seu alcance.**

**– Primeira Minuta, Manifesto Atreides,  
Repositório Bene Gesserit**

Taraza colocou as mãos ao lado de suas têmporas, espalmando-as sobre as orelhas e pressionou para dentro. Mesmo seus dedos podiam sentir o cansaço ali: bem entre as mãos... fadiga. Com um ligeiro adejar das pálpebras, ela caiu em um transe de relaxamento. As mãos contra a cabeça eram o único ponto focal da percepção carnal.

*Cem batimentos cardíacos.*

Ela praticara esse exercício regularmente desde que o aprendera, quando criança, uma de suas primeiras habilidades Bene Gesserit. Exatamente cem batimentos cardíacos. Após todos aqueles anos de treino, seu corpo era capaz de contá-los de forma automática, por um metrônomo inconsciente.

Quando abriu os olhos ao contar até cem, sua cabeça estava melhor. Ela esperava ter ganhado pelo menos mais duas horas de trabalho antes que a fadiga a superasse mais uma vez. Aquelas cem batidas do seu coração deram a ela anos adicionais de estado de alerta em sua vida.

Naquela noite, contudo, pensar nesse antigo truque fez com que suas memórias espiralassem para o passado. Ela se viu presa em sua própria infância, o dormitório com a irmã censora caminhando pelos corredores para garantir que todas permaneciam dormindo em suas camas.

*Irmã Baram, a censora noturna.*

Taraza não pensara naquele nome havia anos. Irmã Baram era baixa e rotunda, uma Reverenda Madre que falhara sem qualquer razão aparente, mas as irmãs médicas e os doutores Suk acharam algo. Baram nunca recebera permissão para experimentar a agonia da especiaria. Ela era bastante franca a respeito do que sabia de seu próprio defeito. Fora descoberto enquanto ela ainda era adolescente: tremores periódicos dos nervos, que se manifestavam quando ela começava a mergulhar no sono. Um sintoma de algo mais profundo que motivou sua esterilização. Os tremores faziam com que Baram ficasse acordada à noite. Patrulhar os corredores era a tarefa mais lógica para ela.

Baram possuía outras fraquezas, não detectadas por suas superiores. Uma criança acordada vagando até o banheiro podia seduzir Baram a conversar em voz baixa. Perguntas inocentes produziam respostas mais inocentes ainda, mas algumas vezes Baram transmitia conhecimento útil. Ela ensinara a Taraza o truque de relaxamento.

Certa manhã, uma das garotas mais velhas encontrara irmã Baram morta no banheiro. Os tremores da censora noturna eram sintomas de uma doença fatal, um fato de suma importância para as Mestras em Reprodução e para seus relatórios intermináveis.

Como as Bene Gesserit não incluíam no currículo a “educação individual sobre a morte” antes do acolitado, a irmã Baram fora a primeira pessoa morta que Taraza vira. O corpo da irmã Baram fora

encontrado parcialmente debaixo do lavatório, a bochecha direita pressionada contra o piso de cerâmica, sua mão esquerda agarrada ao encanamento debaixo da pia. Ela tentara puxar seu corpo caído para cima e a morte a alcançara no meio do processo, expondo aquele último movimento como um inseto preso em âmbar.

Quando eles rolaram a irmã Baram para carregá-la embora, Taraza vira a marca vermelha onde a bochecha ficara pressionada contra o chão. A censora diurna explicara a marca com certa prática científica. Qualquer experiência podia se tornar em dados para que aquelas Reverendas Madres em potencial as incorporassem mais tarde em suas “Conversações com a Morte” no acolitado.

*Lividez post mortem.*

Sentada na mesa da Casa Capitular, tantos anos depois daquele evento, Taraza se vira forçada a usar seus poderes cuidadosamente focados em concentração para dissipar aquela memória, deixando-a livre para lidar com o trabalho que se desdobrava diante de si. Tantas lições. Tão apavorantemente cheia, sua memória. Tantas existências acumuladas ali. Reafirmavam seu sentido de estar viva para assistir ao trabalho em frente a ela. Coisas a fazer. Ela era necessária. Com avidez, Taraza se curvou de volta sobre seus afazeres.

Maldita necessidade de treinar o ghola em Gammu!

Mas era necessário para aquele ghola. A familiaridade com o solo sob seus pés precedia a restauração necessária da persona original.

Fora sábio enviar Burzmali à arena de Gammu. Se Miles realmente tivesse encontrado um refúgio... se ele ressurgisse naquele instante, o bashar precisaria de toda ajuda à sua disposição. Mais uma vez ela considerou se estava na hora de

participar do jogo presciente. Tão perigoso! E os Tleilaxu haviam sido alertados de que um ghola substituto poderia ser solicitado.

*Apronte-o para a entrega.*

Sua mente se voltou para o problema de Rakis. Aquele tolo Tuek deveria ter sido monitorado com mais cautela. Por quanto tempo um Dançarino Facial poderia ter se passado pelo sacerdote. Ainda assim, a decisão tomada às pressas por Odrade não poderia ser criticada. Ela havia colocado os Tleilaxu em uma posição insustentável. O farsante poderia ser exposto, afundando os Bene Tleilax em um poço de ódio.

O jogo dentro do projeto das Bene Gesserit se tornara extremamente delicado. Por gerações, elas tentaram os sacerdotes rakianos com a isca de uma aliança com as Bene Gesserit. Mas agora! Os Tleilaxu consideravam que *e/les* eram os escolhidos, no lugar dos sacerdotes. A tríplice aliança de Odrade permitira que os sacerdotes pensassem que cada Reverenda Madre deveria realizar o Juramento de Subserviência ao Deus Dividido. O Conselho Sacerdotal estremeceria de empolgação diante de tal prospecto. Os Tleilaxu, naturalmente, viam a chance de monopolizar o mélange, finalmente controlando a única fonte que não dependia deles.

Uma batida na porta de Taraza informou-a de que a acólita chegara com o chá. Era uma ordem que sempre se mantinha quando a Madre Superiora trabalhava até tarde. Taraza olhou para o crono da mesa, um dispositivo ixiano tão preciso que ganhava ou perdia apenas um segundo por século: 1:23:11 AM.

Ela autorizou a entrada da acólita. A garota, de cabelos loiros de tonalidade clara, com olhos gélidos e observadores, entrou e curvou-se para dispor o conteúdo da bandeja ao lado de Taraza.

A Madre Superiora ignorou a moça e olhou para o trabalho que restava em sua mesa. Tanto a fazer. O trabalho era mais importante

do que dormir, mas sua cabeça doía e ela sentia aquele atordoamento peculiar, semelhante a uma mente embotada, um indicativo de que o chá lhe daria pouco alívio. Ela se permitira chegar à inanição mental e teria de se recuperar antes que pudesse se levantar. Seus ombros e suas costas latejavam.

A acólita começou a se dirigir para a porta, mas Taraza gesticulou para que esperasse.

– Por gentileza, irmã, massageie minhas costas.

As mãos treinadas da acólita trabalharam lentamente as constrictões das costas de Taraza. *Boa menina*. Taraza sorriu com esse pensamento. Claro que a garota era boa. Nenhuma criatura inferior seria designada para servir à Madre Superiora.

Quando a jovem saiu, Taraza se sentou em silêncio, mergulhando em um pensamento profundo. *Tão pouco tempo*. Ela invejava cada minuto de sono. Contudo, não havia escapatória. Ao fim, o corpo cobraria suas demandas inevitáveis. Ela se esforçara demais para se valer de uma recuperação fácil agora. Ignorando o chá colocado ao seu lado, Taraza se levantou e seguiu pelo corredor até sua pequenina cela de dormir. Ali, pediu que a guarda noturna a chamasse às 11h da manhã e se deitou completamente vestida sobre o catre duro.

Em quietude, ela regulava sua respiração, insulava seus sentidos das distrações e caiu no estado intermediário.

O sono não veio.

Ela lançou mão de todo seu repertório e ainda assim o sono se esquivava dela.

Taraza ficou deitada ali por bastante tempo, até reconhecer a futilidade de tentar dormir por meio de qualquer uma das técnicas à sua disposição. O estado intermediário teria de fazer sua reparação lenta primeiro. Enquanto isso, a mente dela continuava em turbilhão.

Ela jamais considerara os sacerdotes rakianos como um problema central. Já capturados pela religião, os sacerdotes poderiam ser manipulados pela própria religião. Em grande parte, eles viam as Bene Gesserit como um poder que ajudaria a compelir seus dogmas. Que eles continuassem a pensar assim. Era a isca que acabaria por cegá-los.

Maldito Miles Teg! Três meses de silêncio e também nenhum relatório favorável de Burzmail. Terra crestada, sinais de que uma não nave decolara. Aonde Teg teria ido? O ghola poderia estar morto. Teg nunca fizera algo assim. Confiabilidade Antiga. Era a razão pela qual ela o escolhera. Isso, e suas habilidades militares, além de sua semelhança com o duque Leto: todas as coisas com as quais elas o haviam preparado.

Teg e Lucilla. Um time perfeito.

Se não estivesse morto, será que o ghola se encontrava além do alcance deles? Os Tleilaxu o tinham capturado? Atacantes da Dispersão? Muitas coisas eram possíveis. Confiabilidade Antiga. Silêncio. O silêncio dele era uma mensagem? Em caso positivo, o que ele tentava dizer?

Com as mortes de Schwangyu e Patrin, pairava um cheiro de conspiração no ar que cercava os eventos de Gammu. Será que Teg poderia ser alguém infiltrado há muito pelos inimigos da Irmandade? Impossível! A própria família era a prova contra essas dúvidas. A filha de Teg, na casa da família, estava igualmente intrigada.

Três meses completos e nenhuma palavra.

Cautela. Ela alertara Teg a exercer o máximo de cautela ao proteger o ghola. Teg percebera o grande perigo em Gammu. Os últimos relatórios de Schwangyu deixaram isso claro.

Aonde Teg e Lucilla poderiam ter levado o ghola?

Teriam adquirido uma não nave? Conspiração?

A mente de Taraza orbitava as suspeitas mais profundas. Era algo urdido por Odrade? Sendo assim, quem conspirava ao lado de Odrade? Lucilla? Odrade e Lucilla nunca haviam se encontrado antes daquela breve visita a Gammu. Ou será que não? Quem se inclinou próximo a Odrade e compartilhou um exalar cheio de sussurros? Odrade não dera qualquer sinal, mas isso provava algo? A lealdade de Lucilla nunca fora colocada em dúvida. Ambas cumpriam muito bem todas as tarefas. Mas conspiradoras agiriam assim.

Fatos! Taraza ansiava por fatos. A cama farfalhou abaixo dela e o insulamento de sensações entrou em colapso, destruído pelas preocupações e pelos sons de seus próprios movimentos. Resignada, Taraza mais uma vez se preparou para o relaxamento.

Relaxamento e *depois* sono.

Naves da Dispersão voavam através da imaginação enevoada pela fadiga de Taraza. Os Perdidos retornavam em suas incontáveis não naves. Foi assim que Teg encontrara uma nave? Essa possibilidade estava sendo explorada em segredo, em Gammu e em outros lugares possíveis. Ela tentou contar naves imaginárias, mas elas se recusavam a prosseguir da forma ordenada necessária para a indução do sono. Taraza entrou em alerta, imóvel no seu catre.

A parte mais profunda de sua mente estava prestes a lhe revelar algo. A fadiga bloqueara aquele caminho de comunicação, mas agora... ela se pôs sentada, completamente desperta.

Os Tleilaxu estavam negociando com o povo que retornara da Dispersão. Com aquelas Honoráveis Matres indecentes e também com os Bene Tleilax retornados. Taraza pressentiu um único plano por trás desses eventos. Os Perdidos não haviam retornado somente pela curiosidade sobre suas origens. O desejo gregário de reunir toda a humanidade não seria suficiente para trazê-los de

volta. Estava claro que as Honoráveis Matres vieram com sonhos de conquista.

Mas e se os Tleilaxu enviados na Dispersão não tivessem levado consigo o segredo dos tanques axolotles? E então? Mélange. As meretrizes de olhos alaranjados obviamente usavam um substituto inadequado. O povo da Dispersão poderia não ter resolvido o mistério dos tanques tleilaxu. Eles *saberiam* sobre os tanques axolotles e tentariam recriá-los. Mas se falhassem... mélange!

Ela começou a explorar essa projeção.

Os Perdidos acabaram com todo mélange verdadeiro que seus ancestrais levaram embora durante a Dispersão. Que fontes eles possuíam? Os vermes de Rakis e os Bene Tleilax originais. As meretrizes não ousariam revelar seu verdadeiro interesse. Seus ancestrais acreditavam que os vermes não poderiam ser remanejados. Seria possível que os Perdidos tivessem encontrado um planeta adequado para os vermes? Claro que era possível. Eles negociariam com os Tleilaxu, como forma de distração. Rakis seria o verdadeiro alvo. Ou o inverso poderia ser verdade.

*Riqueza transportável.*

Ela vira os relatórios de Teg sobre a riqueza acumulada em Gammu. Alguns daqueles que retornavam tinham cunhagens e outras peças negociáveis. Aquilo ficara óbvio a partir do crescimento das atividades bancárias.

Contudo, que outra moeda importante existia além da especiaria?

Riqueza. Era isso, é claro. E quaisquer que fossem as peças, a negociação começara.

Taraza se deu conta das vozes fora de sua porta. A acólita guarda do sono estava discutindo com alguém. As vozes eram



baixas, mas Taraza ouviu o suficiente para deixá-la em alerta completo.

– Ela pediu para que fosse acordada no final da manhã – protestou a Guardiã do Sono.

Alguém sussurrou:

– Ela avisou que deveria ser informada assim que eu retornasse.

– Ela está muito cansada. Precisa...

– Precisa ser obedecida! Diga que estou de volta!

Taraza sentou e lançou as penas para a borda do catre. Seus pés encontraram o chão. Deuses! Como seus joelhos doíam. Doía também o fato de não conseguir identificar o intruso que sussurrava, a pessoa que discutia com sua guarda.

*De quem o retorno eu... Burzmali!*

– Estou acordada – chamou Taraza.

Sua porta se abriu e a Guardiã do Sono se inclinou para dentro.

– Madre Superiora, Burzmali retornou de Gammu.

– Deixe-o entrar de imediato! – Taraza ligou um único luciglobo na cabeceira de seu catre. Sua luz amarelada baniu a escuridão do quarto.

Burzmali entrou e fechou a porta atrás de si. Sem aguardar a ordem, ele tocou o interruptor do insulamento de som na porta e todos os ruídos do lado de fora desapareceram.

*Privacidade?* Então as notícias deveriam ser ruins.

Ela ergueu os olhos na direção de Burzmali. Era um indivíduo baixo e magro, com uma face triangular que se estreitava até um queixo fino. Seus cabelos loiros caíam sobre a testa alta. Seus olhos verdes, largamente espaçados eram alertas e vigilantes. Ele parecia jovem demais para as responsabilidades de um bashar, mas até mesmo Teg parecera ainda mais jovem em Arbelough. *Estamos envelhecendo, maldição!* Ela se forçou a relaxar e depositar sua

confiança no fato de que Teg treinara aquele homem e expressara confiança total em seu pupilo.

– Dê-me as más notícias – disse Taraza.

Burzmali pigarreou.

– Não há sinal do bashar nem de seu grupo em Gammu, Madre Superiora. – Ele tinha uma voz pesada e masculina.

*E isso não é o pior*, pensou Taraza. Ela percebeu os sinais claros do nervosismo de Burzmali.

– Conte-me tudo – ela ordenou. – Obviamente você completou sua análise das ruínas do Forte.

– Não há sobreviventes – disse ele. – Os atacantes foram eliminados.

– Tleilaxu?

– É possível.

– Você tem dúvidas?

– Os atacantes usaram aquele explosivo ixiano novo, 12-Uri. Eu... eu creio que deve ter sido usado para nos induzir ao erro. Também havia buracos de sondas cerebrais mecânicas no crânio de Schwangyu.

– O que aconteceu a Patrin?

– Aconteceu com ele exatamente o que Schwangyu relatou. Ele se explodiu na nave que servia como isca. Foi identificado por fragmentos de dois dedos e um olho intacto. Não havia nada maior para usar a sonda.

– Mas você tem dúvidas! Fale-me sobre as dúvidas!

– Schwangyu deixou uma mensagem que apenas nós dois seríamos capazes de ler.

– Nas marcas desgastadas da mobília?

– Sim, Madre Superiora e...

– Então ela sabia que seria atacada e teve tempo para deixar uma mensagem. Vi seu relatório preliminar sobre a devastação do ataque.

– Foi rápido e avassalador. Os atacantes não tinham interesse em capturar reféns.

– Qual é a mensagem?

– “Meretrizes”.

Taraza tentou conter seu choque, embora ela esperasse por aquela palavra. O esforço em permanecer calma quase exauriu suas energias. Era um péssimo sinal. Taraza se permitiu um suspiro profundo. A oposição de Schwangyu persistira até o fim. Mas então, percebendo o desastre, ela tomara uma decisão adequada. Sabendo que morreria sem a oportunidade de transferir suas Vidas Memoriais para outra Reverenda Madre, ela agiu de acordo com a mais básica das lealdades. Caso não seja capaz de fazer outra coisa, arme suas Irmãs e frustrar o inimigo.

*Então as Honoráveis Matres agiram!*

– Conte-me sobre sua busca pelo ghola – ordenou Taraza.

– Não fomos os primeiros a procurar o ghola por aquele território, Madre Superiora. Havia uma profusão de árvores, rochas e vegetações rasteiras queimadas além das originais.

– Mas foi uma não nave.

– As *marcas* de uma não nave.

Taraza assentiu para si mesma. Uma mensagem silenciosa da Confiabilidade Antiga?

– Quão perto você examinou a área?

– Sobrevoei-a em uma viagem de rotina de um lugar para outro.

Taraza indicou a Burzmali uma cadeira próxima aos pés de seu catre.

– Sente-se e relaxe. Quero que você arrisque alguns palpites para mim.

Burzmali sentou lentamente na cadeira.

– Palpites?

– Você foi o aluno preferido dele. Peço que imagine que é Miles Teg. Você sabe que deve retirar o gholá do Forte. Além disso, não confia de todo em qualquer um ao seu redor, nem mesmo em Lucilla. O que faria?

– Algo inesperado, obviamente.

– Obviamente.

Burzmali massageou o queixo afilado. Passado pouco tempo, disse:

– Confio em Patrin. Confio nele sem ressalvas.

– Exato, você e Patrin. O que você faz?

– Patrin é natural de Gammu.

– Eu mesma estive considerando isso – ela murmurou.

Burzmali olhou para o chão diante de si.

– Patrin e eu traçaríamos um plano de emergência muito antes do necessário. Sempre tenho alternativas secundárias para lidar com crises.

– Muito bem. Agora... o plano. O que você faz?

– Por que Patrin se suicidou? – perguntou Burzmali.

– Você tem certeza de que foi isso que ele fez.

– A senhora viu os relatórios. Schwangyu e várias outras estavam certas disso. Aceito como verdade. Patrin era leal o suficiente para fazer isso por seu bashar.

– Por você. Você representa Miles Teg neste momento. Que plano você e Patrin armaram?

– Eu não mandaria Patrin de maneira deliberada para a morte certa.

– A não ser que...?

– Patrin fez isso sozinho. Ele o teria feito caso o plano de fuga se originasse dele e não... de mim. Ele o faria para me proteger, para se assegurar de que ninguém descobrisse o plano.

– Como Patrin conseguiria uma não nave sem que soubéssemos?

– Patrin era nativo de Gammu. A família dele remonta a Gammu desde os tempos de Giedi Primo.

Taraza fechou os olhos e desviou sua cabeça de Burzmali. Então Burzmali seguia as mesmas pistas sugestivas que ela sondava em sua mente. *Sabíamos das origens de Patrin*. Qual era o significado dessa associação com Gammu? A mente dela se recusara a especular. Isso acontecera por se permitir ficar tão cansada! Ela olhou mais uma vez para Burzmali.

– Patrin encontrou alguma forma secreta de manter contato com a família e os velhos amigos?

– Já exploramos todos os contatos que conseguimos encontrar.

– Confie em mim: vocês ainda não encontraram a todos.

Burzmali deu de ombros:

– Claro que não. Não baseei minhas ações nessa hipótese.

Taraza suspirou profundamente.

– Volte para Gammu. Leve com você quantos ajudantes nossa Segurança for capaz de ceder. Diga a Bellonda que essas foram as minhas ordens. Você deve infiltrar agentes em todos os lugares possíveis. Descubra quem Patrin conhecia. Onde está a família? Amigos? Encontre todos eles.

– Essa atitude causará uma comoção, não importa quão cuidadosos nós formos. Outros saberão.

– Não podemos evitar. E Burzmali!

Ele estava de pé.

- Sim, Madre Superiora?
- Os outros batedores: você deve ficar à frente deles.
- Posso usar um navegador da Guilda?
- Não!
- Então, como...
- Burzmali, e se Miles, Lucilla e nosso gholá ainda estiverem em Gammu?

- Já lhe disse que não aceito a ideia de que eles fugiram em uma não nave!

Por um longo período de silêncio, Taraza estudou o homem parado, em pé, diante do catre. Treinado por Miles Teg. O aluno preferido do antigo bashar. O que o instinto treinado de Burzmali estava sugerindo?

Em voz baixa, ela o incitou.

- Sim?
- Gammu era Giedi Primo, um reduto Harkonnen.
- O que isso lhe sugere?
- Eles eram ricos, Madre Superiora. Muito ricos.
- E?
- Ricos o suficiente para construírem a instalação secreta de um não cômodo... até mesmo de um grande não globo.
- Não há registros! Ix nunca sugeriu, nem vagamente, a existência de tal coisa. Eles não sondaram Gammu por...
- Subornos, compras feitas por terceiros, transbordos – disse Burzmali. – Os Tempos da Penúria foram extremamente turbulentos e, antes disso, passaram-se todos aqueles milênios do Tirano.
- Quando os Harkonnen ou mantinham suas cabeças baixas, ou as perdiam. Ainda assim, admitirei a possibilidade.
- Registros podem ser perdidos – argumentou Burzmali.

– Não por nós ou pelos outros governos que sobreviveram. O que o induz a essa linha de especulação?

– Patrin.

– Ah!

Ele falou rapidamente:

– Se tal coisa existisse, um nativo de Gammu poderia saber.

– Quantos saberiam? Você acha que eles podem manter segredo sobre isso por... Sim! Entendo o que você quer dizer. Se fosse um segredo da família de Patrin...

– Não ousei perguntar a qualquer um deles sobre isso.

– Claro que não! Mas onde você poderia procurar... sem alertar....

– Aquele lugar na montanha onde as marcas de decolagem da não nave estão.

– Isso demandaria que você fosse até lá pessoalmente.

– Muito difícil esconder isso dos espiões – concordou ele. – A não ser que eu fosse com uma força mínima e aparentasse outro motivo.

– Que outro motivo?

– Para instalar um memorial fúnebre em homenagem ao meu antigo bashar.

– Sugerindo que sabemos que ele está morto? Sim!

– A senhora já pediu aos Tleilaxu um gholá substituto.

– Foi uma precaução simples e não significa que... Burzmali, isso é extremamente perigoso. Duvido que sejamos capazes de enganar os tipos de pessoa que o observarão em Gammu.

– Meu luto e o das pessoas que levarei comigo será dramático e crível.

– O que é crível não necessariamente convence um observador cauteloso.

– Você não confia na minha lealdade e naquela das pessoas que levarei comigo?

Taraza apertou os lábios, pensando. Ela lembrou a si que a lealdade constante era algo que elas aprenderam a melhorar a partir do padrão Atreides. Como produzir pessoas que comandassem a devoção absoluta. Tanto Burzmali como Teg eram bons exemplos.

– Pode funcionar – concordou Taraza. Ela encarou Burzmali de forma especulativa. O aluno favorito de Teg poderia estar certo!

– Então, partirei – disse Burzmali. Ele se virou para a partida.

– Um momento – falou Taraza.

Burzmali parou.

– Vocês vão se saturar com shere, todos vocês. E se forem capturados pelos Dançarinos Faciais (daqueles novos!), devem queimar as próprias cabeças ou destruí-los de forma absoluta. Tome as precauções necessárias.

A expressão repentinamente sóbria no rosto de Burzmali deixou Taraza mais tranquila. Ele sentira orgulho de si mesmo por um momento. Melhor diminuir o orgulho dele. Não havia necessidade de ser imprudente.



**Há muito possuímos o conhecimento de que os objetos de nossas experiências sensoriais palpáveis podem ser influenciados por nossas escolhas, tanto conscientes como inconscientes. É fato demonstrado que não é obrigatório que acreditemos em alguma força dentro de nós que se estenda para fora e toque o universo. Falo sobre uma relação pragmática entre o que acreditamos e o que identificamos como “real”. Todos os nossos julgamentos carregam um fardo pesado de crenças ancestrais, às quais nós, as Bene Gesserit, tendemos a ser mais suscetíveis do que a maioria das outras pessoas. Não é suficiente que tenhamos a percepção disso e nos protejamos contra isso. Interpretações alternativas sempre devem receber nossa atenção.**

**– Madre Superiora Taraza, Argumentação no Conselho**

– Deus nos julgará aqui – exultou Waff.

Ele repetira isso nos momentos mais imprevisíveis, todos durante aquele longo percurso pelo deserto. Sheeana parecia não notar, mas a voz e os comentários de Waff começaram a desgastar a paciência de Odrade.

O sol rakiano se deslocara bem para o oeste, mas o verme que os carregava parecia incansável em sua marcha pelo antigo Sareer, na direção dos montes remanescentes da muralha do Tirano.

*Por que essa direção?*, perguntou-se Odrade.

Nenhuma resposta satisfatória. O fanatismo e o perigo renovado de Waff, contudo, pediam uma resposta imediata. Ela invocou o cântico da Shariat que sabia que o guiava.

– Deixe que Deus julgue, e não os homens.

Waff lançou um olhar zangado contra o tom sarcástico da voz dela. Ele se voltou para o horizonte à frente e depois acima, para os tópteros que acompanhavam a jornada com eles.

– Os homens devem realizar a obra de Deus – murmurou ele.

Odrade não respondeu. Waff havia sido desviado rumo a suas dúvidas e agora deveria estar se perguntando: Será que essas bruxas Bene Gesserit realmente partilhavam da Grande Crença?

Os pensamentos dela mergulharam de volta nas perguntas não respondidas, passando por tudo que sabia sobre os vermes de Rakis. Suas memórias pessoais e as Outras Memórias teciam uma montagem insana. Ela conseguia visualizar fremen trajando mantos, em pé sobre o dorso de um verme ainda maior do que este, cada montarenador se inclinando para trás contra uma haste longa dotada com um gancho, o qual estava seguro em um anel do verme, da mesma forma como a mão de Odrade o segurava. Ela sentiu o vento contra suas bochechas, o manto chicoteando contra suas pernas. Esse percurso e outros se fundiram em uma longa familiaridade.

*Fazia muito tempo que um Atreides avançara daquela forma.*

Haveria alguma pista do destino deles lá atrás, em Dar-es-Balat? Como poderia haver? Mas fazia tanto calor e sua mente buscava pelo que aconteceria neste evento no deserto. Ela não estava tão alerta quanto poderia estar.

Assim como qualquer outra comunidade em Rakis, Dar-es-Balat se recolhia ao interior a partir de suas extremidades durante o calor do início da tarde. Odrade se lembrara do atrito de seu novo

trajestilador enquanto esperava à sombra de um prédio próximo dos limites ocidentais de Dar-es-Balat. Ela esperava pelas escoltas separadas que trariam Sheeana e Waff dos esconderijos seguros onde Odrade os havia instalado.

Que alvo tentador ela fora. Mas elas tinham que ter certeza da conformidade rakiana. As escoltas Bene Gesserit se atrasaram deliberadamente.

– Shaitan gosta de calor – dissera Sheeana.

Rakianos se escondiam do calor, mas era quando os vermes saíam. Seria esse um fator significativo, que revelava a razão pela qual aquele verme os levava em uma direção específica?

*Minha mente está quicando de um lado para o outro como a bola de uma criança!*

O que significava o fato de os rakianos se esconderem do sol enquanto um pequeno Tleilaxu, uma Reverenda Madre e uma jovem arisca atravessavam o deserto sobre um verme? Era um padrão ancestral em Rakis. Não havia surpresa alguma naquilo. Contudo, os fremen antigos eram mais noturnos. Seus descendentes modernos confiavam mais nas sombras para protegê-los da luz quente do sol.

Como os sacerdotes deviam se sentir seguros atrás de seus fossos guardiões!

Cada morador de um centro urbano de Rakis sabia que o qanat estava lá fora, a água correndo lépida na escuridão sombreada, filetes desviados para alimentar os estreitos canais, cuja evaporação era recuperada pelos captadores de vento.

– Nossas preces nos protegem – diziam eles, mas sabiam muito bem o que de fato os protegia.

*Sua presença sagrada é vista no deserto.*

*O Verme Sagrado.*

### *O Deus Dividido.*

Odrade olhou para baixo na direção dos anéis do verme diante de si. *E aqui está ele!*

Ela pensou nos sacerdotes que estavam entre os observadores nos tópteros acima. Como eles gostavam de espionar os outros! Ela os sentira enquanto a observavam lá em Dar-es-Balat, ao esperar por Sheeana e Waff. Olhos atrás das altas grades de varandas escondidas. Olhos perscrutando através de fendas em paredes grossas. Olhos disfarçados atrás de espelhos-plaz ou a encarando a partir de lugares sombrios.

Odrade se forçara a ignorar o perigo marcando a passagem do tempo pelo movimento da linha da sombra de uma parede acima dela: um relógio seguro naquela terra onde poucos mantinham outro indicador além do sol.

Tensões cresceram, amplificadas pela necessidade de parecer inconspícua. Eles atacariam? Eles ousariam atacar, sabendo que ela tomara suas próprias precauções? Quão irritados estavam os sacerdotes por serem forçados a se unir aos Tleilaxu nesse triunvirato secreto? As Reverendas Madres conselheiras do Forte não gostaram desse perigoso papel de isca para os sacerdotes.

– Deixe que uma de *nós* seja a isca!

Odrade fora irredutível:

– Eles não acreditariam. As suspeitas os manteriam afastados. Além disso, com certeza enviarão Albertus.

Então, Odrade esperara naquele pátio em Dar-es-Balat, com sombras esverdeadas nas profundezas onde ela permanecera olhando para cima, para a linha do sol, seis andares acima; além das balaustradas rendilhadas em cada andar varandado: plantas verdes, flores brilhantes em tons de vermelho, laranja e azul, um retângulo de céu prateado acima daquelas camadas.

*E os olhos ocultos.*

Movimento na porta larga à direita de Odrade! Uma única figura, vestida em dourado, púrpura e branco sacerdotais se insinuou no pátio. Ela o estudara, procurando sinais caso os Tleilaxu tivessem estendido seu domínio com outro mímico Dançarino Facial. Mas era um homem, um sacerdote que ela reconheceria: Albertus, o encarregado de Dar-es-Balat.

*Exatamente como esperávamos.*

Albertus caminhara pelo átrio largo e atravessara o pátio na direção dela, caminhando com uma dignidade cuidadosa. Havia indícios de perigo nele? Ele chamaria os assassinos? Odrade olhou para cima, para as varandas: movimentos sutis e cintilantes nos andares mais altos. O sacerdote que se aproximava não estava só.

*Mas eu também não!*

Albertus parara a dois passos de Odrade e olhara para ela a partir do lugar onde mantivera sua atenção: nos desenhos elaborados em dourado e púrpura do chão em cerâmica do pátio.

*Ele tem ossos fracos, pensara Odrade.*

Ela não dera sinal de reconhecimento. Albertus era um dos poucos que sabia da substituição do Sumo Sacerdote por um mímico Dançarino Facial.

Albertus pigarreara em seguida inspirou de forma trêmula.

*Ossos fracos! Carne fraca!*

Apesar de esse pensamento entreter Odrade, ele não reduzira sua cautela. Reverendas Madres sempre notavam esse tipo de coisa. Procurava-se pelas marcas de nascença. Tal seletividade, como existira na ancestralidade de Albertus, carregara falhas, elementos que a Irmandade tentaria corrigir na descendência dele, caso fosse considerado haver algum valor em sua reprodução. Albertus ascendera a uma posição de poder, fazendo-o de maneira

silenciosa, mas definitiva, e isso implicava um valioso material genético. Contudo, a educação de Albertus não fora bem realizada. Uma acólita primeiranista teria cuidado dele. O condicionamento do clero rakiano se degenerara bastante desde a época das Oradoras Peixe.

– Por que está aqui? – questionara Odrade, praticamente transformando a pergunta em uma acusação.

Albertus estremeceu.

– Trago uma mensagem do seu pessoal, Reverenda Madre.

– Então, diga-me!

– Houve um pequeno atraso, algo sobre a rota até aqui ser conhecida por muita gente.

Aquilo, pelo menos, fora a história que elas concordaram em dizer aos sacerdotes, mas outras coisas na face de Albertus podiam ser lidas com facilidade. Segredos divididos com ele estavam próximos de ser perigosamente expostos.

– Chego a me arrepender de não ter dado a ordem para matá-lo – dissera Odrade.

Albertus recuara dois passos inteiros. Seus olhos ficaram vidrados, como se ele tivesse morrido bem ali em frente a Odrade. Ela reconheceu a reação. Albertus entrara naquela fase completamente reveladora em que o medo agarrara seus testículos. Ele sabia que aquela terrível Reverenda Madre Odrade era capaz de lhe sentenciar à morte com casualidade ou matá-lo com suas próprias mãos. Nada que ele dissesse ou fizesse evitaria horrendo escrutínio daquela mulher.

– Vocês têm considerado *me* assassinar e destruir nosso Forte em Kina – acusara Odrade.

Albertus tremou violentamente.

– Por que sugere essas coisas, Reverenda Madre? – Havia uma lamentação reveladora na voz dele.

– Não tente negar – dissera ela. – Pergunto-me quantos já o acharam tão fácil de compreender como eu. Você deveria ser um guardião dos segredos e não andar por aí com todos os nossos segredos escritos na sua cara!

Albertus caíra de joelhos. Ela pensou que ele se prostraria.

– Mas seu próprio pessoal me enviou!

– E você estava contentíssimo em vir até aqui e decidir se seria possível me matar.

– Por que iríamos...

– Silêncio! Vocês não gostam de nosso controle sobre Sheeana. Temem os Tleilaxu. Os assuntos mais importantes foram tirados de suas mãos *sacerdotais* e coisas que os aterrorizam foram colocadas em jogo.

– Reverenda Madre! O que devemos fazer? O que devemos fazer?

– Vocês nos obedecerão! Mais do que isso, vocês devem obedecer a Sheeana! Temem nossa aventura de hoje? Existem coisas mais graves as quais vocês deveriam temer!

Ela balançara a cabeça em falso desalento, conhecendo o efeito que tudo aquilo teria sobre o pobre Albertus. Ele se retraía sob o peso da raiva dela.

– De pé! – ordenara ela. – E lembre-se de que és um sacerdote e que a verdade é requerida de ti.

Albertus se levantara de maneira vacilante e mantivera sua cabeça curvada. Ela vira o corpo dele respondendo à decisão de abandonar os subterfúgios. Que provação aquilo deveria ser para ele! Submisso à Reverenda Madre que tão obviamente lera seu

coração, agora ele devia se submeter à própria religião. Ele deveria confrontar o derradeiro paradoxo de todas as religiões:

*Deus sabe!*

– Você não esconde nada de mim, nada de Sheeana e nada de Deus – continuara Odrade.

– Perdoe-me, Reverenda Madre.

– Perdoá-lo? Não tenho o poder de perdoá-lo, nem deveria me pedir isso. Você é um sacerdote!

Ele alçara o olhar para o rosto irritado de Odrade.

Naquele instante o paradoxo pairava sobre ele em sua totalidade. Certamente Deus estava aqui! Mas Deus estava, como de costume, muito afastado e confrontações podiam ser adiadas. Amanhã seria outro dia em sua vida. Com certeza. E era aceitável permitir a si mesmo alguns pecados menores, talvez uma mentira ou duas. Mas apenas por ora. E quem sabe um pecado maior, se as tentações fossem grandes. Deuses deveriam ser mais compreensivos com os grandes pecadores. Haveria tempo para se retificar.

Odrade encarara Albertus com o olho analítico da Missionaria Protectora.

*Ah, Albertus, pensara ela. Mas neste instante você está na presença de uma companheira humana, que sabe de tudo que você acredita fazer em segredo entre você e seu deus.*

Para Albertus, sua atual situação era pouco diferente da morte e da derradeira submissão ao julgamento final de seu deus. Aquilo certamente descrevia o cenário inconsciente da forma que Albertus deixara sua força de vontade se destruir naquele momento. Todos os seus medos religiosos foram invocados e focalizados em uma Reverenda Madre.

Usando o tom mais seco possível, mas sem compeli-lo por meio do uso da Voz, Odrade disse:



– Quero que essa farsa acabe imediatamente.

Albertus tentara engolir. Ele sabia que não poderia mentir. Até sabia de uma capacidade remota de mentir, mas era inútil. De forma submissa, ele olhou para a testa de Odrade, onde a borda do capuz de seu trajestilador desenhara uma marca através de sua testa. Ele falara em um tom pouco mais alto do que um sussurro.

– Reverenda Madre, só nos sentimos destituídos de nossas funções. A senhora e os Tleilaxu vão ao deserto com *nossa* Sheeana. Ambos aprenderão com ela e... – Os ombros dele despencaram. – Por que a senhora vai levar o Tleilaxu?

– Sheeana assim o deseja – mentira Odrade.

Albertus abriu a boca e fechou sem falar. Ela foi capaz de notar a aceitação fluindo pelo corpo dele.

– Você retornará a seus companheiros levando meu aviso – dissera Odrade. – A sobrevivência de Rakis e de seu clero depende tão somente do quão bem irão me obedecer. Não nos atrapalharão em absoluto! E a respeito daquelas tramas pueris contra nós: Sheeana nos revela cada um dos pensamentos malignos de vocês!

Então Albertus a surpreendera. Balançara a cabeça e emitira uma risada seca. Odrade notara que vários daqueles sacerdotes apreciavam serem frustrados, mas não suspeitara que poderiam se entreter com os próprios erros.

– Considero sua risada algo frívolo – dissera ela.

Albertus dera de ombros e assumira uma de suas máscaras faciais. Odrade notara várias dessas máscaras nele. Meras fachadas! Ele as usava em camadas. E sob todas aquelas defesas jazia alguém que se importava, alguém que ela expusera brevemente naquele instante. Contudo, esses sacerdotes tinham uma forma perigosa de recorrer a explicações floreadas quando deveriam responder a muitas perguntas.

*Devo trazer de volta aquele que se importa*, pensara Odrade. Ela o cortara quando ele começara a falar.

– Chega! Você esperará por mim até que eu retorne do deserto. Por ora, você é *meu* mensageiro. Leve minha mensagem com exatidão e ganhará uma recompensa maior do que jamais imaginou. Falhe e sofrerá as agonias de Shaitan!

Odrade assistira à recuada de Albertus para fora do pátio, os ombros curvados, a cabeça jogada para frente como se ele não pudesse falar a mensagem a seus companheiros tão rápido quanto desejava.

No todo aquilo transcorrera muito bem, ela considerou. Um risco calculado e muito perigoso, em particular para ela. Odrade tinha certeza de que havia assassinos nas varandas mais acima, esperando por um sinal de Albertus. E agora, o medo que ele levava de volta consigo era algo que as Bene Gesserit compreendiam intimamente através de milênios de manipulações. Era contagiosamente virulento, como qualquer praga. As Irmãs professoras chamavam a isso de “histeria dirigida”. Fora *dirigida* (apontada seria a palavra mais acurada) no coração do clero rakiano. Podia-se confiar naquilo, especialmente com o reforço que fora colocado em movimento. Os sacerdotes se submeteriam. Apenas alguns hereges imunes deveriam ser temidos a partir de agora.

**Este é o universo da magia, que inspira reverência: não existem átomos, apenas ondas e movimentos ao seu redor. Aqui, você descarta todas as suas crenças em barreiras para a compreensão. Deixa de lado a própria compreensão. Este universo não pode ser visto, ouvido, nem detectado de qualquer forma por percepções fixas. É o vazio derradeiro, onde não há telas preordenadas sobre as quais formas existentes podem ser projetadas. Pode-se ter apenas uma percepção aqui; a tela dos magos: imaginação! Aqui, você aprende o que é ser um humano. Você é um criador da ordem, de belas formas e sistemas, um organizador do caos.**

**– O Manifesto Atreides, Repositório Bene Gesserit**

– O que você está fazendo é muito perigoso – disse Teg. – Minhas ordens são para protegê-lo e fortalecê-lo. Não posso permitir que isso continue.

Teg e Duncan estavam no corredor longo, com painéis de madeira, do lado de fora da sala de treinamentos do não globo. Era fim de tarde, de acordo com o relógio arbitrário de rotina, e Lucilla acabara de passar, irritada, depois de um confronto acintoso.

Nos últimos tempos, cada encontro entre Duncan e Lucilla tomava a natureza de uma batalha. Pouco tempo antes, ela permanecera no vão da porta para a sala de treinamentos, uma figura sólida que não chegava a ser impassível em razão de suas

curvas suaves e movimentos sedutores, óbvios para ambos os homens.

– Pare com isso, Lucilla! – Duncan ordenara.

Apenas a voz dela traía sua raiva.

– Quanto tempo você acha que esperarei antes de cumprir minhas ordens?

– Até que você ou alguém me conte que eu...

– Taraza exige coisas de você que nenhum de nós aqui sabe! – dissera Lucilla.

Teg tentara acalmar os ânimos:

– Por favor. Já não é suficiente que Duncan continue a melhorar seu desempenho? Em poucos dias, começarei a vigiar o lado de fora com regularidade. Podemos...

– Vocês podem parar de interferir na minha missão, malditos sejam! – explodiu Lucilla. Ela deu meia-volta e se afastou.

Ao perceber a resolução impassível no rosto de Duncan naquele instante, algo furioso começou a funcionar em Teg. Ele se sentiu impelido pelas necessidades de sua situação de isolamento. Seu intelecto, aquele instrumento Mentat perfeitamente aprimorado, estava protegido ali do tumulto mental ao qual ele se ajustara do lado de fora. Teg pensou que, se conseguisse apenas silenciar sua mente, fazendo com que tudo estivesse em serenidade, todas as coisas ficariam claras para ele.

– Por que prende a respiração, bashar?

A voz de Duncan trespassou Teg. Foi necessário um ato supremo de vontade para que a respiração voltasse ao normal. Ele sentia as emoções de seus dois companheiros no não globo como uma maré temporariamente removida de outras forças.

*Outras forças.*

A percepção Mentat podia ser algo idiota na presença de outras forças que varriam o universo. Deveria existir no universo pessoas cujas vidas eram impregnadas com poderes que ele sequer era capaz de imaginar. Diante de tais forças, ele não passava de palha se movendo nas vagas de correntezas selvagens.

Quem mergulharia em tal turbulência e emergiria intacto?

– O que Lucilla pode fazer se eu continuar resistindo a ela? – perguntou Duncan.

– Ela já usou a Voz com você? – perguntou Teg. Sua voz soava longínqua até mesmo para ele.

– Uma vez.

– Você resistiu? – Uma surpresa distante se insinuou furtivamente dentro dele.

– Apreendi isso com o próprio Paul Muad'Dib.

– Ela é capaz de paralisá-lo e...

– Acho que as ordens dela proíbem o uso de violência.

– O que é violência, Duncan?

– Vou para o vestiário, bashar. Você vem?

– Daqui a pouco. – Teg suspirou fundo, sentindo o quão próximo ele mesmo estava da exaustão. Aquela tarde na sala de treinamento e o que se sucedeu o deixaram exaurido. Observou Duncan saindo. Onde estava Lucilla? O que estaria planejando? Quanto ela poderia esperar? Essa era a questão central e colocava uma ênfase peculiar no isolamento do não globo no decorrer do tempo.

Mais uma vez, pressentiu a maré que suas três vidas influenciavam. *Devo conversar com Lucilla! Aonde ela foi? Biblioteca? Não! Há algo que preciso fazer antes.*

Lucilla estava sentada no cômodo que ela escolhera como seu alojamento pessoal. Era um espaço pequeno, com uma cama ornada, embutida em uma das paredes. Sinais sutis e vulgares ao

redor dela indicavam que aquele fora o quarto de uma das hetairas favoritas dos Harkonnen. Tons azuis pastéis, com detalhes em azul-escuro, tingiam os tecidos. Apesar dos entalhes barrocos na cama, alcova, teto e cada acessório funcional, a decoração do quarto poderia ser varrida de sua consciência assim que ela relaxasse. Ela se deitou na cama e fechou os olhos, isolando-se das esculturas sexuais e grotescas no teto da reentrância.

*Terei que dar um jeito em Teg.*

Teria de ser feito de forma a não ofender Taraza ou enfraquecer o ghola. Teg apresentava um problema especial de várias formas, em particular na maneira como seus processos mentais eram capazes de saltar para dentro e para fora das fontes mais profundas, de maneira similar ao funcionamento das Bene Gesserit.

*A Reverenda Madre que o gerou, é claro.*

Algo passou daquela mãe para aquela criança. Começara no útero e provavelmente não terminara nem mesmo quando foram, por fim, separados. Ele nunca passara pela transmutação totalmente voraz que produzia Abominações... não, não era isso. Aqueles nascidos de Reverendas Madres aprendiam coisas impossíveis para outras pessoas.

Teg sabia com exatidão a maneira como Lucilla via o amor em todas as suas manifestações. Ela notara isso no rosto dele naquela ocasião, em seus alojamentos no Forte.

*Bruxa calculista!*

Ele poderia muito bem ter falado aquilo em voz alta.

Ela se lembrava da forma que o favorecera com um sorriso benigno e expressão dominante. Fora um erro, aviltante para ambos. Ela pressentia em tais pensamentos uma simpatia latente por Teg. Em algum lugar dentro de si mesma, apesar de todo o

treinamento cuidadoso das Bene Gesserit, havia fendas em sua armadura. Suas professoras a alertaram sobre isso diversas vezes.

“Para ser capaz de induzir o amor real, você deve senti-lo, mas apenas temporariamente. E uma vez é o suficiente!”

As reações de Teg ao ghola Duncan Idaho diziam muito. Teg era ao mesmo tempo atraído e repelido por seu jovem protegido.

*Assim como eu.*

Talvez fora um erro não ter seduzido Teg.

Em sua educação sexual, em que ela aprendera a ganhar força a partir do coito, em vez de se perder nele, suas professoras enfatizaram análises e comparações históricas, as quais existiam em profusão nas Outras Memórias das Reverendas Madres.

Lucilla focou seus pensamentos na presença masculina de Teg. Ao fazer isso, ela foi capaz de sentir uma resposta feminina, sua carne desejando Teg próximo a ela excitada até o ápice sexual... pronta para o momento de mistério.

Um tênue deleite se insinuou na consciência de Lucilla. Não um orgasmo. Nada de rótulos científicos! Era o mais puro jargão Bene Gesserit: *momento de mistério*, a derradeira especialidade da Impressora. Imersão na longa continuidade das Bene Gesserit demandava esse conceito. Ela recebera instrução para acreditar profundamente na dualidade: o conhecimento científico pelo qual as Mestras em Reprodução as guiavam, *mas*, ao mesmo tempo, o momento de mistério que trazia perplexidade a todo o conhecimento. A história e a ciência Bene Gesserit ditavam que o impulso procriador deveria permanecer enterrado de maneira irrecuperável na psique. Não podia ser removido sem destruir a espécie.

*A rede de segurança.*

Lucilla reunira suas forças sexuais ao redor de si mesma naquele momento, da forma como apenas uma Impressora Bene Gesserit seria capaz. Começou a focar seus pensamentos em Duncan. Àquela altura, ele estaria no chuveiro e pensando sobre a sessão noturna de treinamento com sua professora Reverenda Madre.

*Irei até meu aluno em breve, pensou ela. A lição importante deve ser ensinada ou ele não estará completamente preparado para Rakis.*

Tais foram as instruções de Taraza.

Lucilla voltou o foco de todos os seus pensamentos para Duncan. Era quase como se ela o visse de pé, despido, embaixo do chuveiro.

Quão pouco ele compreendia sobre o que deveria aprender!

Duncan estava só, sentado no diminuto trocador da saída do vestiário adjacente à sala de treinamento. Ele estava imerso em uma tristeza profunda. Aquilo trouxe recordações das dores de ferimentos antigos que este jovem corpo jamais experimentara.

Algumas coisas nunca mudavam! A Irmandade estava envolvida em seus velhos jogos outra vez.

Olhou para cima e ao redor daquele lugar Harkonnen, coberto de painéis escuros. Arabescos foram entalhados nas paredes e no teto, desenhos estranhos nos mosaicos do piso. Monstros e belos corpos humanos se mesclavam, entremeando as mesmas linhas definidoras. Apenas um olhar atento era capaz de distinguir um do outro.

Duncan olhou para baixo, na direção de seu próprio corpo, o qual havia sido produzido pelos Tleilaxu e seus tanques axolotles. Por vezes, ele ainda se sentia estranho. Fora um homem de várias experiências adultas no último instante em que se recordava da sua vida pré-ghola: rechaçando um enxame de guerreiros Sardaukar, dando a seu jovem duque uma chance de fuga.



Seu duque! Naquela época, Paul não era mais velho do que este corpo. Condicionado, entretanto, à maneira que os Atreides eram: lealdade e honra acima de tudo.

*Da forma como me condicionaram depois de me salvarem dos Harkonnen.*

Algo dentro dele não conseguia se desvencilhar daquela dívida antiga. Ele conhecia sua fonte. Ele era capaz de delinear o processo pelo qual aquilo havia se incorporado nele.

Ali permanecia.

Duncan olhou para o piso de cerâmica. Palavras haviam sido inscritas ao longo dos azulejos do trocador. Era algo que uma parte dele identificou como coisa antiga, dos velhos tempos dos Harkonnen, mas outra parte sabia que era um galach muito familiar:

LIMPO DOCE LIMPO BRILHANTE LIMPO PURO LIMPO

A inscrição antiga se repetia ao redor do perímetro do cômodo, como se as palavras, por si mesmas, pudessem criar algo que Duncan sabia que era discrepante em relação aos Harkonnens que ele lembrava.

Sobre a porta que se abria para o vestiário, mais inscrições:

CONFESSA TEU CORAÇÃO E ENCONTRA A PUREZA.

Uma admoestação religiosa em um reduto Harkonnen? Teriam os Harkonnen mudado tanto nos séculos após sua morte? Duncan achou difícil acreditar nisso. Aquelas palavras eram coisas que os construtores provavelmente acharam apropriadas.

Ele mais sentiu do que ouviu Lucilla entrar no cômodo atrás dele. Duncan ficou de pé e fechou os grampos da túnica de que havia se apropriado a partir dos silos de nulentropia (mas apenas depois de remover todas as insígnias Harkonnen!).

Sem se virar, ele falou:

– O que houve agora, Lucilla?

Ela acariciou o tecido da túnica ao longo do braço esquerdo dele.

– Os Harkonnen tinham um gosto requintado.

Duncan falou calmamente:

– Lucilla, se você me tocar de novo sem minha permissão, *tentarei* matá-la. Tentarei com tanta força que é possível que você tenha de me matar.

Ela recuou.

Ele fitou os olhos dela:

– Não sou um maldito garanhão para suas bruxas.

– É isso que você acha que queremos de você?

– Ninguém me disse o que vocês querem de mim, mas suas ações são óbvias!

Ele se posicionou com o peso na parte frontal dos pés. A coisa não desperta dentro dele se agitou e acelerou sua pulsação.

Lucilla o estudou cuidadosamente. *Maldito seja aquele Miles Teg!* Ela não esperava que a resistência tomasse aquela forma. Não havia dúvida da sinceridade de Duncan. Palavras em si já não serviriam. Ele era imune à Voz.

*A Verdade.*

Era a única arma que restava a ela.

– Duncan, não sei exatamente o que Taraza espera que você faça em Rakis. Posso arriscar um palpite, mas ele pode estar errado.

– Palpite, então.

– Existe uma jovem em Rakis, que acabou de entrar na adolescência. O nome dela é Sheeana. Os vermes de Rakis a obedecem. De alguma forma, a Irmandade deve integrar esse talento a seu próprio leque de habilidades.

– O que eu poderia...

– Se eu soubesse, certamente lhe contaria agora.

Ele percebeu a sinceridade dela, desprovida de máscaras em função de seu desespero.

– O que seu *talento* tem a ver com isso? – perguntou ele.

– Apenas Taraza e suas conselheiras o sabem.

– Elas querem algum controle sobre mim, algo do qual não poderei escapar.

Lucilla já chegara a essa conclusão, mas não esperava que ele a deduzisse com tanta rapidez. A juventude do rosto de Duncan escondia uma mente que trabalhava de formas que ela ainda não atinara. Os pensamentos de Lucilla dispararam.

– Controle os vermes e você poderá reavivar a antiga religião. – Era a voz de Teg, vinda a partir da porta atrás de Lucilla.

*Eu não o ouvi chegar!*

Ela girou sobre os calcanhares. Teg permaneceu ali, com uma antiga armalês Harkonnen carregada com naturalidade sobre seu braço esquerdo, a boca apontada para ela.

– Isso é para garantir que você me ouça – disse ele.

– Há quanto tempo você está aí, nos escutando?

O penetrante olhar irritado dela não mudou a expressão do bashar.

– Desde o momento em que você admitiu não saber o que Taraza espera de Duncan – disse Teg. – Eu também não. Mas sou capaz de fazer algumas projeções Mentat; nada certo, ainda assim tudo bastante sugestivo. Diga-me se estiver errado.

– Sobre o quê?

Ele relanceou na direção de Duncan.

– Uma das coisas que você foi ordenada a fazer é torná-lo irresistível para a maioria das mulheres.

Lucilla tentou esconder seu desalento. Taraza a acautelara para esconder isso de Teg pelo maior tempo possível. Ela notou que já

não era mais possível disfarçar. Teg lera a reação dela com aquelas malditas habilidades transmitidas a ele por sua maldita mãe!

– Uma grande quantidade de energia está sendo reunida e direcionada para Rakis – disse Teg. Ele olhou fixamente para o jovem. – Não importa o que os Tleilaxu enterraram nele, Duncan possui o selo da humanidade ancestral em seus genes. É disso que as Mestras em Reprodução precisam?

– Um maldito garanhão Bene Gesserit! – respondeu Duncan.

– O que você tem a intenção de fazer com essa arma? – perguntou Lucilla. Ela apontou para a antiga armalês nas mãos de Teg.

– Isso? Eu nem mesmo a carreguei. – Ele baixou a armalês e a encostou em um canto ao seu lado.

– Miles Teg, você será punido! – rilhou Lucilla.

– Isso terá de esperar – disse ele. – É quase noite lá fora. Estive do lado de fora, sob a proteção do escudo-vital. Burzmali esteve aqui. Deixou seu sinal me informando que leu a mensagem que arranhei com aquelas marcas de animal nas árvores.

Um brilho alerta se insinuou nos olhos de Duncan.

– O que você fará? – perguntou Lucilla.

– Deixei novas marcas combinando um encontro. Neste exato momento, todos nós iremos até a biblioteca. Estudaremos os mapas até que os decoremos. Na pior das hipóteses, saberemos onde estaremos quando tivermos de fugir.

Ela concedeu a ele um condescendente aceno com a cabeça.

Duncan notou o movimento dela apenas com uma parte de sua percepção. A mente dele já se adiantara, concentrando-se no antigo equipamento da biblioteca Harkonnen. Fora ele que ensinara a Lucilla e a Teg como usá-lo corretamente, mostrando um mapa de

Giedi Primo que datava do tempo anterior à construção do não globo.

Teg tentara atualizar o mapa valendo-se da memória pré-ghola de Duncan e de seu próprio conhecimento moderno do planeta.

– “Estação da Guarda Florestal” tornou-se “Forte das Bene Gesserit”.

– Parte dele era um chalé de caça dos Harkonnen – arrematara Duncan. – Eles caçavam presas humanas, criadas e condicionadas especificamente para esse propósito.

Cidades desapareceram de acordo com a atualização de Teg. Algumas delas se mantinham, mas receberam nomes novos. “Ysaï”, a metrópole mais próxima, estava marcada como “Baronato” no mapa original.

Os olhos de Duncan se focaram duramente em sua memória.

– Foi onde me torturaram.

Quando Teg exaurira sua memória daquele planeta, grande parte do mapa fora marcada como *desconhecido*, mas havia inúmeros arabescos das Bene Gesserit para identificar os lugares onde o pessoal de Taraza informara a Teg que ele poderia encontrar abrigo temporário.

Aqueles eram os lugares que Teg desejava que fossem decorados.

Ao se virar para conduzi-los até a biblioteca, Teg disse:

– Apagarei o mapa quando terminarmos de decorá-lo. Não há como saber quem achará esse lugar e irá estudá-lo.

Lucilla disparou na frente dele.

– Tudo pesa sobre sua cabeça, Miles! – disse ela.

Teg bradou para Lucilla enquanto ela seguia adiante.

– Um Mentat diz a você que fiz o que era demandado de mim.

Sem se virar, ela falou:

– Que comentário mais lógico!

**Este cômodo reconstrói um trecho do deserto de Duna. A lagarta de areia, bem à vossa frente, data da época dos Atreides. Agrupados ao redor dela, movendo no sentido horário a partir de vosso lado esquerdo, estão uma pequena colheitadeira, um caleche, uma primitiva usina de especiaria e outros equipamentos de apoio. Todos são explicados em cada estação. Notai a citação, iluminada sobre o mostrador: “PORQUE CHUPARÃO A ABUNDÂNCIA DOS MARES E OS TESOUROS ESCONDIDOS DA AREIA”. Essa antiga citação religiosa era repetida com frequência pelo famoso Gurney Halleck.**

**– Explicação do Guia, Museu de Dar-es-Balat**

O verme não diminuiu o ritmo inexorável de sua viagem até pouco antes do crepúsculo. Àquela altura, Odrade considerara suas perguntas e ainda não encontrara respostas. Como Sheeana controlava os vermes? Sheeana dissera que não estava conduzindo seu *Shaitan* naquela direção. Que idioma escondido era aquele ao qual o monstro do deserto respondia? Odrade sabia que suas irmãs guardiãs lá em cima, nos tópteros que os acompanhavam, estariam se fazendo essa pergunta, e ainda outra.

“Por que Odrade permitia que aquela jornada continuasse?”

Talvez elas até arriscassem alguns palpites: “Ela não nos convoca porque isso poderia perturbar a besta. Ela não confia que nós sejamos capazes de resgatar seu grupo das costas do verme”.

A verdade era muito mais simples: curiosidade.

A passagem sibilante do verme era semelhante a um navio singrando as ondas de mares bravios. Os odores secos de pederneira da areia superaquecida, que passavam por eles arrebatados pelos ventos, diziam o contrário. Naquele momento, apenas a amplidão do deserto se estendia ao redor deles, quilômetro após quilômetro de dunas em formato de dorso de baleia, tão regulares em distância quanto ondas do oceano.

Waff estivera calado por um longo tempo. Ele se agachara em uma imitação em miniatura da pose de Odrade, sua atenção dirigia para a frente e com uma expressão enigmática na face. Sua declamação mais recente fora:

– Deus guarda os fiéis na hora de nosso julgamento.

Odrade o considerava prova viva de que um fanatismo forte o bastante era capaz de se manter por anos. Zen-sunitas e os antigos sufi sobreviviam nos Tleilaxu. Era como um micróbio mortal que permanecera dormente por todos aqueles milênios, esperando pelo hospedeiro certo para alimentar sua virulência.

*O que acontecerá com aquela semente que plantei no clero rakiano?*, ela se perguntou. Santa Sheeana era uma certeza.

A jovem se sentava em um anel de seu Shaitan, o manto puxado para cima, expondo suas canelas finas. Ela agarrava o anel com ambas as mãos entre suas pernas.

Ela dissera que sua jornada com o primeiro verme a carregara direto para a cidade de Kina. Por que lá? O verme simplesmente a levava para outros de sua própria espécie?

Era certo que esse verme, abaixo deles naquele instante, tinha um objetivo diferente. Sheeana não questionava mais, embora Odrade obrigasse a garota a permanecer em silêncio, praticando um leve estado de transe. Aquilo, pelo menos, asseguraria que cada detalhe dessa experiência poderia ser recuperado com facilidade da



própria memória dela. Se houvesse um idioma comum entre Sheeana e o verme, elas descobririam mais tarde.

Odrade perscrutou o horizonte. Os resquícios da base da antiga muralha que circundava o Sareer estava apenas alguns quilômetros adiante. As longas sombras da muralha repousavam sobre as dunas, dizendo a Odrade que os vestígios eram mais altos do que ela inicialmente suspeitara. Agora não passava de um contorno estilhaçado e partido, com pedregulhos espalhados ao redor de sua base. O desfiladeiro de onde o Tirano despencara de sua ponte para o rio Idaho ficava bem à direita, pelo menos a três quilômetros dali. Nenhum rio fluía por lá agora.

Waff se agitou ao lado de Odrade.

– Ouço Vosso chamado, Deus – disse ele. – É Waff de Entio que reza em Vosso Lugar Sagrado.

A Reverenda Madre relanceou na direção dele sem mover a cabeça. *Entio?* Suas Outras Memórias conheciam um Entio, um líder tribal durante a grande Peregrinação Zen-sunita, muito antes de Duna. O que era isso? Que memórias ancestrais aquele Tleilaxu mantinha vivas?

Sheeana quebrou seu silêncio.

– Shaitan está desacelerando.

Os resquícios da grande muralha bloqueavam o caminho deles. Eles assomavam a mais de cinquenta metros acima das maiores dunas. O verme se virou levemente para a direita e passou entre duas pedras gigantes que se erguiam acima deles. Ali se deteve. O dorso longo e anelado jazia em paralelo à secção mais intacta da base da muralha.

Sheeana se pôs de pé e olhou para a barreira.

– Que lugar é este? – perguntou Waff. Levantou a voz acima do ruído dos tópteros circulando logo acima.

Odrade afrouxou seu aperto fatigante e flexionou os dedos. Permaneceu ajoelhada enquanto estudava as cercanias. Sombras das pedras caídas desenhavam linhas duras na areia que caía e em rochas menores. Vista de perto, a cerca de vinte metros, a muralha apresentava rachaduras e fendas, aberturas escuras para o interior da antiga fundação.

Waff se levantou e massageou as mãos.

– Por que fomos trazidos até aqui? – ele perguntou. Sua voz era um lamento débil.

O verme estremeceu.

– Shaitan quer que desçamos – disse Sheeana.

*Como ela sabe?* Odrade se perguntou. O movimento do verme não fora suficiente para fazê-los cambalear. Poderia ser algum reflexo particular depois da longa jornada.

Mas Sheeana olhou para as fundações da muralha ancestral, sentou-se na curvatura do verme e deslizou para fora. Ela caiu agachada sobre a areia macia.

Odrade e Waff se moveram para frente e assistiram, fascinados, a Sheeana caminhar com dificuldade pela areia até a frente da criatura. Ali, Sheeana colocou ambas as mãos em sua própria cintura e fitou a boca escancarada. Chamas escondidas lançavam uma luz alaranjada sobre o rosto da jovem.

– Shaitan, por que estamos aqui? – indagou Sheeana.

Mais uma vez, o verme estremeceu.

– Ele quer que vocês saiam de cima dele – gritou Sheeana.

Waff olhou para Odrade.

– Se Deus deseja tua morte, Ele conduz teus passos para levar-te ao lugar de tua morte.

Odrade devolveu com uma paráfrase do canto da Shariat:

– Obedeça a mensageira de Deus em tudo.

Waff suspirou. A dúvida se estampava com clareza em seu rosto, mas ele se virou e adiantou-se para descer do verme, caindo um pouco antes de Odrade. Ambos seguiram o exemplo de Sheeana, indo até a frente da criatura. Odrade, com todos os sentidos em alerta, fixou seu olhar em Sheeana. Estava muito mais quente ali, na proximidade daquela boca escancarada.

O familiar hálito de mélange impregnava o ar ao redor deles.

– Aqui estamos, Deus – falou Waff.

Odrade, já saturada daqueles arroubos de temor religioso, relanceou ao seu redor: as rochas estilhaçadas, a barreira erodida se erguendo até o céu crepuscular, a areia vertendo sobre as pedras marcadas pelo tempo, e o rangido lento e abrasador da fornalha interior do verme.

*Mas que lugar é este?*, Odrade se perguntou. *O que há de especial sobre esse lugar para torná-lo o destino do verme?*

Quatro dos tópteros observadores passaram alinhados logo acima. O som das turbinas de suas asas e o sibilar dos jatos abafaram por um momento o ruído interno do verme.

*Devo ordenar que desçam?*, perguntou-se Odrade. Bastava um mero aceno. Em vez disso, ela ergueu ambas as mãos, sinalizando para que os observadores permanecessem ao longe.

Àquela altura, o ar gélido da noite percorria a areia. Odrade tiritou e ajustou seu metabolismo às novas demandas. Ela se sentiu confiante de que o verme não os engoliria se estivessem ao lado de Sheeana.

Sheeana virou as costas para o verme.

– Ele nos quer aqui – disse ela.

Como se suas palavras fossem uma ordem, o verme virou a cabeça na direção oposta a eles e deslizou pelo grande campo de

pedras espalhadas. Eles puderam ouvi-lo se apressando de volta para o deserto.

Odrade se voltou para a base da muralha ancestral. A escuridão cairia sobre eles com rapidez, mas ainda havia luz suficiente no longo crepúsculo do meio do deserto capaz de ajudá-los a compreender o motivo de aquela criatura tê-los deixados ali. Uma alta fissura na muralha de rocha à direita parecia um bom lugar para começar a investigação. Mantendo parte de sua atenção nos ruídos emitidos por Waff, Odrade escalou uma inclinação arenosa em direção à abertura escura. Sheeana se manteve ao lado dela.

– Por que estamos aqui, Madre?

Odrade meneou a cabeça. Ela ouviu Waff seguindo.

A fenda logo diante dela não passava de um buraco sombrio que desembocava nas trevas. Odrade parou e segurou Sheeana ao seu lado. Ela estimou que a abertura tivesse cerca de um metro de largura e o quadruplo disso em altura. As paredes rochosas estavam curiosamente lisas, como se polidas por mãos humanas. Areia havia se insinuado pela abertura. A luz do pôr do sol era refletida pela areia e banhava um lado da abertura em uma pincelada dourada.

Waff falou por trás delas:

– Que lugar é este?

– Há varias cavernas antigas – Sheeana falou. – Os fremen escondiam sua especiaria em cavernas. – Ela inalou profundamente. – Sente o odor, Madre?

Definitivamente havia um odor de mélange no local, Odrade concordou.

Waff ultrapassou Odrade e entrou pela fissura. Ele se virou ali, olhando para cima, no ponto em que as paredes se encontravam em ângulo fechado acima dele. Olhando para Odrade e Sheeana,

ele avançou mais pela abertura, sua atenção nas paredes. As duas caminharam na direção dele. Com um abrupto sibilar de areia sendo vertida, Waff sumiu da vista delas. No mesmo instante, a areia ao redor de Odrade e Sheeana deslizou na direção da fissura, arrastando ambas consigo. Odrade segurou a mão de Sheeana.

– Madre! – gritou Sheeana.

O som ecoou a partir das paredes rochosas invisíveis conforme elas deslizavam por um longo declive de areia derramada, caindo em uma escuridão oculta. A areia as arrastou até pararem, com um movimento suave. Odrade, com areia até a altura dos joelhos, se soltou e puxou Sheeana consigo até uma superfície dura.

Sheeana começou a falar, mas Odrade a interrompeu:

– Silêncio! Ouça!

Havia uma perturbação áspera mais a sua esquerda.

– Waff?

– Estou com areia pela cintura – a voz dele parecia aterrorizada.

Odrade falou secamente:

– Deus deve querer que seja dessa maneira. Puxe-se para fora devagar. Isso debaixo dos seus pés parece rocha. Com delicadeza agora! Não precisamos de outra avalanche.

À medida que seus olhos se ajustavam, Odrade se virou para o declive de areia pelo qual eles caíram. A abertura por onde eles haviam entrado era um corte distante de crepúsculo dourado, bem acima.

– Madre – sussurrou Sheeana. – Estou com medo.

– Recite a Litania contra o Medo – ordenou Odrade. – E fique parada. Nossos amigos sabem que estamos aqui. Eles nos ajudarão a sair.

– Deus nos trouxe a este lugar – disse Waff.

Odrade não respondeu. Em silêncio, apertou os lábios e soltou um assovio em tom agudo, escutando os ecos. Seus ouvidos lhe diziam que estavam em um espaço amplo, com alguma espécie de obstrução baixa atrás deles. Ela virou as costas para a fissura estreita e soltou outro assovio.

A barreira baixa jazia a cerca de cem metros de distância.

Odrade soltou a mão de Sheeana.

– Fique bem aqui, por favor. Waff?

– Ouço os tópteros – respondeu ele.

– Todos nós os ouvimos – retrucou Odrade. – Eles estão aterrissando. Receberemos ajuda em breve. Nesse meio-tempo, por favor permaneça onde está e fique em silêncio. Preciso de silêncio.

Assoviando e prestando atenção nos ecos, colocando cada pé no chão com cautela, Odrade se aprofundou na escuridão. Estendeu a mão e encontrou uma superfície áspera e rochosa. A Reverenda Madre tateou ao longo dela. Chegava apenas à altura da cintura. Não conseguia sentir nada além da obstrução. Os ecos de seus assovios informavam que havia um espaço menor mais além e parcialmente cercado.

Uma voz vinda do alto a chamou, atrás dela.

– Reverenda Madre! A senhora está aí?

Odrade se virou, colocou as mãos em forma de concha ao redor da boca e gritou de volta:

– Continuem aí! Fomos arrastados até uma caverna profunda! Tragam uma fonte de luz e uma corda comprida.

Uma silhueta minúscula e escura se afastou, de volta pela abertura distante. A luz lá no alto se tornava mais fraca. Ela abaixou as mãos e falou em meio à escuridão.

– Sheeana? Waff? Caminhem cerca de dez passos na minha direção e aguardem.

- Onde estamos, Madre? – perguntou Sheeana.
- Paciência, criança.

Um murmúrio baixo veio de Waff. Odrade reconheceu as palavras antigas do islamiyat. Ele estava rezando. Waff desistira de quaisquer tentativas de esconder suas origens dela. Ótimo. O crente era um receptáculo a ser alimentado com iguarias da Missionaria Protectora.

Enquanto isso, as possibilidades deste lugar para o qual o verme os trouxera deixavam Odrade empolgada. Guiando-se com uma mão na barreira rochosa, ela explorou ao longo da obstrução à sua esquerda. O topo era bem liso em alguns lugares. O conjunto se inclinava para dentro, afastando-se dela. As Outras Memórias, repentinamente, ofereceram uma projeção:

*Bacia coletora!*

Era uma bacia de estoque de água dos fremen. Odrade inalou profundamente, sondando por umidade. O ar estava seco como pederneira.

Uma luz brilhante vinda da fissura singrou para baixo, apartando a escuridão. Uma voz chamou da abertura e Odrade a reconheceu como sendo de uma de suas irmãs.

– Podemos vê-la!

Odrade se afastou da barreira baixa e se virou, espreitando tudo ao redor dela. Waff e Sheeana permaneciam de pé a cerca de sessenta metros, conferindo seus arredores. A câmara era quase circular, com aproximadamente duzentos metros de diâmetro. Uma abóbada rochosa se arqueava no alto, sobre ela. Odrade examinou a obstrução baixa ao seu lado: sim, uma bacia coletora dos fremen. Ela conseguia discernir a ilha pequena rochosa no centro, onde podia se manter um verme aprisionado, pronto para ser jogado na água. Outras Memórias reprisavam aquela morte agonizante e

frenética, a qual produzia o veneno da especiaria capaz de inflamar uma orgia fremen.

Um arco baixo emoldurava uma região mais escura na extremidade oposta da bacia. Ela podia ver o desaguadouro que trazia a água de um captador de vento. Deveriam existir mais bacias coletoras lá atrás, um complexo inteiro delas, desenhado para manter uma fortuna em umidade para uma tribo antiga. Agora ela sabia o nome daquele lugar.

– Sietch Tabr – sussurrou Odrade.

As palavras deram vazão a uma torrente de memórias úteis. Esta fora a base de Stilgar nos tempos de Muad'Dib. *Por que o verme nos trouxe até Sietch Tabr?*

Um verme levava Sheeana para a cidade de Kina. Para que outros tomassem conhecimento dela? Então o que era para ser descoberto aqui? Haveria outras pessoas ali atrás, na escuridão? Odrade não pressentiu qualquer indício de vida naquela direção.

A irmã na abertura interrompeu seus pensamentos:

– Tivemos de pedir que uma corda fosse trazida de Dar-es-Balat! O pessoal do museu diz que este lugar provavelmente seja Sietch Tabr! Eles achavam que havia sido destruído!

– Envie-me algum tipo de luz para que eu possa explorá-lo – gritou Odrade.

– Os sacerdotes pediram-nos que deixássemos intocado!

– Envie-me uma fonte de luz! – insistiu Odrade.

Em pouco tempo, um objeto escuro deslizou pelo declive arenoso, espalhando um pouco de areia. Odrade pediu a Sheeana que corresse atrás dele. Com um toque no interruptor, um raio brilhante se lançou pela arcada além da bacia coletora. *Sim, havia mais bacias ali.* E ao lado desta, havia uma escada estreita cortada



na rocha. Os degraus levavam para cima, encaracolando e removendo-se de seu campo de visão.

Odrade se curvou e sussurrou no ouvido de Sheeana:

– Vigie Waff com atenção. Se ele vier atrás de nós, me avise.

– Sim, Madre. Aonde a senhora vai?

– Devo estudar este lugar. Sou a pessoa que foi trazida até aqui por um motivo. – Ela levantou a voz e dirigiu-se ao Tleilaxu. – Waff, por favor, espere pela corda bem ali.

– Por que vocês sussurraram? – perguntou ele. – Por que devo esperar? O que a senhora está fazendo?

– Estive orando – respondeu Odrade. – Agora, devo continuar esta peregrinação sozinha.

– Por que sozinha?

Ela respondeu no velho idioma do islamiyat.

– Está escrito.

*Aquilo o parou!*

Odrade conduziu o caminho seguindo rápido na direção das escadas de rocha.

Sheeana, se apressando ao lado de Odrade, disse:

– Devemos revelar ao povo sobre este local. As antigas cavernas fremen são à prova de Shaitan.

– Fique quieta, criança – disse Odrade. Ela apontou a luz para o topo da escadaria. A subida se curvava através da rocha, formando um ângulo agudo bem lá no alto. Odrade hesitou. A sensação de alerta para o perigo que ela experimentara no começo daquela empreitada voltou com ainda maior intensidade. Era uma coisa quase palpável para ela.

*O que há lá em cima?*

– Espere aqui, Sheeana – disse Odrade. – Não deixe Waff me seguir.

– Como vou impedi-lo? – Sheeana, amedrontada, olhou para a outra extremidade da câmara, onde Waff se encontrava.

– Diga a ele que é a vontade de Deus que ele permaneça ali. Diga dessa forma... – Odrade se inclinou próxima a Sheeana e repetiu as palavras no antigo idioma de Waff e depois falou: – Não diga outra coisa. Mantenha-se no caminho dele e repita se ele tentar passar.

Sheeana pronunciou as novas palavras com calma. Ela as dominava, reparou Odrade. A garota era rápida.

– Ele tem medo de você – disse Odrade. – Não tentará machucá-la.

– Sim, Madre. – Sheeana se virou, cruzou os braços sobre o peito e olhou pela extensão da câmara, na direção de Waff.

Apontando a luz para a frente, Odrade subiu as escadas de rocha. *Sietch Tabr! Que surpresa você nos deixou aqui, verme ancestral?*

Em um longo e baixo corredor no alto da escadaria, Odrade se deparou com os primeiros corpos mumificados pelo deserto. Havia cinco deles, dois homens e três mulheres, sem marcas de identificação nem roupas. Foram completamente desnudados e abandonados na secura do deserto para preservação. A desidratação repuxara a pele e a carne com firmeza ao redor dos ossos. Os corpos foram colocados em fila, os pés estendidos pela passagem. Odrade foi forçada a passar por cima de cada uma daquelas obstruções macabras.

Ela correu a luz por todos os corpos à medida que prosseguia. Eles foram apunhalados de forma quase idêntica. Um golpe cortante fora desferido na vertical, de modo ascendente, a partir do arco do esterno.

*Mortes rituais?*

A carne seca e contraída fora retirada dos ferimentos, deixando uma peculiar mancha escura. Esses corpos não eram dos tempos dos fremen, Odrade sabia. As destilarias fúnebres dos fremen transformavam toda a carne em cinzas para recuperar a água do corpo.

Odrade sondou adiante com sua luz e fez uma pausa para considerar sua posição. A descoberta daqueles corpos intensificava a sensação de perigo. *Eu deveria ter trazido uma arma.* Mas aquilo teria despertado as suspeitas de Waff.

Não era possível evitar a persistência daquele alerta interior. Essa relíquia de Sietch Tabr era perigosa.

O raio de sua fonte de luz revelou outra escadaria no final do corredor. Com cautela, Odrade se moveu para frente. No primeiro degrau, ela apontou o feixe para cima. Degraus estreitos. Só um pouco mais para cima, mais rochas... um espaço mais largo lá em cima. Odrade se virou e apontou a luz cortante de volta pelo corredor. Vestígios de lascas e queimaduras marcavam as paredes rochosas. Mais uma vez, ela olhou para a escadaria.

*O que há lá em cima?*

A sensação de perigo era intensa.

Odrade subia um degrau de cada vez, lentamente, pausando com frequência. Ela se deparou com uma larga passagem, esculpida no ventre das rochas nativas. Mais corpos a saudaram. Esses foram abandonados na desordem de seus momentos finais. Mais uma vez, ela viu apenas carne mumificada, despojada de roupas. Os cadáveres jaziam espalhados ao longo dessa passagem mais larga... vinte deles. Ela trançou seu caminho ao redor deles. Alguns haviam sido apunhalados da mesma forma que os cinco no nível mais baixo. Alguns foram atingidos, retalhados e queimados pelos feixes de armaleses. Um fora decapitado e o crânio, ainda

com a máscara de pele, jazia contra uma parede da passagem como se fosse a bola abandonada de algum jogo terrível.

Essa nova passagem conduzia para a frente, passando por aberturas que desembocavam em pequenas câmaras de ambos os lados. Ela não encontrou coisas de valor nas saletas para onde apontava sua luz: alguns cordões de fibra de especiaria, diminutas marcas de rocha derretida, evidências de bolhas derretidas em alguns pisos, paredes e tetos.

*Que tipo de violência fora aquela?*

Manchas sugestivas eram visíveis em alguns dos pisos das câmaras. Sangue derramado? Um cômodo tinha um pequeno amontoado de panos marrons em um canto. Pedacos de tecido rasgado espalhados aos pés de Odrade.

Havia poeira. Poeira em todo lugar. Os pés dela levantavam poeira ao passar.

O corredor terminava em um arco que se abria em uma saliência profunda na rocha. Ela apontou a luz além do umbral: uma câmara enorme, muito maior do que aquela lá embaixo. O teto curvado se erguia tanto que Odrade calculou que ele se estendia para dentro da base rochosa da grande muralha. Degraus largos levavam do alto daquela saliência até o piso da câmara. Hesitante, Odrade desceu a escadaria e chegou ao chão. Ela apontou o feixe de luz para os arredores. Outras passagens ofereciam saídas da câmara grande. Algumas, ela notou, haviam sido bloqueadas por pedras e outras pedras foram viradas e ficaram espalhadas pela saliência e sobre o piso.

Odrade inalou o ar. Carregado pela poeira erguida a partir de seus pés, havia um cheiro marcante de mélange. O odor se entrelaçou a sua sensação de perigo. Ela queria sair, correr para

onde estavam os outros. Mas o perigo era um sinalizador. Ela tinha que descobrir para onde ele a levaria.

Ainda assim, agora ela sabia onde estava. Aquela era a grande câmara de reuniões de Sietch Tabr, local de inúmeras orgias dos fremen e de suas convocações tribais. Aqui, o naib Stilgar presidira. Gurney Halleck estivera lá. Lady Jéssica, Paul Muad'Dib. Chani, mãe de Ghanima. Aqui, Muad'Dib treinara seus guerreiros. O Duncan Idaho original estivera aqui... bem como o primeiro ghola Idaho!

*Por que fui trazida até aqui? Qual é o perigo?*

Era aqui, bem aqui! Ela era capaz de sentir.

Neste lugar, o Tirano escondera uma reserva de especiaria. Os registros Bene Gesserit diziam que a reserva enchia essa câmara até o teto e também por várias das passagens laterais.

Odrade girou o corpo, seu olhar seguindo o caminho aberto pela luz. Ali estava a plataforma dos naibs. E ali, a profunda Plataforma Real, cuja construção fora encomendada por Muad'Dib.

*E ali está o arco pelo qual entrei.*

Ela varreu o piso com seu feixe de luz, notando lugares onde exploradores lascaram e queimaram a rocha, em busca de mais da fabulosa reserva do Tirano. As Oradoras Peixe ficaram como a maior parte do mélange, seu lugar de esconderijo revelado pelo ghola Idaho que fora consorte da famosa Siona. Os registros diziam que exploradores subsequentes encontraram mais provisões escondidas atrás de paredes e pisos falsos. Havia inúmeros relatos autenticados e confirmações das Outras Memórias. Os Tempos da Penúria viram muita violência aqui, quando exploradores desesperados tomaram o lugar. Isso explicaria os corpos. Muitos lutaram apenas pela chance de vasculhar Sietch Tabr.

Como fora ensinada, Odrade tentou usar a sensação de perigo como guia. Será que o miasma da violência passada ainda estava impregnado naquelas pedras, mesmo depois de todos aqueles milênios? Não era disso que consistia seu alerta. Ele era imediato. O pé esquerdo de Odrade encontrou um lugar desnivelado no piso. A luz revelou uma linha escura na poeira. Ela varreu a poeira com um pé, revelando uma letra e, em seguida, uma palavra inteira gravada na pedra, em uma escrita fluida.

Odrade leu a palavra em silêncio, depois em voz alta:

– Arafel.

Ela conhecia essa palavra. As Reverendas Madres dos tempos do Tirano a haviam impresso na consciência das Bene Gesserit, remontando suas raízes até as fontes mais antigas.

“Arafel: a nuvem de escuridão no fim do universo.”

Odrade sentiu o acúmulo constritor de sua sensação de alerta. Ele se focava naquela palavra.

“O julgamento sagrado do Tirano”, os sacerdotes se referiam àquele termo. “A nuvem-sombria do julgamento divino!”

Ela caminhou ao longo da palavra, olhando para baixo em sua direção, notando a curva no final, que se transformava em uma pequena seta. Odrade olhou para onde ela apontava. Outra pessoa notara a seta e fizera um corte no umbral para o qual ela apontava. A Reverenda Madre atravessou até o lugar onde o maçarico do explorador deixara uma poça escura de rocha derretida no chão da câmara. Torrentes de rocha derretida fluíam como filetes para fora da plataforma, cada um deles correndo a partir de um buraco profundo queimado na rocha da plataforma.

Inclinando-se, Odrade espreitou o interior de cada buraco usando sua fonte de luz: nada. Ela sentia a excitação do caçador de tesouros andando em paralelo à sua sensação de alerta-medo. No

passado, a extensão da riqueza dessa câmara estupeficara imaginações. Durante a pior época dos tempos antigos, uma bagagem de mão era capaz de conter especiaria suficiente para comprar um planeta. E as Oradoras Peixe esbanjaram aquela reserva, perdendo-a em disputas, equívocos destruidores e tolices simplórias muito insignificantes para serem registradas pela história. Elas ficaram felizes em aceitar a aliança ixiana quando os Tleilaxu quebraram o monopólio da *mélange*.

*Será que os exploradores chegaram a encontrar tudo? O Tirano era de uma esperteza soberba.*

*Arafel.*

*No final do universo.*

Teria ele enviado uma mensagem através dos éons para as Bene Gesserit de hoje?

Ela projetou o feixe de luz mais uma vez ao redor da câmara, e depois para o alto.

O teto descrevia um semicírculo suspenso quase perfeito. A intenção, ela sabia, era a criação de um modelo do céu noturno, visto a partir da entrada de Sietch Tabr. Mas, mesmo nos tempos de Liet Kynes, o primeiro planetólogo dali, as estrelas originais pintadas naquele teto já não existiam mais, perdidas na erosão decorrente de pequenos terremotos e no desgaste das abrasões do dia a dia.

A respiração de Odrade se acelerou. A sensação de perigo nunca fora tão forte. O sinalizador de perigo brilhava dentro dela! Rapidamente, ela cruzou o cômodo trotando até os degraus onde havia descido para aquele andar. Virando-se ali, ela projetou a mente para o passado, fazendo com que as Outras Memórias delineassem aquele lugar. As recordações vieram devagar, forçando a passagem por aquele sentimento de fatalidade que acelerava o coração. Apontando a luz para cima e espreitando por toda sua

extensão, Odrade sobrepôs as memórias antigas com aquela cena diante de si.

*Fragmentos de brilho refletido!*

As Outras Memórias se posicionaram: indicadores das estrelas em um céu há muito desaparecido estavam bem ali! O semicírculo amarelo-prateado do sol arrakino. Ela sabia que seria um sinal crepuscular.

*O dia dos fremen começa à noite.*

*Arafel!*

Mantendo a luz naquela marcação do crepúsculo, ela retrocedeu pelos degraus e circulou a câmara a partir do umbral até a posição exata que ela vira nas Outras Memórias.

Nada permanecia daquele antigo arco solar.

Exploradores haviam lascado a parede onde ele estivera. Bolhas de pedra brilhavam onde um maçarico tentara furar ao longo daquela parede. Nada penetrara a rocha original.

Pelo aperto em seu peito, Odrade sabia que estava prestes a fazer uma descoberta perigosa. O sinalizador a levava até ali!

*Arafel... no limite do universo. Além do pôr do sol!*

Ela varreu a esquerda e a direita com a luz. Outra passagem de entrada se abria à esquerda. Rochas que a bloqueavam jaziam espalhadas no umbral. Com o coração disparado, Odrade se espremeu pela abertura e encontrou um corredor estreito repleto de rocha derretida ao fundo. À direita, exatamente atrás do marcador do sol poente, ela encontrou um pequeno cômodo, com um forte odor de mélange. Odrade entrou ali e viu mais sinais de escavações e de queimaduras nas paredes e no teto. A sensação de perigo era opressiva naquela saleta. Ela recitou em silêncio a Litania contra o Medo enquanto passava o feixe de luz pelo cômodo. Era um recinto quase quadrado, com cerca de dois metros em cada lado. O teto



estava a menos de meio metro acima de sua cabeça. O cheiro de canela pulsava em suas narinas. Ela espirrou e, ao piscar, percebeu uma descoloração minúscula no chão, ao lado da entrada.

Mais marcas de uma antiga busca?

Curvando-se naquela direção, segurando a luz lateralmente em ângulo agudo, ela percebeu que apenas relanceara a sombra de alguma coisa gravada bem fundo na rocha. A poeira encobria a maior parte. Ela se ajoelhou e varreu a poeira de lado. Uma gravação bem fina e profunda. Seja lá o que isso fosse, tinha sido feito para durar. A última mensagem de uma Reverenda Madre perdida? Esse era um artifício bem conhecido das Bene Gesserit. Ela pressionou as sensíveis pontas dos dedos contra a gravação e reconstruiu o traçado em sua mente.

O reconhecimento saltou em sua percepção: uma palavra inscrita em chakobsa antigo, “aqui”.

Não era um simples “aqui” que indicava um lugar qualquer, mas um “aqui” acentuado e enfático que dizia: “Você me encontrou!”. O coração dela, que batia freneticamente, enfatizava isso.

Odrade colocou a luz de mão no chão, perto de seu joelho direito e deixou seus dedos explorarem o limiar ao lado daquele convite ancestral. O entalhe das pedras parecia perfeito ao olhar, mas os dedos dela encontraram uma descontinuidade minúscula. Ela pressionou a descontinuidade, torceu, virou, mudou o ângulo de pressão diversas vezes e repetiu o esforço.

Nada.

Sentando-se sobre os calcanhares, Odrade estudou a situação.

“Aqui.”

A sensação de alerta crescia, de forma cada vez mais aguda. Ela podia senti-la como uma pressão em sua respiração.

Retrocedendo um pouco, ela apanhou a fonte de luz outra vez e se estirou toda no chão para examinar de perto a base da entrada. *Aqui!* Será que ela poderia colocar uma ferramenta ao lado daquela palavra e alavancar o batente? Não... não havia indícios de precisar de uma ferramenta. Essa coisa tinha o cheiro do Tirano, não de uma Reverenda Madre. Ela tentou empurrar a abertura para os lados. Nada se mexeu.

Sentindo as tensões e sensação de perigo acentuados pela frustração, Odrade parou e chutou a entrada ao lado da palavra inscrita. Ela se moveu! Algo rilhou em decorrência do atrito contra a areia sobre sua cabeça.

Odrade se esquivou para trás à medida que a areia cascadeou sobre o piso diante de si. Um estrondo profundo tomou a câmara minúscula. As pedras tremeram sob seus pés. O chão se inclinou ligeiramente para baixo em frente a ela, na direção da entrada, abrindo um espaço embaixo da porta e de sua parede.

Uma vez mais, Odrade se viu despencando para a frente e para baixo em direção ao desconhecido. Sua fonte de luz caiu junto com ela, o feixe refulgindo de um lado para o outro. Ela viu montes de algo escuro adiante, de um marrom-avermelhado. Canela impregnou suas narinas.

Ela caiu ao lado de sua fonte de luz, sobre um monte macio de mélange. A abertura pela qual ela caíra estava fora de seu alcance, cinco metros acima. Ela pegou a fonte de luz. Seu feixe iluminou degraus largos de pedra, cortados na rocha ao lado de uma abertura. Havia algo escrito na parte vertical dos degraus, mas a única coisa que ela notou foi que havia uma saída. Seu pânico inicial diminuiu, mas a sensação de perigo a deixou quase sem fôlego, forçando os movimentos dos músculos de seu tórax.

Ela varreu para a esquerda e para a direita com o feixe, no entorno de onde caíra. Era um cômodo alongado, bem abaixo da passagem que ela atravessara a partir da câmara grande. Toda sua extensão estava repleta de mélange!

Odrade iluminou a parte de cima e percebeu o motivo de nenhum explorador que tivesse perfurado o piso da passagem acima ter detectado essa câmara. Suportes cruzados de pedra transferiam toda a tensão para as profundezas das paredes de pedra. Qualquer pessoa que batesse acima ouviria apenas o som de rochas sólidas.

Mais uma vez, Odrade olhou para o mélange à sua volta. Mesmo aos preços de hoje, deflacionados pela produção em tanques, ela sabia que estava de pé sobre um tesouro. Aquela reserva deveria ter várias toneladas.

*Será esse o perigo?*

A sensação de alerta dentro dela continuava com a mesma agudeza. A mélange do Tirano não era o que ela deveria temer. O triunvirato faria uma distribuição igualitária desse lote e seria o fim disso. Um bônus no projeto ghola.

Restava outro perigo. Ela não conseguia fugir do alerta.

Mais uma vez, iluminou a extensão do amontoado de mélange. Sua atenção foi atraída por um trecho da parede acima da especiaria. Mais palavras! Ainda em chakobsa, escritas com um entalhador em uma bela e fluida caligrafia, havia outra mensagem:

“UMA REVERENDA MADRE LERÁ MINHAS PALAVRAS!”

Algo gelado se instalou nas vísceras de Odrade. Ela se moveu para a direita com a luz, sulcando toda soma do tesouro de um império em mélange. Havia mais daquela mensagem.

“DEIXO À SENHORA COMO LEGADO MEU MEDO E MINHA SOLIDÃO. À SENHORA DOU A CERTEZA DE QUE O CORPO E A ALMA DAS BENE GESSERIT ENCONTRARÃO O MESMO

DESTINO DE TODOS OS OUTROS CORPOS E DE TODAS AS OUTRAS ALMAS.”

Outro parágrafo da mensagem, à direita desse, também atraía sua atenção. Ela caminhou sobre odor saturado de mélange e se deteve para ler.

“O QUE SIGNIFICA A SOBREVIVÊNCIA SE VOCÊ NÃO SOBREVIVE INTEIRO? PERGUNTE ISSO AOS BENE TLEILAX! E SE VOCÊ JÁ NÃO OUVIR MAIS A MÚSICA DA VIDA? MEMÓRIAS NÃO SÃO SUFICIENTES, A NÃO SER QUE ELAS A INTIMEM A UM PROPÓSITO NOBRE.”

Havia mais a ser lido na parede estreita ao final da câmara alongada. Odrade tropeçou pelo mélange e ajoelhou-se para ler:

“POR QUE SUA IRMANDADE NÃO FORJOU O CAMINHO DOURADO? VOCÊS SABIAM DA NECESSIDADE. SEU FRACASSO ME CONDENOU, O IMPERADOR DEUS, A MILÊNIO DE DESESPERANÇA PESSOAL.”

As palavras “Imperador Deus” não estavam em chakobsa, mas no vernáculo do islamiyat, o que transmitia um segundo significado, explícito a qualquer pessoa que falasse tal idioma.

“Seu Deus e Seu Imperador porque assim vocês me fizeram.”

Odrade sorriu com austeridade. *Aquilo* levaria Waff a um frenesi religioso! Quanto mais alto ele fosse, mais fácil seria estilhaçar a segurança dele.

Ela não duvidava da exatidão da acusação do Tirano, nem do potencial em sua previsão de que a Irmandade poderia acabar. O sentimento de perigo a dirigira a este lugar com precisão. Alguma coisa além disso também estava acontecendo. Os vermes de Rakis ainda se moviam de acordo com o ritmo ancestral do Tirano. Ele poderia estar mergulhado em seu sonho eterno, mas sua vida

monstruosa continuava, e uma pérola em cada verme era a recordação, bem como o Tirano previra.

O que ele dissera à Irmandade em sua própria época? Ela rememorou as palavras dele:

– Quando eu partir, eles devem me chamar de Shaitan, o Imperador de Geena. A roda deve girar e girar ao longo do Caminho Dourado.

Sim, era isso que Taraza queria dizer. “Mas você não percebe? O populacho de Rakis o chama de Shaitan há mais de mil anos!”

Então Taraza sabia disso. Sem nunca ter visto essas palavras, ela sabia.

*Vejo seu projeto, Taraza. E agora conheço o fardo do medo que você carregou durante todos estes anos. Sinto cada fração dele tão profundamente quanto você.*

Odrade sabia então que essa sensação de alerta não a deixaria até que ela morresse, ou até que a Irmandade desaparecesse da existência, ou ainda até que o perigo fosse resolvido.

Odrade ergueu a luz, levantou-se e cruzou sobre o mélange até a ampla escadaria da saída. Diante dos degraus, ela recuou. Mais palavras do Tirano haviam sido entalhadas em cada espelho. Estremecendo, ela leu as inscrições à medida que subiam na direção da abertura.

“MINHAS PALAVRAS SÃO SEU PASSADO,  
MINHAS PERGUNTAS SÃO SIMPLES:  
COM QUEM VOCÊS SE ALIAM?  
COM OS AUTOIDÓLATRAS DE TLEILAX?  
COM A BUROCRACIA DAS MINHAS ORADORAS PEIXE?  
COM A GUILDA ERRANTE DO COSMOS?  
COM OS SACRIFICADORES DE SANGUE HARKONNEN?”

COM UM CHARCO DOGMÁTICO DE SUA PRÓPRIA CRIAÇÃO?

COMO VOCÊS ENCONTRARÃO SEU FIM?

COMO NADA ALÉM DE UMA SOCIEDADE SECRETA?”

Odrade subiu os degraus, passando pelas perguntas, lendo-as uma segunda vez ao prosseguir. *Propósito nobre?* Isso sempre foi uma coisa frágil demais. E quão facilmente distorcida. Mas o poder estava sempre imerso em perigo constante. Estava tudo soletrado nas paredes e escadas daquela câmara. Taraza sabia sem necessidade de explicação. O pensamento do Tirano era claro:

“Unam-se a mim!”.

Ao emergir no pequeno cômodo, encontrando uma beirada estreita ao longo da qual podia se impulsionar até a porta, Odrade olhou para baixo, na direção do tesouro que ela encontrara. Balançou a cabeça, deslumbrada com a sabedoria de Taraza. Então era assim que a Irmandade poderia desaparecer. O projeto de Taraza se tornara claro, todas as peças no lugar. Nada certo. Riqueza e poder, no final era tudo a mesma coisa. O projeto nobre começara e deveria ser completado, mesmo que isso significasse a morte da Irmandade.

*Que instrumentos precários nós escolhemos!*

Aquela garota esperando lá atrás, na câmara profunda sob o deserto; aquela garota e o gholá sendo preparados em Rakis.

*Eu agora falo seu idioma, verme ancestral. Ele não tem palavras, mas conheço seu cerne.*

**Nossos ancestrais comeram o maná do  
deserto,  
Nos lugares ardentes onde nascem os  
ciclones.  
Senhor, salvai-nos daquela terra horrível!  
Salvai-nos... ooooooh, salvai-nos  
Da terra seca e sedenta.**

**– Canções de Gurney Halleck, Museu de Dar-es-Balat**

Teg e Duncan, ambos com armamentos pesados, saíram do não globo com Lucilla durante a parte mais fria da noite. As estrelas pareciam pontas de agulha no céu, o ar completamente parado até que eles o perturbassem.

O odor predominante nas narinas de Teg era a umidade irritante da neve. O cheiro se imiscuía a cada inspiração e, quando eles exalavam, grandes nuvens de vapor pairavam ao redor de seus rostos.

Lágrimas de frio se formaram nos olhos de Duncan. Ele pensara muito no velho Gurney enquanto eles se preparavam para deixar o não globo, Gurney com sua bochecha marcada por um chicote cipó-tinta dos Harkonnen. Companheiros confiáveis seriam necessários agora, pensou Duncan. Ele não confiava muito em Lucilla, e Teg era velho, muito velho. Duncan via os olhos de Teg cintilando sob a luz das estrelas.

Com uma armalês pesada e antiga pendurada sobre seu ombro esquerdo, Duncan enterrou as mãos em seus bolsos para aquecê-las. Ele esquecera o quão frio este planeta podia ser. Lucilla parecia insensível àquilo, obviamente retirando calor de um de seus truques Bene Gesserit.

Olhando para ela, Duncan percebeu que nunca confiara muito nas bruxas, nem mesmo em lady Jéssica. Era fácil pensar nelas como traidoras, desprovidas de qualquer lealdade, exceto para com sua própria Irmandade. Elas possuíam *tantos* malditos truques secretos! Entretanto, Lucilla desistira de seu maneirismo sedutor. Ela sabia que Duncan fora sincero no que dissera. Ele era capaz de sentir a raiva dela fervendo. *Que ferva!*

Teg permaneceu bem imóvel, com sua atenção direcionada para o lado de fora, escutando. Era certo confiar nesse único plano que ele mesmo e Burzmali urdiram? Eles não tinham uma força de apoio. Fazia apenas oito dias que eles concordaram com aquilo? Parecia mais tempo, apesar da urgência dos preparativos. Ele lançou um olhar para Duncan e Lucilla. Duncan carregava uma armalês Harkonnen velha e de grande porte, um modelo comprido de batalha dos Harkonnen. Mesmo a carga extra de munição era pesada. Lucilla se recusara a carregar mais do que uma única diminuta armalês em seu corpete. Uma pequena descarga, era só o que ela comportava. Um brinquedo de assassinos.

– Nós da Irmandade somos conhecidas por irmos à batalha portando apenas nossas habilidades como armas – dissera ela. – Mudar esse padrão é algo que nos avilta.

Contudo, ela carregava facas embainhadas nas pernas. Teg as vira. Envenenadas também, ele suspeitava.

Teg sopesou a arma longa que carregava em suas próprias mãos: uma armalês moderna, estilo campo de batalha, que ele trouxera do Forte. Sobre seu ombro, outra armalês, semelhante à que Duncan carregava.

*Preciso confiar em Burzmali, disse Teg a si mesmo. Eu o treinei; conheço suas qualidades. Se ele nos diz para confiarmos nesses novos aliados, confiaremos neles.*



Obviamente, Burzmali ficara radiante em encontrar seu antigo comandante vivo e a salvo.

Mas nevara desde o último encontro deles e a neve se acumulava ao redor deles, uma tábula rasa sobre a qual todas as trilhas poderiam ser inscritas. Eles não contaram com a neve. Seriam aqueles traidores no Gerenciamento Climático?

Teg estremeceu. O ar estava gelado. Lembrava o frio do espaço sideral, vazio e permitindo que a luz das estrelas tivessem acesso livre à clareira na floresta que os cercava. A iluminação fraca se refletia, límpida, no chão coberto de neve e nos flocos brancos sobre as rochas. Silhuetas escuras das coníferas e dos galhos sem folhas de árvores secas mostravam apenas bordas esbranquiçadas e difusas. Todo o resto estava mergulhado em sombras.

Lucilla soprou seus dedos e se inclinou perto de Teg para susurrar:

– Ele já não deveria estar aqui?

Ele sabia que essa não era a pergunta verdadeira. *Podemos confiar em Burzmali?* Essa era a pergunta. Ela fizera a pergunta de uma forma ou de outra desde que Teg explicara o plano a ela, oito dias antes.

Tudo que ele pôde responder foi:

– Apostei minha vida nisso.

– As nossas também.

Teg também não gostava das incertezas acumuladas, mas todos os planos dependiam, em última análise, das habilidades daqueles que os executavam.

– Foi você quem insistiu que deveríamos sair de lá e seguir para Rakis – ele a lembrou. Teg esperava que ela fosse capaz de notar seu sorriso, uma forma de tirar a mordacidade de suas palavras.

Lucilla não se aplacou. Teg nunca vira uma Reverenda Madre tão nitidamente nervosa. Ela ficaria ainda mais nervosa se tomasse conhecimento de seus novos aliados. Claro, havia o fato de que ela falhara em cumprir toda a tarefa estabelecida por Taraza. Como aquilo deveria estar a afligindo!

– Fizemos um juramento para proteger o ghola – ela lembrou a Teg.

– Burzmali fez o mesmo juramento.

Teg relanceou na direção de Duncan, parado silenciosamente entre eles. O jovem não dera sinais de que prestara atenção à discussão ou de que compartilhava do nervosismo. Uma compostura ancestral mantinha suas feições imóveis. Ele estava ouvindo a noite, percebeu Teg, algo que todos eles deveriam estar fazendo naquele momento. Havia uma aparência estranha de maturidade perene em suas feições jovens.

*Se em alguma ocasião precisei de companheiros confiáveis, essa vez é agora!*, pensou Duncan. A mente dele partira em uma busca no passado, durante os tempos de suas raízes pré-ghola em Giedi Primo. Era o que chamavam de uma “noite Harkonnen”. A salvo dentro das proteções aquecidas de suas armaduras à base de suspensores, os Harkonnen se divertiam caçando seus alvos em noites como esta. Um fugitivo atingido morreria de frio. Os *Harkonnens sabiam! Malditas sejam suas almas!*

Previsivelmente, Lucilla chamou a atenção de Duncan com um olhar que dizia: “Você e eu ainda temos assuntos não resolvidos”.

Duncan ergueu o rosto, na direção da luz das estrelas, assegurando-se de que ela pudesse ver seu sorriso, um olhar ofensivo e condescendente que fez Lucilla se empertigar em seu âmago. Ele escorregou a armalês pesada de seu ombro e a checkou. Ela foi capaz de perceber os arabescos que a ornavam no cabo e

ao longo do cano. Era uma antiguidade, mas ainda oferecia uma sensação de propósito mortal. Duncan descansou a arma sobre seu braço esquerdo, a mão direita na empunhadura, dedo no gatilho, exatamente como Teg carregava sua própria arma, mais moderna.

Lucilla deu as costas a seus companheiros e fez com que seus sentidos examinassem as encostas da colina acima e ao lado deles. Assim que ela se moveu, sons ecoaram por toda parte. Fragmentos de ruídos encheram a noite: uma explosão de estrondos bem à direita, depois silêncio. Outra sucessão de reverberações colina abaixo, depois silêncio. Colina acima! Por todos os lados!

Ao primeiro som, todos os três se agacharam sob o abrigo das rochas da entrada cavernosa do não globo.

Os barulhos que preenchiam a noite carregavam pouca definição: clamores intrusivos, em parte mecânicos, em parte rangidos, gemidos e assobios. Um intermitente martelar subterrâneo fazia o chão vibrar.

Teg conhecia tais sons. Uma batalha estava em andamento ali. Ele ouvia o sibilar dos queimadores em segundo plano e, no céu distante, os feixes lancinantes de armaleses blindadas.

Alguma coisa piscou acima, deixando uma trilha de faíscas azuis e vermelhas. Mais uma, e depois outra! A terra tremeu. Teg farejou: cheiro de ácido queimado e com um toque de alho.

*Não naves! Inúmeras delas!*

Elas aterrissavam no vale abaixo do antigo não globo.

– De volta para dentro! – ordenou Teg.

Assim que terminou de falar, percebeu que era muito tarde. Pessoas se aproximavam, vindas de todas as direções ao redor deles. Teg levantou a armalês longa e apontou colina abaixo, na direção dos ruídos intrusivos mais altos e dos movimentos detectáveis nas cercanias. Podia-se ouvir muitas pessoas gritando

ali. Luciglobos livres se moviam entre as árvores, soltos por aqueles que vinham daquele lado. As luzes dançantes se rumavam colina acima em uma brisa gélida. Silhuetas escuras seguiam com a iluminação móvel.

– Dançarinos Faciais! – grunhiu Teg, reconhecendo os atacantes. Aquelas luzes móveis saíam das árvores dentro de alguns segundos e chegariam ali em menos de um minuto!

– Fomos traídos! – disse Lucilla.

Um grito alto ecoou da colina acima deles:

– Bashar! – Havia tantas vozes!

*Burzmali?*, Teg se perguntou. Ele olhou para trás naquela direção e depois para baixo, a partir de onde os Dançarinos Faciais avançavam de forma constante. Não havia tempo para ser seletivo. Ele se inclinou na direção de Lucilla.

– É Burzmali logo aqui em cima. Pegue Duncan e corra!

– Mas e se...

– É sua única chance!

– Seu tolo – acusou ela enquanto se virava para obedecer.

O “Sim!” de Teg não serviu para aplacar os medos dela. Era isso que se conseguia ao depender dos planos dos outros.

Duncan tinha outra opinião. Entendeu o que Teg estava prestes a fazer: sacrificar a si próprio de forma que os dois pudessem escapar. Duncan hesitou, olhando para os atacantes avançando mais abaixo.

Percebendo a hesitação, Teg berrou para ele:

– Esta é uma ordem de batalha! Sou seu comandante!

Foi a coisa mais próxima da Voz que Lucilla jamais ouvira de um homem. Ela encarou Teg, boquiaberta.

Duncan viu apenas o rosto do velho duque exigindo que ele obedecesse. Aquilo foi a gota-d’água. Ele pegou o braço de Lucilla,

mas antes de empurrá-la colina acima, Duncan disse:

– Mandaremos fogo de cobertura assim que estivermos livres!

Teg não respondeu. Agachou-se contra uma rocha coberta de neve enquanto Lucilla e Duncan se afastavam aos tropeços. Ele sabia que deveria se vender muito caro agora. E havia algo a mais: *o inesperado*. Uma derradeira assinatura do velho bashar.

Os atacantes avançavam cada vez mais rápido, trocando gritos empolgados.

Ajustando sua armalês para feixe máximo, Teg apertou o gatilho. Um arco flamejante varreu através da colina logo abaixo. Árvores explodiram em chamas e caíram. Pessoas gritaram. A arma não funcionaria por muito tempo neste nível de descarga, mas, enquanto o fizesse, a carnificina produziria o efeito desejado.

No silêncio abrupto que se fez após o primeiro tiro, Teg mudou sua posição para outra rocha à sua esquerda e, mais uma vez, enviou uma chama lancinante para baixo da colina escura. Apenas alguns dos luciglobos móveis haviam sobrevivido àquela primeira onda de violência cortante, com as árvores caindo e corpos se desmembrando.

Mais gritos responderam ao seu segundo contra-ataque. Ele se virou e correu por entre as rochas para o outro lado da caverna de acesso do não globo. Ali, enviou mais disparos para o declive oposto. Mais gritos. Mais chamas e árvores caídas.

Nenhum fogo veio em resposta.

*Eles nos querem vivos!*

Os Tleilaxu estavam preparados a sacrificar tantas vidas dos Dançarinos Faciais fossem necessárias para descarregar sua armalês!

Teg mudou a alça da velha arma Harkonnen para uma posição melhor sobre seu ombro, deixando-a pronta para entrar em ação.

Descartou a carga quase vazia de sua armalês moderna, recarregou e apoiou a arma contra as rochas. Teg duvidava que existisse a chance de recarregar a segunda arma. Que o pessoal ali embaixo pensasse que ele esgotara sua munição de recarga. Mas havia duas pistolas em seu cinto como um último recurso. Seriam potentes a uma distância curta. Algum dos Mestres tleilaxu, aqueles que ordenaram aquela carnificina, deixe que e/les se aproximem!

Cautelosamente, Teg apanhou sua armalês longa da pedra e se moveu para trás, subindo pelas rochas mais altas, escorregando para a esquerda e depois para a direita. Parou duas vezes para varrer as colinas abaixo dele com rajadas curtas, como se estivesse conservando a carga da arma. Não fazia sentido tentar esconder seus movimentos. Àquela altura, eles já tinham um rastreador-vital nele e, além disso, havia os rastros na neve.

*O inesperado!* Será que ele conseguiria atraí-los para mais perto?

Bem acima da caverna de acesso do não globo, ele encontrou um recesso profundo nas rochas, com o fundo coberto de neve. Teg se deixou cair nessa posição, admirando a bela linha de fogo que esse novo ponto vantajoso oferecia. Estudou rapidamente o terreno: protegido atrás por penhascos elevados e aberto no declive em três lados. Levantou a cabeça com cautela e tentou enxergar além das barreiras de rochas mais acima.

Ali, apenas o silêncio.

Aquele grito viera do pessoal de Burzmali? Mesmo assim, não havia garantias de que Duncan e Lucilla pudessem escapar sob tais circunstâncias. Agora tudo dependia de Burzmali.

*Será que ele é tão diligente quanto sempre o considerei?*

Não havia tempo para sopesar as possibilidades ou de mudar um único elemento da situação. A batalha se iniciara. Ele estava

engajado. Teg suspirou profundamente e espreitou colina abaixo, por sobre as rochas.

Sim, eles se recuperaram e voltaram a avançar. Desta vez, sem luciglobos delatores, seguindo bem silenciosos. Sem gritos de encorajamento. Teg apoiou a armalês em uma rocha diante de si e descreveu um arco flamejante da esquerda para a direita em uma longa rajada, deixando que ela se esmorecesse até o fim, como em uma perda de carga óbvia.

Retirando a velha arma Harkonnen dos ombros, ele a preparou, aguardando em silêncio. Eles deduziriam que ele tivesse fugido colina acima. Ele se agachou atrás da barreira de rochas, esperando que houvesse movimento suficiente lá no alto para confundir o rastreador-vital. O bashar ainda ouvia as pessoas abaixo de si naquela colina assolada pelo fogo. Teg contou silenciosamente para si, avaliando a distância, deduzindo pela longa experiência quanto tempo os atacantes precisariam para chegar ao alcance da armalês. Buscou com cuidado por outro som que reconhecesse de batalhas anteriores com os Tleilaxu: os gritos cortantes de ordens proferidas por vozes de tom agudo.

Ali estavam eles!

Os Mestres se espalhavam bem mais abaixo no declive do que ele antecipara. Criaturas horripilantes! Teg ajustou a velha armalês em feixe máximo e levantou-se repentinamente de seu recesso protetor nas rochas.

Ele viu o arco dos Dançarinos Faciais que avançavam sob a luz dos arbustos e das árvores incandescentes. As vozes de comando em tom agudo vieram da retaguarda da marcha, bem longe do alcance da luz alaranjada bruxuleante.

Mirando por cima da cabeça dos atacantes mais próximos, Teg avistou além da confusão de chamas e apertou o gatilho: duas

longas rajadas, para frente e para trás. Por um breve instante, surpreendeu-se pela extensão da energia destrutiva daquela arma antiga. A coisa era obviamente produto de uma perícia artesanal soberba, mas não houvera como testá-la no não globo.

Desta vez, os gritos carregavam um tom diferente: alto e frenético!

Teg abaixou a mira e varreu a proximidade da encosta dos Dançarinos Faciais, deixando-os sentirem a força total do feixe, revelando que ele portava mais de uma arma. Para o frente e para a retaguarda ele os fulminou com o arco mortal, dando aos atacantes tempo suficiente para verem a carga esmaecer até um último disparo.

Agora! Eles haviam sido atraídos de uma só vez e seriam mais cautelosos. Poderia haver uma ínfima chance de se juntar a Duncan e Lucilla. Com esse pensamento dominando sua mente, Teg se virou e correu para fora do abrigo, entre as rochas do aclive. Em seu quinto passo, pensou que tivesse corrido na direção de uma barreira escaldante. Houve tempo para que sua mente reconhecesse o que acontecera: a descarga chocante de um atordoador direto em sua face e em seu tórax! Veio diretamente do alto da colina, para onde ele enviara Duncan e Lucilla. O desapontamento tomou conta de Teg à medida que ele tombava na escuridão.

Outros também eram capazes de fazer o inesperado!



**Todas as religiões organizadas se deparam com um problema em comum, um ponto sensível pelo qual podemos entrar e desviá-las para nossos desígnios: como elas distinguem o húbris da revelação?**

**– Missionaria Protectora, Os Ensinaamentos Interiores**

Odrade manteve seu olhar fixo cuidadosamente longe do verde frio do quadrilátero mais abaixo, onde Sheeana se sentava com uma das irmãs professoras. A irmã professora era a melhor, adequada com precisão para a próxima fase da educação de Sheeana. Taraza as tinha escolhido com todo o cuidado.

*Prosseguimos com seu plano, Odrade pensou. Mas será que a senhora, Madre Superiora, antecipou como podemos ficar marcadas por uma descoberta imprevista aqui em Rakis?*

Ou foi mesmo imprevista?

Odrade relanceou por sobre os telhados mais baixos, por toda a extensão da fortaleza central da Irmandade em Rakis. Telhas arco-íris assavam ali, ao brilho intenso da luz do meio-dia.

*Tudo isto é nosso.*

De fato, ela sabia que esta era a maior embaixada que os sacerdotes permitiram em sua cidade sagrada de Kina. E a presença dela nesta fortaleza Bene Gesserit desafia o acordo que Odrade fizera com Tuek. Mas isso fora antes das descobertas em Sietch Tabr. Além disso, Tuek já não mais existia de verdade. O Tuek que marchava pelos recintos sacerdotais era um Dançarino Facial vivendo uma farsa perigosa.

Odrade trouxe seus pensamentos de volta a Waff, que ficara com duas irmãs guardiãs mais atrás, esperando próximo à porta deste

aposento, com uma bela vista através das janelas de plaz blindado e o impressionante mobiliário negro, no qual uma Reverenda Madre em sua túnica pode se mesclar, deixando visíveis apenas os tons mais claros de sua pele ao visitante.

Teria ela julgado Waff corretamente? Tudo tinha sido feito precisamente de acordo com os ensinamentos da Missionaria Protectora. Teria ela aberto uma brecha significativa na armadura psíquica dele? Logo ele deveria ser instigado a falar. Então ela saberia.

Waff ficara de pé ali atrás, com alguma calma. Ela podia ver o reflexo dele no plaz. O Tleilaxu não demonstrou sinais de compreender que as duas irmãs altas e de cabelos negros o ladeavam para prevenir a possível violência de sua parte. Mas ele certamente sabia.

*Minhas guardiãs, não dele.*

Ele permaneceu no mesmo lugar com sua cabeça inclinada para ocultar suas feições dela, mas Odrade sabia que eram de incerteza. Isso era garantido. Dúvidas podiam ser como um animal morrendo de fome e ela tinha alimentado bem aquelas dúvidas famintas. Ele estivera tão certo de que a empreitada deles no deserto ocasionaria sua morte. Suas crenças zen-sunitas e sufi estavam lhe dizendo agora que a vontade de Deus o preservava ali.

Certamente, ela pensou, naquele momento Waff repassava em sua mente o acordo com as Bene Gesserit, considerando ao menos as formas com que comprometera seu povo, como ele colocara sua preciosa civilização tleilaxu em um perigo terrível. Sim, sua compostura estava se desgastando, mas apenas o olhar Bene Gesserit detectava isto. Logo seria tempo de começar a reconstruir a percepção dele em um padrão mais ameno às necessidades da Irmandade. Melhor mantê-lo um pouco mais em fogo brando.

Odrade retornou sua atenção para a paisagem, carregando o suspense dessa demora. As Bene Gesserit tinham escolhido esta localização para sua embaixada devido à extensiva reconstrução que mudou todo o setor noroeste da cidade velha. Elas podiam construir e remodelar aquela região, a seu próprio modo e para seus próprios fins. Estruturas ancestrais desenhadas para facilitar o acesso de pedestres, vias largas para carros terrestres oficiais e algumas praças nas quais ornitópteros poderiam pousar; tudo isso tinha sido mudado.

*Acompanhando a passagem do tempo.*

Aqueles novos edifícios ficavam muito próximos das avenidas arborizadas, cujas árvores grandes e exóticas ostentavam seu exorbitante consumo de água. Os tópteros foram relegados a ornipontos de aterrissagem no alto de edifícios selecionados. As vias de pedestres se conectavam a elevados estreitos ligados aos edifícios. Elevadores operados por moedas, por teclados e por identificação palmar foram instalados nos novos edifícios, com seus campos energéticos brilhantes mascarados por capas semitransparentes marrom-escuras. Os elevadores eram espinhaços de cor escura contra o cinza chapado de plascreto e plaz. Os humanos vistos de forma difusa nas cabines davam o efeito de impurezas se movendo para cima e para baixo naquilo que parecia salsichas puramente mecânicas.

*Tudo em nome da modernização.*

Waff se mexeu atrás dela e pigarreou.

Odrade não se virou. As duas irmãs guardiãs sabiam o que ela estava fazendo e não deixaram transparecer. O nervosismo crescente de Waff não passava de uma confirmação de que tudo corria bem.

Odrade não sentia que tudo de fato corria bem.

Ela interpretou a paisagem do lado de fora da janela como apenas outro sintoma inquietante deste planeta inquietante. Tuek, ela lembrou a si mesma, não gostava desta modernização da cidade. Ele reclamava que deveria se encontrar alguma forma de contê-la e preservar os antigos monumentos. Seu substituto Dançarino Facial prosseguiu com este argumento.

Como este novo Dançarino Facial se assemelhava a Tuek. Tais Dançarinos Faciais pensam por si mesmos ou apenas atuam em seus papéis de acordo com a ordem de um Mestre? Estes novos continuavam mulos? Quão diferentes estes Dançarinos Faciais eram, em relação a um humano completo?

Coisas sobre este logro preocupavam Odrade.

Os conselheiros do falso Tuek, aqueles totalmente envolvidos no que chamam de “a trama tleilaxu”, falavam em apoio público para a modernização e exultavam sem reservas que eles, enfim, faziam as coisas de seu jeito. Albertus informava tudo a Odrade com regularidade. Cada novo relatório a preocupava mais. Mesmo a óbvia subserviência de Albertus a preocupava.

“É claro, os conselheiros não querem dizer apoio público *público*”, relatara Albertus.

Ela apenas podia concordar. O comportamento dos conselheiros sinalizava que eles tinham o poderoso respaldo do médio escalão do clero, entre os arrivistas que ousaram fazer piadas sobre seu Deus Dividido em reuniões de fim de semana... entre aqueles sendo favorecidos com a reserva escondida que Odrade encontrara em Sietch Tabr.

Noventa mil toneladas longas! Metade da safra de um ano dos desertos de Rakis. Até mesmo um terço dela representaria uma quantia significativa para barganha na atual conjuntura.

*Queria nunca tê-lo conhecido, Albertus.*

Ela tinha procurado restaurar nele *aquela que se importa*. O que ela de fato conseguira era facilmente reconhecível por alguém treinado nos caminhos da Missionaria Protectora.

*Um adulator rastejante!*

Já não fazia diferença que a subserviência dele fosse guiada por uma crença absoluta em sua sagrada associação com Sheeana. Odrade nunca antes havia focado em como os ensinamentos da Missionaria Protectora poderiam destruir a independência humana com tanta facilidade. Esse sempre foi o objetivo, é claro: *transforme-os seguidores, obedientes às nossas necessidades*.

As palavras do Tirano naquela câmara secreta tinham feito mais do que despertar seus medos quanto ao futuro da Irmandade.

“Deixo à senhora como legado meu medo e minha solidão.”

A partir de tal distância milenar, ele plantara dúvidas nela do mesmo modo que, seguramente, ela plantara em Waff.

Ela encarou as perguntas do Tirano como se fossem ensinamentos delineados com luz brilhante em seu olho interior.

“COM QUEM VOCÊS SE ALIAM?”

*Não somos nada além de uma sociedade secreta? Como encontraremos nosso fim? Em um charco dogmático de nossa própria criação?*

As palavras do Tirano tinham sido gravadas com fogo em sua consciência. Onde estava o “propósito nobre” naquilo que a Irmandade fazia? Odrade quase era capaz de ouvir a resposta sarcástica de Taraza para tal questão.

“Sobrevivência, Dar! Eis todo o nobre propósito de que você precisa! Até mesmo o Tirano sabia disso!”

Talvez até o próprio Tuek soubesse. E de que isso lhe valeu, no final?

Odrade sentiu uma simpatia fantasmagórica pelo finado Alto Sacerdote. Tuek tinha sido um exemplo soberbo do que uma família muito unida era capaz de produzir. Até seu nome era uma pista: inalterado desde os dias dos Atreides neste planeta. O ancestral fundador era um contrabandista, confidente do primeiro Leto. Tuek vinha de uma família que se agarrava firmemente às suas raízes, dizendo: “Há algo de valor a ser preservado em nosso passado”. O exemplo deste conjunto de descendentes não passou despercebido a uma Reverenda Madre.

*Mas você falhou, Tuek.*

Aqueles quarteirões em modernização, visíveis do lado de fora da janela de Odrade, eram um sinal dessa falha: subornos para os emergentes ao poder na sociedade de Rakis, aqueles elementos que a Irmandade tinha se esforçado tanto para nutrir e fortalecer. Tuek vira isto como um prenúncio do dia em que ele se tornaria muito fraco politicamente para prevenir as implicações de tal modernização.

Um ritual curto e mais otimista.

Novas canções, mais à maneira moderna.

Mudanças no dançar. (“O modo tradicional consome tempo demais!”)

Acima de tudo, menos empreitadas no deserto perigoso para os jovens postulantes de famílias poderosas.

Odrade suspirou e relanceou mais uma vez para Waff. O pequeno Teilaxu mordeu seu lábio inferior. *Bom!*

*Maldito seja, Albertus! Eu teria dado boas-vindas à sua rebelião!*

Por trás das portas fechadas do Templo, a transição do Alto Sacerdócio já começara a ser debatida. Os novos rakianos falaram da necessidade de “estar alinhado com sua época”. Eles queriam dizer: “Dê-nos mais poder!”.

*Sempre foi deste jeito, Odrade pensou. Mesmo entre as Bene Gesserit.*

Ainda assim, ela não pôde escapar do pensamento: *pobre Tuek.*

Albertus informou que Tuek, pouco antes de sua morte e substituição pelo Dançarino Facial, tinha alertado seus parentes de que eles poderiam não reter o controle familiar do Alto Sacerdócio quando ele morresse. Tuek havia sido mais sutil e diligente do que seus inimigos esperavam. Sua família já havia cobrado favores, juntando seus recursos para reter uma base de poder.

E o Dançarino Facial no lugar de Tuek revelou muito por meio de sua performance mímica. A família Tuek ainda não havia se dado conta da substituição e se podia quase acreditar que o Alto Sacerdote não havia sido substituído, tão bom era o Dançarino Facial. Observar aquele Dançarino Facial em ação traía muito para as atentas Reverendas Madres. Isso, é claro, era uma das coisas que fazia Waff se contorcer naquele momento.

Odrade se virou abruptamente sobre seus calcanhares e caminhou a passos largos em direção do Mestre tleilaxu. *Hora de enfrentá-lo!*

Ela parou a dois passos de Waff e o encarou, altiva. Waff olhou de volta, fazendo-lhe oposição.

– Você teve tempo suficiente para considerar sua posição – ela acusou. – Por que você permanece em silêncio?

– Minha posição? A senhora acha que nos deu uma opção?

– O homem não passa de um pedrisco jogado em uma lagoa – ela citou, a partir das próprias crenças dele.

Waff inspirou de forma trêmula. Ela falou as palavras corretas, mas o que se escondia por trás delas? Já não soavam mais tão corretas, vindas da boca de uma mulher powindah.

Uma vez que Waff não respondeu, Odrade continuou sua citação:

– E se o homem não passa de um pedrisco, então todas as suas obras não podem ser maiores que isso.

Um arrepio involuntário trespassou Odrade, ocasionando um olhar de surpresa cuidadosamente mascarada nas irmãs guardiãs que vigiavam o Tleilaxu. Aquele arrepio não era parte da performance necessária.

*Por que penso nas palavras do Tirano neste momento?*, Odrade se indagou.

“O CORPO E A ALMA DAS BENE GESSERIT ENCONTRARÃO O MESMO DESTINO DE TODOS OS OUTROS CORPOS E DE TODAS AS OUTRAS ALMAS.”

A farpa dele penetrara o âmago de Odrade.

*Como me tornei tão vulnerável?* A resposta saltou em sua percepção: *O Manifesto Atreides!*

*Compor aquelas palavras sob a orientação cuidadosa de Taraza abriu uma falha dentro de mim.*

Teria sido este o propósito de Taraza: tornar Odrade vulnerável? Como Taraza poderia saber o que seria encontrado aqui em Rakis? A Madre Superiora jamais demonstrara habilidades prescientes, ela também tendia a evitar este talento em outros. Nas raras ocasiões em que Taraza exigiu tal performance da própria Odrade, a relutância havia sido óbvia para o olhar treinado de uma irmã.

*Ainda assim, ela me tornou vulnerável.*

Teria sido um acidente?

Odrade mergulhou em uma declamação rápida da Litania Contra o Medo, apenas alguns piscares de olhos, mas, nesse tempo, Waff visivelmente chegou a uma decisão.



– A senhora tentaria foçar isso sobre nós – ele disse. – Mas não sabe quais poderes temos reservado para um momento como este.  
– Ele arregaçou as mangas para mostrar onde os lançadores de dardos haviam sido acomodados. – Estes não passavam de reles brinquedos em comparação com nossas verdadeiras armas.

– A Irmandade nunca duvidou disto – disse Odrade.

– Então deve haver um conflito violento entre nós? – ele perguntou.

– E a escolha é sua – ela disse.

– Por que a senhora corteja a violência?

– Há aqueles que adorariam ver Bene Gesserit e Bene Tleilax se engalfinhando – disse Odrade. – Nossos inimigos adorariam aparecer apenas para pegar os restos, depois de nos enfraquecermos um ao outro o suficiente.

– Você sustenta o argumento pela mera discussão, mas não dá ao meu povo espaço para negociar! Talvez sua Madre Superiora não lhe tenha dado autoridade para negociar!

Quão tentador era passar isso tudo de volta para as mãos de Taraza, bem como a Madre Superiora queria. Odrade relanceou para as irmãs guardiãs. As duas faces eram máscaras que nada revelavam. O que elas de fato sabiam? Perceberiam se ela fosse contra as ordens de Taraza?

– Você tem tal autoridade? – insistiu Waff.

*Propósito nobre, pensou Odrade. De fato, o Caminho Dourado do Tirano demonstrara ao menos uma qualidade de tamanho propósito.*

Odrade decidiu por uma verdade criativa.

– Eu tenho tal autoridade – ela disse.

Suas próprias palavras tornaram isso verdade. Tomando para si a autoridade, ela tornou impossível que Taraza a negasse. Odrade sabia, entretanto, que suas próprias palavras a comprometiam a um

caminho nitidamente diverso dos passos sequenciais do projeto de Taraza.

*Ação independente.* A mesma coisa que *ela própria* desejava de Albertus.

*Mas eu estou no local e eu sei o que é necessário.*

Odrade se virou para as irmãs guardiãs.

– Por gentileza, fiquem aqui e cuidem para que não sejamos perturbados. – Para Waff, ela disse: – Devemos ao menos estar confortáveis. – Ela indicou duas cãodeiras posicionadas nos ângulos retos, uma em relação à outra, através da sala.

Odrade esperou até que eles estivessem sentados antes de continuar a conversa.

– Precisamos de um grau de franqueza entre nós que a diplomacia raramente permite. Há muito em jogo para nos ocuparmos com evasivas superficiais.

Waff olhou para ela com estranheza. Ele disse:

– Sabemos que há dissensão em seus altos conselhos. Propostas sutis têm sido feitas para nós. Isto é parte de...

– Sou leal à Irmandade – ela disse. – Mesmo aquelas que se aproximaram de você não possuem outra lealdade.

– Isto é mais um truque de...

– Sem truques!

– Com as Bene Gesserit, sempre há truques – ele acusou.

– O que você teme de nossa parte? Diga.

– Talvez eu tenha aprendido demais com a senhora para que permita que eu continue vivo.

– Não posso dizer o mesmo de você? – ela perguntou. – Quem mais sabe de nossa afinidade secreta? Não sou uma fêmea *powindah* falando com você.

Ela se arriscou a dizer a palavra com certa hesitação, mas o efeito não poderia ter sido mais revelador. Waff ficara visivelmente abalado. Ele precisou de um longo minuto para se recuperar. Entretanto, as dúvidas permaneceram, porque ela as havia plantado.

– O que as palavras provam? – ele perguntou. – Você ainda poderia ficar com as coisas que aprendeu comigo e deixar nada para o meu povo. Vocês ainda seguram o chicote sobre nós.

– Eu não trago nenhuma arma em *minhas* mangas – disse Odrade.

– Mas em sua mente há conhecimento que pode nos arruinar! – Ele relanceou para as irmãs guardiãs.

– Elas são parte do meu arsenal – concordou Odrade. – Devo mandá-las embora?

– E com tudo o que elas ouviram aqui em suas mentes – ele disse. Ele voltou seu olhar desconfiado para Odrade. – Melhor seria se todas vocês mandassem embora suas memórias!

Odrade projetou sua voz no tom mais razoável.

– O que ganharíamos expondo nosso zelo missionário antes de vocês estarem prontos para agir? De que nos serviria manchar nossa reputação revelando onde vocês colocaram seus novos Dançarinos Faciais? Ah, sim, sabemos sobre Ix e as Oradoras Peixe. Assim que estudamos esses novos, fomos à procura deles.

– Olhe aqui! – A voz dele estava perigosamente afiada.

– Não vejo outro modo de provar nossa afinidade do que revelando algo igualmente prejudicial sobre nós mesmas – disse Odrade.

Waff ficou sem palavras.

– Nós plantaríamos os vermes do Profeta em incontáveis planetas da Dispersão – ela disse. – O que o clero rakiano diria e

faria se você revelasse isso?

As irmãs guardiãs olharam para ela com um deleite levemente mascarado. Elas pensaram que Odrade estava mentindo.

– Não tenho guardas comigo – disse Waff. – Quando apenas uma pessoa sabe de uma coisa perigosa, é fácil conquistar o silêncio eterno desse indivíduo.

Ela ergueu suas mangas vazias.

Ele olhou para as irmãs guardiãs.

– Muito bem – disse Odrade. Ela relanceou para as Irmãs e deu um sinal de mão sutil para tranquilizá-las. – Por gentileza, irmãs, esperem lá fora.

Quando a porta se fechou por trás delas, Waff voltou às suas dúvidas.

– Meu pessoal não vasculhou estes quartos. Como posso saber acerca de coisas que podem estar escondidas aqui, gravando nossas palavras?

Odrade mudou para o idioma do islamiyat.

– Então talvez devêssemos falar em outra língua, uma que só nós conheçamos.

Os olhos de Waff cintilaram. No mesmo idioma, ele disse:

– Muito bem! Correrei esse risco. E exijo que a senhora me diga a verdadeira causa da discórdia entre as... Bene Gesserit.

Odrade se permitiu um sorriso. Em razão da troca de idioma, toda a personalidade de Waff e todos os seus modos também mudaram. Ele estava agindo conforme o esperado. Nenhuma das dúvidas dele havia sido reforçada *nesta* língua!

Ela respondeu com a mesma confiança:

– As tolas temem que sejamos capazes de trazer de volta outro Kwisatz Haderach! Isso é o que poucas de minhas irmãs debatem.

– Não há mais necessidade de outro – disse Waff. – Aquele que podia estar em vários lugares simultaneamente existiu e foi embora. Ele veio apenas para trazer o Profeta.

– Deus não mandaria tal mensagem duas vezes – ela disse.

Era exatamente o tipo de coisa que Waff tinha ouvido com frequência neste idioma. Ele já não achava estranho que uma mulher proferisse tais palavras. A língua e as palavras familiares eram o suficiente.

– A morte de Schwangyu restaurou a unidade entre suas irmãs?  
– ele perguntou.

– Temos um inimigo em comum – disse Odrade.

– As Honoráveis Matres!

– Vocês foram sábios em matá-las e aprender com elas.

Waff se inclinou para a frente, completamente enredado em seu idioma familiar e no fluxo da conversa deles.

– Elas comandam com o sexo! – ele exultou. – Técnicas impressionantes de amplificação orgástica! Nós...

Tarde demais, ele se deu conta de quem estava sentada defronte de si, ouvindo tudo aquilo.

– Nós estamos a par de tais técnicas – Odrade o tranquilizou. – Será interessante comparar, mas existem razões óbvias pelas quais nunca tentamos chegar ao poder por um meio tão perigoso. Aquelas meretrizes são suficientemente estúpidas para cometer esse equívoco!

– Equívoco?

Ele estava claramente intrigado.

– Elas estão segurando as rédeas em suas próprias mãos! – ela disse. – À medida que o poder cresce, o controle delas sobre ele deve crescer. A coisa vai se estilhaçar em razão de seu próprio *momentum*!

– Poder, sempre poder – murmurou Waff. Outro pensamento o atingiu. – Você está me dizendo que foi assim que o Profeta caiu?

– Ele sabia o que estava fazendo – ela respondeu. – Milênios de paz forçada seguidos pelos Tempos da Penúria e a Dispersão. Uma mensagem de resultados diretos. Lembre-se! Ele não destruiu os Bene Tleilax nem as Bene Gesserit.

– Por que você tem esperança de uma aliança entre nossos povos? – perguntou Waff.

– Esperança é uma coisa, sobrevivência é outra – ela argumentou.

– Sempre o pragmatismo – disse Waff. – E algumas de sua Irmandade temem que vocês possam restaurar o Profeta em Rakis com todos os poderes dele intactos?

– Não acabei de dizer isso?

O idioma do islamiyat era potente ao extremo nesta forma de questionamento. Isso colocou o ônus da prova sobre Waff.

– Então elas duvidaram da mão de Deus na criação de seu Kwisatz Haderach – ele disse. – Elas também duvidam do Profeta?

– Muito bem, vamos deixar tudo isso às claras – disse Odrade, e lançou a si mesma no caminho escolhido do logro. – Schwangyu e aquelas que a apoiavam se desviaram da Grande Fé. Não nutrimos qualquer raiva em relação aos Bene Tleilax por tê-las matado. Eles nos livraram do problema.

Waff aceitou isso sem reservas. Dadas as circunstâncias, era precisamente o que poderia se esperar. Ele sabia que tinha revelado muito ali, o que poderia muito bem ter sido mantido em reserva, mas ainda havia coisas que as Bene Gesserit não sabiam. E as coisas que ele aprendera!

Então Odrade o chocou totalmente ao dizer:

– Waff, se você pensa que seus descendentes da Dispersão retornaram para vocês imaculados, então a tolice se tornou seu modo de vida.

Ele se manteve em silêncio. Era sua única defesa.

– Você tem todas as peças em suas mãos – ela disse. – Seus descendentes pertencem às meretrizes da Dispersão. E se você pensa que alguma *delas* cumprirá qualquer acordo, então sua estupidez ultrapassa todos os limites!

As reações de Waff disseram a Odrade que ela o tinha. As peças estavam se encaixando nos lugares. Ela tinha dito a verdade quando necessário. As dúvidas dele foram desviadas para os pontos devidos: contra o povo da Dispersão. E isso tinha sido feito na própria língua dele.

Ele tentou retrucar, mas um nó em sua garganta o forçou a massageá-la antes de sua fala retornar.

– O que podemos fazer?

– É óbvio. Os Perdidos nos veem apenas como mais uma conquista. Eles pensam nisso como pôr ordem por onde passam. Uma prudência comum.

– Mas eles são incontáveis!

– A não ser que nos unamos em um plano em comum para derrotá-los, eles nos triturarão assim como um porclesma mastiga seu jantar.

– Não podemos nos submeter à depravação powindah! Deus não permitirá isso!

– Submeter? Quem sugeriu que nos submetamos?

– Mas as Bene Gesserit usam sempre essa velha desculpa: “Se não pode lutar com eles, junte-se a eles”.

Odrade sorriu, sombriamente.

– Deus não permitirá que vocês se submetam! Você sugere que Ele permitiria isso a nós?

– Então qual é o seu plano? O que podemos fazer contra tais números?

– Exatamente o que você planeja fazer: convertê-los. Quando você der o sinal, a Irmandade esposará abertamente a verdadeira fé.

Waff sentou-se, em silêncio aturdido. Então ela conhecia o coração do plano Tleilaxu. Será que ela também sabia como os Tleilaxu o executariam?

Odrade o encarou, francamente especulativa. *Segure a besta pelos colhões, se for preciso*, ela pensou. Mas e se a projeção das analistas da Irmandade estivesse errada? Neste caso, toda esta *negociação* seria uma grande piada. E ali estava aquele olhar no fundo dos olhos de Waff, aquela sugestão de sabedoria antiga... muito mais antiga que o corpo dele. Ela falou com mais confiança do que sentia:

– O que vocês alcançaram com os gholas de seus tanques e mantiveram secretamente apenas para vocês, outros pagarão um grande preço para alcançar.

As palavras delas foram suficientemente crípticas (haveria outros ouvindo?), mas Waff não duvidou, por um instante, que as Bene Gesserit sabiam até mesmo disso.

– Você também exigirá um quinhão disso? – ele perguntou. As palavras raspavam na sua garganta seca.

– De tudo! Repartiremos tudo!

– O que você trará a este grande reparte?

– Peça.

– Todos os seus registros de reprodução.

– São seus.



- As mães reprodutoras que escolhermos.
- Nomeie-as.

Waff arfou. Isso era muito mais do que a Madre Superiora oferecera. Era como uma flor se abrindo na percepção dele. Ela estava certa sobre as Honoráveis Matres, naturalmente... e sobre os descendentes dos Tleilaxu na Dispersão. Ele nunca tinha acreditado completamente neles. Nunca!

– É óbvio que a senhora deseja uma fonte irrestrita de mélange – ele disse.

- É claro.

Ele a encarou, mal acreditando na extensão de sua boa sorte. Os tanques axolotles poderiam oferecer imortalidade apenas àqueles que abraçarem a Grande Fé. Ninguém ousaria atacar e tentar confiscar algo que sabiam que os Tleilaxu prefeririam destruir antes de perder. E agora! Ele tinha cooptado os serviços da mais poderosa e duradoura força missionária conhecida. Certamente, a mão de Deus era visível ali. Waff ficou primeiro perplexo e, então, inspirado. Ele falou suavemente a Odrade.

- E a senhora, Reverenda Madre, como chamaria nosso acordo?

– Propósito nobre – ela disse. – Você já conhece as palavras do Profeta de Sietch Tabr. Você duvida dele?

– Nunca! Mas... Mas há outra coisa: o que a senhora sugere acerca daquele gholá de Duncan Idaho e da garota, Sheeana?

– Vamos procriá-los, é claro. E seus descendentes falarão por nós para todos aqueles que forem descendentes do Profeta.

- Em todos aqueles planetas a que vocês os levarem!

- Em todos aqueles planetas – ela concordou.

Waff se recostou. *Peguei você, Reverenda Madre!*, ele pensou. *Nós comandaremos esta aliança, não vocês. O gholá não é de vocês, ele é nosso!*

Odrade percebeu a sombra de suas reservas nos olhos de Waff, mas sabia que ela arriscara tanto quanto ela ousava. Mais poderia reavivar dúvidas. Não importava o que acontecesse, ela empenhara a Irmandade a esse caminho. Taraza já não seria capaz de escapar desta aliança.

Waff endireitou os ombros, um gesto curiosamente juvenil traído pela inteligência ancestral espreitando através dos olhos dele.

– Ah, mais uma coisa – ele disse, revelando em cada detalhe o Mestre dos Mestres falando em sua língua nativa e comandando todos aqueles que o ouviam. – Você também ajudará a espalhar este... este Manifesto Atreides?

– Por que não? Eu o escrevi.

Waff se inclinou para a frente de súbito.

– A senhora?

– Você achou que alguém com habilidades inferiores poderia tê-lo escrito?

Ele assentiu, convencido sem a necessidade de maiores discussões. Isso inflamara um pensamento que tinha se insinuado em sua própria mente, um ponto-final na aliança deles: as poderosas mentes das Reverendas Madres poderiam aconselhar os Tleilaxu a cada passo! O que importava se eles eram minoria contra aquelas meretrizes da Dispersão? Quem seria capaz de igualar tamanha sabedoria combinada e armas insuperáveis?

– O título do Manifesto também é válido – disse Odrade. – Eu sou uma verdadeira descendente dos Atreides.

– A senhora poderia ser uma das reprodutoras? – ele se arriscou.

– Estou quase passando da idade de reprodução, mas fico à sua disposição.

**Lembro-me dos amigos feitos nas guerras  
que quase esquecemos.  
Todos eles destilados em cada ferida que  
ganhamos.  
Feridas que são todos os lugares dolorosos  
onde combatemos.  
Batalhas que deveriam ser deixadas para  
trás, aquelas que nunca buscamos.  
O que despendemos e o que compramos?**

**– Canções da Dispersão**

Burzmali baseou seu planejamento em tudo que tinha aprendido de melhor com seu bashar, mantendo suas próprias decisões sobre opções múltiplas e posições de retirada. Essa era a prerrogativa de um comandante! Em razão da necessidade, ele aprendeu tudo o que era capaz sobre o terreno.

No tempo do Antigo Império e mesmo sob o reinado de Muad'Dib, a região em torno do Forte de Gammu tinha sido uma reserva florestal, o terreno elevado se erguendo bem acima do resíduo oleoso que tendia a cobrir a terra dos Harkonnen. Neste solo, os Harkonnen tinham cultivado alguns dos melhores pilingitans, uma árvore de circulação comercial estável, sempre valorizada pelos extremamente ricos. Desde os tempos imemoriais, os ilustrados preferiam cercar-se com madeiras nobres a materiais artificiais produzidos em massa, como o polastino, polaz e pormabat (conhecidos nos dias atuais como: tino, laz e bat). Remontando o Antigo Império, havia um rótulo pejorativo para os pequenos ricos e Famílias Menores que ascenderam a partir da compreensão do valor de uma madeira rara.

“Ele é um três P-O”, eles diziam, significando que tal pessoa se cercava de cópias baratas feitas com substâncias de categoria inferior. Mesmo quando os extremamente ricos eram obrigados a empregar um dos deploráveis três P-Os, eles os disfarçavam sempre que possível atrás de O-P (o Original P), pilingitam.

Burzmali, que sabia de tudo isso e muito mais, preparava seus homens para a busca de um pilingitam estrategicamente situado próximo ao não globo. A madeira da árvore tinha muitas qualidades que a favoreciam na opinião dos mestres artesãos: caso fosse cortada nova, ela podia ser trabalhada como coníferas; seca e envelhecida, ela durava como uma folhosa. Absorvia muitos pigmentos, a finalização podia ser feita de forma que parecesse ter ocorrido naturalmente no interior do próprio grão. O mais importante: o pilingitam era antifúngico e nenhum inseto conhecido jamais o considerava um jantar apropriado. Por último, era resistente ao fogo, e exemplares envelhecidos da árvore viva cresciam para fora a partir de um tubo largo e vazio em seu núcleo.

– Vamos fazer o inesperado – Burzmali falou a seus batedores.

Ele tinha notado o distinto verde-limão das folhas de pilingitam durante seu primeiro sobrevoo da região. As florestas deste planeta tinham sido devastadas e, em outras ocasiões, cortadas durante os Tempos da Penúria, mas os veneráveis O-Ps ainda eram mantidos entre as sempre-vivas e as folhosas replantadas por ordem da Irmandade.

Os batedores de Burzmali encontraram um desses O-P dominando uma serra acima do não globo. Ele espalhava suas folhas por quase três hectares. Na tarde do dia crítico, Burzmali colocara distrações afastadas em relação àquela posição e abrira um túnel por meio de uma campina rasa e pantanosa até o núcleo espaçoso do pilingitam.

- A árvore é uma forma de vida – ele explicou para seus homens.
- Ela irá nos mascarar dos rastreadores.

*O inesperado.*

Em ponto algum do seu planejamento Burzmali assumira que todas as suas ações passariam despercebidas. Ele apenas espalharia sua vulnerabilidade.

Quando veio o ataque, ele viu que parecia seguir um padrão já antecipado. Ele previra que os atacantes dependeriam de não naves e uma força numerosa, como tinham feito na investida ao Forte de Gammu. As analistas da Irmandade asseguraram a ele que a maior ameaça vinha das forças da Dispersão: dos descendentes dos Tleilaxu, enviados pelas mulheres selvagens e brutais que chamavam a si mesmas de Honoráveis Matres. Ele encarou isso como confiança excessiva e não como ousadia. Uma verdadeira ousadia jazia no arsenal de cada aluno instruído pelo bashar Miles Teg. Da mesma forma, ajudava o fato de que podia-se confiar que Teg também improvisaria, dentro dos limites de seu plano.

Por meio de suas transmissões, Burzmali seguira a fuga trabalhosa de Duncan e Lucilla. Soldados com capacetes-comunicadores e lentes de visão noturna criaram uma grande exibição de atividade nas posições de distração, enquanto Burzmali e suas reservas selecionadas continuavam a observar os atacantes, nunca traíndo suas posições. Os movimentos de Teg podiam ser facilmente seguidos em razão de sua resposta violenta aos atacantes.

Burzmali notou, com aprovação, que Lucilla não hesitara ao ouvir a intensificação do som da batalha. Duncan, no entanto, tentou parar e quase arruinou tudo. Lucilla salvou o plano, pressionando um nervo sensível de Duncan e berrando:

- Você não pode ajudá-lo!

Ouvindo a exclamação dela claramente pelos amplificadores de seu capacete, Burzmali praguejou em voz baixa. Outros também poderiam ouvi-la! Mas sem dúvida eles já a estariam rastreando.

Burzmali emitiu um comando subvocal pelo microfone implantado em seu pescoço e se preparou para abandonar seu posto. Ele concentrou a maior parte de sua atenção na aproximação de Lucilla e Duncan. Se tudo corresse como planejado, seus homens trariam a dupla enquanto dois soldados sem capacete e vestidos adequadamente continuariam a fuga além das posições de distração.

Naquele ínterim, Teg estava criando um rastro de destruição admirável, pelo qual um carro terrestre poderia escapar.

Um ajudante interpelou Burzmali:

– Dois atacantes estão se aproximando por trás do bashar!

Burzmali afastou o homem para o lado. Ele não podia dar muita atenção às chances de Teg. Tudo deveria se focar em salvar o ghola. Os pensamentos de Burzmali eram intensos enquanto ele observava:

*Vamos lá! Corram! Corram, malditos sejam!*

Lucilla tinha um pensamento similar enquanto impelia Duncan para a frente, mantendo-se bem próxima à retaguarda dele para blindá-lo. Tudo sobre ela fora reunido para a resistência derradeira. Tudo em sua concepção e treinamento veio à tona em momentos como aqueles. *Nunca desista!* Desistir era passar sua consciência para as Vidas Memoriais de uma irmã ou para o esquecimento. Mesmo Schwangyu tinha se redimido no final, revertendo-se para a resistência total, e tinha morrido na tradição Bene Gesserit, lutando até o fim. Burzmali tinha informado isso a Teg. Lucilla, reunindo suas vidas incontáveis, pensou: *Não posso fazer menos que isso!*

Ela seguiu Duncan por uma baixada rasa e pantanosa ao lado do tronco de um pilingitam gigante e, quando pessoas surgiram da escuridão para arrastá-los para baixo, ela quase agiu como um *berserker*, mas uma voz falando em chakobsa em seu ouvido disse: “Amigos!”. Isso atrasou a resposta dela por uma fração de segundo enquanto via os dois soldados que serviriam de distrações fugindo pela baixada. Isso, mais do que qualquer coisa, revelava o plano e a identidade das pessoas que os seguravam contra os ricos odores folhosos da terra. Quando os homens fizeram Duncan deslizar diante dela por um túnel que seguia para a árvore gigante e (ainda em chakobsa) aconselharam que se apressassem, Lucilla sabia que fora enredada em uma típica ousadia ao estilo Teg.

Duncan também percebeu isso. Na saída estígia do túnel, ele a identificou pelo cheiro e tamborilou uma mensagem no braço dela, na velha e silenciosa língua de batalha dos Atreides.

“Deixe que eles liderem.”

A forma da mensagem a deixou perplexa por um instante, até que ela percebeu que obviamente o ghola deveria conhecer este método de comunicação.

Sem falar, as pessoas à volta deles removeram a antiga e volumosa armalês de Duncan e empurraram os fugitivos pela escotilha de um veículo que ela não foi capaz de identificar. Um breve clarão vermelho fulgurou na escuridão.

Burzmali falou subvocalmente para seus homens:

– Lá vão eles!

Vinte e oito carros terrestres e onze esvoatópteros partiram de suas posições de chamariz. *Uma distração adequada*, pensou Burzmali.

A pressão nos ouvidos de Lucilla lhe informou que a escotilha tinha sido vedada. A luz vermelha fulgurou novamente e esmaeceu.

Explosivos estilhaçaram a grande árvore em torno deles e o veículo onde estavam, agora identificável como um carro terrestre blindado, se moveu subitamente para cima e para fora valendo-se de suspensores e jatos. Lucilla só conseguiu acompanhar o percurso pelos clarões de fogo e pelos padrões torcidos das estrelas visíveis pelas molduras de plaz oval. O campo suspensor ao redor fazia com que os movimentos parecessem sinistros, percebidos apenas pelos olhos. Eles se sentaram em assentos de açoplás enquanto o carro disparava encosta abaixo, diretamente por onde Teg resistira, virando e disparando, em mudanças violentas de direção. Nada deste movimento selvagem era sentido na pele dos ocupantes. Eram apenas os borrões dançantes de árvores e moitas, algumas delas queimando, e depois só viram as estrelas.

Eles estavam sobrevoando as copas da floresta arruinada pelas armaleses de Teg! Só então ela ousou ter esperança de que eles poderiam alcançar a liberdade. Abruptamente, o veículo deles estremeceu em um voo lento. As estrelas visíveis, emolduradas pelos minúsculos plaz ovais, contorceram-se e foram escondidas por uma obstrução negra. A gravidade retornou e havia pouca luz. Lucilla viu Burzmali escancarar uma escotilha à sua esquerda.

– Para fora! – ele apontou. – Não há um segundo a perder!

Com Duncan à sua frente, Lucilla saiu pela escotilha, pisando em terra úmida. Burzmali deu um empurrão nas costas dela, agarrou o braço de Duncan e os empurrou para longe do carro.

– Rápido! Por aqui!

Eles seguiram aos tropeços por entre os arbustos altos até chegarem a uma estrada pavimentada e estreita. Burzmali, agora com uma mão segurando cada um deles, os apressou ao longo da estrada e os empurrou para que caíssem em uma vala. Ele colocou



sobre eles uma coberta escudo-vital e levantou sua cabeça na direção da qual eles tinham vindo.

Lucilla espreitou por sobre Burzmali e vislumbrou a luz das estrelas em uma encosta nevada. Ela sentiu Duncan se agitar ao seu lado.

Acima, distante da encosta, um carro terrestre veloz com suas modificações a jato visíveis contra as estrelas ergueu-se em uma labareda avermelhada, subindo, subindo... subindo. De repente, disparou para a direita.

– É nosso? – Duncan sussurrou.

– Sim.

– Como ele chegou lá em cima sem demonstrar...

– Um túnel de um aqueduto abandonado – Burzmali cochichou. – O carro foi programado para seguir em piloto automático. – Ele continuou a observar a chama vermelha e distante. De súbito, uma rajada gigantesca de luz azul disparou a partir do longínquo tracejado vermelho. A luz foi acompanhada imediatamente por um baque surdo.

– Ahhh – expirou Burzmali.

Com a voz baixa, Duncan falou:

– Eles supostamente devem pensar que você sobrecarregou a transmissão.

Burzmali lançou um olhar espantado àquele rosto jovem, fantasmagoricamente cinza à luz das estrelas.

– Duncan Idaho foi um dos melhores pilotos a serviço dos Atreides – disse Lucilla. Era um fragmento esotérico de conhecimento e serviu seu propósito. Burzmali viu de imediato que ele não era apenas o guardião de dois fugitivos. Ambos possuíam habilidades que, se necessário, poderiam ser usadas.

Centelhas azuis e vermelhas cintilaram pelo céu, onde o carro terrestre modificado explodira. As não naves estavam farejando aquele distante globo de gases quentes. O que os farejadores decidiriam? As centelhas azuis e vermelhas escorregaram para debaixo dos montes estrelados das colinas.

Burzmali girou ao ouvir o som de passos na estrada. Duncan sacou uma arma de mão com tamanha rapidez que Lucilla se sobressaltou. Ela colocou uma mão no braço dele, tentando controlá-lo, mas ele a afastou. Ele não reparara que Burzmali havia aceitado esta intromissão?

Uma voz na estrada acima deles chamou com suavidade:

– Sigam-me. Depressa.

A pessoa, uma mancha móvel na escuridão, pulou para baixo, ao lado deles, e se lançou em uma abertura nos arbustos que ladeavam a estrada. Manchas escuras na encosta nevada além das cercas vivas revelaram ser mais de uma dezena de figuras armadas. Cinco desses entraram em formação em torno de Duncan e Lucilla, impelindo-os em silêncio por uma trilha coberta de neve, ao lado dos arbustos. O restante do grupo armado desceu correndo abertamente pela encosta alva até uma fileira negra de árvores.

Cem passos adiante, as cinco figuras silenciosas perfilaram seu grupo em uma coluna simples, dois deles à frente, três na retaguarda, os fugitivos resguardados entre eles, com Burzmali liderando e Lucilla logo atrás de Duncan. Logo chegaram a uma fissura entre rochas escuras e passando sob uma saliência, na qual eles esperaram, ouvindo o ronco de mais carros terrestres modificados no ar, atrás deles.

– Distrações e mais distrações – Burzmali cochichou. – Nós os sobrecarregamos com chamarizes. Eles *sabem* que devemos fugir

em pânico o mais rápido possível. Agora, nós esperaremos nas proximidades, escondidos. Depois, prosseguiremos devagar... a pé.

– O inesperado – sussurrou Lucilla.

– Teg? – Era Duncan, com sua voz pouco mais alta do que um arquejo.

Burzmali inclinou-se próximo ao ouvido esquerdo de Duncan:

– Acho que eles o pegaram. – O sussurro de Burzmali trazia um tom profundo de pesar.

Um de seus companheiros sombrios disse:

– Depressa agora. Desçam aqui.

Eles foram conduzidos ao longo da fissura estreita. Alguma coisa próxima emitiu um estrondo. Mãos os apressaram até uma passagem contígua. O estrondo soava por trás deles.

– Arrumem essa porta – alguém disse.

Luzes chamejaram em torno deles.

Duncan e Lucilla olharam em volta, um quarto espaçoso e com mobiliário suntuoso, aparentemente ser talhado na rocha. Carpetes macios cobriam o chão: tons vermelho-escuros e dourados, com um padrão de figuras similares a ameias repetitivas, trabalhadas em um verde pálido. Um amontoado de tecidos jazia revirado em uma mesa próxima a Burzmali, que conversava em voz baixa com um dos integrantes de sua escolta: um homem de cabelos claros, com a testa alta e olhos verdes penetrantes.

Lucilla ouviu atentamente. As palavras eram compreensíveis, informando quantos guardas tinham sido postados como vigias, ainda que ela nunca tivesse ouvido o sotaque do homem de olhos verdes, uma confusão de guturais e consoantes cortadas com uma brusquidão surpreendente.

– Esta é uma não sala? – perguntou ela.

– Não. – A resposta foi fornecida por um homem atrás dela, falando com o mesmo sotaque. – As algas nos protegem.

Ela não se voltou para seu interlocutor; em vez disso, olhou para as espessas algas de tom levemente amarelo-esverdeado no teto e nas paredes. Apenas alguns trechos da rocha escura eram visíveis, nos trechos próximos aos pavimentos.

Burzmali interrompeu sua conversa.

– Estamos a salvo aqui. As algas foram cultivadas especialmente para isso. Os leitores de sinais vitais informarão apenas a presença de vida vegetal e de nada além desse escudo de algas.

Lucilla girou sobre seus calcanhares, catalogando os detalhes da sala: o grifo Harkonnen entalhado em uma mesa de cristal, os tecidos exóticos das cadeiras e sofás. Um cavalete de armas contra uma parede amparava duas fileiras de armações longas ao estilo campal, com um desenho que ela nunca vira antes. Cada um era afunilado e com uma guarda ondulada de ouro sobre o gatilho.

Burzmali havia retomado sua conversa com o homem de olhos verdes. Era uma discussão sobre como eles deveriam se disfarçar. Ela ouviu com parte de sua mente ao mesmo tempo que estudava os dois membros remanescentes da escolta no quarto. Os outros três batedores tinham saído por uma passagem próxima ao cavalete de armas, uma abertura coberta por um denso emaranhado de cintilantes fios prateados. Duncan, ela notou, está observando as respostas dela com cuidado, sua mão na pequena armalês em seu cinto.

*Pessoas da Dispersão?*, Lucilla se perguntou. *Quais eram suas lealdades?*

Com trivialidade, ela atravessou o cômodo até ficar ao lado de Duncan e, usando a linguagem de toque de dedos no braço dele, expressou suas suspeitas. Os dois olharam para Burzmali. *Traição?*

Lucilla retornou ao estudo da sala. Será que eles estavam sendo vigiados por olhos ocultos?

Nove luciglobos iluminavam o espaço, criando suas próprias ilhas peculiares de iluminação intensa. Elas se estendiam em uma concentração comum, próximo de onde Burzmali ainda conversava com o homem de olhos verdes. Parte da luz vinha diretamente dos globos flutuantes, todos ajustados em uma rica tonalidade dourada, e parte dela era refletida com mais suavidade pelas algas. O resultado era uma falta de sombras profundas, mesmo sob a mobília.

Os fios prateados e cintilantes do corredor interno se abriram. Uma idosa entrou na sala. Lucilla a encarou. A mulher tinha o rosto escuro como um jacarandá velho. Suas feições eram definidas vivamente em uma moldura estreita de cabelos grisalhos desalinhados, que lhe caíam quase na altura dos ombros. Vestia um manto longo e negro, com fios dourados formando um padrão de dragões mitológicos. A mulher parou atrás de um sofá de dois lugares e colocou suas mãos com veias saltadas no encosto.

Burzmali e seu companheiro interromperam a conversa.

Lucilla passou o olhar pela idosa até chegar à sua própria túnica. Exceto pelos dragões dourados, as vestimentas eram de talhes similares, com os capuzes drapeados por trás dos ombros. Apenas no corte lateral e no modo como ele se abria na frente o modelo do manto de dragão se diferenciava.

Uma vez que a mulher não falou, Lucilla se virou para Burzmali em busca de uma explicação. Burzmali mirou de volta para a Reverenda Madre, com uma expressão de concentração intensa. A idosa continuava a estudar Lucilla em silêncio.

A intensidade daquela atenção encheu Lucilla de inquietação. Duncan sentia o mesmo, ela percebeu. Ele manteve a própria mão

na pequena armalês. O silêncio prolongado, enquanto os olhos a examinavam, amplificou o desconforto de Lucilla. Havia algo quase Bene Gesserit no jeito que a velha ficava ali, parada, observando.

Duncan quebrou o silêncio, exigindo de Burzmali:

– Quem é ela?

– Sou aquela que salvou a pele de vocês – respondeu a mulher.

Ela possuía uma voz fina que vacilava com fragilidade, mas com o mesmo sotaque estranho.

As Outras Memórias de Lucilla levantaram uma comparação sugestiva para a vestimenta da idosa: *similar àquelas usadas pelas femeretrizes ancestrais*.

Lucilla quase meneou a cabeça. Certamente esta mulher era muito velha para tal função. E o formato dos dragões místicos cerzidos no tecido diferia do formato daqueles supridos por sua memória. Lucilla voltou sua atenção para o rosto idoso: olhos úmidos com os males da idade. Uma crosta se firmara entre rugas onde cada pálpebra tocava os canais ao lado do nariz. Muito velha para ser uma femeretriz.

A idosa falou com Burzmali:

– Acho que vai lhe cair bem o bastante. – Ela começou a se despir de seu manto de dragão. Disse então para Lucilla: – Isto é para você. Vista-o com respeito. Nós matamos para conseguir isso para você.

– Quem vocês mataram? – exigiu Lucilla.

– Uma postulante das Honoráveis Matres! – Havia orgulho na voz áspera da mulher.

– Por que eu deveria vestir essa túnica? – exigiu Lucilla.

– Você trocará de vestimenta comigo – disse a velha.

– Não sem uma explicação. – Lucilla recusou a túnica estendida para ela.

Burzmali deu um passo à frente.

– Você pode confiar nela.

– Sou uma amiga de seus amigos – disse a velha.

A mulher balançou a túnica na frente de Lucilla.

– Aqui, pegue-a.

Lucilla se dirigiu a Burzmali:

– Devo conhecer seu plano.

– Nós dois queremos conhecê-lo – interrompeu Duncan. – Sob a autoridade de quem você pede que acreditemos nestas pessoas?

– De Teg – respondeu Burzmali. – E a minha.

O militar olhou para a velha.

– Você pode dizer a eles, Sirafa. Temos tempo.

– Você vestirá esta túnica para acompanhar Burzmali até Ysai – disse Sirafa.

*Sirafa*, Lucilla pensou. O nome tinha quase o som de uma Variante Lineal Bene Gesserit.

Sirafa avaliou Duncan.

– Sim, ele ainda é pequeno o suficiente. Ele será disfarçado e transportado separadamente.

– Não! – disse Lucilla. – Recebi ordens de protegê-lo!

– Você está sendo tola – disse Sirafa. – Eles estarão procurando por uma mulher com a sua aparência, acompanhada por alguém com a aparência deste jovem. Eles não repararão em uma fêmea das Honoráveis Matres com seu parceiro da noite... nem por um Mestre tleilaxu e sua comitiva.

Lucilla umedeceu os lábios com a língua. Sirafa falava com a segurança confiante de uma Censora Residente.

Sirafa dobrou o manto de dragão sobre o encosto do sofá. Ela ficou de pé, revelando um colã preto que não escondia nada de um corpo ainda esguio e flexível, até mesmo bem torneado. Seu corpo

parecia muito mais jovem do que o rosto. Enquanto Lucilla olhava para ela, Sirafa passou as palmas de suas mãos pela própria testa e pelas bochechas, amaciando-as para trás. As linhas de expressão se alisaram e um rosto mais jovem foi se mostrando.

Um Dançarino Facial?

Lucilla encarou a mulher com firmeza. Não havia quaisquer outros estigmas dos Dançarinos Faciais. Ainda assim...

– Tire a sua túnica! – ordenou Sirafa. Agora a voz dela era mais jovem e ainda mais autoritária.

– Você deve fazer isso – suplicou Burzmali. – Sirafa irá tomar o seu lugar como outra distração. É o único jeito de nós passarmos.

– Passarmos para chegar aonde? – perguntou Duncan.

– Até uma não nave – disse Burzmali.

– E para onde vocês nos levarão? – indagou Lucilla.

– Para a segurança – disse Burzmali. – Seremos saturados de shere, mas não posso dizer mais do que isso. Mesmo o shere desaparece com o tempo.

– Como eu serei disfarçado de Tleilaxu?

– Acredite, isso será feito – disse Burzmali, que manteve sua atenção em Lucilla. – Reverenda Madre?

– Você não me dá escolha – disse Lucilla. Ela abriu os prendedores rápidos e deixou seu manto cair. Ela removeu a pequena armalês de seu corpete e a jogou em direção ao sofá. Seu próprio colã era cinza-claro, e ela percebeu que Sirafa notara isso e as facas nas bainhas em suas pernas.

– Às vezes trajamos roupas de baixo pretas – disse Lucilla enquanto deslizava para dentro do manto de dragão. O tecido aparentava ser pesado, mas a sensação era de leveza. Ela girou sobre os calcanhares com aquela roupa, sentindo o modo como tremulava e se ajustava a seu corpo, quase como se tivesse sido



feita sob medida. Havia um ponto áspero no pescoço. Ela ergueu a mão e passou um dedo sobre ele.

– Foi aí que o dardo a acertou – disse Sirafa. – Agimos com rapidez, mas o ácido danificou o tecido superficialmente. Não é visível a olho nu.

– A aparência está correta? – Burzmali perguntou a Sirafa.

– Muito boa. Mas precisarei instruí-la. Ela não deve cometer enganos ou eles acabarão com vocês dois, assim! – Sirafa bateu palmas uma vez para dar ênfase.

*Onde vi esse gesto antes?*, Lucilla perguntou a si mesma.

Duncan tocou o dorso do braço direito de Lucilla, seus dedos falando com rapidez e em segredo: “Este bater de palmas! Um maneirismo de Giedi Primo”.

As Outras Memórias confirmaram isso a Lucilla. Essa mulher fazia parte de uma comunidade isolada que preservava costumes arcaicos?

– O rapaz deve ir agora – disse Sirafa. Ela gesticulou para os dois membros remanescentes da escolta. – Levem-no para o local.

– Não gosto disto – disse Lucilla.

– Não temos escolha! – vociferou Burzmali.

Lucilla foi obrigada a concordar. Ela bem sabia que estava confiando no voto de lealdade de Burzmali à Irmandade. E Duncan já não era uma criança, ela lembrou a si mesma. As reações prana-bindu dele tinham sido condicionadas pelo velho bashar e por ela mesma. Havia habilidades no ghola que poucas pessoas fora das Bene Gesserit seriam capazes de igualar. Ela observou em silêncio enquanto Duncan e os dois homens saíam pela cortina cintilante.

Assim que os três partiram, Sirafa contornou o sofá e ficou em frente a Lucilla, com as mãos nos quadris. Seus olhos se encontraram, nivelados.

Burzmali pigarreou e tateou a pilha grosseira de roupas na mesa ao seu lado.

O rosto de Sirafa, especialmente os olhos, mantinha uma qualidade incrivelmente cativante. Os olhos eram verde-claros com um branco alvo. Nenhuma lente nem outros artifícios os mascaravam.

– Você tem a aparência certa – disse Sirafa. – Lembre-se de que você é um tipo especial de femeretriz e que Burzmali é seu cliente. Nenhuma pessoa comum iria interferir nisso.

Lucilla percebeu uma pista velada neste comentário.

– Mas há aqueles que iriam interferir?

– Embaixadas das grandes religiões estão em Gammu agora – disse Sirafa. – Algumas com as quais você nunca se deparou. Elas são de onde vocês chamam de Dispersão.

– E como você chama?

– A Busca. – Sirafa ergueu uma mão apaziguadora. – Não tenha medo! Temos um inimigo em comum.

– As Honoráveis Matres?

Sirafa virou a cabeça para a esquerda e cuspiu no chão.

– Olhe para mim, Bene Gesserit! Fui treinada exclusivamente para matá-las! Esta é minha única função e propósito!

Lucilla falou com cuidado:

– Pelo que sabemos, você deve ser muito boa.

– Em algumas coisas, talvez eu seja melhor do que você. Agora escute! Você é uma adepta sexual. Você compreende?

– Por que os sacerdotes interfeririam?

– Você os chama de sacerdotes? Bem... sim. Eles não interfeririam por qualquer motivo que você possa imaginar. Sexo por prazer, o inimigo da religião, hein?

– Não aceite substitutos para a alegria sagrada – disse Lucilla.

– Que Tantrus proteja você, mulher! Existem diferentes *sacerdotes* na Busca, alguns que não se importariam em oferecer êxtase imediato em troca de um porvir prometido.

Lucilla quase sorriu. Essa autodenominada matadora de Honoráveis Matres pensava que poderia dar conselhos a uma Reverenda Madre sobre religiões?

– Há pessoas aqui que se tentam se disfarçar de *sacerdotes* – disse Sirafa. – Muito perigosas. As mais perigosas de todas são aquelas que seguem Tantrus e dizem que o sexo é a adoração exclusiva de seu deus.

– Como saberei quem são? – Lucilla ouviu sinceridade na voz de Sirafa e um sentimento ominoso.

– Não se preocupe com isso. Você nunca deve agir como se reconhecesse tais distinções. A primeira coisa que lhe diz respeito é se assegurar de seu pagamento. Você, creio eu, deve exigir quinze solari.

– Você não me disse por que eles iriam intervir. – Lucilla olhou de relance para Burzmali. Ele tinha pegado a roupa amassada e estava se livrando de seus trajes camuflados. Ela voltou sua atenção para Sirafa.

– Alguns seguem uma convenção antiga que garante a eles o direito de descumprir o acordo com Burzmali. Na verdade, alguns testarão você.

– Ouça atentamente – disse Burzmali. – Isto é importante.

– Burzmali estará vestido como um trabalhador do campo – explicou Sirafa. – Não há outra forma de disfarçar o volume de suas armas. Você vai se dirigir a ele como Skar, um nome comum por aqui.

– Mas como devo lidar com a interrupção de um sacerdote?

Sirafa tirou uma bolsa pequena de seu corpete e passou-a para Lucilla, que a sopesou com uma das mãos.

– Ela contém 283 solari. Se alguém se identificando como divino... Você se lembrará disso? Divino?

– Como eu poderia esquecer? – A voz de Lucilla tinha um tom quase escarninho, mas Sirafa não deu atenção.

– Se um desses interferir, você irá devolver cinquenta solari para Burzmali, lamentando-se. Também nesta bolsa está seu cartão de femeretriz, sob o nome de Pira. Deixe-me ouvi-la dizer seu nome.

– Pira.

– Não! A ênfase muito mais forte no ‘a’!

– Pira!

– Assim é passável. Agora me escute com muito cuidado. Você e Burzmali estarão nas ruas bem tarde. É de se esperar que você tenha tido clientes anteriores. Deve haver evidências. Portanto, você deve... ah, entreter Burzmali antes de sair daqui. Você entendeu?

– Quanta sutileza! – disse Lucilla.

Sirafa tomou isso como um elogio e sorriu, mas era uma expressão firmemente controlada. As reações dela eram tão forasteiras!

– Uma coisa – disse Lucilla. – Se eu tiver de *entretter* um divino, como encontrarei Burzmali mais tarde?

– Skar!

– Sim. Como encontrarei Skar?

– Ele esperará por perto, aonde quer que você vá. Skar irá encontrá-la quando você sair.

– Muito bem. Se um *divino* interromper, devolvo cem solari para Skar e...

– Cinquenta!

– Creio que não, Sirafa. – Lucilla meneou a cabeça devagar, de um lado a outro. – Depois de ser *entretido* por mim, o divino saberá que cinquenta solari é uma soma muito pequena.

Sirafa apertou os lábios e relanceou além de Lucilla, em direção a Burzmali.

– Você me alertou sobre o pessoal dela, mas eu não supunha que...

Usando apenas um toque da Voz, Lucilla exclamou:

– Você não supõe *coisa alguma* até que ouça de minha boca!

Sirafa franziu as sobrancelhas. Ela ficou obviamente assustada com a Voz, mas seu tom continuou arrogante quando retomou:

– Presumo que você não precisa de explicação das variantes sexuais.

– Uma suposição segura – disse Lucilla.

– E não preciso dizer que sua túnica a identifica como uma adepta do quinto estágio da Ordem de Hormu.

Foi a vez de Lucilla franzir o cenho.

– E se eu mostrar habilidades além desse quinto estágio?

– Ahhhhh – disse Sirafa. – Então você continuará prestando atenção às minhas palavras?

Lucilla assentiu com secura.

– Muito bem – disse Sirafa. – Devo presumir que você é capaz de administrar pulsação vaginal?

– Sim.

– De qualquer posição?

– Posso controlar qualquer músculo de meu corpo!

Sirafa mirou além de Lucilla para Burzmali.

– Verdade?

Burzmali falou bem trás de Lucilla:

– Ou ela não diria isso.

Sirafa ficou pensativa, focando no queixo de Lucilla.

– Isto é um fator complicador, creio eu.

– Para que você não tenha a ideia errada – disse Lucilla –, as habilidades que me ensinaram não são normalmente divulgadas. Elas têm outro propósito.

– Ah, estou certa disso – Sirafa comentou. – Mas agilidade sexual é uma...

– Agilidade! – Lucilla permitiu que seu tom de voz carregasse todo o peso do ultraje de uma Reverenda Madre. Não importava que isto provavelmente fosse o que Sirafa esperava alcançar, a mulher tinha de ser colocada em seu devido lugar! – Agilidade, você diz? Sou capaz de controlar a temperatura genital. E conheço e posso estimular os 51 pontos de excitação. Eu...

– Cinquenta e um? Mas há apenas...

– Cinquenta e um! – Lucilla redarguiu. – E o sequenciamento, somado às combinações, somam 208! Além disso, em combinação com as 205 posições sexuais...

– Duzentas e cinco? – Sirafa estava claramente perplexa. – Certamente você não quer dizer...

– Mais, na verdade, se você contar pequenas variantes. Eu sou uma Impressora, o que significa que dominei os trezentos passos da amplificação orgástica!

Sirafa pigarreou e molhou seus lábios com a língua.

– Então devo avisá-la para que se contenha. Mantenha suas habilidades totais ocultas ou... – Uma vez mais, ela olhou para Burzmali. – Por que você não me avisou?

– Eu avisei.

Lucilla claramente ouviu o deleite na voz dele, mas não olhou para trás para confirmar.

Sirafa inalou e exalou duas vezes, com dificuldade.

– Se qualquer questão for indagada, você dirá que está prestes a ser testada para subir de estágio. Isso deve aquietar as suspeitas.

– E se perguntarem sobre o teste?

– Ah, isso é fácil. Você sorri misteriosamente e permanece em silêncio.

– E se eu for questionada sobre essa Ordem de Hormu?

– Ameace denunciar o inquisidor a seus superiores. As questões devem cessar.

– E se isso não acontecer?

Sirafa deu de ombros.

– Invente a história que quiser. Mesmo uma Proclamadora da Verdade se divertiria com suas evasivas.

Lucilla manteve seu rosto em repouso enquanto considerava sua situação. Ela ouviu Burzmali (Skar!) se mexendo diretamente ao seu lado. Ela não sentia quaisquer dificuldades em executar esse embuste. Poderia até fornecer um interlúdio divertido, o qual ela recontaria mais tarde na Casa Capitular. Sirafa, ela percebeu, estava sorrindo ironicamente para Burz... Skar! Lucilla se virou e olhou para seu *cliente*.

Burzmali estava ali parado, nu, com seu traje de batalha e elmo empilhados de maneira organizada ao lado da pilha de roupa amassada.

– Posso ver que Skar não faz objeção a seus preparativos para esta empreitada – disse Sirafa. Ela indicou o pênis rígido e ereto. – Sendo assim, vou deixá-los.

Lucilla ouviu Sirafa partindo pela cortina cintilante. Preenchendo os pensamentos de Lucilla, estava uma percepção furiosa:

“Este deveria ser o gholá, aqui, agora!”.

**É seu destino, esquecimento.  
Todas as antigas lições de vida, você  
perde e ganha e perde e ganha de novo.**

**– Leto II, a Voz de Dar-es-Balat**

“Em nome de nossa Ordem e de sua inquebrantável Irmandade, este relato foi considerado confiável e digno de entrada nas Crônicas da Casa Capitular.”

Taraza olhou para as palavras na projeção de seu visor com uma expressão de desgosto. A luz da manhã pintava um borrão de reflexos amarelos na projeção, fazendo com que as palavras aparecessem vagamente misteriosas.

Em um movimento irritado, Taraza afastou a cadeira da mesa de projeção com um empurrão, levantou-se e foi até uma janela ao sul. O dia mal começara e as sombras se alongavam no pátio.

*Devo ir pessoalmente?*

Ela foi tomada pela relutância diante de tal pensamento. Aqueles alojamentos pareciam tão... tão seguros. Mas era tolice e ela sabia disso em cada fibra. As Bene Gesserit estavam ali há mais de 1.400 anos e o Planeta Casa Capitular deveria ser considerado somente como temporário.

Ela repousou a mão esquerda sobre a moldura suave da janela. Cada uma de suas janelas fora posicionada para mostrar uma vista esplêndida. O quarto – suas proporções, seu mobiliário e suas cores –, todo ele refletia os construtores e os arquitetos que trabalhavam única e exclusivamente para criar um sentido de apoio aos ocupantes.

Taraza tentou imergir a si mesma nesse sentimento de apoio e falhou.



As discussões que ela presenciara deixaram uma amargura naquele quarto, mesmo com as palavras pronunciadas em tom brando. Suas conselheiras foram teimosas e (ela concordava sem reservas) por razões compreensíveis.

*Fazer de nós missionárias? E para os Tleilaxu?*

Ela tocou em uma placa de controle ao lado da janela e a abriu. Uma brisa morna, perfumada pelas flores da primavera, vinda do pomar de maçãs, soprou pelo quarto. A Irmandade tinha orgulho das frutas que cresciam ali no centro de poder de todas as fortalezas. Nenhum pomar mais viçoso existia em outros Fortes e Capítulos Dependentes que entremeavam a rede Bene Gesserit pela maioria dos planetas humanos ocupados sob o Antigo Imperium.

*Por suas frutas, vós os conhecereis, pensou ela. Algumas das antigas religiões ainda produziam sabedoria.*

Do lugar alto onde estava, Taraza via toda a expansão urbana ao sul dos prédios da Casa Capitular. A sombra de uma torre de vigia próxima desenhava uma linha longa e irregular em meio aos telhados e pátios.

Quando pensava sobre isso, sabia que estava em um complexo surpreendentemente pequeno para conter tanto poder. Além do círculo de pomares e jardins, estendia-se um meticuloso tabuleiro de xadrez de residências privadas, cada uma delas cercada por sua plantação. Irmãs aposentadas e seletas famílias que lhes eram leais ocupavam esses imóveis privilegiados. Os picos serrilhados das montanhas, seus cumes frequentemente brilhantes com a neve, demarcavam os limites ocidentais. O campo de pouso espacial estava cerca de vinte quilômetros a leste. Tudo ao redor desse núcleo da Casa Capitular eram planícies abertas onde pastava uma raça peculiar de gado, um gado tão suscetível a odores estranhos

que debandava aos berros estridentes à menor intrusão de pessoas não marcadas pelo cheiro local. As casas mais internas, com plantações duramente cercadas, foram instaladas por um dos primeiros bashar, de forma que ninguém pudesse se mover dentre os canais tortuosos no nível do chão sem ser observado, noite e dia.

Tudo parecia casual e a esmo, mas havia uma ordem rígida ali. E isso, sabia Taraza, personificava a Irmandade.

Alguém pigarreou ao fundo, lembrando a Taraza que uma daquelas que discutira mais veementemente no Conselho permanecera ali, esperando pacientemente no portal aberto.

*Aguardando a minha decisão.*

A Reverenda Madre Bellonda queria Odrade “morta sem pestanejar”. Nenhuma decisão fora tomada.

*Você conseguiu desta vez, Dar. Eu esperava por sua independência selvagem. Eu até a queria. Mas isso!*

Bellonda, velha, gorda e corada, fria e valorizada pela ferocidade natural, queria que Taraza condenasse Odrade como traidora.

– O Tirano a teria esmagado imediatamente! – argumentara Bellonda.

*Foi só isso o que aprendemos com ele?*, Taraza se perguntou.

Bellonda argumentou que Odrade não era apenas uma Atreides, mas também uma Corrino. Havia imperadores, vice-regentes e administradores poderosos em grande número entre seus ancestrais.

*Com toda a fome de poder que isso implica.*

– Seus ancestrais sobreviveram a Salusa Secundus! – Bellonda repetia. – Não aprendemos nada com nossas experiências de reprodução?

*Aprendemos como criar Odrades*, pensou Taraza.

Depois de sobreviver à agonia da especiaria, Odrade fora enviada a Al Dhanab, um equivalente a Salusa Secundus, para ser condicionada deliberadamente em um planeta de testes constantes: penhascos altos e desfiladeiros secos, ventos quentes e gélidos, pouca e excessiva umidade. Era considerado um campo de provas apropriado para alguém cujo destino pudesse levar a Rakis. Sobreviventes robustos emergiam daquele condicionamento. Odrade, alta, flexível e musculosa, era uma das mais robustas.

*Como posso reparar esta situação?*

A mensagem mais recente de Odrade dizia que qualquer paz, mesmo os milênios de supressão do Tirano, irradiava uma aura falsa que podia ser fatal àqueles que nela acreditavam em demasia. Era, ao mesmo tempo, a força e a falha na argumentação de Bellonda.

Taraza elevou o olhar até Bellonda, que esperava no umbral. *Ela é muito gorda! E ostenta isso diante de todas nós!*

– Não podemos eliminar Odrade, da mesma forma como não podemos eliminar o ghola – disse Taraza.

A voz de Bellonda saiu baixa e nivelada:

– Ambos são, neste momento, muito perigosos para nós. Veja como Odrade a enfraquece com seu relato daquelas palavras no Sietch Tabr!

– A mensagem do Tirano me enfraqueceu, Bell?

– Você entendeu o que eu quis dizer. Os Bene Tleilax não têm moral.

– Pare de mudar de assunto, Bell. Seus pensamentos dispararam de um lado para o outro como um inseto entre as flores. O que você acha que está acontecendo aqui?

– Os Tleilaxu! Eles fizeram aquele ghola para propósitos só deles. E agora Odrade quer que nós...

– Você está se tornando repetitiva, Bell.

– Os Tleilaxu pegam atalhos. A visão deles de genética não é a mesma que a nossa. Não é uma visão *humana*. Eles criam monstros.

– É isso que eles fazem?

Bellonda entrou no quarto, caminhou ao redor da mesa e parou muito perto de Taraza, bloqueando a vista da Madre Superiora para o nicho com sua estatueta de Chenoeh.

– Aliança com os sacerdotes de Rakis, sim, mas não com os Tleilaxu. – A vestimenta de Bellonda farfalhou enquanto ele gesticulava com os punhos cerrados.

– Bell! O Sumo Sacerdote é agora um mímico Dançarino Facial. Aliar-se com ele, você quer dizer?

Bellonda meneou a cabeça, irritada.

– Os crentes em Shai-hulud são uma legião! Você os encontra em todo lugar. Qual será a reação deles em relação a nós se nossa parte neste engodo for exposta?

– Não, você não entende, Bell. Garantimos que apenas os Tleilaxu estejam vulneráveis lá. Nisso, Odrade está certa.

– Errado! Se nos aliarmos com eles ambos ficaremos vulneráveis. Seremos forçadas a servir ao desígnio dos Tleilaxu. Será pior do que nossa longa subserviência ao Tirano.

Taraza percebeu o brilho feroz nos olhos de Bellonda. A reação dela era compreensível. Nenhuma Reverenda Madre podia contemplar a peculiar sujeição que elas suportaram durante o governo do Imperador Deus sem ao menos sentir algumas recordações arrepiantes. Submetidas contra sua vontade, sem quaisquer garantias da sobrevivência das Bene Gesserit de um dia para o outro.

– Você acha que asseguraremos nosso suprimento de especiaria com uma aliança tão tola? – perguntou Bellonda.

Era o argumento de sempre, notou Taraza. Sem mélange e a agonia da transformação, não haveria Reverendas Madres. As meretrizes da Dispersão certamente tinham mélange como um de seus alvos: a especiaria e o domínio das Bene Gesserit sobre tal substância.

Taraza voltou à mesa e se afundou em sua cãodeira, reclinando-se enquanto o assento se moldava a seu corpo. Era um problema. Um problema característico das Bene Gesserit. Apesar de procurarem e experimentarem constantemente, a Irmandade nunca encontrara um substituto para a especiaria. A Guilda Espacial poderia desejar o mélange para formar seus navegadores em transe, mas eles podiam ser substituídos pela maquinaria ixiana. Ix e suas subsidiárias competiam nos mercados com a Guilda. Eles possuíam alternativas.

*Nós não temos nenhuma.*

Bellonda atravessou para o outro lado da mesa de Taraza, colocou os punhos sobre a superfície lisa e inclinou-se para olhar para a Madre Superiora.

– E ainda não sabemos o que os Tleilaxu fizeram com nosso ghola!

– Odrade descobrirá.

– Não é razão suficiente para perdoar a traição dela!

Taraza falou em voz baixa:

– Esperamos por este momento geração após geração e você abortaria o projeto assim, desse jeito. – Ela bateu levemente a palma direita contra a mesa.

– O precioso projeto rakiano já não é mais nosso projeto – disse Bellonda. – Talvez, nunca tenha sido.

Com todos os seus consideráveis poderes mentais organizados, Taraza reexaminou as implicações desse argumento tão familiar. Foi algo repetido interminavelmente na sessão de discussões que terminara havia algumas horas.

O estratagema com os gholas fora algo posto em ação pelo Tirano? Se fosse, o que elas poderiam fazer a esse respeito agora? O que deveria ser feito a esse respeito?

Durante a longa disputa, o relatório Minoria estava em todas as mentes. Schwangyu podia estar morta, mas sua facção sobrevivia e parecia que Bellonda se unira a ela. A Irmandade estava ignorando uma possibilidade fatal? O relatório de Odrade, citando a mensagem escondida em Rakis, poderia ser interpretado como um alerta ominoso. Odrade enfatizara isso ao relatar que havia sido alertada por seu sistema interno de preocupação. Nenhuma Reverenda Madre seria capaz de tratar um evento como este de forma leviana.

Bellonda se endireitou e cruzou os braços diante de si:

– Jamais conseguiremos escapar completamente dos professores de nossa infância, nem de quaisquer padrões que nos formaram, não é?

Era um argumento típico das disputas Bene Gesserit. Lembrava a eles da suscetibilidade própria de cada uma.

*Nós somos as aristocratas secretas e é nossa prole quem herda o poder. Sim, somos suscetíveis a isso e Miles Teg é um exemplo perfeito.*

Bellonda encontrou uma cadeira reta e sentou-se, levando os olhos ao mesmo nível de Taraza.

– No auge da Dispersão – disse ela –, perdemos cerca de vinte por cento de nossos fracassos.

– Não são os fracassos voltando para nós.

– Mas o Tirano certamente sabia que isso aconteceria!

– A Dispersão era seu objetivo, Bell. Era seu Caminho Dourado, a sobrevivência da humanidade!

– Entretanto, sabemos como ele se sentia a respeito dos Tleilaxu e mesmo assim ele não os exterminou. Podia tê-lo feito, mas não o fez!

– Ele queria diversidade!

Bellonda socou a mesa com o punho.

– Ele certamente conseguiu isso!

– Já discutimos todos esses argumentos diversas vezes, Bell, e não vejo escapatória para o que Odrade fez.

– Subserviência!

– De forma alguma. Já estivemos totalmente subservientes a algum dos imperadores pré-Tirano? Nem mesmo a Muad'Dib!

– Ainda estamos na armadilha do Tirano – acusou Bellonda. – Diga-me, por que os Tleilaxu continuaram a produzir seu ghola preferido? Milênios depois, e aquele ghola ainda volta dos tanques axolotles como uma marionete dançante.

– Você acha que os Tleilaxu ainda seguem alguma ordem secreta do Tirano? Se é isso que pensa, você defende Odrade. Ela criou condições admiráveis para que analisemos isso.

– Ele não ordenou nada desse gênero! Ele apenas fez com que aquele ghola em particular fosse deliciosamente atraente para os Bene Tleilax.

– E não para nós?

– Madre Superiora, devemos nos desvencilhar dessa armadilha do Tirano agora! E pelo método mais direto.

– A decisão é minha, Bell. Minha inclinação é por uma aliança, com bastante cautela.

– Então, pelo menos deixe-nos matar o ghola. Sheeana pode ter filhos. Nós poderíamos...

- Isso não é e nunca foi puramente um projeto de reprodução!
- Mas pode vir a ser. E se você estiver errada acerca do poder por trás da presciência Atreides?
- Todas as suas propostas levam à alienação de Rakis e dos Tleilaxu, Bell.
- A Irmandade pode sustentar muito bem cinquenta gerações com nossas reservas atuais de mélange. Ainda mais se racionarmos.
- Você acha que cinquenta gerações são muito tempo, Bell? Você não percebe que essa atitude é a razão de você não estar sentada em meu lugar?

Bellonda empurrou sua cadeira para trás e afastou-se da mesa. O móvel arranhou o piso de forma brusca. Taraza notou que ela não estava convencida. Bellonda não era mais confiável. Talvez deveria ser ela quem teria de morrer. E onde estava o propósito nobre nisso?

– Essa conversa não leva a nada – disse Taraza. – Deixe-me sozinha.

Quando ficou só, Taraza reconsiderou a mensagem de Odrade. Ominosa. Era fácil perceber por que Bellonda e outras reagiram com tamanha violência, mas isso só mostrava uma perigosa falta de controle.

*Não é hora, ainda, de escrever o último desejo e o testamento da Irmandade.*

De uma forma bem estranha, Odrade e Bellonda dividiam o mesmo medo, mas chegavam a decisões diferentes a respeito desse medo em comum. A interpretação de Odrade daquela mensagem nas pedras de Rakis transmitia um antigo aviso:

*Isso, também, deve passar.*



*Encontraremos nosso fim agora, esmagadas pela hordas vorazes da Dispersão?*

Mas o segredo dos tanques axolotles estava quase ao alcance da Irmandade.

*Se o conseguirmos, nada poderá nos impedir!*

Taraza passou o olhar pelos detalhes de seu quarto. O poder Bene Gesserit ainda estava ali. A Casa Capitular permanecia oculta por trás de um fosso de não naves, sua localização não registrada exceto na mente de seu próprio povo. Invisibilidade.

Invisibilidade temporária! Acidentes ocorriam.

Taraza alinhou os ombros. *Tome precauções, mas não viva em suas sombras, constantemente furtivas.* A Litania contra o Medo servia um propósito útil quando precisavam evitar as sombras.

Enviada por qualquer pessoa que não fosse Odrade, a mensagem de alerta, com suas implicações perturbadoras que o Tirano ainda guiava seu Caminho Dourado, seria muito menos assustadora.

Aquele maldito talento Atreides.

*Nada além de uma sociedade secreta?*

Taraza rilhou os dentes como sinal de frustração.

*Memórias não são suficientes, a não ser que elas a intimem a um propósito nobre!*

E se fosse verdade que a Irmandade não mais escutasse o som da vida?

*Maldito seja!* O Tirano ainda podia irritá-las!

*O que ele tenta nos dizer?* Seu Caminho Dourado não pode estar em perigo. A Dispersão assegurara isso. Humanos espalharam sua espécie universo afora, em caminhos incontáveis, como os espinhos de um porco-espinho.

Ele tivera uma visão dos Dispersados voltando? Poderia ele ter antecipado esse espinheiro aos pés de seu Caminho Dourado?

*Ele sabia que suspeitaríamos dos poderes dele! Sabia!*

Taraza pensou no número crescente de relatórios sobre os Perdidos que retornavam às suas origens. Uma diversidade notável de pessoas e artefatos, acompanhada por um grau de sigilo excepcional e ampla evidência de conspiração. Não naves de modelos singulares e artefatos com uma sofisticação de tirar o fôlego. Povos diversos e costumes diversos.

*Alguns espantosamente primitivos. Pelo menos na superfície.*

E eles queriam muito mais do que mélange. Taraza reconheceu a forma particular de misticismo que trouxe os Dispersados de volta: *queremos seus segredos ancestrais!*

A mensagem das Honoráveis Matres também era clara:

– Levaremos o que quisermos.

*Odrade tem tudo isso bem nas próprias mãos*, pensou Taraza. Ela tinha Sheeana. Em breve, caso Burzmali obtivesse êxito, ela teria o gholá. Ela tinha o Mestre dos Mestres tleilaxu. Ela podia ter Rakis!

*Se pelo menos ela não fosse uma Atreides.*

Taraza olhou para as palavras projetadas, que ainda dançavam sobre o topo da mesa: uma comparação entre o mais novo Duncan Idaho e todos os que foram assassinados. Cada gholá novo era levemente diferente de seus antecessores. Estava suficientemente claro. Os Tleilaxu estavam aperfeiçoando algo. Mas o quê? A pista estaria escondida nesses novos Dançarinos Faciais? Os Tleilaxu, obviamente, procuravam criar um Dançarino Facial indetectável, mímicos cuja capacidade de imitação alcançasse a perfeição, copiadores de forma que copiassem não só as memórias superficiais de suas vítimas, mas também seus pensamentos

profundos e sua identidade. Era uma forma de imortalidade ainda mais sedutora do que aquela que os Mestres tleilaxu usavam até então. Esse era, obviamente, o motivo pelo qual eles seguiram esse curso.

Sua própria análise estava de acordo com a maioria de suas assessoras: tal mímico se tornaria a pessoa copiada. Os relatórios de Odrade sobre o Dançarino Facial Tuek eram muito estimulantes. Nem mesmo os Mestres tleilaxu eram capazes de livrar o Dançarino Facial de seu mimetismo de forma e de comportamento.

E de suas crenças.

*Maldita seja, Odrade!* Ela encurralara as próprias Irmãs. Não havia escolha, exceto seguir a liderança de Odrade e ela sabia disso!

Como sabia? Era aquele talento selvagem de novo?

*Não posso agir às cegas. Tenho que saber.*

Taraza usou seu método bem conhecido de restaurar o sentimento de calma. Ela não ousava tomar decisões importantes quando se sentia frustrada. Um olhar demorado na estatueta de Chenoeh ajudou. Levantando-se de sua cãodeira, Taraza retornou a sua janela preferida.

Olhar para aquela paisagem com frequência a acalmava. Ela observava como as distâncias variavam com o movimento diário do sol e as mudanças climáticas bem administradas do planeta.

A fome a afligiu.

*Hoje vou comer com as acólitas e as irmãs leigas.*

Às vezes, era bom ter as jovens ao redor e lembrar da persistência dos rituais de alimentação, da divisão do dia: manhã, tarde e noite. Isso cimentava uma base confiável. Ela gostava de olhar para seu povo. Elas eram similares à maré, que falava de coisas profundas, de forças não vistas e de poderes ainda mais

grandiosos, que persistiam porque as Bene Gesserit encontraram os caminhos de fluir com aquela persistência.

Esses pensamentos renovaram o equilíbrio de Taraza. Questões insistentes podiam ser temporariamente afastadas. A Reverenda Madre poderia avaliá-las de maneira desapaixorada.

Odrade e o Tirano estavam certos: sem um propósito nobre, somos nada.

Uma pessoa não podia fugir, contudo, do fato de que decisões críticas eram tomadas em Rakis por uma pessoa que sofria das falhas recorrentes dos Atreides. Odrade sempre demonstrara a fraqueza típica dos Atreides. Ela fora nitidamente benevolente com as acólitas transgressoras. Afeições se desenvolviam a partir desse comportamento!

Afeições perigosas e turvadoras de mente.

Isso enfraquecia outras, que eram usadas para compensar essa lassidão. Irmãs mais competentes eram chamadas para tomar as acólitas transgressoras pela mão e corrigir tais fraquezas. Naturalmente, o comportamento de Odrade expusera essas fraquezas nas acólitas. Taraza devia admitir isso. Talvez Odrade raciocinasse dessa forma.

Quando pensou assim, algo súbito e poderoso tomou conta de suas percepções. Ela se forçou a conter um sentimento profundo de solidão. Tal sentimento supurava. A melancolia podia turvar a mente da mesma forma como a afeição... ou mesmo como o amor. Taraza e suas vigilantes Irmãs de Memórias atribuíam essas respostas emocionais à percepção da mortalidade. Ela foi obrigada a confrontar o fato de que, um dia, ela mesma não passaria de um conjunto de memórias na carne viva de outra pessoa.

Memórias e descobertas acidentais, ela notou, deixaram-na vulnerável. E exatamente quando ela precisava de todas as suas

faculdades disponíveis!

*Mas ainda não estou morta.*

Taraza sabia como restaurar a si mesma. E conhecia as consequências. Depois desses acessos de melancolia, ela sempre ganhava um controle mais firme de sua vida e seus propósitos. O comportamento falho de Odrade era fonte de força da sua Madre Superiora.

Odrade sabia disso. Taraza sorria cruelmente dessa percepção. A autoridade da Madre Superiora sobre as Irmãs sempre era mais forte quando ela retornava da melancolia. Outras observaram esse fato, mas apenas Odrade sabia sobre essa fúria.

*Ali!*

Taraza percebeu que confrontara as sementes angustiantes de sua frustração.

Ficou claro que Odrade reconhecera, em várias ocasiões, o que estava situado no centro do comportamento da Madre Superiora. Um bramido gigante de fúria contra os usos que outros haviam feito com sua vida. O poder dessa fúria reprimida era assustador, ainda que nunca pudesse ser externado de forma completa. Àquela fúria nunca seria permitida a cura. Como doía! A percepção de Odrade tornava a dor ainda mais intensa.

Tais coisas faziam o que eram designadas a fazer, é claro. As imposições Bene Gesserit desenvolviam certos músculos mentais. Construía camadas de insensibilidade que jamais poderiam ser reveladas aos leigos. O amor era uma das forças mais perigosas do universo. Elas tinham que se proteger contra ele. Uma Reverenda Madre jamais se permitia tornar-se intimamente pessoal, nem mesmo sob os serviços das Bene Gesserit.

*Simulação: desempenhamos o papel necessário para nos salvar. As Bene Gesserit não de persistir!*

Quanto tempo seriam subservientes desta vez? Outros 3.500 anos? Bem, malditos sejam todos! Ainda assim seria temporário.

Taraza deu as costas para a janela e para sua vista restauradora. Ela *de fato* se sentiu restaurada. Novas forças fluíam dentro dela. Havia força suficiente para superar aquela relutância torturadora que a impedia de tomar a decisão essencial.

*Irei a Rakis.*

Ela não podia mais evadir-se da fonte de sua própria relutância.

*Talvez eu tenha que fazer o que Bellonda deseja.*

**A sobrevivência do self, das espécies e do meio ambiente, isto é o que move os humanos. Você pode observar como a ordem de importância muda ao longo da vida. Quais são as coisas de preocupação imediata em dada idade? O clima? O estado da digestão? Ela (ou ele) realmente se importa? Todas essas diversas ânsias que a carne pode sentir e espera satisfazer. O que mais poderia importar?**

**– Leto II para Hwi Noree, Sua Voz: Dar-es-Balat**

Miles Teg acordou na escuridão e se viu carregado em uma padiola, apoiada por suspensores. Pelo brilho débil de energia, ele era capaz de ver os pequenos bulbos suspensores em uma fileira que pendia à sua volta.

Havia uma mordaca em sua boca. Suas mãos estavam fortemente amarradas atrás das costas. Seus olhos permaneciam descobertos.

*Então eles se importam com o que eu veja.*

Teg não sabia *quem* eles eram. O oscilar dos formatos escuros ao redor dele sugeria que estavam descendo um terreno desnivelado. Uma trilha? A padiola seguia de maneira suave sobre os suspensores. Ele percebia o fraco zumbido dos suspensores quando seu grupo parou para discutir sobre como contornar uma passagem difícil.

De vez em quando, através de alguma obstrução, ele conseguia vislumbrar uma luz tremulando à frente. Logo eles entraram na área iluminada e pararam. Ele viu um único luciglobo a cerca de três metros acima do chão, amarrado em uma estaca e movendo-se

suavemente com a brisa gélida. Com o brilho amarelado, ele discerniu uma cabana no centro de uma clareira lamacenta e notou várias trilhas pisoteadas na neve. Viu arbustos e algumas árvores esparsas ao redor da clareira. Alguém passou o feixe de uma lanterna brilhante pelo rosto dele. Nada foi dito, mas Teg discerniu um aceno em direção à cabana. Ele raramente vira uma estrutura tão dilapidada quanto aquela. Parecia prestes a cair ao menor toque. Ele apostou consigo mesmo que o teto tinha goteiras.

Mais uma vez, seu grupo cambaleou ao entrar em movimento, balançando-o na direção da cabana. Ele estudou seus acompanhantes na luz turva: rostos protegidos até os olhos por uma cobertura que obscurecia as bocas e os queixos. Capuzes escondiam seus cabelos. Suas vestimentas eram volumosas e escondiam os detalhes dos corpos, exceto pela articulação geral dos braços e pernas.

O luciglobo amarrado na estaca se apagou.

Uma porta se abriu na cabana, lançando um brilho intenso sobre a clareira. Sua escolta o empurrou para dentro e lá o deixou. Ele ouviu a porta se fechar atrás de si.

Depois de tanto tempo na escuridão, o brilho interno quase chegava a cegar. Teg piscou até seus olhos se adaptarem à mudança. Com um sentimento estranho de que aquilo não se passava com ele, Teg olhou ao seu redor. Ele esperava que o interior da cabana fosse semelhante ao exterior, mas estava diante de um cômodo elegante, quase sem mobiliário: apenas três cadeiras, uma mesa pequena e... deu um suspiro profundo: uma sonda ixiana! Será que eles não captaram o odor do shere em seu hálito?

Se estivessem tão desinformados assim, podiam usar a sonda. Seria uma agonia para ele, mas nada extrairiam de sua mente.



Algo estalou atrás de si e ele ouviu uma movimentação. Três pessoas caminharam até seu campo de visão e enfileiraram-se ao redor do pé da liteira. Elas o encararam silenciosamente. Teg dirigiu sua atenção aos três. A pessoa à esquerda dele vestia um trajestilador escuro, com as lapelas abertas. Era do sexo masculino. Tinha o rosto mais quadrado que Teg já vira entre os nativos de Gammu – olhos pequenos, redondos e reluzentes que trespassavam Teg. Era o rosto de um inquisidor, o rosto de alguém que não se emocionava com a agonia de outrem. Os Harkonnen importaram vários deles em sua época. Tipos com um propósito único, capazes de infligir dor sem a menor mudança de expressão.

Aquele que estava diretamente aos pés de Teg vestia roupas volumosas em preto e cinza, similares às aquelas de sua escolta, mas o capuz estava jogado para trás, revelando uma face suave, sob um cabelo grisalho cortado bem rente. Seu rosto nada indicava e suas roupas pouco revelavam. Não havia como distinguir se era homem ou mulher. Teg memorizou o rosto: testa larga, queixo quadrado, grandes olhos verdes sobre um nariz aquilino; a boca era pequena e estava franzida, formando uma expressão de desgosto.

O terceiro membro desse grupo chamou a atenção de Teg por mais tempo: alto, um trajestilador negro de alfaiataria requintada com um paletó escuro e austero sobre ele. O caimento era perfeito. Caro. Sem distinções nem insígnias. Definitivamente, era do sexo masculino. Transparecia tédio e isso deu a Teg a chance de rotulá-lo. Seu rosto era estreito e arrogante, os olhos castanhos, a boca de lábios finos. Tédio, tédio, tédio! Tudo ali era uma demanda injustificável de seu tempo importantíssimo. Ele tinha negócios cruciais a serem resolvidos e aqueles outros dois, aqueles subordinados, deviam saber disso.

*Aquele, pensou Teg, é o observador oficial.*

O entediado fora enviado pelos senhores daquele lugar para assistir e relatar o que vira. Onde estava sua maleta de dados? Ah, sim: lá estava, escorada em uma parede atrás dele. Aquelas maletas eram um crachá para esse tipo de funcionário. Em suas rondas de inspeção, Teg vira aquelas pessoas caminhando pelas ruas de Ysai e outras cidades de Gammu. Maletas pequenas e finas. Quanto mais importante o funcionário, menor a maleta. A dele não conteria mais do que alguns carretéis de dados e um diminuto olho-com minúsculo. Ele jamais andaria sem um olho para conectá-lo a seus superiores. Maleta fina: era um funcionário importante.

Teg se viu imaginando o que o observador diria se ele perguntasse: “O que você vai dizer a eles sobre minha postura?”.

A resposta já estava expressa naquela face entediada. Ele nem responderia. Não estava ali para responder. Quando esse aí sair, pensou Teg, caminhará a passos largos. Sua atenção se voltará para longe, onde apenas ele conhece os poderes que o esperam. Baterá com a maleta na perna para lembrar a si mesmo de sua importância e chamará a atenção dos outros para sua insígnia de autoridade.

A figura volumosa aos pés de Teg falou, uma voz dominadora e definitivamente feminina naqueles tons vibrantes.

– Vê como ele se refreia e observa-nos? O silêncio não vai dobrá-lo. Disse isso a vocês antes de entrarmos. Vocês desperdiçam nosso tempo e isso não temos a dispor para tamanha bobagem.

Teg a encarou. Algo vagamente familiar naquela voz. Ela tinha algo daquela qualidade dominadora encontrada em uma Reverenda Madre. Como era possível?

O sujeito com o rosto pesado de um cidadão de Gammu assentiu.

– A senhora está certa, Matrena, mas não sou em quem dá as ordens por aqui.

*Matrena?*, Teg se perguntou. *Nome ou título?*

Ambos olharam para o funcionário. Ele, por sua vez, virou-se e se inclinou na direção de sua maleta de dados. Removeu um pequeno com-olho de dentro dela e permaneceu com a tela escondida dos companheiros e de Teg. O olho se iluminou com um brilho verde, o qual lançou uma iluminação fraca sobre as feições do observador. Seu sorriso autoimportante desapareceu. Ele moveu os lábios silenciosamente, palavras formadas apenas para aqueles que estivessem naquele olho as vissem.

Teg escondeu sua habilidade de ler lábios. Qualquer pessoa treinada pelas Bene Gesserit era capaz de realizar leitura labial de quase todos os ângulos onde estivessem visíveis. Aquele homem falava uma versão de galach arcaico:

– É o bashar Teg, sem dúvidas – disse ele. – Já o identifiquei.

A luz verde dançava no rosto do funcionário enquanto ele fitava o olho. Não importava quem fosse a pessoa com quem ele se comunicava, se aquela luz significasse alguma coisa, demonstrava que ela estava agitada.

Novamente, os lábios do funcionário se moveram sem emitir som:

– Nenhum de nós duvida de que ele foi condicionado contra dor e sinto o odor de shere nele. Ele irá...

Ele ficou em silêncio assim que a luz verde dançou uma vez mais em sua face.

– Não estou dando desculpas. – Seus lábios pronunciaram as palavras em galach arcaico, com todo cuidado. – Os senhores

sabem que daremos o nosso melhor, mas recomendo que procuremos com vigor todas as outras formas de interceptar o gholá.

A luz verde se apagou.

O funcionário prendeu o olho em sua cintura, virou-se na direção de seus companheiros e assentiu com a cabeça.

– A sonda-T – disse a mulher.

Eles posicionaram a sonda sobre a cabeça de Teg.

*Ela chamou de sonda-T,* pensou Teg. Ele olhou na direção do capuz enquanto eles traziam a sonda até ele. Não havia nenhum selo ixiano na coisa.

Teg experimentou um estranho sentimento de *déjà-vu*. Ele sentiu que seu próprio cativeiro já ocorrera muitas vezes antes. Não era o *déjà-vu* de um incidente isolado, era um reconhecimento profundamente familiar: o cativo e os interrogadores: aqueles três... a sonda. Ele sentiu como se tivesse sido esvaziado. Como podia conhecer aquele momento? Ele jamais empregara pessoalmente uma sonda, mas estudara seu uso minuciosamente. As Bene Gesserit frequentemente usavam dor, mas se confiavam, na maioria das vezes, nas Proclamadoras da Verdade. Muito além disso, a Irmandade acreditava que alguns equipamentos as colocavam por demasiado sob influência ixiana. Era uma admissão de fraqueza, um sinal de que elas não poderiam viver sem aqueles dispositivos desprezíveis. Teg até mesmo suspeitara de que algo naquela atitude era uma espécie de mal-estar remanescente do Jihad Butleriano, a rebelião contra máquinas que eram capazes de copiar a essência de pensamentos e memórias humanas.

*Déjà-vu!*

A lógica Mentat perguntava a ele: *como posso conhecer este momento?* Ele *sabia* que jamais fora capturado. Era uma ridícula

troca de papéis. O grande Bashar, capturado? Ele quase podia sorrir, mas aquele sentimento profundo de familiaridade persistia.

Seus captores posicionaram o capuz diretamente sobre a cabeça de Teg e, um a um, começaram a soltar os contatos que se assemelhavam aos fios de cabelo de medusa, fixando-os em seu couro cabeludo. O funcionário assistiu ao trabalho de seus companheiros, exibindo alguns sinais de impaciência em uma face que, de outra forma, não exibia emoções.

Teg dividiu a atenção entre os três rostos. Qual deles bancaria o papel de “bonzinho”? Ah, sim: aquela chamada de Matrena. Fascinante. Era um tipo de Honorável Matre? Mas nenhum dos outros se submetia a ela conforme o esperado, pelo menos de acordo com o que Teg ouvira dos Perdidos que retornaram.

Entretanto, aquele era o povo da Dispersão... exceto, possivelmente, pelo homem de rosto quadrado vestindo o trajestilador marrom. Teg estudou a mulher com bastante cuidado: o trecho de cabelos brancos, a postura silenciosa mantida naqueles olhos verdes bem espaçados, o queixo levemente saliente, demonstrando solidez e confiabilidade. Ela fora bem escolhida como “amiga”. O rosto de Matrena era um mapa de respeitabilidade, de alguém em que era possível confiar. Contudo, Teg notou uma qualidade reservada. Ela era a pessoa que observaria cuidadosamente até o momento certo para se envolver. Certamente, ela no mínimo recebera treinamento Bene Gesserit.

*Ou treinada pelas Honoráveis Matres.*

Eles terminaram de fixar os contatos na cabeça dele. O tipo que parecia ser de Gammu posicionou o console da sonda onde todos os três pudessem observar o mostrador. A tela da sonda estava escondida de Teg.

A mulher removeu a mordaça de Teg, confirmando o julgamento dele. Ele moveu a língua ao redor da boca, restaurando a sensação normal. Seu rosto e seu peito ainda estavam um pouco dormentes devido ao atordoador que o derrubara. Quanto tempo se passara desde então? Mas se ele pudesse acreditar nas palavras silenciosas do funcionário, Duncan escapara.

O nativo de Gammu olhou para o observador.

– Pode começar, Yar – disse o funcionário.

*Yar?* Considerou Teg. *Nome curioso.* Quase um som tleilaxu, mas Yar não era um Dançarino Facial... ou um Mestre tleilaxu. Muito grande para ser o primeiro e sem os estigmas do segundo. Como pessoa bem treinada pela Irmandade, Teg se sentiu confiante em relação a essa conclusão.

Yar acionou um controle no console da sonda.

Teg ouviu a si próprio emitir um grunhido de dor. Nada o preparara para tanta dor. Eles deveriam ter ligado aquela máquina diabólica no máximo para o primeiro impacto. Sem dúvidas a respeito disso! Eles sabiam que ele era um Mentat. Um Mentat era capaz de se desligar de algumas demandas da carne, mas essa dor era excruciante! Ele não conseguia escapar. A agonia fez seu corpo inteiro estremecer, ameaçando apagar sua consciência. O shere seria capaz de defendê-lo daquilo?

A dor diminuiu gradualmente até se esvanecer, deixando apenas memórias palpitantes.

De novo!

De repente, ele pensou que a agonia da especiaria deveria ser como aquela para uma Reverenda Madre. Certamente, não poderia existir dor maior. Ele lutou para permanecer em silêncio, mas ouvia a si próprio grunhindo e gemendo. Todas as habilidades que aprendera, Mentat e Bene Gesserit, foram chamadas à ação,

impedindo-o de formar palavras, de implorar pelo fim, de prometer a eles qualquer coisa se eles parassem.

Mais uma vez a agonia retrocedeu e emergiu.

– Chega! – disse a mulher. Teg buscou pelo nome. *Matrena?*

Yar falou em uma voz contrariada:

– Ele está entupido de shere, o suficiente para durar um ano, pelo menos. – Ele apontou para o console. – Nada.

Teg respirou em suspiros curtos. A agonia! Continuava a aumentar apesar dos pedidos da Matrena.

– Eu disse “chega”! – bradou Matrena.

*Tanta sinceridade*, pensou Teg. Ele sentiu a dor diminuir, esvaindo-se como se cada um de seus nervos fossem retirados de seu corpo, puxados como filamentos de uma agonia memorizada.

– O que fazemos está errado – disse Matrena. – Este homem é...

– Como qualquer outro – retrucou Yar. – Posso acoplar o contato especial no pênis dele?

– Não enquanto eu estiver aqui! – bradou Matrena.

Teg sentiu-se quase acreditando na sinceridade dela. O último dos filamentos de agonia deixou sua carne e ele ficou ali, sentindo-se como se tivesse sido suspenso da superfície que o apoiava. A sensação de *déjà-vu* continuava. Ele estava ali e não estava ali. Ele estivera ali e não estivera.

– Eles não vão gostar se falharmos – retrucou Yar. – Você está preparada para encará-los depois de outro fracasso?

Matrena balançou a cabeça bruscamente. Inclinou-se para levar a face até o campo de visão de Teg, através dos contatos de medusa enredados da sonda.

– Bashar, desculpe-me pelo que fazemos. Acredite em mim. Isto não é obra minha. Por favor, acho tudo isso repugnante. Diga-nos o que precisamos saber para que possamos deixá-lo mais confortável.

Teg sorriu para ela. Ela era boa! Ele desviou o olhar para o funcionário que os observava.

– Diga a seus senhores isso de minha parte. Ela é muito boa no que faz.

O sangue enrubesceu a face do funcionário. Ele escarneceu:

– Dê-lhe o máximo, Yar. – Sua voz era de um tenor entrecortado sem qualquer sinal daquele treinamento profundo aparente na voz de Matrena.

– Por favor! – disse Matrena. Ela se retesou, mas manteve a atenção nos olhos de Teg.

As professoras Bene Gesserit de Teg o ensinaram: “Atenção nos olhos! Observe como eles mudam de foco. Enquanto o foco se move para fora, a percepção se move para dentro”.

Ele focou os olhos deliberadamente no nariz dela. Não era um rosto feio. Bem distinto. Ele se perguntou que tipo de corpo estaria debaixo daquelas roupas volumosas.

– Yar! – Gritou o funcionário.

Yar ajustou algo no console e ativou um interruptor.

A agonia que trespassou Teg naquele momento fez com que o nível anterior parecesse, de fato, brando. Um estranho esclarecimento acompanhou a nova dor. Teg se viu quase capaz de remover sua percepção daquela intrusão. Toda aquela dor acontecia com outra pessoa. Ele encontrara um abrigo onde nada o tocava. Havia dor. Até agonia. Aceitou as informações que chegavam até ele sobre aquelas sensações. Isso era, em parte, efeito do shere, claro. Ele sabia disso e estava agradecido.

Ouviu-se a voz de Matrena:

– Acho que o estamos perdendo. Melhor diminuir.

Outra voz respondeu, mas o som desvaneceu-se antes que Teg pudesse identificar as palavras. Ele percebeu, abruptamente, que



não tinha mais ponto de ancoragem para sua percepção. Calmaria! Ele pensou ter ouvido seu coração bater rapidamente, apavorado, mas não tinha certeza. Tudo era calmaria, uma quietude profunda e nada além dela.

*Ainda estou vivo?*

Ele encontrou, então, a batida de um coração, mas não tinha certeza que era o dele próprio. *Tum-tum! Tum-tum!* Era uma sensação de movimento e não de som. Ele não era capaz de se fixar na fonte.

*O que está acontecendo comigo?*

Palavras em um branco fulgurante contra um fundo negro brincavam diante de seus centros visuais.

– Voltei para um terço.

– Deixe assim. Veja se descobrimos alguma coisa por meio de suas reações físicas.

– Ele ainda pode nos ouvir?

– Não conscientemente.

Nenhuma das instruções de Teg o informara que uma sonda era capaz de fazer seu trabalho maligno na presença de shere. Contudo, eles a haviam chamado de sonda-T. Será que as reações corporais poderiam revelar informações sobre pensamentos suprimidos? Havia revelações a serem exploradas por meios físicos?

Mais uma vez, palavras jogadas na direção do campo visual de Teg:

– Ele ainda está isolado?

– Completamente.

– Certifique-se. Aprofunde um pouco mais.

Teg tentou elevar a consciência acima dos medos.

*Preciso permanecer no controle!*

O que seu corpo revelaria se Teg perdesse o controle sobre ele? Ele era capaz de imaginar o que eles estavam fazendo e sua mente registrou o pânico, mas sua carne não conseguia senti-lo.

*Isole o sujeito. Não dê a ele um lugar para acomodar sua identidade.*

Quem havia dito isso? Alguém. A sensação de *déjà-vu* retornou com força total.

*Sou um Mentat*, Teg lembrou a si mesmo. *Minha mente e seu funcionamento são meu centro*. Ele possuía experiências e memórias sobre as quais um centro podia depender.

A dor retornou. Sons. Altos! Muito altos!

– Ele está ouvindo de novo. – Este era Yar.

– Como? – A voz de tenor do funcionário.

– Talvez você tenha ajustado para muito baixo. – Matrena.

Teg tentou abrir os olhos. As pálpebras não lhe obedeciam. Então ele se lembrou. Eles a chamaram de sonda-T. Não era um dispositivo ixiano. Era algo da Dispersão. Ele foi capaz de identificar onde o dispositivo assumira seus músculos e sentidos. Era como se outra pessoa compartilhasse de sua carne, antecipando seus próprios padrões de reação. Ele se permitiu seguir o funcionamento das intrusões daquela máquina. Era um dispositivo infernal! Podia comandá-lo a piscar, expelir gases, defecar, urinar... qualquer coisa. Podia comandar seu corpo como se ele não pensasse em seu próprio comportamento. Ele fora relegado ao papel de observador.

Odores o atacaram, odores repugnantes. Ele não conseguia comandar a si mesmo para fazer uma careta, mas pensou em fazer uma. Foi o suficiente. Aqueles odores foram suscitados pela sonda. Estava brincando com os sentidos dele e aprendendo com isso.

– Já temos o suficiente para produzir um relatório sobre ele? – O funcionário com voz de tenor.

- Ele ainda nos ouve! – Yar.
- Malditos sejam todos os Mentats! – Matrena.
- Dit, Dat e Dot – disse Teg, nomeando as marionetes do show de inverno de sua infância, no longínquo passado de Lernaesus.
- Ele está falando! – O funcionário.

Teg sentiu sua percepção ser bloqueada pela máquina. Yar estava fazendo algo no console. Ainda assim, o bashar sabia que sua própria lógica Mentat lhe informara algo vital: esses eram três marionetes. Apenas os titereiros eram importantes. Como as marionetes se moviam... isso informava o que os titereiros faziam.

A sonda continuava a intrusão. Apesar da força aplicada, Teg sentia sua percepção se igualar à máquina. Ela aprendia com ele, mas ele também aprendia com ela.

Naquele momento, ele entendeu. Todo o espectro de seus sentidos era copiado na sonda-T e identificado, rotulado para que Yar os encontrasse quando necessário. Existia uma corrente orgânica de respostas dentro de Teg. A máquina seria capaz de traçar uma cópia como se fosse uma duplicata dele. O shere e a resistência Mentat desviaram os buscadores de suas memórias, mas todo o resto podia ser copiado.

*Isto não vai pensar como eu, ele se assegurou.*

A máquina não seria a mesma coisa que seus nervos e sua carne. Não teria as memórias nem as experiências de Teg. Não havia nascido de uma mulher. Nunca atravessara um canal de parto e emergira naquele universo estonteante.

Parte da percepção de Teg aplicava um marcador de memória, informando-o de que aquela observação revelava algo sobre o gholá.

*Duncan fora decantado em um tanque axolotle.*

A observação veio a Teg acompanhada de uma mordida ácida, aguda e repentina, em sua língua.

*A sonda-T outra vez!*

Teg se permitiu fluir por percepções múltiplas e simultâneas. Ele seguiu o trabalho da sonda-T e continuou a explorar essa observação sobre o ghola, e durante todo esse intervalo ele ouvia Dit, Dat e Dot. As três marionetes estavam estranhamente caladas. Sim, esperando que a sonda-T completasse a tarefa.

*O ghola:* Duncan era uma extensão de células que havia nascido de uma mulher inseminada por um homem.

*Máquina e ghola!*

*Observação: a máquina não podia compartilhar aquela experiência de nascimento, exceto em uma forma substituta e remota, que certamente deixaria de lado nuances pessoais importantes.*

Exatamente como estava perdendo outras coisas dentro dele naquele instante.

A sonda-T repetia odores. A cada odor induzido, memórias revelavam sua presença na mente de Teg. Ele sentiu a alta velocidade da sonda-T, mas sua própria percepção vivia fora daquela busca desenfreada, capaz de emaranhá-lo por quanto tempo ele desejasse nas memórias que eram suscitadas.

*Ali!*

Era a cera quente que ele derramara sobre sua mão esquerda quando tinha 14 anos e ainda era um estudante na escola Bene Gesserit. Recordou-se da escola e do laboratório como se sua única existência fosse ali, naquele momento. *A escola é um anexo da Casa Capitular.* Por ter sido admitido ali, Teg sabia que tinha o sangue de Siona correndo em suas veias. Nenhum presciente seria capaz de localizá-lo ali.

Ele viu o laboratório e sentiu o cheiro da cera: um composto de ésteres artificiais e produtos naturais de abelhas mantidas por Irmãs fracassadas e suas ajudantes. Ele direcionou sua memória para um momento em que observava abelhas e pessoas trabalhando nos pomares de macieiras.

O funcionamento da estrutura social das Bene Gesserit parecia muito complicado enquanto não fosse examinado até chegar a suas necessidades: alimentação, vestuário, aquecimento, comunicação, aprendizagem, proteção contra os inimigos (um subconjunto do instinto de sobrevivência). A sobrevivência das Bene Gesserit exigia algumas mudanças para que fosse compreendida. Elas não procriavam pelo bem da humanidade em geral. Nada de envolvimento racial não monitorado! Elas procriavam para estender seus próprios poderes, para dar continuidade às Bene Gesserit, julgando que isso era um serviço suficiente para a humanidade. Talvez fosse. A motivação de perpetuar a espécie era profunda e a Irmandade era meticulosa.

Um novo odor o atacou.

Reconheceu a lã molhada de suas roupas enquanto voltava da cápsula de comando, após a Batalha de Ponciard. O cheiro invadiu suas narinas e suscitou o ozônio dos instrumentos da cápsula, o suor dos outros ocupantes. Lã! A Irmandade sempre achara isso um pouco estranho da parte dele, a forma como preferia tecidos naturais e evitava os sintéticos produzidos em fábricas de prisioneiros.

Tanto quanto ele apreciava as cãodeiras.

*Não gosto dos cheiros de opressão de forma alguma.*

Será que aqueles marionetes, Dit, Dat e Dot, sabiam quão oprimidos eles próprios viviam?

A lógica Mentat desdenhou dele. Tecidos de lã também não eram produtos de fábricas com mão de obra cativa?

Era diferente.

Parte dele argumentava ao contrário. Sintéticos podiam ser armazenados quase indefinidamente. Repare como eles duraram nos silos de nulentropia do não globo Harkonnen.

– Ainda prefiro lã e algodão!

*Assim seja!*

– Mas como cheguei a esta preferência?

*É um preconceito Atreides. Você o herdou.*

Teg deixou os odores de lado e se concentrou no movimento total da sonda intrusiva. Logo percebeu que podia antecipá-la. Era um novo músculo. Ele permitiu a si mesmo flexioná-lo enquanto continuava a examinar as memórias induzidas em busca de informações valiosas.

*Sento-me à porta da minha mãe em Lernaesus.*

Teg removeu parte de sua percepção e assistiu à cena: 11 anos de idade. Ele conversa com uma pequena acólita Bene Gesserit que fazia parte da comitiva de Alguém Importante. A acólita é diminuta, com o cabelo em tom loiro acobreado e rosto de boneca. Nariz arrebitado, olhos verde-acinzentados. Essa Alguém Importante é uma Reverenda Madre em um manto negro, de aparência notoriamente anciã. Ela entrara pela porta com a mãe de Teg. A acólita, que se chama Carlana, usa suas habilidades incipientes no filho jovem da casa.

Antes que Carlana pronuncie vinte palavras, Miles Teg reconhece o padrão. Ela tenta extrair informações dele! Essa fora uma das primeiras lições de dissimulação sutil que sua mãe o ensinara. Havia, afinal, pessoas que poderiam questionar um garoto sobre a residência de uma Reverenda Madre, esperando, desse modo,

conseguir informações que possam ser revendidas. Sempre existe um mercado para dados acerca das Reverendas Madres.

Sua mãe explicara:

“Julgue aquele que indaga e ajuste suas respostas de acordo com as suscetibilidades de tal pessoa”.

Nada disso serviria contra uma Reverenda Madre plena, mas contra uma acólita sim, especialmente aquela.

Para Carlana, ele desenvolve uma aparência de relutância tímida. Carlana tem uma visão inflada de seus próprios atrativos. O garoto permite que ela supere a relutância dele depois de a jovem arregimentar suas forças. O que ela recebe de volta é um punhado de mentiras, as quais, se alguma vez repetidas para a Alguém Importante detrás daquela porta fechada, certamente garantirão a Carlana uma censura severa, se não algo ainda mais doloroso.

*Palavras de Dit, Dat, e Dot:*

– Acho que agora o temos sob controle.

Teg reconheceu a voz de Yar, arrancando-o de suas antigas memórias. *“Ajuste suas respostas de acordo com as suscetibilidades.”* Teg ouviu as palavras na voz de sua mãe.

*Marionetes.*

*Titereiros.*

O funcionário fala:

– Pergunte ao simulador para onde levaram o gholá.

Silêncio seguido de um zumbido fraco.

– Não obtenho resposta alguma – disse Yar.

Teg ouve as vozes com uma sensibilidade dolorosa. Ele força seus olhos a se abrirem apesar dos comandos opostos da sonda.

– Vejam! – Yar indicou.

Três pares de olhos fitaram Teg. Como ele se movia devagar. Dit, Dat e Dot: os olhos piscam... piscam... pelo menos um minuto entre

cada piscar. Yar está procurando algo no console. Seus dedos levarão uma semana para atingir o destino.

Teg explora as amarras de suas mãos e braços. Cordas comuns! Tranquilamente, ele contorce os dedos em contato com os nós. Eles começam a se afrouxar, vagarosos no começo, mas depois se soltam. Ele continua até as cintas que o prendem à padiola. Eram ainda mais fáceis: fechos corrediços simples. A mão de Yar nem percorreu um quarto do caminho até o console.

Piscam... piscam... piscam...

Os três pares de olhos demonstram uma tênue surpresa.

Teg se liberta do emaranhado de medusa dos contatos da sonda. *Pop-pop-pop!* Os conectores saem voando dele. Ele se surpreende ao notar o princípio de um sangramento no dorso de sua mão direita onde ele os removera.

Projeção Mentat: *movo-me a uma velocidade perigosa.*

Mas por fim ele se ergue da liteira. O funcionário leva a mão lenta-lenta na direção de uma proeminência em um bolso lateral. A mão de Teg esmaga a garganta do funcionário. O funcionário jamais tocará aquela pequena armalês que sempre carrega. A mão estendida de Yar ainda não está a um terço do caminho para o console da sonda. Contudo, definitivamente há uma surpresa em seus olhos. Teg duvida que o homem tenha visto a mão que lhe quebrou o pescoço. Matrena se move um pouco mais rápido. Seu pé esquerdo vem na direção onde Teg estivera há apenas um instante. Ainda devagar demais! A cabeça de Matrena está jogada para trás, a garganta exposta para o golpe descendente da mão de Teg.

Com que vagareza eles caem no chão!

Teg tomou ciência do suor que escorria de si mesmo, mas não tinha tempo para desperdiçar pensando nisso.



*Eu sabia cada movimento que eles faziam antes que o executassem! O que aconteceu comigo?*

Projeção Mentat: *a agonia da sonda me elevou a um novo nível de habilidade.*

Dores intensas de fome o fizeram perceber o gasto de energia. Ele isolou a sensação, percebendo-se retornar ao tempo normal. Três baques surdos: corpos caindo ao chão.

Teg examinou o console da sonda. Definitivamente não era ixiana. Ainda assim, os controles eram similares. Ele provocou um curto-circuito no sistema de armazenamento de dados, apagando-o.

*Luzes do cômodo?*

Os interruptores estavam atrás da porta, do lado de fora. Ele apagou as luzes e inspirou profundamente três vezes. Um borrão rodopiante de movimento irrompeu noite adentro.

Aqueles que o haviam trazido até ali, vestidos em suas roupas volumosas contra o frio invernal, quase não tiveram tempo de se virar na direção do barulho estranho antes que o borrão rodopiante os derrubasse.

Teg voltou ao tempo normal com mais rapidez. A luz das estrelas mostrou a ele uma trilha que levava colina abaixo, por entre arbustos espessos. Ele escorregou e deslizou por um trecho de neve revirada em lama e depois encontrou a forma de se reequilibrar, antecipando o terreno. Cada passo tocava o solo onde ele sabia que deveria prosseguir. Logo ele se viu em um espaço aberto que vislumbrava a extensão de um vale.

As luzes da cidade e um grande prédio negro retangular próximo ao centro. Ele conhecia aquele lugar: Ysai. Os titereiros estavam ali.

*Estou livre!*

**Havia um homem que se sentava todos os dias olhando por uma abertura vertical estreita, de onde uma tábua de madeira fora retirada de uma cerca alta. Todos os dias um asno selvagem do deserto passava pelo outro lado da cerca e podia ser visto através da passagem estreita. Primeiro o focinho, depois a cabeça, as patas da frente, as patas de trás e, por último, o rabo. Certo dia, o homem se levantou com a luz da descoberta em seus olhos e gritou para que todos o ouvissem:**

**– É óbvio! O focinho é a causa do rabo!**

**– Contos da Sabedoria Oculta, da História Oral de Rakis**

Por inúmeras vezes desde sua chegada a Rakis, Odrade se encontrara enredada pela memória daquela antiga pintura que ocupava um lugar tão proeminente na parede dos alojamentos de Taraza, na Casa Capitular. Quando a memória vinha, ela sentia suas mãos formigarem ao toque do pincel. Suas narinas se dilatavam com os odores induzidos de óleos e pigmentos. Suas emoções atacavam a tela. Cada vez, Odrade emergia daquela memória com novas dúvidas de que Sheeana fosse sua tela.

*Qual de nós pinta a outra?*

Acontecera de novo naquela manhã. Ainda estava escuro além da cobertura do Forte rakiano, a qual ela dividia com Sheeana. Uma acólita entrara, pé ante pé, para acordar Odrade e informar que Taraza chegaria em breve. Odrade olhou para cima, para o rosto suavemente iluminado da acólita de cabelos escuros e, de imediato, aquela memória da pintura relampeou em sua percepção.

*Qual de nós realmente cria a outra?*

– Deixe Sheeana dormir mais um pouco – disse Odrade antes de dispensar a acólita.

– A senhora vai tomar o desjejum antes da chegada da Madre Superiora? – perguntou a acólita.

– Esperaremos até que Taraza exprima sua preferência.

Levantando-se, Odrade fez sua toalete depressa e vestiu seu melhor manto negro. Ela então caminhou até a janela leste da sala comum da cobertura e olhou para o exterior, na direção do campo de pouso espacial. As inúmeras luzes que se moviam lançavam um brilho no céu empoeirado daquela região. Ela ativou todos os luciglobos para suavizar a visão exterior. Os globos se tornaram luzes estreladas douradas refletidas no plaz grosso e blindado das janelas. A superfície escura também refletia um esboço turvo de suas próprias feições, mostrando claramente as linhas de fadiga.

*Eu sabia que ela viria*, pensou Odrade.

Ao mesmo tempo em que ela pensava isso, o sol rakiano se ergueu sobre o horizonte obscurecido pela poeira como se a bola cor de laranja de uma criança fosse jogada em seu campo de visão. De imediato se percebeu o aumento de calor que tantos observadores de Rakis mencionaram. Odrade deu as costas para a vista e observou a porta da sala se abrindo.

Taraza entrou farfalhando o manto. A mão de outra pessoa fechou a porta do outro lado, deixando-as a sós. A Madre Superiora avançou na direção de Odrade, com o capuz negro a lhe emoldurar o rosto. Não era uma visão reconfortante.

Reconhecendo a perturbação em Odrade, Taraza jogou com ela:

– Bem, Dar, finalmente nos encontramos como estranhas.

O efeito das palavras de Taraza sobressaltou Odrade. Ela interpretou a ameaça corretamente, mas o medo a abandonou,

esvaindo-se como se fosse água derramada de uma jarra. Pela primeira vez em sua vida, Odrade reconheceu o momento preciso de cruzar um divisor de águas. Era uma linha de cuja existência, pensava ela, poucas Irmãs suspeitavam. Ao cruzá-la, ela percebeu que sempre soubera onde o divisor estava: um lugar onde ela pudesse entrar no vazio e flutuar livremente. Ela já não estava mais vulnerável. Podia ser assassinada, mas não podia ser vencida.

– Então não somos mais Dar e Tar – observou Odrade.

Taraza ouviu o tom da voz de Odrade claro e desinibido e o interpretou como confiança.

– Talvez nunca tenhamos sido Dar e Tar – disse ela, com a voz gélida. – Vejo que você pensa que foi muito inteligente.

*A batalha se inicia, pensou Odrade. Mas não estou no caminho de seu ataque.*

Odrade falou:

– As alternativas à aliança com os Tleilaxu eram inaceitáveis. Especialmente quando reconheci aquilo que você realmente buscava para nós.

De súbito, Taraza se sentiu esgotada. Fora uma longa viagem, apesar dos saltos nas dobras do espaço de sua não nave. A carne sempre reconhecia quando era retorcida para além de seus ritmos familiares. Ela escolheu um divã macio e sentou-se nele, suspirando no conforto luxuoso.

Odrade reconheceu a fadiga da Madre Superiora e sentiu empatia imediata. Repentinamente, elas eram duas Reverendas Madres com problemas comuns.

Taraza, obviamente, sentiu o mesmo. Ela amaciou a almofada atrás de si e esperou que Odrade se sentasse.

– Devemos preservar a Irmandade – disse Taraza. – É a única coisa importante.

– É claro.

Taraza fixou o olhar em busca das características familiares de Odrade. *Sim, Odrade também está cansada.*

– Você ficou aqui, intimamente tocando essas pessoas e esse problema – falou Taraza. – Eu quero... não, Dar, eu *preciso* de seus pontos de vista.

– Os Tleilaxu aparentam estar cooperando totalmente – disse Odrade –, mas há dissimulação nisso. Algumas questões perturbadoras começaram a me intrigar.

– Tais como?

– E se os tanques axolotles não forem... tanques?

– O que você quer dizer?

– Waff revela os tipos de comportamento que percebemos quando uma família tenta esconder uma criança deformada ou um tio louco. Juro a você, ele fica encabulado sempre que começamos a falar nos tanques.

– Mas o que eles poderiam...?

– Mães de aluguel.

– Mas elas teriam que ser... – Taraza caiu em silêncio, chocada pelas possibilidades que essa pergunta abria.

– Quem já viu uma mulher tleilaxu? – perguntou Odrade.

A mente de Taraza se encheu de objeções:

– Mas os controles químicos precisos, a necessidade de limitar variáveis... – Ela lançou o capuz para trás e balançou os cabelos recém-libertados. – Você está certa: devemos questionar tudo. Entretanto, isso... isso é monstruoso.

– Ele ainda não contou toda a verdade sobre o ghola.

– O que ele diz?

– Nada mais do que já relatei: uma variação do Duncan Idaho original que reúne todos os requisitos prana-bindu que

especificamos.

– Isso não explica por que eles mataram ou tentaram matar nossas compras anteriores.

– Ele jura pelo que há mais sagrado da Grande Crença que eles assim agiram por vergonha, porque os onze gholas anteriores não corresponderam às nossas expectativas.

– Como ele sabe? Ele sugere que mantém espiões entre...

– Ele jura que não. Forcei o assunto e ele respondeu que um ghola bem-sucedido certamente criaria uma perturbação visível entre nós.

– Que tipo de perturbação visível? O que ele está...

– Ele não responde. Todas as vezes ele retoma o argumento de que eles cumpriram suas obrigações contratuais. Onde está o ghola, Tar?

– O que... ah, em Gammu.

– Ouvi boatos de que...

– Burzmali tem a situação sob controle. – Taraza fechou a boca com força, esperando que essa fosse a verdade. O relatório mais recente não lhe forneceu confiança suficiente.

– Vocês obviamente estão discutindo se vão matar o ghola – disse Odrade.

– Não apenas o ghola!

Odrade sorriu.

– Então é verdade que Bellonda deseja que eu seja permanentemente eliminada.

– Como você...

– Amizades podem ser um recurso muito valioso em determinadas ocasiões, Tar.

– Você trilha sobre um solo perigoso, Reverenda Madre Odrade.

– Mas não titubeio, Madre Superiora Taraza. Penso longamente sobre as coisas que Waff me revelou sobre aquelas Honoráveis Matres.

– Conte-me alguns dos seus pensamentos. – Havia uma determinação implacável na voz de Taraza.

– Não nos deixemos enganar – disse Odrade. – Elas ultrapassaram as habilidades sexuais de nossas Impressoras.

– Meretrizes!

– Sim, elas empregam suas habilidades de maneira fatal a si mesmas e outras. Elas estão cegas diante do próprio poder.

– Esse foi o escopo máximo a que chegaram seus longos e laboriosos pensamentos?

– Diga-me, Tar, por que eles atacaram e destruíram nosso Forte em Gammu?

– Obviamente porque perseguiram nosso ghola Idaho, para capturá-lo ou matá-lo.

– Por que isso seria tão importante para eles?

– O que você está insinuando? – indagou Taraza.

– Será que as *meretrizes* agiram de acordo com informações reveladas a elas pelos Tleilaxu? Tar, e se o elemento secreto que o pessoal de Waff introduziu em nosso ghola é algo que o transforme em um equivalente masculino das Honoráveis Matres?

Taraza tapou a boca com a mão e logo a deixou cair, assim que percebeu o quanto aquele gesto revelava. Era tarde demais. Não importava. Elas ainda eram duas Reverendas Madres juntas.

Odrade continuou:

– E ordenamos Lucilla a torná-lo irresistível à maioria das mulheres.

– Há quanto tempo os Tleilaxu negociam com essas meretrizes? – perguntou Taraza.

Odrade deu de ombros:

– Eis uma pergunta melhor: há quanto tempo eles negociam com seus próprios Perdidos retornados da Dispersão? Tleilaxu fala com Tleilaxu e muitos segredos podem ter sido revelados.

– Uma percepção brilhante da sua parte – disse Taraza. – A seu ver, qual é a probabilidade disso?

– Quanto a isso, você sabe tanto quanto eu. Explicaria muitas coisas.

Taraza falou com amargor:

– O que você acha de sua aliança com os Tleilaxu agora?

– Mais necessária do que nunca. Temos que ficar no centro disso. Devemos estar onde podemos influenciar aqueles que disputam.

– Abominação! – Taraza exclamou.

– O quê?

– Esse gholá é um dispositivo de gravação com forma humana. Eles o plantaram em nosso meio. Se os Tleilaxu colocarem as mãos nele saberão muito sobre nós.

– Seria uma atitude canhestra.

– E típico deles!

– Concordo que existem outras implicações em nossa situação – disse Odrade. – Mas tais argumentos apenas me dão a certeza de que não devemos ousar matar o gholá até que nós mesmas o examinemos.

– Então poderá ser tarde demais! Maldita seja essa sua aliança, Dar! Você deu a eles uma chance de nos controlar... e deu a nós uma chance de controlá-los, e nenhum de nós ousa romper a aliança.

– Não é a aliança perfeita?

Taraza suspirou.



– Em quanto tempo devemos fornecer a eles o acesso às informações de nosso programa de reprodução?

– Logo. Waff está pressionando sobre essa questão.

– E aí veremos seus... tanques axolotles?

– Essa é, obviamente, a direção na qual estou caminhando. Ele concordou com relutância.

– Cada vez mais presos um ao outro – resmungou Taraza.

Com um tom de completa inocência, Odrade disse:

– Uma aliança perfeita, exatamente como eu disse.

– Maldição, maldição, maldição – Taraza resmungou. – E Teg despertou as memórias originais do ghola.

– Mas será que Lucilla...

– Eu não sei! – Taraza se virou para Odrade com uma expressão austera e recontou os relatórios mais recentes de Gammu: Teg e seu grupo foram localizados, de acordo com os relatos mais resumidos e nenhum destes vieram de Lucilla; planos foram traçados para extraí-los.

Suas próprias palavras produziram uma imagem perturbadora na cabeça de Taraza. O que era aquele ghola? Elas sempre souberam que os Duncan Idahos não eram simples gholas. Mas agora, com o aumento das capacidades nervosas e musculares, somado ao elemento desconhecido que os Tleilaxu introduziram, era como segurar uma clava em chamas. Sabe-se que precisará usar a clava para a própria sobrevivência, mas as chamas se aproximam a uma velocidade aterradora.

Odrade falou em um tom profundo:

– Você já tentou imaginar o que deve ser para um ghola acordar de repente em uma carne renovada?

– O quê? O que você quer...

– Compreender que seu corpo cresceu das células de um cadáver – disse Odrade. – Ele se lembra da própria morte.

– Os Idahos nunca foram pessoas comuns – respondeu Taraza.

– A mesma coisa pode ser dita dos Mestres tleilaxu.

– O que você quer dizer?

Odrade massageou a própria testa, valendo-se de um instante para reorganizar seus pensamentos. Isso era tão difícil de discutir com alguém que rejeitava afeição, alguém que partia com um impulso de um núcleo de raiva. Taraza não tinha... não tinha *empatia*. Ela não era capaz de se colocar na pele e nos sentidos de outra pessoa, a menos que isso fosse um exercício de lógica.

– O despertar de um ghola deve ser uma experiência devastadora – disse Odrade, abaixando a cabeça. – Apenas aqueles com grande resiliência mental poderiam sobreviver.

– Assumimos que os Mestres tleilaxu são mais do que aparentam ser.

– E os Duncan Idahos?

– Obviamente. Por que outro motivo o Tirano os comprava dos Tleilaxu?

Odrade notou que a argumentação era inútil. Ela disse:

– Os Idahos foram notoriamente leais aos Atreides e devemos lembrar que eu sou Atreides.

– Você acha que a lealdade vai ligá-lo a você?

– Especialmente depois que Lucilla...

– Pode ser muito perigoso!

Odrade reclinou-se em um canto do divã. Taraza queria certezas. E as vidas dos gholas seriais eram como *mélange*, apresentando um sabor diferente em ambientes diferentes. Como elas podiam ter qualquer certeza sobre aquele ghola?

– Os Tleilaxu se intrometem com as forças que produziram nosso Kwisatz Haderach – murmurou Taraza.

– Você acha que é por isso que eles querem nossos arquivos sobre reprodução?

– Não sei. Maldita seja, Dar! Você ainda não percebeu o que fez?

– Acho que não tive escolha – disse Odrade.

Taraza esboçou um sorriso frio. O desempenho de Odrade permanecia magnífico, mas ela precisava ser colocada em seu lugar.

– Você acha que eu faria o mesmo? – perguntou Taraza.

*Ela ainda não percebeu o que aconteceu comigo*, pensou Odrade. Taraza esperava que sua dócil Odrade agisse com independência, mas a extensão dessa independência abalara o Alto Conselho. Taraza se recusara a ver como suas próprias mãos estavam metidas nisso.

– Prática costumeira – disse Odrade.

As palavras atingiram Taraza como um tapa na cara. Apenas o treinamento duro da vida de uma Bene Gesserit a impediu de partir com violência para cima de Odrade.

*Prática costumeira!*

Quantas vezes a própria Taraza revelara que isso era uma fonte de irritação, uma incitação constante a sua irritação cuidadosamente contida? Odrade ouvira isso várias vezes.

Então Odrade citou a Madre Superiora:

– Hábitos imutáveis são perigosos. Inimigos podem encontrar um padrão e usá-lo contra você.

As palavras de Taraza saíram forçadas:

– Isso é uma fraqueza, concordo.

– Nossos inimigos pensaram que conheciam nossas doutrinas – disse Odrade. – Mesmo a senhora, *Madre Superiora*, pensou que

conhecia os limites dentro dos quais eu atuaria. Eu era como Bellonda. Antes mesmo que falasse, a senhora sabia o que ela diria.

– Será que cometemos um equívoco ao promover a mim e não a você? – perguntou Taraza. Ela falou com a fidelidade mais profunda.

– Não, Madre Superiora. Trilhamos por um caminho arriscado, mas ambas percebemos onde devemos seguir.

– Onde está Waff agora? – perguntou Taraza.

– Dormindo e bem vigiado.

– Convoque Sheeana. Devemos decidir se abortamos aquela parte do projeto.

– E assumimos nossos erros?

– Como queira, Dar.

Sheeana ainda estava sonolenta e esfregava os olhos quando apareceu na sala comum, mas obviamente se dera ao trabalho de jogar uma água no rosto e se vestir em um manto alvo e limpo. Seu cabelo ainda estava úmido.

Taraza e Odrade permaneceram próximas à janela voltada para o leste com as costas viradas para a luz.

– Esta é Sheeana, Madre Superiora – disse Odrade.

Sheeana entrou em alerta máximo e suas costas se retesaram de forma abrupta. Ela ouvira sobre aquela mulher poderosa, essa Taraza que governava a Irmandade de uma cidadela distante chamada Casa Capitular. A luz do sol resplandecia pela janela atrás das duas mulheres, reluzindo em cheio no rosto de Sheeana, ofuscando-a. A luz deixava os rostos das duas Reverendas Madres parcialmente obscuros, os contornos escuros de suas figuras ondulavam em tal brilho.

Instrutoras acólitas a haviam preparado para o encontro:

– Fique de pé em prontidão diante da Madre Superiora e fale respeitosamente. Responda apenas quando ela se dirigir a você.

Sheeana manteve uma atenção rígida, da forma como lhe haviam informado.

– Informaram-me que talvez você se torne uma de nós – disse Taraza.

Ambas as mulheres foram capazes de perceber o efeito dessa frase sobre a garota. Àquela altura, Sheeana estava totalmente consciente das realizações de uma Reverenda Madre. O poderoso feixe de verdade se focara sobre ela. Ela começara a entender o gigantesco corpo de conhecimento que a Irmandade acumulara durante os milênios. Ela fora informada sobre a transmissão seletiva de memória, sobre o funcionamento das Outras Memórias, sobre a agonia da especiaria. E ali, de pé diante dela, estava a mais poderosa das Reverendas Madres, aquela de quem nada permanecia oculto.

Uma vez que Sheeana não respondeu, Taraza insistiu:

– Não tem nada a dizer, minha menina?

– O que há para dizer, Madre Superiora? A senhora disse tudo.

Taraza lançou um olhar de indagação a Odrade.

– Você tem outras surpresinhas para mim, Dar?

– Avisei que ela era superior – respondeu Odrade.

Taraza retornou a atenção para Sheeana.

– Você sente orgulho dessa opinião, menina?

– Ela me dá medo, Madre Superiora.

Ainda mantendo a expressão tão impassível quanto podia, Sheeana respirou com mais facilidade. *Diga apenas a verdade mais profunda que sentir*, ela lembrou a si mesma. Essas palavras de aviso ditas por uma professora faziam mais sentido naquele momento. Ela ainda sentia seu coração batendo muito rápido e sabia que as Reverendas Madres detectariam isso. Odrade demonstrara isso diversas vezes.

– Isso deveria mesmo deixá-la com medo – disse Taraza.

Odrade perguntou:

– Entendeu o que foi dito a você, Sheeana?

– A Madre Superiora deseja saber se estou totalmente comprometida com a Irmandade – respondeu Sheeana.

Odrade olhou para Taraza e deu de ombros. Não havia necessidade de discutir o assunto. Aquela era a forma com a qual se trabalhava quando alguém fazia parte de uma família como a das Bene Gesserit.

Taraza continuou seu estudo silencioso de Sheeana. Era um olhar fixo e pesado que drenava a energia de Sheeana, a qual sabia que deveria permanecer em silêncio e permitir aquele exame abrasivo.

Odrade colocou de lado os sentimentos de empatia. Sheeana era como ela mesma quando criança, de tantas formas. Ela tinha aquele intelecto globular que se expandia sobre todas as superfícies, assim como um balão que era inflado. Odrade se recordava de como suas próprias professoras admiravam isso, mas com cautela, da mesma forma que Taraza estava procedendo naquele momento. Odrade reconhecera essa cautela quando era ainda mais nova do que Sheeana e não tinha dúvidas de que Sheeana percebera o mesmo ali. Aquele intelecto tinha suas vantagens.

– Hmmm – disse Taraza.

Odrade ouviu o murmúrio das reflexões internas da Madre Superiora como parte de um simulfluxo. A própria memória de Odrade se voltara para o passado. As Irmãs que traziam comida para Odrade quando ela estudava até tarde sempre se demoravam, observando-a de sua forma especial, exatamente como Sheeana era vigiada e monitorada o tempo todo. Odrade conhecia as formas especiais de observar desde uma idade tenra. Era, afinal, um dos

grandes atrativos das Bene Gesserit. As pessoas queriam possuir aquelas habilidades esotéricas. Sheeana certamente possuía esse desejo. Era o sonho de todas as postulantes.

*Que tais coisas sejam possíveis para mim!*

Finalmente, Taraza falou:

– O que você pensa que quer de nós, menina?

– As mesmas coisas que a senhora pensava que queria quando tinha a minha idade, Madre Superiora.

Odrade escondeu um sorriso. O sentido selvagem de independência de Sheeana resvalara na insolência com aquela resposta e Taraza certamente reconheceria isso.

– Você acha que este é um uso apropriado do presente da vida?

– perguntou Taraza.

– É o único uso que conheço, Madre Superiora.

– Seu candor é apreciado, mas aviso que deva ser cuidadosa com seu uso – disse Taraza.

– Sim, Madre Superiora.

– Você já nos deve muito e nos deverá mais ainda – continuou Taraza. – Lembre-se disso. Nossos presentes não são baratos.

*Sheeana não tem a mais vaga ideia do que pagará pelos nossos presentes,* pensou Odrade.

A Irmandade nunca deixava as iniciadas esquecerem o que deviam e que deveriam pagar de volta. Não se pagava com amor. Amor era perigoso e Sheeana já estava aprendendo sobre isso. *O dom da vida?* Um tremor começou a percorrer o corpo de Odrade e ela pigarreou para compensar.

*Estou viva? Talvez quando elas me levaram da casa de Mama Sibia eu tenha morrido. Estava viva naquela casa, mas será que vivi depois que as Irmãs me removeram?*

Taraza ordenou:

– Pode nos deixar agora, Sheeana.

Sheeana girou sobre os calcanhares e deixou a sala, mas não antes que Odrade reparasse no sorriso aberto em seu rosto jovem. Sheeana sabia que passara no exame da Madre Superiora.

Quando a porta se fechou atrás dela, Taraza disse:

– Você mencionou a habilidade natural dela com a Voz. Eu ouvi, é claro. Impressionante.

– Ela a manteve bem refreada – disse Odrade. – Ela aprendeu a não tentá-la conosco.

– O que você acha que tem aí, Dar?

– Talvez um dia uma Madre Superiora com habilidades extraordinárias.

– Certeza que não serão extraordinárias em demasiado?

– Veremos.

– Acha que ela é capaz de matar a nosso pedido?

Odrade se sobressaltou e deixou isso claro.

– Agora?

– Sim, é claro.

– O ghola?

– Teg não o faria – retrucou Taraza. – Tenho minhas dúvidas quanto a Lucilla. Seus relatórios deixaram claro de que ele é capaz de criar laços poderosos de... de afinidade.

– Até mesmo como eu?

– A própria Schwangyu não era completamente imune.

– Onde está o propósito nobre em tal ato? – indagou Odrade. – Não era isso que o aviso do Tirano queria...

– Ele? Ele matou inúmeras vezes!

– E pagou por isso.

– Todos nós pagamos pelo que tiramos, Dar.

– Mesmo por uma vida?



– Nunca se esqueça, nem por um instante, Dar, que uma Madre Superiora é capaz de tomar qualquer decisão necessária para a sobrevivência da Irmandade!

– Que assim seja – disse Odrade. – Tome o que quiser e pague por isso.

Era a resposta adequada, mas reforçou a nova força que Odrade sentia, a liberdade de responder de sua própria maneira dentro de um universo novo. Onde se originara tamanha firmeza? Era algo que emergira de seu cruel condicionamento Bene Gesserit? Era algo da ancestralidade Atreides? Ela não tentou se enganar de que aquilo viera da decisão de nunca mais seguir o código moral de outra pessoa em lugar de seu próprio. Essa estabilidade interior sobre a qual ela agora se detivera não era moralidade pura. Nem bravata. Essas coisas nunca eram suficientes.

– Você se parece muito com o seu pai – disse Taraza. – Geralmente, é a mulher que proporciona a maior parte da coragem, mas dessa vez acho que foi o pai.

– Miles Teg é corajoso de maneira admirável, mas acho que você esteja simplificando demais as coisas – disse Odrade.

– Talvez esteja, mas estive certa sobre você o tempo todo, Dar, mesmo lá atrás, quando éramos alunas postulantes.

*Ela sabe!*, pensou Odrade.

– Não há a necessidade de explicações – retrucou Odrade e pensou: *Vem de ter nascido quem eu sou, treinada e moldada da forma que fui... da forma que ambas fomos: Dar e Tar.*

– É algo na linhagem dos Atreides que ainda não analisamos completamente – continuou Taraza.

– Nenhum acidente genético?

– Às vezes imagino se sofremos algum acidente real desde o Tirano – falou Taraza.

– Será que ele se alongou desde sua cidadela lá no passado e viu, através dos milênios, este exato momento?

– Quanto longe você procuraria pelas raízes? – perguntou Taraza.

Odrade respondeu:

– O que realmente acontece quando uma Madre Superiora comanda as Mestras em Reprodução: “Faça com que essa mulher se reproduza com esse homem”?

Taraza esboçou um sorriso frio.

De súbito, Odrade se sentiu na crista de uma onda, a percepção forçando-a na direção de um novo mundo. *Taraza quer minha rebelião! Ela me quer como sua oponente!*

– Vai ver Waff agora? – perguntou Odrade.

– Primeiro, quero sua avaliação sobre ele.

– Ele nos vê como a ferramenta essencial para criar a “Ascendência Tleilaxu”. Somos os presentes de Deus para o povo dele.

– Eles esperaram por isso há muito tempo – falou Taraza. – Dissimular de forma tão cuidadosa, todos eles por todos aqueles éons.

– Eles possuem nossa visão de tempo – concordou Odrade. – Esse foi o ponto-final para convencê-los de que compartilhamos de sua Grande Crença.

– Mas por que essa forma canhestra? – perguntou Taraza. – Eles não são estúpidos.

– Isso distraiu nossa atenção do verdadeiro uso que estavam fazendo do processo ghola – falou Odrade. – Quem acreditaria que pessoas estúpidas poderiam fazer uma coisa dessas?

– E o que eles criaram? – indagou Taraza. – Apenas a *imagem* de uma estupidez maléfica?

– Aja como um estúpido por tempo suficiente e você se tornará estúpido – respondeu Odrade. – Aperfeiçoe a mímica de seus Dançarinos Faciais e...

– O que quer que aconteça, devemos puni-los – disse Taraza. – Percebo isso claramente. Faça com que o tragam aqui.

Depois que Odrade deu a ordem e enquanto esperavam, Taraza disse:

– A sequência de educação do gholá já estava em frangalhos mesmo antes de eles escaparem do Forte de Gammu. Ele saltou adiante de seus professores para aprender coisas que estavam apenas implícitas, e o fez em uma velocidade alarmante de tão acelerada. Quem sabe em que ele se transformou a esta altura?

**Historiadores exercem grande poder e alguns deles sabem disso. Eles recriam o passado, alteram-no para que se encaixe em suas próprias interpretações. Desse modo, eles também alteram o futuro.**

**– Leto II, Sua Voz, de Dar-es-Balat**

Duncan seguiu seu guia através da luz da alvorada em um ritmo punitivo. O homem podia ter o aspecto de um velho, mas era ágil como uma gazela e parecia incapaz de ficar cansado.

Apenas há alguns minutos eles tinham tirado seus óculos de visão noturna. Duncan estava feliz por se livrar deles. Tudo que estava fora do alcance dos óculos estava escuro, ofuscado pela luz das estrelas que se infiltrava através de galhos pesados. Não havia mundo além do alcance dos óculos. A visão de ambos os lados estremecia e fluía: ora um amontoado de arbustos amarelos, ora duas árvores com a casca de tronco prateado, ora uma parede de pedra com um portão de açoplás esculpido e guardado pelo azul ofuscante de um queima-escudo, ora uma ponte arqueada de rochas da região, toda verde e preta sob seus pés. Depois disso, uma entrada em forma de arco, de pedra branca polida. Todas as estruturas pareciam muito antigas e caras, mantidas por mão-de-obra custosa.

Duncan não tinha ideia de onde estava. Nada naquele terreno despertava quaisquer recordações dos dias há muito perdidos de Giedi Primo.

O amanhecer revelou que eles estavam seguindo uma trilha de animais escondida entre árvores, subindo pela encosta de uma colina. O caminho ficou íngreme. Vislumbres irregulares através das

árvores à esquerda deles revelavam um vale. Uma névoa espessa protegia o céu, escondendo as distâncias, cercando-os enquanto eles subiam. Seu mundo se tornava um lugar cada vez menor enquanto este perdia sua conexão com um universo maior.

Em uma pausa breve, que não era para descanso, mas para ouvir a floresta ao redor deles, Duncan estudou os arredores cobertos pela névoa. Ele se sentiu deslocado, removido de um universo que possuía céu e as características abertas que faziam a conexão com outros planetas.

Seu disfarce era simples. Vestimentas dos Tleilaxu para climas frios e proteções para as bochechas, de modo que sua face parecesse mais redonda. Seu cabelo negro e encaracolado fora alisado por produtos químicos aplicados com calor. Em seguida, o cabelo fora descolorido para um loiro arenoso e escondido debaixo de um gorro. Rasparam-lhe todos os seus pelos pubianos. Ele mal se reconhecera quando lhe entregaram um espelho.

*Um Tleilaxu imundo!*

A artesã responsável pela transformação era um mulher velha com brilhantes olhos verde-acinzentados.

– Agora você é um Mestre tleilaxu – dissera ela –, seu nome é Wose. Um guia o levará até o próximo local. Você o tratará como um Dançarino Facial se encontrar estranhos. Caso contrário, faça o que ele mandar.

Eles o levaram para fora do complexo de cavernas por uma passagem em espiral, suas paredes e o teto repleto de algas verdes almiscaradas. Na escuridão estrelada, eles o empurraram da passagem para uma noite gelada e para as mãos de um homem quase invisível: uma figura volumosa em roupas acolchoadas.

Uma voz atrás de Duncan sussurrara:

– Aqui está ele, Ambitorm. Leve-o embora.

O guia respondera com um sotaque gutural:

– Siga-me.

Ele prendera uma corda de condução ao cinto de Duncan, ajustou os óculos de visão noturna e virou-se. Duncan sentira um único puxão da corda e eles partiram.

Duncan reconhecera a utilidade da corda. Não era algo para mantê-lo próximo e atrás do guia. Com os óculos de visão noturna, ele via Ambitorm claramente. A corda era para derrubá-lo rapidamente se eles estivessem em perigo. Sem a necessidade de um comando.

Por um longo tempo durante a noite eles entrecruzaram pequenos riachos ladeados de gelo. A luz das primeiras luas de Gammu penetrava a mata protetora apenas de vez em quando. Eles finalmente emergiram em uma colina baixa e vislumbraram uma desolação de arbustos, todos prateados com uma cobertura de neve sob a luz da lua. Rumo a este cenário eles iniciaram sua descida. Os arbustos, cerca de duas vezes a altura do guia, se arqueavam sobre as passagens enlameadas dos animais, pouco mais largas que os túneis onde eles começaram sua jornada. Era mais quente ali, o calor de uma pilha de compostagem. Quase nenhuma luz penetrava até aquele solo esponjoso com vegetação putrefata. Duncan inalara os odores fúngicos da vida vegetal em decomposição. Os óculos de visão noturna mostravam a ele uma repetição que parecia interminável de crescimento grosso em ambos os lados. A corda que o ligava a Ambitorm era um aperto leve em um mundo alienígena.

Ambitorm desencorajava qualquer conversa. Ele respondera “sim”, quando Duncan confirmara seu nome, e logo em seguida disparou “não fale”.

Toda aquela noite fora uma travessia inquietante para Duncan. Ele não gostava de ser deixado sozinho com seus próprios pensamentos. As memórias de Giedi Primo persistiam. Este lugar não parecia em nada com o que ele se lembrava de sua juventude pré-ghola. Ele se perguntava como Ambitorm aprendera os caminhos daquele lugar e como se lembrava deles. Um túnel animal se parecia muito com o outro.

Naquele ritmo estável de corrida, havia tempo de sobra para os pensamentos de Duncan se dispersarem.

*Devo permitir que a Irmandade me use? O que devo a elas?*

E pensara sobre Teg, aquele grandioso confronto final que permitira que dois deles escapassem.

*Fiz o mesmo por Paul e Jéssica.*

Era uma ligação com Teg e tocava Duncan com aflição. Teg era leal à Irmandade. *Será que ele comprou minha lealdade com aquele último ato de bravura?*

*Malditos sejam os Atreides!*

Os esforços noturnos aumentaram a familiaridade de Duncan com sua carne nova. Como aquele corpo era jovem! Bastava uma breve guinada nas recordações e ele conseguia ver a última memória pré-ghola: ele sentia a espada Sardaukar atingir sua cabeça – uma explosão de dor e luz. Conhecimento de sua morte certa e depois... mais nada até o momento com Teg em seu não globo Harkonnen.

A dádiva de outra vida. Era mais que uma dádiva ou algo inferior? Os Atreides exigiam dele outro pagamento.

Por um tempo antes do amanhecer, Ambitorm o conduziu em uma corrida, chapinhando ao longo de um riacho estreito, cujo frio penetrava as botas insuladas e à prova d'água das vestimentas tleilaxu de Duncan. O leito do riacho refletia a prata sombreada dos

arbustos, da luz da lua pré-alvorada que se emoldurava diante deles.

A luz do dia os encontrou emergindo em uma trilha animal mais larga e encoberta pelas árvores, na parte mais elevada da íngreme colina. Essa passagem levava a uma saliência estreita e rochosa sob a crista de pedregulhos dentados. Ambitorm o conduziu por detrás de uma proteção de arbustos mortos e amarronzados, de copas sujas com a neve soprada pelo vento. Ele soltou a corda do cinto de Duncan. Logo diante deles estendia-se um declive suave pelas rochas, que não era exatamente uma caverna, mas Duncan notou que ele oferecia alguma proteção, a menos que tivessem de enfrentar um vento forte sobre os arbustos atrás deles. Não havia neve no solo daquele lugar.

Ambitorm foi para trás do declive e removeu cuidadosamente uma camada de sujeira congelada e várias rochas planas, as quais escondiam um pequeno buraco. Retirou um objeto redondo e negro do buraco e se ocupou com ele.

Duncan se agachou na saliência e estudou seu guia. Ambitorm tinha um rosto côncavo, com a pele que lembrava couro marrom-escuro. Sim, podiam ser as feições de um Dançarino Facial. Rugas profundas cortavam a pele das laterais dos olhos castanhos do homem. Rugas se irradiavam dos lados da boca fina e contornavam a sobrelha larga. Elas se espalhavam ao lado do nariz achatado e afundavam o furo do queixo estreito. Rugas do tempo ocupavam todo o rosto dele.

Odores apetitosos começaram a emanar a partir do objeto negro diante de Ambitorm.

– Comeremos aqui e esperamos um pouco antes de continuar  
– Ambitorm declarou.



Ele falava galach antigo, mas com um sotaque gutural que Duncan nunca ouvira antes, uma ênfase estranha nas vogais adjacentes. Seria Ambitorm da Dispersão ou nativo de Gammu? Obviamente várias mudanças linguísticas aconteceram desde os dias de Muad'Dib em Duna. Pensando nisso, Duncan reconheceria que todas as pessoas do Forte de Gammu, incluindo Teg e Lucilla, falavam um galach que mudara em relação àquele que aprendera quando criança pré-ghola.

- Ambitorm – disse Duncan. – É um nome de Gammu?
- Você me chamará de Tormsa – respondeu o guia.
- É um apelido?
- É como você me chamará.
- Por que aquelas pessoas lá chamavam você de Ambitorm?
- Foi o nome que dei a eles.
- Mas por que você daria...
- Você viveu sob o jugo dos Harkonnen e não aprendeu como mudar sua identidade?

Duncan caiu em silêncio. O que foi aquilo? Outro disfarce. Ambi... Tormsa não mudara sua aparência. Tormsa. Era um nome tleilaxu?

O guia estendeu uma xícara fumegante para Duncan.

- Uma bebida para que você se recupere, *Wose*. Beba rápido. Manterá você aquecido.

Duncan fechou ambas as mãos ao redor da xícara. *Wose. Wose e Tormsa. Mestre tleilaxu e seu companheiro Dançarino Facial.*

Duncan levantou a xícara na direção de Tormsa no antigo gesto Atreides dos camaradas de batalha, depois levou-a à boca. Quente! Mas o aqueceu à medida que era ingerida. A bebida tinha um sabor levemente adocicado sobre o gosto de algum vegetal. Ele a soprou e bebeu em um só gole ao notar que Tormsa fazia o mesmo.

*Estranho que eu não suspeite de veneno ou de alguma droga,* pensou Duncan. Mas esse Tormsa e os outros da noite passada tinham algo do bashar neles. O gesto a um companheiro de batalha tinha vindo naturalmente.

– Por que está arriscando sua vida dessa forma? – perguntou Duncan.

– Você conhece o bashar e ainda pergunta?

Duncan ficou em silêncio, envergonhado.

Tormsa se inclinou para a frente e pegou a xícara de Duncan. Rapidamente, toda a evidência daquele desjejum jazia escondida debaixo das rochas e da poeira.

Aquela comida indicava um planejamento cuidadoso, pensou Duncan. Ele se virou e se agachou no chão frio. A névoa ainda pairava lá fora, além da proteção dos arbustos. Galhos sem folha cortavam a visão em estranhos trechos e pedaços. Enquanto ele observava, a névoa começou a se levantar, revelando os traços borrados de uma cidade na extremidade do vale.

Tormsa se agachou ao lado dele.

– Cidade muito antiga – disse ele. – Lugar Harkonnen. Veja. – Ele passou um pequeno monoscópio para Duncan. – É para onde vamos esta noite.

Duncan colocou o monoscópio em seu olho esquerdo e tentou focar as lentes oleadas. Os controles não eram familiares, nada parecido com aqueles que ele aprendera a usar como um jovem pré-ghola ou fora ensinado no Forte. Ele o removeu do olho e o examinou.

– Ixiano? – perguntou.

– Não, nós o fizemos. – Tormsa estendeu a mão e apontou para dois botões pequenos erguidos acima do tubo negro. – Devagar, rápido. Pressione à esquerda para ir além, à direita para voltar.

Mais uma vez, Duncan levantou o monoscópio e levou-o ao olho. Quem era o *nós* que fez aquela coisa?

Um toque no botão de aceleração e um panorama se descortinou em sua visão. Pequenos pontos se moviam para o interior da cidade. Pessoas! Ele ampliou ainda mais. As pessoas se tornaram pequenos bonecos. Tomando-os como escala, Duncan percebeu que a cidade no final do vale era imensa... e estava muito mais distante do que ele imaginava. Uma estrutura retangular única se localizava no centro da cidade, seu topo perdido nas nuvens. Gigantesca.

Duncan reconhecera o lugar. Os arredores haviam mudado, mas aquela estrutura central jazia fixa em sua memória.

*Quantos de nós desapareceram naquele buraco negro infernal e nunca retornaram?*

– Novecentos e cinquenta andares – disse Tormsa, reparando na direção que o olhar de Duncan seguia. – Quarenta e cinco quilômetros de comprimento, trinta de largura. Açoplás e plaz blindado, em todo prédio.

– Eu sei. – Duncan baixou o monoscópio e o devolveu para Tormsa. – O nome era “Baronato”.

– Ysai – disse Tormsa.

– É como o chamam agora – disse Duncan. – Tenho nomes diferentes para o local.

Duncan respirou fundo para aplacar os ódios antigos. Todas aquelas pessoas estavam mortas. Apenas o prédio permanecia. E as memórias. Ele varreu com o olhar a cidade ao redor daquela estrutura imensa. O lugar era uma massa que se alastrava como tocas de coelhos. Viam-se espaços verdes espalhados, cada um deles cercado por paredes altas. Residências isoladas com parques

privados, Teg informara. O monoscópio revelara guardas caminhando por cima da muralha.

Tormsa cuspiu no chão em frente a ele.

– Lugar Harkonnen.

– Eles o construíram para fazer com que as pessoas se sentissem diminuídas – disse Duncan.

Tormsa assentiu.

– Diminuídas e destituídas de poder.

O guia se transformou em uma pessoa quase loquaz, pensou Duncan. Em algumas ocasiões durante a noite, Duncan desafiara a ordem de silêncio e tentara conversar.

– Que animais fizeram essa passagem?

Parecia uma pergunta lógica para as pessoas que trotavam ao longo de uma trilha obviamente animal, até mesmo com seu odor de umidade animal.

– Não fale! – redarguiu Tormsa.

Mais tarde, Duncan perguntou o porquê de não arranjam algum tipo de veículo e escaparem nele. Mesmo um carro de solo era preferível àquela marcha dolorosa através da região onde todas as rotas se pareciam.

Tormsa parou sob um feixe de luz da lua e olhou para Duncan como se ele suspeitasse que seu trabalho se tornara sem sentido.

– Veículos podem nos seguir!

– Ninguém pode nos seguir quando andamos a pé?

– Os seguidores também precisam estar a pé. Aqui, seriam mortos. Eles sabem.

Que lugar estranho! Que lugar primitivo!

Sob o abrigo do castelo das Bene Gesserit, Duncan não percebera a natureza do planeta ao redor dele. Mais tarde, no não globo, ele fora removido do contato com o exterior. Ele tinha

memórias ghola e pré-ghola, mas como elas eram inadequadas! Ao pensar sobre isso naquele instante, percebia que havia pistas. E Teg dissera que os monitores orbitais, os quais guardavam o planeta de ataques, eram os melhores.

Tudo pela proteção, quase nada pelo conforto! Era como Arrakis a esse respeito.

*Rakis*, ele se corrigiu.

Teg. Será que o velho sobrevivera? Um prisioneiro? O que significava ser capturado ali naquela época? Significava escravidão brutal nos antigos dias Harkonnen. Burzmali e Lucilla... ele fitou Tormsa.

– Encontraremos Burzmali e Lucilla na cidade?

– Se eles fizerem a travessia.

Duncan olhou para suas roupas. Seria um disfarce suficiente? Um Mestre tleilaxu e seu acompanhante? As pessoas pensariam que o companheiro era um Dançarino Facial, é claro. Dançarinos Faciais eram perigosos.

As calças largas eram de algum material que Duncan nunca vira antes. Parecia lã ao toque, mas ele sentiu que era artificial. Quando cuspiu nas calças, sua saliva não as umedeceu, e o cheiro não era de lã. Seus dedos detectaram uma uniformidade na textura que matéria natural alguma poderia apresentar. As botas macias, de cano alto, e seu gorro eram do mesmo tecido. Os trajes eram largos e felpudos, exceto na região dos tornozelos. Mas não eram acolchoados. Eram isolados por algum truque da manufatura, que aprisionava ar entre as camadas. A cor era de um verde e cinza mosqueados – excelente camuflagem naquele local.

Tormsa trajava vestes similares.

– Quanto tempo esperaremos aqui? – Duncan perguntou.

Tormsa meneou a cabeça, pedindo silêncio. O guia estava sentado com os joelhos fletidos, os braços em torno das pernas, a cabeça aninhada sobre os joelhos, os olhos perscrutando por sobre o vale.

Durante a jornada noturna, Duncan percebera que suas roupas eram incrivelmente confortáveis. Exceto por aquela travessia na água, seus pés se mantiveram aquecidos, mas não muito quentes. Havia bastante espaço nas calças, na camisa e no paletó para seu corpo se ajustar com facilidade. Nada roçava sua pele.

– Quem faz este tipo de roupas? – Duncan questionou.

– Nós fazemos – Tormsa grunhiu. – Fique em silêncio.

Essa situação não diferia da dos dias pré-despertar no Forte da Irmandade, Duncan pensou. “Não há por que você saber disso” Tormsa estava dizendo.

Logo Tormsa esticou suas pernas e se endireitou. Ele pareceu relaxar. Olhou, então, para Duncan.

– Amigos na cidade sinalizam que há patrulheiros adiante.

– Tópteros?

– Sim.

– Então, o que faremos?

– Você deve fazer o que eu fizer, e nada mais.

– Mas você só está sentado aqui.

– Por ora. Desceremos pelo vale em breve.

– Mas como...

– Quando se atravessa um terreno como este, você se torna um com os animais que aqui vivem. Olhe as pegadas e veja como eles andam e como se deitam para descansar.

– Mas os patrulheiros não sabem diferenciar entre...

– Se os animais pastam, você faz os movimentos de pastar. Se os patrulheiros vierem, você continuará fazendo o que estava

fazendo, o que qualquer animal faria. Eles estarão em uma altitude elevada. Isso é afortunado para nós. Eles não são capazes de distinguir animais de humanos, a menos que desçam.

– Mas eles não...

– Eles confiam em suas máquinas e nos movimentos que veem. São indolentes. Voam alto. Dessa forma, a busca transcorre mais rapidamente. Confiam em sua própria inteligência para ler seus instrumentos e diferenciar o que é animal e o que é humano.

– Então eles passarão por nós se pensarem que somos animais selvagens.

– Se duvidarem, irão nos escanear uma segunda vez. Não devemos mudar nosso padrão de movimento depois de sermos escaneados.

Foi um discurso longo para o normalmente taciturno Tormsa. Então ele estudou Duncan com atenção.

– Você compreendeu?

– Como saberei que estamos sendo escaneados?

– Suas vísceras irão formigar. Sentirá em seu estômago a efervescência de uma bebida que humano algum deveria tomar.

Duncan anuiu.

– Radares ixianos.

– Não deixe que eles o alarmem – Tormsa advertiu. – Os animais estão acostumados. Às vezes, os bichos podem parar, mas por um breve instante, e logo continuam, como se nada tivesse acontecido. O que, para eles, é verdade. É apenas para nós que algo ruim pode acontecer.

Em seguida, Tormsa se levantou.

– Desceremos ao vale agora. Siga-me bem de perto. Faça exatamente o que eu fizer e nada mais.

Duncan se pôs ao encalço de seu guia. Logo estavam sob o abrigo das árvores. Em algum momento durante a passagem da noite, Duncan percebeu que havia começado a aceitar seu lugar nos planos alheios. Uma nova paciência se apoderava de sua percepção. E havia empolgação incitada pela curiosidade.

Que tipo de universo fora criado a partir dos tempos dos Atreides? *Gammu*. Que lugar estranho Giedi Primo havia se tornado.

Lentamente, mas de modo distinto, coisas eram reveladas e cada uma delas descortinava uma vista para que outras mais pudessem ser aprendidas. Ele podia sentir padrões tomando forma. Um dia, Duncan pensou, haveria um único padrão, e então saberia por que eles o haviam trazido de volta dos mortos.

Sim, era uma questão de abrir portas, ele concluiu. Abre-se uma porta e ela o conduz ao lugar onde há outras portas. Escolhe-se outra porta nesse novo lugar e examina-se o que ela lhe revela. Pode haver ocasiões em que se é forçado a tentar todas as portas, mas a cada uma que se abre, tem-se mais certeza de qual deve ser a próxima. Por fim, uma porta se abria para um lugar que você reconhece. Então, pode-se dizer: “Ahhhh, isto explica tudo”.

– Os patrulheiros estão vindo – Tormsa acautelou. – Somos animais que pastam. – Ele estendeu a mão até um arbusto delgado e quebrou um pequeno galho.

Duncan fez o mesmo.



**Devo governar com olho e garra –  
como um gavião entre  
pássaros inferiores.**

**– Asserção Atreides (Ref: Repositório BG)**

Ao raiar do dia, Teg emergiu do esconderijo dos quebra-ventos que ladeavam uma estrada principal. Era uma via pública larga e plana – endurecida por feixes e mantida estéril de vida vegetal. Dez faixas, estimou Teg, apropriadas tanto para veículos como para transeuntes a pé. Àquela hora, o tráfego era composto basicamente de pedestres.

Ele retirara a maior parte da poeira de suas roupas e se assegurara de que nela não havia insígnias de seu posto. Seu cabelo grisalho não estava tão alinhado como normalmente preferia, mas ele só dispunha dos dedos para fazer as vezes de pente.

O tráfego na estrada se dirigia para a cidade de Ysai, muitos quilômetros cruzando o vale. A manhã estava desprovida de nuvens, com uma brisa leve que batia em seu rosto e seguia na direção do mar, em algum ponto atrás de Teg.

Durante a noite, ele havia alcançado um equilíbrio delicado com sua nova percepção. Coisas tremulavam em sua segunda visão: antevisão dos acontecimentos, percepção do lugar em que deveria colocar o pé no próximo passo. Atrás disso jazia um gatilho reativo que Teg sabia ser capaz de, em um estalar de dedos, prover respostas relampejantes que a carne não deveria conseguir acomodar. A razão não podia explicar aquela coisa. Ele sentia como se andasse precariamente pelo gume cortante de uma faca.

Por mais que tentasse, Teg não conseguia concluir o que acontecera consigo sob a influência da sonda-T. Seria algo

semelhante ao que uma Reverenda Madre experimentava durante a agonia da especiaria? Mas ele não pressentia o acúmulo das Outras Memórias de seu passado. Ele não achava que as Irmãs eram capazes de fazer o que ele fazia. A visão duplicada o informava que antecipar a partir de cada movimento dentro de um alcance de seus sentidos parecia um novo tipo de verdade.

Os professores Mentat de Teg sempre lhe asseguraram de que havia uma forma de verdade-viva não suscetível à prova pelo ordenamento de fatos ordinários. Por vezes era transmitida em fábulas e poesias, e com frequência seguia na contramão dos desejos, pelo que lhe contaram.

“A experiência mais difícil para um Mentat aceitar”, eles disseram.

Teg sempre tivera reservas quanto a essa declaração, mas naquele instante ele era forçado a aceitá-la. A sonda-T o havia lançado por sobre uma divisa, para uma nova realidade.

Ele não sabia por que havia escolhido aquele momento em particular para emergir de seu esconderijo, apenas sentiu-se encaixar no aceitável fluxo de movimento humano.

A maior parte daquele movimento na estrada era formada por mercadores granjeiros carregando paneiros de vegetais e frutas, que eram arrastados atrás deles em suspensores baratos. A percepção daquela comida fez que Teg fosse trespessado por pontadas de fome, mas ele se focou a ignorá-las. Com experiência de planetas mais primitivos durante seu longo serviço para as Bene Gesserit, ele considerou essa atividade humana pouco diferente da daqueles fazendeiros conduzindo animais de carga. O tráfego terrestre pareceu-lhe uma mistura estranha de antigo e moderno – fazendeiros a pé, com seus produtos flutuando atrás de si em dispositivos tecnológicos perfeitamente comuns. Exceto pelos suspensores, a cena era muito similar a de um dia comum no mais

remoto passado da humanidade. Um animal de carga era um animal de carga, mesmo se viesse das linhas de montagem de uma fábrica ixiana.

Usando sua nova segunda visão, Teg escolheu um dos fazendeiros, um homem atarracado, de pele escura, traços fortes e mãos muito calejadas. O homem andava com um senso desafiador de independência. Ele puxava oito paneiros grandes carregados de melões de cascas grossas. O cheiro que emanava dos cestos trazia uma agonia de dar água na boca de Teg enquanto ele sincronizava suas passadas com as do fazendeiro. Teg prosseguiu por alguns minutos em silêncio, então se arriscou:

– Esta é a melhor estrada para Ysai?

– É um longo caminho – o homem respondeu. Ele tinha uma voz gutural, com uma qualidade cautelosa.

Teg relanceou por sobre o ombro para os paneiros carregados.

O fazendeiro olhou de esguelha para Teg.

– Nós vamos a um centro comercial. Outros levam nossos produtos de lá até Ysai.

Enquanto conversavam, Teg percebeu que o fazendeiro o havia guiado (quase pastoreado) até próximo da beira da estrada. O homem relanceou por sobre o ombro e inclinou a cabeça em um movimento discreto para a frente. Três outros fazendeiros se aproximaram e cercaram Teg e seu companheiro até que paneiros altos os escondessem do resto do tráfego.

Teg se retesou. O que eles planejavam? Todavia, ele não pressentia ameaça. Sua visão duplicada não detectou qualquer violência em sua imediação.

Um veículo pesado passou rapidamente, seguindo adiante.

Teg vislumbrou-o apenas pelo cheiro de combustível queimado, pelo vento que balançou os paneiros, pela vibração de um poderoso

motor e pela súbita tensão de seus companheiros. Os paneiros altos ocultaram completamente o veículo que passou.

– Estivemos procurando o senhor para protegê-lo, bashar – o fazendeiro ao lado de Teg falou. – São muitos os que caçam o senhor, mas nenhum deles está conosco aqui.

Teg disparou um olhar perplexo para o homem.

– Servimos o senhor em Renditai – o fazendeiro explicou.

Teg engoliu em seco. *Renditai?* Levou um instante para se recordar – uma pequena escaramuça em sua longa história de conflitos e negociações.

– Sinto muito, mas não sei seus nomes – Teg confessou.

– Fique feliz por não saber nossos nomes. É melhor assim.

– De qualquer forma, sou grato.

– É uma pequena retribuição, e nos alegra fazê-la, bashar.

– Devo chegar a Ysai – Teg disse.

– É um lugar perigoso.

– Todos os lugares são perigosos.

– Supusemos que o senhor iria a Ysai. Alguém virá em breve e o senhor será levado às escondidas. Ahhh, ali vem ele. Não o vimos aqui, bashar. O senhor não esteve aqui.

Um dos outros fazendeiros assumiu a carga de seu companheiro, puxando duas cordas dos paneiros enquanto o fazendeiro que Teg originalmente escolhera fez que o bashar passasse por baixo de uma das cordas e entrasse em um veículo escuro. Teg vislumbrou o brilho de açoplás e plaz assim que o veículo desacelerou por apenas um instante, para realizar a coleta. A porta se fechou bruscamente atrás de Teg, que se viu em um assento de espaldar alto, sozinho nos bancos de trás de um carro terrestre. O automóvel ganhou velocidade e logo deixou os fazendeiros em marcha para trás. As janelas ao redor de Teg haviam sido escurecidas, dando-lhe

uma vista crepuscular da paisagem. O motorista era uma silhueta sombreada.

Essa primeira chance de relaxar confortavelmente desde que fora capturado quase seduziu Teg a se entregar ao sono. Ele não pressentia ameaças. Seu corpo ainda doía em razão das demandas a que ele mesmo se obrigara e das agonias da sonda-T.

Entretanto, Teg disse a si mesmo que deveria se manter acordado e alerta.

O motorista inclinou-se para um lado e falou sobre o ombro sem se virar:

– Eles estão caçando o senhor há dois dias, bashar. Alguns pensam que o senhor já saiu do planeta.

*Dois dias?*

O atordoador e seja lá o que mais eles fizeram a Teg o deixou inconsciente por um longo tempo. Isso só fez sua fome aumentar. Ele tentou ativar o crono mostrador implantado na carne de seus centros de visão, mas o dispositivo apenas tremeluziu como havia feito das vezes anteriores desde a sonda-T. Sua noção de tempo e todas as referências desse conceito haviam mudado.

*Então alguns pensavam que ele tinha deixado Gammu.*

Teg não perguntou quem o caçava. Os Tleilaxu e pessoas da Dispersão haviam participado do ataque e da tortura que se seguiu.

O bashar observou seu meio de transporte. Era um daqueles belos carros terrestres pré-Dispersão, as marcas da mais fina manufatura ixiana estavam nele. Teg nunca havia andado em um veículo daqueles, mas sabia a seu respeito. Restauradores o haviam reformado, reconstruído – sabe-se lá o que fizeram para trazer de volta aquele senso antigo de qualidade. Teg ouvira que tais automóveis normalmente eram encontrados abandonados em locais

estranhos: velhas construções em ruínas, aquedutos, trancados em depósitos de máquinas, em campos de cultivo.

Outra vez o motorista se inclinou e falou sobre um de seus ombros:

– O senhor tem um endereço para onde gostaria de ser levado em Ysai, bashar?

Teg vasculhou a memória em busca dos pontos de contato que identificara durante sua primeira estada em Gammu e informou um deles ao homem.

– Você conhece o lugar?

– É basicamente um estabelecimento para encontrar pessoas e beber, bashar. Ouvi dizer que também servem boa comida, mas qualquer um pode entrar desde que possa pagar.

Sem saber por que fez aquela escolha específica, Teg comentou:

– Teremos de arriscar. – Ele não achou necessário dizer ao motorista que havia salas de jantar privativas naquele endereço.

A menção à comida trouxe de volta as dores da fome. Os braços de Teg começaram a tremer e ele precisou de vários minutos para recobrar a calma. As atividades da noite anterior quase o exauriram, ele percebeu. O bashar lançou um olhar perscrutador pelo interior do carro, imaginando se haveria alguma comida ou bebida escondidas ali. A restauração do veículo havia sido feita com esmero amoroso, mas ele não encontrou quaisquer compartimentos ocultos.

Tais automóveis não eram tão raros em alguns locais, ele sabia, mas todos denotavam riqueza. Quem era o dono deste veículo? Não o motorista, certamente. Ele apresentava todos os sinais de um profissional contratado. Mas se uma mensagem havia sido enviada para trazer aquele carro, então outros sabiam da localização de Teg.

– Seremos parados e vasculhados? – Teg perguntou.

– Não este carro, bashar. É propriedade do Banco Planetário de Gammu.

Teg absorveu aquela informação em silêncio. Aquele banco fora um de seus pontos de contato. Ele estudara suas principais filiais com atenção em sua ronda de inspeção. Essa memória o levou de volta a suas responsabilidades como guardião do ghola.

– Meus companheiros – Teg arriscou. – Eles estão...

– Outros estão tomando conta disso, bashar. Não sei lhe informar.

– Podemos enviar uma mensagem para...

– Quando for seguro, bashar.

– É claro.

Teg se deixou afundar no estofado e estudou o veículo. Aquele carro terrestre havia sido construído com plaz em demasia e com açoplás quase indestrutível. Foram outras coisas que se danificaram com o tempo: o encosto dos assentos, o revestimento do teto, os componentes eletrônicos, as instalações do suspensor, o forro ablativo dos dutos do turbofan. E os adesivos deterioravam, não importando quão bem fossem preservados. Os restauradores haviam feito este carro parecer recém-saído da fábrica – com um brilho suave nas partes metálicas, tapeçaria que se moldava ao usuário com um débil som de amarrotar. E o cheiro... aquele aroma indefinível de algo novo, uma mistura de cera e tecido fino, com um toque mordaz de ozônio vindo de componentes eletrônicos funcionando com suavidade. Entretanto, não havia o odor de comida em canto algum.

– Quanto tempo até Ysai? – Teg questionou.

– Mais meia hora, bashar. Há algum problema que requeira velocidade? Não quero atrair...

– Estou faminto.

O motorista olhou para a esquerda e para a direita. Já não havia fazendeiros ao redor deles ali. A estrada estava quase vazia, exceção feita a duas cápsulas de transporte pesadas, com seus tratores se mantendo na faixa da direita e um grande caminhão rebocando um imenso colhedor automático de frutas.

– É perigoso demorar muito – o motorista observou. – Mas conheço um lugar onde, creio, serei capaz de conseguir um rápido prato de sopa.

– Qualquer coisa será bem-vinda. Não como há dois dias, e houve muita atividade.

Eles chegaram a uma encruzilhada e o motorista virou à esquerda em uma via estreita, ladeada de altas coníferas distribuídas a espaços regulares. Logo ele entrou em uma alameda de mão única entre as árvores. A construção baixa no final da trilha era feita de pedras escuras e tinha um telhado de pláz negro. As janelas eram estreitas e reluziam o fogo de bocais protegidos.

O motorista falou:

– Dê-me um minuto, senhor. – Ele saiu e Teg vislumbrou o rosto do homem pela primeira vez: extremamente fino, com um nariz alongado e boca diminuta. Traços visíveis de reconstrução cirúrgica se mostravam nas bochechas. Os olhos tinham um brilho prateado, obviamente artificiais. O homem se virou e entrou na casa. Quando voltou, ele abriu a porta para Teg. – Por favor, senhor, seja breve. A pessoa lá dentro está esquentando a sopa para o senhor. Eu disse que o senhor é um banqueiro. Não precisará pagar.

O solo estava enregelado sob seus pés. Teg teve de se abaixar levemente no umbral. Ele entrou em uma passagem escura, com painéis de madeira e um cômodo bem iluminado na outra extremidade. O cheiro da comida disposta ali o atraiu como um ímã. Seus braços tremiam mais uma vez. Uma pequena mesa havia sido



posta ao lado de uma janela, com vista para um jardim cercado e coberto. Arbustos carregados de flores vermelhas quase escondiam o muro de pedra que definia o jardim. Plaz quente e amarelado reluzia sobre o espaço, banhando-o em uma artificial luz de verão. Teg se deixou cair na única cadeira à mesa. Linho branco, ele percebeu, com a beira bordada. Uma única colher de sopa.

Uma porta rangeu a sua direita e uma figura atarracada entrou carregando uma tigela fumegante. O homem hesitou quando viu Teg e levou a tigela até a mesa e a colocou diante do bashar. Alertado por aquela hesitação, Teg se forçou a ignorar o aroma tentador que pairava até suas narinas e concentrou-se em seu anfitrião.

– É uma sopa boa, senhor. Eu mesmo fiz.

Uma voz artificial. Teg reparou as cicatrizes nas laterais da mandíbula. Havia um aspecto de algo antigo e mecânico naquele homem – uma cabeça quase desprovida de pescoço afixada em ombros largos, braços que pareciam estranhamente conectados aos ombros e cotovelo, pernas que aparentavam balançar apenas a partir dos quadris. Naquele instante ele permaneceu imóvel, mas havia entrado ali com um leve balançar aos solavancos, o que dizia que o homem era composto, em grande parte, de reposições artificiais. Não se podia evitar a expressão de sofrimento em seus olhos.

– Sei que não sou bonito, senhor – o homem estridulou. – Fui arruinado na explosão de Alajory.

Teg não fazia ideia do que poderia ser a explosão de Alajory, mas era óbvio que o outro presumiu que ele sabia. “Arruinado”, contudo, era uma acusação interessante contra o Destino.

– Estava imaginando se eu o conhecia – Teg disse.

– Ninguém conhece ninguém aqui – o homem rebateu. – Tome sua sopa. – Ele apontou para cima, na direção da ponta

serpenteante de um quiescente farejador; o brilho de suas luzes indicava que havia lido os arredores e não encontrara venenos. – A comida é segura aqui.

Teg voltou seu olhar para o líquido marrom-escuro em sua tigela. Pedacos de carne sólida se faziam visíveis. Ele alcançou a colher. Sua mão trêmula fez duas tentativas antes de agarrar a colher, e mesmo então ele derrubou a maior parte do líquido da colher antes de ser capaz de erguê-la um milímetro.

Uma mão firme agarrou o pulso de Teg e a voz artificial falou suavemente na orelha do bashar:

– Não sei o que fizeram ao senhor, bashar, mas ninguém irá feri-lo aqui sem passar pelo meu cadáver.

– Você me conhece?

– Muitos morreriam pelo senhor, bashar. Meu filho vive por sua causa.

Teg se permitiu receber a ajuda. Só assim ele conseguiu engolir a primeira colherada. O líquido era saboroso, quente e reconfortante. Suas mãos logo se estabilizaram e ele anuiu com a cabeça para que o homem soltasse seu pulso.

– Mais, senhor?

Teg percebeu que havia esvaziado a tigela. Ele estava tentado a dizer “sim”, mas o motorista havia dito para se apressarem.

– Agradeço, mas tenho que ir.

– O senhor não esteve aqui – o homem falou.

Quando estavam de volta à estrada principal, Teg se reclinou contra o estofado do carro terrestre e refletiu sobre a curiosa qualidade de eco naquilo que havia dito o homem *arruinado*. As mesmas palavras que usara o fazendeiro: “O senhor não esteve aqui”. Elas davam a sensação de uma resposta comum e diziam

algo a respeito das mudanças ocorridas em Gammu desde que ele havia inspecionado o local.

Eles entraram na periferia de Ysai naquele instante, e Teg considerou se deveria tentar se disfarçar. O homem *arruinado* o havia reconhecido depressa.

– Onde as Honoráveis Matres procuram por mim agora? – Teg questionou.

– Em todos os lugares, bashar. Não podemos garantir a sua segurança, mas medidas estão sendo tomadas. Farei que saibam onde deixei o senhor.

– Elas falaram os motivos de me caçar?

– Elas nunca se explicam, bashar.

– Há quanto tempo elas estão em Gammu?

– Há tempo demais, senhor. Desde que eu era uma criança e um balterno em Renditai.

*Cem anos, pelo menos, Teg pensou. Tempo bastante para reunir muitas forças em suas mãos... se os temores de Taraza merecessem algum crédito.*

Teg lhes dava crédito.

“Não confie em ninguém que aquelas meretrizes possam influenciar”, Taraza havia dito.

Ainda assim Teg não se sentiu ameaçado pela posição que ocupava atualmente. Ele apenas podia absorver o sigilo que obviamente o cercava naquele momento. Ele não insistiu por mais detalhes.

Eles já se encontravam no centro de Ysai e Teg relanceou, através dos espaços ocasionais entre os muros que cercavam as grandes residências privadas, o imponente vulto negro da antiga sede dos Harkonnen de Baronato. O carro virou em uma rua de pequenos estabelecimentos comerciais: construções baratas

erigidas, em sua maior parte, com materiais de demolição que denunciavam sua origem por não se encaixarem bem e pelas cores contrastantes. Placas berrantes anunciavam que as mercadorias em seu interior eram as melhores, que os serviços de reparo eram superiores aos de qualquer outro local.

Não que Ysai tivesse se deteriorado ou dilapidado, Teg considerou. O crescimento ali havia se desviado para algo pior do que o feio. Alguém havia decidido tornar esse lugar repugnante. Esse era o ponto-chave de grande parte do que ele via na cidade.

O tempo não parara ali, retrocedera. Essa não era uma cidade moderna, cheia de cápsulas de transporte brilhantes e construções isoladas e uniformes. As edificações eram apenas amontoados aleatórios, estruturas antiquíssimas unidas a estruturas antiquíssimas, algumas erigidas para satisfazer preferências pessoais, outras obviamente projetadas com alguma finalidade há muito esquecida. Tudo acerca de Ysai era unificado em uma proximidade cuja desorganização beirava o caos. O que a salvava, Teg sabia, era o velho padrão de vias ao longo das quais esse amálgama havia sido engendrado. O caos estava contido, ainda que o padrão que havia nas ruas não estivesse em conformidade com qualquer plano mestre. Ruas se encontravam e cruzavam em ângulos estranhos, raramente retos. Visto de cima, o lugar era uma colcha insana, sendo que apenas o retângulo negro e gigante do antigo Baronato denotava um plano organizado. O resto era rebeldia arquitetônica.

Teg percebeu de súbito que o lugar era uma mentira recoberta com outras mentiras, baseadas nas mentiras anteriores, e tal mistura ensandecida nunca poderia ser revirada para se tornar uma verdade útil. Todo Gammu era assim. Qual seria a origem de tamanha loucura? Era obra dos Harkonnen?

– Chegamos, senhor.

O motorista encostou no meio-fio diante de uma construção desprovida de janelas, toda revestida de açoplás negro e com uma única porta no andar térreo. Nenhum material de demolição fora usado nessa construção. Teg reconheceu o lugar: o esconderijo que ele havia escolhido. Coisas não identificadas tremeluziram na segunda visão de Teg, mas ele não pressentiu qualquer ameaça imediata. O motorista abriu a porta e deu um passo para o lado.

– Não há muito movimento aqui a esta hora, senhor. Eu entraria o mais rápido possível.

Sem olhar para trás, Teg disparou pela calçada estreita e adentrou o prédio – um pequeno vestíbulo bem iluminado feito de plaz branco polido e apenas fileiras de olhos-com para recebê-lo. Ele se posicionou em um tubo elevador e introduziu as coordenadas que lembrava. Esse tubo, ele sabia, erguia-se até o topo da construção, aos fundos do 57º andar, onde havia algumas janelas. Ele se recordou de uma sala de jantar privativa, adornada com mobiliário em tons vermelho-escuros e marrom-escuros, e uma mulher de olhos duros com óbvios sinais de que recebera treinamento Bene Gesserit, mas não era uma Reverenda Madre.

O tubo o despejou no cômodo do qual ele se lembrava, mas não havia ninguém para recebê-lo. Teg olhou ao redor para a sólida mobília amarronzada. Quatro janelas na parede oposta estavam ocultas por grossos drapejados castanhos.

Teg sabia que havia sido visto. Ele aguardou pacientemente, usando sua recém-aprendida visão-duplicadora para antecipar problemas. Não havia indícios de ataque. Ele assumiu uma posição ao lado da saída do tubo e olhou ao redor mais uma vez.

Teg tinha uma teoria sobre a relação entre cômodos e janelas: o número de janelas, sua localização, seu tamanho, sua elevação a

partir do piso, a relação entre o tamanho do aposento e o da janela, o pé-direito do cômodo, janelas acortinadas ou drapejadas... tudo isso estava sujeito à interpretação-Mentat, contra o conhecimento das finalidades de tal cômodo. Aposentos podiam ser arrumados para servir a uma espécie de hierarquia definida com extrema sofisticação. Usos emergenciais poderiam ignorar tais especificações, mas, nos outros casos, elas eram bem confiáveis.

A ausência de janelas em um cômodo acima do solo transmitia uma mensagem peculiar. Se humanos ocupassem tal recinto, não significaria necessariamente que sigilo era o objetivo principal. Ele havia visto sinais inconfundíveis em disposições escolares nas quais as salas de aula desprovidas de janelas eram tanto um retiro do mundo exterior quanto uma forte afirmação de aversão pelas crianças.

Esse aposento, entretanto, apresentava algo diferente: sigilo condicionado somado à necessidade de manter uma observação ocasional sobre o mundo exterior. Discrição protetora quando requisitado. Sua opinião se reforçou quando ele cruzou o cômodo e afastou um dos drapejados para o lado. As janelas eram de plaz triplamente blindado. Certo! Manter aquele mundo externo em observação poderia atrair um ataque. Tal era a opinião de sabe-se lá quem ordenou que o aposento fosse protegido daquela forma.

Mais uma vez, Teg afastou o drapejado. Observou um canto que reluzia. Refletores prismáticos instalados ali amplificavam a vista ao longo da parede adjacente para ambos os lados e do teto até o chão.

Vejam só!

Sua visita anterior não havia lhe dado tempo para um exame tão minucioso, mas agora ele havia feito uma avaliação mais completa.

Um cômodo muito interessante. Teg soltou o drapejado e se virou bem a tempo de ver um homem alto chegando a partir do tubo.

A visão duplicada de Teg lhe forneceu uma firme previsão sobre o estranho. Aquele homem trazia um perigo oculto. O recém-chegado era claramente um militar – a forma como se apresentava, os olhos rápidos para detalhes que apenas um oficial treinado e experiente poderia captar. E havia outra coisa em seu maneirismo que fez Teg se retesar. Ele era um traidor! Um mercenário disponível para quem pagasse o valor mais alto.

– Trataram o senhor de um jeito desgraçado – o homem saudou Teg. A voz era a de um barítono grave, dotada da inconsciente presunção de poder pessoal. Tinha um sotaque que Teg nunca ouvira antes. Era alguém da Dispersão! Um bashar ou posto equivalente, Teg estimou.

Ainda assim, não havia indicação de ataque imediato.

Como Teg não respondeu, o homem prosseguiu:

– Ah, desculpe-me, meu nome é Muzzafar. Jafa Muzzafar, comandante regional para as forças de Dur.

Teg nunca ouvira falar nas forças de Dur.

Perguntas se amontoavam na mente de Teg, mas ele as manteve para si. Qualquer coisa que dissesse poderia trair sua fraqueza.

Onde estavam as pessoas que o haviam encontrado ali anteriormente? *Por que escolhi este local?* A decisão havia sido tomada com tamanha segurança interior.

– Por favor, fique à vontade – Muzzafar disse, indicando um pequeno divã com uma mesa de centro na frente. – Asseguro-lhe de que nada que aconteceu com o senhor foi obra minha. Tentei cessar tudo aquilo quando ouvi que o senhor já havia... saído de cena.

Teg captou outro indício na voz de Muzzafar naquele instante: cautela que beirava o medo. Então esse homem ouvira a respeito

ou vira a cabana e a clareira.

- Maldição, aquilo foi esperto de sua parte – Muzzafar comentou.
- Fazer sua força de ataque aguardar até que seus captores estivessem concentrados em tirar informações do senhor. Eles descobriram alguma coisa?

Teg meneou a cabeça de um lado para o outro em silêncio. Ele se sentiu na iminência de ser provocado a responder rapidamente a um ataque, entretanto não pressentiu qualquer violência imediata ali. O que aqueles Perdidos estavam fazendo? Mas Muzzafar e seu pessoal haviam feito uma avaliação equivocada do que acontecera na sala da sonda-T. Isso ficou claro.

- Por favor, sente-se – Muzzafar insistiu.

Teg tomou o assento ofertado no divã.

Muzzafar se sentou em uma grande cadeira voltada para Teg, ligeiramente em ângulo, do outro lado da mesa de centro. Havia um senso furtivo de alerta em Muzzafar. Ele estava preparado para violência.

Teg estudou o homem com interesse. Muzzafar não revelara seu verdadeiro posto – apenas comandante. Um camarada alto com um rosto largo e corado, dotado de um grande nariz. Os olhos eram verde-acinzentados e evidenciavam o truque de focar pouco atrás do ombro direito de Teg quando um dos dois falava. Teg conhecera um espião que fazia isso.

- Ora, ora – Muzzafar prosseguiu. – Li e ouvi muito a seu respeito desde que cheguei aqui.

Teg continuou a estudá-lo em silêncio. O cabelo de Muzzafar havia sido cortado bem rente e uma cicatriz arroxeadada com cerca de três milímetros cruzava a linha do escalpo sobre seu olho esquerdo. Ele vestia um paletó verde-claro que combinava com suas calças – não exatamente um uniforme, mas havia um asseio em sua figura



que indicava zelo frequente. Seus sapatos eram prova disso. Teg acreditava que seria capaz de ver o próprio reflexo na superfície castanho-clara caso se reclinasse.

– Nunca esperei que o conheceria pessoalmente, é claro – Muzzafar disse. – Considere isso uma grande honra.

– Conheço muito pouco a seu respeito, exceto que comanda uma força da Dispersão – Teg retrucou.

– Humpf! Não há muito a saber, na verdade.

Mais uma vez, as dores da fome dominaram Teg. Seu olhar vagou para o botão ao lado da entrada do tubo, o qual, ele se lembrava, convocaria um garçom. Aquele era um lugar onde humanos faziam o trabalho comumente designado a autômatos, uma desculpa para manter uma grande força à disposição.

Interpretando erroneamente o interesse de Teg no tubo, Muzzafar comentou:

– Por favor, não pense em partir. Chamei meu médico particular para examiná-lo. Não deve demorar mais que um instante. Eu apreciaria se o senhor esperasse tranquilamente até que ele chegue.

– Eu estava apenas pensando em pedir algo para comer – Teg argumentou.

– Aconselho o senhor a esperar até que o médico o avalie. Atordoadores deixam alguns efeitos colaterais terríveis.

– Então o senhor ficou sabendo.

– Sei de todo o maldito fiasco. O senhor e seu homem, Burzmali, são forças a serem consideradas.

Antes que Teg pudesse responder, o tubo despejou um homem alto em um traje único com paletó vermelho, um homem tão esquelético que a roupa lhe sobrava e ondulava ao redor. A tatuagem em forma de diamante de um médico Suk havia sido

marcada a ferro em sua testa ampla, mas a marca era alaranjada, não o negro habitual. Os olhos do doutor estavam ocultos por uma capa alaranjada brilhante, que escondia sua verdadeira cor.

*Algum tipo de vício?*, Teg imaginou. Não havia qualquer cheiro dos narcóticos comuns em sua imediação, nem mesmo mélange. Entretanto, sentia-se um odor ácido, que lembrava algum tipo de fruta.

– Aí está você, Solitz! – Muzzafar exclamou. Ele gesticulou na direção de Teg. – Faça uma boa varredura. Um atordoador o acertou anteontem.

Solitz apanhou um reconhecível varredor Suk, compacto e que cabia em uma mão. Sua sonda produzia um zunido baixo.

– Então você é um médico Suk – Teg comentou, olhando acentuadamente para a marca laranja na testa do homem.

– Sim, bashar. Meu treinamento e condicionamento são os melhores em nossa antiga tradição.

– Nunca vi a marca identificadora nessa cor – Teg observou.

O médico passou seu varredor em torno da cabeça de Teg.

– A cor da tatuagem não faz diferença, bashar. O que está atrás dela é tudo o que importa. – Ele baixou o varredor até os ombros de Teg, em seguida pelo resto do corpo.

Teg aguardou o zunido parar.

O médico deu um passo para trás e se dirigiu a Muzzafar:

– Ele está muito bem, marechal. Incrivelmente bem, considerando sua idade, mas ele precisa desesperadamente de alimento.

– Sim... bem, está ótimo, então, Solitz. Cuide disso. O bashar é nosso convidado.

– Pedirei uma refeição apropriada para as necessidades dele – Solitz concordou. – Coma devagar, bashar. – Solitz realizou uma

continência perfeita que fez seu paletó e suas calças tremularem. O tubo o engoliu.

– Marechal?

– Um retorno aos títulos ancestrais em Dur – Muzzafar explicou.

– Dur? – Teg se arriscou.

– Como sou estúpido! – Muzzafar retirou um pequeno estojo de um bolso lateral de seu paletó e extraiu uma pasta fina. Teg reconheceu um holostato, similar ao que ele mesmo carregava durante seu longo serviço – imagens de casa e da família. Muzzafar colocou o holostato na mesa entre os dois e apertou o botão de controle.

A imagem completamente colorida de um grande e denso trecho de floresta surgiu com vida sobre o tampo da mesa.

– Lar – Muzzafar disse. – O arbusto estruturador bem ali no centro. – Um dedo indicou o local na projeção. – O primeiro que me obedeceu. As pessoas riram de mim por escolher o primeiro dessa forma e insistir tanto em ficar com ele.

Teg encarou a projeção, percebendo a profunda tristeza na voz de Muzzafar. O arbusto indicado era um agrupamento delgado de galhos finos com bulbos azuis brilhantes que pendiam de suas pontas.

*Arbusto estruturador?*

– Uma coisinha bem afilada, eu sei – Muzzafar complementou, recolhendo o dedo que ainda indicava a projeção. – Nada seguro. Tive que me defender algumas vezes nos primeiros meses ali. Mas acabei me apegando a ele. Eles respondem a isso, sabe. Agora é a melhor casa em todos os vales profundos, pela Eterna Rocha de Dur!

Muzzafar observou a expressão intrigada de Teg.

– Maldição! Vocês não têm arbustos estruturadores, é claro. O senhor deve perdoar minha estrondosa ignorância. Temos muito a ensinar um ao outro, creio eu.

– O senhor chamou a isso de lar – Teg disse.

– Ah, sim. Com um direcionamento apropriado, assim que eles aprendem a obedecer, é claro, um arbusto estruturador cresce de forma espontânea até se tornar uma magnífica residência. Levam apenas quatro ou cinco padrões.

*Padrões*, Teg pensou. Então os Perdidos ainda usavam os anos-padrão.

O tubo sibilou e uma jovem em um vestido azul de atendente entrou no cômodo trazendo uma cápsula térmica em suspensores, que foi posicionada perto da mesa diante de Teg. Seus trajes eram do tipo que Teg havia visto durante sua inspeção original, mas o rosto agradavelmente arredondado não lhe era familiar. Seu couro cabeludo havia sido depilado, deixando um campo de veias proeminentes. Seus olhos eram de cor azul-água e sua postura tinha indícios de que ela se sentia intimidada. A jovem abriu a cápsula térmica e os odores temperados de comida se insinuaram nas narinas de Teg.

Teg estava alerta, mas não pressentiu qualquer ameaça imediata. Ele podia ver a si mesmo comendo a comida sem efeitos nocivos.

A jovem colocou uma fileira de pratos sobre a mesa diante dele e dispôs os talheres cuidadosamente em um dos lados.

– Não tenho um farejador, mas provarei os pratos se o senhor desejar – Muzzafar ofereceu.

– Não é necessário – Teg replicou. Ele sabia que isso levantaria perguntas, mas sentiu que suspeitavam que ele fosse um Proclamador da Verdade. O olhar de Teg se concentrou na comida.

Sem qualquer decisão consciente, ele se inclinou para a frente e começou a comer. Acostumado com a fome-Mentat, ele ficou surpreso com as próprias reações. Usar o cérebro em modo Mentat consumia calorias em uma taxa alarmante, mas essa era uma nova necessidade que o impelia. Ele sentiu a própria sobrevivência controlando suas ações. Aquela fome ia além de qualquer experiência anterior. A sopa que ele comera com alguma cautela na casa do homem *arruinado* não despertara tamanha reação exigente.

*O médico Suk escolheu corretamente*, Teg pensou. Aquela comida havia sido selecionada a partir do diagnóstico do varredor.

A jovem continuou trazendo mais pratos em cápsulas térmicas que eram solicitadas por meio do tubo.

Teg teve de se levantar no meio da refeição e se aliviar no lavatório contíguo, cômico de que havia olhos-com escondidos que o mantinham sob constante supervisão. Ele sabia, por suas reações físicas, que seu sistema digestivo havia se acelerado a um novo nível de necessidade corporal. Quando voltou à mesa, ele se sentia tão faminto como se ainda não tivesse comido.

A atendente começou a mostrar sinais de surpresa, depois de preocupação. Ainda assim, ela continuou a trazer mais comida de acordo com as demandas do bashar.

Muzzafar assistia com estupefação crescente, mas nada disse.

Teg sentiu a reposição sustentadora da comida, o ajuste calórico preciso que o médico Suk havia prescrito. Entretanto, eles obviamente não consideraram a quantidade. A garota aquiescia aos pedidos do bashar em uma espécie de andar atordoado.

Por fim, Muzzafar falou:

– Devo dizer que nunca antes vi alguém comer tanto de uma só vez. Não consigo perceber como o senhor faz isso. Nem o motivo.

Teg se recostou, finalmente satisfeito, sabendo que atizara perguntas que não poderiam ser respondidas com veracidade.

– É uma coisa Mentat – Teg mentiu. – Passei por um período muito extenuante.

– Incrível – Muzzafar murmurou. Ele se levantou.

Quando Teg começou a se pôr de pé, Muzzafar gesticulou para que ele ficasse:

– Não há necessidade. Preparamos um alojamento para o senhor no cômodo ao lado. É mais seguro não mantê-lo aqui.

A jovem saiu com as cápsulas térmicas vazias.

Teg estudou Muzzafar. Algo mudara durante a refeição. Muzzafar o observava com um olhar frio e avaliador.

– Você tem um comunicador implantado – Teg afirmou. – Recebeu novas instruções.

– Não seria aconselhável que seus amigos atacassem este local – Muzzafar replicou.

– O senhor acha que esse é meu plano?

– Qual é seu plano, bashar?

Teg sorriu.

– Muito bem. – O olhar de Muzzafar se desviou ao ouvir seu comunicador. Quando ele se concentrou mais uma vez em Teg, sua expressão assemelhava-se a de um predador. Teg se sentiu golpeado por aquele olhar, reconhecendo que outra pessoa estava vindo àquele cômodo. O marechal considerava esse novo desenvolvimento algo extremamente perigoso para seu convidado, mas Teg não viu coisa alguma que pudesse derrotar suas novas habilidades.

– Você pensa que sou seu prisioneiro – Teg disse.

– Pela Eterna Rocha, bashar! O senhor não é o que eu esperava!

– A Honorável Matre que está a caminho, o que ela espera? – Teg questionou.

– Bashar, eu lhe aviso: não assumo esse tom com ela. O senhor não faz a menor ideia do que está prestes a acontecer consigo.

– Uma Honorável Matre é o que está prestes a acontecer comigo – Teg rebateu.

– E desejo-lhe muita sorte com ela!

Muzzafar girou sobre os calcanhares e deixou o recinto pelo tubo.

Teg observou sua saída. Ele podia ver os lampejos de sua segunda visão como uma luz piscando ao redor do tubo. A Honorável Matre estava por perto, mas ainda não se achava pronta para adentrar aquele cômodo. Primeiro ela consultaria Muzzafar. O marechal não seria capaz de dizer nada de real importância àquela mulher perigosa.

**A memória nunca recaptura a realidade. A memória reconstrói. Todas as reconstruções mudam o original, tornando-se referências externas que lhe são, inevitavelmente, inferiores.**

**– Manual dos Mentat**

Lucilla e Burzmali entraram em Ysai a partir do sul, por um bairro de classe baixa com postes de iluminação amplamente espaçados. Faltava apenas uma hora para a meia-noite, e ainda assim as pessoas se aglomeravam nas ruas daquele bairro. Algumas andavam em silêncio, algumas conversavam com vigor impulsionado pelas drogas, algumas apenas observavam ansiosamente. Elas se amontoavam nas esquinas e atraíam o olhar fascinado de Lucilla ao passar.

Burzmali insistia para que andassem mais rápido, um cliente ansioso para ficar a sós com ela. Lucilla mantinha sua atenção dissimulada nas pessoas.

O que faziam ali? Aqueles homens aguardando nos umbrais: o que esperavam? Trabalhadores com aventais grossos emergiam de uma passagem larga enquanto Lucilla e Burzmali caminhavam. Havia um cheiro forte de esgoto rançoso e suor pairando ao redor deles. Os trabalhadores, quase igualitariamente divididos entre homens e mulheres, eram altos, encorpados e com braços fortes. Lucilla não era capaz de imaginar quais seriam suas ocupações, mas eles eram de um tipo singular e a faziam perceber quão pouco conhecia a respeito de Gammu.

Os trabalhadores escarravam e cuspiam na sarjeta ao sair para a noite. *Livrando-se de algum agente contaminador?*



Burzmali levou seus lábios à orelha de Lucilla e sussurrou:

– Esses trabalhadores são os bordanos.

Ela arriscou um olhar de relance na direção para a qual eles caminhavam, para uma rua lateral. *Bordanos?* Ah, sim, pessoas treinadas e criadas para trabalhar com o maquinário de compressão que lidava com os gases do esgoto. Elas haviam sido criadas para perder o sentido de olfato, e a musculatura de seus ombros e braços fora aumentada. Burzmali a guiou a uma esquina e para além da vista dos bordanos.

Cinco crianças surgiram de um umbral escuro ao lado deles e formaram uma linha seguindo Lucilla e Burzmali. Lucilla notou que elas seguravam pequenos objetos. As crianças os seguiam com uma intensidade estranha. De forma abrupta, Burzmali parou e se virou. Elas também estancaram e o encararam. Ficou claro para Lucilla que as crianças estavam preparadas para alguma violência.

Buzmali uniu ambas as mãos diante de si e fez uma reverência para as crianças.

– Guldur! – ele exclamou.

Quando Burzmali voltou a guiar Lucilla pela rua, as crianças já não os seguiam.

– Elas teriam nos apedrejado – ele comentou.

– Por quê?

– São crianças de uma seita que segue Guldur, o nome local para o Tirano.

Lucilla olhou para trás, mas as crianças já não estavam em seu campo de visão. Elas haviam partido em busca de outra vítima.

Burzmali a conduziu na direção de outra esquina. Eles então se encontraram em uma rua tumultuada, com pequenos mercadores vendendo seus artigos em suportes com rodas: alimentos, peças de vestuário, pequenas ferramentas e facas. Uma melodia de gritos

enchia o ar enquanto os mercadores tentavam atrair clientes. Suas vozes estavam carregadas daquele tom de final de um dia de trabalho – um esplendor falso, composto de esperança de que velhos sonhos poderiam ser realizados, ainda que marcados pelo conhecimento de que a vida não mudaria em decorrência deles. Ocorreu a Lucilla que as pessoas naquelas ruas perseguiam sonhos efêmeros, que a realização procurada não era uma coisa em si, mas um mito que eles haviam sido condicionados a buscar, assim como animais de corrida eram treinados para perseguir sua presa giratória em uma pista oval interminável.

Na rua logo adiante deles, uma figura corpulenta trajando um casaco de revestimento grosso travava uma discussão acalorada com um mercador que oferecera uma sacola repleta de bulbos vermelho-escuros de uma adocicada fruta ácida. O aroma da fruta enchia o ar ao redor deles.

– Você estaria roubando o alimento da boca dos meus filhos! – o mercador se lamentou.

– Eu também tenho filhos! – A figura corpulenta retrucou em uma voz aguda, com um sotaque que deu calafrios a Lucilla em razão de sua familiaridade.

Lucilla se controlou com esforço.

Quando já estavam longe da rua dos mercadores, ela sussurrou para Burzmali:

– Aquele homem com o casaco pesado ali atrás... era um Mestre tleilaxu!

– Não pode ser – Burzmali protestou. – Alto demais.

– Dois deles, um sobre os ombros do outro.

– Você tem certeza?

– Tenho certeza.

– Vi outros iguais àquele desde que chegamos, mas não suspeitei.

– Muitos patrulheiros estão nestas ruas – ela observou.

Lucilla descobriu que não se importava muito com a vida cotidiana dos habitantes sórdidos daquele planeta sórdido. Ela já não confiava nas justificativas para trazer o ghola até ali. De todos os planetas nos quais o precioso ghola poderia ter sido criado, por que a Irmandade escolhera aquele? Ou será que o ghola era mesmo tão precioso? Poderia ele ser um mero chamariz?

Quase bloqueando a entrada estreita de um beco ao lado deles estava um homem operando um dispositivo alto com luzes giratórias.

– Viva! – ele berrou. – Viva!

Lucilla diminuiu seu ritmo para observar um transeunte entrar no beco e passar uma moeda para o proprietário, então se curvou sobre uma bacia côncava que brilhava sob as luzes. O proprietário retribuiu o olhar de Lucilla. Ela viu que ele tinha um rosto escuro e estreito, a cara de um caladaniano primitivo em um corpo que era pouco mais alto que o de um Mestre tleilaxu. Uma expressão de desprezo cruzou o rosto sorumbático do homem ao aceitar o dinheiro de seu cliente.

O cliente levantou o rosto da bacia, estremecendo, e em seguida deixou o beco, um pouco trôpego, seus olhos vidrados.

Lucilla reconheceu o dispositivo. Os usuários o chamavam de hipnobong, e era ilegal em todos os mundos mais civilizados.

Burzmali a apressou para que saíssem do campo de visão do sorumbático proprietário do hipnobong.

Eles chegaram a uma rua lateral mais ampla, com um umbral na esquina da construção oposta à posição deles. Tráfego de pedestres por todos os lados; nenhum veículo à vista. Um homem

alto estava sentado no primeiro degrau do umbral na esquina, seus joelhos retraídos bem perto de seu queixo. Seus longos braços envolviam os joelhos e as mãos de dedos finos os agarravam com firmeza. Ele usava um chapéu negro de aba larga, que abrigava seu rosto dos postes de iluminação, mas os brilhos gêmeos que refulgiam a partir das sombras sob a aba do chapéu diziam a Lucilla que aquele era um tipo de humano que ela jamais encontrara. Isso era algo sobre o qual as Bene Gesserit apenas especulavam.

Burzmali esperou até que estivessem bem longe da figura sentada antes de satisfazer a curiosidade de sua acompanhante.

– Futar – ele sussurrou. – É como eles chamam a si mesmos. Foram vistos apenas recentemente aqui em Gammu.

– Um experimento tleilaxu – Lucilla especulou. Então pensou: *um equívoco que retornou da Dispersão*. – O que eles estão fazendo aqui? – ela questionou.

– Uma colônia mercante, pelo menos é isso que os nativos nos disseram.

– Não acredite nisso. Aqueles são animais de caça que foram acasalados com humanos.

– Ahhh, aqui estamos – Burzmali observou.

Ele guiou Lucilla através de um umbral estreito, entrando em um estabelecimento alimentício pouco iluminado. Lucilla sabia que isto era parte de seu disfarce: fazer o que os outros naquele bairro faziam. Mas ela não gostou da ideia de comer naquele lugar, especialmente pelo que ela captava dos odores.

O lugar estava cheio, mas começou a esvaziar assim que eles entraram.

– Este *commerciel* nos foi altamente recomendado – Burzmali disse enquanto ambos se sentavam em um mecaespaço e aguardavam o menu ser projetado.

Lucilla observou os frequentadores deixando o local. Trabalhadores noturnos das fábricas e escritórios próximos, ela supôs. Eles transpareciam ansiedade em sua pressa, talvez temerosos do que poderia lhes acontecer caso se demorassem.

Como ela estivera isolada no Forte, Lucilla pensou. Ela não gostou do que estava aprendendo sobre Gammu. Que lugar asqueroso era aquele *commerciel*. Os bancos diante do balcão à direita dela tinham marcas e estavam lascados. O tampo da mesa diante de si estava sulcado e tão esfregado com produtos de limpeza de baixa qualidade que já não era mantido limpo pelo aspirapó, cujo bocal Lucilla podia ver perto de seu cotovelo esquerdo. Não havia sinal nem mesmo do mais barato sônico para manter a limpeza. Comida e outras evidências de deterioração haviam se acumulado nos arranhões da mesa. Lucilla estremeceu. Ela não conseguia evitar o sentimento de que havia sido um erro se separar do gholi.

Ela percebeu que o menu havia sido projetado e Burzmali já estava passando os olhos por ele.

– Vou pedir algo para você – ele disse.

Era a maneira de Burzmali dizer que não queria que ela cometesse o erro de pedir algo que uma mulher de Hormu normalmente evitaria.

Ela se irritou com a sensação de dependência. Ela era uma Reverenda Madre! Havia sido treinada para assumir o comando de qualquer situação, mestra de seu próprio destino. Como tudo aquilo era cansativo. Ela gesticulou na direção da janela imunda à esquerda, através da qual podia-se ver pessoas passando pela rua estreita.

– Estou perdendo clientes enquanto nos demoramos, Skar.

*Pronto. Isso era parte de sua personagem.*

Burzmali quase suspirou. *Finalmente!*, ele pensou. Ela começou a trabalhar outra vez como uma Reverenda Madre. Ele não conseguia compreender a atitude abstraída que ela assumira, o modo como olhava para a cidade e seus habitantes.

Duas bebidas leitosas deslizaram pela reentrância até a mesa. Burzmali bebeu a sua em um só gole. Lucilla experimentou o líquido com a ponta de sua língua, avaliando seus componentes. Uma imitação cafeácea diluída em um suco com sabor de nozes.

Burzmali gesticulou para o alto com o queixo para que ela bebesse depressa. Ela obedeceu, escondendo uma careta em razão do gosto químico. A atenção de Burzmali estava em algo logo acima do ombro direito de sua companheira, mas ela não ousou se virar. Não estaria de acordo com sua personagem.

– Venha. – Ele colocou uma moeda sobre a mesa e apressou Lucilla pela saída. Ele esboçou o sorriso de um cliente ávido, mas havia cautela em seus olhos.

O ritmo das ruas mudara. Havia menos pessoas. Os umbrais sombreados transmitiam um senso ainda mais profundo de ameaça. Lucilla lembrou a si mesma de que ela supostamente representava uma guilda poderosa, cujos membros eram imunes ao tipo de violência comum naquele tipo de local sórdido. As poucas pessoas na rua abriam caminho para ela, observando os dragões em seu manto com todos os indícios de temor.

Burzmali parou diante de um umbral.

Era como os outros que ladeavam aquela rua, um pouco afastado da calçada, tão alto que aparentava ser mais estreito do que de fato era. Um feixe de segurança antiquado protegia a entrada. Aparentemente nenhum dos novos sistemas havia chegado à periferia. As próprias ruas eram prova disso: projetadas para carros terrestres. Ela duvidava que houvesse uma única plataforma

de pouso em algum telhado de toda aquela região. Não se via nem se ouvia qualquer sinal de esvoatóptero ou de tópteros. Entretanto, havia música – um sussurro indistinto e remanescente de semuta. Algo novo no vício em semuta? Aquela certamente seria a região aonde os viciados iriam para se drogar.

Lucilla olhou para cima, na direção da fachada do edifício, enquanto Burzmali seguia adiante, fazendo que sua presença fosse anunciada por entrar no feixe do umbral.

Não havia janelas na fachada do prédio. Apenas débeis lampejos das superfícies de olhos aqui e ali, incrustados no revestimento baço do antigo açoplás. Eram olhos-com defasados, ela notou, muito maiores que os modelos mais modernos.

Uma porta nas profundezas das sombras abriu-se para dentro sobre dobradiças silenciosas.

– Por aqui. – Burzmali se virou para trás e conduziu-a com urgência para o interior com uma de suas mãos no cotovelo da companheira.

Eles entraram em um corredor mal iluminado que tinha uma mistura de cheiros de comidas exóticas e essências pungentes. Lucilla precisou de um instante para identificar alguns dos odores que assaltavam suas narinas. Mélange. Ela captou a inconfundível maturidade de canela. E, sim, semuta. Ela identificou arroz queimado e sais de higet. Alguém estava mascarando outro tipo de *preparo*. Estavam fazendo explosivos ali. Ela cogitou avisar Burzmali, mas decidiu contra essa ideia. Não havia a necessidade de avisá-lo e poderia haver ouvidos em um local confinado como aquele para captar tudo o que ela dissesse.

Burzmali a conduziu até um lance de escadas sombrio com uma indistinta faixa de iluminação acompanhando a base da tábua lateral inclinada. No topo ele encontrou um interruptor oculto por trás de um

remendo na tapeçaria da parede que havia sido reformada diversas vezes. Não se ouviu qualquer som quando ele acionou o interruptor, mas Lucilla sentiu uma mudança em todo o movimento ao redor deles. Silêncio. Era um novo tipo de silêncio para sua experiência, um preparo sorrateiro para fuga ou violência.

Fazia frio na escadaria e ela estremeceu, mas não pela baixa temperatura. Ouviu-se o som de passos além da porta ao lado do interruptor oculto pelo remendo.

Uma velha desgrehada trajando um avental amarelado abriu a porta e os encarou por baixo de suas sobancelhas desalinhadas.

– É você – ela comentou, com a voz oscilante. A velha deu um passo para o lado, abrindo passagem para os dois.

Lucilla relanceou depressa os arredores do cômodo enquanto ouvia a porta se fechar atrás deles. Uma pessoa não observadora poderia achar o aposento bagunçado, mas isso era superficial. Sob essa ótica, havia qualidades. A desordem era outra máscara, em parte porque aquele lugar havia sido preparado para uma pessoa particularmente exigente: isto vai aqui, e em nenhum outro lugar! Aquilo vai ali, e lá deve ficar. As mobílias e os bricabraques pareciam um pouco gastos, mas alguém ali não fazia objeções a isso. O cômodo transmitia uma sensação melhor por ser assim. Era esse tipo de acomodação.

Quem era o proprietário daquele quarto? A velha? Ela fazia a dolorosa travessia em direção a uma porta à esquerda do grupo.

– Não devemos ser perturbados até a alvorada – Burzmali falou.

A velha parou e se virou.

Lucilla a estudou. Seria outra que fingia uma idade avançada? Não. Sua idade era real. Todos os seus movimentos eram difusos em razão de sua instabilidade: um tremular do pescoço, uma falha do corpo que a traía de maneiras que ela não conseguia evitar.



– Mesmo se for alguém importante? – a velha perguntou com sua voz vacilante.

Os olhos da mulher se repuxavam quando ela falava. Sua boca se movia apenas o mínimo para emitir os sons necessários, espaçando as palavras como se fossem trazidas de algum lugar nas profundezas da velha. Seus ombros, arqueados em razão dos anos em que se curvara para realizar algum trabalho fixo, não se endireitavam o bastante para que ela pudesse mirar os olhos de Burzmali. Em vez disso, ela o fitava através das sobrancelhas, uma postura estranhamente furtiva.

– Que tipo de pessoas importantes a senhora está esperando? – Burzmali perguntou.

A velha estremeceu e aparentou precisar de um longo tempo para compreender.

– Pessoas importantes vêm aqui – ela respondeu.

Lucilla reconheceu os sinais corporais e falou de forma intempestiva, pois Burzmali precisava saber:

– Ela é de Rakis!

O curioso olhar diagonal da velha se focou em Lucilla. A voz antiga falou:

– Eu era uma sacerdotisa, Dama de Hormu.

– É claro que ela é de Rakis – Burzmali confirmou. Seu tom a acautelava a não fazer perguntas.

– Eu não a feriria – a velha desgrenhada choramingou.

– Você ainda serve o Deus Dividido?

Outra vez, uma longa demora para que a velha respondesse.

– Muitos servem o Grande Guldur – ela disse.

Lucilla franziu os lábios e mais uma vez perscrutou o cômodo. A velha havia perdido muito de sua importância.

– Fico feliz pelo fato de que não terei de matá-la – Lucilla falou.

O maxilar da velha se abriu em uma paródia de surpresa enquanto saliva escorria de seus lábios.

Aquela era uma descendente dos fremen? Lucilla deixou sua repulsa se manifestar em um longo estremecimento. Aquela mendicante náufraga havia sido moldada a partir de pessoas que andavam altivas e orgulhosas, um povo que morrera bravamente. Essa morreria choramingando.

– Por favor, confie em mim – a velha se lamuriou e fugiu do cômodo.

– Por que você fez isso? – Burzmali questionou. – Essas são as pessoas que nos levarão a Rakis.

Ela apenas olhou para seu companheiro, reconhecendo o temor em sua pergunta. Era temor *por* ela.

*Mas eu não o imprimir há pouco*, ela considerou.

Com um senso de espanto, ela percebeu que Burzmali havia reconhecido o ódio dentro dela. *Eu os odeio!*, ela pensou. *Odeio as pessoas deste planeta!*

Aquela era uma emoção perigosa para uma Reverenda Madre; ainda assim, queimava em seu âmagô. Aquele planeta a havia mudado de uma forma que ela não queria. Lucilla não queria perceber que tais coisas podiam acontecer. A compreensão intelectual era uma coisa; a experiência, outra.

*Malditos sejam!*

Mas eles já haviam sido amaldiçoados.

O peito dela doía. Frustração! Não havia como escapar dessa nova percepção. O que acontecera àquele povo?

*Povo?*

Os corpos estavam ali, mas já não poderia se dizer que estavam completamente vivos. Ainda assim, perigosos. Completamente perigosos.

– Devemos descansar enquanto podemos – Burzmali sugeriu.

– Não fiz por merecer a minha paga? – ela questionou.

Burzmali empalideceu.

– Fizemos o que era necessário! Tivemos sorte e não fomos parados, mas isso poderia ter acontecido.

– E este lugar é seguro?

– Tão seguro quanto é possível. Todos aqui foram investigados por mim ou por meus subordinados.

Lucilla encontrou um sofá largo impregnado com velhos perfumes e nele se acomodou, para explorar suas emoções de ódio perigoso. Onde o ódio entrava, o amor poderia seguir! Ela ouviu Burzmali se esticando para descansar sobre almofadas encostadas à parede próxima. Logo ele estava respirando pesadamente, mas o sono fugia de Lucilla. Ela estava pressentindo inúmeras memórias, coisas que lhe eram apresentadas pelas Outras que compartilhavam seus repositórios internos do pensar. De forma abrupta, a visão interior lhe mostrou um vislumbre de uma rua e rostos, pessoas se movendo sob a luz brilhante do sol. Ela precisou de alguns instantes para perceber que via tudo isso de um ângulo peculiar – ela estava aninhada nos braços de alguém. Então ela soube que era uma de suas memórias pessoais. Ela conseguiu identificar quem a carregava, sentir as calorosas batidas do coração perto de sua bochecha rosada.

Lucilla sentiu o gosto salgado de suas próprias lágrimas.

Só então ela percebeu que Gammu a tocara mais profundamente do que qualquer experiência desde seus primeiros dias nas escolas Bene Gesserit.

## **Oculto por trás de barreiras poderosas o coração se torna gélido.**

### **– Darwi Odrade, Argumentação no Conselho**

Era um grupo repleto de tensões ferozes: Taraza (trajando uma malha secreta sob seu manto e atenta com as outras precauções que tomara), Odrade (certa de que poderia haver violência e, portanto, cautelosa), Sheeana (que fora completamente preparada para as possibilidades daquele encontro e protegida por três Madres Seguranças que se moviam com a jovem como uma armadura de carne), Waff (preocupado que seu raciocínio pudesse ter sido turvado por algum artifício Bene Gesserit), o falso Tuek (transparecendo todas as evidências de que estava prestes a explodir de raiva) e nove dos conselheiros rakianos de Tuek (cada um enfurecidamente dedicado a buscar ascendência para si ou para sua família).

Além deles, cinco guardiãs acólitas, criadas e treinadas pela Irmandade para violência física, permaneciam perto de Taraza. Waff se movia com um número equivalente dos novos Dançarinos Faciais.

Eles haviam se reunido em um apartamento de cobertura no topo do Museu de Dar-es-Balat. Era um cômodo comprido, com uma parede de plaz voltada para o leste, por sobre um jardim que cobria o cimo do prédio com folhagens enredadas. O interior havia sido mobiliado com divãs macios e era decorado com mostradores de arte, retirados da não sala do Tirano.

Odrade fora contra incluir Sheeana na discussão, mas Taraza permanecera inflexível. O efeito da garota em Waff e em alguns

membros do clero representava uma vantagem esmagadora para as Bene Gesserit.

Havia telas dolban dispostas ao longo da parede de janelas para manter o mais forte resplendor do sol ao oeste. O fato de o cômodo ficar voltado a oeste dizia algo a Odrade. As janelas revelavam a terra crepuscular onde Shai-hulud encontrava seu repouso. Era um aposento voltado para o passado, para a morte.

Ela admirou os dolbans a sua frente. Eles eram ripas negras e lisas com dez moléculas de largura e revolvendo em um meio líquido transparente. Configurados automaticamente, os melhores dolbans ixianos admitiam um nível predeterminado de luminosidade sem prejudicar a paisagem. Artistas e comerciantes de antiguidades preferiam-nos a sistemas polarizadores, Odrade sabia, porque eles admitiam um espectro completo da luz disponível. A instalação desses dispositivos indicava os usos para esse aposento: uma amostra do que havia de melhor na reserva do Imperador Deus. Sim, ali estava o vestido que havia sido usado por sua pretendida noiva.

Os conselheiros sacerdotais estavam discutindo ferozmente entre eles em um extremo do cômodo, ignorando o falso Tuek. Taraza estava por perto, escutando. Sua expressão dizia que ela achava que os sacerdotes eram tolos.

Waff estava de pé com seu séquito de Dançarinos Faciais próximo da ampla porta de entrada. Sua atenção se desviava de Sheeana para Odrade, para Taraza e, apenas em algumas ocasiões, para os sacerdotes em discussão. Cada movimento de Waff traía suas incertezas. As Bene Gesserit de fato o apoiariam? Eles seriam capazes de sobrepujar a oposição rakiana por meios pacíficos?

Sheeana e sua escolta protetora posicionaram-se ao lado de Odrade. A garota ainda mostrava seus músculos delgados, Odrade observou, mas estava ganhando corpo e os músculos haviam tomado a definição reconhecível das Bene Gesserit. Os planos altos de seus ossos molares tinham se suavizado sob aquela pele tom de oliva, os olhos castanhos estavam mais líquidos, mas ainda se viam mechas avermelhadas de sol em seus cabelos castanhos. A atenção que Sheeana dispensava aos sacerdotes que discutiam mostrava que ela estava avaliando o que lhe havia sido revelado durante a reunião para prepará-la.

- Eles vão mesmo brigar? – ela sussurrou.
- Ouça-os – Odrade respondeu.
- O que a Madre Superiora fará?
- Observe-a atentamente.

Ambas olharam na direção de Taraza, de pé com seu grupo de acólitas musculosas. Naquele momento, Taraza mostrava uma expressão entretida enquanto continuava a observar os sacerdotes.

O grupo rakiano começara a discutir do lado de fora do jardim suspenso. Eles haviam trazido sua rusga para dentro quando as sombras se alongaram. Respiravam raivosamente, resmungando por vezes e em outras elevando as vozes. Eles não perceberam como o mímico Tuek os assistia?

Odrade voltou sua atenção para o horizonte visível além do jardim sobre o teto: nenhum sinal de vida lá fora, no deserto. Em qualquer direção que se olhasse a partir de Dar-es-Balat via-se apenas areia. O povo nascido e crescido ali tinha uma visão sobre a vida e seu planeta diferente da visão da maioria daqueles conselheiros sacerdotais. Não era o Rakis dos cinturões verdes e oásis úmidos, encontrados com frequência nas altas latitudes como dedos floridos apontando na direção de longas trilhas desérticas. A

partir de Dar-es-Balat estava o deserto meridiano, que se estendia como uma faixa ao redor de todo o planeta.

– Já ouvi o suficiente desses contrassensos! – o falso Tuek explodiu. Ele empurrou um dos conselheiros para o lado com brutalidade e caminhou até o meio do grupo que discutia, girando sobre os calcanhares para encarar cada um deles. – Vocês estão todos loucos?

Um dos sacerdotes (foi o velho Albertus, pelos deuses!) olhou para Waff do outro lado do cômodo e exclamou:

– Ser Waff! O senhor poderia por gentileza controlar seu Dançarino Facial?

Waff hesitou e então se dirigiu aos contestantes, com seu séquito logo atrás.

O falso Tuek girou e apontou um dedo na direção de Waff:

– Você! Fique onde está! Não tolerarei qualquer interferência tleilaxu! Sua conspiração está muito clara para mim!

Odrade estivera observando Waff enquanto o mímico Tuek falava. Surpresa! O Mestre de Bene Tleilax nunca fora advertido de tal forma por um de seus subordinados. Que choque! A raiva convulsionou suas feições. Sons parecidos com os zumbidos de insetos nervosos saíram de sua boca, uma coisa modulada que claramente era algum tipo de linguagem. Os Dançarinos Faciais de seu séquito congelaram, mas o falso Tuek apenas retornou sua atenção para seus conselheiros.

Waff parara de zunir. Preocupação! Seu Tuek Dançarino Facial não se submeteria! Ele se movimentou bruscamente na direção dos sacerdotes. O falso Tuek viu o movimento e mais uma vez elevou a mão em sua direção, o dedo tremulando.

– Eu disse para você ficar fora disso! Você pode até se livrar de mim, mas não vou me aliar a sua imundice tleilaxu!

Isso foi o bastante. Waff parou. A compreensão o tomou. Ele disparou um olhar para Taraza, vendo sua expressão divertida em face do apuro do Mestre tleilaxu. Então ele tinha um novo alvo para a sua ira.

– Você sabia!

– Eu suspeitei.

– Você... Você...

– Você o modelou bem demais – Taraza comentou. – Isso é obra sua.

Os sacerdotes abstraídos não perceberam esse diálogo. Eles gritavam com o falso Tuek, ordenando que ele se calasse e fosse embora, chamando-o de “maldito Dançarino Facial!”.

Odrade estudava o alvo desse ataque com cuidado. Até onde fora a intuição dele? Ele realmente se convencera de que era Tuek?

Em uma súbita calmaria, o mímico se empertigou com dignidade e olhou com desprezo para seus acusadores.

– Todos vocês me conhecem – ele falou. – Todos vocês conhecem meus anos a serviço do Deus Dividido Que É O Deus Único. Eu me apresentarei a ele agora, se sua conspiração chegar a tal ponto, mas lembrem-se disso: Ele sabe o que jaz em seus corações!

Os sacerdotes olharam, de uma só vez, para Waff. Nenhum deles vira um Dançarino Facial substituir seu Sumo Sacerdote. Ninguém vira cadáver algum. Cada fragmento de evidências eram vestígios de vozes humanas dizendo coisas que poderiam ser mentiras. Tardiamente, vários deles se voltaram para Odrade. A voz dela fora uma das que os havia convencido.

Waff também olhava para Odrade.

Ela sorriu e se dirigiu ao Mestre tleilaxu.



– Vai ao encontro de nossos propósitos que o Sumo Sacerdócio não passe para outras mãos nesta ocasião – ela falou.

Waff imediatamente viu a vantagem disso para si mesmo. Esse era um empecilho entre os sacerdotes e as Bene Gesserit. Isso removia uma das mais perigosas vantagens que a Irmandade tinha sobre os Tleilaxu.

– Também vai ao encontro de meus propósitos – ele comentou.

Quando os sacerdotes começaram mais uma vez a erguer as vozes enraivecidas, Taraza se manifestou bem a tempo:

– Qual de vocês irá quebrar nosso acordo? – ela indagou.

Tuek empurrou dois de seus conselheiros para o lado e caminhou pelo cômodo até a Madre Superiora. Ele parou a um passo dela.

– Que jogo é esse? – ele questionou.

– Nós o apoiamos contra aqueles que desejam substituí-lo – ela respondeu. – Os Bene Tleilax se uniram a nós neste ponto. É nossa forma de demonstrar que também temos direito a voto na escolha do Sumo Sacerdote.

Várias vozes sacerdotais se ergueram em uníssono:

– Ele é um Dançarino Facial ou não?

Taraza olhou com benevolência para o homem diante de si:

– Você é um Dançarino Facial?

– É claro que não!

Taraza olhou para Odrade, que disse:

– Parece que houve um equívoco.

Odrade localizou Albertus entre os sacerdotes e travou um olhar com ele.

– Sheeana – Odrade prosseguiu –, o que a Igreja do Deus Dividido deve fazer agora?

Conforme havia sido instruída a fazer, Sheeana deu um passo além da proteção de suas guardiãs e falou com toda a altivez que lhe fora ensinada:

– Ela deve continuar a servir a Deus!

– As questões desta reunião parecem ter sido resolvidas – Taraza observou. – Caso o senhor precise de proteção, Sumo Sacerdote Tuek, um esquadrão de nossas guardiãs aguarda no corredor e está à sua disposição.

Elas conseguiram perceber a aceitação e a compreensão nele. O mímico Tuek se tornara uma criatura das Bene Gesserit. Ele nada recordava de suas origens de Dançarino Facial.

Depois que os sacerdotes e Tuek haviam partido, Waff lançou uma única palavra na direção de Taraza, falando no idioma do islamiyat.

– Explique!

Taraza se afastou de suas guardas, aparentando colocar-se em uma posição vulnerável. Era um movimento calculado que elas haviam debatido diante de Sheeana. No mesmo idioma, Taraza respondeu:

– Liberamos nosso controle sobre os Bene Tleilax.

Elas aguardaram enquanto Waff sopesava as palavras da Madre Superiora. Taraza lembrou a si mesma que o nome com que os Tleilaxu se referiam a eles próprios poderia ser traduzido como “inomináveis”. Essa era a designação normalmente reservada para deuses.

Aquele *deus* obviamente não estendera a descoberta que fizera ali sobre o que poderia acontecer com seus mímicos entre os ixianos e as Oradoras Peixe. Waff ainda teria outros choques vindouros. Entretanto, ele aparentava estar bem intrigado.

Waff confrontava diversas perguntas sem resposta. Ele não estava satisfeito com seus relatórios de Gammu. O jogo duplo no qual estava envolvido naquele instante era perigoso. Será que a Irmandade participava de um jogo similar? Mas os Perdidos Tleilaxu não poderiam ser deixados de lado sem provocar um ataque das Honoráveis Matres. A própria Taraza o havia alertado sobre isso. Será que o velho bashar em Gammu ainda representava uma força que valia ser considerada?

Ele enunciou essa pergunta.

Taraza rebateu com outra indagação:

– Como vocês mudaram nosso gholá? O que esperam ganhar? – Ela tinha certeza de que já sabia. Mas fingir ignorância era necessário.

Waff teve vontade de dizer: “A morte de todas as Bene Gesserit!”. Elas eram perigosas demais. Ainda assim, seu valor era incalculável. Ele se afundou em um silêncio emburrado, olhando para as Reverendas Madres com uma expressão sorumbática que deixava suas feições de fada ainda mais infantis.

*Uma criança petulante*, Taraza pensou. Ela alertou a si mesma naquele instante que era perigoso subestimar Waff. Quebra-se um ovo tleilaxu apenas para descobrir outro ovo dentro... *ad infinitum*! Tudo convergiu para as suspeitas de Odrade sobre as controvérsias que ainda poderiam levar a uma violência sangrenta naquele aposento. Os Tleilaxu tinham de fato revelado o que aprenderam com as meretrizes e os outros Perdidos? Seria o gholá apenas uma potencial arma tleilaxu?

Taraza decidiu sondá-lo mais uma vez, usando a abordagem “Análise Nove” de seu Conselho. Ainda no idioma do islamiyat, ela perguntou:

– Você desonraria a si mesmo na terra do Profeta? Você não compartilhou tão abertamente como disse que faria.

– Nós contamos sobre o sexo como...

– Você não compartilhou tudo! – ela o interrompeu. – É por causa do gholá e nós sabemos disso.

Ela era capaz de ver as reações de Waff. Ele era um animal encurralado. Tais criaturas eram perigosas ao extremo. Ela havia visto certa vez um cão vira-lata, feral e com o rabo entre as patas, um sobrevivente dos antigos animais de estimação de Dan, encurralado por um grupo de jovens. O animal se voltou contra seus perseguidores, abrindo seu caminho para a liberdade com as garras, em uma demonstração de selvageria totalmente inesperada. Dois jovens ficaram aleijados pelo resto da vida e apenas um se salvou sem ferimentos. Waff era um animal como aquele nesse momento. Ela podia ver as mãos dele ansiando por uma arma, mas os Tleilaxu e as Bene Gesserit haviam vasculhado uns aos outros com cuidado minucioso antes de entrarem ali. Ela tinha certeza de que ele estava desarmado. Ainda assim...

– Vocês pensam que não estou ciente de como esperam nos dominar! – Waff disse, o suspense nítido em seus maneirismos.

– E *aí está* a podridão que o povo da Dispersão levou consigo – ela falou. – Podridão em seu cerne.

O maneirismo de Waff mudou. Não adiantaria ignorar as mais profundas implicações do pensamento Bene Gesserit. Mas ela estava semeando a discórdia?

– O Profeta instalou um localizador na mente de todos os seres humanos, Dispersados ou não – Taraza continuou. – Ele os trouxe de volta para nós com toda a sua podridão intacta.

Waff rilhou os dentes. O que ela estava fazendo? Ele considerou a ideia insana de que a Irmandade havia impregnado sua mente

com alguma droga secreta administrada no ar. Elas *sabiam* de coisas que eram negadas aos outros! Ele encarou Taraza, depois Odrade, então voltou para Taraza. Ele sabia que era velho, com uma série de ressurreições ghola, mas não velho da forma como são as Bene Gesserit. Aquelas mulheres eram velhas! Elas raramente aparentavam velhice, mas eram velhas, mais velhas do que qualquer coisa que ele ousava imaginar.

Taraza tinha pensamentos semelhantes. Ela vira o lampejo de uma percepção mais profunda nos olhos de Waff. A necessidade abria novas portas para a razão. Quão fundo os Tleilaxu haviam ido? Os olhos dele eram tão velhos! Ela tinha a sensação de que seja lá o que havia se passado por cérebro nesses Mestres tleilaxu, agora já era algo diferente – um hologravador a partir do qual todas as emoções enfraquecedoras haviam sido apagadas. Ela compartilhava a desconfiança em relação a emoções que suspeitava haver nele. Seria isso um laço para uni-los?

*O tropismo dos pensamentos em comum.*

– Você disse que liberaram o controle sobre nós – Waff rosnou –, mas sinto seus dedos ao redor de meu pescoço.

– Então eis alguns dedos ao redor de nossa garganta – ela contrapôs. – Alguns dos seus Perdidos retornaram a vocês. Nenhuma Reverenda Madre voltou para nós após a dispersão.

– Mas vocês disseram que sabiam tudo...

– Temos nossas formas de obter conhecimento. O que você acha que aconteceu com as Reverendas Madres que enviamos para a Dispersão?

– Um desastre comum? – Ele meneou a cabeça. Essa era uma informação absolutamente nova. Nenhum dos Tleilaxu que haviam retornado dissera qualquer coisa a esse respeito. A discrepância alimentou suas suspeitas. Em quem ele deveria acreditar?

– Elas foram subvertidas – Taraza falou.

Odrade, ouvindo a suspeita generalizada sendo verbalizada pela primeira vez pela Madre Superiora, pressentiu o enorme poder implícito na simples declaração de Taraza. Odrade se sentiu intimidada por tal revelação. Ela conhecia os recursos, os planos de contingência, os métodos improvisados que uma Reverenda Madre poderia utilizar para superar barreiras. Algo Lá Fora era capaz de deter *isso*?

Ao perceber que Waff não respondia, Taraza insistiu:

– Você vem até nós com as mãos sujas.

– Como ousa falar isso? – Waff demandou. – Você, que continua a exaurir nossos recursos com os métodos ensinados pela mãe do bashar?

– Nós sabíamos que vocês poderiam arcar com as perdas se contassem com os recursos da Dispersão – Taraza retrucou.

Waff inspirou de modo trêmulo. Então as Bene Gesserit sabiam até mesmo isso. Ele viu em parte como elas haviam aprendido a esse respeito. Bem, eles teriam que encontrar uma forma de trazer o falso Tuek de volta a seu controle. Rakis era um prêmio que os Dispersados buscavam com avidez e isso ainda poderia ser pedido para os Tleilaxu.

Taraza se aproximou ainda mais de Waff, sozinha e vulnerável. Ela percebeu como suas guardas ficaram tensas. Sheeana deu um pequeno passo na direção da Madre Superiora, mas foi puxada de volta por Odrade.

Odrade manteve sua atenção na Madre Superiora, não em seus potenciais atacantes. Será que os Tleilaxu tinham de fato se convencido de que as Bene Gesserit os serviriam? Taraza testara os limites disso, não havia dúvida. E no idioma do islamiyat. Mas ela parecia tão só onde estava, longe de suas guardas e perto demais

de Waff e de seu séquito. Aonde as suspeitas óbvias de Waff o levariam?

Taraza estremeceu.

Odrade percebeu. Taraza sempre fora anormalmente magra quando criança e nunca ganhara um grama de gordura excessiva. Isso a fizera desenvolver uma sensibilidade delicada a mudanças de temperatura, intolerante ao frio, mas Odrade não sentira qualquer alteração dessa natureza no cômodo. Taraza, então, tomara uma decisão perigosa, tão perigosa que seu corpo a traía. Não para si mesma, é claro, mas para a Irmandade. *Esse* era o crime mais terrível de uma Bene Gesserit: deslealdade em relação à própria ordem.

– Nós os serviremos de todas as formas, exceto uma – Taraza declarou. – Nunca nos tornaremos receptáculos para gholas!

Waff empalideceu.

Taraza continuou:

– Nenhuma de nós se tornará, nem agora nem nunca... – ela fez uma pausa – ... um tanque axolotl.

Waff ergueu a mão direita, iniciando um gesto que toda Reverenda Madre conhecia: o sinal para que seus Dançarinos Faciais atacassem.

Taraza apontou para a mão que se levantava.

– Se você completar esse gesto, os Tleilaxu perderão tudo. A mensageira de Deus... – Taraza inclinou a cabeça por sobre um de seus ombros na direção de Sheeana –... dará as costas a vocês e as palavra do Profeta serão como poeira em suas bocas.

No idioma do islamiyat, tais palavras eram fortes demais para Waff. Ele baixou a mão, mas continuou a encarar Taraza furiosamente.

– Minha embaixadora disse que compartilharíamos tudo o que sabemos – Taraza falou. – Você disse que também compartilharia. A mensageira de Deus escuta com os ouvidos do Profeta! O que é proferido a partir do Abdl dos Tleilaxu?

Os ombros de Waff arquearam.

Taraza virou as costas para ele. Foi um movimento calculado, mas tanto ela quanto as outras Reverendas Madres ali presentes sabiam que ela o fez com perfeita segurança. Olhando para o outro lado do salão, na direção de Odrade, Taraza se permitiu um sorriso, sabendo que Odrade o interpretaria corretamente. Chegou a hora de um pouco de punição Bene Gesserit!

– Os Tleilaxu desejam uma Atreides para procriação – Taraza disse. – Dou-lhes Darwi Odrade. Outras serão cedidas.

Waff tomou uma decisão.

– Vocês podem saber muito sobre as Honoráveis Matres – ele começou –, mas vocês...

– Meretrizes! – Taraza rodopiou na direção dele.

– Como queira. Mas suas palavras revelam que há algo a respeito delas que vocês não sabem. Selo nossa barganha ao contar-lhes isto: elas são capazes de ampliar as sensações do patamar orgástico, transmitindo-as por todo o corpo masculino. Elas retiram o completo envolvimento sensual do homem. Ondas múltiplas orgásticas são criadas e podem continuar pela... pela mulher por um período estendido.

– Completo envolvimento? – Taraza não tentou ocultar sua perplexidade.

Odrade também ouvia com uma sensação de ultraje que ela percebeu compartilhar com suas Irmãs presentes, até mesmo as acólitas. Apenas Sheeana não parecia entender.



– Digo-lhe, Madre Superiora Taraza – Waff prosseguiu, esboçando um sorriso triunfante –, que duplicamos isso entre nosso próprio povo. Até mesmo eu! Em minha raiva, causei ao Dançarino Facial que assumira a... parte feminina, sua autodestruição. Ninguém (eu disse, ninguém!) pode ter tal domínio sobre mim!

– Que domínio?

– Caso isso tivesse acontecido com uma dessas... dessas meretrizes, como você as chama, eu a teria obedecido sem questionar palavra. – Ele estremeceu. – Eu mal tive a força de vontade de... destruir... – Ele meneou a cabeça em espanto diante da memória. – A raiva me salvou.

Taraza tentou engolir com sua garganta ressecada.

– Como...

– Como isso é feito? Pois bem! Mas antes de compartilhar esse conhecimento, aviso-lhe: se alguma de vocês um dia tentar utilizar tal poder sobre um de nós, haverá um massacre sangrento! Preparamos nossos domel e todo o nosso povo para retaliar, matando todas as Reverendas Madres que puderem encontrar, caso haja o menor dos indícios de que vocês buscam esse poder sobre nós!

– Nenhuma Bene Gesserit faria isso, mas não em razão de suas ameaças. Somos restringidas por saber que isso nos destruiria. Seu massacre sangrento não seria necessário.

– Ah é? Então por que ele não destrói essas... essas meretrizes?

– Ele destrói! Bem como a todos que elas tocam!

– Isso não me destruiu!

– Deus o protege, meu Abdl – Taraza retrucou. – Assim como ele protege a todos os fiéis.

Convencido, Waff relanceou ao redor do aposento e de volta para Taraza.

– Que todos saibam que cumpri com minhas obrigações na terra do Profeta. Esta é a forma como fazem, então... – ele gesticulou com uma das mãos para dois de seus guardas Dançarinos Faciais.  
– Nós iremos demonstrar.

Muito tempo depois, sozinha no aposento do apartamento de cobertura, Odrade se perguntou se havia sido prudente permitir que Sheeana testemunhasse a performance completa. Bem, por que não? Sheeana já estava comprometida com a Irmandade. E mandar Sheeana embora teria provocado as suspeitas de Waff.

Houve uma óbvia excitação sensual em Sheeana enquanto ela assistia à performance dos Dançarinos Faciais. As censoras de treinamento teriam de acionar seus assistentes masculinos para Sheeana mais cedo que o de costume. O que Sheeana faria em tal momento? Testaria esse conhecimento nos homens? As inibições devem ser elevadas em Sheeana para que isso seja prevenido! Ela deve ser ensinada sobre os perigos a si mesma.

As Irmãs e acólitas presentes mantiveram bem o controle sobre si mesmas, guardando o que aprenderam com firmeza em sua memória. A educação de Sheeana deveria ser construída sobre tal observação. Outras dominaram tais forças internas.

Os Dançarinos Faciais que observavam permaneceram inescrutáveis, mas havia coisas a serem percebidas em Waff. Ele dissera que destruiria os dois demonstradores, mas o que ele faria primeiro? Sucumbiria à tentação? Que pensamentos teriam atravessado sua mente ao assistir o Dançarino Facial masculino se contorcer em êxtase capaz de deixar a mente vazia?

De certa forma, a demonstração fez Odrade se lembrar da dança rakiana que havia visto na Grande Praça de Kina. A princípio, a dança havia sido deliberadamente arrítmica, mas ao longo da performance a progressão criara um ritmo que se repetia a um

intervalo de cerca de duzentos... passos. Os dançarinos haviam estendido seu ritmo a um nível impressionante.

Assim como os demonstradores Dançarinos Faciais.

*Siaynoq se tornou um domínio sexual sobre incontáveis bilhões na Dispersão!*

Odrade pensou a respeito da dança, o longo ritmo seguido pela violência caótica. O glorioso foco de Siaynoq sobre as energias religiosas havia degenerado em um tipo diferente de troca. Ela considerou a resposta excitada de Sheeana aos vislumbres daquela dança na Grande Praça. Odrade se lembrou de ter perguntado a Sheeana:

– O que eles compartilham lá embaixo?

– Os dançarinos, sua tola!

Aquela resposta não era admissível.

– Eu lhe avisei sobre esse tom, Sheeana. Você gostaria de aprender imediatamente o que uma Reverenda Madre pode fazer para puni-la?

As palavras ecoaram como mensagens fantasmas na mente de Odrade enquanto ela observava a escuridão que aumentava fora do apartamento de cobertura de Dar-es-Balat. Uma grande solidão cresceu dentro dela. Todos os outros haviam partido daquele aposento.

*Apenas aquela que seria punida permanecia.*

Como os olhos de Sheeana brilharam naquela sala sobre a Grande Praça, sua mente estava cheia de perguntas.

– Por que você sempre fala sobre machucar e punir?

– Você deve aprender disciplina. Como pode controlar os outros quando não é capaz de controlar a si mesma?

– Não gosto dessa lição.

– Nenhuma de nós gosta muito dela... até um momento no futuro, quando aprendemos seu valor por meio da experiência.

Como era a intenção, aquela resposta havia ulcerado por muito tempo na percepção de Sheeana. Ao fim, ela revelara tudo o que sabia sobre a dança.

– Alguns dançarinos escapam. Outros vão diretamente para Shaitan. Os sacerdotes falam que eles vão para Shai-hulud.

– O que acontece com os sobreviventes?

– Quando eles se recuperam, devem se juntar a uma grande dança no deserto. Se Shaitan aparecer por lá, eles morrem. Se Shaitan não vier, eles são recompensados.

Odrade percebera o padrão. As palavras explicativas de Sheeana não eram mais necessárias além daquele ponto, ainda que o recital tivesse continuado com sua permissão. Quão amargo havia sido o tom de voz de Sheeana!

– Eles recebem dinheiro, espaço no bazar, esse tipo de recompensa. Os sacerdotes falam que eles provaram que são humanos.

– Os que falham não são humanos?

Sheeana permanecera em silêncio por um longo tempo, absorta em pensamentos. Todavia, a trilha era óbvia para Odrade: o teste da Irmandade sobre a humanidade! Sua própria passagem para a humanidade aceitável da Irmandade já havia sido duplicada por Sheeana. Quão suave tal passagem havia sido em comparação às outras dores!

Na luz turva do apartamento na cobertura do museu, Odrade ergueu sua mão direita, olhando para ela, lembrando-se da caixa da dor e do gom jabbar posicionado em seu pescoço, pronto para matá-la caso se retraísse ou gritasse.

Sheeana também não havia gritado, mas ela conhecera a resposta para a pergunta de Odrade até mesmo antes da caixa da dor.

– Eles são humanos, mas diferentes.

Odrade falou em voz alta no aposento vazio com mostradores da não sala da reserva do Tirano.

– O que você fez conosco, Leto? Você é apenas Shaitan falando conosco? O que quer nos forçar a compartilhar agora?

*A dança fóssil se transformaria em sexo fóssil?*

– Com quem a senhora está falando, Madre?

Era a voz de Sheeana a partir da porta aberta, do outro lado do cômodo. Seu manto cinzento de postulante era uma forma indistinta, crescendo à medida que ela se aproximava.

– A Madre Superiora pediu que eu viesse até a senhora – Sheeana falou ao parar perto de Odrade.

– Eu estava falando comigo mesma – Odrade respondeu. Ela observou a garota estranhamente quieta, lembrando-se da empolgação aterradora daquele momento quando a Pergunta Fulcral havia sido feita a Sheeana.

“Você deseja ser uma Reverenda Madre?”

– Por que a senhora está falando consigo mesma, Madre? – Havia um tom de preocupação na voz de Sheeana. As censoras de treinamento teriam muito trabalho para remover tais emoções.

– Eu estava me lembrando de quando perguntei a você se queria ser uma Reverenda Madre – Odrade falou. – Isso acarretou outros pensamentos.

– A senhora disse que devo me entregar a seu direcionamento em todas as questões, não ocultar nada, não a desobedecer em qualquer circunstância.

– E você disse: “É só isso?”.

- Eu não sabia muito, não é mesmo? Ainda não sei muito.
- Nenhuma de nós sabe, criança. Exceto que estamos todas nessa dança, juntas. E Shaitan certamente virá se a menor de nós falhar.

**Quando estranhos se encontram, grandes concessões devem ser feitas por diferenças de costumes e treinamentos.**

**– Lady Jéssica, em “Sabedoria de Arrakis”**

A última linha esverdeada de luz caiu do horizonte antes de Burzmali dar o sinal para que eles entrassem em ação. Já escurecera quando chegaram ao outro lado de Ysai e à estrada perimetral que os levaria a Duncan. Nuvens cobriam o céu, refletindo as luzes da cidade abaixo nas formas das casas urbanas entre as quais seus guias os direcionavam.

Esses guias deixavam Lucilla incomodada. Eles apareciam das ruas laterais e de portas subitamente abertas para sussurrar novos caminhos.

Muitas pessoas sabiam a respeito da dupla fugitiva e do local a que pretendiam chegar!

Ela conseguira aplacar seu ódio, mas o resíduo era uma desconfiança profunda de cada pessoa que eles encontravam. Esconder esse sentimento por trás das atitudes mecânicas de uma fêmea com seu cliente se tornava cada vez mais difícil.

Havia neve enlameada na calçada que ladeava a estrada, em grande parte jogada ali pela passagem de carros terrestres. Os pés de Lucilla ficaram enregelados antes de terem vencido meio quilômetro, e ela foi forçada a gastar sua energia compensando o fluxo sanguíneo aumentado em suas extremidades.

Burzmali caminhava em silêncio, com a cabeça baixa, aparentemente perdido em suas próprias preocupações. Lucilla não fora enganada. Ele ouvia cada som ao redor deles, via todos os veículos que se aproximavam. Ele fazia com que ambos se

encolhessem além da calçada cada vez que um carro terrestre se aproximava. Os veículos passavam assoviando em seus suspensores, fazendo a neve cheia de lama voar de seus propulsores e salpicar os arbustos ao longo da estrada. Burzmali forçava Lucilla para baixo ao seu lado na neve até que ele tivesse certeza de que os carros estavam longe de seu campo de visão e de audição. Apesar de que ninguém no interior de tais automóveis fosse capaz de ouvir algo além do ruído de sua própria passagem.

Eles já haviam caminhado por duas horas antes que Burzmali parasse e avaliasse o caminho à frente. Seu destino era uma comunidade perimetral que havia sido descrita a eles como sendo “completamente segura”. Lucilla não acreditara. Nenhum lugar em Gammu era completamente seguro.

Luzes amareladas lançavam uma radiância na parte inferior das nuvens acima de suas cabeças, marcando a localização da comunidade. Seu progresso arrastado os levava por um túnel sob a estrada perimetral e por uma baixa colina que servia como uma espécie de pomar. Os troncos pareciam nefastos sob a pouca luminosidade.

Lucilla olhou para o alto. As nuvens estavam rareando. Gammu tinha diversas luas pequenas: fortalezas não naves. Algumas delas haviam sido colocadas ali por Teg, mas ela vislumbrara linhas de algumas que eram novas, compartilhando o papel de guardiãs. Aparentavam ter quatro vezes o tamanho das estrelas mais brilhantes e com frequência viajavam em conjunto, o que fazia a luz refletida ser útil, embora errática, pois moviam-se muito depressa – surgindo no céu e desaparecendo no horizonte em questão de poucas horas. Ela captou uma sequência de seis de tais luas surgirem por entre as nuvens, imaginando se eram parte do sistema de defesa de Teg.



Momentaneamente, ela ponderou sobre a fraqueza inerente à mentalidade de cerco que tais defesas representavam. Teg tinha razão nesse ponto. Mobilidade era a chave para o sucesso militar, mas ela duvidava que ele se referisse à mobilidade a pé.

Não havia esconderijos fáceis no aclive coberto por neve branca, e Lucilla sentiu o nervosismo de Burzmali. O que eles poderiam fazer caso alguém aparecesse? Uma depressão coberta pela neve rumava para baixo e para a esquerda a partir de onde estavam, seguindo em ângulo na direção da comunidade. Não era uma estrada, mas Lucilla pensou que poderia ser uma trilha.

– Vamos descer por aqui – Burzmali decidiu, conduzindo-os para a depressão.

A neve chegava a suas panturrilhas.

– Espero que essas pessoas sejam confiáveis – ela comentou.

– Elas odeiam as Honoráveis Matres – ele falou. – Isso é o bastante para mim.

– É melhor que o gholá esteja lá! – Ela conteve uma resposta ainda mais raivosa, mas não conseguiu evitar concluir com: – Seu ódio não é o bastante para mim.

Era melhor esperar o pior, ela pensou.

Todavia, ela chegara a uma conclusão tranquilizadora a respeito de Burzmali. Ele era como Teg. Nem um nem outro seguia um curso que os conduziria a um beco sem saída – não se pudessem evitar. Ela suspeitava que havia forças de apoio escondidas nos arbustos ao redor deles naquele mesmo instante.

A trilha coberta de neve acabava em um caminho asfaltado, que curvava suavemente para dentro a partir das beiradas e estava livre de neve por um sistema de derretimento. Ouvia-se o gotejar de umidade no centro. Lucilla havia dado diversos passos nessa via antes de reconhecê-la – uma magnesteira. Era uma base de

transporte magnética antiga, que certa vez carregara mercadorias ou matérias-primas para uma fábrica pré-Dispersão.

– Fica mais íngreme aqui – Burzmali acautelou. – Eles entalharam degraus, mas tenha cuidado. Não são muito profundos.

Logo os dois chegaram ao final da magnesteira. Ela acabava em um muro decrépito – tijolo local sobre uma fundação de açoplás. A luz débil das estrelas em um céu que se abria revelava uma habilidade manual grosseira nos tijolos – uma construção típica dos Tempos da Penúria. O muro era uma massa de trepadeiras e sarapintado por fungos. A vegetação pouco escondia as grandes rachaduras nos tijolos e os esforços toscos de encher as falhas com cimento. Uma única fileira de janelas estreitas estava voltada para o lugar onde a magnesteira desembocava em uma confusão de arbustos e ervas daninhas. Três dessas janelas reluziam um azul elétrico de alguma atividade interna que era acompanhada por estalidos indistintos.

– Isso era uma fábrica nos dias antigos – Burzmali observou.

– Tenho olhos e memória – Lucilla redarguiu. Aquele homem resmungão achava que ela era completamente desprovida de inteligência?

Algo emitiu um rangido funesto à esquerda dos dois. Um trecho de grama e ervas se ergueu sobre a porta de um porão, acompanhada pelo brilho ascendente de uma fulgurante luz amarelada.

– Depressa! – Burzmali a conduziu em disparada, cruzando a vegetação densa e descendo um lance de degraus exposto pela porta que se abria. A porta se fechou com um rangido atrás deles, acompanhada de um murmúrio de maquinário.

Lucilla se viu em um amplo espaço com um teto baixo. Luz emanava de longas fileiras de luciglobos modernos dispostos ao

longo de enormes vigas de aço-plás acima de suas cabeças. O chão estava bem varrido, mas mostrava ranhuras e reentrâncias decorrentes de alguma atividade, sem dúvida a localização de algum maquinário há muito perdido. Ela vislumbrou um movimento na extremidade oposta daquele espaço aberto. Uma jovem trajando uma versão do manto de dragão de Lucilla trotava em sua direção.

Lucilla farejou o ar. Havia um fedor de ácido naquele salão e vestígios de algo pútrido.

– Isto foi uma fábrica Harkonnen – Burzmali comentou. – Fico imaginando o que eles faziam aqui.

A jovem parou diante de Lucilla. Ela era uma figura esguia, elegante tanto na forma quanto nos movimentos sob o manto que se agarrava ao corpo. Um brilho subcutâneo emanava de seu rosto. Indicava exercícios e boa saúde. Os olhos verdes, entretanto, eram duros e gélidos na maneira como avaliavam tudo o que viam.

– Então mandaram mais de uma de nós para vigiar este local – ela falou.

Lucilla estendeu uma mão restritiva quando Burzmali começou a responder. Aquela mulher não era o que aparentava ser. *Tanto quanto eu!* Lucilla escolheu as palavras com cuidado.

– Sempre reconhecemos umas às outras, ao que parece.

A jovem sorriu.

– Observei sua aproximação. Não pude acreditar em meus olhos.

– Ela mediu Burzmali com um olhar desdenhoso. – Esse deveria ser seu cliente?

– E guia – Lucilla confirmou. Ela notou a expressão intrigada no rosto de Burzmali e rezou para que ele não fizesse a pergunta errada. Aquela jovem era perigosa!

– Não éramos aguardados? – Burzmali questionou.

– Ahhhh, isso fala – a jovem observou, rindo. Sua risada era tão fria quanto seus olhos.

– Prefiro que você não se refira a mim como “isso” – Burzmali contrapôs.

– Chamo a escória de Gammu como eu quiser – a jovem retrucou. – Não fale comigo sobre suas preferências!

– De que você me chamou? – Burzmali estava cansado e sua raiva começou a ferver diante desse ataque inesperado.

– Eu o chamo do que quiser, escória!

Isso passou dos limites para Burzmali. Antes de Lucilla ser capaz de detê-lo, ele soltou um rosnado baixo e preparou um pesado tapa contra a jovem.

O golpe não a acertara.

Lucilla observou, fascinada, como a mulher se esquivou por baixo do ataque, agarrou a manga de Burzmali como alguém que apanha um pedaço de tecido soprado pelo vento e, em uma pirueta tão rápida que a própria velocidade quase ocultava sua delicadeza, fez Burzmali deslizar pelo chão. A mulher se posicionou semiagachada sobre um único pé, o outro preparado para desferir um chute.

– Agora vou matá-lo – ela falou.

Lucilla, sem saber o que poderia acontecer em seguida, desviou seu próprio corpo para um lado, evitando por pouco o pé estendido da outra, e contra-atacou com um sabard padrão das Bene Gesserit, fazendo a jovem cair de costas, encolhendo-se sobre o próprio abdômen, onde o golpe a acertara.

– A sugestão de que você mataria meu guia foi imprópria, seja lá qual for seu nome – Lucilla admoestou.

A jovem tentava recuperar o fôlego, então, ofegou:

– Meu nome é Murbella, Grande Honorável Matre. A senhora me traz desonra ao me derrotar com um ataque tão lento. Por que a senhora fez isso?

– Você precisava de uma lição – Lucilla rebateu.

– Acabo de receber meu manto, Grande Honorável Matre. Por favor, perdoe-me. Agradeço por essa esplêndida lição, e a agradecerei toda vez que eu empregar sua resposta, que está gravada em minha memória. – Ela fez uma mesura com a cabeça, então saltou com leveza para ficar de pé, esboçando um sorriso malicioso.

Em seu tom de voz mais gélido, Lucilla perguntou:

– Você sabe quem eu sou? – Com o canto dos olhos, ela viu que Burzmali se levantava lenta e dolorosamente. Ele continuou de lado, observando as mulheres, mas a raiva lhe queimava o rosto.

– A partir de sua habilidade em me ensinar aquela lição, percebo que a senhora é quem é, Grande Honorável Matre. Fui perdoada? – O sorriso malicioso havia desaparecido da face de Murbella. Ela permaneceu de cabeça baixa.

– Você está perdoada. Há uma não nave a caminho?

– É o que eles dizem por aqui. Estamos preparadas para sua chegada. – Murbella mirou Burzmali.

– Ele ainda é útil para mim e é necessário que me acompanhe – Lucilla sentenciou.

– Muito bem, Grande Honorável Matre. Seu perdão inclui seu nome?

– Não!

Murbella suspirou.

– Capturamos o ghola – ela informou. – Ele posava de Tleilaxu, vindo a partir do sul. Eu estava prestes a ir para a cama com ele quando a senhora chegou.

Burzmali oscilou na direção delas. Lucilla percebeu que ele reconheceria o perigo. Aquele lugar “completamente seguro” estava infestado de inimigos. Mas os inimigos ainda sabiam muito pouco.

– O ghola não foi ferido? – Burzmali perguntou.

– Isso ainda fala – Murbella observou. – Que estranho.

– Você não vai para a cama com o ghola – Lucilla ordenou. – Ele é minha missão especial!

– Jogo limpo, Grande Honorável Matre. E eu o marquei primeiro. Ele já foi parcialmente subjugado.

Ela riu mais uma vez, com um abandono insensível que deixou Lucilla chocada.

– Por aqui. Há um lugar a partir do qual a senhora pode assistir.

## **Que você morra em Caladan!**

### **– Brinde ébrio ancestral**

Duncan tentou se lembrar de onde estava. Ele sabia que Tormsa estava morto. Sangue havia jorrado dos olhos de Tormsa. Sim, ele se lembrava disso com clareza. Eles haviam entrado em uma construção escura e luzes flamejaram ao redor deles. Duncan sentira uma dor na parte de trás da cabeça. Um golpe? Ele tentara se mexer, mas seus músculos se recusavam a obedecer.

Ele se lembrou de estar sentado na beira de um amplo gramado. Havia uma espécie de jogo de boliche acontecendo – esferas excêntricas que quicavam e disparavam sem um desígnio aparente. Os jogadores eram jovens em trajes comuns de... Giedi Primo!

– Eles estão praticando para se tornarem velhos – ele falara. Ele se lembrara de dizer aquilo.

Sua companheira, uma jovem, olhou para ele de forma inexpressiva.

– Apenas velhos devem jogar esse jogo em espaços abertos – ele explicara.

– Ah é?

Era uma pergunta irrespondível. Ela o levou ao chão com o mais simples dos gestos verbais.

*E me traiu no instante seguinte para os Harkonnen!*

Então aquela era uma memória pré-ghola.

*Ghola!*

Ele se lembrou do Forte Bene Gesserit em Gamu. A biblioteca: as holofotos e as trifotos do duque Atreides, Leto I. A semelhança de Teg não era um acidente: um pouco mais alto, mas tirando isso,

tudo estava ali – o rosto longo e magro com a ponte do nariz alta, o renomado carisma Atreides...

*Teg!*

Ele se lembrou da galante última batalha do velho bashar na noite de Gammu.

*Onde estou?*

Tormsa o levava até ali. Eles se moveram ao longo de uma trilha recoberta de vegetação nos arredores de Ysai. *Baronato*. Começara a nevar antes de completarem duzentos metros pela trilha. A neve molhada grudava neles. O frio, a neve miserável que fez seus dentes baterem em questão de segundos. Eles fizeram uma pausa para colocar seus capuzes e fechar suas jaquetas isolantes. Assim estava melhor. Mas logo anoiteceria. Faria muito mais frio.

– Há uma espécie de abrigo mais adiante – Tormsa dissera. – Esperaremos lá a noite passar.

Uma vez que Duncan nada disse, Tormsa completou:

– Não será muito quente, mas estará seco.

Duncan viu o contorno acinzentado de um lugar a cerca de trezentos passos. A sombra se destacava contra a neve suja, com altura de quase dois andares. Ele reconheceu a estrutura de imediato: um posto avançado de contagem. Observadores ali contavam (e por vezes matavam) as pessoas que passavam. Era construído de terra nativa, transformada em um único tijolo gigante graças ao simples expediente de pré-formá-lo em tijolos de barro e depois superaquecê-lo com um queimador de amplo alcance, do tipo que os Harkonnen usavam para controlar multidões.

Ao se aproximarem, Duncan viu os remanescentes de uma tela defensiva de campo completo com espaços para lanças de fogo apontadas para aqueles que se acercavam. Alguém havia destruído o sistema há muito tempo. Buracos retorcidos na rede do campo



estavam parcialmente cobertos por arbustos. Mas os espaços das lanças de fogo ainda estavam abertos. Ah, sim... para permitir que as pessoas lá dentro vissem quem chegava.

Tormsa fez uma pausa e escutou, estudando os arredores com cautela.

Duncan olhou para a estação de contagem. Ele se lembrava bem dali. O que o confrontou foi uma coisa que havia brotado como uma planta deformada a partir de uma semente tubular original. A superfície tinha sido queimada até chegar a um acabamento vítreo. Imperfeições e protuberâncias traíam que o local fora superaquecido. A erosão dos éons deixara finos arranhões ali, mas a forma original permanecia. Ele olhou para o alto e identificou parte do velho suspensor do sistema de elevadores. Alguém havia improvisado um bloco e o acoplado à barra de saída.

Sendo assim, a abertura pela tela de campo completo era um feito recente.

Tormsa desapareceu naquela abertura.

Como se um interruptor tivesse sido ativado, a visão-memória de Duncan mudou. Ele estava na biblioteca do não globo de Teg. O projetor exibia uma série de paisagens da Ysai atual. A ideia de *moderno* ganhou um sobretom estranho para ele. Baronato havia sido uma cidade moderna, se moderno significar ser tecnologicamente usiformado até alcançar as normas de seu tempo. O lugar baseara o transporte de pessoas e materiais exclusivamente em feixes-guias de suspensores – todos bem elevados. Nenhuma abertura na altura do solo. Duncan estava explicando isso a Teg.

O plano traduzia-se fisicamente em uma cidade que usara cada possível metro quadrado, horizontal e vertical, para outras finalidades que não a movimentação de mercadorias e humanos. As aberturas para os feixes-guia requeriam apenas o espaço que a

cabeça e os ombros ocupavam para levar as cápsulas de transporte universal.

Teg falara:

– A forma ideal seria tubular, com a parte superior lisa para os tópteros.

– Os Harkonnen preferiam quadrados e retângulos.

Isso era verdade.

Duncan se lembrava de Baronato com uma clareza que o fez estremecer. As trilhas dos suspensores disparavam pela cidade como buracos de minhoca – retas, curvas, virando em ângulos oblíquos... para cima, para baixo, para os lados. Exceção feita ao retângulo absoluto imposto pela vontade Harkonnen, Baronato fora construída segundo um critério de projeto populacional específico: armazenamento máximo com o mínimo gasto de materiais.

– A parte superior lisa era o único espaço voltado para humanos em toda aquela coisa maldita! – ele lembrou que dissera para Teg e Lucilla.

Lá no alto havia apartamentos de cobertura, estações de guarda em todas as beiradas, nas pistas de pouso de tópteros, em todas as entradas vindas de baixo, ao redor de todos os parques. As pessoas que viviam no alto podiam esquecer das massas de carne que se espremiavam muito próximas umas das outras logo abaixo. Nenhum cheiro ou barulho daquela confusão era permitido no topo. Serviçais eram forçados a se banhar e a vestir roupas higienizadas antes de subirem.

Teg fizera uma pergunta:

– Por que aquela humanidade massificada permitia a si mesma viver sob tamanha opressão?

A resposta era óbvia, e ele explicara. O exterior era um lugar perigoso. Os administradores da cidade o faziam parecer ainda mais

perigoso do que de fato era. Além disso, poucos sabiam qualquer coisa a respeito de uma vida melhor no Exterior. A única vida que conheciam era sobre o topo. E a única forma de subir era por meio do mais absoluto e degradante servilismo.

– Isso acontecerá e não há nada que você possa fazer a esse respeito!

Aquela era outra voz ecoando no crânio de Duncan. Ele a ouvia claramente.

*Paul!*

Como era estranho, Duncan pensou. Havia uma arrogância no presciente semelhante à arrogância do Mentat, acomodado em sua lógica mais arguta.

*Eu nunca havia pensado em Paul como arrogante.*

Duncan encarou o próprio rosto em um espelho. Ele percebeu, com parte de sua mente, que aquela era uma memória pré-ghola. De súbito, ela estava em outro espelho, sua própria face, mas diferente. Aquele rosto arredondado e escuro havia começado a se delinear em linhas mais severas que poderia ter assumido caso tivesse amadurecido. Ele olhou para os próprios olhos. Sim, aqueles eram seus olhos. Certa vez ele ouvira alguém descrevê-los como “habitantes de cavernas”. Eles estavam alojados nas profundezas, debaixo das sobrancelhas e sobre altas bochechas. Havia lhe dito que era difícil determinar se seus olhos eram azul-escuros ou verde-escuros, a menos que a luz incidisse da maneira perfeita.

Uma mulher havia dito isso. Ele não conseguia se lembrar dela.

Ele tentou levar a mão ao cabelo, mas ela não o obedecia. Então ele se recordou de que seus cabelos haviam sido descoloridos. Quem fizera isso? Uma velha. Seu cabelo já não era mais um capuz de cachos negros.

Ali estava o duque Leto, encarando-o no umbral do salão de jantar em Caladan.

– Iremos comer agora – o duque falara. Era um comando régio, salvo da arrogância por um sorriso dissimulado que indicava: “Alguém precisava ter dito”.

*O que está acontecendo com minha mente?*

Ele se lembrou de que seguira Tormsa ao lugar onde o guia dissera que uma não nave iria encontrá-los.

Era uma grande construção que se erguia na noite. Havia diversas construções menores anexas à estrutura maior. Elas pareciam estar ocupadas. Vozes e sons de máquinas podiam ser ouvidos a partir delas. Não se viam rostos nas janelas estreitas. Nenhuma porta se abria. Isso fez Duncan se lembrar de que eles haviam comido apenas as tiras secas de algo coriáceo que Tormsa chamara de “comida de viagem” naquele mesmo dia.

Eles entraram na construção escura.

Luz flamejou.

Os olhos de Tormsa explodiram em sangue.

Trevas.

Duncan olhou para o rosto da mulher. Ele vira um rosto como aquele antes: uma única tride tirada de uma holosequência mais longa. Que lugar era aquele? Onde ele a havia visto? Era um rosto quase ovalado, com a testa um pouco mais larga do que deveria, o que arruinava sua perfeição curvilínea.

– Meu nome é Murbella – a mulher dissera. – Você não vai se lembrar dele, mas eu o compartilho agora, ao te marcar. Eu selecionei você.

*Eu me lembro de você, Murbella.*

Os largos olhos verdes encrustados abaixo de sobrancelhas arqueadas davam a suas feições uma região focal que deixava o

queixo e a diminuta boca para um exame posterior. A boca tinha lábios carnudos, e Duncan sabia que eles poderiam ficar espichados mesmo em repouso.

Os olhos verdes encaravam os seus. Como era frio aquele olhar. O poder contido nele.

Algo tocou sua bochecha.

Ele abriu os olhos. Isso não era uma memória! Isso estava acontecendo com ele. Estava acontecendo naquele instante!

*Murbella!* Ela estivera ali e o abandonara. Agora ela estava de volta. Ele se lembrou de ter acordado nu sobre uma superfície macia... um catre. Suas mãos haviam reconhecido. Murbella, despida, estava acima dele, os olhos verdes encarando-o com uma intensidade terrível. Ela o tocou simultaneamente em diversos lugares. Um zumbido suave emanava por entre seus lábios.

Ele sentiu a rápida ereção, dolorosa de tão rígida.

Não lhe restara qualquer poder de resistência. As mãos da jovem se moviam pelo corpo do gholá. A língua dela. O zumbido! Por todo o corpo de Duncan, o toque de sua boca. Os mamilos de seus seios roçavam-lhe as bochechas, o tórax. Quando ele viu os olhos dela, percebeu seu propósito consciente.

Murbella retornara e estava fazendo aquilo mais uma vez!

Por sobre o ombro direito da jovem, ele vislumbrou uma ampla janela de plaz – Lucilla e Burzmali atrás daquela barreira. *Um sonho?* Burzmali pressionou as palmas das mãos contra o plaz. Lucilla estava de pé com os braços cruzados, um olhar misto de raiva e curiosidade estampado em seu rosto.

Murbella sussurrou no ouvido direito dele:

– Minhas mãos são como fogo.

O corpo dela ocultou as faces por trás do plaz. Ele sentiu o fogo onde ela o tocava.

De súbito, as chamas envolveram a mente de Duncan. Lugares secretos dentro de si ganharam vida. Ele viu cápsulas vermelhas, como uma corrente de linguças reluzentes, passando diante de seus olhos. Duncan se sentiu febril. Ele era uma cápsula intumescida, excitação lampejando por sua consciência. Aquelas cápsulas! Ele as conhecia! Elas eram ele mesmo... elas eram...

Todos os Duncan Idahos, o original e a série de gholas, fluíam em sua mente. Eles eram como favas de sementes que explodiam, negando todas as outras existências além de si mesmos. Ele viu a si próprio esmagado sob um grande verme com rosto humano.

*“Maldito seja, Leto!”*

Esmagado e esmagado e esmagado... repetidas vezes.

“Maldito seja! Maldito seja! Maldito seja!...”

Ele morreu sob uma espada sardaukar. Dor explodiu em um clarão fulgurante devorado pela escuridão.

Ele morreu na queda de um tóptero. Ele morreu com a punhalada de uma Oradora Peixe assassina. Ele morreu e morreu e morreu.

E ele vivia.

As memórias o inundaram até que ele se perguntou como poderia contê-las todas. A doçura de sua filha recém-nascida em seus braços. Os odores almiscarados de uma amante apaixonada. A cascata de sabores de um ótimo vinho daniano. O ofegar resultante dos esforços de um treino.

*Os tanques axolotl!*

Ele se lembrou de emergir inúmeras vezes: luzes ofuscantes e mãos mecânicas acolchoadas. As mãos o viravam e, com os vislumbres obscurecidos de um recém-nascido, ele viu um grande monte de carne feminina: monstruosa em sua quase imobilidade repulsiva... um labirinto de tubos escuros ligando o corpo a gigantescos contêineres de metal.

*Tanque axolotl?*

Ele ofegou por causa da compressão das diversas memórias que se precipitavam sobre ele. *Todas aquelas vidas! Todas aquelas vidas!*

Naquele instante, ele se lembrou do que os Tleilaxu haviam plantado nele, a percepção submersa que apenas aguardara aquele momento de sedução de uma impressora Bene Gesserit.

Mas essa era Murbella e ela não era uma Bene Gesserit.

Entretanto, ela estava ali, à disposição, e o padrão Tleilaxu controlou as reações do ghola.

Duncan emitiu um zumbido suave e a tocou, movendo-se com uma agilidade que deixou Murbella perplexa. *Ele não deveria ser tão responsivo! Não dessa forma!* A mão direita dele tremulou contra os lábios da vagina enquanto a mão esquerda acariciava a base da espinha da jovem. Ao mesmo tempo, a boca do ghola se movia com leveza sobre o nariz dela, descendo pelos lábios até a dobra da axila esquerda dela.

E durante todo esse tempo, ele zunia suavemente em um ritmo que pulsava por todo o corpo de Murbella, acalmando-a... enfraquecendo-a...

Ela tentou se afastar dele enquanto ele aumentava o ritmo das respostas dela.

*Como ele sabia que deveria me tocar ali naquele exato instante? E ali! E ali! Oh, pela Sagrada Rocha de Dur, como ele sabia disso?*

Duncan observou o inchaço dos seios dela e da congestão do nariz. Ele percebeu como os mamilos dela haviam crescido e enrijecido, as auréolas escurecidas ao redor deles. Ela gemeu e abriu mais as pernas.

*Grande Matre, ajude-me!*

Mas a única Grande Madre em que ela conseguia pensar estava trancada a uma distância segura daquele cômodo, encarcerada por uma porta trancada e uma barreira de plaz.

Energia desesperada fluiu por Murbella. Ela respondeu da única forma que conhecia: tocando, acariciando – usando todas as técnicas que aprendera tão cuidadosamente nos longos anos de seu aprendizado.

Para cada coisa que ela fazia, Duncan executava um contramovimento altamente estimulante.

Murbella percebeu que já não era capaz de controlar todas as próprias respostas. Ela estava reagindo automaticamente a partir de algum repositório de conhecimento mais profundo que seu treinamento. Ela sentiu seus músculos vaginais se retesando. Sentiu a rápida liberação de fluido lubrificante. Quando Duncan a penetrou, ela ouviu a si mesma gemendo. Seus braços, suas mãos, suas pernas, todo o seu corpo feminino se moveu em função de ambos os sistemas de resposta – a forma automática que fora bem treinada e o profundo, mais profundo mergulho de sua percepção de outras demandas.

*Como ele fez isso comigo?*

Ondas de contrações extáticas começaram nos lisos músculos da pélvis de Murbella. Ela pressentiu a resposta simultânea do parceiro e sentiu o duro golpe de sua ejaculação. Isso elevou a própria resposta da jovem. Pulsações de êxtase emanaram para além das contrações de sua vagina... além... além. O êxtase envolveu todo o seu sensorio. Ela viu uma labareda de alvura se espalhando contra suas pálpebras. Cada músculo tremulava com um êxtase que ela não imaginara ser possível para si mesma.

Outra vez, ondas se espalharam.

Outra vez e mais outra...



Ela perdeu a conta das repetições.

Quando Duncan gemia, ela gemia, e as ondas varriam para além mais uma vez.

E outra vez...

Não havia sensação de tempo ou espaço ao redor, apenas aquela imersão em um êxtase contínuo.

Ela desejava que aquilo durasse para sempre e desejava que aquilo parasse. Isso não deveria estar acontecendo com uma mulher! Uma Honorável Matre não deve experimentar isso. Essas eram as sensações pelas quais os homens eram governados.

Duncan emergiu do padrão de resposta que havia sido implantado nele. Havia outra coisa que ele deveria fazer. Ele não conseguia se lembrar do quê.

*Lucilla?*

Ele a imaginou morta diante de si. Mas esta mulher não era Lucilla; esta era... esta era Murbella.

Havia pouquíssima força disponível dentro de si. Ele se levantou de Murbella e conseguiu se ajoelhar. As mãos dela tremulavam em uma agitação que ele não conseguia compreender.

Murbella tentou afastar Duncan de si, mas ele não estava ali. Seus olhos se abriram de chofre.

Duncan estava ajoelhado diante dela. Murbella não fazia ideia de quanto tempo havia se passado. Ela tentou reunir a energia para se sentar, mas falhou. Devagar, a razão retornou.

Ela olhou Duncan nos olhos, sabendo por fim quem aquele homem devia ser. Homem? Ele era apenas um garoto. Mas ele fizera coisas... coisas... Todas as Honoráveis Matres haviam sido alertadas. Havia um ghola armado com conhecimento proibido pelos Tleilaxu. Aquele ghola deveria ser morto!

Uma pequena explosão de energia varreu os músculos de Murbella. Ela se levantou com os cotovelos. Ofegando, ela tentou rolar para longe dele, mas caiu de volta na superfície suave.

Pela Sagrada Rocha de Dur! Aquele homem não poderia continuar vivo! Ele era o ghola e podia fazer coisas que eram permitidas apenas às Honoráveis Matres. Ela quis atacá-lo e, ao mesmo tempo, desejava puxá-lo de volta contra seu próprio corpo. *O êxtase!* Ela sabia que tudo o que ele pedisse a ela naquele momento, ela faria. Faria para ele.

*Não! Devo matá-lo!*

Mais uma vez, ela se ergueu com os cotovelos e, dali, conseguiu se sentar. Seu olhar enfraquecido cruzou a janela onde ela havia confinado a Grande Honorável Matre e seu guia. Eles ainda estavam de pé, retribuindo-lhe o olhar. O rosto do homem estava enrubescido. A face da Grande Honorável Matre estava tão impassível quanto a própria Rocha de Dur.

*Como ela poderia apenas ficar ali, depois de tudo que havia visto aqui? A Grande Honorável Matre deve matar esse ghola!*

Murbella fez um gesto para a mulher por trás do plaz e rolou em direção à porta trancada ao lado do catre. Ela mal conseguiu destrancar e abrir a porta antes de cair outra vez. Seus olhos se viraram para cima, na direção do jovem ajoelhado. Suor brilhava no corpo dele. Seu adorável corpo...

*Não!*

O desespero a fez se lançar no chão. Ela ficou de joelhos ali e então, em grande parte por força de vontade, ficou de pé. A energia lhe estava voltando, mas suas pernas tremiam conforme ela cambaleava ao redor dos pés do catre.

*Farei isso eu mesma, sem pensar. Devo fazer isso.*

Seu corpo oscilava de um lado a outro. Ela tentou se estabilizar e mirou o golpe contra o pescoço do jovem. Ela conhecia tal golpe por longas horas de treino. Destruiria a laringe. A vítima morreria por asfixia.

Duncan se esquivou do golpe com facilidade, mas ele estava lento... lento.

Murbella quase caiu ao lado dele, mas as mãos da Grande Honorável Matre a salvaram.

– Mate-o – Murbella ofegou. – Ele é o indivíduo contra o qual fomos alertadas. É ele!

Murbella sentiu mãos em seu pescoço, os dedos apertando com firmeza os feixes de nervos sob suas orelhas.

A última coisa que Murbella ouviu antes da inconsciência foi a Grande Honorável Matre dizendo:

– Nós não mataremos pessoa alguma. Esse ghola irá para Rakis.

**A pior competição em potencial que qualquer organismo pode encontrar é de seu próprio tipo. As espécies consomem necessidades. O crescimento é limitado por aquela necessidade que se apresenta de maneira mais escassa. A condição menos favorável controla a taxa de crescimento (Lei do Mínimo).**

**– De “Lições de Arrakis”**

A construção se encontrava afastada de uma larga avenida por trás de um anteparo de árvores e de uma sebe florida e cuidada com esmero. A sebe havia sido projetada com o padrão de um labirinto, com postes brancos da altura de um homem para definir as áreas de plantio. Nenhum veículo podia entrar ou sair a uma velocidade superior a um rastejar vagaroso. A percepção militar de Teg captou tudo isso à medida que o carro terrestre blindado o levava até a porta. O marechal Muzzafar, o único outro ocupante da parte traseira do veículo, reconheceu a avaliação de Teg e disse:

– Estamos protegidos contra investidas aéreas por um sistema de feixes de enfiada.

Um soldado em uniforme camuflado com uma armalês comprida sobre um dos ombros abriu a porta e bateu continência assim que Muzzafar emergiu.

Teg o seguiu. Ele reconheceu aquele lugar. Era um dos endereços “seguros” que a Segurança Bene Gesserit lhe havia fornecido. Obviamente, o sistema de informações da Irmandade estava desatualizado. Recentemente desatualizado, todavia, porque Muzzafar não deu indicações de que Teg poderia conhecer aquele lugar.

Ao se dirigirem até a porta, Teg notou que outro sistema de proteção que ele havia visto em sua primeira inspeção de Ysai permanecia intacto. Era uma quase imperceptível diferença nos postes ao longo da barreira de árvores e sebe. Aqueles postes eram varreanalizadores operados de uma sala em algum lugar da construção. Seus conectores em forma de diamantes “liam” a área entre eles e o edifício. Com o leve apertar de um botão na sala de observação, os varreanalizadores poderiam transformar em pequenos pedaços de carne qualquer ser vivo que cruzasse seus campos.

Ao chegar à porta, Muzzafar parou e olhou para Teg.

– A Honorável Matre que você está prestes a conhecer é a mais poderosa de todas as que vieram até aqui. Ela não tolera qualquer coisa além de completa obediência.

– Presumo que o senhor esteja me dando um aviso.

– Achei que o senhor entenderia. Chame-a de Honorável Matre. Nada mais. Vamos entrar. Tomei a liberdade de mandar confeccionar um novo uniforme para o senhor.

O cômodo ao qual Muzzafar o conduziu era um que Teg não havia visto em sua visita anterior. Pequeno e superlotado com caixas de lona negra, o lugar deixava pouco espaço para os dois. Um único luciglobo amarelado no teto iluminava o recinto. Muzzafar se alojou em um canto ao mesmo tempo que Teg tirava o traje único sujo e amarrotado que vestia desde o não globo.

– Desculpe-me não poder lhe oferecer um banho – Muzzafar comentou –, mas não devemos demorar. Ela fica impaciente.

Uma personalidade diferente se impôs a Teg com o uniforme. Era uma vestimenta negra familiar, até mesmo o padrão estrelado no colarinho. Então ele deveria aparecer diante dessa Honorável Matre como o bashar da Irmandade. Interessante. Mais uma vez ele era

completamente o bashar, não que esse poderoso senso de identidade o tivesse abandonado em qualquer ocasião. Entretanto, o uniforme o completava e o anunciava. Nesse traje, não havia necessidade de enfatizar de qualquer outra forma precisamente quem ele era.

– Assim está melhor – Muzzafar aprovou enquanto levava Teg de volta ao corredor de entrada e através de uma porta da qual Teg se lembrava. Sim, fora ali que ele conhecera os contatos “seguros”. Ele reconheceu as funções do aposento naquela ocasião e nada parecia ter mudado. Fileiras de olhos-com microscópicos se alinhavam na interseção do teto com as paredes, disfarçados como linhas guia prateadas para os luciglobos que ali pairavam.

*Aquele que é observado não vê, Teg pensou. E os Observadores têm bilhões de olhos.*

Sua visão duplicada o informou de que havia perigo ali, mas nada imediatamente violento.

Aquela sala, com cerca de cinco metros de profundidade e quatro de largura, era um lugar para se travar negociações de alto nível. A mercadoria nunca seria de fato exposta ali como dinheiro. Ali as pessoas apenas veriam equivalentes portáteis do que se passava por valor monetário – mélange, talvez, ou sugemas leitosas do tamanho de um globo ocular, perfeitamente redondas, de aparência opaca e sedosa e ao mesmo tempo radiante com mudanças iridescentes conforme a luz incidia sobre ela ou quando em contato com a pele. Este era um lugar onde um danikin de mélange ou uma pequena bolsa portátil de sugemas seriam aceitos como uma ocorrência natural. O preço de um planeta poderia ser regateado ali com um aceno de cabeça, um piscar de olhos ou um murmúrio em voz baixa. Nenhuma carteira com dinheiro jamais seria sacada ali. A coisa mais próxima disso seria uma delgada maleta de translux da

qual, a partir de seu interior protegido por veneno, saíam finíssimas folhas de cristal riduliano com números enormes inscritos nelas, gravados por impressoras de dados à prova de fraudes.

– Isto é um banco – Teg observou.

– O quê? – Muzzafar estava encarando fixamente a porta fechada na parede oposta. – Ah, sim. Ela logo estará aqui.

– Ela está nos observando agora, é óbvio.

Muzzafar não respondeu, mas pareceu cabisbaixo.

Teg relanceou os arredores. Teria algo mudado desde a sua visita anterior? Ele não viu quaisquer alterações significativas. Ele se perguntou se santuários como este haviam passado por muitas mudanças ao longo dos éons. Havia um carpete orvalhado no chão, tão suave como penas de gansos-de-faces-negras, mas tão alvos como a pele da barriga das baleias. Reluzia com a falsa sensação de umidade que apenas o olho detectava. Um pé descalço (não que aquele lugar alguma vez vira um pé descalço) sentiria sua carícia seca.

Havia uma mesa estreita com cerca de dois metros de comprimento quase no centro da sala. O tampo tinha pelo menos vinte milímetros de espessura. Teg supôs que era de jacarandá daniano. A superfície marrom escura havia sido polida até chegar a um lustro que absorvia a visão e revelava muito dos veios profundos, como correntes de um rio. Havia apenas quatro cadeiras confortáveis ao redor da mesa, estofadas no assento e no encosto com lycouro do exato tom da madeira polida.

Apenas quatro cadeiras. Mais teria sido um exagero. Ele não experimentara uma das cadeiras antes e não desejava se sentar naquele instante, mas sabia o que sua pele encontraria – um conforto quase igual ao de uma desprezada cãodeira. Não chegaria àquele nível de suavidade e conformidade com o formato de seu

corpo, é claro. Conforto em demasia poderia seduzir o sentador a relaxar. Aquela sala e sua mobília diziam: “Fique confortável aqui, mas mantenha-se alerta”.

Não se deve apenas manter os nervos sob controle neste lugar, mas um grande poder de violência por trás de si, Teg pensou. Ele o havia resumido daquela forma anteriormente, e sua opinião não mudara.

Não havia janelas, mas aquelas que ele vira do lado de fora dançavam com as linhas de barreiras de luz-energia para repelir intrusos e prevenir fugas. Tais barreiras traziam seus próprios perigos, Teg sabia, mas as implicações eram importantes. Apenas manter o fluxo de energia nelas poderia abastecer uma grande cidade pela duração da vida de seu cidadão mais longo.

Não havia nada casual sobre essa demonstração de riqueza.

A porta que Muzzafar observava se abriu com um estalido suave.

*Perigo!*

Uma mulher em um manto dourado tremeluzente entrou na sala. Linhas vermelho-alaranjadas dançavam no tecido.

*Ela é velha!*

Teg não esperava que ela fosse tão idosa. Seu rosto era uma máscara enrugada. Os olhos tinham um tom verde gélido e eram profundos. O nariz era um bico alongado cuja sombra tocava os lábios finos e imitava o ângulo agudo do queixo. Um casquete negro quase cobria seus cabelos grisalhos.

Muzzafar fez uma mesura.

– Deixe-nos – ela ordenou.

Ele partiu sem dizer palavra, saindo pela porta que ela havia entrado. Quando a porta se fechou, Teg saudou:

– Honorável Madre.



– Então você reconheceu este lugar como um banco. – A voz da velha carregava um leve tremular.

– É claro.

– Sempre há meios de transferir grandes somas ou de negociar poder – ela comentou. – Não falo do poder que gerencia fábricas, mas daquele que governa pessoas.

– E isso geralmente assume nomes estranhos como governo, ou sociedade, ou civilização – Teg rebateu.

– Suspeitei que você seria muito inteligente – ela observou. A velha puxou uma cadeira e se sentou, mas não indicou que Teg deveria fazer o mesmo. – Eu me considero uma banqueira. Isso poupa uma série de circunlóquios aflitivos e nebulosos.

Teg não respondeu. Parecia não haver necessidade. Ele continuou a avaliá-la.

– Por que você está me olhando dessa forma? – ela indagou.

– Eu não esperava que a senhora fosse tão velha – ele respondeu.

– Heh, heh, heh. Temos muitas surpresas para o senhor, bashar. Mais tarde, uma jovem Honorável Matre poderá sussurrar o próprio nome para marcá-lo. Dur seja louvado se isso acontecer.

Ele anuiu com a cabeça, não entendendo bem o que ela dissera.

– Esta também é uma construção muito velha – a mulher continuou. – Observei-o enquanto você entrava. Isso também o surpreende?

– Não.

– Este edifício permaneceu essencialmente inalterado por diversos milhares de anos. Foi construído com materiais que durarão ainda mais.

Ele observou a mesa.

– Ah, não a madeira. Mas debaixo dela há polastino, polaz e pormabat. Os três P-Os nunca são zombados quando há necessidade de usá-los.

Teg permaneceu em silêncio.

– Necessidade – ela prosseguiu. – Você faz objeção a alguma das coisas necessárias que foram feitas a você?

– Não importam minhas objeções – ele rebateu. Aonde ela estava querendo chegar? Estudá-lo, é claro. Assim como ele a estudava.

– Você acha que outros já fizeram objeção àquilo que você fez a eles?

– Indubitavelmente.

– O senhor é um comandante natural, bashar. Creio que será muito valioso para nós.

– Sempre pensei que eu fosse mais valioso para mim mesmo.

– Bashar! Olhe em meus olhos!

Ele obedeceu, percebendo pequenos flocos alaranjados pairando pelas escleras. O senso de perigo estava aguçado.

– Se um dia vir meus olhos completamente cor de laranja, tome cuidado! – ela avisou. – Terá me ofendido além da minha capacidade de tolerar.

Ele anuiu.

– Gosto de como você pode comandar, mas não pode comandar a mim! Você comanda o esterco, e essa é a única função que temos para alguém como você.

– O esterco?

Ela fez a mão ondular, um gesto negligente.

– Lá fora. Você os conhece. A curiosidade deles é um calibre estreito. Nenhuma das grandes questões jamais entrou em suas percepções.

– Pensei que era isso o que a senhora queria dizer.

– Trabalhamos para manter as coisas assim – ela prosseguiu. – Toda a informação chega a eles por um filtro implacável que exclui tudo o que não se refira a sobrevivência imediata.

– Nenhuma das grandes questões – ele falou.

– Você ficou ofendido, mas isso não importa – ela murmurou. – Para aqueles que estão lá fora, uma grande questão é “Vou comer hoje?”, “Terei um abrigo esta noite, livre de assaltantes ou vermes?”. Luxo? Luxo é a posse de uma droga ou um membro do sexo oposto que pode, por algum tempo, manter a besta sob controle.

*E você é a besta*, ele pensou.

– Estou gastando algum tempo com o senhor, bashar, porque vejo que pode ser mais valioso para nós do que Muzzafar. E ele de fato é extremamente valioso. Agora mesmo o estamos compensando por tê-lo trazido a nós em uma condição receptiva.

Como Teg permaneceu em silêncio, ela deu uma risada.

– Você não se considera receptivo?

Teg manteve a quietude. Havia ministrado alguma droga em sua comida? Ele vira vislumbres da visão duplicada, mas os movimentos de violência haviam retrocedido logo que os flocos alaranjados desapareceram dos olhos da Honorável Matre. Ainda assim, seus pés deveriam ser evitados. Eles eram armas mortais.

– É apenas que você considera o esterco de forma errônea – ela falou. – Por sorte, eles são autolimitados demais. Eles têm esse conhecimento nos charcos de sua consciência mais profunda, mas não são capazes de usar seu tempo para lidar com isso ou qualquer outra coisa a não ser sua imediata luta pela sobrevivência.

– Eles não podem ser aperfeiçoados? – Teg questionou.

– Eles não devem ser aperfeiçoados! Ah, nós providenciamos para que o autoaperfeiçoamento continue como uma grande moda

passageira entre eles. Nada que seja real, é claro.

– Outro luxo que lhes deve ser negado – ele concluiu.

– Não é um luxo! Inexistente! Deve ser ocluído em todos os momentos, atrás de uma barreira que gostamos de chamar de ignorância protetora.

– Aquilo que você não sabe não pode feri-lo.

– Não gosto de seu tom, bashar.

Novamente, os flocos alaranjados dançavam nos olhos da velha. O senso de violência diminuiu, entretanto, quando ela riu mais uma vez.

– Aquilo com que você deve ter cuidado é o oposto *daquilo-que-você-não-sabe*. Ensina-mos que novos conhecimentos podem ser perigosos. Você percebe a óbvia extensão: todo novo conhecimento é a não sobrevivência!

A porta atrás da Honorável Matre se abriu e Muzzafar retornou. Era um Muzzafar mudado, seu rosto corado, os olhos reluzentes. Ele parou atrás da cadeira da Honorável Matre.

– Um dia serei capaz de permitir que você fique atrás de mim dessa forma – ela disse. – Está em meu poder fazer isso.

*O que elas haviam feito a Muzzafar?*, Teg se perguntou. O homem parecia quase drogado.

– Você percebe que tenho poder? – ela questionou.

Ele pigarreou.

– Isso é óbvio.

– Sou uma banqueira, lembra-se? Acabamos de fazer um depósito com nosso leal Muzzafar. Você nos é grato, Muzzafar?

– Sou, Honorável Matre. – A voz dele estava rouca.

– Tenho certeza de que o senhor entende as linhas gerais desse tipo de poder, bashar – ela falou. – As Bene Gesserit o treinaram

bem. Elas são muito talentosas, mas, temo, não tão talentosas como nós.

– E me disseram que as senhoras são bem numerosas – ele observou.

– Nossos números não são a chave, bashar. Poder como o nosso tende a se tornar canalizado para que possa ser controlado por números pequenos.

Ela parecia uma Reverenda Madre, ele pensou, pela forma que passava a impressão de responder sem revelar muito.

– Em essência – ela continuou –, é permitido que um poder como o nosso se torne a substância da sobrevivência para muitas pessoas. *Então*, a ameaça da privação é tudo o que precisamos para governar. – Ela relanceou sobre um de seus ombros. – Você gostaria que nós o privássemos de nosso favor, Muzzafar?

– Não, Honorável Matre. – Ele chegava a tremer!

– Vocês encontraram uma nova droga – Teg falou.

A risada dela foi espontânea e alta, quase estridente.

– Não, bashar! Temos uma que é muito velha.

– E você me transformaria em um viciado?

– Como todos os outros que controlamos, bashar, o senhor tem uma escolha: morte ou obediência.

– Essa é uma escolha bem antiga – ele concordou. Qual era a ameaça imediata? Ele não era capaz de pressentir qualquer violência. Ao contrário. Sua visão duplicada mostrava a ele relances fragmentados de sobretons extremamente sensuais. Elas achavam que conseguiriam imprimi-lo?

Ela sorriu para Teg, uma expressão condescendente que escondia algo frígido.

– Ele nos servirá bem, Muzzafar?

– Creio que sim, Honorável Matre.

Teg franziu o cenho, pensativo. Havia algo profundamente maligno sobre aquele par. Eles iam contra toda a moralidade pela qual o bashar havia modelado seu comportamento. Era bom lembrar que nenhum deles tinha conhecimento sobre aquela coisa estranha que havia acelerado suas reações.

Eles pareciam apreciar sua perplexidade intrigada.

Teg se sentiu reconfortado ao perceber que nenhum daqueles dois de fato gozava a vida. Ele era capaz de observar isso claramente, com os olhos que haviam sido educados pela Irmandade. A Honorável Matre e Muzzafar haviam se esquecido ou, o que seria mais provável, abandonado tudo aquilo que dava base à sobrevivência de seres humanos jubilosos. O bashar considerou que eles provavelmente já não eram mais capazes de encontrar uma verdadeira fonte de contentamento em seus próprios corpos. A existência deles deveria ser basicamente a de um *voyeur*, um eterno observador, sempre se lembrando de como havia sido antes de se transformarem em seja lá o que fosse que eles se tornaram. Mesmo que se refestelassem no desempenho de algo que certa vez lhes fora gratificante, eles teriam de alcançar novos extremos a cada vez, apenas para tocar as margens de suas próprias lembranças.

O sorriso da Honorável Matre se abriu ainda mais, mostrando uma linha de dentes brancos resplandecentes.

– Olhe para ele, Muzzafar. Ele não tem a menor noção do que podemos fazer.

Teg ouviu a declaração, mas também percebeu com seus olhos treinados pelas Bene Gesserit. Não restara um miligrama de ingenuidade em qualquer um daqueles dois. Nada deveria surpreendê-los. Nada lhes poderia ser verdadeiramente novo. Ainda assim, eles conspiravam e tramavam, esperando que aquele extremo pudesse produzir a excitação rememorada. Eles sabiam

que isso não aconteceria, é claro, e esperavam levar daquela experiência apenas mais da raiva ardente a partir da qual poderiam engendrar outra tentativa sobre o inatingível. Era assim que a linha de raciocínio deles seguia.

Teg delineou um sorriso para os dois, usando todas as habilidades que aprendera nas mãos das Bene Gesserit. Era um sorriso cheio de compaixão, de compreensão e de verdadeiro prazer sobre a própria existência. Ele sabia que seria o insulto mais mortal que poderia lançar sobre os dois, e percebeu que acertara o golpe. Muzzafar lançou um olhar furioso. A Honorável Matre passou de uma raiva que deixou seus olhos alaranjados para uma abrupta surpresa e, então, com muita lentidão, para a aurora de um prazer. Ela não antecipara isso! Era algo novo!

– Muzzafar – ela falou, a tonalidade laranja diminuindo em seus olhos –, traga a Honorável Matre que foi escolhida para marcar nosso bashar.

Teg, com sua visão duplicada mostrando o perigo imediato, finalmente compreendeu. Ele era capaz de sentir a percepção de seu próprio futuro se espalhando para fora como ondas à medida que o poder crescia em seu íntimo. A mudança selvagem dentro dele ainda continuava! Ele sentiu a energia se expandindo. Com ela, surgia o entendimento e as escolhas. Ele viu a si mesmo como um furacão varrendo o edifício – corpos jazendo atrás dele (Muzzafar e a Honorável Matre entre eles) e todo o complexo parecendo um abatedouro quando ele partia.

*Devo fazer isso?*, ele se perguntou.

Para cada um que ele matasse, mais deveriam ser mortos. Entretanto, ele viu a necessidade disso ao perceber, por fim, o desígnio do Tirano. A dor que Teg viu para si mesmo quase o fez chorar, mas ele conteve as lágrimas.

– Sim, tragam essa Honorável Matre para mim – ele concordou, sabendo que seria uma a menos que teria de caçar e destruir em outro lugar daquela construção. A sala de controle dos varreanalizadores deveria ser tomada primeiro.



**Ó, vocês que sabem o que sofremos aqui,  
não se esqueçam de nós em suas preces.**

**– Inscrição sobre o campo de pouso de  
Arrakina (Registros Históricos: Dar-es-Balat)**

Taraza observava as pétalas que caíam como flocos de neve contra o céu prateado da manhã rakiana. Havia um resplendor opalino no céu que, apesar de todos os relatórios preparatórios, ela não havia antecipado. Rakis guardava diversas surpresas. O odor de laranjas falsas era forte ali no perímetro do jardim suspenso de Dar-es-Balat, sobrepujando todas as outras fragrâncias.

*Nunca acredite que você já sondou as profundezas de qualquer lugar... ou de qualquer humano*, ela lembrou a si mesma.

As conversas tinham acabado ali, mas não os ecos dos pensamentos expressos trocados havia apenas alguns minutos. Ainda assim, todos concordaram que chegara hora da ação. Logo Sheeana “dançaria um verme” para eles, demonstrando mais uma vez a sua maestria.

Waff e um novo representante sacerdotal compartilhariam esse “sagrado evento”, mas Taraza estava certa de que nenhum deles sabia a real natureza do que estava prestes a testemunhar. Waff tolerava o espetáculo, é claro. Ele ainda assumia aquele ar de descrença irritada acerca de tudo o que via ou ouvia. Era uma mistura estranha com sua perplexidade subjacente por estar em Rakis. Evidentemente, o catalisador era sua raiva pelo fato de que tolos governavam aquele lugar.

Odrade retornou da sala de reunião e parou ao lado de Taraza.

– Estou extremamente perturbada pelos relatórios de Gammu – Taraza confidenciou. – Você traz alguma novidade?

- Não. A situação continua obviamente caótica por lá.
- Diga-me, Dar, o que você acha que devemos fazer?
- Fico lembrando das palavras do Tirano para Chenoeh: “As Bene Gesserit estão tão próximas daquilo que deviam ser e, ao mesmo tempo, tão longe”.

Taraza apontou para o deserto aberto além do qanat da cidade museu.

– Ele ainda está lá fora, Dar. Tenho certeza disso. – Taraza se virou para encarar Odrade. – E Sheeana fala com ele.

– Ele contou tantas mentiras – Odrade lembrou.

– Mas não mentiu sobre a própria encarnação. Recorde-se do que ele disse. “Cada parte descendente de mim carregará um quinhão de minha consciência, trancafiado dentro de si, perdido e desamparado: pérolas de mim mesmo, movendo-se cegamente na areia, presas em um sonho interminável.”

– Você se fia demais em sua crença no poder de tal sonho – Odrade observou.

– Devemos recuperar o desígnio do Tirano! Todo ele!

Odrade suspirou, mas não falou palavra.

– Nunca subestime o poder de uma ideia – Taraza continuou. – Os Atreides sempre foram filósofos em sua governança. A filosofia é sempre perigosa, pois promove a criação de novas ideias.

Ainda assim, Odrade não respondeu.

– O verme carrega tudo dentro de si, Dar! Todas as forças que ele colocou em ação ainda estão nele.

– Você está tentando me convencer ou a si mesma, Tar?

– Estou te punindo, Dar. Bem como o Tirano ainda nos pune.

– Por não sermos o que deveríamos? Ahh, eis Sheeana e os outros.

– O verme é um idioma, Dar. Esse é o ponto importante.

– Se a senhora diz, Madre Superiora.

Taraza lançou um olhar raivoso na direção de Odrade, que se adiantou para saudar os recém-chegados. Havia uma melancolia perturbadora em Odrade.

Todavia, a presença de Sheeana reestabeleceu o senso de propósito de Taraza. Uma coisinha alerta, Sheeana. De um material muito bom. Sheeana demonstrara sua dança na noite anterior, executando-a na sala do grande museu, contra um fundo de tapeçarias, uma dança exótica contra exóticas fibras de especiaria penduradas com suas imagens do deserto e dos vermes. Ela parecia quase uma parte da tapeçaria, uma figura projetada para fora a partir das dunas estilizadas e dos vermes de caminhos detalhadamente elaborados. Taraza se lembrou de como o cabelo castanho de Sheeana era lançado pelos movimentos circulares da dança, oscilando em um arco indistinto. As luzes laterais acentuaram as mechas avermelhadas de seu cabelo. Seus olhos ficaram fechados, mas não era um rosto em repouso. A empolgação traía a si mesma na apaixonada disposição de sua larga boca, na dilatação das narinas, no queixo projetado para a frente. Seus movimentos transmitiam uma sofisticação interna que contradizia sua juventude.

*A dança é seu idioma, Taraza pensou. Odrade está certa. Ao vê-lo, nós o aprenderemos.*

Waff estava com uma aparência retraída naquela manhã. Era difícil determinar se seus olhos miravam para fora ou para dentro.

Com Waff estava Tulushan, um belo rakiano de feições escuras, o representante escolhido pelo clero para o “sagrado evento” do dia. Taraza, encontrando-o na dança de demonstração, achara extraordinário como Tulushan nunca precisava dizer “mas”, e ainda assim a palavra sempre estava presente em tudo o que ele

proclamava. Um burocrata perfeito. Ele esperava ir longe, e com justiça, mas aquelas expectativas logo encontrariam sua surpresa derradeira. Ela não sentiu dó dele diante desse conhecimento. Tulushan era um jovem de feições suaves com poucos anos-padrão para tal posição de confiança. Havia mais para ele do que parecia existir à primeira vista, é claro. E menos.

Waff se moveu para uma das laterais do jardim, deixando Odrade e Sheeana com Tulushan.

O jovem sacerdote era descartável, naturalmente. Isso explicava muito sobre por que ele havia sido escolhido para essa ocasião. Indicava que ela alcançara o nível apropriado de violência potencial. Taraza não achava, entretanto, que qualquer uma das facções sacerdotais ousaria ferir Sheeana.

*Ficaremos próximas a Sheeana.*

Eles haviam passado uma semana trabalhosa desde a demonstração das proezas sexuais das meretrizes. Uma semana perturbadora, considerando friamente. Odrade se mantivera ocupada com Sheeana. Taraza teria preferido Lucilla para essa tarefa educacional, mas deve-se dispor daquilo que se tem em mãos, e Odrade obviamente era a melhor disponível em Rakis para tal instrução.

Taraza olhou de volta na direção do deserto. Eles aguardavam os tópteros de Kina com suas cargas de Observadores Importantíssimos. Estes ainda não estavam atrasados, mas aglomeravam-se, como tais pessoas costumavam fazer.

Sheeana parecia ter assimilado bem sua educação sexual, apesar de as estimativas de Taraza em relação aos homens disponíveis para as lições da Irmandade em Rakis não serem muito altas. Em sua primeira noite ali, Taraza convocara um desses servos. Em retrospecto, ela julgou que ele havia dado mais trabalho

do que a pequena satisfação e esquecimento que proveu. Além disso, o que havia para esquecer? Esquecer-se era permitir uma fraqueza.

*Nunca se esqueça!*

Entretanto, era isso o que as meretrizes faziam. Elas comercializavam o esquecimento. E elas não tinham a menor percepção do domínio construtivo e contínuo do Tirano sobre o destino humano, tal como um torno mecânico, nem da necessidade de livrar-se de tal domínio.

Taraza escutara em segredo à sessão do dia anterior entre Sheeana e Odrade.

*O que eu esperava ouvir?*

A jovem e sua professora estavam ali fora no jardim suspenso, encarando uma a outra em dois bancos, um abafador ixiano dissimulando suas palavras de qualquer um que não tivesse o tradutor codificado. O abafador pairava com auxílio de um suspensor entre as duas como um estranho guarda-chuva, um disco negro que projetava distorções que ocultavam os movimentos precisos dos lábios e o som das vozes.

Para Taraza, de pé dentro do longo salão de reuniões, com o pequeno tradutor em sua orelha esquerda, a lição ocorrera como uma memória igualmente distorcida.

*Quando me ensinaram essas coisas, não havíamos visto o que as meretrizes da Dispersão eram capazes de fazer.*

– Por que dizemos “a complexidade do sexo”? – Sheeana perguntara. – O homem que a senhora mandou ontem à noite insistia em dizer isso.

– Muitos acreditam que a compreendem, Sheeana. Talvez ninguém tenha de fato compreendido, porque tais palavras requerem mais da mente do que da carne.

– Por que não devo usar as coisas que vimos os Dançarinos Faciais fazendo?

– Sheeana, complexidade se esconde dentro de complexidade. Grandes feitos e ações torpes foram executados pela instigação de forças sexuais. Falamos de “força sexual” e “energias sexuais” e de coisas como “sobrepujante anseio do desejo”. Não nego que tais coisas são observáveis. Mas o que estamos encarando aqui é uma força tão poderosa que pode destruir você e tudo aquilo que você considera valioso.

– É isso o que estou tentando entender. O que as meretrizes estão fazendo de errado?

– Elas ignoram as espécies em seu trabalho, Sheeana. Creio que você já é capaz de pressentir isso. O Tirano certamente sabia. O que era seu Caminho Dourado além de uma visão das forças sexuais em ação, recriando a humanidade infinitamente?

– E as meretrizes não criam?

– O que elas mais tentam é controlar os mundos com essa força.

– Parece que elas estão conseguindo fazer isso.

– Ahhh, mas que contraforças elas estão invocando?

– Não compreendo.

– Você conhece a Voz e como ela pode controlar algumas pessoas?

– Mas não controla a todos.

– Exato. Uma civilização sujeita à Voz por um longo período desenvolve formas de se adaptar a essa força, prevenindo a manipulação daqueles que usam a Voz.

– Então há pessoas que sabem como resistir às meretrizes?

– Vimos sinais inconfundíveis disso. E essa é uma das razões por que estamos aqui em Rakis.

– As meretrizes virão até aqui?

– Temo que sim. Elas desejam controlar o cerne do Antigo Império porque nos consideram uma conquista fácil.

– A senhora não teme que elas vençam?

– Elas não vencerão, Sheeana. Confie nisso. Mas elas são boas para nós.

– Como assim?

O tom chocado de Sheeana ecoou o sentimento de Taraza ao ouvir tais palavras vindas de Odrade. Até onde iam as suspeitas de Odrade? No instante seguinte, Taraza entendeu e imaginou se a lição era igualmente compreensível para a jovem.

– O cerne é estático, Sheeana. Estivemos quase em imobilidade por milhares de anos. A vida e o movimento estão “lá fora”, com as pessoas da Dispersão que resistem às meretrizes. Seja lá o que fizermos, devemos fortalecer ainda mais essa resistência.

O som dos tópteros que se aproximavam desfez o devaneio remanescente de Taraza. Os Observadores Importantíssimos estavam chegando, vindos de Kina. Ainda faltava alguma distância a ser vencida, mas o som se elevava ao longe no ar límpido.

O método de ensino de Odrade era bom. Taraza teve de admitir enquanto varria o céu em busca do primeiro vislumbre dos tópteros. Aparentemente eles estavam voando baixo e do outro lado do edifício. Aquela era a direção errada, mas talvez eles tivessem levado os Observadores Importantíssimos em uma curta excursão sobre os vestígios da muralha do Tirano. Muitas pessoas tinham curiosidade sobre o lugar onde Odrade encontrara a reserva de especiaria.

Sheeana, Odrade, Waff e Tulushan entraram novamente na longa sala de reuniões. Eles também haviam ouvido os tópteros. Sheeana estava ansiosa para mostrar seus poderes sobre os vermes. Taraza hesitou. Ouviu-se um som laborioso nos tópteros

que se aproximavam. Eles estavam sobrecarregados? Quantos observadores traziam?

O primeiro tóptero se alçou sobre o teto do apartamento de cobertura e Taraza viu a cabine blindada. Ela reconheceu a traição antes mesmo do primeiro feixe disparar da máquina, cortando suas pernas abaixo dos joelhos. Ela caiu pesadamente contra uma árvore envasada, suas pernas completamente amputadas. Outro feixe foi disparado em sua direção, cortando-a em um ângulo pela bacia. O tóptero varreu-a com um rosnado abrupto de jatos propulsores e se evadiu para a esquerda.

Taraza se agarrara à árvore, deixando a agonia de lado. Ela conseguiu conter a maior parte do fluxo de sangue de seus ferimentos, mas a dor era enorme. Entretanto, não tão grande quanto a agonia da especiaria, ela lembrou a si mesma. Isso ajudou, mas ela sabia que estava condenada. Ela ouviu gritos e múltiplos sons de violência por toda a extensão do museu naquele instante.

*Eu venci!*, Taraza pensou.

Odrade disparou pelo apartamento e se curvou sobre Taraza. Elas não disseram palavra, mas Odrade mostrou que entendera, colocando a testa contra a têmpora de Taraza. Era uma deixa antiquíssima das Bene Gesserit. Taraza começara a despejar sua vida em Odrade: Outras Memórias, esperanças, temores... tudo.

Uma delas ainda poderia escapar.

Sheeana observava do apartamento, ficando onde havia sido ordenada a esperar. Ela sabia o que estava acontecendo lá fora no jardim suspenso. Aquele era o derradeiro mistério das Bene Gesserit e toda postulante estava ciente disso.

Waff e Tulushan, já fora da sala quando o ataque começou, nunca retornaram.

Sheeana estremecia de apreensão.



Abruptamente, Odrade se levantou e correu de volta para a cobertura. Havia uma expressão selvagem em seus olhos, mas ela se movia com propósito. Saltando, recolheu luciglobos, agarrando-os em punhados por seus cabos interruptores. Ela depositou diversos fardos nas mãos de Sheeana e a jovem sentiu seu corpo ficar mais leve em função dos campos dos sensores dos globos. Seguindo com mais conglomerados de globos além de seu campo de alcance, Odrade se apressou pela extremidade estreita da sala onde uma grade na parede indicava o que ela buscava. Com a ajuda de Sheeana, ela ergueu a grade para fora de seus encaixes, revelando uma profunda tubulação de ar. A luz do aglomerado de luciglobos mostrou as brutas paredes internas.

– Segure os globos bem perto para obter o efeito máximo do campo – Odrade instruiu. – Afaste-os para você se abaixar. Entre primeiro.

Sheeana agarrou os cabos interruptores em uma mão suada e saltou pela moldura. Ela se permitiu cair, então agarrou os globos perto de si, temerosa. Luz vinda do alto lhe dizia que Odrade a seguia.

No fundo, elas emergiram em uma sala de bombeamento, os sussurros de diversas pás de ventilação serviam como música ambiente para os sons de violência do lado de fora.

– Devemos chegar à não sala e, de lá, para o deserto – Odrade falou. – Todos estes sistemas de maquinário estão interconectados. Haverá uma passagem.

– Ela está morta? – Sheeana murmurou.

– Sim.

– Pobre Madre Superiora.

– Agora eu sou a Madre Superiora, Sheeana. Pelo menos, temporariamente. – Ela apontou para o alto. – Aquelas eram as

meretrizes nos atacando. Devemos nos apressar.

**O mundo é para os vivos. Quem eles são?  
Desafiamos as trevas para alcançar o alvo e o  
verão.**

**Ela era o vento quando o vento estava em  
meu caminho.**

**Vivo ao meio-dia, em sua forma eu definho.  
Conhece a queda quem alça da carne ao  
espírito:**

**A palavra sobressalta o mundo e tudo é  
lúcido.**

**– Theodore Roethke (Citações Históricas: Dar-es-Balat)**

Foi preciso pouca volição consciente para que Teg se transformasse no furacão. Ele finalmente reconheceu a natureza da ameaça das Honoráveis Matres. O reconhecimento se equipara com os requisitos indistintos que haviam se concretizado nele por aquela nova percepção Mentat que acompanhava sua velocidade ampliada.

Ameaças monstruosas requeriam contramedidas monstruosas. Sangue respingava nele à medida que forçava seu caminho pelo edifício do quartel-general, abatendo a todos que encontrava.

Como ele havia aprendido com suas professoras Bene Gesserit, o grande problema do universo humano jazia em como se administrava a procriação. Ele podia ouvir a voz de sua primeira professora enquanto levava destruição pelo edifício.

“Você pode pensar nisso como sendo apenas sexualidade, mas preferimos um termo mais básico: procriação. Ele tem diversas facetas e ramificações, e aparentemente possui energia ilimitada. A emoção chamada ‘amor’ é apenas um de seus pequenos aspectos.”

Teg esmagou a garganta de um homem que se plantara rigidamente em seu caminho e, por fim, encontrou a sala de controle

das defesas do edifício. Apenas um homem estava sentado ali, sua mão direita quase encostando em um botão vermelho no console diante de si.

Com um golpe da mão esquerda, Teg quase decapitou o homem. O corpo caiu para trás vagarosamente, o sangue se acumulando no pescoço aberto.

*A Irmandade está certa ao chamá-las de meretrizes!*

Podia-se arrastar a humanidade a quase qualquer lugar manipulando-se as enormes energias de procriação. Podia-se incitar os humanos a tomarem ações que eles nunca acreditariam possíveis. Uma de suas professoras havia dito isso especificamente:

“Essa energia deve ter uma válvula de escape. Represe-a e ela se tornará monstruosamente perigosa. Redirecione-a e ela varrerá tudo em seu caminho. Este é o derradeiro segredo de todas as religiões.”

Teg tinha a consciência de ter deixado mais de cinquenta corpos atrás de si ao abandonar o edifício. A última fatalidade fora um soldado em uniforme camuflado de pé sob um umbral aberto, aparentemente prestes a entrar.

Enquanto corria pelas pessoas e veículos aparentemente imóveis, a mente acelerada de Teg teve tempo de refletir sobre o que ele deixara atrás de si. Havia algum consolo, ele se perguntou, no fato de que a última expressão em vida da velha Honorável Matre fora de verdadeira surpresa? Ele poderia se parabenizar pelo fato de que Muzzafar nunca mais veria sua casa de arbusto estruturador?

Entretanto, a necessidade daquilo que ele havia realizado no intervalo de alguns batimentos de seu coração era bem clara para alguém treinado pelas Bene Gesserit. Teg lembrava de suas lições de história. Havia muitos planetas paradisíacos no Antigo Império,

provavelmente muitos mais entre o povo da Dispersão. Humanos sempre parecem capazes de tentar aquele tolo experimento. Pessoas em tais lugares quase sempre ficam indolentes. Uma análise rápida e astuta dizia que era em razão do clima ameno de tais planetas. Ele sabia que isso não passava de uma estupidez. Tinha a ver com o fato de que a energia sexual era facilmente liberada nesses lugares. Permita que as Missionárias do Deus Dividido ou qualquer constructo denominativo entrem em algum desses paraísos e o efeito resultante seria uma violência ultrajada.

“Nós, da Irmandade, sabemos”, uma das professoras de Teg dissera. “Acendemos mais de um desses pavios com nossa Missionaria Protectora.”

Teg não parou de correr até que se viu em um beco a pelo menos cinco quilômetros do abatedouro que se transformara o quartel-general da velha Honorável Matre. Ele sabia que pouquíssimo tempo havia se passado, mas tinha algo muito mais importante em que ele deveria focar. Ele não matara todos os ocupantes daquela construção. Havia olhos lá que pertenciam a pessoas que agora sabiam o que ele podia fazer. Olhos que o haviam visto matar Honoráveis Matres. Viram Muzzafar tombar, morto por suas mãos. A evidência dos corpos deixados para trás e a lenta repetição das gravações revelariam tudo.

Teg se recostou contra um muro. Pele fora arrancada da palma de sua mão esquerda. Ele se permitiu voltar ao tempo normal e observar o sangue escorrendo a partir do ferimento. O líquido era quase negro.

*Mais oxigênio em meu sangue?*

Ele ofegava, mas não tanto quanto os esforços pareciam requerer.

*O que aconteceu comigo?*

Era algo de sua ancestralidade Atreides, ele sabia. A crise o havia lançado a outra dimensão de possibilidades humanas. Seja qual fosse a transformação, fora profunda. Agora ele podia observar além, perscrutando diversas necessidades. E as pessoas pelas quais ele passara em sua corrida até aquele beco pareceram-lhe estátuas.

*Será que algum dia pensarei nelas como esterco?*

Só poderia acontecer se ele permitisse, Teg sabia. Mas a tentação estava lá, e ele concedeu a si mesmo um breve instante de comiseração pelas Honoráveis Matres. A Grande Tentação as havia derrubado em seu próprio esterco.

O que fazer agora?

A linha principal estava aberta para ele. Havia um homem ali em Ysai, um homem que, com certeza, conheceria todas as pessoas necessárias a Teg. O bashar olhou os arredores do beco. Sim, aquele homem estava perto.

A fragrância de flores e ervas flutuou até Teg desde algum ponto mais além no beco. Ele seguiu aquela fragrância, ciente de que o levava aonde precisava ir e de que nenhum ataque violento o aguardava ali. Aquele era, temporariamente, um remanso silencioso.

Ele chegou rapidamente à fonte da fragrância. Era um umbral marcado por um toldo azul com duas palavras inscritas em galach moderno: “Serviços Pessoais”.

Teg entrou e percebeu de imediato o que havia encontrado. Lugares como aquele eram vistos em diversos locais do Antigo Império: restaurantes que remetiam aos tempos ancestrais, com autômatos que se moviam da cozinha até a mesa. A maioria deles eram estabelecimentos “da moda”. Contava-se aos amigos sobre

sua mais recente “descoberta” com um aviso de que eles não deveriam espalhar a notícia.

“Não queremos estragar o lugar fazendo que fique abarrotado”.

Essa ideia sempre divertiu Teg. Espalhar uma notícia sob o disfarce de guardar um segredo.

Cheiro de comidas de dar água na boca emanavam da cozinha na parte de trás. Um garçom passou carregando uma bandeja a partir da qual vapor se erguia, levando a promessa de coisas boas.

Uma jovem em um vestido preto com um avental branco se aproximou de Teg.

– Por aqui, senhor. Temos uma mesa vaga no canto.

Ela puxou uma cadeira para que ele se sentasse de costas para a parede.

– Alguém virá atendê-lo em um instante, senhor. – Ela lhe estendeu uma folha rígida de papel barato de dupla camada. – Nosso cardápio é impresso. Espero que o senhor não se importe.

Ele observou a partida da atendente. O garçom que ele havia visto passar agora se dirigia de volta à cozinha. A bandeja estava vazia.

Os pés de Teg o haviam levado até ali como se estivessem correndo em trilhos fixos. E eis o homem de quem ele precisava, jantando ali perto.

O garçom se detivera para falar com o homem que, Teg sabia, detinha as respostas para a próxima ação a ser tomada ali. Os dois riram ao mesmo tempo. Teg analisou o resto do salão: apenas três outras mesas estavam ocupadas. Uma mulher mais velha estava sentada a uma mesa no canto oposto, mordiscando algum confeito gelado. Ela vestia o que Teg supôs ser o ponto alto da moda atual, um vestido vermelho curto e justo, com um longo decote na altura do pescoço. Seus sapatos combinavam. Um casal jovem estava a

uma mesa à direita de Teg; não viam ninguém a não ser eles mesmos. Um homem mais velho em uma túnica marrom antiquada comia com parcimônia um prato de legumes verdes perto da porta. Ele tinha olhos apenas para a sua comida.

O homem conversando com o garçom riu alto.

Teg prestou atenção na parte de trás da cabeça do garçom. Tufos de cabelos loiros saltavam-lhe da nuca como punhados de grama morta. A gola de sua camisa era puída sob os tufos de cabelo. Teg baixou o olhar. Os sapatos do garçom estavam bem gastos nos calcanhares. A barra de seu paletó preto havia sido remendada. Aquele era um lugar simplório? Simplório ou alguma outra forma de pressão econômica? Os odores da cozinha não sugeriam qualquer economia ali. Os utensílios estavam brilhantes e limpos. Não se viam louças trincadas. Mas a toalha listrada vermelha e branca na mesa havia sido remendada em diversos lugares, um trabalho cuidadoso para combinar com o tecido original.

De novo Teg estudou os outros clientes. Eles pareciam ser abastados. Não havia pobres famintos naquele lugar. Só então Teg compreendeu. Não apenas aquele era um lugar “da moda”, mas alguém o havia projetado para ter aquele exato efeito. Havia uma mente brilhante por trás de tal estabelecimento. Era o tipo de restaurante que jovens executivos em ascensão revelavam para seus clientes em prospecção a fim de ganhar pontos ou para agradar um superior. A comida seria espetacular e as porções generosas. Teg percebeu que seus instintos o haviam levado até ali corretamente. Depois disso, ele voltou sua atenção para o cardápio, permitindo, por fim, que a fome entrasse em sua consciência. A fome era, no mínimo, tão feroz quanto aquela que havia deixado perplexo o finado marechal Muzzafar.



O garçom apareceu ao lado de Teg com uma bandeja sobre a qual foram colocados uma pequena caixa aberta e um jarro que emanava o odor pungente de unguento pelenova.

– Vejo que o senhor feriu sua mão, bashar – o homem observou. Ele colocou a bandeja sobre a mesa. – Permita-me cuidar de sua ferida antes que o senhor faça seu pedido.

Teg ergueu a mão machucada e observou a ágil competência do tratamento.

– Você me conhece? – Teg perguntou.

– Sim, senhor. E depois das coisas que tenho ouvido, parece-me estranho vê-lo em uniforme completo. Pronto. – Ele finalizou o curativo.

– O que você tem ouvido? – Teg questionou em voz baixa.

– Que as Honoráveis Matres o caçam.

– Acabo de matar algumas delas e muitos de seus... Como devemos chamá-los?

O homem empalideceu, mas respondeu com firmeza:

– Escravos seria um bom termo, senhor.

– Você esteve em Renditai, não é mesmo? – Teg falou.

– Sim, senhor. Muitos de nós nos assentamos aqui depois de lá.

– Preciso de comida, mas não tenho como pagá-lo – Teg confessou.

– Ninguém de Renditai precisa de seu dinheiro, bashar. Elas sabem que o senhor veio até aqui?

– Não creio que elas saibam.

– As pessoas que estão aqui agora são frequentadoras assíduas. Nenhuma delas trairia o senhor. Tentarei avisá-lo se alguém perigoso vier até aqui. O que o senhor deseja comer?

– Uma grande quantidade de comida. Deixarei a escolha em suas mãos. Cerca do dobro de carboidratos em relação às

proteínas. Sem estimulantes.

– O que o senhor quer dizer com “uma grande quantidade”, senhor?

– Continue trazendo até que eu lhe avise... ou até que você ache que abusei de sua generosidade.

– Apesar das aparências, senhor, este estabelecimento não é pobre. O lucro me fez um homem rico.

*Ponto para a sua avaliação*, Teg pensou. A avareza do lugar era uma imagem calculada.

O garçom partiu e novamente falou com o homem sentado à mesa central. Teg avaliou o homem abertamente depois que o garçom voltou à cozinha. Sim, aquele era o homem. O comensal concentrado em seu prato de massa com um acompanhamento de vegetais verdes.

*Havia pouquíssimos sinais naquele homem de que ele era cuidado por uma mulher*, Teg pensou. Seu colarinho havia sido engomado torto, as tiras dos fechos estavam amassadas. Nódos de molho esverdeado manchavam sua manga esquerda. Ele era naturalmente destro, mas comia enquanto a mão esquerda ficava no caminho dos respingos. Calça de barras puídas. Um dos fiapos da barra da perna, parcialmente solto do nó, arrastava-se sobre o calcanhar. Meias que não combinavam: uma azul, outra amarelo-clara. Nada disso parecia incomodá-lo. Nenhuma mãe ou outra mulher jamais o arrastara desde a porta de entrada ordenando-o que se arrumasse e se fizesse apresentável. Sua atitude básica estava anunciada em toda a sua aparência:

“O que você vê é o mais apresentável possível”.

De súbito o homem olhou para cima, uma ação espasmódica como se ele tivesse sido cutucado. Ele relanceou com seus olhos castanhos toda a extensão do salão, pausando por vez em cada

rosto como se procurasse uma feição específica. Depois disso, voltou a atenção para seu prato.

O garçom retornou com uma sopa rala, na qual rodela de ovo e alguns vegetais verdes podiam ser vistos.

– O restante de sua refeição está sendo preparado, senhor – ele informou.

– Você veio para cá diretamente depois de Renditai? – Teg perguntou.

– Sim, senhor. Mas também o servi em Acline.

– O 67º de Gammu – Teg lembrou.

– Sim, senhor!

– Salvamos muitas boas vidas naquela ocasião – Teg comentou.

– Deles e nossas.

Como Teg não começara a comer, o garçom falou em voz baixa:

– O senhor gostaria de um farejador?

– Não enquanto você estiver me servindo – Teg respondeu. Ele realmente sentia isso, mas achou que era uma farsa, uma vez que sua visão duplicada lhe informava que a comida era segura.

O garçom começou a se virar, satisfeito.

– Um momento – Teg disse.

– Senhor?

– O homem naquela mesa central. Ele é um de seus clientes assíduos?

– O professor Delnay? Ah, sim, senhor.

– Delnay. Sim, foi o que supus.

– Professor de artes marciais, senhor. E de história do mesmo assunto.

– Eu sei. Quando chegar a hora de servir minha sobremesa, por gentileza pergunte ao professor se ele pode se juntar a mim.

– Devo dizer quem o senhor é?

- Você não acha que ele já sabe?
- Isso seria possível, senhor, ainda assim...
- Cautela onde cautela é necessária – Teg completou. – Traga a comida.

O interesse de Delnay despertou completamente muito antes de o garçom transmitir o convite de Teg. As primeiras palavras do professor ao se sentar diante de Teg foram:

- Essa foi a exibição gastronômica mais incrível que eu já vi. Tem certeza que o senhor conseguirá comer uma sobremesa?

- Duas ou três, no mínimo – Teg confirmou.

- Incrível!

Teg experimentou uma colherada de um confeito adoçado com mel. Depois de engolir, ele disse:

- Este lugar é uma pérola.

- Mantive-o no mais absoluto segredo – Delnay confidenciou. – Exceto por alguns amigos próximos, é claro. A que devo a honra de seu convite?

- Você já foi... ah, *marcado* por uma Honorável Matre?

- Senhores da perdição, não! Não sou tão importante assim.

- Eu estava planejando lhe pedir para arriscar a própria vida, Delnay.

- De que maneira? – Não houve hesitação. Isso era reconfortante.

- Há um lugar em Ysai onde meus antigos soldados se reúnem. Quero ir até lá e encontrar o maior número deles que for possível reunir.

- Pelas ruas e todo paramentado como o senhor se encontra agora?

- De qualquer forma que você puder.

Delnay levou um dedo ao lábio inferior e se reclinou para encarar Teg.

– O senhor não é uma figura fácil de disfarçar, como bem sabe. Entretanto, pode ser que haja uma maneira. – Ele anuiu a cabeça, pensativo. – Sim. – Ele sorriu. – Temo que o senhor não gostará.

– O que você tem em mente?

– Alguns acolchoados e outras alterações. Faremos que se passe por um supervisor bordano. O senhor irá feder como o esgoto, é claro. E terá de lidar com isso como se nem percebesse.

– Por que você acha que isso dará certo? – Teg questionou.

– Oh, haverá uma tempestade esta noite. Algo comum para esta época do ano. Assenta a umidade para as plantações abertas do ano que vem. E enche os reservatórios para os campos aquecidos, como o senhor sabe.

– Não compreendo seu raciocínio, mas assim que eu terminar outro destes confeitos, partiremos – Teg sentenciou.

– O senhor gostará do lugar para onde eu o levarei a fim de nos refugiarmos da tempestade – Delnay comentou. – Sou louco por fazer isso, sabe? Mas o proprietário daqui diz que devo ajudá-lo ou nunca mais poderei voltar.

Já se passava uma hora depois do pôr do sol quando Delnay o conduziu até o ponto de encontro. Teg, vestido em couro e fingindo mancar, foi forçado a usar grande parte de seu poder mental para ignorar o próprio fedor. Os amigos de Delnay haviam coberto Teg com dejetos de esgoto, depois o esguicharam. A secagem a ar levantou a maior parte dos aromas da efluência.

Uma estação remota de leitura do clima, localizada à porta do local de encontro, informou a Teg que a temperatura externa havia caído quinze graus na última hora. Delnay entrou na frente e se apressou por uma sala cheia de pessoas, onde havia muito barulho

e o som de copos de vidro se chocando. Teg fez uma pausa para avaliar a estação ao lado da porta. O vento soprava a trinta cliques, ele notou. Pressão barométrica baixa. Ele leu a placa acima da estação:

“Um serviço para nossos clientes”.

Aparentemente, um serviço também para o bar. Clientes que saíam poderiam muito bem conferir aquelas leituras e voltar para o calor e a camaradagem do interior.

Na extremidade oposta do bar, em uma grande lareira de canto, havia um fogo verdadeiro queimando. Lenha aromática.

Delnay retornou, torcendo o nariz em razão do fedor de Teg, e o conduziu contornando a multidão até um quarto nos fundos e, através deste, a um banheiro privativo. O uniforme de Teg, lavado e passado, jazia ali sobre uma cadeira.

– Estarei diante da lareira quando o senhor estiver pronto – Delnay falou.

– Todo paramentado, não é? – Teg questionou.

– Só é perigoso lá fora, nas ruas – Delnay argumentou. Ele se voltou e tomou o caminho pelo qual os dois vieram.

Teg logo saiu do quarto e fez o percurso até o canto da lareira entre grupos que subitamente silenciavam à medida que as pessoas o reconheciam. Murmúrios satisfeitos varreram o salão.

– O velho bashar em pessoa.

– Oh, sim, é Teg. Servi com ele, sim, senhor. Reconheço aquele rosto e o porte físico em qualquer lugar.

Os clientes se aglomeraram no atávico calor da lareira. Havia um odor forte de roupas molhadas e hálitos embriagados ali.

Então a tempestade havia levado aquela multidão até o bar? Teg observou os rostos endurecidos pelo treinamento militar ao seu redor, pensando que aquela não era uma reunião comum, não

importava o que Denlay dissesse. Ainda assim, as pessoas ali conheciam umas às outras e estavam esperando se encontrar àquela hora.

Delnay estava sentado em um dos bancos no canto, um copo contendo um líquido cor de âmbar em sua mão.

– Você espalhou a notícia para que nos encontrassem aqui – Teg falou.

– Não era o que o senhor queria, bashar?

– Quem é você, Delnay?

– Sou dono de uma fazenda invernal a poucos cliques ao sul daqui, e tenho alguns amigos banqueiros que ocasionalmente me emprestam um carro terrestre. Se o senhor deseja que eu seja mais específico, sou como o resto das pessoas neste salão: alguém que quer as Honoráveis Matres longe de nosso pescoço.

Um homem atrás de Teg perguntou:

– É verdade que o senhor matou uma centena delas hoje, bashar?

Teg respondeu em tom seco, sem se virar.

– Esse número é altamente exagerado. Por gentileza, alguém poderia me servir uma bebida?

Dada a sua alta estatura, Teg varreu o salão enquanto alguém pegava um copo para ele. Quando o recipiente foi colocado em sua mão, nele continha, como Teg esperava, o líquido azul-escuro de um marinette daniano. Aqueles velhos soldados conheciam suas preferências.

As bebidas continuaram a fluir pelo salão, mas em um ritmo mais contido. Eles aguardavam que o bashar declarasse suas intenções.

A natureza gregária dos humanos recebia um impulso natural em uma noite tempestuosa, Teg pensou. Juntem-se perto de uma fogueira na entrada de uma caverna, colegas de tribo! Nenhum

perigo passará por nós, principalmente quando as feras virem o nosso fogo. *Quantas reuniões similares a esta aconteciam em Gammu em uma noite assim?*, ele se perguntou, bebericando seu drinque. O tempo ruim podia mascarar ações que os companheiros reunidos desejavam que não fossem observadas. O clima também conseguia manter certas pessoas do lado de dentro das construções quando elas deveriam estar do lado de fora.

Teg reconheceu alguns rostos como sendo de seus oficiais do passado e soldados comuns; uma grande miscelânea. De alguns deles, o bashar tinha boas memórias: pessoas confiáveis. Outros morreriam naquela noite.

O nível de ruído começou a aumentar conforme as pessoas ficavam mais à vontade em sua presença. Ninguém o pressionara em busca de uma explicação. Eles também sabiam isso a seu respeito. Teg estabelecia seu ritmo próprio.

O som das conversas e dos risos era de um tipo que ele sabia acompanhar tais reuniões desde a aurora dos tempos, quando humanos se agrupavam para obter proteção mútua. O tilintar dos copos de vidro, as explosões súbitas de gargalhadas, algumas risadinhas abafadas. Aqueles eram os mais cômicos do próprio poder pessoal. Risadas abafadas indicavam que a pessoa poderia estar entretida, mas não tinha que fazer-se de tola diante de todos. O riso de Delnay era abafado.

Teg ergueu o olhar e percebeu que o teto e suas vigas haviam sido construídos a uma baixa altura, seguindo a convenção. Isso fazia o espaço enclausurado parecer ao mesmo tempo mais extenso e ainda assim mais íntimo. Havia uma atenção cuidadosa à psicologia humana ali. Era o tipo de coisa que ele observara em diversos locais naquele planeta. Era algo premeditado para manter um freio em percepções indesejadas. Fazia que as pessoas se



sentissem confortáveis e seguras. Elas não estavam, é claro, mas isso impedia que os frequentadores compreendessem tal fato.

Por mais alguns instantes Teg observou as bebidas serem distribuídas pelos funcionários habilidosos: cervejas escuras locais e algumas importadas de alto valor. Distribuídas ao longo do bar e em mesas com baixa iluminação havia tigelas que continham vegetais locais fritos, cheios de sal. Essa óbvia jogada para aumentar a sede parecia não ofender ninguém. Era apenas algo esperado naquele ramo. As cervejas também eram altamente salgadas, é claro. Elas sempre eram. Os produtores locais sabiam como estimular a sede.

Alguns grupos estavam ficando mais barulhentos. As bebidas começavam a operar sua magia ancestral. Baco estava ali! Teg sabia que se aquela reunião seguisse seu rumo natural, o salão chegaria a um crescendo naquela mesma noite, e então, gradualmente, muito gradualmente, o nível de ruído começaria a baixar. Alguém iria inspecionar a estação climática ao lado da porta. Dependendo do que visse ali, o lugar poderia esvaziar de imediato ou continuar em um ritmo mais calmo por algum tempo. Teg então percebeu que atrás do bar deveria haver uma forma de distorcer as leituras da estação climática. Aquele estabelecimento não deixaria passar esse meio de aumentar seus negócios.

*Faz eles entrarem e os mantém aqui de qualquer jeito que não achem estranho.*

As pessoas por trás daquela instituição se aliariam com as Honoráveis Matres sem hesitar.

Teg colocou sua bebida de lado e bradou:

– Eu poderia pedir a atenção de todos, por gentileza?

Silêncio.

Até os atendentes pararam o que estavam fazendo.

– Alguns de vocês, guardem as portas – Teg ordenou. – Ninguém entra ou sai até que eu permita. As portas dos fundos também, se puderem.

Feito isso, ele observou atentamente todo o salão, selecionando com sua visão duplicada e com sua antiga experiência militar aqueles que poderiam ser os mais confiáveis. O que Teg precisava fazer naquele instante se tornara bem claro para si. Burzmali, Lucilla e Duncan estavam ali, na periferia de sua nova visão, suas necessidades eram fáceis de perceber.

– Presumo que vocês possam se erguer em armas com alguma agilidade – ele observou.

– Viemos preparados, bashar! – Alguém gritou no salão. Teg captou a bebida naquela voz, mas também o velho impulso da adrenalina, algo tão estimado por aquelas pessoas.

– Vamos capturar uma não nave – Teg declarou.

Aquilo os arrebatou. Nenhum outro artefato de uma civilização era tão bem guardado. Aquelas naves chegavam a campos de pouso e a outros lugares e partiam. Sua superfície blindada era repleta de armas. Tripulações estavam em alerta constante em locais vulneráveis. Engodo poderia funcionar; ataque direto apresentava pequenas chances. Mas ali, naquele salão, Teg alcançara uma nova percepção, instigada pela necessidade e pelos genes selvagens em sua ancestralidade Atreides. As posições da não nave em Gammu e em seus arredores estavam visíveis para ele. Pontos brilhantes ocupavam sua visão interior e, como linhas que ligam um globo a outro, sua visão duplicada encontrou o caminho através daquele labirinto.

*Oh, mas eu não quero segui-lo*, ele pensou.

A coisa que o instigava não seria negada.

– Especificamente, vamos capturar uma não nave da Dispersão  
– ele prosseguiu. – Eles possuem algumas das melhores. Você,  
você e você e você. – Ele apontou, identificando os indivíduos. –  
Vocês ficarão aqui e garantirão que ninguém saia ou se comunique  
com qualquer um fora deste estabelecimento. Creio que vocês  
serão atacados. Resistam o máximo que puderem. Os demais,  
peguem suas armas e vamos.

**Justo? Quem pede justiça? Fazemos nossa própria justiça. E a faremos aqui em Arrakis, vencendo ou perdendo. Não vamos clamar por justiça enquanto tivermos a força dos braços e a liberdade para usá-los.**

**– Leto I: Repositório Bene Gesserit**

A não nave surgiu planando rente às areias rakianas. Sua passagem criava redemoinhos poeirentos que flutuavam ao redor e se acomodavam como perturbações ruidosas das dunas. O disco amarelo-prateado do sol afundava no horizonte, agitado pelos demônios ardentes de um longo dia de calor. A não nave estava parada ali, estalando, uma esfera azerada cuja presença poderia ser detectada pelos olhos e ouvidos, mas não por qualquer presciente ou instrumento de longa distância. A visão duplicada de Teg lhe deu a certeza de que nenhum observador indesejado vira a sua chegada.

– Quero tópteros blindados e carros lá fora em menos de dez minutos – ele ordenou.

Seu pessoal se precipitou em ação atrás dele.

– O senhor tem certeza de que elas estão aqui, bashar? – A voz era de um companheiro de bebida do bar de Gammu, um oficial de confiança de Renditai cujo humor já não era mais aquele de alguém que recapturava as emoções de sua juventude. O homem havia visto velhos amigos morrendo na batalha em Gammu. Assim como a maioria dos outros que sobrevivera para chegar ali, ele havia deixado uma família, cujo destino ele desconhecia. Havia um tom amargo em sua voz, como se tentasse convencer a si mesmo de que havia sido enganado para participar daquela jornada.

– Elas logo estarão aqui – Teg confirmou. – Elas chegarão montarenando o dorso de um verme.

– Como o senhor sabe disso?

– Tudo foi planejado.

Teg fechou os olhos. Não precisava deles para observar a atividade ao seu redor. Era como tantos postos de comando que ele ocupara: um salão oval com instrumentos e pessoas que os operavam, oficiais esperando para obedecer.

– Que lugar é este? – alguém perguntou.

– Aquelas rochas ao norte de onde estamos – Teg falou. – Você as vê? Certa época elas eram um alto desfiladeiro chamado de Desfiladeiro do Vento. Havia um sietch fremen lá, hoje não passa de uma caverna. Alguns pioneiros rakianos a habitam.

– Fremen – alguém sussurrou. – Deuses! Quero ver aquele verme chegando. Nunca pensei que veria algo assim.

– Outro de seus planejamentos inesperados, não é? – perguntou o oficial do amargor crescente.

*O que ele diria se eu revelasse minhas novas habilidades?*, Teg se perguntou. *Ele poderia pensar que ocultei propósitos que não tolerariam um exame minucioso. E ele estaria certo. Aquele homem estava à beira de uma revelação. Ele permaneceria leal caso seus olhos fossem abertos?* Teg meneou a cabeça. O oficial teria poucas escolhas. Nenhuma delas ofereceria outras escolhas, exceto lutar e morrer.

Era verdade, Teg então considerou, que o processo de preparar conflitos envolvia ludibriar as grandes massas. Como era fácil cair na atitude das Honoráveis Matres.

*Esterco!*

Ludibriar não era tão difícil como alguns supunham. A maioria das pessoas queria ser conduzida. Era o que aquele oficial lá atrás

desejava. Havia profundos instintos tribais (poderosas motivações inconscientes) responsáveis por isso. A reação natural de alguém que começa a perceber que foi facilmente conduzido é procurar bodes expiatórios. Aquele oficial lá atrás queria um bode expiatório naquele instante.

– Burzmali quer vê-lo – disse alguém à esquerda de Teg.

– Agora não – o bashar respondeu.

Burzmali podia esperar. Logo teria seu dia de comando. Enquanto isso, ele era uma distração. Haveria tempo mais tarde para que ele rondasse perigosamente o papel de bode expiatório.

Como era fácil produzir bodes expiatórios e com que rapidez eles eram aceitos! Isso era especialmente verdadeiro quando a alternativa era descobrir-se culpado ou estúpido, ou ambos. Teg queria dizer a todos aqueles que estavam a sua volta: “Observem o ato de ludibriar! Só assim vocês saberão nossas verdadeiras intenções!”.

O oficial de comunicações à esquerda de Teg informou:

– Aquela Reverenda Madre está com Burzmali agora. Ela insiste que ambos recebam permissão para vê-lo.

– Diga a Burzmali que quero que ele volte e fique com Duncan – Teg falou. – E faça-o visitar Murbella, para que tenha certeza de que ela está contida. Lucilla pode entrar.

*Tinha de ser*, Teg pensou.

As suspeitas sobre as mudanças nele só cresciam em Lucilla. Certamente uma Reverenda Madre notaria as diferenças.

Lucilla entrou em um turbilhão, o manto ondulando para acentuar sua veemência. Ela estava furiosa, mas escondia bem tal sentimento.

– Exijo uma explicação, Miles!

*Aquela era uma boa frase de abertura*, ele pensou.

- A respeito de quê? – ele rebateu.
- Por que nós simplesmente não fomos até...
- Porque as Honoráveis Matres e seus companheiros Tleilaxu da Dispersão controlam a maioria dos centros rakianos.
- Como... como você...
- Eles mataram Taraza, você sabe – ele interrompeu.
- Aquilo a deteve, mas não por muito tempo.
- Miles, insisto que você me diga...
- Não temos muito tempo – ele falou. – A próxima passagem do satélite irá nos denunciar aqui na superfície.
- Mas as defesas de Rakis...
- São tão vulneráveis como quaisquer outras defesas quando se tornam estáticas – ele concluiu. – As famílias dos defensores estão aqui embaixo. Tome as famílias e você tem efetivo controle sobre os defensores.
- Mas por que estamos aqui no...
- Para resgatar Odrade e aquela garota que está com ela. Ah, e o verme delas também.
- O que nós faremos com um...
- Odrade saberá o que fazer com o verme. Ela é sua Madre Superiora, você sabe.
- Então você irá nos transferir para...
- Vocês transferirão a si mesmas! Meu pessoal e eu ficaremos para criar uma distração.

Aquilo fez que um silêncio perplexo se espalhasse pela estação de comando.

*Distração*, Teg pensou. *Que palavra inadequada.*

A resistência que ele tinha em mente criaria uma histeria entre as Honoráveis Matres, especialmente quando passassem a acreditar que o ghola estava ali. Elas não apenas contra-atacariam, mas

também apelariam a procedimentos de esterilização no final. A maior parte de Rakis se tornaria ruínas crestadas. Havia pouca probabilidade de que quaisquer humanos, vermes ou trutas da areia sobrevivessem.

– As Honoráveis Matres vêm tentando localizar e capturar um verme, sem sucesso – ele explicou. – Eu realmente não compreendo como elas podem ter sido tão cegas em seu conceito de como transplantar um deles.

– Transplantar? – Lucilla estava perdida. Teg raramente havia visto uma Reverenda Madre em tamanha confusão. Ela estava tentando juntar as coisas que ele dissera. A Irmandade possuía algumas das capacidades dos Mentats, ele observara. Um Mentat poderia chegar a uma convicção qualificada sem dados suficientes. Ele pensou que estaria bem longe do alcance de Lucilla (ou de qualquer outra Reverenda Madre) antes de que ela fosse capaz de conectar esses dados. Então elas partiriam desenfreadamente em busca de sua prole! Elas coletariam Dimela para suas Mestras em Reprodução, é claro. E Odrade. Ela não escaparia.

Elas também possuíam a chave para os tanques axolotle dos Tleilaxu. Agora era apenas uma questão de tempo até que as Bene Gesserit superassem seus escrúpulos e dominassem a fonte de especiaria. Um corpo humano era capaz de produzi-la!

– Então estamos em perigo aqui – Lucilla concluiu.

– Algum perigo, sim. O problema das Honoráveis Matres é que elas são ricas. Elas cometem o erro da opulência.

– Meretrizes depravadas! – ela vituperou.

– Sugiro que você vá para o portão de entrada – ele falou. – Odrade logo estará aqui.

Ela o deixou sem dizer palavra.



– Blindagem pronta e posicionada – o oficial de comunicações informou.

– Avise Burzmali para que se apresente para o comando – Teg ordenou. – O resto de nós sairá em breve.

– O senhor espera que nos juntemos ao senhor? – Esse era aquele que procurava por um bode expiatório.

– Eu sairei – Teg disse. – Irei sozinho se for necessário. Apenas aqueles que quiserem precisam me acompanhar.

Depois disso, todos iriam, ele pensou. A pressão dos pares era pouco conhecida, a não ser por aqueles treinados pelas Bene Gesserit.

A estação de comando ficou em silêncio, exceto pelos débeis zunidos e estalidos dos instrumentos. Teg começou a pensar sobre as “meretrizes depravadas”.

Não era correto chamá-las de depravadas, ele considerou. Por vezes, os riquíssimos se tornavam depravados. Isso advinha da crença de que o dinheiro (poder) era capaz de comprar a tudo e a todos. E por que não deveriam acreditar nisso? Eles viam isso acontecendo todos os dias. Era fácil acreditar em absolutos.

*A esperança é a última que morre e todas essas baboseiras.*

Era como outra fé. Dinheiro podia comprar o impossível.

Daí surge a depravação.

Não era o caso das Honoráveis Matres. Elas estavam, de alguma forma, além da depravação. Elas haviam passado por tal condição; Teg percebeu isso. Mas agora elas haviam chegado tão além da depravação que Teg se perguntava se ele mesmo gostaria de saber a esse respeito.

O conhecimento estava ali, entretanto, inescapável em sua nova percepção. Nenhuma daquelas pessoas hesitaria por um instante antes de condenar um planeta inteiro à tortura se disso adviesse um

ganho pessoal. Ou se a recompensa fosse algum prazer imaginado. Ou se a tortura produzisse mais alguns dias ou horas de vida.

O que as agradava? O que era gratificante? Elas eram como viciadas em semuta. Seja lá o que lhes simulava o prazer, elas precisavam de mais a cada vez.

*E elas sabem disso!*

Como devem se enfurecer! Aprisionadas em uma armadilha dessas! Elas experimentaram de tudo e nada daquilo era suficiente: nada bom o bastante, nada ruim o bastante. Elas haviam perdido completamente o senso de moderação.

Ainda assim, elas eram perigosas. E talvez ele estivesse errado sobre uma coisa: talvez elas já não lembrassem como havia sido antes da terrível transformação daquele estimulante de odor azedo que lhes tingia os olhos de laranja. Memórias de memórias podiam se tornar distorcidas. Todo Mentat era sensível a esse defeito em si mesmo.

– Ali está o verme!

Era o oficial de comunicações.

Teg girou em sua cadeira e observou a projeção, uma holo-miniatura do exterior a sudeste. O verme, que levava dois pontos diminutos de passageiros humanos, era uma lasca prateada em movimento ondulatório.

– Traga Odrade até aqui sozinha quando elas chegarem – ele ordenou. – Sheeana (refiro-me à garota) ficará para trás, ajudando a conduzir aquele verme até o porão de carga. Ele a obedecerá. Assegure-se de que Burzmali esteja perto e a postos. Não teremos muito tempo para a transferência de comando.

Quando Odrade entrou na estação de comando, ela ainda ofegava e exalava os cheiros do deserto, um composto de mélange,

pederneira e suor humano. Teg estava sentado em sua cadeira, aparentemente descansando. Seus olhos permaneciam fechados.

Odrade achou que havia surpreendido o bashar em uma atitude nada característica de repouso, quase meditativo. Então ele abriu os olhos e a Madre Superiora viu a mudança sobre a qual Lucilla apenas deixara escapar como um rápido aviso, além de algumas breves palavras sobre a transformação do gholá. O que acontecera a Teg? Ele estava quase posando para Odrade, desafiando-a a ver algo em si mesmo. O queixo estava firme e levemente erguido em sua atitude normal de observação. O rosto estreito com a rede de teias que sinalizavam sua idade não havia perdido a capacidade de alerta. O longo e fino nariz tão característico de sua ancestralidade Corrino e Atreides havia crescido um pouco mais com o avançar dos anos. Mas os cabelos grisalhos continuavam volumosos, e aquele pequeno monte na testa centrava a mirada observadora...

*Em seus olhos!*

– Como você soube que nos encontraria aqui? – Odrade demandou. – Não tínhamos ideia de para onde o verme estava nos trazendo.

– Há pouquíssimos locais habitados aqui no deserto meridiano – ele respondeu. – Sorte de apostador. Este lugar pareceu apropriado.

*Sorte de apostador?* Ela conhecia a frase Mentat, mas nunca compreendera seu significado.

Teg se levantou de sua cadeira.

– Tome esta nave e vá para o lugar que você melhor conhece – ele falou.

*Casa Capitular?* Ela quase disse em voz alta, mas considerou os outros à sua volta, aqueles estranhos militares que Teg reunira. Quem eram eles? A explicação concisa de Lucilla não a deixara satisfeita.

– Tivemos de mudar um pouco os desígnios de Taraza – Teg prosseguiu. – O gholá não ficará. Ele deve ir com você.

Ela compreendeu. Eles precisariam dos novos talentos de Duncan Idaho para fazer oposição às meretrizes. Ele já não era um mero chamariz para a destruição de Rakis.

– Ele não será capaz de deixar o esconderijo da não nave, isso é óbvio – Teg concluiu.

Ela anuiu. Duncan não estava protegido dos buscadores prescientes... como os navegadores da Guilda.

– Bashar! – era o oficial de comunicações. – Fomos identificados por um satélite!

– Muito bem, seus porcos terrestres! – Teg bradou. – Todos para fora! Tragam Burzmali até aqui.

Uma escotilha na parte traseira da estação se abriu de chofre. Burzmali disparou por ela.

– Bashar, o que estamos...

– Não há tempo! Assuma! – Teg se ergueu de sua cadeira de comando e indicou para que Burzmali se posicionasse ali. – Odrade lhe dirá aonde vocês devem ir. – Em um impulso que ele sabia ser em parte uma vingança, Teg agarrou o braço esquerdo de Odrade, aproximou-se dela e a beijou na bochecha. – Faça o que deve ser feito, filha – ele sussurrou. – Aquele verme no porão de carga logo poderá ser o único em todo o universo.

Então Odrade compreendeu: Teg conhecia o desígnio completo de Taraza e tinha a intenção de executar as ordens de sua Madre Superiora até o derradeiro fim.

*“Faça o que deve ser feito.”* Isso dizia tudo.

**Não estamos testemunhando um novo estado da matéria, mas apenas uma relação recém-descoberta entre consciência e matéria, que oferece uma nova percepção dos funcionamentos da presciência. O oráculo molda um universo interno projetado para produzir novas probabilidades externas a partir de forças que não são compreendidas. Não há necessidade de entender essas forças antes de usá-las para moldar o universo físico. Antigos artífices do metal não precisavam compreender as complexidades molecular e submolecular do aço, do bronze, do cobre, do ouro e do estanho. Eles inventaram poderes místicos para descrever o desconhecido enquanto continuavam a operar suas forjas e manejar seus martelos.**

**– Madre Superiora Taraza, Argumentação no Conselho**

A estrutura ancestral na qual a Irmandade ocultara sua Casa Capitular, seu Repositório e os escritórios de sua liderança mais sacrossanta não emitia quaisquer sons durante a noite. Ruídos eram como sinais. Odrade aprendera a ler tais sinais durante seus muitos anos ali. Aquele som em particular, aquele ranger forçoso, era uma tábua de madeira no assoalho que não havia sido trocada em mais de oitocentos anos. A peça se retraía durante a noite para produzir tal som.

Odrade possuía as memórias de Taraza para expandir tais sinais. As memórias ainda não estavam totalmente integradas; houvera pouquíssimo tempo. Ali, naquela noite no antigo escritório de

Taraza, ela utilizara os raros momentos disponíveis para continuar a integração.

*Dar e Tar, finalmente uma só.*

Aquele era um comentário bem próprio de Taraza.

Assombrar as Outras Memórias era existir em diversos planos simultaneamente, alguns deles bem profundas, mas Taraza permanecia próxima da superfície. Odrade se permitiu mergulhar ainda mais nas múltiplas existências. Logo ela reconheceu uma identidade que estava respirando naquele instante, mas remota, enquanto outras exigiam que ela penetrasse as visões que a tudo englobavam, detalhando todos os cheiros, toques, emoções... todos os originais ainda intactos dentro de sua própria percepção.

*É inquietante sonhar os sonhos de outros.*

Taraza novamente.

Taraza, que jogara um jogo tão perigoso com o futuro de toda a Irmandade em xeque! Com que tamanha cautela ela havia sincronizado o vazamento da informação para as meretrizes de que os Tleilaxu tinham incutido habilidades perigosas no ghola. E o ataque ao Forte de Gammu confirmara que a informação havia chegado a sua fonte. Entretanto, a natureza brutal do ataque havia mostrado a Taraza que ela tinha pouco tempo. As meretrizes certamente reuniriam forças para a destruição total de Gammu... apenas para matar aquele único ghola.

Tanta coisa dependera de Teg.

Ela vira o bashar ali, em sua própria reunião de Outras Memórias: o pai que ela nunca conhecera.

*Eu tampouco o conheci no final.*

Podia ser enfraquecedor penetrar aquelas memórias, mas ela não conseguia evitar as exigências daquele fascinante reservatório.

Odrade considerou as palavras do Tirano: *o campo aterrorizante de meu passado! Respostas saltam como um rebanho assustado, obscurecendo o céu das minhas memórias inevitáveis.*

Odrade se manteve como um nadador posicionado logo abaixo da superfície da água.

*Muito provavelmente serei substituída,* Odrade pensou. *Posso até ser alvo de injúrias.* Bellonda decerto não concordaria facilmente com o novo estado de comando. Não importa. A sobrevivência da Irmandade era tudo o que deveria preocupar qualquer uma delas.

Odrade emergiu das Outras Memórias e alçou o olhar pelo cômodo até um nicho obscurecido onde o busto de uma mulher podia ser distinguido sob as luzes tênues dos luciglobos. O busto continuava a ser uma forma vaga em suas sombras, mas Odrade conhecia muito bem aquele rosto: Chenoeh, guardiã e símbolo da Casa Capitular.

– Ali, apenas por uma graça de Deus...

Toda irmã que passava pela agonia da especiaría (como Chenoeh não conseguira) dizia ou pensava o mesmo, mas o que aquilo de fato significava? Reproduções cuidadosas e treinamentos cuidadosos produziam as bem-sucedidas em número suficiente. Onde estava a mão de Deus em tal fato? Certamente Deus não era o verme que elas trouxeram de Rakis. A presença de Deus só era sentida nos triunfos da Irmandade?

*Sou vítima das pretensões de minha própria Missionária Protectora!*

Ela sabia que tais reflexões eram similares aos pensamentos e questionamentos que foram ouvidos naquele mesmo cômodo em inúmeras ocasiões. Infrutíferos! Ainda assim, ela não era capaz de se convencer a tirar aquele busto guardião do nicho onde repousava há tanto tempo.

*Não sou supersticiosa, ela disse a si mesma. Não sou uma pessoa compulsiva. É uma questão de tradição. Essas coisas possuem um valor bem conhecido por nós.*

É certo que nenhum busto meu será honrado *dessa* forma.

Ela pensou em Waff e em seus Dançarinos Faciais mortos com Miles Teg na terrível destruição de Rakis. Não adiantaria demorar-se no atrito sangrento que se abatia sobre o Antigo Império. Melhor pensar na enxurrada de retribuições resultantes da violência precipitada das Honoráveis Matres.

*Teg sabia!*

A sessão do Conselho recém-concluída se esvaziara por desgaste e sem conclusões sólidas. Odrade se considerava com sorte por ter desviado as atenções para algumas preocupações imediatas que eram caras a todas elas.

As punições: isso as ocupou por algum tempo. Precedentes históricos encorpam as análises do Repositório de forma satisfatória. Aquelas assembleias de humanos que se aliaram às Honoráveis Matres estavam prestes a ter surpresas.

Ix certamente ficaria sobrecarregado. Eles não tinham a menor ideia de como a competição da Dispersão poderia aniquilá-los.

A Guilda seria posta de lado e pagaria caro por seu *mélange* e seu maquinário. A Guilda e Ix, lançados juntos, cairiam juntos.

As Oradoras Peixe poderiam ser amplamente ignoradas. Satélites de Ix, elas já estavam desvanecendo em um passado que os humanos abandonariam.

E os Bene Tleilax. Ah, sim, os Tleilaxu. Waff havia sucumbido às Honoráveis Matres. Ele nunca admitira, mas a verdade era óbvia. “Uma única vez, e com um de meus próprios Dançarinos Faciais.”

Odrade sorriu de forma austera, lembrando-se do beijo amargo de seu pai.



*Ordenarei que outro nicho seja feito, ela pensou. Encomendarei outro busto: Miles Teg, o Grande Herege!*

Ainda assim, as suspeitas de Lucilla sobre Teg eram inquietantes. Afinal, ele se tornara presciente e capaz de ver as não naves? Bem, as Mestras em Reprodução poderiam explorar tais suspeitas.

– Nós nos encastelamos! – Bellonda acusou.

Todas elas sabiam o significado daquela palavra: elas recuaram até uma posição de defesa em um castelo para a longa noite das meretrizes.

Odrade percebeu que não tinha muito apreço por Bellonda, a forma como ela ria ocasionalmente para expor seus largos dentes rombudos.

Elas haviam discutido as amostras celulares de Sheeana por um longo tempo. A “prova de Siona” estava ali. A menina tinha a ancestralidade que a ocultava da presciência e lhe permitia deixar a não nave.

Duncan era uma incógnita.

Odrade voltara seus pensamentos para o gholá que estava lá fora, na não nave aterrissada. Erguendo-se da cadeira, ela caminhou até a janela escura e olhou na direção do campo de pouso distante.

Elas ousariam permitir que Duncan saísse da proteção daquela nave? Os estudos celulares indicavam que ele era um misto de diversos gholas Idaho... alguns descendentes de Siona. Mas e quanto à mácula do original?

*Não. Ele deveria continuar confinado.*

E o que fazer com Murbella?... A *grávida* Murbella? Uma Honorável Matre desonrada.

– Os Tleilaxu pretendiam que eu matesse a Impressora – Duncan explicara.

– Você tentará matar a meretriz? – Aquele fora o questionamento de Lucilla.

– Ela não é uma Impressora – Duncan retrucara.

O Conselho discutira longamente a possível natureza da ligação entre Duncan e Murbella. Lucilla acreditava que não havia qualquer ligação, que os dois se mantinham como oponentes cautelosos.

– Melhor não arriscar colocá-los juntos.

As proezas sexuais das meretrizes deveriam ser estudadas a fundo, ela pensou. Talvez pudessem arriscar um encontro entre Duncan e Murbella na não nave. Com medidas de proteção cautelosas, é claro.

Por fim, ela pensou sobre o verme no porão de carga da não nave... um verme se aproximando do momento de sua metamorfose. Uma pequena bacia represada de terra repleta de mélange aguardava aquele verme. Quando o momento chegasse, ele seria atraído por Sheeana a seu banho de mélange e água. As trutas da areia resultantes poderiam, então, começar sua longa transformação.

*O senhor estava certo, pai. Era tão simples quando se observava de forma clara.*

Não havia a necessidade de procurar um planeta deserto para os vermes. As trutas da areia criariam seu próprio hábitat para Shai-hulud. Não era agradável pensar no planeta Casa Capitular transformado em grandes extensões de solo estéril, mas tinha que ser feito.

Os “Desejos Finais e Testamento de Miles Teg”, que o próprio implantara nos sistemas de armazenagem submoleculares da não

nave, não poderiam ser desacreditados. Até Bellonda concordara com isso.

A Casa Capitular precisaria de uma completa revisão de todos os seus registros históricos. Um novo ponto de vista era exigido das Bene Gesserit a partir do que Teg vira dos Perdidos... as meretrizes da Dispersão.

“Raramente se sabe os nomes dos verdadeiramente ricos e poderosos. Conhece-se apenas seus porta-vozes. A arena política concede poucas exceções a esse fato, mas não revela a completa estrutura do poder.”

O Mentat filósofo havia ruminado profundamente sobre tudo o que elas aceitavam, e o que ele regurgitara não estava de acordo com a confiança do Repositório sobre “nossas sumas invioláveis”.

*Sabíamos disso, Miles, apenas nunca encaramos essa possibilidade. Todas nós iremos escavar nossas Outras Memórias pelas próximas gerações.*

Dados fixos, sistemas de armazenamento não eram confiáveis.

“Se a maior parte das cópias for destruída, o tempo tomará conta do resto.”

Como os Repositórios se inflamaram diante desse pronunciamento revelador do bashar!

“A escrita da história é em grande parte um processo de distração. A maioria dos relatos históricos distrai a atenção das influências secretas que cercam os eventos registrados.”

Fora essa observação que derrubara Bellonda. Ela assumira a própria culpa, admitindo:

– As poucas histórias que escapam desse processo restritivo desaparecem na obscuridade através de processos óbvios.

Teg listara alguns dos processos:

“A destruição de tantas cópias quanto fosse possível, soterrando os detalhes mais reveladores no ridículo, ignorando-os nos centros de educação, garantindo que eles não fossem citados em nenhuma outra parte e, em alguns casos, a eliminação de seus autores.”

*Sem mencionar o processo de bodes expiatórios que resultou na morte de mais de um mensageiro portador de más notícias*, Odrade pensou. Ela se recordou de um líder ancestral que sempre mantinha uma lança para matar mensageiros que traziam notícias indesejadas.

– Temos uma boa base de informações sobre a qual erigir uma melhor compreensão de nosso passado – Odrade argumentara. – Sempre soubemos que o que estava em jogo nos conflitos era a definição de quem controlaria a riqueza ou seu equivalente.

Talvez não fosse um verdadeiro “propósito nobre”, mas serviria por ora.

*Estou evitando a questão central*, ela pensou.

Algo deveria ser feito sobre Duncan Idaho e todas elas sabiam disso.

Suspirando, Odrade convocou um tóptero e se preparou para a curta viagem até a não nave.

A prisão de Duncan era, no mínimo, confortável, Odrade pensou ao adentrá-la. Aquele tinha sido o aposento do comandante, e seu último ocupante fora Miles Teg. Ainda havia sinais de sua presença ali: um pequeno projetor holostato revelando uma cena de seu lar em Lernaeus; a antiga e imponente casa, o extenso gramado, o rio. Teg deixara um kit de costura em uma mesa de cabeceira.

O ghola estava sentado em uma cadeira-rede, encarando a projeção. Ele alçou os olhos de forma indiferente quando Odrade entrou.

– Você o abandonou lá para morrer, não foi? – Duncan questionou.

– Fizemos o que era necessário – ela rebateu. – E eu obedeci às ordens dele.

– Sei por que você está aqui – Duncan declarou. – E você não vai me fazer mudar de opinião. Não sou um maldito garanhão para vocês, bruxas. Você me entendeu?

Odrade alisou seu manto e se sentou na beira da cama oposta a Duncan.

– Você examinou os registros que meu pai nos deixou? – ela perguntou.

– Seu pai?

– Miles Teg era meu pai. Transmito suas últimas palavras a você. Ele foi nossos olhos ali, no final. Ele teve de *testemunhar* a morte em Rakis. A Mente em Seu Começo compreendeu dependências e troncos-chave.

Diante do olhar intrigado de Duncan, ela explicou:

– Estamos aprisionados há muito no labirinto oracular do Tirano.

Ela percebeu como ele se sentou mais ereto e alerta, os movimentos felinos que indicavam músculos bem condicionados para o ataque.

– Não há como você escapar com vida desta nave – ela avisou. – Você sabe o motivo.

– Siona.

– Você é um perigo para nós, mas preferiríamos que você tivesse uma vida útil.

– Ainda assim, não reproduzirei para vocês, especialmente não com aquela pirralha de Rakis.

Odrade sorriu, imaginando como Sheeana reagiria àquela descrição.

- Você acha que isso é engraçado? – Duncan demandou.
- Não muito. Mas ainda temos o filho de Murbella, é claro. Creio que teremos de nos contentar com ele.
- Tenho falado com Murbella pelo comunicador – Duncan disse.
- Ela pensa que se tornará uma Reverenda Madre, que vocês a aceitarão entre as Bene Gesserit.
- Por que não? As células dela passaram na prova de Siona. Creio que ela será uma esplêndida Irmã.
- Ela realmente se abriu com vocês?
- Você quer dizer se falhamos em perceber que ela pensa que ficará conosco até aprender nossos segredos para então escapar? Oh, sabemos disso, Duncan.
- Vocês acham que ela não será capaz de fugir?
- Uma vez que as temos, Duncan, nós nunca as perdemos.
- Vocês não acham que perderam lady Jéssica?
- Ela voltou para nós no final.
- Afinal, por que você veio aqui me ver?
- Pensei que merecia uma explicação sobre o desígnio da Madre Superiora. Perceba, o plano tinha como objetivo a destruição de Rakis. O que ela realmente queria era a eliminação de quase todos os vermes.
- Grandes Deuses das profundezas! Por quê?
- Eles eram uma força oracular que nos mantinha cativas. Aquelas pérolas da percepção do Tirano ampliavam esse domínio. Ele não predizia eventos, ele os criava.
- Duncan apontou para a popa da nave.
- Mas e quanto...
- Aquele? Agora é apenas um. Quando se multiplicar em um número suficiente para mais uma vez se tornar uma influência, a humanidade terá seguido seu próprio caminho, muito além do seu

alcance. Seremos, então, muito mais numerosos, fazendo coisas muito diferentes de forma independente. Nenhuma força única será capaz de governar todos os nossos futuros por completo, nunca mais.

Ela se levantou.

Uma vez que ele não respondeu, Odrade prosseguiu:

– Dentro dos limites impostos, os quais eu sei que você aprecia, por favor pense na espécie de vida que você quer levar. Prometo que o ajudarei de todas as formas que eu puder.

– Por que você faria isso?

– Porque meus ancestrais o amavam. Porque meu pai o amou.

– Amor? Vocês, bruxas, são incapazes de sentir amor!

Ela o encarou por quase um minuto inteiro. O cabelo descolorido estava crescendo bem escuro nas raízes e se enrolando mais uma vez em cachos, especialmente na região do pescoço, ela percebeu.

– Sinto o que sinto – ela disse. – E sua água é nossa, Duncan Idaho.

Odrade percebeu que a advertência fremen surtiu efeito no gholá, e então ela se virou e passou para fora do aposento, além das guardas.

Antes de deixar a nave, ela voltou ao porão de carga e observou o verme quiescente em seu leito de areia rakiana. A escotilha permitia uma vista a partir do alto, cerca de duzentos metros do cativo. Enquanto o fitava, ela compartilhou um riso silencioso com Taraza, cada vez mais integrada.

*Nós estávamos certas e Schwangyu e seu grupo, erradas. Sabíamos que ele queria uma saída. Ele tinha de querer, depois do que havia feito.*

Ela pronunciou em um sussurro suave, tanto para si mesma como para os observadores posicionados ali para aguardar o

momento em que a metamorfose começaria naquele verme.

– Agora temos seu idioma – ela declarou.

Não havia palavras naquele idioma, apenas uma adaptação motória e dançante para um universo motório e dançante. Podia-se apenas falar tal idioma, não o traduzir. Para saber o significado era preciso passar pela experiência, e mesmo assim o significado se transformava diante de seus olhos. O “propósito nobre” era, afinal, uma experiência intraduzível. Mas quando ela olhou para baixo, na direção da superfície bruta e imune ao calor daquele verme do deserto rakiano, Odrade sabia o que via: a evidência visível do propósito nobre.

Com suavidade, ela o chamou do alto:

– Ei! Velho verme! Qual era o seu desígnio?

Não houve resposta, mas ela não esperava receber qualquer resposta.



# Glossário

## A

**ABA:** manto folgado usado pelas mulheres fremen; geralmente na cor preta.

**ABOMINAÇÃO:** termo usado pelas irmãs Bene Gesserit para descrever indivíduos que não podem controlar as memórias surgidas após o consumo de Água da Vida ou em razão da herança genética direta em crianças pré-nascidas.

**AÇOPLÁS:** aço estabilizado com fibras de estravídio introduzidas em sua estrutura cristalina.

**ALYAMA:** significa “abençoada” em Islamiyat, o antigo idioma dos Tleilaxu.

**ARMALÊS:** projetor laser de onda contínua. Seu emprego como arma é limitado numa cultura de escudos geradores de campos, por causa da pirotecnia explosiva (tecnicamente, uma fusão subatômica) criada quando seu raio encontra um escudo.

**ARRAKINA:** primeira povoação em Arrakis; sede de longa data do governo planetário.

**ARRAKIS:** o planeta conhecido como Duna; terceiro planeta de Canopus.

## B

**BASHAR (GERALMENTE, BASHAR CORONEL):** um oficial dos Sardaukar, uma fração acima de coronel na classificação militar padrão. Patente criada para o governante militar de um

subdistrito planetário (bashar da corporação é um título de uso estritamente militar).

**BANDALONG:** capital do planeta Tleilax.

**BENE GESSERIT:** antiga escola de treinamento físico e mental para alunas do sexo feminino, fundada depois que o Jihad Butleriano destruiu as chamadas “máquinas pensantes” e os robôs.

**BENE TLEILAX:** grupo de seres humanos que habitavam Tleilax, o único planeta da estrela Thalim.

**BÍBLIA CATÓLICA DE ORANGE:** o “Livro Reunido”, o texto religioso produzido pela Comissão de Tradutores Ecumênicos. Contém elementos de religiões antiquíssimas, entre elas o saari maometano, o cristianismo maaiana, o catolicismo zen-sunita e as tradições budislâmicas. Considera-se como seu mandamento supremo: “Não desfigurarás a alma”.

## C

**CAÇADOR-BUSCADOR:** fragmento voraz de metal sustentado por sensores e teleguiado, tal qual uma arma, por um console controlador situado nas proximidades; dispositivo comum de assassinio.

**CALADAN:** terceiro planeta de Delta Pavonis; planeta natal de Paul Muad'Dib.

**CÃODEIRA:** cães biologicamente modificados e treinados para massagear as pessoas que se sentam em seu corpo.

**CAPTADOR DE VENTO:** um aparelho instalado na trajetória dos ventos predominantes e capaz de condensar a umidade do ar aprisionado em seu interior, geralmente por meio de uma queda nítida e brusca da temperatura dentro do captador.

**CASA:** expressão idiomática para o Clã Governante de um planeta ou sistema planetário.

**CASAS MAIORES:** detentores de feudos planetários; empresários interplanetários (veja-se Casa).

**CHOAM:** acrônimo para Consórcio Honnête Ober Advancer Mercantiles, a empresa de desenvolvimento universal controlada pelo imperador e pelas Casas Maiores, tendo a Guilda e as Bene Gesserit como sócios comanditários.

## D

**DANÇARINOS FACIAIS:** membros de uma raça criada pelos Bene Tleilax. A habilidade de imitar a aparência de outras pessoas os fez desempenhar importantes funções na sociedade, como as de espiões e assassinos. Podem assumir a forma sexual de homens ou mulheres, mas não têm habilidade de procriação.

**DANIANO:** povo originário do planeta Dan, antes conhecido como Caladan.

**DAR-ES-BALAT:** lugar mítico que guardava a não sala do Imperador Deus. Após a Dispersão, uma cidade foi construída no local.

**DEUS DIVIDIDO:** o Deus Dividido é um dos nomes dados ao Imperador Deus, Leto Atreides II, pelo Sacerdócio Rakiano. Conforme a história, após a morte de Leto seu corpo de verme se desintegrou, liberando centenas de trutas para o deserto. Os vermes que cresceram mantiveram uma pérola de sua consciência, dando origem ao termo.

**DOMEL:** a casta mais baixa dos mestres Tleilaxu.

**DISPERSÃO:** evento histórico que ocorreu no período caótico que se seguiu à morte de Leto Atreides II, o Imperador Deus.

## E

**ESPECIARIA:** *veja-se* mélange.

## F

**FREMEN:** as tribos livres de Arrakis, habitantes do deserto, remanescentes dos Peregrinos Zen-sunitas (“piratas da areia”, de acordo com o Dicionário Imperial).

## G

**GALACH:** idioma oficial do Imperium. É um híbrido angloeslávico, com traços fortes de língua de cultura especializada, adotado durante a longa sucessão de migrações humanas.

**GAMMU:** planeta conhecido na Era do Imperium como Giedi Primo, residência da Casa Harkonnen.

**GANCHOS DE CRIADOR:** os ganchos usados para capturar, montar e pilotar um verme da areia de Arrakis.

**GHANIMA:** uma coisa adquirida em batalha ou combate singular. Comumente, um souvenir do combate, guardado apenas para estimular a memória.

**GHOLA:** humano criado artificialmente a partir de um indivíduo morto.

**GIEDI PRIMO:** o planeta de Ophiuchi B (36), terra natal da Casa Harkonnen. Um planeta de viabilidade mediana, com um espectro fotossinteticamente ativo reduzido.

**GRANDE CONVENÇÃO:** a trégua universal imposta pelo equilíbrio de poder mantido pela Guilda, pelas Casas Maiores e pelo Imperium. Sua principal lei proíbe o uso de armas atômicas contra alvos humanos. Todas as leis da Grande Convenção começam com: “As formalidades precisam ser obedecidas...”.

**GUILDA ESPACIAL (OU, SIMPLEMENTE, GUILDA):** uma das pernas do tripé político que sustenta a Grande Convenção. A Guilda foi a segunda escola de treinamento físico-mental (veja-se Bene Gesserit) a surgir depois do Jihad Butleriano. O monopólio da Guilda sobre o transporte e as viagens espaciais, bem como sobre o sistema bancário internacional, é considerado o marco zero do Calendário Imperial.

## H

**HARKONNEN:** foram uma grande Casa durante o tempo dos Imperadores Padishah. Sua capital era Giedi Primo, um planeta altamente industrializado e com pouca vegetação.

**HONORÁVEIS MATRES:** um poderoso grupo, exclusivamente feminino, rival das Bene Gesserit. Sua origem advém da união de irmãs Bene Gesserit e das Oradoras Peixes enviadas para a Dispersão.

## I

**IX:** veja-se Richese.

## J

**JIHAD:** uma cruzada religiosa; cruzada fanática.

**JIHAD BUTLERIANO:** a cruzada contra os computadores, máquinas pensantes e robôs conscientes iniciada em 201 a. G. e concluída em 108 a. G. Seu principal mandamento continua na Bíblia C. O.: “Não criarás uma máquina para imitar a mente humana”.

## K

**KWISATZ HADERACH:** “encurtamento do caminho”. É o nome dado pelas Bene Gesserit à incógnita para a qual elas procuram uma solução genética: a versão masculina de uma Bene Gesserit, cujos poderes mentais e orgânicos viriam a unir o espaço e o tempo.

**KHASADARS:** nome dado à casta de soldados e guardas Tleilaxu.

**KHILAT DE HONRA:** manto de honra utilizado pelos Mestres dos Mestres Tleilaxu.

**KINA:** nome pelo qual a população se refere a Arrakina, antiga capital de Arrakis. Atualmente, Kina é uma cidade moderna, que abriga o Sacerdócio de Rakis.

## L

**LANDSRAAD:** uma das principais instituições do Imperium. Mesmo dois milênios antes de CHOAM e a Guilda se tornarem relevantes, o Landsraad já existia e servia como um corpo deliberativo para debates e disputas entre os governos

participantes. O Landsraad tem o poder de influenciar até uma discussão em que algum dos lados fere a disposição fundamental da lei universal.

**LUCIGLOBO:** dispositivo de iluminação sustentado por suspensores, que tem fornecimento de energia próprio (geralmente baterias orgânicas).

## M

**MÉLANGE:** a “especiaria das especiarias”, o produto que tem em Arrakis sua única fonte. A especiaria, célebre principalmente por suas características geriátricas, causa dependência moderada quando ingerida em pequenas quantidades, e dependência grave quando sorvida em quantidades superiores a dois gramas diárias a cada setenta quilos de peso corporal.

**MENTAT:** a classe de cidadãos imperiais treinados para realizar feitos supremos de lógica. “Computadores humanos”.

**MUAD'DIB:** o rato-canguru adaptado a Arrakis, uma criatura associada, na mitologia fremen do espírito da terra, a um desenho visível na face da segunda lua do planeta. Essa criatura é admirada pelos fremen por sua habilidade de sobreviver no deserto aberto.

**MURALHA-ESCUDO:** um acidente geográfico montanhoso nos confins setentrionais de Arrakis, que protege uma pequena área da força total das tempestades de Coriolis do planeta.

**MASHEIKH:** legisladores escolhidos pelos Tleilaxu com o objetivo de colaborar com o Mestre dos Mestres durante seu período de governo.



## N

**NAIB:** alguém que jurou nunca ser capturado vivo pelo inimigo; juramento tradicional de um líder fremen.

**NAVEGADORES DA GUILDA:** membros do alto escalão de humanos artificialmente modificados da Guilda Espacial. Têm a capacidade de presciência adquirida pelo consumo e exposição a quantidades maciças de mélange.

## O

**ORADORAS PEIXE:** exército inteiramente composto por mulheres. O único papel dos homens para elas é o de maridos.

**ORNITÓPTERO (COMUMENTE, TÓPTERO):** qualquer aeronave capaz de voo sustentado por meio do bater de asas, como fazem as aves.

## P

**PORCLESMA:** animal geneticamente modificado pelos Tleilaxu a partir do cruzamento entre uma lesma gigante e um porco.

**POVO DE DAN:** população de Gammu, originalmente de Caladan, que habitou o planeta após a Dispersão.

**POWINDAH:** termo comumente usado pelos Bene Tleilax para descrever qualquer indivíduo não nascido na cultura Tleilaxu,

**PROCLAMADORA DA VERDADE:** uma Reverenda Madre qualificada a entrar no transe da verdade e detectar a falta de sinceridade ou a mentira.

## R

**REVERENDA MADRE:** originariamente, uma censora das Bene Gesserit, alguém que já transformou um “veneno de iluminação” dentro de seu corpo, elevando-se a um estado superior de percepção. Título adotado pelos fremen para suas próprias líderes religiosas que chegaram a uma “iluminação” semelhante.

**RICHESE:** quarto planeta de Eridani A, classificado, juntamente com Ix, como o suprasumo da cultura das máquinas. Célebre pela miniaturização. (Pode-se encontrar um estudo mais pormenorizado de como Richese e Ix escaparam aos efeitos mais graves do Jihad Butleriano em O último jihad, de Sumer e Kautman.)

## S

**SALUSA SECUNDUS:** terceiro planeta de Gama Waiping; designado como planeta-prisão do imperador após a remoção da Corte Real para Kaitain. Salusa Secundus é o planeta natal da Casa Corrino e a segunda parada na migração dos Peregrinos Zen-sunitas. A tradição fremen afirma que eles foram escravos em S. S. durante nove gerações.

**SARDAUKAR:** os fanáticos-soldados do imperador padixá. Eram homens criados num ambiente de tamanha ferocidade que 6 a cada 13 pessoas morriam antes de chegar aos 13 anos de idade. Seu treinamento militar enfatizava a desumanidade e uma desconsideração quase suicida pela segurança pessoal. Eram ensinados desde a infância a usar a crueldade como arma-padrão, enfraquecendo os oponentes com o terror. No

auge de sua hegemonia sobre o universo, dizia-se que sua habilidade com a espada se equiparava à dos Ginaz de décimo nível e que sua astúcia no combate corpo a corpo seria quase equivalente à de uma iniciada Bene Gesserit. Qualquer um deles era considerado páreo para os recrutas normais das forças armadas do Landsraad. À época de Shaddam IV, apesar de ainda serem formidáveis, sua força tinha sido minada pelo excesso de confiança, e a mística que nutria sua religião guerreira havia sido profundamente solapada pelo ceticismo.

**SAREER:** último deserto de Arrakis durante o tempo de Leto Atreides II.

**SEGUNDA LUA:** o menor dos dois satélites naturais de Arrakis, digno de nota pela figura do rato-canguru que aparece em sua superfície.

**SHARIAT:** palavra utilizada para denominar os legisladores Tleilaxu – consultar Masheikh.

**SHERE:** substância química tomada por um indivíduo para impedir o acesso a memórias antes ou mesmo após a morte.

**SIMULFLUXO:** representa o fluxo simultâneo de vários fios de consciência a qualquer momento. Mesmo não sendo essa a habilidade mais poderosa, a combinação do simulfluxo com as competências analíticas e a Outra Memória geram a inteligência assustadora das Bene Gesserit.

**SHAI-HULUD:** o verme da areia de Arrakis, o “Velho do Deserto”, o “Velho Pai Eternidade” e o “Avô do Deserto”. É significativo que o nome, quando pronunciado com uma certa entonação ou escrito com iniciais maiúsculas, designe a divindade da terra nas superstições domésticas dos fremen. Os vermes da areia ficam enormes (já foram avistados espécimes com mais

de quatrocentos metros de comprimento nas profundezas do deserto) e chegam a idades muito avançadas, a menos que sejam mortos por outro verme ou afogados em água, que é um veneno para eles. Atribui-se a existência da maior parte da areia de Arrakis à ação dos vermes.

**SHAITAN:** Satã.

**SIAYNOQ:** experiência religiosa orgástica e de êxtase sexual envolvendo a líder das Oradoras Peixe.

**SIETCH:** na língua fremen, “lugar de reunião em tempos perigosos”. Como os fremen viveram tanto tempo em perigo, o termo veio a designar, por extensão de sentido, qualquer caverna labiríntica habitada por uma de suas comunidades tribais.

**SUSPENSOR:** fase secundária (baixo consumo) de um gerador de campo de Holtzman. Anula a gravidade dentro de certos limites prescritos pelo consumo relativo de massa e energia.

## T

**TANQUE AXOLOTLE:** são os meios pelos quais os Bene Tleilax produzem os gholas.

**TRUTAS DA AREIA:** forma larval dos vermes de areia. Nessa fase, as trutas são parecidas com grandes sanguessugas, bolhas amorfas ou lesmas.

## V

**VERME DA AREIA:** veja-se Shai-hulud.

# Y

**YAGHIST:** nome do reino Tleilaxu na língua secreta islamiyat.

# Sobre o autor

Franklin Patrick Herbert Jr. nasceu em Tacoma, Washington. Trabalhou nas mais diversas áreas – operador de câmera de TV, comentarista de rádio, pescador de ostras, instrutor de sobrevivência na selva, psicólogo, professor de escrita criativa, jornalista e editor de vários jornais – antes de se tornar escritor em tempo integral. Em 1952, publicou seu primeiro conto de ficção, “Looking For Something?”, na revista *Startling Stories*, mas a consagração ocorreu apenas em 1965, com a publicação de *Duna*. Herbert também escreveu mais de vinte outros títulos, incluindo *The Jesus Incident* e *Destination: Void*, antes de falecer em 1986.

## Notas

- 1 O *Whole Earth Catalog* era um catálogo que existiu nos Estados Unidos entre 1968 e 1972, e por um breve período, em 1998, anunciando os produtos de moda e contracultura da época.  
[N. de T.]

# HEREGES DE DUNA

---

**TÍTULO ORIGINAL:**

Heretics of Dune

**COPIDESQUE:**

Opus Editorial

**REVISÃO:**

Entrelinhas Editorial

Pausa Dramática

**CAPA:**

Pedro Inoue

**DIAGRAMAÇÃO:**

Desenho Editorial

**ILUSTRAÇÃO DE CAPA:**

Marc Simonetti

**DIAGRAMAÇÃO DE E-BOOK E REVISÃO DA VERSÃO ELETRÔNICA:**

Calil Mello Serviços Editoriais

---

**DIREÇÃO EXECUTIVA:**

Betty Fromer

**DIREÇÃO EDITORIAL:**

Adriano Fromer Piazzzi

**DIREÇÃO DE CONTEÚDO:**

Luciana Fracchetta

**EDITORIAL:**

Daniel Lameira

Andréa Bergamaschi

Renato Ritto



**COMUNICAÇÃO:**

Nathália Bergocce

**COMERCIAL:**

Giovani das Graças

Lidiana Pessoa

Roberta Saraiva

Gustavo Mendonça

**FINANCEIRO:**

Roberta Martins

Sandro Hannes

Copyright © Herbert Properties LLC, 1984

Copyright © Editora Aleph, 2020

(edição em língua portuguesa para o Brasil)

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.



Rua Tabapuã, 81, cj. 134

04533-010 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: [55 11] 3743-3202

[www.editoraaleph.com.br](http://www.editoraaleph.com.br)

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

---

H536h Herbert, Frank

Hereges de Duna [recurso eletrônico] / Frank Herbert ; traduzido por Christiane Almeida, Marcos Fernando de Barros Lima. - São Paulo : Editora Aleph, 2020.

503 p. ; ePUB ; 3,61 MB.

Tradução de: Heretics of Dune

ISBN: 978-85-7657-481-1 (Ebook)

1. Literatura americana. 2. Ficção científica. I. Almeida, Christiane. II. Lima, Marcos Fernando de Barros. III. Título.

**ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:**

1. Ficção científica: Literatura norte-americana 813.0876
2. Literatura norte-americana: Ficção 821.111(73)-3



# Duna

Herbert, Frank

9788576572374

680 páginas

[Compre agora e leia](#)

A vida do jovem Paul Atreides está prestes a mudar radicalmente. Após a visita de uma mulher misteriosa, ele é obrigado a deixar seu planeta natal para sobreviver ao ambiente árido e severo de Arrakis, o Planeta Deserto. Envolvido numa intrincada teia política e religiosa, Paul divide-se entre as obrigações de herdeiro e seu treinamento nas doutrinas secretas de uma antiga irmandade, que vê nele a esperança de realização de um plano urdido há séculos. Ecos de profecias ancestrais também o cercam entre os nativos de Arrakis. Seria ele o eleito que tornaria viáveis seus sonhos e planos ocultos? Ao lado das trilogias Fundação, de Isaac Asimov, e O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien, Duna é considerada uma das maiores obras de fantasia e ficção científica de todos os tempos. Um premiado best-seller já levado às telas de cinema pelas mãos do consagrado diretor David Lynch.

[Compre agora e leia](#)

**URSULA K. LE GUIN**

**A MÃO ESQUERDA DA  
ESCURIDÃO**



# A mão esquerda da escuridão

Guin, Ursula K. Le

9788576572442

296 páginas

[Compre agora e leia](#)

Genly Ai foi enviado a Gethen com a missão de convencer seus governantes a se unirem a uma grande comunidade universal. Ao chegar no planeta Inverno, como é conhecido por aqueles que já vivenciaram seu clima gelado, o experiente emissário sente-se completamente despreparado para a situação que lhe aguardava. Os habitantes de Gethen fazem parte de uma cultura rica e quase medieval, estranhamente bela e mortalmente intrigante. Nessa sociedade complexa, homens e mulheres são um só e nenhum ao mesmo tempo. Os indivíduos não possuem sexo definido e, como resultado, não há qualquer forma de discriminação de gênero, sendo essas as bases da vida do planeta. Mas Genly é humano demais. A menos que consiga superar os preconceitos nele enraizados a respeito dos significados de feminino e masculino, ele corre o risco de destruir tanto sua missão quanto a si mesmo.

[Compre agora e leia](#)



# As Cavernas de Aço

Asimov, Isaac

9788576571728

302 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Nova York, o investigador de polícia Elijah Baley é escalado para investigar o assassinato de um embaixador dos Mundos Siderais. A rede de intrigas envolve desde sociedades secretas até interesses interplanetários. Mas nada o preocupa tanto quanto o seu parceiro no caso, cuja eficiência pode tomar o seu emprego, algo cada vez mais comum. Pois seu parceiro é um robô. Publicado no início da década de 1950, "As Cavernas de Aço" é o primeiro romance da consagrada Série dos Robôs de Isaac Asimov, mesclando de forma magistral os gêneros de ficção científica e literatura policial.

[Compre agora e leia](#)





**TRILOGIA DA**  
**FUNDAÇÃO**  
**ISAAC ASIMOV**

# Box Fundação - Trilogia

Asimov, Isaac

9788576574446

693 páginas

[Compre agora e leia](#)

Obra máxima do escritor Isaac Asimov, os três livros que compõem a — Trilogia da Fundação 'Fundação', 'Fundação e Império' e 'Segunda Fundação' —, foram eleitos, em 1966, a melhor série de ficção científica e fantasia de todos os tempos, superando concorrentes de peso como O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien. A trilogia conta a história da humanidade, em um ponto distante no futuro, no qual o visionário cientista Hari Seldon prevê a destruição total do império humano e de todo o conhecimento acumulado por milênios. Incapaz de impedir a tragédia, ele arquiteta um plano ousado, no qual é possível reconstruir a glória dos homens. Se tudo correr como planejado. Esta edição é inédita no Brasil, pois além da nova tradução, traz as modificações feitas pelo autor nos anos 1980, quando decidiu integrar todas as suas obras em uma única continuidade temporal. Este box contém os livros: 'Fundação', 'Fundação e Império' 'Segunda Fundação'.

[Compre agora e leia](#)

Prof. PIER

PIERLUIGI PIAZZI

# aprendendo inteligência



MANUAL DE INSTRUÇÕES DO  
CÉREBRO PARA ESTUDANTES EM GERAL

goya

# Aprendendo inteligência

Piazzzi, Pierluigi

9788576572220

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escrito pelo prof. Pierluigi Piazzzi, Aprendendo Inteligência é um manual dedicado aos estudantes de todos os níveis. Com dicas simples e fáceis de por em prática, o livro contraria o conceito de que a inteligência é um fator inato e ensina o leitor a usar a própria inteligência para se tornar uma pessoa mais capacitada. Além das preciosas dicas, Aprendendo Inteligência também apresenta um panorama do que há de errado nas escolas e na maneira como os alunos encaram os estudos, mostrando que os erros mais comuns podem ser evitados e o tempo pode ser melhor aproveitado, possibilitando que se estude menos e se aprenda muito mais!

[Compre agora e leia](#)